UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

RENATA FERREIRA COSTA

Um Caso de Apropriação de Fontes Textuais:

Memória Histórica da Capitania de São Paulo,

de Manuel Cardoso de Abreu, 1796

Versão Corrigida

São Paulo

2012

RENATA FERREIRA COSTA

Um Caso de Apropriação de Fontes Textuais:

Memória Histórica da Capitania de São Paulo,

de Manuel Cardoso de Abreu, 1796

Versão Corrigida

O exemplar original se encontra disponível no CAPH da FFLCH

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto.

Co-orientador: Prof. Dr. Ivo Castro.

São Paulo

2012

COSTA, Renata Ferreira. Um Caso de Apropriação de Fontes Textuais: Crítica das Fontes e Análise das Variantes do Códice Setecentista *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovado em: 26 de outubro de 2012.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto	Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovada	Assinatura: _____
Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida	Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovada	Assinatura: _____
Prof. Dr. Marcelo Módolo	Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovada	Assinatura: _____
Prof. Dr. Ivo José de Castro	Instituição: Universidade de Lisboa
Julgamento: Aprovada	Assinatura: _____
Prof. Dr. João Miguel Quaresma Mendes Dionísio	Instituição: Universidade de Lisboa
Julgamento: Aprovada	Assinatura: _____

À minha mãe,
que nunca deixou de acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos...

...a Deus, por ter me dado forças e coragem durante esses anos de doutorado e por nunca ter me desamparado;

... à FAPESP, pelo financiamento concedido, sem o qual a realização deste trabalho seria muito mais difícil;

... à minha família, em especial à minha mãe, por estar sempre ao meu lado e pela confiança em mim;

... ao Márcio, companheiro paciente, atencioso e ajudador, pela compreensão nos momentos de minha ausência, pelas palavras de ânimo e pelas sugestões;

...aos meus amigos da vila Costa Melo que oraram por mim;

... aos meus amigos da USP que confiaram em mim;

... ao professor Heitor Megale (*in memoriam*), pelas oportunidades que me deu e por ter me ensinado os fundamentos da Filologia;

... ao professor Sílvio de Almeida Toledo Neto, grande mestre e grande homem, cuja orientação foi fundamental para que este trabalho fosse lapidado;

... ao professor Ivo Castro, por ter aceitado me orientar, por ter me recebido com a maior cordialidade em Lisboa e pelas observações feitas ao meu trabalho, que foram de grande contribuição;

... aos professores Manoel Mourivaldo Santiago Almeida e Marcelo Módolo, pelas importantes sugestões durante a realização desta tese;

... ao professor João Dionísio, pela disposição em ler minha tese, por ter aceitado participar da banca e por sua arguição, que foi um grande aprendizado;

... à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pela atenção dispensada e pela reprodução de alguns manuscritos;

... ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por ter permitido que eu consultasse o seu acervo;

... aos funcionários da Biblioteca Mário de Andrade, pela atenção dispensada durante minhas visitas ao acervo de manuscritos e obras raras;

... à Academia de Ciências de Lisboa, pela disposição em me atender por email desde o Brasil e depois, pessoalmente, em Lisboa, pela simpatia dos funcionários e pela reprodução integral do manuscrito original de Frei Gaspar da Madre de Deus;

... ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que disponibilizou a consulta a diversos manuscritos e também a reprodução de testemunhos de obras de Frei Gaspar e Pedro Taques;

... à Biblioteca Nacional de Portugal, pelo respeito com que me tratou enquanto pesquisadora;

... à Regina, bibliotecária da Biblioteca da Casa de Portugal, sempre simpática e solícita.

*[...] sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua.
Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.*

Machado de Assis
(*Dom Casmurro*)

RESUMO

Esta tese indica as fontes textuais de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* e analisa os procedimentos de modificação textual operados por Manuel Cardoso de Abreu na adaptação dessas fontes para a elaboração de sua obra. A *Memória Histórica*, de Manuel Cardoso de Abreu, oficial maior da Secretaria da Capitania de São Paulo, é um manuscrito do século XVIII preservado no Arquivo do Estado de São Paulo, composto principalmente a partir de textos dos historiadores setecentistas Pedro Taques de Almeida Paes Leme – *História da Capitania de São Vicente; Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo e Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* – e Frei Gaspar da Madre de Deus – *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Apesar da comprovação da reprodução integral de muitos trechos e parágrafos de tais obras, o manuscrito não se configura como uma cópia literal de suas fontes, uma vez que Manuel Cardoso interveio intencionalmente nos textos que lhe serviram de modelo para a construção de sua *Memória*, operando, para tanto, uma série de alterações, que deram origem a um novo texto. No início do século XX, depois da aquisição dessa obra pelo Arquivo do Estado, historiadores como Capistrano de Abreu e, especialmente, Afonso d'Escagnolle Taunay, levantaram a questão da sua autenticidade, amparados nas noções de autoria e propriedade intelectual. Assim, a *Memória Histórica* foi julgada como um caso de plágio, sem que, contudo, houvesse uma discussão em torno da motivação e finalidade dessa apropriação textual, da relação desse texto com os seus textos-fonte e das práticas de escrita e de cópia à época. Este trabalho, que se fundamenta nos princípios teóricos e metodológicos da Crítica de Fontes, da Filologia e da Crítica Textual, parte da pesquisa, exame e colação das fontes da *Memória Histórica*, com o objetivo de estabelecer a categorização dos mecanismos de filtragem de tais fontes. Desse modo, objetiva-se identificar quais as modificações, voluntárias e involuntárias, operadas por Manuel Cardoso de Abreu no processo de elaboração de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia. Crítica de Fontes. Crítica Textual. Apropriação de Fontes Textuais. Plágio.

ABSTRACT

This work through the establishment of the sources used on the paper titled *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, seeks to analyze the textual transformation in the passage from one text to another. The *Memória Histórica*, of Manuel Cardoso de Abreu, higher official of the Secretariat of the Province of São Paulo, is an eighteenth century manuscript deposited in the Archive of the State of São Paulo, composed mainly of texts of the eighteenth century texts written by historians, as Pedro Taques de Almeida Paes Leme Leme – *História da Capitania de São Vicente; Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo e Nobiliarquía Paulistana Histórica e Genealógica* – and Frei Gaspar da Madre de Deus – *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Despite the confirmation of the full reproduction of many sections and paragraphs of such works, the manuscript is not configured as a literal copy of his sources, since Manuel Cardoso intentionally intervened in the texts which served as a model for the construction of his *Memória*, implementing to this end, a series of changes that gave rise to a new text. In the early twentieth century, after the acquisition of this works by the State Archives, historians as Capistrano de Abreu and, especially, Afonso d'Escragnolle Taunay, raised the question of its authenticity, supported by the notions of authorship and intellectual property. As a consequence, *Memória Histórica* was judged as a case of plagiarism, without, however, a discussion on the motivation and purpose of textual appropriation, the relationship of that text with their sources and without consideration for writing and copying practices during the period when they were constructed, being held. So, based essentially on theoretical and methodological principles, such as Critical Sources, Philology and Textual Criticism, this research focuses on the examination and collation of the sources from *Memória Histórica*, and it searches to establish the categorization of filtering mechanisms for these sources, so that it is possible to reveal which variants of Manuel Cardoso de Abreu in the writing process of his work and to what extent was his was intentional intervention.

KEYWORDS: Philology. Critical Sources. Textual Criticism. Appropriation of Textual Sources. Plagiarism.

LISTA DE SIGLAS

AC	Academia de Ciências
ACL	Academia de Ciências de Lisboa
AE	Arquivo do Estado
AESP	Arquivo do Estado de São Paulo
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
BN	Biblioteca Nacional
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGSP	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
Ms.	Manuscrito
Mss.	Manuscritos
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
RIHGSP	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

LISTA DE SIGLAS DAS FONTES

- A** *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*
- B** *História da Capitania de São Vicente*
- C** *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*
- D** *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*
- E** *Divertimento Admirável*
- F** *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1: Fontes utilizadas na composição da Memória Histórica.....	83
Tabela1: Localização das fontes no texto da Memória Histórica.....	92
Gráfico 1: Incidência dos textos-fonte na Memória Histórica.....	133
Gráfico2: Frequência das variantes por categoria	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I: ESTUDO DA VIDA E DA OBRA DOS AUTORES E DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS	17
1.1 BIOBIBLIOGRAFIAS	17
1.1.1 Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777).....	17
1.1.1.1 Biografia.....	17
1.1.1.2 Bibliografia.....	20
1.1.2 Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800).....	23
1.1.2.1 Biografia.....	23
1.1.2.2 Bibliografia.....	25
1.1.3 Manuel Cardoso de Abreu (1750-1804).....	29
1.1.3.1 Biografia.....	29
1.1.3.2 Bibliografia.....	31
1.2 DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS.....	36
1.2.1 Manuscritos.....	38
1.2.1.1 <i>História da Capitania de São Vicente</i> , de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	38
1.2.1.2 <i>Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo</i> , de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	41
1.2.1.3 <i>Nobiliarquia Paulistana</i> , de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	43
1.2.1.4 <i>Memórias para a História da Capitania de São Vicente</i> , de Frei Gaspar da Madre de Deus.....	44
1.2.1.5 <i>Divertimento Admirável</i> , de Manuel Cardoso de Abreu.....	52
1.2.1.6 <i>Memória Histórica da Capitania de São Paulo</i> , de Manuel Cardoso de Abreu.....	54
1.2.2 Impressos.....	58
1.2.2.1 <i>História da Capitania de São Vicente</i> , de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	58
1.2.2.2 <i>Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo</i> , de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	61

1.2.2.3	<i>Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica</i> , de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	64
1.2.2.4	<i>Memórias para a História da Capitania de São Vicente</i> , de Frei Gaspar da Madre de Deus.....	68
1.2.2.5	<i>Divertimento Admirável</i> , de Manuel Cardoso de Abreu.....	78
1.2.2.6	<i>Memória Histórica da Capitania de São Paulo</i> , de Manuel Cardoso de Abreu.....	81
CAPÍTULO II: CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DAS LIÇÕES VARIANTES.....		83
2.1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	84
2.2	JUSTIFICATIVA.....	85
2.3	MÉTODO DE PESQUISA.....	88
2.4	CORPUS.....	90
2.5	CATEGORIZAÇÃO DAS LIÇÕES VARIANTES.....	96
2.5.1	Adição.....	96
2.5.2	Omissão.....	104
2.5.3	Alteração de Ordem.....	110
2.5.4	Substituição.....	114
2.5.5	Reelaboração.....	120
2.5.6	Paragrafação.....	124
2.6	RESULTADOS.....	133
CAPÍTULO III: ACUSAÇÃO CONTRA MANUEL CARDOSO DE ABREU E CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLÁGIO.....		137
3.1	A ACUSAÇÃO DE PLÁGIO CONTRA MANUEL CARDOSO DE ABREU.....	137
3.1.1	Afonso D’Escragno Taunay.....	137
3.1.2	Estudos sobre a vida e a obra de Pedro Taques e Frei Gaspar.....	138
3.1.3	Manuel Cardoso de Abreu: “plagiário” de Pedro Taques e Frei Gaspar.....	139
3.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLÁGIO.....	145
3.2.1	Plágio: um pouco de história.....	146
3.2.2	O plágio e o Direito de Autor.....	153
3.2.3	As motivações do plágio.....	158
3.2.4	Intertextualidade e plágio.....	159

3.2.5 Práticas de escrita da história e plágio.....	161
CONCLUSÃO.....	164
BIBLIOGRAFIA.....	167
ANEXO 1: VARIANTES.....	181
ANEXO 2: NORMAS DE TRANSCRIÇÃO ADOTADAS.....	505

INTRODUÇÃO

Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques de Almeida Paes Leme são historiadores do século XVIII que se destacam pela primazia e importância de seus estudos sobre o Brasil colonial, com base nos quais construíram a imagem do movimento bandeirista e da identidade paulista, e também por deixarem para trás o modo tradicional de escrever história, pautado nos princípios da retórica, para serem os precursores, no Brasil, de uma historiografia baseada na avaliação das fontes, a qual já estava em voga na Europa desde o século XVII (ABUD, 1985, p. 74).

As suas obras têm muito em comum, não somente pelos temas de que tratam, mas também pelo modo como os abordam, o que se justifica pelo fato de Frei Gaspar e Pedro Taques serem contemporâneos e representantes da intelectualidade da época e por terem mantido assídua correspondência, através da qual trocavam informações históricas e apontavam caminhos a seguir.

A recuperação de suas obras, no início do século XX, deve-se especialmente ao historiador Afonso d'Escagnolle Taunay, que, inspirado no projeto de representar o passado histórico de São Paulo, empreendeu o resgate e a difusão das obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques, de onde procede, conforme Abud (1985, p. 76), a imagem do bandeirante.

Em suas pesquisas e publicações sobre os dois autores, Afonso Taunay, contando com o apoio de Capistrano de Abreu, seguiu as pistas de que havia no Arquivo do Estado de São Paulo um “plágio” das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar e, a partir de então, investigou o manuscrito do Arquivo e a biografia de quem o assinava. A partir dessa investigação, constatou que o texto intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e todos os seus memoráveis sucessos desde o ano de 1531 até o presente de 1796*, escrito por Manuel Cardoso de Abreu, oficial maior da Secretaria da Capitania de São Paulo, compunha-se da quase totalidade da obra de Frei Gaspar e também de partes de obras de Pedro Taques, sem que houvesse qualquer referência a essas fontes.

Taunay levantou a questão da autenticidade dessa obra, amparado nas noções de autoria e propriedade intelectual. Assim, a *Memória Histórica* foi julgada como um caso de plágio, sem que, contudo, houvesse uma discussão em torno da motivação e finalidade dessa apropriação textual, da relação desse texto com as suas fontes e das práticas de escrita e de cópia à época.

Classificar-se a *Memória Histórica* simplesmente como plágio é deixar de perceber qual foi o processo de cópia e de intervenção de Manuel Cardoso de Abreu sobre suas fontes.

O confronto dos textos permite dizer que existe uma reprodução integral de muitos trechos e parágrafos, mas o manuscrito não se configura como uma cópia literal e integral de suas fontes, uma vez que Manuel Cardoso muitas vezes adaptou e modificou os textos que lhe serviram de modelo para a construção de sua *Memória*, operando, para tanto, uma série de alterações, que deram origem a um novo texto. Isso revela que o aproveitamento das fontes não foi feito sempre por um mero decalque, mas que a intervenção de Manuel Cardoso foi muitas vezes voluntária e acabou por deixar a sua marca no texto.

Desta forma, fundamentando-se nos princípios teóricos e metodológicos da Crítica de Fontes, da Filologia e da Crítica Textual, este trabalho parte da pesquisa, exame e colação das fontes da *Memória Histórica*, com o objetivo de estabelecer a categorização dos mecanismos de filtragem de tais fontes, de modo que seja possível identificar quais as modificações, voluntárias e involuntárias, operadas por Manuel Cardoso de Abreu no processo de elaboração de sua obra.

A etapa inicial deste trabalho foi determinar, localizar, obter e explorar as fontes utilizadas na *Memória Histórica*. A localização teve como guia as informações fornecidas essencialmente por Afonso Taunay em diversos de seus escritos, entre eles alguns prefácios às obras de Pedro Taques e de Frei Gaspar e artigos publicados nos Anais do Museu Paulista. Depois de localizadas e obtidas em bibliotecas e arquivos brasileiros e portugueses, as fontes foram lidas e transcritas, para que se procedesse à etapa seguinte, de colação dos textos, etapa que tem como resultado a identificação das lições variantes e o estabelecimento de sua tipologia.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos: no capítulo I, são abordados elementos biográficos e bibliográficos dos três autores envolvidos nesse caso de apropriação textual: Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus e Manuel Cardoso de Abreu. Esse estudo torna-se relevante para o entendimento da época em que os autores viveram, da relação que mantinham entre si e em sociedade, do seu nível de cultura e para se compreenderem os processos de modificação das fontes na composição da obra.

Apresenta-se ainda um estudo descritivo, de cunho filológico, das obras envolvidas no caso de apropriação textual de fontes que se pretende analisar, a saber: *História da Capitania de São Vicente*; *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* e *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques; *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar, e *Divertimento Admirável* e *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu. São considerados nessa descrição todos os testemunhos manuscritos e impressos dessas obras. A importância deste capítulo está no fato de fornecer subsídios para a escolha dos testemunhos de colação com a

Memória Histórica e de demonstrar a recepção das ditas obras ao público, dado o seu campo bibliográfico, isto é, a quantidade de edições que foram feitas de cada obra.

O capítulo II envolve a categorização e apresentação de exemplos das lições variantes da *Memória Histórica* e dos textos que lhe serviram de fonte, cujo objetivo é, a partir da colação dos textos envolvidos nesse caso, estabelecer a categorização dos mecanismos de modificação das fontes, sob um enfoque filológico, de modo a não somente fundamentar a prática da cópia, mas também revelar o processo de intervenção intencional de Manuel Cardoso de Abreu para a composição de um novo texto. Para alcançar tal objetivo, buscou-se apoio na Crítica de Fontes, na Filologia e na Crítica Textual, disciplinas que forneceram os instrumentos conceituais e operários.

No capítulo III, faz-se a categorização e análise das lições variantes, a partir de dados que resultam do levantamento exaustivo de ocorrências. Além disso, são apresentados os resultados da colação.

No capítulo IV, é apresentada uma sucinta biografia de Afonso d'Escragnolle Taunay, para que se possa conhecer um pouco do historiador que trouxe a público a acusação de “plágio” contra Manuel Cardoso de Abreu. É apresentada ainda uma lista com os estudos produzidos e publicados por Afonso Taunay sobre a vida e a obra de Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, e sua justificativa para a acusação, através da exposição de trechos de suas obras, em que disserta sobre o assunto, e também de trechos de obras de outros autores que discorreram sobre essa problemática, amparados nos escritos de Taunay. Ademais, neste capítulo, faz-se um exame do termo “plágio” sob um enfoque etimológico e histórico, além de se verificarem suas implicações no Direito e estabelecer os limites entre a prática do plágio e da intertextualidade.

Por fim, na conclusão, são apresentados os resultados obtidos na análise das variantes entre as fontes e a *Memória Histórica* e uma discussão sobre a questão do plágio e da prática de escrita no século XVIII.

CAPÍTULO I

ESTUDO DA VIDA E DA OBRA DOS AUTORES E

DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS

1.1 BIOBIBLIOGRAFIAS

Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus e Manuel Cardoso de Abreu têm em comum, entre outras coisas, o fato de terem nascido e vivido na Capitania de São Vicente, no século XVIII, e de terem escrito textos sobre a história da sua terra e da sua gente. Outro aspecto que aproxima esses três personagens e que norteia este trabalho é a apropriação dos textos dos primeiros por Manuel Cardoso, para a composição de um novo texto, intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*.

O estudo da vida e da obra desses autores torna-se relevante para um melhor entendimento desse caso de apropriação textual.

1.1.1 Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777)

1.1.1.1 Biografia

Pedro Taques de Almeida Paes, nascido em São Paulo, em fins de junho de 1714, é o segundo filho do sertanista Bartolomeu Paes de Abreu e de Leonor de Siqueira Paes, descendentes das famílias mais antigas e abastadas de São Paulo. Sobrinho-neto do bandeirante Fernão Paes Leme passou a assinar o sobrenome “Leme” de sua avó paterna somente em 1767. Antes dessa época, conforme Porchat (1993, p. 88), “seu nome é encontrado em alguns documentos como Pedro Taques de Almeida Lara”. Estudou com os jesuítas no Colégio de São Paulo, onde se graduou mestre de armas. Possuía grandes conhecimentos de latim e francês, o que configurava a sua elevada cultura, superior para a época e ao meio em que viveu. Em 1737, aos 23 anos de idade, obteve a patente de sargento-mor do Regimento de Auxiliares das Minas de Paranapanema e Apiaí. Após a morte de seu pai, em 1738, e, mais tarde, de seu irmão mais velho, a família, composta pela mãe e mais seis

irmãos, passou por grandes dificuldades financeiras, sendo todos os seus bens confiscados para pagamento de dívidas.

Em 1745 casou-se com Maria Eufrásia de Castro Lomba, com quem teve cinco filhos, e mudou-se, em 1748, para Goiás, onde seu sogro, o capitão Gregório de Castro Esteves, era oficial do regimento de cavalaria. Dois anos depois foi nomeado, pelo Conde dos Arcos, escrivão fiscal da Intendência Comissária e da Guarda Moria do Distrito de Pilar, com jurisdição sobre os arraiais de Crixás, Guarinos e Papuan (hoje a cidade de Pilar de Goiás). Serviu também nesses lugares como provedor de defuntos e ausentes até 1754, quando decidiu voltar para São Paulo, onde encontrou sua família com as mesmas dificuldades financeiras.

Pedro Taques dedicou toda a sua vida aos estudos históricos, sendo de 1742 seu primeiro trabalho genealógico. Como grande conhecedor da história e genealogia paulista, foi solicitado por D. João de Faro, prelado da Basílica Patriarcal de Lisboa, para defender os direitos que o conde de Vimieiro, seu sobrinho, descendente legítimo de Martim Afonso de Sousa, tinha à capitania de São Vicente. Assim, partiu para Portugal em meados de 1755, onde, além de frequentar os Arquivos de Lisboa, entre eles a Torre do Tombo e o Arquivo Ultramarino (TAUNAY, 1923, p. 251), em busca de documentos sobre a posse da capitania, tentaria publicar a parte já pronta de sua *Nobiliarquia Paulistana* e continuar sua pesquisa para a sua conclusão. No entanto, devido ao terremoto de 1º de novembro de 1755, seguido do incêndio e do maremoto que se alastraram pela cidade de Lisboa, Pedro Taques teve seus pertences, inclusive os originais da *Nobiliarquia*, totalmente destruídos. Permaneceu ainda oito meses em Lisboa, hospedado por sua parenta dona Isabel Pires Monteiro, casada com João Fernandes de Oliveira. Aos poucos retomou seu trabalho e, antes de retornar ao Brasil, aproveitou a influência de João Fernandes junto às autoridades reais, para requerer o cargo de tesoureiro-mor da Bula da Santa Cruzada nas capitanias de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, cujo objetivo era “superintender a venda, e arrecadação do produto da cobrança das bulas, papel estampilhado, cuja aquisição permitia aos fiéis certos privilégios quanto à dispensa de alguns jejuns obrigatórios”, conforme Taunay (1954b, p. 25). Para conquistar o cargo, teve que se submeter à hipoteca de todos os seus bens e contar com a confiança de dois fiadores.

Em 20 de agosto de 1757, já no Brasil, sua esposa falece e, quatro anos mais tarde, Pedro Taques casa-se pela segunda vez, com Ana Felizarda Xavier da Silva, filha do escrivão da Real Fazenda do Rio de Janeiro, André Xavier Francisco de Siqueira.

Em 1763, foi investido do cargo de guarda-mor das Minas da Comarca de São Paulo, cargo que exerceu juntamente com o de tesoureiro-mor.

Ao lado de Frei Gaspar da Madre de Deus, seu primo e amigo, Pedro Taques é considerado a pessoa mais destacada e culta de São Paulo na época, segundo assevera Taunay (1925, p. 155), sendo inclusive consultado muitas vezes pelo governador Luís Antonio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, sobre a fundação do presídio de Iguatemi e as questões de limites entre as capitanias de São Paulo e Minas.

Em 1765, como procurador da Câmara da cidade de São Paulo e das vilas de Pindamonhangaba e Cananéia, tratou de negócios referentes a toda a capitania e deu impulso às suas pesquisas para a reconstrução e continuidade de sua *Nobiliarquia*.

Casa-se pela terceira vez, em 1769, com Inácia Maria da Anunciação e Silva.

Em 1770, o Morgado de Mateus confirma o genealogista no cargo de guarda-mor das Minas e o encarrega de escrever a *Informação sobre as Minas de São Paulo* (1772) e a *Informação sobre o Estado das Aldeias dos Índios da Capitania de São Paulo* (reputa-se perdida), obras que, ao lado de *História da Capitania de São Vicente*, concluída em 1772, foram compostas com a ajuda de amanuenses, para quem seus textos eram ditados¹, devido ao avanço da paralisia que o impedia de sentar-se e de escrever. Por esse tempo perdeu, com pequeno intervalo, os dois únicos filhos homens que possuía: o frei carmelita Joaquim Antônio Taques, aos 25 anos, que servia de copista ao historiador, e Balduino Abegaro Taques de Moraes, aos 23.

Durante sua permanência em Lisboa, em 1774, Taques foi consultado várias vezes pelo marquês Pombal, devido aos seus estudos sobre a história de São Paulo. Quando parte de Portugal, em agosto de 1776, deixa os originais da *Nobiliarquia Paulistana* aos cuidados do desembargador e guarda-mor da Torre do Tombo, João Pereira Ramos, sendo desse manuscrito que se valeu Diogo de Toledo Lara e Ordonhes para a cópia “que viria servir para a edição do livro quase um século depois, editado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, conforme Rodrigues (1979, p. 132).

Devido à morte de Pedro Taques, em 3 de março de 1777, seus manuscritos dispersaram-se e muitas das suas obras foram perdidas. Segundo Taunay (1954, p. 35), graças ao abandono em que caíram os seus manuscritos, deles se aproveitaram Baltazar da Silva Lisboa, para compor a parte inédita dos seus *Anais*, conservada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e Manuel Cardoso de Abreu.

A recuperação da obra de Pedro Taques deve-se especialmente a Frei Gaspar da Madre de Deus, que a ela chamou a atenção do seu público, a Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, que, além de copiar a *Nobiliarquia*, anotou-a e completou-a, e ao historiador Afonso

¹ Cf. Carta de Pedro Taques. In: **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, 1896, vol. IV, p. 10-12 e 21-22.

d'Escragnolle Taunay, que publicou um estudo apurado de sua vida e obra em *Pedro Taques e seu tempo: estudo de uma personalidade e de uma época* (1922), e reeditou sua obra.

1.1.1.2 Bibliografia

Pedro Taques, considerado um historiador regionalista, nobiliarquista e genealogista, distingue-se, juntamente com Frei Gaspar da Madre de Deus, por ser dos primeiros, no Brasil, a investigar fontes documentais em arquivos, câmaras e cartórios, para a composição de suas obras, revestindo a história de um novo caráter, mais documental e fidedigno. Ademais, revestiu a história do Brasil de um caráter nacionalista, já que a história que até então se fazia era escrita nos moldes portugueses. Destaca-se em sua obra uma representação dos primeiros povoadores de São Paulo, ligada a um universo de honra, prestígio e nobilitação, ideia presente no próprio título de sua obra principal: *Nobiliarquia Paulistana*, o que, conforme Abud (1985, p. 76), também “está presente no próprio conceito que se pode formar, pela sua leitura, do bandeirante”. A nobreza dos paulistas, para Pedro Taques, justificada pelos cargos que ocuparam na “República” e pela quantidade de terras que possuíam, encontra suas origens em uma raça proveniente do sangue português nobre, livre de qualquer mácula.

Escreveu a *História da Capitania de São Vicente*, terminada a 3 de janeiro de 1772, obra feita sob encomenda por João de Faro e dedicada a ele, como forma de defender os direitos de seu sobrinho, o Conde de Vimieiro, à posse da Capitania, disputada pelo Conde de Monsanto. Pedro Taques, à época da composição da obra, já sofria os efeitos de uma enfermidade que lhe paralisava os movimentos, impedindo-o, assim, de escrever, por isso, como salienta Taunay (1980, p. 45), ele teria ditado o texto a algum copista e assinado posteriormente.

A obra reconstitui a história da Capitania de São Vicente através dos seus donatários, da sua doação a Martim Afonso de Sousa e Pero Lopes, da posse ao Conde de Monsanto, da posse ao Conde da Ilha do Príncipe, da incorporação de São Vicente à Coroa e da descrição das cidades e vilas da capitania.

O manuscrito apógrafo foi encontrado por Manoel de Araújo Porto-Alegre, em péssimo estado de conservação, em um convento do Rio de Janeiro, conforme assevera Blake (1970, p.70), e oferecido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo Visconde de Uruguai, Paulino José Soares de Sousa. Assim, em 1845, o manuscrito já pertencia ao

Instituto, que o imprimiu pela primeira vez em 1847, no volume nono de sua Revista, às páginas 137-178 (primeira parte), 293 a 328 (segunda parte) e 445 a 476 (terceira parte)².

A *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, que ocupou 50 anos de sua vida, constitui sua maior obra, “pela importância social do tema, pela riqueza da informação, pelo esforço da pesquisa, pela vastidão do trabalho”, conforme observa Rodrigues (1979, p. 137). Dessa obra, só foram publicados vinte e quatro títulos, apesar de haver referência a mais setenta e três, o que perfaz um total de noventa e sete títulos³. A *Nobiliarquia* registra a história e a genealogia dos primeiros povoadores de São Paulo, através da exaltação heroica dos seus feitos e proezas, decisivos na expansão territorial do Brasil. Sua maior característica é a riqueza de informações sobre vários aspectos da vida e da história de São Paulo, em torno do movimento bandeirista.

Em sua segunda viagem a Portugal, em 1774, Pedro Taques levou consigo os manuscritos da *Nobiliarquia* e mostrou-os ao desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, que anotou tal obra e comunicou-a ao seu irmão dom Francisco de Lemos, Conde de Coimbra⁴. Em seu regresso a São Paulo, Taques deixou-a nas mãos de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, que a copiou, anotou e completou com novas informações. Depois da morte de Diogo Ordonhes, os manuscritos copiados, que constituíam 59 cadernos, passaram ao poder de seu irmão, o Marechal Arouche. Morto este em 1834, os tais manuscritos foram doados a João Fernandes Pinheiro, o visconde de São Leopoldo. “Teve-os S. Leopoldo em mãos durante alguns anos; por sua morte, em 1847, tocaram ao filho Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, e este, bem inspirado quanto possível, ofereceu-os ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1855”, como salienta Taunay (1954b, p. 43).

Escreveu também *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo em 1640*⁵, de 1768, e *Informação sobre as Minas de São Paulo e dos sertões da sua Capitania desde 1597 até 1772*⁶, escrita em 1772 e oferecida ao Morgado de Mateus.

² A obra foi publicada pela primeira vez na RIHGB, tomo IX, em 1847; 2ª edição: São Paulo: Melhoramentos, [1928], com um esboço biográfico do autor por Afonso d'E. Taunay; 3ª edição: Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, (Edições do Senado Federal, v. 25), com um esboço biográfico do autor por Afonso d'E. Taunay (reprodução da 2ª edição) e uma introdução biográfica pelo então senador Romeu Tuma. Encontram-se no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dois manuscritos autógrafos da obra: cota DL 975.10 (completo) e cota DL 975.20 (fragmento). Há ainda um texto manuscrito adaptado dessa obra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota I-30, 24, 1. Segundo Amora, Cal e Coelho (1969, p. 421), o manuscrito original autógrafo dessa obra encontrava-se em algum convento do Rio de Janeiro.

³ A RIHGB publicou a obra entre os volumes 32 e 35. Não foram encontrados no Instituto os manuscritos da obra.

⁴ Devido a essa amizade, é possível que se encontre algum manuscrito de Pedro Taques nos arquivos de Coimbra.

⁵ Em 1848, um autógrafo desta obra, cota DL 42. 17, foi oferecido ao IHGB por Manuel de Araújo Porto-Alegre, que a copiara do manuscrito autógrafo existente na biblioteca do Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (BLAKE, 1970, p.71), embora Taunay ([1929], p.21-22) afirme que o original encontrava-se na biblioteca do convento de São Francisco, da mesma cidade. Há ainda um autógrafo dessa obra no ANTT, seção de Manuscritos

A correspondência de Pedro Taques foi bastante intensa, mas salvaram-se somente sete cartas, das quais duas são dirigidas a Frei Gaspar da Madre de Deus e publicadas por Antônio Toledo Piza no volume IV da série *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, às páginas 10 a 24. As outras quatro cartas são endereçadas a um destinatário desconhecido, datada de 29 de novembro de 1763⁷; a João Duarte França, datada de 28 de maio de 1764⁸; duas a Agostinho Delgado Arouche, datadas de 23 de abril de 1773⁹ e 25 de janeiro de 1774¹⁰, e uma dirigida ao governador da Capitania de São Paulo, Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, de 03 de julho de 1774¹¹. O estudo dessa correspondência é importante para a melhor compreensão da vida e obra do autor e do seu processo criativo.

De seu espólio, reputam-se perdidas as seguintes obras:

- *História de São Paulo*;
- *Memórias de Jundiaí*,
- *Elementos de História de Piratininga* ou *História Cronológica de Piratininga Paulistana*;
- *Apontamentos*;
- *Discurso Cronológico dos Descobrimentos do Brasil*;
- *Informação sobre o estado das aldeias de índios da Capitania de São Paulo*;
- *Vida de Martim Afonso de Sousa*;
- *História do Levantamento de Minas Gerais*;
- *Demonstração Verídica e Cronológica dos Donatários da Capitania de São Vicente*;

do Brasil, nº 48, fólios 128 a 148. A primeira publicação da obra se deu na RIHGB, 1849, vol. 12. A segunda edição foi realizada pela editora Melhoramentos [1929], juntamente com o texto da *Informação sobre as Minas de São Paulo*.

⁶ Existem cinco manuscritos da *Informação* no Brasil: um pertencente ao IHGB, cota DL 37. 8, considerado por Antônio Jansen do Paço (1901, p. 1), chefe da seção de manuscritos da BNRJ, como o original, e publicado na Revista do Instituto, 1901, vol. 64, parte I, páginas 1 a 84; outros pertencentes à BN: cota 09, 02, 006, que seria uma cópia “que Pedro Taques ofereceu ao Capitão-general de São Paulo, D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, o morgado de Mateus” (TAQUES, 1954, p. 46); cota 10, 02, 010, um apógrafo de fins do século XIX, que pertenceu à coleção Barão Homem de Melo; cota II-36, 07, 003, uma cópia incompleta, e ainda um outro apógrafo depositado na Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, Coleção Félix Pacheco, cota MS A53. Há também um apógrafo desse manuscrito em Portugal, no ANTT, coleção Manuscritos do Brasil, número 48, fólios 37 a 90. Outra edição dessa obra foi realizada pela editora Melhoramentos, em [1929], juntamente com o texto da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*.

⁷ “Destinatário Desconhecido”, RIHGSP, vol. 20, p. 762.

⁸ “A João Duarte França”, RIHGSP, vol. 20, p. 763-764. Esta carta pertence, segundo Taunay (1954b, p. 47), ao AESP, coleção “Augusto Cardoso”.

⁹ “A Agostinho Delgado”, RIHGSP, vol. 20, p. 765.

¹⁰ “A Agostinho Delgado”, RIHGSP, vol.20, p. 766.

¹¹ “Carta de Pedro Taques ao governador da Capitania de São Paulo, Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, responsabilizando o mau tempo por seu atraso em comparecer à sua presença”, pertencente à BNRJ, cota MS-553 (19) - doc. 164.

- *História da Conquista a que foram à Bahia os Paulistas.*

Pedro Taques de Almeida Paes Leme, apesar de ter se dedicado a outros ofícios, ocupando cargos administrativos na Capitania de São Paulo, nunca deixou de pesquisar e escrever sobre a história e a genealogia paulista, o que lhe garantiu uma obra vasta e de importância reconhecida por seus contemporâneos e por estudiosos de épocas posteriores, no que concerne à compreensão da história política, econômica e social do Brasil colonial.

1.1.2 Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800)

1.1.2.1 Biografia

Gaspar Teixeira de Azevedo nasceu no dia 9 de fevereiro de 1715, na fazenda de Sant'Ana, na então freguesia de Santos.

Segundo dos seis filhos de Domingos Teixeira de Azevedo (superintendente das minas de Cataguazes) e Ana de Siqueira e Mendonça, ricos proprietários de terras, pertencentes às mais antigas gerações de povoadores paulistas e parentes de diversos bandeirantes, entrou para a Ordem de São Bento em 1731, aos 16 anos, e adotou o nome de Gaspar da Madre de Deus ao professar, em 1732. Em 1743, aos 28 anos, foi lente de teologia no Rio de Janeiro, onde morou durante muitos anos, e, em 1749, recebeu o título de doutor em teologia.

Frei Gaspar era filósofo, teólogo e também considerado um grande orador sacro, sendo por isso convidado a expor os seus sermões em ocasiões solenes.

Sua carreira na Ordem dos beneditinos revela seu compromisso e sua seriedade. Em 1752 foi eleito Abade de São Paulo, cargo que recusou por não desejar sair do Rio de Janeiro, onde assumiu, em 1763, a abadia beneditina. Passou a Abade Provincial do Brasil em 1766. Dois anos depois, foi eleito Prelado do Mosteiro de São Bento em Salvador, mas recusou, recolhendo-se ao Mosteiro de Santos, em 1769, e, mais tarde, foi convidado pelo governo português a assumir a mitra madeirense, a qual também recusou. Foi Cronista-mor da Ordem dos beneditinos, de 1774 a 1798. Em 1780, voltou ao Rio de Janeiro, onde foi mestre do noviciado da Ordem.

Manteve contato com as academias portuguesas, em especial a Academia Real de História, centro de erudição da época. Foi membro da Academia Brasileira dos Renascidos, fundada em Salvador em 1759, cujo objetivo era “escrever a História Universal, eclesiástica e secular da América Portuguesa”, como aponta Moisés (2001b, p. 215). Em 1796 foi nomeado

sócio correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa, por onde teve sua primeira obra impressa, as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, em 1797. A vinculação ao movimento academicista orientou os caminhos tomados na composição das obras de Frei Gaspar, já que segue os seus parâmetros, na medida em que examina “tudo com o máximo rigor possível, de forma que a autoridade da tradição fosse transferida à autoridade das fontes autênticas” (KANTOR, 2004, p. 72).

Convivendo com Rocha Pitta, considerado um dos grandes representantes da intelectualidade do Brasil da época e grande historiador, e aprendendo com ele os primeiros ensinamentos de História, Frei Gaspar revela desde cedo inclinação para os estudos históricos, por isso, quando se recolhe a Santos, sua região natal, dedica-se inteiramente à pesquisa. Rodrigues (1979, p. 144) observa que o que mais distingue o beneditino é justamente sua pesquisa exaustiva em arquivos e cartórios, o que revela, conforme Abud (1985, p. 74), uma forte ligação com a tradição de pesquisa que vinha do final do século XVII, especialmente na França:

Tal tradição vinha do final do século anterior, com a obra de D. Mabillon “*De re diplomática*” que iniciou a “*ciência do documento*”, valorizando o documento escrito como prova da História, trabalho que foi continuado pelos beneditinos da Congregação de Sain-Maur e que trouxe “*condições seguras para o conhecimento histórico*”.

Havia também em Frei Gaspar, assim como em Pedro Taques, a preocupação com uma História “segura e verdadeira”, manifesta através do “tratamento ponderado da documentação e interpretação rigorosa dos fatos”, como atesta Moisés (2001b, p. 171), que transparece em todas as suas obras, ao transcrever e citar as fontes utilizadas, porque esses documentos, extraídos “dos Arquivos das Câmaras, da Câmara Episcopal, das Casas de Misericórdia, dos Conventos, Mosteiros, dos Cartórios e de Legislação” (ABUD, 1985, p. 75), traziam em si a certeza de sua autenticidade.

Compartilhando os mesmos interesses históricos, Frei Gaspar e Pedro Taques, seu primo, mantiveram assídua correspondência e uma amizade sólida, que se consolida na troca de informações e na apreciação crítica que um fazia do trabalho do outro, segundo assevera Taunay (1953, p. 16). Suas obras têm muitos pontos em comum e consolidam uma História Colonial de São Paulo, centralizada no bandeirismo.

Faleceu em Santos, no dia 28 de janeiro de 1800, aos 85 anos de idade, e foi sepultado na igreja do convento de São Bento, na mesma cidade.

1.1.2.2 Bibliografia

Frei Gaspar da Madre de Deus trabalhou intensamente até avançada idade e possuía diversos manuscritos, mas até 1797 ainda não havia publicado nada, por isso, Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, ouvidor em Cuiabá e eleito, em 1795, sócio correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa, seu amigo, apresentou, no mesmo ano de 1795, os manuscritos dos dois primeiros livros de *Fundação da Capitania de São Vicente e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil* ao exame da Academia. A obra foi aceita para a publicação e, após algumas modificações formais exigidas pela Academia, em especial a alteração do seu título para *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo do Estado do Brasil*, foi impressa em 1797, configurando-se, segundo Rodrigues (1979, p. 145), como “a consagração da historiografia regional e da pesquisa histórica de caráter local por uma instituição oficial metropolitana”.

A obra deveria ser dividida em três livros, mas apenas os dois primeiros foram enviados a Lisboa para serem impressos. O terceiro livro, prometido no final do segundo (“até que a Rainha nossa Senhora foi servida conceder-lhes hum equivalente pela Capitania de 100 legoas de Costa, chamada de *S. Vicente*, como se verá em outro Livro, que destinamos ainda publicar sobre estas materias”)¹², é motivo de especulações: houve apenas uma intenção de Frei Gaspar em dar continuidade à obra, mas ela nunca foi escrita, ou teria realmente sido escrita, mas perdeu-se.

Em 1861, a RIHGB publicou, no volume 24, um texto intitulado *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, que se reputou ser o terceiro livro das *Memórias* do beneditino, mas o historiador Afonso Taunay verificou que, na verdade, esse texto não era da autoria de Frei Gaspar, mas do oficial maior Manuel Cardoso de Abreu, que, para sua composição, valeu-se de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques (TAUNAY, 1925, p. 173).

As *Memórias* foram publicadas em dois livros, dos quais o primeiro compõe-se de quatro capítulos: “Fundação de São Vicente”; “Fundação de Santos”; “Fundação da Cidade de São Paulo” e “Fundação da Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém”. O segundo livro é composto por apenas um capítulo: “Fundação da Capitania de Santo Amaro”.

Nessa obra, Frei Gaspar celebra Martim Afonso de Sousa como um herói, põe sempre em destaque a nobreza e o valor dos primeiros povoadores de São Vicente, cujas raízes se encontram na mistura do sangue dos mais ilustres portugueses e indígenas, como João

¹² Cf. Frei Gaspar da Madre de Deus, *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1797, p. 242.

Ramalho e Tibiriçá, descreve as expedições paulistas, que fundamentaram a expansão territorial da Capitania de São Vicente, trata da aclamação de Amador Bueno, dos limites entre as capitanias de São Vicente e de Santo Amaro e da questão judiciária entre Monsanto e Vimieiro. Abud (1985, p. 86) salienta que, especialmente nessa obra, Frei Gaspar, numa valorização dos paulistas, que se dá pela nobilitação do mestiço, pelo exercício militar e pelas conquistas empreendidas pelas expedições, agiu como um porta-voz das reivindicações das antigas famílias da terra, às quais ele pertencia, como forma de garantir “o seu lugar naquela sociedade ainda estamental”, mas ameaçada por um novo grupo de comerciantes e tropeiros recém-chegados de Minas Gerais e estabelecidos em São Paulo, que ascendia econômica e socialmente. Além disso, as *Memórias* são uma resposta a uma campanha difamatória contra os paulistas, levada a cabo por cronistas estrangeiros, como Pierre François Xavier de Charlevoix e Joseph Vaissette, como observa Kantor (2004, p. 224).

Escreveu, em 1746, *Dissertação e explicação sobre terras de contenta entre o Mosteiro de São Bento e o Convento do Carmo, em Santos*¹³, como resultado de um pedido de seu Provincial para a defesa dos direitos do mosteiro de Santos à posse do santuário de Monserrate, contestados pelos carmelitas, conforme observa Taunay (1953, p. 10).

Além das *Memórias*¹⁴, terminadas em 1786, sua obra principal, e da *Dissertação e explicação sobre terras de contenta entre o Mosteiro de São Bento e o Convento do Carmo, em Santos*, Frei Gaspar escreveu:

- *Relação dos Capitães Loco-Tenentes da Capitania de São Vicente, uns nomeados pelos verdadeiros donatários e outros pelos intrusos*¹⁵;
- *Notas Avulsas sobre a História de São Paulo*¹⁶;
- *Oração Fúnebre nas exéquias que, pelo Sereníssimo Senhor D. José I, Rei Fidelíssimo de Portugal, mandou celebrar a Câmara de Vila do Porto de Santos, aos 14 de julho de 1777*¹⁷;
- *Parecer sobre um estudo genealógico*¹⁸;

¹³ RIHGSP, vol. 16, p. 245-276.

¹⁴ Edição *princeps*: Lisboa: Academia Real das Ciências, 1797; 2ª edição: RJ: Tipografia de Agostinho de Freitas Guimarães, 1847 (reprodução da edição de Lisboa); 3ª edição: SP e RJ: Weiszflog Irmãos, 1920; 4ª edição: SP: Martins, 1953; 5ª edição: Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975 (reprodução da edição publicada pela Livraria Martins, em 1953); 6ª edição: Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010 (reprodução da 3ª edição, publicada por Weiszflog Irmãos, em 1920). O manuscrito original de imprensa encontra-se no arquivo da ACL, Série Azul, nº 1751. Existem ainda dois apógrafos das *Memórias*: um encontra-se na BNRJ e pertenceu à coleção dos marqueses de Castelo Melhor, cota 09, 03, 008, sob o título *Fundação da Capitania de São Vicente e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil*; outro, sob o mesmo título, está incompleto e encontra-se no ANTT, em Lisboa, seção dos Manuscritos do Brasil, nº 48, fólios 1 a 35.

¹⁵ RIHGSP, vol. 5, p. 159-176.

¹⁶ RIHGSP, vol. 5, p. 180-195.

¹⁷ RIHGSP, vol. 20, p. 194-206. O manuscrito encontra-se no IHGB, Lata 41, doc. 20.

- *Carta ao Secretário da Academia Brasílica dos Renascidos*¹⁹;
- *Carta endereçada ao Capitão-General Bernardo José de Lorena*²⁰;
- *Catálogo dos capitães mores, generais e Vice-Reis que governaram a Capitania do Rio de Janeiro, desde o ano de 1565 até o presente de 1799*²¹;
- *Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil e das entradas das religiões e suas fundações*, de 1784²².

Além desses, ainda existem os seguintes manuscritos inéditos:

- *Oração Fúnebre nas exéquias à memória do bispo de Areopoli D. João de Seixas, celebradas no mosteiro do Rio de Janeiro, em 1758*;
- *Oração fúnebre por ocasião de dar-se à sepultura o corpo do governador, capitão general, Gomes Freire de Andrada, no convento do Desterro, em 2 de janeiro de 1763*;
- *Oração fúnebre nas exéquias do governador, capitão general, Gomes Freire de Andrada, celebradas pelos monges beneditinos no seu convento do Rio de Janeiro*;
- *Oração panegírica do nascimento do Infante D. José, Príncipe da Beira, recitado no convento do Rio de Janeiro a 7 de Março e 1762 nas festas solenes*;
- *Sermão nas festas do casamento da Senhora Princesa, mãe do Príncipe da Beira, pregado na Sé do Rio de Janeiro*;
- *Relação do Mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro, compreendendo as casas, residências, número dos sacerdotes, coristas e donatos, e suas respectivas rendas, feita por ordem do governo português e ao mesmo governo dirigida em 15 de outubro de 1764*²³;

¹⁸ RIHGSP, vol. 20, p. 211-216.

¹⁹ Publicada nos *Anais do Museu Paulista*, tomo 1, 1922, p. 3-4 da 2ª parte, como “Uma Carta de Frei Gaspar da Madre de Deus”. O manuscrito, datado de 22 de outubro de 1759 e endereçado ao Secretário Antonio de Oliveira, encontra-se na BNP, seção de manuscritos reservados, cota COD. 630, à folhas 138-139, e na seção de microfilmes, F. 22.

²⁰ ALMEIDA, M. Lopes. “Uma Carta de Frei Gaspar da Madre de Deus”. Coimbra: Coimbra Editora, 1952, p. 1 a 31. TAUNAY, Afonso d’Escagnolle, “Ensaio da História Paulistana”. In: **Anais do Museu Paulista**, tomo X, 1941, p. 85-108. RIHGSP, vol. 36, p. 20-26. O manuscrito original encontra-se na BNP, Coleção Pombalina 643, folhas 340 a 347.

²¹ *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, 1915, tomo 44, p. 27-75. O manuscrito encontra-se no IHGB, Lata 1 – Doc. 13, nº 6.

²² RIHGB, vol. 2, p. 439-458; publicadas como apêndice das 3ª, 4ª e 5ª edições das *Memórias*, 1920, 1953 e 1975, respectivamente. Há um manuscrito no IHGB, Lata 23, doc. 23, e outro no Arquivo do Mosteiro de São Bento, de São Paulo.

²³ Os seis inéditos expostos acima são indicados como manuscritos de Frei Gaspar da Madre de Deus, sem que haja sua localização, no **Dicionário de Autores no Brasil Colonial**, de Almeida, 2003, p. 266.

- *Philosophia platonica seu Cursus Philosophicus rationalem, naturalem et transnaturalem, philosophiam, sive logicam, physicam et metaphysicam completens*²⁴, lições de filosofia ministradas no Rio de Janeiro, em 1748;
- *Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente*²⁵, de 1780.

Reputam-se perdidos, além do terceiro livro das *Memórias*, como exposto anteriormente, o *Extrato Genealógico de Numerosos Sermões*.

Depois da morte de Frei Gaspar, alguns de seus escritos foram para o arquivo do Mosteiro de São Bento em São Paulo, mas a grande maioria, conforme Taunay (1925, p. 184), dirigiu-se à biblioteca de José Arouche.

Segundo Rodrigues (1979, p. 145-146), as *Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil* é a obra de Frei Gaspar que teve maior contestação, pelo fato de dar a informação de que fora João Ramalho, e não Cristóvão Colombo, o primeiro europeu a pisar na América:

Pela leitura do testamento de João Ramalho, do qual dizia possuir uma cópia, se podia deduzir que este contava 90 anos em 1580, seguindo-se que entrara no Brasil em 1490. Consequentemente, somente depois de habitar João Ramalho dez anos no Brasil, Pedro Álvares Cabral descobriria Porto Seguro.

Essa afirmação suscitou o ataque de Cândido Mendes, em 1876, em um artigo publicado pela RIHGB²⁶. Segundo ele, a informação era falsa e o testamento de João Ramalho apresentado por Frei Gaspar, fora forjado pelo beneditino.

A questão da veracidade do testamento foi esclarecida somente em 1904, por Washington Luís Pereira de Sousa, ao descobrir o documento e publicá-lo²⁷, concluindo que:

O testamento de João Ramalho existiu pois. A interpretação que se lhe deu é que foi falsa. Enquanto Frei Gaspar nele leu alguns noventa anos, o sobrinho de João Teixeira de Carvalho leu alguns setenta anos. A grafia tosca do tabelião permitia, sem dúvida, as duas traduções.

²⁴ Foram publicados apenas o título, o proêmio e o índice por Carlos Lopes de Matos, na **Revista Brasileira de Filosofia**, nº 85, janeiro de 1972. A descoberta desse manuscrito se deve a Wolfgang Kretz, sub-secretário da biblioteca do Mosteiro de São Bento em São Paulo, e a Bonifácio Jansen, bibliotecário do Mosteiro, segundo afirma Taunay (1941, p. 89-90). Foram publicados comentários sobre essa obra, com o título “Um inédito de Frei Gaspar”, por Afonso Taunay, na *Revista do IHGSP*, vol. 36, p. 7-19. O manuscrito encontra-se no Arquivo do Mosteiro de São Bento, de São Paulo.

²⁵ Esse manuscrito encontra-se na BNP, na seção de manuscritos reservados, cota COD. 11107, e na seção de microfilmes, F.R.1284.

²⁶ Cf. Cândido Mendes de Almeida, “João Ramalho, o bacharel de Cananéia, precedeu Colombo na descoberta da América?”, RIHGB, vol. 40, parte segunda, 1877, p. 277-364.

²⁷ Cf. Washington Luís, “O testamento de João Ramalho”, RIHGSP, vol. 9, 1904, p. 563-569.

Frei Gaspar também foi acusado por Cândido Mendes, em 1878, e por Moreira de Azevedo, em 1887, de ter forjado a aclamação de Amador Bueno da Ribeira como rei dos paulistas.

Taunay (1953, p. 21) ressalta que as acusações de Moreira de Azevedo são fundamentadas em um desencontro de informações, já que o que Frei Gaspar declara achar-se na folha 125 do arquivo da Câmara de São Vicente, ele mandou procurar na folha 125 de determinado livro do arquivo da Câmara de São Paulo. Taunay ainda acrescenta que teve “o prazer de publicar o documento em questão, cujo original se acha no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. É *ipsis verbis* o que Frei Gaspar transcreveu”.

Em relação ao seu estilo, Moisés (2001b, p. 171-172) destaca características que aproximam Frei Gaspar do conceito moderno de historiógrafo, como, por exemplo, a interpretação rigorosa dos fatos.

Frei Gaspar da Madre de Deus dedicou toda sua vida aos estudos históricos sobre sua terra natal, a Capitania de São Vicente, sendo considerado um dos maiores historiadores da Capitania, de acordo com Porchat (1993, p. 52). Tendo ocupado diversos cargos na Ordem beneditina, inclusive o de cronista-mor, e mantendo contato com o movimento academicista da época, produziu uma obra de prestígio e reconhecimento, dentre a qual se destacam as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*.

1.1.3 Manuel Cardoso de Abreu (1750-1804)

1.1.3.1 Biografia

Manuel Cardoso de Abreu nasceu em 1750, na freguesia de Ararituaba, atual Porto Feliz (interior do Estado de São Paulo), povoação então pertencente a Itu, conhecida como a vila das monções, pois de lá partiam as expedições fluviais que desciam o rio Tietê em direção a Cuiabá, no Mato Grosso. Primogênito dos dez filhos do português Domingos da Rocha de Abreu, natural de São Martinho do Outeiro, em Braga, que veio para São Paulo na primeira metade do século XVIII, estabelecendo-se posteriormente em Ararituaba, onde era considerado um dos cinco homens mais abastados, e da paulista Francisca Cardoso de Siqueira, Manuel Cardoso, auxiliando o pai nos negócios para Cuiabá, tomou parte nas

monções desde muito jovem, o que fez de 1765 a 1773, como relata em sua crônica *Divertimento Admirável*, de 1783.

Seus estudos foram feitos em São Paulo, onde recebeu instrução limitada, já que, segundo ele próprio confessa, não havia, como em Portugal, educação de boa qualidade:

(...) nem na freguesia de Ararituaba, de onde sou natural, nem nos sertões que pisei, que a minha obra refere, haviam escolas em que me pudesse instruir na ciência e melhor letra; (...) (ABREU, 1977, p. 59-60)

Depois de trabalhar nas monções por oito anos, passou a dedicar-se, conforme salienta Bruno (1977, p. 57), ao comércio de tropas de muares, que eram trazidas dos Campos de Curitiba para serem vendidas na Feira de Sorocaba. Em 1774, foi nomeado guarda-mor das jazidas de minérios da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga (SP) pelo então governador de São Paulo, o general Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão. Dois anos depois, em 1776, devido à sua prática de longas viagens pelo sertão, foi nomeado comandante de uma expedição encarregada de abastecer com mantimentos, munições e pagamento às tropas da guarnição o presídio de Iguatemi:

A distância que tem da barra do Rio Pardo para baixo até a barra do rio Iguatemi é de cinco dias de viagem, que tanto gastei no ano de 1776, quando fui ao mesmo presídio levar socorro e pagamento às tropas da sua guarnição, de mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo e Saldanha, que então era general em São Paulo. (ABREU, 1977, p. 79)

Em 4 de abril de 1777, devido ao bom resultado de sua missão no Iguatemi e por ocasião da marcha dos 6.000 homens, foi investido no cargo de feitor comissário do provimento das tropas que se organizaram em São Paulo para a defesa do Rio Grande do Sul, ameaçado de invasão pelas tropas castelhanas comandadas por D. Pedro Ceballos, em virtude da guerra entre Portugal e Espanha:

Das particularidades das povoações da capitania também muito conto porque tenho verdadeiro conhecimento delas, como nacional do país, e com especialidade das que se compreendem na estrada de Viamão, porque no ano de 1777 fui por elas, mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo de Saldanha, aprontar e pagar mantimentos, gado e cavalgadas para o transporte de 6.000 homens que foram de Minas Gerais para a Capitania de São Paulo em socorro do exército do Sul, na ocasião em que tomaram os espanhóis a ilha de Santa Catarina; (...) (ABREU, 1977, p. 87)

Desempenhada com êxito sua missão no sul do Brasil, Manuel Cardoso de Abreu voltou a exercer a função de tropeiro, comercializando com rebanhos de gado e tropas de muares que trazia do sul para vender no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Sob a acusação de desvio de diamantes, foi preso em 1779 na cadeia de São Paulo, conseguindo, através da revisão do processo na Relação do Rio de Janeiro, provar erro judiciário e, em 1785, sua inocência, além de conseguir do seu delator, Lourenço dos Reis Galvão, uma indenização por perdas e danos. Para Taunay (1925, p. 168), essa informação é representativa do caráter de Manuel Cardoso:

Homem muito inteligente, mas consumado velhaco, que estivera quatro anos preso sob a inculpação de contrabandista de diamantes, havendo no entanto conseguido que a Relação do Rio de Janeiro o inocentasse. Devorado de ambição, havendo obtido medíocre cargo burocrático, vivia a importunar os ministros portugueses com múltiplos pedidos de promoção.

Em princípios de 1784, regressando a São Paulo, sem recursos financeiros depois de sua prisão, aceitou o cargo de enfermeiro do Hospital Militar. Em março do mesmo ano, moveu um processo por injúria e calúnia contra o capitão-mor de Sorocaba, Cláudio de Madureira Calheiros, mas perdeu a causa²⁸.

Manteve-se solteiro até os 35 anos de idade, quando se casou, no dia 2 de dezembro de 1786, com Escolástica Maria Joaquina de Oliveira²⁹, com quem teve duas filhas, Maria e Francisca.

Em 1789, passou a ocupar o cargo de escriturário da Secretaria do Governo de São Paulo. Em 1792, foi promovido a oficial maior, cargo que desempenhou até o seu falecimento em São Paulo, a 14 de julho de 1804, com 54 anos de idade, vítima de congestão cerebral³⁰.

1.1.3.2 Bibliografia

Manuel Cardoso de Abreu escreveu o texto intitulado *Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso*, em 1783, enquanto esteve preso no Rio de Janeiro, e dedicou-a a Martinho de Mello Castro, então Secretário de Estado da Marinha e dos Domínios

²⁸ A esse respeito cf. **Anais do Museu Paulista**, tomo 2, 1925, p. 206-207.

²⁹ Cf. o livro de “Registros de Casamentos de Brancos e Livres (1782-1794) da Sé de São Paulo”, cota 01-02-16, fólio 108 verso, depositado no Arquivo Metropolitano de São Paulo.

³⁰ Cf. o livro de “Registros de Óbitos (1802-1810) da Sé de São Paulo”, cota 02-02-25, fólio 78 recto, depositado no Arquivo Metropolitano de São Paulo.

Ultramarinos. Eduardo Prado, encontrando em Lisboa o manuscrito original dessa obra, mandou-o copiar e ofereceu tal cópia ao IHGSP, em 1899³¹. Sua primeira publicação saiu em 1902, no volume 6 da RIHGSP, páginas 253 a 293. Mais tarde, em 1914, na RIHGB, volume 77 (parte segunda), páginas 125-156, sem declaração de procedência, e, em 1977, na coletânea de artigos sobre São Paulo colonial, *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804*, com introdução e notas de Ernani Silva Bruno, páginas 53 a 87.

Esse texto, considerado documento geográfico de interesse, relativo às viagens fluviais no século XVIII, é um registro das observações feitas por Manuel Cardoso de Abreu em suas viagens como sertanista às minas de Cuiabá e Mato Grosso, em que descreve a exuberância da fauna e da flora às margens do Tietê, as populações ribeirinhas, além dos perigos encontrados durante o percurso. O motivo que o levou a escrever tal texto foi

(...) satisfazer o desejo destes curiosos com as notícias de um dilatado sertão, como é o da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso, declarando todas as diversidades dos efeitos que nele encontraram, como são a produção das frutas, a criação das aves, animais quadrúpedes, os nomes dos rios da navegação, as nações dos gentios que habitam na sua extensão e, finalmente, tudo o mais que pode compreender a curiosidade das suas notícias, (...) (ABREU, 1977, p. 61)

Segundo Taunay (1924, p. 73), o *Divertimento Admirável* representa um dos primeiros relatos cronológicos da cidade paulistana e Manuel Cardoso de Abreu, com essa obra, o precursor dos guias da cidade de São Paulo no século XVIII, ou, como declara Bruno (1977, p. 9), “o repórter e o fotógrafo de uma vasta região, preocupado com o registro daquilo que observara em suas andanças, sem se descuidar das minúcias significativas”.

Além do *Divertimento Admirável*, única obra publicada de Manuel Cardoso, o oficial maior escreveu o manuscrito *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o ano de 1531 até o presente de 1796*. Essa obra, dedicada a Luís Pinto de Souza Coutinho, capitão-general em Mato Grosso entre 1769 e 1772, e elevado a visconde de Balsemão em 1801, que Manuel Cardoso de Abreu conhecera em Cuiabá, narra a história da Capitania de São Paulo, antes Capitania de São Vicente, com o objetivo de reabilitar o valor dos paulistas e defender a honra de São Paulo, segundo está exposto na introdução da obra.

O manuscrito dessa obra, de acordo com Taunay (1943, p. 52), foi dado de presente por Manuel Cardoso de Abreu ao visconde de Balsemão, que o anexou à sua biblioteca em

³¹ Não se sabe, até o momento, onde se encontra o manuscrito original do *Divertimento Admirável*, mas há dois apógrafos no IHGB, DL 50.2 (incompleto) e DL 50.3 (completo).

Lisboa. Devido à morte do visconde em 1804, sua antiga biblioteca se dispersou e a *Memória Histórica* foi comprada pelo barão de Rosário, João José do Rosário, que lhe deu uma encadernação e a incorporou à sua biblioteca no Brasil. Em 1915, depois da morte do barão, o manuscrito foi adquirido, por ordem de Altino Arantes, então secretário do Interior, para o Arquivo do Estado de São Paulo (TAUNAY, 1925, p. 229), onde se encontra até hoje, sob a cota E11571. A obra permaneceu em versão manuscrita até o ano de 2007, quando apresentamos uma edição semidiplomática em nossa dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo.

Capistrano de Abreu foi o primeiro a dar a notícia de que a *Memória Histórica* seria um plágio das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, em carta a Pandiá Calógeras, datada de 25 de outubro de 1916³². Mas foi Afonso d'Escragnolle Taunay que empreendeu uma investigação apurada da biografia de Manuel Cardoso, levando a cabo uma “campanha” em favor da “honra intelectual” de Frei Gaspar e de Pedro Taques.

Confrontando a *Memória Histórica* de Manuel Cardoso com as obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques, Taunay (1923, p. 238-239) chegou à conclusão de que a obra era realmente uma cópia das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, do frei beneditino e de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*, da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques. Conforme Taunay (1925, p. 223), o único parágrafo original seria uma reprodução de vários tópicos de seu *Divertimento Admirável*, quando enumera as igrejas e capelas de São Paulo. No entanto, Rodrigues (1979, p. 154) diz que também são originais os tópicos referentes “à paz de Holanda, à fundação da Colônia do Sacramento, aos descobrimentos das minas e à fundação da ouvidoria de São Paulo”.

Manuel Cardoso de Abreu também é considerado o autor do texto *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, publicado em 1861 na RIHGB, no volume 24, páginas 539 a 616. Esse texto gerou grande polêmica porque havia muito tempo que se cogitava encontrar o terceiro livro das *Memórias* de Frei Gaspar, prometido no final do segundo livro e reputado perdido. Entretanto, o historiador Afonso Taunay (1925, p. 173) verificou que o texto, oferecido ao Instituto pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, não era de Frei Gaspar e constituía-se da reunião de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques, e da “transcrição de diversos documentos do arquivo da Câmara de São

³² Cf. RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Vol. 1. RJ: MEC/ Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 400.

Paulo e uma lista de ouvidores de São Paulo, vários dos quais posteriores ao falecimento de frei Gaspar”, fato que não foi levado em conta pela redação da Revista.

Alfredo de Toledo, no dia 25 de maio de 1916, publica um artigo no jornal *Diário Popular*, intitulado “Um problema bibliográfico”³³, no qual declara que tal *Continuação das Memórias* não passava de uma cópia das 44 últimas folhas da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso, com a diferença de que a *Memória* apresenta uma lista dos 19 primeiros ouvidores de São Paulo, enquanto a *Continuação* refere os nomes de 24 . Considera-se que esse acréscimo de ouvidores à lista, que vai até os anos da Independência, foi feito por uma outra pessoa, um anônimo, porque, segundo Toledo, é bem posterior ao falecimento de Manuel Cardoso, “tanto que à [lista] dos primeiros ouvidores se acrescentou, entre outros, o nome de João de Medeiros Gomes, cuja posse data de 1823”. Terminada a lista de ouvidores, o texto traz o subtítulo “Notícias sobre a vinda dos primeiros governadores até o presente capitão general”, que na *Memória Histórica* intitula-se “Mostra-se a vinda do primeiro governo e os mais subseqüentes até o presente capitão general da capitania”, onde o autor declara ser oficial maior da secretaria do governo: “Não descrevi nada a respeito dos três generais primeiros antes do referido Rodrigo César porque nesta secretaria de São Paulo (onde sirvo de oficial-maior dela) não existem os livros de seus governos”³⁴, fato que levantou em Taunay a suspeita de que o texto era apócrifo.

Rodrigues (1979, p. 155) salienta que Sílvio Romero já havia denunciado que a *Continuação das Memórias* não era obra de Frei Gaspar, mas tinha por certo que o texto verdadeiro estivesse na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, devido à indicação, no “Catálogo da Exposição de História do Brasil” presente nos *Anais da Biblioteca Nacional*³⁵, abaixo da referência à edição *princeps* das *Memórias*, de que haveria ainda no arquivo da BN um manuscrito de 134 fólios com letra do século XVIII,

a esta indicação levou Sílvio Romero a declarar que encontrada fora a ‘continuação’ autêntica, ardentemente procurada, o terceiro livro das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* (...) sem que, contudo, haja cotejado o manuscrito com algum impresso da obra do cronista vicentino.

³³ Cf. TOLEDO, Alfredo de. “Um problema bibliográfico”. In: *Diário Popular*. São Paulo, 25 de maio de 1916.

³⁴ Cf. *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*. In: **RIHGB**, 1861, vol. 24, p. 582. Há na BN do Rio de Janeiro um manuscrito que traz o título *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, anexo ao livro das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, cota 09, 3, 008, mas a matéria é totalmente diferente da que foi publicada na *Revista do Instituto*. O manuscrito que realmente traz a matéria da *Continuação* encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cota DL 167.4.

³⁵ Cf. Catálogo da Exposição de História do Brasil. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. vol. 9. RJ: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1881, p. 471.

O manuscrito da Biblioteca Nacional pertenceu à coleção dos marqueses de Castelo Melhor, em cujo catálogo está mencionado sob o número 162 como *inédito e autógrafo*. (TAUNAY, 1925, p. 185-186).

Taunay (1954b, p.48) credita ainda a Manuel Cardoso uma cópia de trechos da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques, para a constituição de um volumoso códice referente à genealogia paulista, que foi localizado em Londres por Eduardo Prado,

que leu um anúncio da venda (...) de um manuscrito sobre esta matéria, obra de Manoel Cardoso de Abreu, e, procurando comunicar-se com a capital inglesa para efetuar a compra daquela preciosidade histórica, teve o desprazer de verificar que já tinha ela sido adquirida por pessoa desconhecida. (PIZA, 1902, p. 292)

Somando-se às outras duas acusações de cópia a informação de que, ao casar-se com Escolástica de Oliveira, declarou ao vigário que desconhecia os apelidos de seus avós maternos³⁶, Taunay (1925, p. 230) conclui que é plausível suspeitar que essa genealogia de Manuel Cardoso de Abreu seria um novo caso de apropriação textual.

Manuel Cardoso de Abreu ocupou cargos na Capitania de São Paulo que não tinham nenhuma relação direta com a prática da pesquisa e escrita historiográfica e tampouco era um estudioso da história da sua terra ou compartilhou com Pedro Taques e Frei Gaspar o mesmo nível de cultura, apesar disso escreveu um texto de relevância para o conhecimento da história colonial brasileira, fruto de suas expedições fluviais em direção às minas de Cuiabá e Mato Grosso, o *Divertimento Admirável*.

No início do século XX, outra obra foi encontrada com a sua firma, a *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, manuscrito que foi identificado por Capistrano de Abreu e Afonso Taunay como um plágio das obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques. Essa discussão em torno do plágio acabou por condicionar as considerações a respeito desse texto a esse tema, uma vez que classificar a *Memória Histórica* simplesmente como plágio é deixar de perceber nela outros sentidos, como, por exemplo, o processo de cópia e de intervenção de Manuel Cardoso de Abreu sobre suas fontes.

³⁶ Cf. o livro de “Registros de Casamentos de Brancos e Livres (1782-1794) da Sé de São Paulo”, cota 01-02-16, fólio 108 verso, depositado no Arquivo Metropolitano de São Paulo.

A partir das considerações biográficas e bibliográficas de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus e Manuel Cardoso de Abreu levantadas aqui, foi possível estabelecer uma reflexão sobre a época em que viveram, a relação que mantinham entre si e em sociedade e o seu nível de cultura, de modo que se compreendam os processos de modificação das fontes na elaboração da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*.

Em relação a Pedro Taques e Frei Gaspar, evidenciou-se que, muito mais pelos interesses históricos que compartilhavam, do que por serem parentes, mantiveram assídua comunicação, tinham elevada cultura, preocuparam-se com a pesquisa histórica, dedicaram suas vidas ao ofício de historiador e ocuparam cargos de destaque na sociedade em que viveram. Pedro Taques enfrentou problemas financeiros e jurídicos, escreveu obras extensas, das quais muitas foram perdidas, e teve sérios problemas de saúde, que o impossibilitaram de escrever de próprio punho seus textos. Frei Gaspar ocupou cargos de destaque na ordem dos beneditinos, da qual fazia parte, esteve ligado às academias de história no Brasil e em Portugal, como a Academia Brasileira do Renascidos, a Academia Real de História e a Academia Real de Ciências de Lisboa, e trabalhou intensamente até avançada idade. Manuel Cardoso de Abreu possuía instrução limitada, trabalhou desde menino nas monções, que partiam de sua cidade natal em direção ao Cuiabá, e, ao longo de sua vida, desempenhou diversos ofícios, como tropeiro, guarda-mor, feitor, enfermeiro, escriturário e oficial, foi preso pela acusação de desviar diamantes, esteve envolvido em um processo contra um capitão-mor, escreveu um relato das suas viagens ao sertão da capitania e não teve nenhum contato direto com Pedro Taques ou Frei Gaspar.

1.2 DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS³⁷

Trazer à tona um texto como a *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, que se configura como um problema autoral na historiografia brasileira, não pode limitar-se em recuperar a discussão sobre o plágio, mas analisar qual foi o processo de cópia e de intervenção de Manuel Cardoso de Abreu sobre suas fontes.

O desenvolvimento de uma argumentação que avalie as alterações inseridas em cada testemunho deve levar em conta um estudo aprofundado de todos os textos relacionados com a *Memória Histórica*. Desta forma, a análise filológica que orienta este trabalho justifica uma

³⁷ O termo testemunho corresponde a cada exemplar, manuscrito ou impresso, de um texto (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 19).

descrição objetiva, sistemática e abrangente de todos os testemunhos envolvidos em tal questão.

O manuscrito da *Memória Histórica* data de 1796, um ano antes da publicação das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, e muito tempo depois da composição de *História da Capitania de São Vicente*, *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* e *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, dado que nenhuma obra deste autor foi publicada em vida. Essas informações tornam evidente que, ainda que não se saiba quais teriam sido exatamente os testemunhos que serviram de fonte para a composição de seu texto, Manuel Cardoso recorreu aos manuscritos e não aos impressos de seus contemporâneos. Ainda assim, serão fornecidos neste capítulo todos os testemunhos das tradições manuscrita e impressa das obras que estão envolvidas nesse caso de apropriação textual, a saber:

De Pedro Taques de Almeida Paes Leme:

1. *História da Capitania de São Vicente* (p. 38/ 58);
2. *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas* (p. 42/ 62);
3. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* (p. 44/ 64).

De Frei Gaspar da Madre de Deus:

1. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* (p. 44/ 69).

De Manuel Cardoso de Abreu:

1. *Divertimento Admirável* (p. 53/ 78);
2. *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* (p. 54/ 81).

No caso dos manuscritos, a descrição a seguir partirá de um breve resumo dos textos, a que se seguirá uma sistematização dos testemunhos (cidade, sigla da instituição em que está depositado, cota) e a descrição material de cada um (localização, cota, título, datação, se é autógrafo ou apógrafo, história, formato, tinta, suporte, marcas d'água, encadernação, conservação, etc.); em relação aos impressos, serão consideradas a sistematização das edições (número da edição e ano), a ficha catalográfica e a descrição bibliográfica (número e ano da edição, responsável pela publicação, título, número de páginas, etc.).

1.2.1 Manuscritos

1.2.1.1 *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Terminada em 3 de janeiro de 1772, essa obra foi feita de encomenda por João de Faro e também dedicada a ele, como forma de defender os direitos de seu sobrinho, o Conde de Vimieiro, à posse da Capitania, disputada pelo Conde de Monsanto.

A obra trata da história da Capitania de São Vicente através da sua doação a Martim Afonso de Sousa e Pero Lopes, dos seus donatários, da posse ao Conde de Monsanto, da posse ao Conde da Ilha do Príncipe, da incorporação de São Vicente à Coroa e da descrição das cidades e vilas da capitania.

- Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 975.10 (completo)

O manuscrito DL 975.10, do IHGB, intitulado *Capitania de São Vicente Fundada por Martim Affonso de Souza em 1531 anos*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, é um apógrafo de meados do século XIX, que serviu de modelo para a versão impressa da obra, publicada em 1847 na Revista do Instituto. Um outro manuscrito apógrafo da mesma obra foi achado por Manoel de Araújo Porto-Alegre, em péssimo estado de conservação, que o copiou e comunicou tal fato a Paulino José Soares de Sousa, Visconde de Uruguai, que o ofereceu ao Instituto em 1845.

Compondo-se de 180 fólhos, numerados no recto e no verso a partir do segundo fólho, o manuscrito, escrito com tinta castanha ferrogálica, está em bom estado de conservação, apresentando apenas pequenas marcas de papirófagos e algumas manchas de umidade. No primeiro fólho encontra-se o título da obra – *Capitania de S. Vicente Fundada por Martim Affonso de Souza em 1531 anos*, em tinta castanha, e acima as inscrições: “179 – Gav. 27. Publicado na Revista. Lagos, 103, Tomo 2º da 2ª Série”, à tinta, e “tomo IX, p. 326”, a lápis.

As folhas são de papel de trapo e medem 31 cm por 21 cm, apresentando 9 pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,3 cm entre si, vergaturas horizontais de 1mm e uma marca d'água representada por um galo cantando com uma perna levantada.

Há vestígios de uma encadernação, mas a capa não existe mais, apenas a tranchefila e os fios que ligam os cadernos. O conjunto fica guardado dentro de duas pastas: a primeira de cartão cinza, com um carimbo do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 2,2 cm por 3,1 cm, a que se segue a cota “DL 975.10”, a lápis azul; a segunda pasta, de folha branca fina com o mesmo carimbo e a inscrição “DL 36.8”. Entre a pasta branca e a primeira folha do manuscrito, há um cartão de 9,2 cm por 14 cm, sobre o qual se encontra colado um pedaço de folha bege, manuscrita com a inscrição “Capitania de São Vicente fundada por Martim Afonso de Souza em 1531, memoria escrita por Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Arch. Lata 11 nº 709⁸. ~~Mem. Nº 922~~”, à tinta castanha, e “F. 90. Lata 36 – Doc. 8”, a lápis. Há também um carimbo oval do IHGB de 2,2 cm por 3,1 cm.

- Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 975.20 (fragmento)

O manuscrito sob a cota DL 975.20, do IHGB, é uma cópia fragmentária da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Escrito com punho diferente do manuscrito DL 975.10, em letra do século XVIII, não apresenta título, apenas as seguintes informações à tinta castanha, em letra do século XIX, na primeira folha: “Parte do original da Historia da Capitania de São Vicente, por Pedro Taques – (Impresso). Contém desde a pag. 317 do Tom. 9º (2º da 2ª Série) da Revista, até 328 e de 445 a 476 com a mesma data de 3 de janeiro de 1772”. Há a indicação de que essa inscrição foi feita por Francisco Adolfo de Varnhagen e de que o manuscrito DL 975.20 é cópia do DL 975.10, a partir da página 107³⁸.

Composto de 8 fólhos numerados a lápis apenas no lado recto, o manuscrito, escrito em papel de trapo espesso, de coloração bege escura, com tinta castanha corrosiva, está em

³⁸ As letras dos manuscritos divergem de tal informação, uma vez que a letra do ms. DL 975.10 se aproxima mais do século XIX, enquanto a do ms. DL 975.20, do século XVIII.

regular estado de conservação, apresentando muitas marcas de papirófagos, principalmente em volta das folhas e também no centro dos últimos fólhos, onde houve perda de informação, além de manchas provocadas por umidade e por excesso de tinta.

O primeiro fólho possui 31,5 cm por 21,5 cm, com sete pontuais de 2,5 cm entre si, dispostos verticalmente, vergaturas horizontais de 1 mm e uma marca d'água Gior Magnani, correspondente a um brasão com uma águia coroada no centro, enquanto os demais fólhos medem 34,2 cm por 22 cm e possuem oito pontuais verticais de 2,5 cm entre si e duas marcas d'água de difícil identificação, por causa da espessura do papel e também da marca escura na mancha do texto provocada pela tinta.

O manuscrito não está encadernado e nem há vestígios de uma encadernação anterior. As folhas estão ligadas por um único fio central, mas há indícios de que anteriormente estavam ligadas por dois fios laterais. O conjunto é protegido por uma pasta ocre, impressa com as seguintes inscrições: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Arquivo. Coleção___ Resumo___ Lata 975. Pasta 20”, a que se segue uma pasta de papel branco sem inscrição alguma. Entre as pastas há um cartão, que mede 8,4 cm por 13,5 cm, sobre o qual se encontra uma folha bege colada, com a seguinte inscrição manuscrita à tinta castanha, letra do século XIX: “Parte do original da historia da capitania de São Vicente, por Pedro Taques. Fls. 8. (1772). Arch. ~~L/3~~ mss. ~~8/9~~ Menor p N° 689”, e um carimbo do IHGB, medindo 2,2 cm por 3,1 cm.

- Rio de Janeiro, BN, Cota I-30, 24, 1 (adaptação)

Esse manuscrito, apesar de ser identificado como sendo a *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques, não passa de uma adaptação da obra, um texto que se utiliza de muitas de suas informações.

O manuscrito está em ótimo estado de conservação e é composto por 10 fólios, dos quais 7 são escritos em frente e verso, com exceção do último fólio, escrito somente no lado recto, e os outros 3 estão em branco. Os fólios não são numerados e estão agrupados em 5 bifólios, um dentro do outro, formando um caderno.

Escrito em letra do século XVIII, com uma tinta ferrogálica castanha, o manuscrito não traz o título da obra, tampouco o nome do autor, e já começa com o texto em andamento, com um “parágrafo 1º”. O primeiro fólio apresenta um carimbo redondo da “Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, de 1,7 cm de diâmetro, abaixo do qual há a inscrição “R.6/ 1980”, à tinta azul, e “I-10-13 [13ª]”, a lápis.

O manuscrito tem como suporte papel de trapo espesso, de boa qualidade, medindo 33,2 cm por 22 cm, com vergaturas horizontais de 1mm e pontusais que não aparecem na folha, e duas marcas d’água: uma ave com duas cabeças, sobre as quais há uma grande coroa e, em suas patas, dois círculos, um representando o sol e o outro uma espécie de globo, e outra marca representada pelas letras “AP”.

Não há uma encadernação e, como os fólios não estão costurados, foram acondicionados dentro de uma pasta branca de papel, com o seguinte impresso: “DIVISÃO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADA/ SEÇÃO DE MANUSCRITOS/ BIBLIOTECA NACIONAL”. Além disso, essa pasta traz a identificação do manuscrito desta forma: “I-30, 24, 1/ R6/ 1980; Leme, Pedro Taques de Almeida Pais/ História da Capitania de São Vicente desde a sua fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531. Arraial do Pilar, 15 dez. 1753”, à caneta esferográfica azul, e “I-30, 24, 1”, a lápis.

1.2.1.2 *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Essa obra, de 1768, trata das disputas entre paulistas e jesuítas pelo controle da mão-de-obra indígena, que culminou na expulsão destes últimos do Colégio de São Paulo, em 1649.

- Lisboa, ANTT, Coleção Manuscritos do Brasil, Número 48

O manuscrito intitulado *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo da Capitania de São Vicente em treze de julho de 1649*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, pertencente ao ANTT, junta-se a outros documentos sobre o Brasil no livro nº 48 da coleção Manuscritos do Brasil, entre os fólios 128 e 149.

Compondo-se de 54 fólios escritos em frente e verso, com exceção do primeiro fólio, escrito apenas na frente, e numerados a lápis no lado recto, o manuscrito constitui-se como uma cópia completa, com algumas notas inseridas pelo copista, em letra do século XVIII, mas sem indicação explícita de datação.

O suporte é em papel de trapo de coloração bege-escuro. É um papel de textura espessa e de boa qualidade, que apresenta, em média, 8 pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,6 cm entre si, e vergaturas horizontais com 1 mm. As folhas medem 31,7 cm por 21,7 cm, algumas estão rasgadas nas aparas e todas apresentam marcas d'água de dois tipos: a inscrição AL MASSO ou um brasão acompanhado da sigla GM, de Gior Magnani.

O códice encontra-se em ótimo estado de conservação. Foi escrito com tinta ferrogálica castanho-escuro e apresenta algumas rasuras e emendas.

A encadernação, que está bem deteriorada, é composta de pastas de cartão cobertas por um papel decorado com desenhos floridos, medindo 32,7 cm por 23 cm. Ao pé da lombada, que mede 32,7 cm por 2,8 cm, há uma etiqueta adesiva de 2,4 cm por 2,1 cm com o número 48 impresso.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda de papel da mesma qualidade do utilizado na escrita dos textos, que se encontram no início e no fim do códice. A guarda inicial colada à capa traz a inscrição manuscrita a lápis “48. Manuscritos do Brasil”. As guardas finais trazem as inscrições, à tinta castanha, “Autto de Manoel Alvarez da [Neiva] Guarda Mor [de Xipetim]. Ioaõ Teixeira” e “Derame este mss. em Coimbra que o tinha o Ill^{mo} Reitor do Collegio Episcopal Vicente [Pereira] de [riscado]. T^o [Gregorio] Nunes Cardoso”.

Em todo códice aparece apenas um tipo de carimbo: oval, de 1,2 cm por 2,2 cm, do “Arquivo Nacional da Torre do Tombo”.

A partir da lombada deteriorada, é possível observar que há três nervos que ligam os dezessete cadernos do códice. Cada caderno é composto por cinco bifólios.

- Rio de Janeiro, IHGB, DL 42. 17

O documento não pode ser consultado devido ao seu péssimo estado de conservação.

Na ficha catalográfica há a indicação de que o manuscrito possui 17 fólhos, o que seria muito pouco dado o volume da obra.

De acordo com Taunay ([1929], p. 21-22), o manuscrito da *Notícia Histórica* conservado no IHGB é uma cópia que foi oferecida ao Instituto em julho de 1848, por Manuel de Araújo Porto Alegre, que o havia copiado do original existente na biblioteca do Convento de São Francisco do Rio de Janeiro, embora Blake (1970, p. 71) afirme que o original encontrava-se na biblioteca do Convento de Santo Antônio, também no Rio de Janeiro.

1.2.1.3 *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Foi realizada uma pesquisa em arquivos e bibliotecas em São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa, inclusive no IHGB, em cuja revista foi realizada a primeira publicação da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, no entanto, os manuscritos não foram localizados.

1.2.1.4 *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus

Nessa obra, Frei Gaspar celebra Martin Afonso de Sousa como um herói, põe em destaque a nobreza e o valor dos primeiros povoadores de São Vicente, cujas raízes se encontram na mistura do sangue dos mais ilustres portugueses e indígenas, como João Ramalho e Tibiriçá, descreve as expedições paulistas, que fundamentaram a expansão territorial da Capitania de São Vicente, trata da aclamação de Amador Bueno, dos limites entre as capitanias de São Vicente e de Santo Amaro e da questão judiciária entre Monsanto e Vimieiro. Seu objetivo maior é recontar a história do Brasil e, mais especificamente, da Capitania de São Vicente, sob um ponto de vista crítico, de modo a corrigir a história até então contada.

- Lisboa, AC, Série Manuscrito Azul, número 1751

Segundo Taunay (1925, p. 227), “Frei Gaspar possuía diversas cópias das ‘Memórias’”, sendo que uma delas estaria em Portugal. Essa cópia, que se encontra em Lisboa, no acervo da AC, sob a cota nº 1751 da Série Azul, é o testemunho autógrafo que serviu como modelo para a versão impressa da obra *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, hoje chamada de *São Paulo do Estado do Brasil*. Tal manuscrito, provavelmente terminado em 1786, datação inscrita no primeiro fôlio da obra, chegou em

Lisboa em 1795, para ser impresso pela Academia de Ciências, pelas mãos de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, amigo de Frei Gaspar.

Foram enviados os manuscritos dos dois primeiros livros da obra então intitulada *Fundação da Capitania de São Vicente e acçoens de Martim Affonso de Souza no Brazil*, que foi analisada pelos membros da Academia e aprovada para publicação com a condição de que fossem feitas algumas modificações formais, como a mudança do título original para *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*; o deslocamento dos parágrafos 13 e 14 para notas fora do corpo do texto; a omissão ou mudança de adjetivos como “doutissimo” e “erudito”, referentes a alguns autores, entre eles o Padre Santa Maria; a substituição do adjetivo “novatos” dado aos portugueses recém chegados ao Brasil; a substituição da palavra “bugres” ou a explicação do seu significado, porque “não hé termo geralmente adoptado na Lingua Portuguesa, e sendo talvez particular do Brazil, fará a Oração escura não sendo explicado”³⁹, e a correção de todas as frases em que o verbo *haver impessoal* apareça no plural, como, por exemplo, “Contendas que *ouverão*” para “Contendas que *ouve*”.

As alterações deveriam ser comunicadas a Frei Gaspar para obterem sua aprovação: “O que participo a V. mce remetendo lhe o M. S. para que se digne comunicarme a sua ultima resolução, ou a do A. da Obra, cazo que elle haja de ser ouvido nesta materia”.⁴⁰ No entanto, não há informações que indiquem como se deu tal comunicação, se é que ela realmente aconteceu. O que se pode afirmar é que o manuscrito original foi alterado por Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o responsável pelo manuscrito junto à Academia de Ciências⁴¹ e a obra foi publicada em 1797.

O códice, que está em ótimo estado de conservação, é composto por 299 fólios escritos em frente e verso, com exceção do primeiro, escrito somente no lado recto, e do último fólio, em branco. O primeiro fólio, que é o frontispício da obra, foi escrito por um punho diferente do punho do restante da obra, em uma letra provavelmente do início do século XX, com uma tinta preta de caneta tinteiro. Além do título da obra e do nome do autor, esse fólio apresenta um carimbo da Biblioteca da Academia Real das Ciências de Lisboa, com 3 cm por 2,4 cm, e a inscrição “(Publ. pela Acad^a em 1797)”. Esse e o último fólio apresentam as mesmas características em relação ao papel: coloração bege-clara, diferente da do papel que contém a

³⁹ STOCKLER, Francisco de Borja Garção. Parecer sobre a obra de Frei Gaspar. **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, São Paulo, Tipografia da Companhia Industrial de São Paulo, 1896, vol. IV, p. 25. (Parecer do vice-presidente da Academia Real de Ciência de Lisboa enviado a Diogo de Toledo Lara e Ordonhes em 23 de fevereiro de 1796). Também há trechos desse parecer no tomo 2 dos **Anais do Museu Paulista**, 1925, à página 167.

⁴⁰ Ibidem, p. 26.

⁴¹ As alterações inseridas no texto foram feitas pelo punho de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o que se comprovou pelo confronto da letra das alterações com a letra de seus manuscritos.

obra, melhor conservado, com sete pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,8 cm entre si, vergaturas de 1 mm e duas marcas d'água: "ALMASSO" e "PRADO".

Os fólhos manuscritos por Frei Gaspar são todos numerados de 1 a 297 nos lados recto e verso. São folhas que medem 31 cm por 20,5 cm, compostas de um papel espesso, de boa qualidade, coloração amarelada e com manchas castanhas provocadas pela ação do tempo. Nos lugares em que houve deterioração do papel, especialmente nas aparas, houve a recuperação dos fólhos por adição de polpa de papel. As folhas apresentam oito pontusais dispostos verticalmente, medindo 2,9 cm entre si, vergaturas de 1 mm e dois tipos de marca d'água: a inscrição "PORRATA" e um escudo de difícil visualização, com a sigla "GAP".

A obra foi escrita com tinta castanha ferrogálica, em alguns fólhos mais clara que em outros. A mancha do texto foi delimitada a lápis em alguns fólhos e contém em média 28 linhas. As margens, que aparecem geralmente junto à costura do códice, medem 3,5 cm e foram delimitadas através de uma dobradura a partir das dobras.

Esse manuscrito apresenta muitas rasuras e emendas, pois, como explicitado acima, a Academia pediu que se fizessem alterações para a publicação da obra. O que se percebe é que o manuscrito das *Memórias* e as rasuras e emendas foram feitos por punhos diferentes.

Dentro do códice algumas folhas se destacam do conjunto por ter uma qualidade diferente das outras, apresentando as marcas d'água: "ALMASSO" e um brasão com uma águia no centro e a inscrição "GIOR MAGNANI", e por sua coloração levemente esverdeada. São os fólhos 167 a 174, que, além disso, apresentam punho diferente do das *Memórias*, o mesmo punho que fez as rasuras e emendas, ou seja, esses fólhos foram escritos por Diogo de Toledo Lara e Ordonhes.

A encadernação do códice, posterior a sua realização, provavelmente de meados do século XX, é composta de pastas de cartão que medem 31 cm por 21,5 cm e são cobertas por dois tipos de papel: um papel fino e branco e sobre esse um papel marmoreado em tons de castanho e bege. Na lombada, que mede 31 cm por 3,4 cm, além de uma etiqueta adesiva branca com moldura azul quase ao pé, de 2,4 cm por 3 cm, que traz a cota do códice, "1751", há um rótulo vermelho com filetes dourados, onde se encontram o título da obra e o nome do autor em letras capitais douradas, que é um indício de que havia uma encadernação anterior, provavelmente de fins do século XIX ou início do XX, que foi substituída pela atual. É possível observar que há seis nervos que ligam os quinze cadernos do códice.

O interior das pastas é recoberto pelos mesmos papéis da capa, além das folhas de guarda. As guardas iniciais e as guardas finais constituem bifólios que, a um lado, são colocados nas pastas. São folhas muito finas, de papel pardo de má qualidade, com a marca d'água “C.SKP&C^A”. As guardas finais não possuem nenhuma inscrição, diferentemente das guardas iniciais, que trazem um carimbo com a palavra “Manuscritos”, uma etiqueta adesiva branca com moldura azul, igual a da lombada, com a cota “1751”, e as inscrições a lápis: “Origem 32” e “Já impressa”, a que se segue uma frase ilegível.

- Lisboa, ANTT, Coleção Manuscritos do Brasil, número 48 (fragmento)

O manuscrito intitulado *Fundação da Capitania de S. Vicente, e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, pertencente ao ANTT, junta-se a outros documentos sobre o Brasil no livro nº 48 da coleção Manuscritos do Brasil, entre os fólhos 1 e 35.

Compondo-se de apenas 35 fólhos escritos em frente e verso, com exceção do último fólho, e numerados a lápis apenas no lado recto, o manuscrito constitui-se como uma cópia incompleta, em letra do século XVIII, mas sem indicação de datação.

O suporte é em papel de trapo de coloração bege-escura. É um papel de textura espessa e de boa qualidade, que apresenta, em média, oito pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,6 cm entre si, e vergaturas horizontais com 1 mm. As folhas medem 31,7 cm por 21,7 cm e apresentam marcas d'água de dois tipos: a inscrição AL MASSO ou um brasão acompanhado da sigla GM, de Gior Magnani.

O manuscrito encontra-se em ótimo estado de conservação, apresentando apenas pequenas marcas de papirófagos. Foi escrito com tinta ferrogálica castanho-escura, em uma letra bem cuidada, que no fim do manuscrito vai ficando menor e relaxada. Apresenta algumas rasuras e emendas, além de algumas inscrições tardias a lápis.

A encadernação, que está bem deteriorada, é composta de pastas de cartão cobertas por um papel decorado com desenhos floridos, medindo 32,7 cm por 23 cm. Ao pé da lombada, que mede 32,7 cm por 2,8 cm, há uma etiqueta adesiva de 2,4 cm por 2,1 cm com o número 48 impresso.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda de papel da mesma qualidade do utilizado na escrita dos textos, que se encontram no início e no fim do códice. A guarda inicial colada à capa traz a inscrição manuscrita a lápis “48. Manuscritos do Brasil”. As guardas finais trazem as inscrições, à tinta castanha, “Autto de Manoel Alvarez da [Neiva] Guarda Mor [de Xipetim]. Ioaõ Teixeira” e “Derame este mss. em Coimbra que o tinha o Ill^{mo} Reitor do Collegio Episcopal Vicente [Pereira] de [riscado]. T^o [Gregorio] Nunes Cardoso”.

Em todo códice aparece apenas um tipo de carimbo: oval, de 1,2 cm por 2,2 cm, do “Arquivo Nacional da Torre do Tombo”.

A partir da lombada deteriorada, é possível observar que há três nervos que ligam os dezessete cadernos do códice. Cada caderno é composto por cinco bifólios.

- Rio de Janeiro, BN, Cota 09, 03, 008

O códice 09, 03, 008 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob o título *Fundação da Capitania de São Vicente e acções de Martim Affonso de Souza no Brazil*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, é um manuscrito apógrafo, em letra do século XVIII, sem indicação de datação ou de autoria⁴², e que pertenceu à coleção da biblioteca dos marqueses de Castelo Melhor⁴³.

⁴² Embora haja no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a indicação de que o manuscrito seria de 1794.

⁴³ O manuscrito está indicado no número 162 do **Catálogo dos preciosos manuscritos da biblioteca da casa dos Marqueses de Castelo Melhor**. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1878, p. 29. Esse catálogo foi preparado para a venda pública da coleção dos marqueses, realizada no início do ano de 1879,

O manuscrito compõe-se de 270 fólhos escritos em frente e verso, com exceção do primeiro e do último. Não há numeração dos fólhos e nem reclames ou qualquer outro sistema que permita acompanhar a sequência do texto. A dimensão das folhas é de 33,5 cm por 21,6 cm. O suporte é composto de papel de trapo de coloração bege-escura, quase castanha. É um papel de textura espessa e de boa qualidade, que apresenta, em média, oito pontusais dispostos verticalmente na folha, medindo 2,6 cm entre si, e vergaturas horizontais com 1 mm. As marcas d'água são de dois tipos: somente a inscrição HCWend & Zoonen e um brasão com uma árvore no topo acompanhado da inscrição HCW & Zoonen, que identificam o papel como proveniente da Holanda.

O códice encontra-se em ótimo estado de conservação, não apresentando defeitos no papel ou marcas de papirófagos. Há apenas algumas pequenas manchas esbranquiçadas e castanhas provocadas pela ação do tempo.

Percebe-se que, para delimitar a largura da mancha do texto, foi feita uma dobradura à mão, da dobra do caderno em direção ao centro da folha. Desse modo, as margens próximas à dobra do livro possuem 5,3 cm, enquanto a mancha possui 28 cm por 16,6 cm, ocupadas por 32 linhas, com exceção do primeiro e do último fólho, com 30 e 28 linhas, respectivamente.

O manuscrito foi escrito com uma tinta ferrogálica castanho-escura.

No corpo do manuscrito não há nenhuma datação, nem a autoria da obra. No entanto, no primeiro fólho escrito, encontra-se solto um pedaço de papel liso, bege, medindo 10,1 cm

em Lisboa. Dessa forma, infere-se que o manuscrito de Frei Gaspar foi adquirido a essa época pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

por 13,4 cm, com a seguinte inscrição à tinta castanho-escuro e de punho diferente do manuscrito: “nº 412. Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo do Estado do Brazil. Publicadas de ordem da Acad. R. de Sciencias. Por Fr. Gaspar da Madre de Deos. Lisboa, na Typ. da mesma Academia 1794. (sic) f. in 8º”. A que se segue um carimbo oval da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Seção de Manuscritos. No verso desse pedaço de papel há uma marcação pequena do escudo imperial de Dom Pedro II, o que indica que essa inscrição é bem posterior à escrita do manuscrito.

O códice possui uma encadernação provavelmente tardia, feita em cartão coberto por um papel marmoreado nas cores marrom e bege, medindo 36 cm por 22,2 cm. A lombada, que mede 36 cm por 4 cm, é arredondada, forrada em pele azul marinho e composta de seis nervos falsos e de cinco entrenervuras. Na primeira, terceira e quinta entrenervuras há um símbolo arredondado em dourado; na segunda, em letra capital dourada, o nome do autor e o título da obra: “Madre de Deus. Fundação da Capitania de S. Vicente”; na quarta, também em letra capital dourada, há a inscrição “MSC”; na quinta e última entrenervuras, abaixo do símbolo arredondado, há uma etiqueta adesiva branca com a cota da BN escrita à mão, com caneta esferográfica azul: “09, 3. 008”. Sob essa etiqueta, há uma outra mais antiga, que provavelmente trazia uma cota anterior. Também há uma etiqueta como essa ao pé da capa, próxima à lombada.

O interior das pastas é recoberto por fólios de guarda de papel marmoreado nas cores marrom e azul, que se encontram no início e no fim do códice. Essas guardas constituem folhas dobradas em dois e coladas por um lado no interior da capa e, pelo outro, à guarda

seguinte, de papel amarelado. As outras guardas são duas de um papel amarelado bem mais fino que as do manuscrito e de má qualidade.

Na guarda que está colada à capa há duas etiquetas da Biblioteca Nacional, uma sobre a outra, medindo 6 cm por 5,3 cm, com as inscrições: “I -5-3-Nº 9” (a superior) e “Cod DCXLII/ 28-15” (a inferior). Na primeira guarda amarelada há a inscrição “Cod. DCXLII/ 28-15”; na segunda, “Nº 5,540 do C.E.H.B. Coll. Castello Melhor. Nº 162 do Cat. Castello Melhor”.

Em todo códice aparecem dois tipos de carimbo: um oval, de 2 cm por 3,4 cm, da Biblioteca Nacional Rio de Janeiro – Seção de Manuscritos, e um outro redondo, com 1,7 cm de diâmetro, também da Biblioteca Nacional.

É possível observar, a partir das dobras, que há seis nervos que ligam todos os doze cadernos do códice. Cada caderno é composto por cinco bifólios.

De dentro do livro sai uma fita de tecido branco em cuja ponta há uma etiqueta retangular de papel branco com as inscrições: “BN Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional”, “Indicação de catálogo: 09-03-008” e “Microfilme: __ para localização na estante da BN”.

Anexo ao manuscrito da *Fundação da Capitania de São Vicente*, ao final do livro, há um texto de 26 fólios não costurados e separados da encadernação, que traz, no primeiro fólio, a seguinte inscrição, a lápis: “Livro III das Memorias de S. Vicente de Fr. G. da Madre de Deus./ ~~H-35.26.7.6~~ removido para 9, 3, 8”.

O texto desse códice da Biblioteca Nacional é um texto limpo, com pouquíssimas emendas, escrito por apenas um punho.

1.2.1.5 *Divertimento Admirável*, de Manuel Cardoso de Abreu

A crônica intitulada *Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso*, foi escrita por Manuel Cardoso de Abreu em 1783, enquanto esteve preso no Rio de Janeiro. Essa obra, dedicada a Martinho de Mello Castro, então Secretário de Estado da Marinha e dos Domínios Ultramarinos, é um relato das viagens fluviais para as minas de Cuiabá e Mato Grosso feitas por Manuel Cardoso de Abreu, que descreve a fauna e a flora às margens do Tietê, as populações ribeirinhas e os perigos encontrados durante o percurso.

O manuscrito original do *Divertimento Admirável* foi encontrado por Eduardo Prado em Lisboa, que fez uma cópia e a ofereceu ao IHGSP, em 1899. Tal manuscrito não foi encontrado.

- Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 50. 2 (incompleto)

Esse manuscrito, pertencente ao IHGB, cota DL 50. 2, apresenta um texto incompleto do *Divertimento Admirável*, constando de 15 fólios escritos em frente e verso, com exceção do primeiro e último fólios, os quais estão em branco.

O manuscrito não é encadernado, mas está protegido por duas pastas de papel: uma pasta de cartão ocre, com inscrições impressas e manuscritas que identificam a instituição e o manuscrito: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/ Arquivo/ Coleção Instituto Histórico/ Resumo: Divertimento Admirável para os Historiadores Curiosos observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso por um Sertanista Paulista. (Ano 1783) 15 fls./ REV. IHGB, 1914, v. 130, p. 125. Lata 50. Pasta 2”. A pasta que está em contato com o manuscrito é branca e de um papel mais fino que o cartão, sem nenhuma inscrição. Entre esta pasta e o manuscrito há uma folha de papel sulfite em que há um pequeno cartão colado, com as seguintes inscrições: “Lata 50 doc. 2”, a lápis, e “Divertimento admiravel para os istoriadores curiozos observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuiabá e Mato grosso por um sertanista paulista. Arch. ~~Lata 15~~ nº 988/ ~~Memor.~~ Nº 233”, à tinta. Há também nesse cartão um carimbo do IHGB.

Escrito em letra do século XIX, com tinta ferrogálica castanha, sobre papel de trapo, que possui como marcas d’água a inscrição Wend & Zoonen e a inscrição HCW e Zoonen dentro de um brasão com uma árvore no topo, o manuscrito está em ótimo estado de conservação.

- Rio de Janeiro, IHGB, Cota DL 50. 3 (completo)

O manuscrito DL 50. 3 do IHGB, em letra do século XIX, diferente da do manuscrito DL 50. 2, possui 28 fólios escritos em frente e verso e numerados a lápis a partir do segundo fólio. Está em ótimo estado de conservação, apresentando apenas algumas pequenas marcas de papirófagos.

O conjunto de fólhos não está encadernado, mas encontra-se protegido por duas pastas: uma de papel cartão ocre, com estas inscrições impressas e manuscritas: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/ Arquivo/ Coleção Instituto Histórico/ Resumo: Divertimento Admirável para os Historiadores curiosos observarem as máquinas do mundo nos sertões da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso 1783 (28 fls). Rev. IHGB vol. 130 Tomo 77(PT. 2) ANO 1914 p. 125/ Lata 50/ Pasta 3”. A pasta que está em contato com o manuscrito é branca e de um papel mais fino que o cartão, sem nenhuma inscrição.

Usou-se como suporte de escrita o papel de trapo, que apresenta dois tipos de marcas d’água: a imagem de um touro com a inscrição “OVARTINO” e a imagem de um cavaleiro montado em seu cavalo.

1.2.1.6 *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu

Essa obra, dedicada a Luiz Pinto de Souza Coutinho, capitão-general em Mato Grosso entre 1769 e 1772, e elevado a visconde de Balsemão em 1801, narra a história da Capitania de São Paulo, com o objetivo de reabilitar o valor dos paulistas e defender a honra de São Paulo.

- São Paulo, AE, Cota E11571⁴⁴

⁴⁴ A descrição codicológica apresentada a seguir é uma adaptação do capítulo “Descrição do códice E11571” da dissertação de mestrado da autora desta tese (COSTA, 2007, p. 44-59).

O códice E11571 do AESP é um manuscrito autógrafo intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, de Manuel Cardoso de Abreu.

O manuscrito foi dado de presente por Manuel Cardoso ao visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, a quem a obra foi dedicada, que o anexou à sua biblioteca em Lisboa. Alguns anos depois, foi comprado pelo barão de Rosário, João José do Rosário, em Portugal, “ao se dispersar a antiga biblioteca do Visconde de Balsemão” (TAUNAY, 1943, p. 52) devido à sua morte em 1804. Assim, a obra voltou ao Brasil, com uma boa encadernação e em ótimo estado de conservação, sendo incorporado à biblioteca do barão. Segundo Taunay (1925, p. 229), depois da morte do barão de Rosário o manuscrito foi adquirido, em 1915, por ordem de Altino Arantes, então secretário do Interior, para o Arquivo do Estado de São Paulo, onde se encontra até hoje sob a cota E11571. A obra permaneceu em versão manuscrita até o ano de 2007, quando apresentamos sua edição semidiplomática em nossa dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo.

O códice esteve em exposição pública em duas ocasiões: em 1925, no Museu Paulista, e em 1954, na Exposição Histórica do Ibirapuera, comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, conforme informa Amaral (1974, p. 98-99):

(...) o Departamento do Arquivo, atendendo a pedido da “Comissão do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo”, selecionou e cedeu, para a Exposição Histórica do Ibirapuera, o seguinte material: (...) Original de uma ‘memória’ de Manuel Cardoso de Abreu; (...)

Esse manuscrito compõe-se de 163 fólios escritos em frente e verso, com exceção da folha de rosto e do fólio final. Embora escritas nos dois lados, as folhas são numeradas apenas no recto, no canto superior da margem direita. Sua dimensão é de 30 cm por 21 cm. O suporte é composto de papel de trapo de coloração amarelada, quase castanha. É um papel de textura espessa e de ótima qualidade. As folhas de guarda, mais escuras que as folhas internas e de menor qualidade, são pouco maleáveis e quebradiças, devido provavelmente ao processo de acidificação sofrido pelo suporte, fato que ocasionou a soltura da primeira guarda.

É possível encontrar nos fólios 158 e 159 defeitos no papel. Parecem marcas de pequenas sementes de algodão que, ao serem retiradas de onde estavam, em data posterior à da escritura do texto, foram substituídas por polpa de papel, a que se seguiu a reconstituição das palavras anteriormente escritas, à tinta preta, o que contrasta com a tinta castanha do texto.

O primeiro fólio escrito, o qual contém o título da obra, a dedicatória e o nome do autor, é um papel de coloração mais escura que os demais, colado próximo à lombada por uma fina tira de papel, além de ser escrito à tinta preta por outro punho. Além disso, apresenta um carimbo oval de cor rosada, medindo 1,4 cm por 2,7 cm, com a inscrição “Rosário”, indicativo de que o códice pertenceu à biblioteca do barão de Rosário.

O códice em si está em ótimo estado de conservação, apresentando somente pequenas marcas de corrosão causadas por papirófagos no miolo do livro, quase ao pé. Percebe-se que o códice, ao longo de todos esses anos, não foi muito manuseado, já que não apresenta marcas de deterioração características desse processo.

As margens direita e esquerda são marcadas a lápis sempre nos fólhos rectos e não há delimitação a lápis das margens superior e inferior. A mancha do texto tem dimensão variável entre 29 cm e 29,5 cm por 13,2 cm e 15,5 cm, ocupadas, em média, por 26 linhas, com exceção do primeiro e do último fólio, com 15 e 20 linhas, respectivamente. Próximo ao traçado das margens esquerda e direita há, em alguns fólhos, minúsculos piques equidistantes a fim de guiar os traços de justificação.

O texto foi escrito em tinta ferrogálica castanho-escura.

No códice, os fólhos de guarda possuem, em sua maioria, dez pontusais dispostos horizontalmente na folha, medindo 3,2 cm entre si, vergaturas verticais com 1 mm, e as marcas d'água de dois tipos: um brasão acompanhado da sigla “JGL” e uma marca de difícil identificação, dispostas horizontalmente no centro do fólio, na dobradura, sendo que uma metade está em um fólio e a outra, em outro⁴⁵.

Os fólhos escritos têm uma constituição diferente: seus pontusais verticais, em média oito, possuem entre si a distância de 2,8 cm, suas vergaturas horizontais, 1 mm, e a marca d'água está disposta por inteiro no centro do fólio. Nesses fólhos há dois tipos de marcas d'água: um brasão com uma águia de asas levantadas, acompanhado da inscrição “Gior Magnani” e a inscrição “Al Masso”.

A composição dos cadernos do códice é de difícil precisão, já que estão extremamente unidos entre si e à lombada.

A capa do códice, feita em cartão coberto por couro marrom, mede 31 cm por 21,5 cm e é decorada apenas com um enquadramento de filetes marrons. A lombada, que mede 31 cm por 4 cm, é arredondada e composta por cinco nervos falsos e seis entrenervuras emolduradas com filetes marrons. Na segunda entrenervura há o sobrenome do autor e o título da obra

⁴⁵ Uma das marcas d'água das guardas, que está na dobra dos bifólios, traz dificuldade de identificação justamente por seu truncamento quando as metades equivalentes não foram solidárias.

estampado em letras maiúsculas douradas. Na última entrenervura há uma etiqueta adesiva branca, com 3,6 cm por 4 cm, impressa com a cota do códice: “11571”.

A encadernação não é original e, como as dobras e as aparas dos cadernos não apresentam indícios de desgaste, como se poderia esperar caso fossem utilizados sem encadernação durante muitos anos, a hipótese é a de que havia uma primeira encadernação contemporânea da elaboração do manuscrito, que foi substituída pela atual.

O interior das pastas é recoberto por fólhos de guarda: três folhas, uma de papel caracol e outras duas de papel do mesmo tom amarelado do suporte do manuscrito. Essas folhas encontram-se no início e no fim do códice. Na segunda folha de guarda, no canto inferior da margem esquerda do verso, há uma pequena etiqueta adesiva, de 1,5 cm por 2,3 cm, com a seguinte inscrição à tinta preta: “a – 10/ D. nº 15/ Inv. 7 pg 12”.

1.2.2 Impressos

1.2.2.1 *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

- 1ª edição – 1847

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente desde a sua Fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, 1847, tomo IX, p. 137-178/ 293-328/ 445-476.

A primeira edição da *História da Capitania de São Vicente* se deu em 1847, no volume nono da RIHGB, em três partes: primeira parte, publicada no 2º trimestre de 1847, entre as páginas 137 e 178; segunda, publicada no 3º trimestre de 1847, entre as páginas 293 e 328, e terceira, publicada no 4º trimestre de 1847, entre as páginas 445 e 476.

Essa edição baseou-se no manuscrito apógrafo pertencente ao Instituto, informação dada na edição da seguinte maneira: “Copiado do manuscrito original existente no arquivo do Instituto”. Sobre esse manuscrito conferir o tópico 1.1 deste capítulo.

A Revista não traz nenhuma informação biobibliográfica do autor, apenas informa que a obra foi escrita por Pedro Taques em 1772. Tampouco há notas críticas do editor, que apenas agregou no fim da primeira e da segunda parte a inscrição “Continua” e, no início da segunda e terceira partes, a informação “Continuação do trimestre antecedente, pag. 178” e “Continuação do trimestre antecedente, pag. 328”, respectivamente.

A obra completa possui 110 páginas, com modernização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e notas numéricas contínuas em rodapé. Em rodapé também é possível encontrar a inscrição “TOMO IX”, seguida de uma numeração contínua, que aparece de oito em oito páginas. Esse seria o sistema de “assinatura”, uma sigla alfa-numérica escrita na margem inferior da primeira página de cada caderno sucessivo e que indica a constituição dos cadernos.

- 2ª edição – [1928]

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **História da Capitania de São Vicente**. São Paulo: Melhoramentos, [1928].

Essa segunda edição da *História da Capitania de São Vicente*, pela editora Melhoramentos, sem indicação de data, mas que certamente é posterior ao ano de 1926, devido a indicações feitas por Afonso Taunay (cf. página 53 da edição)⁴⁶, conta com um esborço biográfico de Pedro Taques por Afonso d’Escragnolle Taunay.

Ao que parece, essa edição é uma reprodução da anterior de 1847. Ainda que não haja nenhuma informação a respeito, há pouquíssimas diferenças entre as duas edições.

⁴⁶ Odilon Matos (1977, p. 213), quando elenca e descreve as obras escritas e comentadas por Afonso Taunay, data a edição da *História da Capitania de São Vicente*, pela editora Melhoramentos, como sendo de 1928.

O livro, composto por 177 páginas, traz um índice no final do volume, à página 177, e também apresenta no cabeçalho das páginas o título do capítulo (páginas pares) e o assunto a ser tratado (páginas ímpares).

O texto apresenta uma ortografia modernizada, abreviaturas não desenvolvidas, notas numéricas contínuas em rodapé e um sistema de “assinatura”, constituído por uma numeração seguida da inscrição “História da Capitania de S. Vicente”, que aparece sempre em rodapé a cada 16 páginas.

Essa edição é constituída da seguinte maneira: 1. Folha de rosto; 2. Escorço biográfico de Pedro Taques de Almeida Paes Leme por Afonso Taunay; 3. Título da obra; 4. Texto da *História da Capitania de São Vicente*; 5. Índice.

- 3ª edição – 2004

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **História da Capitania de São Vicente**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal, v. 25).

A edição do Senado Federal de 2004, em comemoração aos 450 anos de São Paulo, baseada na edição anterior, traz, além do escorço biográfico de Pedro Taques por Afonso Taunay, uma introdução biográfica do autor pelo então senador Romeu Tuma, intitulada “Um erudito entre o gentio: a saga do historiador e genealogista Pedro Taques”.

Além da versão impressa, é possível encontrar a versão eletrônica dessa edição, que se encontra no sítio <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000043.pdf>>.

O livro é composto por 150 páginas e o texto apresenta modernização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e notas numéricas contínuas em rodapé. No cabeçalho das páginas aparecem o nome do autor, nas páginas pares, e o título da obra, nas páginas ímpares. A obra conta com um sumário no início do livro e uma ilustração do “Ciclo da Caça ao Índio”, óleo sobre tela de Henrique Bernardelli, pertencente ao Museu Paulista.

Essa edição é constituída por: 1. Frontispício; 2. Sumário; 3. “Um erudito entre o gentio: a saga do historiador e genealogista Pedro Taques” por Romeu Tuma; 4. Escorço biográfico de Pedro Taques de Almeida Paes Leme por Afonso Taunay; 5. Título da obra; 6. Texto da *História da Capitania de São Vicente*.

1.2.2.2 *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

- 1ª edição – 1849

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1849, tomo 12, p. 5- 40.

A primeira publicação da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* deve-se à RIHGB, em 1849, com base no manuscrito apógrafo depositado no próprio Instituto.

Essa edição traz apenas a obra, sem nenhuma informação sobre a vida e a obra de Pedro Taques, como ocorrerá na edição posterior.

O texto da *Notícia Histórica*, que se encontra entre as páginas 5 e 40 da Revista, apresenta-se com modernização ortográfica e abreviaturas não desenvolvidas. Para a identificação dos cadernos, há um sistema de assinatura no rodapé, caracterizado por uma numeração romana seguida de uma numeração arábica.

Essa primeira edição é constituída da seguinte maneira: 1. Título da obra, nome do autor e informação de que o manuscrito utilizado na edição foi oferecido ao Instituto por Manoel Araújo Porto Alegre; 2. Texto da *Notícia Histórica*; 3. Nota do redator da revista informando que existem alguns erros gramaticais, orações sem sentido ou incompletas no texto, originários do próprio manuscrito, ao qual se procurou ser o mais fiel possível, com exceção da ortografia.

- 2ª edição – [1929]

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Informação sobre as Minas de São Paulo e A Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo**. 2 ed. São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1929].

A segunda edição da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*, pela editora Melhoramentos, reúne os textos da *Informação sobre as Minas de São Paulo e dos Sertões da sua Capitania desde o anno de 1597 até o presente de 1772* e da *Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, além de um estudo biobibliográfico do autor e uma nota sobre a sua autoridade histórica entre seus contemporâneos, entre eles Cláudio Manoel da Costa, por Afonso d’Escragnolle Taunay.

O texto dessa edição é uma reprodução da edição da Revista do IHGB, de 1849, com o título alterado para *A Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo*, que conta com uma nova nota do redator da Revista e uma nota crítica de Afonso Taunay sobre o manuscrito utilizado para a edição, em alusão à nota que lhe é anterior, à página 213.

Composta por 216 páginas, a edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Estudo sobre a vida e a obra de Pedro Taques, por Afonso Taunay, intitulado “Pedro Taques e sua Obra”; 3. Parecer sobre a edição da *Informação sobre as Minas de São Paulo*, por Antônio Jansen do Paço; 4. Texto da *Informação*; 5. Pequena nota referente ao original manuscrito e um pequeno texto complementar de Pedro Taques; 6. Texto da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas*; 7. Nota do redator da Revista do IHGB, a que se segue uma nota de Afonso Taunay; 8. Nota; 9. Índice.

1.2.2.3 *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme

- 1ª edição – 1870

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarchia Paulistana. Genealogia das Principais Famílias de São Paulo*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1870, tomo XXXIII, v. 41, 2ª parte, p. 27-185/ 249-335.

A *Nobiliarchia Paulistana. Genealogia das Principais Famílias de São Paulo* foi publicada pela primeira vez na RIHGB, entre os tomos XXXII e XXXV, de 1869 a 1872.

O texto correspondente às famílias dos Antas Moraes, Laras e Prados, se encontra entre as páginas 27 e 185, enquanto as famílias dos Costas Cabraes, Mesquitas, Penteados e Alvarengas Monteiros, entre as páginas 249 e 335 do tomo XXXIII do volume 41 da Revista.

Essa edição não apresenta nenhum estudo biobibliográfico do autor, tampouco informações sobre o manuscrito que serviu de modelo para a versão impressa da obra. O texto apresenta ortográfica da época da publicação, abreviaturas e notas de rodapé inseridas pela redação da Revista e também por quem fez copia do manuscrito, em 1783, segundo indicação do editor. Para a identificação da continuidade da obra, foram inseridas as palavras “continuada (...)” e “continua”.

É interessante notar que o título da obra é diferente do que se conhece atualmente.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Título da obra, nome do autor e informação de que esse volume é continuação do texto da 1ª parte do mesmo volume; 2. Texto da *Nobiliarquia*.

- 2ª edição – 1940

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940, tomo especial, v. 2.

A segunda edição da *Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica* foi publicada em dois volumes no tomo especial da RIHGB, entre 1926 e 1940.

Essa edição parece ser rara, uma vez que não foi encontrada nas bibliotecas pesquisadas, somente tivemos notícia dessa edição em um site de compras coletivas na internet.

A folha de rosto do livro traz as seguintes informações: “segunda edição acrescida de uma parte inédita, com uma biografia de Pedro Taques e estudo crítico de sua obra por Affonso E. Taunay”, além de indicar também que houve uma alteração no texto de Pedro Taques a partir da obra do genealogista Luiz Gonzaga da Silva Leme, feita por Augusto de Siqueira Cardoso.

- 3ª edição – 1953

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica**. 3 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953, tomo II, (Biblioteca Histórica Paulista IV).

Essa é a terceira edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, publicada em três tomos pela Livraria Martins Editora, em 1953, com estudo da biografia e obra do autor e notas por Afonso Taunay. Esse é o quarto volume da coleção Biblioteca Histórica Paulista, com direção de Afonso Taunay, lançada em comemoração ao IV Centenário da Fundação de São Paulo.

O tomo II da *Nobiliarquia* corresponde às famílias dos Prados, Pires, Afonsos Gayas, Chassins, Campos, Toledos Pizas e Rendons.

O texto reproduz o da edição de 1929 e conta com algumas intervenções do editor, como, por exemplo, a modificação do título, a inserção de notas críticas e a reorganização dos títulos genealógicos, em relação à primeira edição.

Cinco imagens ilustram o livro: 1. Estátua de Manoel da Borba Gato, por Nicolau Rollo, que se conserva no Museu Paulista, entre as páginas 54 e 55; 2. Estátua de Francisco Dias Velho, por Nicolau Rollo, no vestíbulo do Museu Paulista, entre as páginas 84 e 84; 3. Quadro “Ciclo dos criadores de gado”, de Batista da Costa, entre as páginas 136 e 137; 4. “Domingos Jorge Velho e seu loco-tenente”, quadro de Benedito Calixto, entre as páginas 182

e 183; 5. “Encontro de monções no sertão”, desenho de Hércules Florence, entre as páginas 224 e 225.

O tomo II do livro, que possui 290 páginas, está organizado da seguinte maneira: 1. Nome do autor, título da obra, informação de que é a “terceira edição acrescida da parte inédita, com uma biografia do autor e estudo crítico de sua obra por Afonso de E. Taunay”; 2. Texto da *Nobiliarquia*; 3. Índice.

- 4ª edição – ?

A quarta edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* não foi localizada.

- 5ª edição – 1980

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica**. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, tomo II, (Reconquista do Brasil, v. 6).

A quinta edição da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* foi publicada em três tomos pelas editoras Itatiaia e EDUSP, em 1980, compondo o volume 6 da coleção Reconquista do Brasil, dirigida por Mário Guimarães Ferri.

O texto é uma reprodução da 3ª edição, de 1953, com prefácio de Mário Guimarães Ferri e estudo biográfico do autor e da obra por Afonso de E. Taunay.

O livro apresenta seis ilustrações, duas a mais que a 3ª edição, a saber: 1. “Nau do século XVI”, painel atribuído a Gregório Lopes, obra que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, no verso do índice; 2. “Estátua de Manoel da Borba Gato, por Nicolau Rollo, que se conserva no Museu Paulista, na página 70; 3. Quadro “Ciclo dos criadores de gado”, de Batista da Costa, na página 114; 4. “Domingos Jorge Velho e seu locotenente”, quadro de Benedito Calixto, à página 144; 5. “Encontro de monções no sertão”, desenho de Hércules Florence, à página 172; 6. “Ciclo da caça ao índio, um bandeirante”, por Henrique Bernardelli, na página 220.

O tomo II do livro, que possui 290 páginas, está organizado da seguinte maneira: 1. Nome do autor, título da obra, informação de que é a “quinta edição acrescida da parte inédita, com uma biografia do autor e estudo crítico de sua obra por Afonso de E. Taunay”; 2. Índice; Texto da *Nobiliarquia*.

1.2.2.4 *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus

- 1ª edição – 1797

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil**. 1 ed. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1797.

A edição *princeps* das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada em Lisboa pela Academia Real de Ciências, em 1797, foi feita com base no manuscrito autógrafo original de Frei Gaspar da Madre de Deus, de 1786, que se encontra ainda hoje no Arquivo da Academia sob a cota Ms. Azul 1751.

O lançamento da obra foi anunciado em Portugal, no jornal *Gazeta de Lisboa*, aos 14 de novembro de 1797, da seguinte maneira: “Sahirão à luz: *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*, hoje de *S. Paulo*, por Fr. *Gaspar da Madre de Deos*, publicadas ultimamente pela Academia Real das Sciencias, em I vol. de 4º. Vendem-se em casa de *Bertrand aos Martyres*”.

Sob os cuidados de Diogo Toledo Lara e Ordonhes, amigo de Frei Gaspar, o manuscrito das *Memórias*, até então intitulado *Fundação da Capitania de São Vicente e acçoens de Martim Affonso de Souza no Brazil*, foi levado a Lisboa para o exame da Academia de Ciências, que aceitou publicá-lo se antes fossem feitas algumas modificações⁴⁷:

1. O título deveria ser mudado para *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*;
2. Os parágrafos 13 e 14 do manuscrito deveriam vir em nota separada do corpo do texto;
3. Adjetivos como “doutíssimo” e “erudito” e outros semelhantes, referentes aos escritores citados, deveriam ser omitidos;
4. Os adjetivos “novatos” e “bugres” dados aos portugueses que acabavam de chegar ao Brasil e aos índios da terra, respectivamente, deveriam ser substituídos;
5. Todas as orações com verbo o “haver” no plural, como, por exemplo,

⁴⁷ As informações aqui contidas encontram-se na carta do vice-secretário da ACL, Francisco de Borja Garção Stockler, a Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, datada de 23 de fevereiro de 1796, e publicada em **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**, vol. IV, 1896, páginas 25 e 26, com o título “Parecer sobre a obra de Fr. Gaspar”. Também podem ser encontrados trechos desse documento no tomo 2 dos **Anais do Museu Paulista**, 1925, à página 167.

“Contendas que ouverão”, teriam que ser corrigidas. Todas essas modificações foram realizadas e assim se deu a publicação da obra.

O livro é composto por 245 páginas.

O título da obra aparece no cabeçalho das páginas, a partir da segunda, da seguinte forma: “MEMORIAS PARA A HISTORIA”, nas páginas pares, e “DA CAPITANIA DE S. VICENTE”, páginas ímpares, com exceção da última página, onde o título aparece completo “MEM. HIST. DA CAP. DE S. VIC.”.

Nessa edição é possível encontrar reclames, que eram muito comuns nos manuscritos, e também o sistema de “assinatura”, que nos permite identificar cadernos com 4 bifólios. Além disso, as abreviaturas não são desenvolvidas e todas as notas são numéricas, não contínuas entre páginas e colocadas em rodapé.

Essa edição constitui-se da seguinte maneira: 1. Folha de rosto; 2. Texto que reproduz a determinação da Academia Real de Ciências de publicar as *Memórias*; 3. Índice; 4. Texto das *Memórias*.

- 2ª edição – 1847

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje Província de São Paulo do Império do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tipografia de Agostinho de Freitas Guimarães, 1847.

Essa segunda edição das *Memórias*, que vem acompanhada do *Diário de Navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530*, de Pero Lopes de Souza, reprodução da edição de Lisboa por Francisco Adolpho Varnhagen, foi subsidiada pelo governo de São Paulo e esteve aos cuidados de José Joaquim Machado de Oliveira, então sócio do IHGB.

Apesar de ser uma reprodução da edição *princeps*, conta com algumas intervenções do editor, como a modificação do título, a inserção de três notas críticas, uma delas marcada por um asterisco, e duas alfabéticas, identificadas pela sigla M.O., de Machado de Oliveira, as inscrições “FIM DO LIVRO I” e “FIM DO LIVRO II”, ao fim dos livros correspondentes, e a introdução de um “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”, ao final do qual também há a sigla M.O. Além disso, essa edição traz uma ortografia modernizada em relação à edição de 1797, as abreviaturas não são desenvolvidas, as notas são numéricas e não contínuas, com exceção das notas do editor, que são alfabéticas, não há reclames, como na primeira edição, e o cabeçalho de todas as páginas apresenta o título da obra da seguinte forma: “MEMORIAS PARA A HISTORIA”, nas páginas pares, e “DA CAPITANIA DE S. VICENTE”, nas páginas ímpares.

Essa edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Reprodução do “Artigo extraído das atas da assembléia legislativa da Província de São Paulo”, de 6 de fevereiro de 1847, que indica a aprovação da reimpressão das *Memórias*; 3. Texto das *Memórias*; 4. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente”; 5. *Diário da Navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza*; 6. Notas; 7. Índice.

- 3ª edição – 1920

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil**. 3 ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

Essa é a terceira edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada em São Paulo e no Rio de Janeiro por Weiszflog Irmãos, em 1920. Tal edição traz, além do texto das *Memórias*, o texto das *Notícias dos Anos em que se Descobriu o Brasil*, também de autoria de Frei Gaspar da Madre de Deus, e um estudo biográfico do autor e algumas notas inseridas no texto por Afonso Taunay.

O livro, composto por 383 páginas, não traz índice ou sumário, mas apresenta no cabeçalho de todas as páginas o título da obra (as *Memórias* ou as *Notícias*) e os assuntos tratados, sempre nessa ordem.

Nessa edição encontram-se algumas ilustrações: 1. Um fac-símile, segundo o editor, de um autógrafo de Frei Gaspar, depois da folha de rosto; 2. Uma imagem das “Ruínas da Capella de Sant’Anna do Acarahy, em S. Vicente, onde foi batizado Fr. Gaspar da Madre de Deus”; 3. “Placa de bronze comemorativa do 2º centenário de Fr. Gaspar da Madre de Deus, colocada no saguão do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo”, esta imagem e a anterior encontram-se na página posterior à do fac-símile; 4. “A subida da serra do Cubatão pela antiga calçada do Lorena, 1826 – segundo um desenho de Hercules Florence”, à página 176.

No texto dessa edição, há uma modernização ortográfica, as abreviaturas não foram desenvolvidas, as notas, que são numéricas e não alfabéticas como nos manuscritos, não são contínuas, elas se reiniciam a cada página, além disso, pelo menos duas notas são introduzidas pelo editor da edição anterior, no caso Machado de Oliveira, identificadas pela sigla M.O, que foram reproduzidas por Taunay. Ao final do primeiro livro das *Memórias*, o editor agrega a inscrição “FIM DO LIVRO 1”, e quando a obra termina, depois do segundo livro, acrescenta

um “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”.

A constituição dessa terceira edição é a seguinte: 1. Folha de Rosto; 2. Fac-Símile; 3. Ilustrações; 4. Prefácio da 3ª edição; 5. Relação das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus; 6. Inéditos e Notas; 7. Cargos ocupados e dignidades conferidas a Frei Gaspar da Madre de Deus em sua Ordem; 8. Frei Gaspar da Madre de Deus; 9. Notas: I. A Lenda de Amador Bueno / II. O Livro Terceiro das “Memórias para a Capitania de S. Vicente”; 10. Bibliografia; 11. As obras filosóficas de Frei Gaspar da Madre de Deus; 12. Filosofia Platônica; 13. Texto das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo*; 14. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das ‘Memórias para a História da Capitania de S. Vicente’”; 15. Texto das *Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil e das entradas das religiões e suas fundações*.

- 4ª edição - 1953

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil..** 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953. (Coleção Biblioteca Histórica Paulista III).

Essa é a quarta edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada em São Paulo pela Livraria Martins Editora, em 1953. Tal edição, reprodução da anterior, também traz, além do texto das *Memórias*, o texto da *Notícia dos Anos em que se*

Descobriu o Brasil, com introdução e notas por Taunay. É o terceiro volume da coleção Biblioteca Histórica Paulista, com direção de Afonso Taunay, que foi lançada em comemoração ao IV Centenário da Fundação de São Paulo.

O livro, composto por 251 páginas, traz um índice no final do volume, à página 251, e também apresenta no cabeçalho de todas as páginas o nome do autor e o título da obra, sempre nessa ordem. Apesar de haver duas obras reproduzidas no mesmo livro, o título que sempre aparece no cabeçalho é o das *Memórias*, mesmo quando o texto é o das *Notícias*, que aqui é escrito na folha de rosto e no índice como *Notícia*, no singular.

É importante ressaltar que a *Notícia dos Anos em que se Descobriu o Brasil* não é anunciada na capa, no frontispício e nem no cabeçalho dessa edição, aparece apenas na folha de rosto que anuncia o próprio texto e no índice, como dito anteriormente.

Nessa edição aparecem diversas ilustrações, nenhuma delas correspondente às ilustrações da edição anterior: 1. Mapa de “São Vicente, Santos e Santo Amaro – do códice da Biblioteca da Ajuda (fim do século XVI)”, antes da folha de rosto; 2. Fac-símile da folha de rosto da 1ª edição das *Memórias*, entre as páginas 28 e 29; 3. Ilustração de “D. João III – Quadro de J. Wasth Rodrigues”, entre as páginas 32 e 33; 4. Ilustração de “Martim Afonso de Souza – Quadro de J. Wasth Rodrigues”, entre as páginas 40 e 41; 5. “Mapa interpretativo do quinhentismo Vicentino, de Teodoro Sampaio”, entre as páginas 50 e 51; 6. Imagem do “Brasão de Martim Afonso de Souza”, entre as páginas 60 e 61; 7. Ilustração de “A frota de Martim Afonso de Souza no Porto das Naus (S. Vicente) – Quadro de Benedito Calixto”, entre as páginas 74 e 75; 8. Ilustração de “Martim Afonso de Souza em Piassaguera, a caminho do planalto, guiado por João Ramalho – Quadro de Benedito Calixto”, entre as páginas 88 e 89; 9. Ilustração da “Fundação da Vila de São Vicente por Martim Afonso de Souza em 1532 – Quadro de Benedito Calixto”, entre as páginas 110 e 111; 10. Imagem da “Carta de Sesmaria assinada por Martim Afonso de Souza”, entre as páginas 120 e 121; 11. Ilustração da “Aclamação de Amador Bueno – Quadro de Oscar Pereira da Silva”, entre as páginas 140 e 141; 12. Ilustração do “Lagamar Vicentino, segundo Hans Staden”, entre as páginas 162 e 163; 13. Ilustração de “Tebiriça – Quadro de J. Wasth Rodrigues”, entre as páginas 184 e 185; 14. Imagem da “Ata da Câmara de Santo André da Borda do Campo assinada por João Ramalho”, entre as páginas 208 e 209; 15. Ilustração de “João Ramalho e um dos seus filhos”, entre as páginas 232 e 233.

No texto dessa edição, há uma modernização ortográfica, as abreviaturas não foram desenvolvidas, as notas, que são numéricas e não alfabéticas como nos manuscritos, são contínuas (de 1 a 225), além disso, pelo menos duas notas são introduzidas pelo editor da 2ª edição, Machado Oliveira, identificadas pela sigla M.O. Ao final do primeiro livro das

Memórias, não há a inscrição “FIM DO LIVRO 1”, como na 3ª edição. Quando a obra termina, depois do segundo livro, o editor acrescenta um “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das *Memórias* para a História da Capitania de São Vicente”.

Essa quarta edição é constituída da seguinte maneira: 1. Mapa de São Vicente; 2. Folha de rosto; 3. “Duas palavras sobre esta quarta edição das *Memórias* para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo”; 4. Súmula Biográfica de Frei Gaspar da Madre de Deus por Afonso Taunay; 5. “Bibliografia de Frei Gaspar da Madre de Deus”; 6. Título da obra *Memórias*; 7. Fac-símile da folha de rosto da 1ª edição das *Memórias*; 8. Texto das *Memórias*; 9. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das *Memórias* para a História da Capitania de S. Vicente”; 10. Título da obra *Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*; 11. Texto da *Notícia*; 12. Índice.

Faz-se necessário ressaltar aqui que no texto “Duas palavras sobre esta quarta edição das *Memórias* para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo”, à página 5, Afonso Taunay se equivoca ao dar a informação de que a terceira edição deveu-se à Companhia Melhoramentos de São Paulo, publicada em 1921. Algumas páginas depois, em “Bibliografia de Frei Gaspar da Madre de Deus”, o mesmo editor escreve a informação correta: “A terceira edição em volume é de SP e de 1920 (Weiszflog Irmãos)”, à página 25.

- 5ª edição – 1975

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil**. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 20).

Essa edição é uma reprodução da edição publicada pela Livraria Martins Editora, em 1953, com nota biobibliográfica por Afonso Taunay e prefácio de Mário Guimarães Ferri. Apresenta apenas duas diferenças em relação à edição anterior: o sumário, que aparece no início do livro, e a apresentação de apenas uma ilustração, o fac-símile do frontispício da primeira edição das *Memórias*.

A quinta edição é constituída da seguinte maneira: 1. Folha de Rosto; 2. Sumário; 3. Prefácio; 4. Súmula Biográfica de Frei Gaspar da Madre de Deus por Afonso Taunay; 5. “Bibliografia de Frei Gaspar da Madre de Deus”; 6. Título da obra *Memórias*; 7. Fac-símile do frontispício da 1ª edição das *Memórias*; 8. Texto das *Memórias*; 9. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*”; 10. Título da obra *Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*; 11. Texto da *Notícia*.

- 6ª edição – 2010

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010. (Edições do Senado Federal, v. 129).

Essa é a sexta edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicada pelo Conselho Editorial do Senado Federal, em Brasília, em 2010, como seu 129º volume. Tal edição reproduz a 3ª edição da obra, publicada em São Paulo e no Rio de Janeiro por Weiszflog Irmãos, em 1920, com prefácio de Afonso D'Escragnolle Taunay.

O livro, composto por 220 páginas, traz o sumário, o prefácio da 3ª edição por Afonso Taunay, a relação das obras de Frei Gaspar e uma nota sobre a *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, publicada na Revista do IHGB, no início do volume, além do catálogo das obras e documentos consultados por Frei Gaspar e um índice onomástico, no fim do volume.

No cabeçalho de todas as páginas em que há o texto das *Memórias*, encontram-se o nome do autor e o título da obra, sempre nessa ordem.

Nessa edição aparecem as seguintes ilustrações: 1. Um fac-símile, segundo o editor, de um autógrafo de Frei Gaspar, depois da folha de rosto; 2. Uma imagem das “Ruínas da Capella de Sant’Anna do Acarahy, em S. Vicente, onde foi batizado Fr. Gaspar da Madre de Deus”; 3. “Placa de bronze comemorativa do 2º centenário de Fr. Gaspar da Madre de Deus, colocada no saguão do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo”, esta imagem e as anteriores encontram-se na página 15; 4. Um mapa que representa as vilas de São Vicente, Santos e Bertioga, ilustração do livro de relatos “Reys-boeck van het rijcke Brasilien”, publicado nos Países Baixos, em 1624, na primeira folha de guarda e que também ilustra a capa do livro; 5. Ilustração da “Subida da Serra do Cubatão pela Antiga Calçada Lorena, 1826, (segundo um desenho de Hercules Florence)”, na página 72.

No texto dessa edição, há uma modernização ortográfica, as abreviaturas não foram desenvolvidas, as notas são numéricas e contínuas (de 1 a 225). Ao final do primeiro livro das *Memórias*, não há a inscrição “FIM DO LIVRO 1”, como na 3ª edição, mas há, ao final da obra, depois do segundo livro, o “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de São Vicente”, assim como na 3ª edição.

Essa edição é constituída da seguinte maneira: 1. Mapa das vilas de São Vicente, Santos e Bertioga; 2. Folha de rosto; 3. Frontispício; 4. Ficha Catalográfica; 5. Sumário; 6. Prefácio da 3ª edição; 7. Relação das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus; 8. Nota; 9. Texto das *Memórias*; 10. “Catálogo das obras e documentos que foram consultados na confecção das Memórias para a História da Capitania de S. Vicente”; 11. Índice onomástico.

1.2.2.5 *Divertimento Admirável*, de Manuel Cardoso de Abreu

- 1ª edição – 1902

ABREU, Manuel Cardoso de. *Divertimento Admirável*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1902, volume 6, p. 253-293.

A primeira edição do *Divertimento Admirável*: *para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato*

Grosso, de Manuel Cardoso de Abreu, deve-se à RIHGSP, em 1902, entre as páginas 253 e 293.

O editor da Revista declara que essa edição é baseada em uma cópia manuscrita do texto original, o qual foi encontrado em Lisboa e transcrito por Eduardo Prado.

O texto apresenta atualização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e também notas do editor. A edição inicia-se com o frontispício da obra, que apresenta título, dedicatória, nome do autor e datação (1783), além de um prefácio e uma carta ao leitor.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício da obra; 2. Prefácio; 3. Carta ao Leitor; 4. Texto do *Divertimento Admirável*; 5 Advertência; 6. “Nota sobre Manoel Caetano (sic) de Abreu”.

- 2ª edição – 1914

Divertimento Admirável. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Volume 77 (2ª parte), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914, p. 125-156.

A segunda edição do *Divertimento Admirável*, produzida pela RIHGB, em 1914, às páginas 123 a 156, não identifica o autor da obra.

Essa é uma edição desprovida de notas do editor da revista, apresentando uma atualização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e palavras escritas juntas. Além disso, são evidentes algumas variantes entre esta edição e a edição anterior, principalmente em

relação à ortografia e à substituição do nome do autor por diferentes siglas, as quais não correspondem com o nome de Manuel Cardoso de Abreu.

Inicia-se com o frontispício da obra, que apresenta título, dedicatória e datação (1783), além de um prefácio e uma carta ao leitor. No cabeçalho da revista, na página 128, aparece a inscrição “REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO” e, a partir da página 132 em diante, as inscrições “REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO” (páginas pares) e “DIVERTIMENTO ADMIRAVEL” (páginas ímpares).

É possível encontrar nessa edição um sistema de assinatura numérico, composto por duas numerações: número 897 seguido dos números 9 e, a seguir, 10.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Prefácio; 3. Carta ao Leitor; 4. Texto do *Divertimento Admirável*; 5 Advertência.

- 3ª edição – 1977

ABREU, Manuel Cardoso de. *Divertimento Admirável*. In: **Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial (1751-1804)**. Introdução e notas de Ernani Silva Bruno. São Paulo: Governo do Estado, 1977, p. 53-87 (Coleção Paulística, v. 1).

Essa terceira edição do *Divertimento Admirável*, de Manuel Cardoso de Abreu, publicada na coletânea sobre São Paulo colonial intitulada *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial*, de 1977, é baseada na primeira edição da obra, pela RIHGSP.

O texto apresenta atualização ortográfica, abreviaturas não desenvolvidas e também notas do editor, embora o seu número de notas tenha sido reduzido em relação à primeira edição. Inicia-se com o frontispício, que apresenta o nome do autor, o título da obra e a sua datação. Ao frontispício segue-se um fac-símile da folha de rosto do *Divertimento Admirável* publicado na Revista.

No cabeçalho da obra, na página 60, aparece a inscrição “DIVERTIMENTO ADMIRÁVEL” e, a partir da página 64 em diante, as inscrições “DIVERTIMENTO ADMIRÁVEL” (páginas pares) e “MANOEL CARDOSO DE ABREU” (páginas ímpares).

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Frontispício; 2. Fac-símile da folha de rosto do *Divertimento Admirável* publicado na Revista do IHGSP; 3. Texto com algumas informações biobibliográficas de Manuel Cardoso de Abreu; 4. Prefácio; 5. Carta ao Leitor; 6. Texto do *Divertimento Admirável*; 5 Advertência.

1.2.2.6 *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu

- Edição de 2007

COSTA, Renata Ferreira. **Edição Semidiplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, Códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 558 f.

A primeira edição da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu, deu-se em 2007 em nossa dissertação de mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Essa edição, semidiplomática justalinear, que se propõe a apresentar um texto muito pouco afastado do que se acha no manuscrito e facilmente legível a um público amplo, é acompanhada de um glossário parcial e de índices de expressões latinas, de antropônimos, de topônimos e de cargos, dignidades e funções, além de estudos codicológicos, paleográficos e linguísticos da obra.

A edição é constituída da seguinte maneira: 1. Introdução; 2. O século XVIII: contexto histórico; 3. Manuel Cardoso de Abreu: biografia, bibliografia e autoria; 4. Descrição do códice E11571; 5. Edição semidiplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; 6. Glossário parcial e índices de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; 7. Considerações finais; 8. Referências.

CAPÍTULO II

CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DAS LIÇÕES VARIANTES

A partir de um trabalho atento e rigoroso de pesquisa e crítica de fontes, foi possível identificar na *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu, a presença de outros textos, que sofreram sucessivas alterações. Ao todo foram identificados cinco fontes do século XVIII, a saber: as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, a *História da Capitania de São Vicente*, a *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* e a *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e o *Divertimento Admirável*, do próprio Manuel Cardoso, como se apresenta no esquema a seguir:

Figura 1: Fontes utilizadas na composição da *Memória Histórica*

Fonte: Renata Ferreira Costa, 2012.

Este capítulo é fruto de uma investigação que, partindo da identificação, exame e cotejo dos textos envolvidos nesse caso de apropriação de fontes, buscou estabelecer um sistema que destacasse as lições variantes entre os testemunhos, sob um enfoque filológico, de modo a não somente fundamentar a prática da cópia, mas também reconstruir e descrever os processos de modificação textual das fontes na composição da *Memória Histórica*.

Antes de dar início à categorização das variantes e à sua análise, é de extrema importância expor os fundamentos teórico-metodológicos que nos orientaram na pesquisa e crítica das fontes e na determinação dos elementos linguístico-textuais passíveis de comparação. Assim, este trabalho busca apoio, essencialmente, na Crítica de Fontes, na Filologia e na Crítica Textual, cujos critérios constituem base satisfatória para discutir vários aspectos da apropriação de fontes textuais em causa.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O trabalho crítico de investigação e estabelecimento das fontes abre caminho para o conhecimento e a compreensão da gênese de uma obra, na medida em que interpreta e ordena os sucessivos estágios de sua construção, investiga suas relações com outros textos, verificando as modificações que o autor introduz nas passagens imitadas e o coeficiente de originalidade em relação à fonte inspiradora, e estuda os percursos biográficos e bibliográficos de seu autor.

A avaliação das fontes é função da Crítica de Fontes, disciplina que teve início a partir do século XVII, quando o beneditino Jean Mabillon lançou os fundamentos da “ciência do documento”, em sua obra *De re diplomática*, em que conferia autoridade às fontes autênticas, “valorizando o documento escrito como prova da História, trabalho que foi continuado pelos beneditinos da Congregação de Sain-Maur e que trouxe ‘condições seguras para o conhecimento histórico’” (ABUD, 1985, p. 74). Tal disciplina destaca-se não só, mas principalmente, no ofício do historiador, que encontra nela os fundamentos para “verificar se o documento realmente pertencia à determinada época e que não havia sido falsificado, se quem disponibilizava o documento era confiável e, também, a finalidade e a intenção do documento, atentando para o momento e o lugar em que foi elaborado”, como salienta Vidotte (2010).

De acordo com Spina (1955, p.16), a Crítica de Fontes consiste na investigação das fontes lidas e utilizadas por um escritor, procedendo “a um balanço delas” e acusando a sua

“maior ou menor incidência (constantes)”, com a finalidade de compreender a personalidade literária do escritor e a sua obra. Dessa forma, a crítica de fontes está relacionada ao estudo da gênese literária, de modo a revelar, segundo Christofe (1996, p. 62), as fontes que forneceram ao escritor o tema de sua obra.

O trabalho da Filologia compreende a crítica de fontes, uma vez que se apoia no estudo do texto escrito, explorando exaustiva e conjuntamente os seus mais variados aspectos, dentre os quais o linguístico, literário, crítico-textual e sócio-histórico.

Para além de cuidar da edição de textos, a Filologia preocupa-se também em examinar a fidelidade de transcrições, cópias e edições, assim como em estabelecer a sua autoria e procedência, no que Spina (1994, p. 83) diz ser a sua função adjetiva. Sob o viés da interpretação, essa ciência torna possível resgatar no texto as condições materiais e sociais de sua composição, circulação, transmissão e apropriação, estabelecendo a relação entre texto e autoria.

Na Filologia, as questões relacionadas à gênese do texto e à sua transmissão são objeto de estudo privilegiado da Crítica Genética e da Crítica Textual, que parte do princípio de que, no processo de sua transmissão, os textos estão sujeitos a alterações, sendo necessário reconhecê-las. Neste sentido, a Crítica Textual presta-se também ao estudo dessas alterações, ou variantes, que, conforme Candido (2005, p. 37), é de grande interesse para o conhecimento da intenção de um autor e, por conseguinte, do seu processo criador. Ao ocupar-se do processo de transmissão dos textos, a Crítica Textual tem como objetivo a restituição e fixação da forma genuína do texto.

Dialogando e firmando relações com esses campos do saber, que oferecem os métodos necessários para a compreensão de todas as particularidades dos textos, é possível realizar um exame pormenorizado e interpretativo dos dados coletados na colação das fontes, permitindo-nos caminhar com segurança rumo ao *modus operandi* de Manuel Cardoso de Abreu na composição da *Memória História da Capitania de São Paulo*.

2.2 JUSTIFICATIVA

A invenção da Imprensa, em meados do século XV, foi um divisor de águas na história da transmissão da cultura no Ocidente, uma vez que, além de possibilitar a rápida reprodução e circulação dos livros, deu início ao estabelecimento dos limites entre autor,

leitor e comentarista, garantindo ao autor a possibilidade de ter seu nome associado ao seu texto, o qual já não podia ser reproduzido ou alterado com tanta liberdade pelo receptor.

Antes disso, conforme declara Zumthor (1993, p. 55), a transmissão da poesia medieval dava-se pelas cópias manuscritas, realizadas por copistas⁴⁸, profissionais para os quais, em geral, os textos eram ditados e por eles reproduzidos com maior ou menor grau de fidedignidade, visto que o trabalho de cópia era frequentemente sujeito a erros, seja pela má compreensão do texto, por distrações ou pelo cansaço físico e psicológico de quem copiava. Além disso, havia por parte do copista a liberdade de intervir no texto, emendando-o, adequando-o à sua língua e à sua época ou até mesmo inserindo partes de outras obras ou recriando passagens, de modo que a cópia ganhava aspectos que a distanciavam do seu original, o que, de acordo com Picosque (2008, p. 52), “indicava uma ‘apropriação literal’ dos escritos aos quais os leitores tinham acesso”.

O filólogo espanhol Alberto Blecua, em seu *Manual de Crítica Textual* (1983, p. 19-20), disserta sobre as modificações ou erros de cópia durante o processo de transmissão do texto. Tais erros podem ser involuntários, como lapsos próprios do ato de cópia, ou decorrer de intervenção voluntária do copista. No primeiro caso, baseado nas categorias modificativas aristotélicas, os erros recebem a seguinte classificação: por adição (*adiectio*), por omissão (*delectatio*), por alteração de ordem (*transmutatio*) e por substituição (*immutatio*). Os erros ainda podem ter outra tipologia, como é o caso dos *visuais*, *mnemônicos*, *psicológicos* e *mecânicos*⁴⁹. Os erros alheios ao copista são devidos às condições materiais do livro, como a perda de trechos pela ação do tempo, da umidade, do fogo, etc. (BLECUA, op. cit., p. 30).

Ao analisar os múltiplos casos particulares dos erros que cometem os copistas, sistematizando-os em uma tipologia limitada, Blecua tem em conta o *Libro de Buen Amor*, obra representativa da poesia medieval. Todavia há que se considerar que o comportamento dos copistas medievais também pode ser observado em autores modernos, como assevera Spaggiari e Perugi (2004, p. 80), no que concerne à natureza dos erros, e podem ocorrer, segundo Castro (1990, p. 52), no “plano substantivo, que concerne à estrutura linguística e semântica do texto” e no “plano dos acidentais, que respeita à sua forma gráfica e ortográfica”, respectivamente.

Enquanto os erros acidentais são puramente mecânicos, ou seja, “provocados pela distração, o cansaço manual, a velocidade de escrita” (CASTRO, 1990, p. 54), as variantes

⁴⁸ Também chamados de *librarii* ou *scriptores* (ARNS, 2007, p. 56).

⁴⁹ De acordo com a descrição de Dain (1949, p. 38), essas alterações podem ocorrer por *leitura do texto*, *retenção do texto*, *ditado interior* e *manejo da mão*, respectivamente.

substantivas são erros não mecânicos, baseados, de acordo com Kane (1988b, 78-95 apud SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 73), em quatro causas principais, a saber:

1) produção dum texto mais fácil (“easier”, “more explicit”) do ponto de vista gramatical, lexical e, geralmente falando, contextual; 2) produção dum texto mais enfático (o copista participa na produção autoral); 3) substituição voluntária ocasionada quer por incompreensão do texto original, quer por preferência estilística, quer por necessidade de paliar as sequências duma precedente corruptela (“smoothing”), quer por censura; 4) alteração do esquema métrico.

São as variantes substantivas que conferem autoridade a um testemunho, porque, enquanto alterações conscientes, elas atingem o sentido do texto (KANE, 1989, p. 187 apud SPAGGIARI, PERUGI, 2004, p. 101) e, por que não dizer, o estilo do autor.

Até aqui se falou dos tipos de erros suscetíveis nas etapas sucessivas que constituem o processo de cópia de um texto, através de procedimentos voluntários ou involuntários do autor ou de terceiros. Quando se trata da cópia de textos, não com a finalidade específica de sua transmissão, mas como um processo de apropriação de fontes para a constituição de um novo texto, verifica-se que são inseridas alterações para que a reprodução não seja idêntica e, assim, facilmente reconhecida. Tais alterações identificam-se com as características das variantes substantivas, na medida em que são voluntárias e atingem estruturas linguísticas e textuais, modificando, em alguns casos, o sentido do texto-fonte.

A *Memória Histórica* é um exemplo de texto que reproduz um processo de modificação de outros textos, em que estão em jogo mecanismos de reordenação e adequação textual nos níveis sintático, lexical e informacional, tais como a supressão e a adição de elementos linguísticos ou informações textuais, a reordenação da ordem de palavras e orações, a substituição de palavras ou construções gramaticais e o uso de sinônimos. Tendo essas características, esse texto torna-se objeto para a análise das variantes, entendidas aqui como as lições⁵⁰ resultantes da intervenção de Manuel Cardoso de Abreu nas suas fontes.

⁵⁰ Emprega-se o termo lição para o conteúdo de um lugar do texto (GLOSSÁRIO DE CRÍTICA TEXTUAL, 2012).

2.3 MÉTODO DE PESQUISA

A primeira etapa para a constituição deste trabalho foi a identificação das fontes que compõem a *Memória Histórica*. Tal etapa contou com a leitura de obras de referência, como dicionários bibliográficos, dicionários e enciclopédias literárias, obras de história e historiografia do Brasil e as revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de São Paulo.

Identificadas as fontes, passou-se à localização e coleta de todos os seus testemunhos manuscritos e impressos, sendo necessária a visita virtual e presencial a arquivos e bibliotecas no Brasil e em Portugal. As instituições que possuem manuscritos dos textos que fazem parte de nosso *corpus* são: Arquivo do Estado de São Paulo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia de Ciências de Lisboa e Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Depois que todos os testemunhos foram coletados e descritos⁵¹, seguiu-se a escolha dos testemunhos de colação e a transcrição dos manuscritos.

A colação dos testemunhos é a base para o procedimento de análise propriamente dita, o qual parte do pressuposto de que, na passagem de um texto para o outro, Manuel Cardoso de Abreu praticou uma série de alterações intencionais, com a finalidade de compor um novo texto a partir da fusão de suas fontes. Assim, realizou-se a colação, linha a linha, da *Memória Histórica* com os testemunhos A, B, C, D e E, procurando dar conta de todas as lições divergentes, da qual resultou um quadro global de tais lições. A partir desse quadro, foi possível organizar as variantes de acordo com sua categoria e, então, dar início à etapa de análise qualitativa e quantitativa.

De modo a selecionar e analisar as variantes textuais e linguísticas encontradas e estabelecer os padrões através dos quais essas variantes se manifestam, buscaram-se subsídios na categorização de erros de cópia proposta por Blecua (1983, p. 20-30). As categorias abaixo aplicam-se, neste trabalho, tanto a casos de modificação originados de intervenção voluntária, como a casos de alterações acidentais, cometidas de forma inconsciente:

1. **Adição:** repetição de uma letra, sílaba, palavra ou frase breve, em um contexto de proximidade de palavras ou frases semelhantes;

⁵¹ Cf. Capítulo I, tópico 1.2, a partir da página 36.

2. **Omissão:** supressão de uma letra, sílaba, palavra ou frase de extensão variável quando o elemento que vêm a seguir lhe é idêntico ou muito semelhante, como é o caso, por exemplo, do erro de ditado interior ou o fenômeno conhecido como salto por homeoteleuto ou de igual a igual;
3. **Alteração de ordem:** inversão da ordem de letras, sílabas, palavras ou frases contíguas;
4. **Substituição:** é uma variante própria da leitura do modelo, que afeta com mais frequência uma palavra, pela proximidade com outra semelhante. Neste fenômeno, o caso mais emblemático é o da *lectio faciliior* ou trivialização, quando o copista substitui uma palavra ou uma passagem do texto pela lição mais fácil ou inovadora. Além desse caso, há também os casos de substituição por confusão de nomes próprios que se repetem, por sinônimos e por antônimos.

É importante salientar que existem particularidades em relação ao tipo de texto utilizado por Blecua para a categorização dos erros próprios do ato de cópia e o texto da *Memória Histórica*, o que, evidentemente, nos obrigará a adaptações ao seu método. Primeiramente, ainda que haja poucos casos de lapsos de escrita no texto, isto é, variantes involuntárias, este trabalho volta-se essencialmente para a maior parte das ocorrências, que apontam para alterações voluntárias inseridas nas fontes de que se serviu Manuel Cardoso de Abreu. Além disso, afora as variantes que se adequam a essa classificação, outros tipos foram encontrados no texto, tendo sido necessário buscar outras categorias em outros referenciais, como é o caso da reelaboração e da paragrafação.

O conceito de reelaboração considerado aqui é semelhante ao usado por Souza (2011, p. 592), que, por sua vez, teve como base a obra *Principî di Critica Testuale* (1972, p. 60-61), do filólogo italiano D'Arco Silvio Avalle, quando este trata do *rifacimento*, um processo de adaptação ou atualização linguística e estilística.

A reelaboração textual consiste em uma nova apresentação de uma frase, trecho ou parágrafo do texto-fonte em função do seu conteúdo, buscando-se recuperar o contexto linguístico e situacional do evento de onde o trecho foi selecionado.

Nesse processo, que algumas vezes acaba por gerar construções sem equivalência semântica, o estilo do autor é modificado, pois o grau de interferência na expressão e no conteúdo do texto é muito grande, maior do que no processo de substituição.

A paragrafação é entendida como um tipo de alteração feita no parágrafo, como salienta Souza (2011, p. 591), seja atuando em sua ordem ou em sua quantidade e extensão.

Há que se observar ainda que não serão consideradas nesta análise as variantes gráficas, porque as alterações mais significativas, que atingem o sentido do texto e o estilo do autor, operando uma intervenção efetiva, são as variantes linguísticas e textuais.

O exame das relações entre os textos em causa é apresentado da seguinte forma: os fragmentos dos textos em que ocorre modificação foram selecionados e distribuídos conforme o tipo de alteração introduzida (adição, omissão, alteração de ordem, substituição, reelaboração e paragrafação); dentro da sistematização das lições variantes, os fragmentos são colocados aos pares, um abaixo do outro, antecidos pela sigla do texto correspondente⁵², com a dita alteração destacada em negrito⁵³.

O levantamento das lições variantes foi exaustivo em todos os testemunhos colacionados. No entanto, dada a extensão das obras, não são apresentadas neste capítulo todas as ocorrências encontradas, apenas exemplos de cada categoria⁵⁴. Aos exemplos apresentados, escolhidos a partir de sua relevância no quadro geral das lições recolhidas, fazem-se comentários que buscam identificar padrões ou sub-padrões de modificação dentro das grandes categorias de alteração acima apresentadas.

2.4 CORPUS

O *corpus* para a realização desta análise apresenta todas as divergências encontradas a partir da colação de oito testemunhos, quatro manuscritos e quatro impressos, das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus, Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Manuel Cardoso de Abreu:

Pedro Taques de Almeida Paes Leme:

1. *História da Capitania de São Vicente*

3ª edição - 2004

⁵² A saber: **A:** *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*; **B:** *História da Capitania de São Vicente*; **C:** *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*; **D:** *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*; **E:** *Divertimento Admirável*; **F:** *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* (cf. Lista de Siglas das Fontes).

⁵³ Há que se considerar os textos resultantes das edições semidiplomáticas feitas pela autora desta tese. No caso da *Memória Histórica*, utilizou-se a lição de Costa (2007). As transcrições dos outros manuscritos ainda não se deram a conhecer. É importante destacar ainda que algumas das normas dos textos apresentados não correspondem às das edições semidiplomáticas dos mesmos textos, uma vez que poderiam dificultar a visualização dos trechos colacionados. Foram, portanto, retirados os itálicos, sublinhados e as fronteiras de palavras. (cf. Critérios de transcrição no Anexo 2).

⁵⁴ O levantamento exaustivo das ocorrências de cada categoria consta no Anexo 1.

2. *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*
Ms. apógrafo, Coleção Manuscritos do Brasil, número 48, do ANTT
3. *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*
1ª edição - 1849
4. *Nobiliarquia Paulistana*
1ª edição - 1870

Frei Gaspar da Madre de Deus:

5. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*
Ms. autógrafo, cota Ms. Azul 1751, da ACL
6. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*
Ms. apógrafo, cota 09, 03, 008, da BNRJ

Manuel Cardoso de Abreu:

7. *Divertimento Admirável*
3ª edição - 1977
8. *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*
Ms. de cota E11571, do AESP

Em várias de suas obras, o historiador Afonso Taunay discorre sobre o fato de a *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* ser o resultado da apropriação de outros textos. No entanto, o texto-fonte principal que serviu de modelo para sua estrutura e o seu conteúdo são as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, do frei beneditino Gaspar da Madre de Deus. A partir desse texto, Manuel Cardoso de Abreu deu início à sua memória, incluindo-lhe uma introdução, alguns trechos e parágrafos e um capítulo final, cuja procedência não foi identificada, além de trechos de seu texto *Divertimento Admirável* e de obras de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Na tabela a seguir é possível observar a localização das fontes no texto da *Memória Histórica*:

MEMÓRIA HISTÓRICA DA CAPITANIA DE SÃO PAULO Manuel Cardoso de Abreu	
Título	F
Introdução	F
§ 1 – 63	A
§ 63 (4ª linha – 7ª linha)	B
§ 63 (8ª linha) – 69 (5ª linha)	A
§ 69 (5ª linha – 15ª linha)	B
§ 69 (15ª linha) – 189 (17ª linha)	A
§ 189 (18ª linha – 23ª linha)	E
§ 190 – 203 (3ª linha)	A
§ 203 (3ª linha – 6ª linha)	E
§ 203 (20ª linha – 27ª linha)	E
§ 203 (28ª linha) – 217 (19ª linha)	A
§ 218 – 220	A
§ 221 – 238	C
§ 239 – 243	F
§ 244 – 326 (10ª linha)	A
§ 327 – 327 (13ª linha)	A
§ 327 (13ª linha – 53ª linha)	B
§ 328 – 330 (5ª linha)	A
§ 330 (5ª linha – 15ª linha)	B
§ 331 – 351 (61ª linha)	A
§ 351 (61ª linha) – 363	B
§ 364	A
§ 365 – 369	B
§ 370 – 380	A
§ 381 – 423	B
§ 424 – 426	F
§ 427	D
§ 428 -526	F

Tabela 1: Localização das fontes no texto da *Memória Histórica*

A *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, trata da história da capitania desde os seus primeiros donatários, Martim Afonso de Sousa e seu irmão Pero Lopes de Sousa, até a sua incorporação à Coroa de Portugal.

Dessa obra, foram identificados muitos parágrafos em diferentes partes da *Memória Histórica*. Considerando que a obra possui 166 parágrafos, dos quais foram copiados 54, pode-se dizer que Manuel Cardoso de Abreu se apropriou de cerca de 32% da *História da Capitania*.

A partir da pesquisa dos testemunhos dessa obra, identificaram-se 3 manuscritos em arquivos brasileiros: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro) [2], *DL 975.10* e *DL 975.20* [frag.], e Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), *I-30, 24, 1* [adap.], além de 3 impressos: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, 1847, tomo IX, p. 137-178/ 293-328/ 445-476; São

Paulo: Melhoramentos, [1928] e Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004 (Edições do Senado Federal, v. 129).

Como não foi possível a reprodução do manuscrito da *História da Capitania de São Vicente*, pois o processo de obtenção de cópias junto à instituição depositária é oneroso, o testemunho de colação eleito foi a 3ª edição da obra, de 2004, por ser mais acessível e facilitar a recolha das variantes, uma vez que também se encontra em formato digital.

A *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*, de Pedro Taques, disserta sobre os conflitos entre paulistas e jesuítas no século XVII pelo controle da mão de obra indígena, o que obrigou os padres a abandonar o seu colégio em 1649.

Esse fato foi um marco na história de São Paulo, de modo que não poderia deixar de ser relatado nas memórias da capitania. Assim, essa matéria é tratada na *Memória Histórica* a partir da transcrição de aproximadamente 57% da obra de Pedro Taques: 30 parágrafos de um total de 52.

Foram identificados 2 testemunhos manuscritos da *Notícia Histórica*: Brasil [1], Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), DL 42.17, e Portugal [1], Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), *Coleção Mss. do Brasil*, nº 48, ff. 128-149.

De sua tradição impressa constam 2 edições: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1849, tomo 12, p. 5-40, e São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1929].

Para a colação com a *Memória Histórica* foram escolhidos dois testemunhos da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo*: o manuscrito depositado na Torre do Tombo, uma vez que o manuscrito do Instituto Histórico encontra-se em péssimo estado de conservação, o que impediu a sua consulta, e a primeira edição da obra, na Revista do Instituto Histórico. A escolha de trabalhar com dois testemunhos, o manuscrito e o impresso, prende-se ao fato de haver algumas discrepâncias entre os textos desses testemunhos, como, por exemplo, a diferença de paragrafação e a ausência de algumas palavras ou frases no manuscrito.

A *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* é a maior obra de Pedro Taques, que registra a história e a genealogia dos primeiros povoadores de São Paulo, até a década de 70 do século XVIII.

Dessa obra, Manuel Cardoso de Abreu utilizou somente um parágrafo, inserido no capítulo VI do título dos “Prados” e que corresponde a uma carta régia aos oficiais da câmara da vila de São Paulo, de 1677.

Os manuscritos da *Nobiliarquia* não foram encontrados, mas a tradição impressa da obra conta com seis edições, correspondentes a vinte e quatro títulos genealógicos, a saber: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1870, tomo XXXIII, v. 41, 2ª parte, p. 27-185/ 249-335; **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940, tomo especial, v. 2; 3 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953, tomo II, (Biblioteca Histórica Paulista IV) e 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, tomo II, (Reconquista do Brasil, v. 6).

Escolheu-se como texto de colação a primeira edição da obra, de 1870, cujo parágrafo transcrito encontra-se nas páginas 152 e 153.

Memórias para a História da Capitania de São Vicente é a obra mais emblemática de Frei Gaspar da Madre de Deus, na qual o frei beneditino revela a origem da capitania e os acontecimentos que marcaram sua história.

Essa obra configura-se como o texto-fonte principal para a estrutura e o conteúdo da *Memória Histórica*. Além disso, dentre as cinco fontes identificadas de que se serviu Manuel Cardoso de Abreu, esse texto é o que apresenta o maior percentual de aproveitamento, correspondente na *Memória Histórica* a aproximadamente 54,2% (38.157 palavras de um total de 70.390).

A pesquisa das fontes da *Memória Histórica* permitiu identificar 3 testemunhos manuscritos das *Memórias* de Frei Gaspar, distribuídos em dois diferentes países: Brasil [1], Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), 09, 03, 008, e Portugal [2], Academia de Ciências (Lisboa), série Ms.Azul, nº 1751; Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), Coleção Mss. do Brasil, nº 48, ff. 1-35 [frag.].

Além dos testemunhos manuscritos, as *Memórias* contam com uma tradição impressa de 6 edições: Academia Real das Ciências (Lisboa, 1797); Tipografia de Agostinho de Freitas Guimarães (Rio de Janeiro, 1847); Weiszflog Irmãos (São Paulo e Rio de Janeiro, 1920); Livraria Martins Editora (São Paulo, 1953); Itatiaia e EDUSP (Belo Horizonte e São Paulo, 1975) e Senado Federal, Conselho Editorial (Brasília, 2010, Edições do Senado Federal, v. 129).

Essa recensão dos testemunhos de Frei Gaspar permite dizer que, ainda que não tenha tido uma grande difusão, considerando-se outros historiadores do Brasil em épocas aproximadas, o conhecimento dessa obra atravessou séculos.

Considerando-se que a apropriação textual de Manuel Cardoso na composição de sua *Memória Histórica* deu-se em um contexto de tradição manuscrita, elegeu-se, para a colação, o testemunho manuscrito das *Memórias* depositado na ACL, único testemunho autógrafo

dessa obra. No entanto, dado que esse texto apresenta diversas emendas apógrafas, inseridas por Diogo de Toledo Lara e Ordonhes a pedido da Academia, para que pudesse ser publicado, o que será levado em conta na colação é o texto autógrafo de Frei Gaspar, sem as emendas, ou seja, o texto com a primeira camada textual.

Há que se considerar ainda que há, nesse códice, oito fólios, diferentes dos fólios originais, inseridos posteriormente ao caderno, escritos totalmente pelo punho de Diogo Ordonhes, cuja matéria, em muitos lugares, diverge do que escreveu Frei Gaspar⁵⁵. Dessa forma, a colação entre A e G, nesses lugares, se dará em conjunto com o manuscrito das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* conservado na BNRJ, cota 09, 03, 008.

O capítulo XIII do texto intitulado *Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso*, de Manuel Cardoso de Abreu, é um registro da cidade de São Paulo em fins do século XVIII. É deste capítulo, especificamente dos parágrafos 2 e 3, sobre o terreno da cidade e suas igrejas e conventos, respectivamente, que Manuel Cardoso se valeu para a composição de sua *Memória Histórica*.

Do parágrafo 2 foi aproveitada somente a primeira frase, enquanto o parágrafo 3 foi transcrito quase em sua totalidade, com exceção da última frase. Isso representa um aproveitamento de aproximadamente 1,8% do *Divertimento Admirável*.

Foram encontrados, dessa obra, 2 testemunhos manuscritos: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro) [2], DL 50.2 [frag.] e DL 50.3.

Sua tradição impressa é composta de 3 edições: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1902, vol. 6, p. 253-293; **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914, vol. 77 (2ª parte), p. 125-156, e **Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial (1751-1804)**. São Paulo: Governo do Estado, 1977, p. 53-87 (Coleção Paulística, v. 1).

Devido às dificuldades de reprodução do manuscrito do *Divertimento Admirável*, foi considerada como testemunho de colação a 3ª edição da obra, reprodução mais acessível da 1ª edição, já que a 2ª apresentava divergências em relação à 1ª.

⁵⁵ Para que se conhecesse a lição original de Frei Gaspar, a comparação foi realizada com o manuscrito das *Memórias* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota 09, 03, 008.

2.5 CATEGORIZAÇÃO DAS LIÇÕES VARIANTES

A seguir apresenta-se a categorização de exemplos das lições variantes entre A, B, C, D e E, textos-fonte, e F, o texto da *Memória Histórica*:

2.5.1 Adição

Nos casos a seguir, verifica-se a coordenação de mais um elemento à oração. O conectivo *e* estabelece, nesses casos, uma expansão de constituintes, assim como *ou* estabelece uma alternância entre esses elementos, os quais compartilham o mesmo traço morfológico e semântico:

A: a Esquadra navegava

F: a Esquadra, **ou Armada** navegava

A: os Indios das outras Aldêas,

F: os Indios das outras **Nasçoens, e** Aldeyas,

A: com o tratamento de Cavalleiros Fidalgos,

F: com o **Character, ou** tratamento de Cavalleiros Fidalgos,

A: quem Ler, o que elle mesmo refere

F: quem ler, o que elle **escreveo, e** refere

B: Martim Afonso de Sousa,

F: Martim Afonso de Souza, **e Seus Successores,**

B: foi seu primeiro provedor Brás Cubas,

F: foi Seu primeiro Povoador, **e Fundador** Bras Cubas,

B: extraiu boa prata, frei Pedro de Sousa,

F: extrahio, **e fundio** Prata Frei Pedro de Souza,

B: Esta é a capitania de São Vicente,

F: Esta hé, **ou foi** a Capitania de Saõ Vicente

C: subrepticio, tudo o que em prejuizo deste povo lhe viesse,

F: Subrrepticio, **e obrepticio** tudo o que em prejuizo deste Povo lhe viesse,

Outro caso de adição é a inserção da conjunção coordenativa aditiva *e* em associação a advérbios, estabelecendo relação de temporalidade, ou a preposições:

A: pelo benefício da sua não esperada felicidade, mandou

F: pelo benefício da Sua felicidade, **e logo** mandou

B: no mesmo tempo do Conde de Monsanto

F: no mesmo tempo, **e por Provizaõ** do dito Conde de Monsanto,

E: Tem vários templos,

F: Está formozeada de **aparatozos edificios, e de varios** Templos,

A adição da conjunção *e*, que estabelece uma relação coordenativa entre termos e orações, facilita, de certa forma, a passagem de uma ideia a outra ou entre termos, ou ainda dando sequência a uma enumeração:

A: muitos Indios concorreraõ; o gosto da libertinagem os occupou,

F: muitos Indios concorreraõ, **e** o gosto da libertinagem os Occupou:

A: e todos seos filhos, nettos herdeiros, e Successores,

F: e todos seus filhos, Netos, **e** Erdeiros, e Successores,

B: as despesas da viagem. Prevenido com forças

F: as despezas da Viagem. **E** prevenido Com forças

B: doação de Martim Afonso de Sousa, foi fundada em 1667

F: Doação de Martim Afonso de Souza, **e** foi fundada em 1667

C: por cuja falta ignoramos o mais, que ella poderia conther a sua data,

F: por cuja falta se ignora o mais, que ella poderia conter, **e** a Sua data:

C: ao Reverendo Prelado Administrador desta repartição

F: ao Reverendo Prelado, **e** Administrador desta repartição,

Outros tipos de conjunções coordenativas foram adicionados, como é o caso das explicativas *pois* e *porque*. Verifica-se, nesses casos, que as orações nas fontes são independentes, separadas pelo ponto final, e, em F, ao compartilharem um tópico comum, elas se articulam por meio do conectivo:

A: para os amarem com excesso. Eraõ os Mamalucos os melhores Soldados

F: para os amarem com excesso, **pois** eraõ os Mamelucos melhores Soldados

A: quem lhe comunicou as noticias. O Posto de Governador,
F: quem lhe communicou as noticias, **porque** este Posto de Governador

B: sobre o Rio de Janeiro, tendo mandado a armada
F: Sobre o Rio de Janeiro, **porque** tendo mandado a Armada

Conforme explicamos, no processo de cópia das fontes para F, houve uma série de procedimentos voluntários do copista, como são, por exemplo, a omissão, a substituição e a alteração da ordem dos termos ou fragmentos textuais. Essas operações, algumas vezes, levam-no a, obrigatoriamente, adicionar outro termo à oração para que o texto continue coeso e coerente, funcionando como uma espécie de adaptação à nova realidade textual:

A: e agora vou convencer de faLsas as outras noticias de Pita.
F: e agora vai-se **a** convenser de falsas as outras noticias de Pita.

A: e outra na Villa de Santos, tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real, cujo teor he o seguinte: (L)
F: e outra na Villa de Santos, cujo theor hé o Seguinte. (p) **Sendo** tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real.

C: aos 7 de outubro de 1647 = Rey
Reconhecida, e respeitada a Paternal Clemencia do Soberano,
F: a 7 de outubro de 1647. (z) **E sendo** reconhecida, e respeitada a Paternal Clemencia do Soberano,

A inclusão da locução conjuntiva *etcoetera* ao fim da oração marca uma possível continuidade do assunto, que na verdade não existe no texto-fonte:

A: sendo o sitio desta dita Villa tudo mato.
F: sendo o Sitio desta Villa tudo mato. **Etcoetera.**

A: e Jurisdição da Villa de Santos da Capitania de São Vicente.
F: e jurisdição da Villa de Santos, da Capitania de São Vicente **etcoetera.**

B: pela dita homenagem tem de obrigação.
F: como pela dita homenagem tem de obrigação **etcoetera.**

Outro conjunto de adições representa casos de determinação ou explicação de um termo já existente. Tais casos ocorrem pela inserção de artigos determinados, advérbios, locuções adverbiais, adjetivos, substantivos e sintagmas:

A: No Archivo do Convento do Carmo existem os Autos
F: No Archivo do Convento do Carmo **de Santos** existem os Autos

A: e Guarda mór das Minas;
F: e Guarda Mor **Geral** das Minas,

A: hoje chamaõ-lhe Piassaguera,
F: hoje lhe chamão **o Porto de** Piassaguera,

A: o peor, que tem o mundo,
F: o peyor, **naquelle tempo**, que havia no mundo,

B: havia feito Dona Isabel de Lima de Sousa de Miranda,
F: havia feito **a ultima Donataria** Dona Izabel de Lima de Souza e Miranda,

B: carta precatória executória
F: Carta **de Deligencia** Precatoria, executoria

B: para conhecimento das vilas
F: para **verdadeiro** conhecimento das Villas,

B: ao seu rei Teviriçá,
F: o seu Rey Teviriçã **referido**,

C: para beneficio da Cultura
F: para **o** beneficio da Cultura,

C: athe que descubertas por Affonso Sardinha as primeiras Minas de oiro de lavagens
F: athé que descobertas por Afonso Sardinha, **neste continente**, as primeiras Minas de Ouro de lavagens

C: o padre Pedro Homem Albernás,
F: o **Reverendo** Padre Pedro Homem Albernáz,

C: por se ver o reconcavo da Bahya hostilizado,
F: por se ver o reconcavo da Bahya hostilizado **destes inimigos**,

D: Officiais da Camara de São Paulo. Eu o principe vos envio saudar.
F: Officiaes da Camara **da Villa** de Saõ Paulo. Eu o Principe vos invio **muito** Saudar.

D: e porque não poderão fazer
F: e porque **o** não poderaõ fazer

E: a Sé,
F: a Sé **Cathedral**;

E: São Gonçalo dos Pardos,
F: Saõ Gonçallo **Garcia**, dos **homens** pardos;

Encontram-se casos de adição de pronomes relativos, alguns dos quais estão relacionados ao fato de ter havido uma reelaboração do texto-fonte, ou de conjunções subordinativas, que estabelecem, entre as orações, uma relação de dependência de sentido:

B: vila de São Vicente. Fogaça porém se opôs

F: Villa Capital de Saõ Vicente; **ao que** Fogaça se opós

B: A vila de Santos está em vinte e quatro graus

F: A Villa de Santos / de que já tratamos / **que** está em 24 graos

B: e lhe não constava haver provisão alguma,

F: e **que** não lhe constava haver Provizaõ alguma,

Em relação à inserção do pronome *se*, verifica-se que há construções reflexivas e construções ligadas à indeterminação do sujeito, ainda que o sujeito esteja expresso na frase:

A: creu poder aproveitar a occaziaõ,

F: creio poder aproveitar-**se da** Occaziaõ,

A: Tambem não ha de negar que era do Rey a Armada, quem Ler a Carta Regia

F: Tambem não **se** ha de negar que era do Rey a Armada, quem ler a Carta Regia,

B: passeando por ela

F: passeando-**se** por ella,

B: e cumpra este alvará

F: e Cumprace este Alvará

O processo de adição também se dá no nível informacional, através da inserção de palavras, sintagmas, frases, trechos e parágrafos de tamanho variável, que contêm informações complementares às já existentes ou que estabelecem a articulação de frases e orações:

A: habitação antiga de seos Pays e Avós.

F: habitação antiga de Seus Pays, e Avós.

Este nome Pirátininga significa no idioma gentílico Peixe Seco, por se achar naquelles Campos Pirátininga o muito Peixe, que com a inundação do Rio Tyetê recebiaõ os ditos Campos, os quais, depois da mudança da Aldeya, tomou o nome de Campos de Guarê, que quer dizer couza, que foi, e não hé.

A: se deo o appellido de Capitania de São Paulo

F: se deo o apelido de Capitania de São Paulo. **A dita Villa de São Sebastião tem hoje em si o numero de 5 mil 238 almas.**

A: extrahido das Minas geraes, Cuyabá, e Goiazes nos seos principios;

F: extrahidos das Minas Geraes, Cuyaba; **Mato grosso**, e Goyas nos Seus principios.

A: eraõ gente rustica e acostumada a matar nas guerras,

F: era gente rustica, **desconfiada**, e acostumada a matar nas guerras,

B: Pedro Lopes de Moura – Leonardo Carneiro.

F: Pedro Lopes de Moura == Leonardo Carneiro == **Manoel Fernandez Porto.**

B: e ordenarem seus constituintes: que tinha feito pleito

F: e ordenarem Seus Constituintes. **Alem de** que tinha feito preito

B: ser fundada em janeiro de 1567 por Mem de Sá,

F: Ser fundada em 1567, por **Estacio de Sá, e depois por seu Tio** Mem de Sá,

B: sendo com isso cauza, e origem de se matar muita multidaõ de homens, mulheres, moças, moços, e meninos

F: sendo com isso cauza, / **deste Apostata, que chegou a ser publico Pregador da infame doutrina de Lutero, trata o Livro Castrioto Luzitano da restauração de Pernambuco no Livro sexto numero 17** / e origem de Se matar muita multidaõ de homens, mulheres, moças, moços, e meninos,

C: ententaraõ os moradores de Sam Paulo expulsar aos Iezuitas

F: intentarão os moradores de São Paulo **tornar a** expulsar os Iezuitas

D: como merecem tão leaes vassalos. Escripta em Lisboa a 29 de Novembro de 1677. Principe. Conde de Val dos Reis.

F: como merecem tão leaes Vassallos; **e emquanto a queixa, que me fazeis sobre a repartição do Sal, preço porque se vos vende, e excesso dos Officiaes da Villa de Santos, o Dezembargador Ioaõ da Rocha Pita, que invio a diligencias do meu Serviço a essas Capitancias / leva ordem minha para compor este negocio, e nos mais do meu Serviço, e do que tiveres que requerer perante elle vos fará justiça, e de vós confio o deixares obrar, advertindo-o daquellas couzas, que mais convenientes forem a vossa conservação, e augmento dessa Villa.**

Escripta em Lisboa a 29 de novembro de 1677 == Principe == Conde de Val dos Reys. (g)

E: Rosário dos Pretos,

F: o Rozario dos Pretos; **duas Capellas de Nossa Senhora dos Remedios, e de Santa Efigenia, ambas tambem dos pretos;**

A reiteração de palavras também se inclui no processo de adição, uma vez que um termo já mencionado anteriormente é novamente adicionado em outro lugar do texto:

A: 38. Com este documento se convence, que os vestigios não são de Alfandega; e com outro se mostra indubitavelmente, que nos primeiros annos entravaõ

F: 38. Este documento mostra que os vestigios não são de Alfandega, e com outro **documento** se mostra, que nos primeiros annos entravaõ

A: todas as 50. legoas de seos Sobrinhos, e começarei pelas 10, situadas

F: todas as 50 legoas de Seus Sobrinhos, começando pelas 10 **legoas** situadas

A: que diz, lhe demos posse de tudo,

F: que **lhe** dis, lhe demos posse de tudo

Outro processo é a inserção de palavras ou sintagmas que se encontravam subentendidos no texto-fonte:

A: que hia correndo a Costa até o Rio da Prata,

F: que hia correndo a Costa athé **chegar** ao Rio da Prata,

A: No principio foi habitada somente dos filhos,

F: 156. No principio **da Povoação de Santo Andre**, foi **ella** somente habitada dos filhos,

A: Tentaraõ persuadir aos do Governo,

F: Tentaraõ **os Padres** persuadir aos do Governo,

B: da de Santos, dessa de São Paulo,

F: da **Villa** de Santos, dessa **Villa** de Saõ Paulo,

B: e julgada por boa:

F: e **Ser** julgada por boa,

C: da expulção dos Padres Iezuitas, que executada na manhaã

F: da expulsão dos ditos Padres, que **foi** executada na manhaã

E: de São Francisco, São Bento,

F: de Saõ Francisco; **de** Saõ Bento;

A remissão a outras partes do texto, retomando ou anunciando os seus argumentos, se manifesta, respectivamente, através da adição de construções referenciais anafóricas e catafóricas:

A: governava em sua auzencia Fernão Vieira Tavares, como havia determinado

F: governava em sua auzencia Fernão Vieyra Tavares, / **que atras fica referido** / como havia determinado

A: passou o seguinte Alvará no anno de 1544. (Z)

F: passou hum Alvará no anno de 1544, (h) **do theor Seguinte:**

B: foi seu primeiro provedor Brás Cubas,
F: foi Seu primeiro Povoador, e Fundador Bras Cubas, **como está mostrado,**

B: referimos aqui alguns pagamentos.
F: apontar-se aqui alguns pagamentos, **que se encontra nos Livros seguintes.**

Há uma ocorrência de expressão enfática, que busca reforçar o que está sendo dito:

A: requeriaõ ao Prelado com vozes desentoadas,
F: requeriaõ ao Prelado com **vozes, e com** vozes dezentoadas,

Encontram-se ainda casos de adição que apontam para o que parece ser a correção do modelo:

A: e porem mando, que no tempo, que os Indios
F: e porem mando que no tempo, **em** que os Indios

A: porque logo assentou, que a Esquadra era de Portuguezes;
F: porque logo acentou, **de** que ella era de Portuguezes;

C: e largar fazendas, e engenhos,
F: e largar **de** fazendas, e Engenhos

C: como a que tem mui particular o Governador
F: como a que tem muito **em** particular o Governador

Além das adições intencionais, há casos evidentes de lapso de escrita, isto é, erros involuntários de transcrição, a que se segue sua retificação, caracterizada pela introdução do marcador verbal “digo”:

A: porem aos 19. de Abril do mesmo anno de 1561. já tinha Pelourinho,
F: porem aos 19 de Abril do mesmo anno de 1561, **já tinha Meirinho, digo** já tinha Pelourinho,

A: se rezolveo a reparti-las
F: se rezolveo **a repeti las, digo** a reparti las

A: para a banda do Nordeste,
F: para a banda **do Norte, digo** do Nordeste,

A: que elles para isso tinhaõ, era a mesma, que nos taes Paulistas concorria,
F: que elles para isso tinhaõ, **era a sua mayor esperança, digo** era a mesma que nos taes Paulistas concorria,

A: O Chronista da Provincia de Santo Antonio do Brazil conforma-se
F: O mesmo aSevera o Chronista **do Brazil, digo** da Provincia de Santo Antonio do Brazil,

Além das ocorrências de adição evidentes no corpo do texto, há casos de inserção de glosas marginais, as quais se encontram referenciadas no corpo do texto através de letras remissivas entre parênteses:

B: auto do teor seguinte:
F: Auto do theor Seguinte **(h)**

B: de 10 de julho de 1705,
F: de 10 de Iulho de 1705. **(c)**

C: lhe foi necessario despovoala,
F: lhe foi necessario despovoala **(u)**

C: por Alvará do mesmo Senhor de 3 de outubro de 1643 // que he do Theor Seguinte.
F: por Alvará do mesmo Senhor de 3 de outubro de 1643. **(x)**

2.5.2 Omissão

No que se refere à omissão de substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios, que podem ou não vir acompanhados por preposições, artigos ou conjunções, e também de alguns sintagmas, frases e trechos, verifica-se a tendência a suprimir do texto as palavras ou expressões determinativas, valorativas e explicativas:

A: Pedro Alvares Cabral, **illustre, e valerozo** Senhor de Azurara,
F: Pedro Alvarez Cabral, Senhor de Azurara,

A: havia conseguido o nome de Graõ Capitaõ, **que elle dezejou merecer desde o tempo da sua puericia.**
F: conseguiu o nome de Grão Capitaõ.

A: couza velha, **ou, para melhor dizer, antiquada.**

F: Couza velha.

B: Fernando Vieira Tavares, **sujeito de conhecida nobreza,**

F: Fernão Vieyra Tavares.

B: só era habitado dos **bárbaros** índios Tamoios:

F: era Habitada sô dos Indios Tamoyos

B: batida **incessantemente** da nossa artilharia

F: batida da nossa Artelharia,

B: A vila de **São Francisco das Chagas de Taubaté**

F: 20. A Villa de Taubate

C: Mem de Sá, **terceiro Governador Geral do Estado,** e a requerimento dos Padres do Collegio **da Villa** de São Vicente,

F: Mem de Sá, e a requerimento dos Padres do Colegio de Saõ Vicente,

C: pertendendo deitala abaixo

F: pertendendo deitar abaixo

C: em respeito dos Indios de Peru, **que estiveraõ nesta Cidade** de cuja liberdade

F: em respeito dos Indios do Perû, de cuja liberdade

C: Escriptura **de Transacção, e amigavel Composição,** celebrada .

F: escriptura celebrada

D: por se achar **a** minha fazenda tão exausta

F: por se achar minha Fazenda taõ exausta,

E: a **da** Misericórdia,

F: a Mizericordia;

Outra forma de tornar o texto mais objetivo e imparcial, conforme hipótese nossa, é por meio da eliminação das marcas de personalidade, que se manifestam principalmente quando, no texto-fonte, há considerações pessoais e avaliações sobre determinados fatos. São casos de omissão de palavras ou expressões modalizadoras ou de frases, trechos e parágrafos inteiros nos quais se manifesta a presença da primeira pessoa do discurso:

A: Esta foi, **a meo ver,** a razão,

F: Esta foi a razão

A: 67. Como nunca me appliquei ao estudo de GeneaLogias, he muito Limitada a minha instrucção sobre este assumpto; assim mesmo podéra eu repetir muitos nomes de Povoadores, se me fora necessario apontar os de todos, que me lembra ter achado com o

tratamento de nobres em documentos autenticos, ou livros impressos. Para que o Leitor possa formar alguma idéa da qualidade dos primeiros Colonos,

F: 67. Para que o Leitor possa formar alguma ideya da qualidade dos primeiros Colonos,

A: e seus Irmaons, **que eu conheci**, sempre foi reputada

F: e seus Irmaons, sempre foi reputada

A: primeiro Povoador da Fazenda de Santa Anna, **onde nasci, e fui regenerado pelo Sacramento do Baptismo, que alli me conferirão na Capella de meos Pays:**

F: primeiro povoador da Fazenda de Santa Anna;

A: Iorge Pires. O doutissimo Pedro Taques escreveo-me de São Paulo em carta sua datada em 1768. **que** Jorge Pires fora Cavalleiro Fidalgo,

F: Iorge Pires se dis ser cavalleiro Fidalgo,

A: 181. **Para que não duvide da minha veracidade, quem souber, que Amador Bueno foi meo terceiro Avo paterno**, vou confirmar a substancia do cazo com as palavras de Artur de Sá,

F: 182. Este cazo se verefica com as palavras de Artur de Sá,

A: para que se não oppuzesse á novidade. **Isto he suspeita minha.**

F: para que se não opuzesse a novidade.

Constataram-se outros casos de omissão, os quais apontam para a redução de elementos e de conteúdo do texto-fonte. Tais ocorrências envolvem verbos, advérbios, pronomes, substantivos, preposições, conjunções e numerais, além de frases, trechos e parágrafos:

A: 100 legoas por Costa, **e nos fundos de tudo, quanto pertencesse á Coroa de Portugal**, mas a Sua posse chegou

F: Cem legoas por costa; mas a Sua posse chegou

A: no seo injusto sistema. **Notou Santo Agostinho, que Deoz Senhor Nosso algumas vezes permite, e disfarça as culpas humanas, a fim de conseguir maiores bens por esse modo: isto se verificou a respeito das guerras injustas dos Paulistas com os Barbaros; pois dellas rezultarão grandissimas conveniencias ao Estado, e muita gloria ao Senhor pela conversão de inumeraveis Gentios, que os Paulistas introduzirão na Igreja.**

F: no seu injusto Systema.

A: Engenho d'agua chamado da Madre de Deoz, **e huã Capella da Senhora com esta invocação**, titulo, que ao depois se mudou pelo de Neves;

F: Engenho d'agoa chamado da Madre de Deos; cujo titulo ao depois se mudou pelo de Neves.

B: aos seus moradores: **tem igreja matriz, um convento de religiosos capuchos de Santo Antônio, e outras igrejas e capelas**, e é governada por um capitão-mor.

F: aos seus moradores, e hé governada por hum Capitão Mor.

B: surgiu em Cabo Frio **em 1554**, onde introduzido

F: Surgio em Cabo Frio, onde introduzido

B: ao Marquês de Cascais, **o que melhor se vê da mesma carta registrada na Câmara da vila de Taubaté no livro de registros número 17, página 13. De então até o presente não consta que houvesse movimento algum de donatário interessado na sua capitania das cem léguas de costa concedidas de juro herdade a Martim Afonso de Sousa. São Paulo e de janeiro 3 de 1772 anos. – Pedro Taques de Almeida Pais Leme.**

F: ao Marques de Cascaes. (e)

C: Aumentou-se a povoação de Piratyninga, **tomando o nome da Villa de Sam Paulo com a conversão dos Gentios**, cuja administração

F: augmentouce a Povoação de Pirátininga, cuja administração

C: cuja Cópia hé a Seguinte

== Escriptura de Transacção, e amigavel Composição, e rennunciação que fizeraõ os Padres da Companhia com o Povo das Capitanias do Rio de Janeiro ==

F: Cuja Cópia hé do theor Seguinte.

C: o Reverendo Padre Procurador **em respeito dos** desta Capitanã,

F: o Reverendo Padre Procurador desta Capitania,

E: É a cidade aprazível pelo terreno e **saudável pelos ares, e não é muito pequena, pois se conhece a sua grandeza pelo número das ruas, cujas são: de São Bento, Direita, de São Francisco, das Casinhas, da Freira, de São Gonçalo, da Sé, das Flores, do Carmo, que é onde está o palácio dos generais, do Rosário, da Quitanda e Rua Nova de Guacio, todas elas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porém, de serem a maior parte das casas térreas e as ruas mal ordenadas e mal calçadas.**

F: Está cituada em lugar aprazivel,

E: São Gonçalo dos Pardos, **entre os quais alguns bem acabados e magníficos,**

F: Saõ Gonçallo Garcia, dos homens pardos;

E: e capacitado das suas razoens, **annuo á supplica**, rezolveo finalmente amparar aos hospedes,

F: e capacitado das suas razoens, rezolveo finalmente amparar aos hospedes,

Em A e C, os erros de escrita percebidos a tempo eram imediatamente retificados, acrescentando-lhes logo após os marcadores “digo” ou “alias” e a palavra ou expressão correta. Esses casos de emendas foram omitidos em F:

A: como a do Rio da Prata, **expuzesse, digo**, os colonos,

F: como a do Rio da Prata, os Colonos,

A: de Braz Cubas, Capitão, **e Ouvidor, digo**, como // filho de Luiz de Goes,

F: de Braz Cubas Capitão // Como filho de Luis de Goes,

A: havia fundado Gabriel de Lara, **tomou, digo, posse** em nome de Dom Diogo de Faro, e Souza,

F: havia fundado Gabriel de Lara em nome de Dom Diogo de Faro e Souza,

C: e **esta Provizam alias** esta com Provizam de Sua Magestade,

F: e esta com Provizaõ de Sua Magestade,

Casos semelhantes aos das omissões de emendas são os das supressões de elementos do testemunho fonte considerados desnecessários ao entendimento da oração ou inadequados:

A: Respira **em** São Paulo de Piratininga hum ar muy puro,

F: Respira São Paulo de Pirátininga hum ar mui puro

A: (este nome quer dizer sitio, **de** onde se ve o mar)

F: / este nome quer dizer sitio onde se vé o mar /

A: a Villa de São Vicente, **e** a de Santos, e a de São Paulo

F: a Villa de São Vicente, a de Santos e a de São Paulo

B: Dom Afonso de Faro, **etc.**

F: Dom Afonso de Faro.

B: que **se** lhe deu vista

F: que lhe dessem vista

B: não há mais do que **se** sentenciarem as terras sem **se** ter julgado

F: não há mais do que Sentencearem as terras sem ter julgado

C: E falando da administração **no** Espiritual das ditas Aldeas,

F: E fallando da administração expiritual das ditas Aldeyas

C: serenouse a tempestade pelo Termo,

F: Serenou a tempestade pelo Termo,

Há casos em que elementos do texto que são facilmente recuperados pelo contexto são omitidos:

A: e o arroz em casca **vendia-se** a 50. reis o alqueire,

F: e o Arros em Casca a 50 reis o alqueire,

A: Ouvio pois **dizer** Vaissete, ou quem lhe deo a noticia,

F: Ouvio pois Vaisete, ou quem lhe deo a noticia,

A: porque as viagens ordinarias **desta Villa** para aquella Cidade

F: porque as viagens ordinarias para aquella Cidade

B: e com esta **todas** as mais vilas do centro

F: e com esta as mais Villas do centro

B: da qual **posse** se fez auto

F: da qual se fes Auto

B: todos os **índios** do Brasil.

F: todos os do Brazil.

Há que se considerar ainda os erros involuntários, como é o caso da supressão do advérbio de negação, que prejudica o sentido da oração, ou os casos que, ao que tudo indica, representam saltos de igual a igual, motivados pela repetição de palavras:

A: e por nella **naõ** estar o nome do Senhor Rey,

F: e por nella estar o nome do Senhor Rey,

A: e mercê de juro, e herdade **para sempre. Item outro si lhe faço mercê de juro, e herdade** para todo o sempre das Alcaidarias móres

F: e mercê de juro, e Erdade por todo o sempre das Alcaydarias Mores

A: por se intitular Donatario **de Saõ Vicente, sem o ser, e naõ se appellidar Donatario** de Santo Amaro, como devia,

F: por se intitular Donatario de Santo Amaro, como devia,

A: Manoel **Rodrigues de Moraes, e deraõ posse dellas a Joaõ de Moura** Fogaça, Procurador da Condeça de Vimieiro

F: Manoel Fogaça, Procurador da Condessa de Vimieyro

C: como eleitos por elles, **aceitavaõ na forma relatada em virtude delas, por elles,** e outro sim foi dito,

F: como eleitos por elles; e outro Sim foi dito,

Existem também omissões de frases referenciais anafóricas e catafóricas:

B: Condessa de Vimieiro, **como fica referido;**

F: Condessa de Vimieyro

B: no dia 12 do mês de janeiro de 1621, sendo officiais da Câmara Gregório Rodrigues, Alonso Pelaes, Diogo Ramirez e Jorge Correia, moço da Câmara d'el-rei. **Todo este fato assim referido consta difusamente no lugar embaixo citado.**

F: no dia 12 do mesmo Ianeiro de 1621

B: de 24 de janeiro de 1559, **como fica referido;**
F: em 24 de Janeiro de 1559.

C: por Alvará do mesmo Senhor de 3 de outubro de 1643 // **que he do Theor Seguinte.**
F: por Alvará do mesmo Senhor de 3 de outubro de 1643. (x)

C: de que tinhaõ sido lançados, **como fica indicado** se constituirão protectores
F: de que tinhaõ sido lansados, se constituirão Protectores

C: Camara de Sam Paulo, **pelo theor seguinte.**
F: Camara de São Paulo. (b)

2.5.3 Alteração da Ordem

Em relação à alteração da posição do verbo na oração, encontram-se casos de verbo anteposto ao pronome quantificador “todos” e posposto ou anteposto ao advérbio ou ao seu complemento. No caso das locuções verbais, o complemento é colocado entre o verbo auxiliar e o verbo principal:

A: Ilha de São Vicente, onde **todos estamos....**
F: Ilha de São Vicente, onde **estamos todos....**

A: do que Lá tendes feito, **tinha mandado o anno passado**
F: do que lá tendes feito, **tinha o anno passado mandado**

A: e não lhe sendo possivel **castigar pessoalmente** o insulto Gentilico,
F: e não podendo **pessoalmente castigar** o insulto,

A: e hoje **somente hé** capaz de canoas
F: e hoje **hé somente** Capaz de Canoas.

A: que suppunhaõ **habitado só de feras,**
F: que Supunhão **só de Feras habitado.**

B: que depois **se chamou no batismo** Isabel,
F: que depois **no Baptismo se chamou** Izabel,

B: que **dessem logo** posse
F: que **logo dessem** posse

B: **só era habitado** dos bárbaros índios Tamoios:
F: **era Habitada sô** dos Indios Tamoyos

B: levantou à sua custa igreja matriz
F: A sua Custa levantou Igreja Matris

B: concedesse também terras de sesmarias.
F: tambem concedesse terras de Sesmarias

A mudança de posição do pronome em relação ao verbo pode dar-se por ênclise ou próclise:

A: por lhes persuadir, que nada temessem.
F: e a persuadir-lhes que nada temessem.

A: e collocaraõ-na em huã Capellinha,
F: e a Colocarão em huma Capelinha,

A: hoje chamaõ-lhe Piassaguera,
F: hoje lhe chamão o Porto de Piassaguera,

A: mas por fim retirou-se fugitivo para o Paraguai
F: e por fim se retirou fugitivo para Paraguay.

A: muito longe de se opporem á conversão dos Gentios,
F: muito longe de oporem-se á Conversão dos Gentios,

A: pelo Sertaõ não as poderão fazer
F: pelo certaõ não poderaõ fazelas

B: o general Albuquerque se achava então ausente
F: achavasse o dito Governador auzente

Outras classes de palavras que sofrem alteração de ordem nas orações são advérbios, substantivos, preposições, adjetivos e pronomes, podendo apresentar diferença semântica:

A: a Imagem de Santa Catharina, que ainda hoje se venera em Santos,
F: a Imagem de Santa Catharina, que hoje inda se venera em Santos,

A: Estes queriaõ augmentar a sua Aldêa, e aquellLes a sua Villa,
F: estes queriaõ augmentar a sua Villa, e aquelles a sua Aldeya.

A: unicamente o seu não se encontra,
F: unicamente o seu se não encontra,

B: Antônio Caetano **Coelho Pinto**
F: Antonio Caetano **Pinto Coelho**

B: por seu **procurador bastante**
F: por seu **bastante Procurador**

B: em diversos **ribeirões e sítios**,
F: em diversos **Sítios, e Ribeiroens**;

B: de gente **armada em canoas** de guerra
F: de gente **em Canoas armadas** em guerra

C: hum em Sam Paulo, e **na Villa de Santos outro**.
F: hum em São Paulo, e **outro na Villa de Santos**.

C: Sirva **tambem, Senhor**, de exemplo
F: Sirva, **Senhor tambem** de exemplo

C: onde está o **mayor numero** de gentio,
F: onde está o **numero mayor** de Gentio,

A seguir apresentam-se casos de inversão da ordem sintática:

A: **Devia declarar o Author**, que as conquistas espirituas de seos Socios,
F: **Tambem o Autor devia declarar**, que as Conquistas expirituaes de seus Socios,

A: e **Sua Magestade o fez** Donatario da Capitania de São Thomé
F: e **o fez, Sua Magestade**, Donatario da Capitania de São Thome,

A: **Vasconcellos** nesta parte da fundação de São Paulo regulou-se
F: Da Fundação de São Paulo regulouce **VasConcellos**

A: Eu vou relatar, o que **deste Fidalgo escreve o Chronista de Santo Antonio do Brazil**, (a)
sem me constituir fiador das suas noticias.
F: **O chronista de Santo Antonio do Brazil escreve deste Fidalgo** o Seguinte (a)

B: foi **a Condessa de Vimieiro** repelida
F: foi repelida **a Condessa de Vimieyro**

B: **Mem de Sá**, quando segunda vez saiu da Bahia
F: quando **Mem de Sá**, segunda ves, sahio da Bahya

B: com o teor dos autos **da demarcação** que o provedor fez,
F: com o theor dos Autos, que o Provedor fes **a demarcação**,

Os casos de alteração da ordem considerados acima se referem a palavras ou sintagmas que aparecem contíguos no texto, no entanto, no *corpus*, há também ocorrências de deslocamento de termos na oração ou de uma oração para a outra. Algumas dessas ocorrências têm impacto sobre o sentido da frase:

A: que habitariaõ nas cazas vendidas até partir a Armada, que estava no Porto. (m) (Esta foi a Armada, **de que era Capitão mór Pedro de Goes**).

F: que habitariaõ nas Cazas vendidas athé partir a Armada, **de que era Capitam Mor Pedro de Goes**, que estava no Porto. (a)

A: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas geraes, Goiazes, Cuiabá, e Sertão da **Bahia**.

F: São Paulo. Rio de Ianeiro, **Bahya**, e Minas Geraes. Etcoetera.

A: e outra na Villa de Santos, **tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real**, cujo teor he o seguinte: (L)

F: e outra na Villa de Santos, cujo theor hé o Seguinte. (p) Sendo **tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real**.

A: tenho encontrado varios **nos** Livros dos Registos das Sesmarias

F: se achaõ **em** varios Livros de registos de Sesmarias

B: como tudo se vê **no cartório da provedoria da Fazenda** nos livros do registro das cartas de sesmarias.

F: como se ve no Livro de registo das Sesmarias numero primeiro anno 1.562, pagina 37. **no Cartorio da Fazenda Real**

B: obteve provisão **datada no Rio de Janeiro no mesmo ano de 1646** de Duarte Correia Vasques Anes, como administrador das minas.

F: obteve Provizaõ de Duarte Correa Vasques Aunes, Administrador das Minas, **datada no Rio de Ianeiro em 1646**,

E: a Sé, **os conventos do Carmo e de São Francisco, São Bento, Santa Tereza**, São Pedro, o Colégio que foi dos denominados jesuítas, em que assiste o bispo, **a da Misericórdia, Santo Antonio**, Rosário dos Pretos, e **São Gonçalo dos Pardos**, entre os quais alguns bem acabados e magníficos, e fora da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o reconhimento da Luz,

F: a Sé Cathedral; Saõ Pedro; o Colegio dos extinctos, e proscriptos Iezuitas; **Saõ Gonçallo Garcia, dos homens pardos; Santo Antoninho**; o Rozario dos Pretos; duas Capellas de Nossa Senhora dos Remedios, e de Santa Efigenia, ambas tambem dos pretos; **a Mizericordia; Os Conventos do Carmo; de São Francisco; de São Bento**; e os Recolhimentos de **Santa Thereza**, e da Luz,

2.5.4 Substituição

As substituições encontradas no *corpus* se enquadram em uma gradação entre casos de 1) concordância (muito forte) entre o que substitui e o que foi substituído; 2) concordância parcial (acréscimo ou supressão de novos conceitos, sem alterar o sentido) e 3) discordância (quase total ou muito forte) entre os termos substituídos.

Fazem parte do primeiro padrão de substituições os casos de palavras ou expressões com forte semelhança de sentido:

A: A Capitania de São Vicente **muito famigerada**

F: A Capitania de São Vicente **taõ celebre**

A: **arrostou** huã ilha alta na latitude de 23. graos,

F: **avistou** huma Ilha alta na latitude de vinte e tres graos,

A: se foraõ **interesseiros**, saberiaõ aproveitar-se de tanto ouro

F: se foraõ **cobiçozos** saberiaõ aproveitar-se de tanto ouro,

A: e para que se não Levantasse outra semelhante **no tempo futuro**,

F: e para que senaõ levantace outra semelhante **para o futuro**,

A: da nova Provincia **Brazilica**,

F: da nova Provincia **do Brazil**,

A: Levou para as taes Ilhas **nos primeiros annos** da sua povoação;

F: levou para as taes Ilhas **no principio** da Sua Povoação,

B: porém **nós entendemos** que foi Sebastião Pais de Brito.

F: porem **julgasse** que foi Sebastião Paes de Brito.

B: A vila de Jundiaí foi **criada** no mesmo tempo

F: A Villa de Iundiahy foi **erecta** no mesmo tempo

B: tudo **pertencente** ao dito conde

F: tudo **pertence** ao dito Conde

B: guerra **contra** os portugueses

F: guerra **com** os Portuguezes

B: **doação do** primeiro donatário Martim Afonso de Sousa

F: **concedidas ao** primeiro Donatario dito Martim Afonso de Souza.

C: por **determinação** de Mem de Sá,

F: por **ordem** de Mem de Sá,

C: athe que tornaraõ a ser a elles **restituidos**.

F: athé que tornarão a Ser a elles **recolhidos**.

C: cortaõ por semelhantes **incomodidades**,

F: cortaõ por Semelhantes **incommodos**,

C: Cabos, e Officiaes **experientes** na guerra

F: Cabos, e Officiaes **experimentados** na guerra

Verifica-se que as substituições afetam também os morfemas flexionais de pessoa, tempo, modo, voz, gênero, número e grau. Especificamente em relação à substituição das flexões verbais, verifica-se o apagamento das marcas de 1ª pessoa, em favor de um texto que procura neutralizar algumas das declarações do autor:

A: Pelo Sertaõ **atravessou** a animozidade

F: Pelo certaõ **atravessava** a animozidade

A: Se o Author **chamasse** Plagiarios aos Paulistas antigos,

F: Se o Autor **chamou** Plagiarios aos Paulistas antigos,

A: Santo Amaro ficou taõ **solitaria**,

F: Santo Amaro ficou taõ **Solitario**,

A: para supportarem os incomodos **dos Sertoens**.

F: para suportarem os incomodos **do Certaõ**,

A: Martir **gloriozissimo**,

F: Martyr **gloriozo**,

B: o procurador do dito conde **beijou** a vara,

F: o Procurador do dito Conde **beijara** a Vara,

B: o que tudo assim declarado se **cumprirá** inteiramente

F: o que tudo assim declarado se **cumpra** inteiramente

B: **Havia** já quatro anos

F: **Haviaõ** já quatro annos,

B: tendo mandado pedir **socorro** de gente

F: tendo mandado pedir **soccorros** de gente

B: **tinha sido** dada pelo donatário

F: **foi** dada pelo Donatario

B: e **se aclamou** em vila por provisão
F: e **foi aclamada** em Villa por Provizaõ

C: Esta certeza **descobrimos** em hum livrinho manuscripto
F: Esta certeza **se descobrio** em hum livrinho manuscripto

C: passada para **as Índias** do Perú, Reyno de Castella a **instancias** do Imperador Carlos quinto,

F: passada para **os Indios** de Perû, Reino de Castella, a **inſtancia** do Imperador Carlos quinto

C: que lhes **parece** poderiaõ ter cada hum
F: que lhes **parecesse** poderiaõ ter cada hum

C: por cuja falta **ignoramos** o mais,
F: por cuja falta **se ignora** o mais,

D: para supprir **as despesas** do que fica referido
F: para Suprir **a despeza** do que fica referido

E: Santo **Antonio**,
F: Santo **Antoninho**;

Em outro padrão encontram-se os casos de substituição entre formas ou expressões que guardam identidade com a fonte, mas que a alteram mais profundamente. Em alguns casos, o motivo é a mudança de pessoa do discurso:

A: e **não a regeitou** Martim Affonso, e sempre a estimou muito,
F: **o que aceitou** Martim Afonso, e sempre a estimou,

A: que **se desviou para o extremo contrario**,
F: que **seguio opiniaõ muito contraria**.

A: **na mesma occasiaõ, em que** mandou fundar a Cidade da Bahia,
F: e **quando** Dom Ioaõ terceiro mandou fundar a Cidade da Bahya,

A: Enguaguaçú, nome composto do Substantivo Enguá, e do adjectivo Guaçú, **e vem a dizer**, Pilaõ grande.
F: Enguaguaçû, **que significa** Pilaõ grande.

A: tomou a resolução de hir **lançar a semente do** Evangelho
F: tomou a resolução de hir **pregar o** Evangelho

A: e não tenho fundamento, para **me oppor ao** naufragio
F: e não há fundamento para **duvidar do** naufragio

A: e Minas **geraes**,
F: e Minas **do Ouro**

A: mas **Pedro Taques** em varios lugares de seos preciozos, manuscriptos
F: mas **certo anonimo de bom criterio** em varios lugares de Seus manuscriptos

B: cartas firmadas **pelo** real punho
F: cartas firmadas **do** Real Punho

B: ausente **nos Estados de** Flandres,
F: auzente **em** Flandres,

B: (neste **tempo** ausente em França),
F: / neste **anno** auzente em França /

B: protetor **desta** guerra,
F: Protector **da** Guerra,

C: e estar por todo o contheudo **nesta** dita escriptura,
F: e estar por todo o Contheudo **na** dita escriptura,

Ainda dentro do padrão de concordância parcial entre os termos substituídos estão as substituições relacionadas aos itens lexicais com identidade referencial, como pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos, que parece terem como propósito a coesão textual. No caso específico da substituição dos locativos, buscou-se apagar marcações de localização espacial referidas do autor:

A: deraõ principio á de São Paulo os Padres da Companhia. Os primeiros **Religiozos da extincta sociedade de Jezus** chegaraõ ao Brazil em 1549.

F: deraõ principio a de São Paulo os Padres da Companhia, os primeiros, **que** chegaraõ ao Brazil em 1549

A: mandar Sua Magestade recolher **o enganador**;
F: mandar Sua Magestade recolhe-**lo**,

A: Ver se hia bem provada **esta** verdade,
F: **cuja** verdade ver se hia bem provada,

A: Nas vesperas do embarque **de Martim Affonso**
F: Nas vesporas do **Seu** embarque

A: Fundou e fez **esta Villa**
F: Fundou, e fes **a Villa de Santos**

B: Martim Afonso de Sousa concedeu **ao dito João Ramalho**

F: Martim Afonso **lhe** concedeo

B: da Capitania **de São Vicente**

F: da **dita** Capitania,

B: que feita **a dita demarcação** com as partes citadas,

F: que feita **ella**, com as partes Citadas,

B: faltando na Bahia as notícias **ao Governador Mem de Sá**,

F: faltando-**lhe** na Bahya as noticias,

B: **o qual** deu conta a Sua Majestade

F: **este** deo Conta a Sua Magestade

Encontram-se também, no *corpus*, casos de substituição por termos que opõem as redações das fontes e de F. Essas discordâncias parecem ser motivadas pela substituição das marcas de enunciação, pela manutenção da coesão e coerência, pela concisão textual ou, em outros casos, pelo acréscimo de outras informações:

A: e se **aqui** se fundasse a Villa,

F: e Se **ali** se fundasse a Villa,

A: cumprir inviolavelmente os seos **dispotismos**;

F: Cumprir inviolavelmente os Seus **Despachos**;

A: a que não possa rezistir Moschéra, aquelle **Moschéra** intrepido,

F: que não possa rizistir: Moschera, aquelle **varaõ** intrepido,

A: que os governasse **com independencia** de Portugal.

F: que os governasse **sem dependencia** de Portugal.

A: Piratininga, ou Piratinim, como acho escripto em alguns documentos antigos, **e o lugar dessa confluencia fica Longe da Cidade couza de meia legoa.**

F: Pirátininga, como se acha escripto em alguns documentos antigos, **hoje vulgarmente tambem Tamanduatiý.**

A: vinha por mar a ataca-llo. **Dispôz huã bateria de 4. peças de artilharia, que havia tirado de sua preza; fez novos entrincheiramentos ao seo Forte, e mete huã parte de sua gente em emboscada em hum bosque, que cobria o Lado do mar.** Os Portuguezes

F: vinha por mar atacalo, **quando** os Portuguezes

B: das oitenta léguas de seu **bisavô** Pedro Lopes de Sousa

F: das 80 legoas de Seu **bisneto** Pedro Lopes de Souza,

B: que **fossem** acudindo

F: que **viessem** acudindo

B: se criou ouvidoria na **pessoa do Dr. Antônio Álvares Lanhas Peixoto.**
F: se creou Ouvidoria na **dita Villa:**

B: armas **dos moradores** da Capitania de São Vicente:
F: Armas **Portuguezas** da Capitania de São Vicente:

B: o paulista **Baltasar** Fernandes,
F: pelo Paulista **Bartholomeu** Fernandez,

B: o tempo de sua **procuração**
F: o tempo de Sua **Provizaão**

C: origem de **fucturas** consequencias,
F: origem de **funestas** consequencias,

C: que teve em Sam Paulo **honrosos** empregos da Republica,
F: que teve em São Paulo **os** empregos da Republica

D: não poderão fazer sem **adjutorio** d'esses moradores,
F: não poderaão fazer sem **a interior** desses moradores,

D: o imposto **e** donativo de Inglaterra, e paz de Holanda
F: o imposto **do** Donativo de Inglaterra, e Paz de OLanda

E: o reconhecimento da Luz, **onde vão os magnatas da cidade e o mais plebeu por passeio, divertir-se.**
F: os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz, **e muitos delles ornados ricamente:**

E: o Colégio que foi dos **denominados** jesuítas,
F: o Colegio dos **extinctos, e proscriptos** Iezuitas;

Os erros de cópia aparentemente involuntários se manifestam pela substituição de uma palavra por outra formalmente semelhante:

A: que disfarçavaão o seo **prazer**,
F: que disfarçavão o seu **pezar**

A: com tanta **facilidade**, que os Portuguezes, descontentes do Governador, se uniraão a elle.
F: com tanta **felicidade**, que os Portuguezes, descontentes do Governador se uniraão a elle.

A: os **Historiadores** do Paraguai o representaão abandonado
F: os **Habitadores** do Paraguay o representaão abandonado

A: a **ignominia** de sua Patria,
F: a **ignorancia** de Sua Patria,

A: e com igual **falsidade** mutilou a carta de Martim Affonso,

F: e com igual **facilidade** mutilou a Carta de Martim Afonso,

B: beijou a vara, e a **tomou** ao dito juiz dizendo

F: beijara a Vara, e **tornou** ao dito Iuiz dizendo,

B: em **augmento** das terras da Condessa donatária

F: em **pagamento** das terras da Condessa Donataria.

B: Bartolomeu **Bruno** de Siqueira

F: Bartholomeu **Bueno** de Siqueira

C: de **Paragua** de Vuturuna,

F: de **Iaraguâ**, de Vuturuna

C: que para **perderem** tiverão Conselho aberto os amotinados,

F: que para **prenderem** tiverão Conselho aberto os amotinados;

C: e em parte **executando-os**,

F: e em parte **exceptuando os**,

Há ainda ocorrências relevantes de substituição de pontuação:

A: sem os instrumentos necessarios para a defesa?

F: sem os iñstrumentos necessarios para a deffensa.

A: que poderia vir, não sei de onde.

F: que poderia vir sem se saber de onde?

A: havia desembarcado Martim Affonso, quando foi ao Rio da Prata:

F: havia desembarcado Martim Afonso, quando foi ao Rio da Prata?

A: ainda não haviaõ Negros na Capitania de São Vicente.

F: ainda não haviaõ negros na Capitania de São Vicente?

2.5.5 Reelaboração

No *corpus*, o processo de reelaboração textual pode ser realizado segundo preferências lexicais, sintáticas e semânticas, abrangendo casos de adaptação a uma linguagem mais concisa, alteração na estrutura sintática, paráfrase e alteração semântica.

Como a reelaboração tem como uma de suas etapas a substituição de informações, esses dois conceitos, de reelaboração e de substituição, são facilmente confundidos, mas há que se considerar que a reelaboração vai além da simples substituição, uma vez que não somente seleciona e substitui informações, mas também as reconstrói através de associações a significados. Nesse processo, há interferência na forma e substância da expressão e do conteúdo, objetivando, de acordo com Souza (2011, p. 595), sintetizar uma passagem descritiva ou informativa do texto.

A síntese consiste na exposição resumida de uma parte do texto-fonte, contendo suas características básicas, num todo coerente, com a finalidade de transmitir uma ideia geral e concisa sobre o seu sentido:

A: Os Governos Geraes de **Minas Geraes, Goiazes, Mato grosso**, São Paulo, e Rio de Janeiro,

F: os Governos Geraes de **todas as minas**, São Paulo, e Rio de Janeiro,

A: 7. **Depois de gastar alguns mezes nestas diligencias, deichando nas Fortalezas a gente necessaria para a sua defesa, e da Real Feitoria**, sahio de Itamaracá,

F: 7. **Dispondo as Couzas no Seu devido pê**, Sahio de Itamaracá

A: **Todas estas noticias, que eu n'outro tempo acreditava como artigos de fe historica, estão muito longe de merecer firme assenso; porque huãs são muito duvidozas, e outras absolutamente falsas, como hirei mostrando nas seguintes reflexoens.**

F: **cujas noticias, parecendo veridicaz em outro tempo, se mostraõ falsas nas seguintes reflexoens.**

A: o referido Padre Nobrega, **quando recebeo a Patente, em que Santo Jgnacio de Loyola o criou Provincial** da nova Provincia Brazilica,

F: o referido Padre Nobrega, **e recebendo a Patente de Provincial** da nova Provincia do Brazil,

B: perdeu a donatária Condessa de Vimieiro **a vila de São Vicente, sua capital, com as mais que temos referido,**

F: perdeu a referida Condessa Donataria **as Suas Villas,**

B: **foram os seus capitães-mores os que continuaram com a jurisdição de darem sesmarias de terra aos moradores da cidade de Cabo Frio,**

F: **Todos os Capitaens Mores**, Governadores da Capitania de Martim Afonso, e Seus Successores, **concederaõ terras de Sesmarias aos moradores de Cabo Frio,**

B: Pedro Gonçalvez Meira, **vereador** = João da Costa – **vereador** = e Salvador do Valle **outro Sim vereador,**

F: Pedro Gonçalves Meira, João da Costa, Salvador do Vale, **vereadores,**

C: forão lançados do Collegio de Sam Paulo os Padres Iezuitas // **a saber o Reytor o Padre Nicolao Botelho // com os Padres Antonio Ferreira, Antonio de Marys // Matheus de Aguiar, e Lourenço Vas; e os Leigos Domingos Alvares, pucuhy de alcunha // Antonio Gonçalves, e Lourenço Rodriguez.**

F: forão lançados do Colegio de São Paulo os Padres Iezuitas, **que nelle rezidiaõ.**

Outras ocorrências de reelaboração indicam uma alteração na estrutura sintática da frase. Em alguns casos, há mudança do sentido da oração:

A: e tambem da outra do Doutor Braz Fragozo, ao Ouvidor geral da Repartição do Sul, **e o Licenciado Simaõ Alvares de La Penha, confirmou todas**

F: e de outra dada pelo Doutor Bras Fragozo, **que confirmou todas Simaõ Alvarez de la Penha**

A: **Não padece a menor duvida, que houve a dita prohibiçaõ, e tambem** que para todos poderem hir ao campo, foi necessaria dispensa, de quem tinha jurisdição igual á do prohibente

F: **A prohibiçaõ foi certa, como** tambem necessaria dispensa de quem tinha jurisdição igual a do prohibente para hir ao Campo.

A: **tomou posse das suas compradas não só se apossou dellas, mas tambem das 100. pertencentes** aos herdeiros de Martim Affonso de Souza,

F: **tomou posse dellas, se apossou tambem das 100 pertencentes** aos Erdeiros de Martim Afonso,

B: o qual auto os fez **assinar** com o dito Álvaro Luís do Vale, testemunhas que foram presentes

F: o qual Auto os fes, **aSignaraõ** com o dito Alvaro Luis do Valle, testemunhas que forão prezentes

B: Conde de Monsanto **como donatário da Capitania de S. Vicente,**

F: Conde de Monsanto, **a quem a Capitania reconhecia por seu Donatario.**

B: **foi povoação que fundou pelos anos de 1670 o paulista** Baltasar Fernandes,

F: **foi erecta em 1670 pelo Paulista** Bartholomeu Fernandez,

B: **Notificado assim dito Fogaça, respondeu:**

F: por todo o Contheúdo nella em 11 de Fevereiro do mesmo anno; **a cuja notificação deo Fogaça a reposta Seguinte.**

B: **tendo conquistado os bravos gentios da nação Jerominis e Puna, habitantes deste sertão,** levantou à sua custa igreja matriz

F: **conquistou do Certaõ de Taubate, e Rio de Ipacarê, athé Guratinguetá os bravos Indios seus habitantes de Nasção Ieronimes, e Purís.** A sua Custa levantou Igreja Matris

A paráfrase, entendida como a interpretação, explicação ou nova apresentação de um texto ou trecho, tem como objetivo torná-lo mais inteligível, mantendo a ideia principal do texto original:

A: Sem embargo que **nada he taõ miseravel, como a vida**, que elles passavaõ nos Sertoens,
F: Sem embargo que **naõ havia couza mais miseravel, do que a vida**, que elles passavaõ nos Certoens,

A: como receava este grande Politico: em franqueando a porta do campo, armaraõ-se contra nós quazi todos os Indios, e as guerras demoraraõ o augmento da Capitania: **faltou na Costa a gente, que se foi estabelecer no Sertão**,

F: como receava este grande Politico **sobre a dezertação de toda a Marinha, para a Povoação dos Certoens**.

A: as outras ordinariamente hiaõ pelo rio em canoas até Tumiarú. **Para Matriz erigio huã Jgreja com o titulo de Nossa Senhora da Assumpção: fez cadêa, caza do Concelho, e todas as mais obras publicas necessarias; foi porem, muito breve a duração dos seus edificios**, porque tudo levou o mar.

F: as outras pelo rio em Canoas athé Tumiarû, **e todos os edifficios, e Obras publicas, que erigio, teve breve duração**, porque tudo levou O mar.

A: mandou buscar á Madeira a planta de cãnas doces. O livro mais antigo desta Capitania he hum fragmento do caderno, onde se lavraraõ os termos das Vereações da Villa de São Vicente: principia em 1541. e delle consta, que **Antaõ Leme foi Juiz Ordinario em 1544. (t) Depois desse anno nunca mais apparece o dito Leme**,

F: mandou buscar a Madeira a planta de Canas doces. **Naõ há noticia mais em documento algum do dito Antaõ Leme, que servio de Iuis Ordinario em São Vicente em 1544.**

B: e porque **o procurador do Marquês de Cascais tinha recebido certas oitavas de ouro** que pertenciam da redízima dos quintos de São Paulo a seu constituinte o Marquês de Cascais, e **os juízes ordinários obrigaram ao dito procurador a tornar a entregar o mesmo ouro que já havia recebido**, interpôs agravo

F: e porque **depois de ter recebido certo numero de oitavas de Ouro, por seu Procurador, lhe foraõ tomadas**, interpos agravo

B: Nesta serra de Biracoiaba houve um grande engenho de fundir ferro, construído à custa do paulista Afonso Sardinha, cuja manobra teve grande calor **pelos anos de 1609, em que voltou a São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, constituído Governador e Administrador-Geral das minas descobertas e por descobrir das três capitancias, com mercê de Marquês de Minas com trinta mil cruzados de juro e herdade; falecendo porém em São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, em junho de 1611**, com o decurso dos anos se extinguiu o labor da extração do ouro e da fundição de ferro.

F: No morro de Guráçoyáva, onde já no anno de 1600 se achou em pessoa **Dom Francisco de Souza, que depois passando ao Reino voltou a São Paulo, onde chegou em 1609, e faleceo em 10 de Junho de 1611, tendo trazido a administração Geral das Minas com mercê de Marquez dellas com 30 mil cruzados de juro, e Erdade**.

B: até se extinguir a dita casa, que se passou depois para dentro das mesmas minas.

F: Esta Caza se abolio, e passou a Officina para outra parte, e por fim se estabeleceo dentro das mesmas Minas Geraes.

B: O Capitão Domingos Leme foi o fundador desta vila, na qual tendo levantado pelourinho por ordem do Capitão-Mor Ouvidor Dionísio da Costa, era nome do donatário D. Diogo de Faro e Sousa,

F: Foi confirmado o Pelourinho, que já estava levantado pelo Capitam Mor Ouvidor Dionizio da Costa, ao Capitam Domingos Leme, Povoador em nome do Donatario Dom Diogo de Faro e Souza

Há ainda casos de reelaboração com alteração semântica mais ou menos significativa:

A: aos 7. de Fevereiro de 1575. e na mensionada Escriptura, da qual eu tenho huã Copia, vem incluza a procuração, por onde Dona Cecilia conferio poder a seu marido, para em seu nome outorgar a Doação das terras,

F: em 7 de Fevereiro de 1575, e Doação outorgada por Dona Cecilia a seu marido

A: e as vizinhas, que demoraõ ao Oeste do dito ribeiro, concedeo a André Botelho aos 2. de Junho de 1541, declarando, que partiriaõ pela regueira, que alli faz o outeiro, que, diziaõ, ser de Braz Cubas,

F: e as vezinhas concedeo a Andre Botelho aos dous de Julho de 1541, partindo com o Outeiro, que diziaõ ser de Braz Cubaz.

B: para cobrar os direitos e redizimas

F: para cobrar dellas a redizima dos Direitos,

B: de gente armada em canoas de guerra

F: de gente em Canoas armadas em guerra

B: com o teor dos autos da demarcação que o provedor fez,

F: com o theor dos Autos, que o Provedor fes a demarcação,

E: É a cidade aprazível pelo terreno

F: Está situada em lugar aprazível,

2.5.6 Paragrafação

Devido, principalmente, aos casos anteriormente analisados de omissão e de alteração de ordem de palavras e trechos no *corpus*, além da adição de outras fontes em sua composição, a numeração dos parágrafos do testemunho A acabou sendo modificada. Nessa obra, que é dividida em dois livros, a numeração dos parágrafos é contínua em cada um dos livros (no primeiro, de 1 a 186; no segundo, de 1 a 89). No entanto, na *Memória Histórica*, que é dividida em três livros, com numeração contínua em cada um deles, o primeiro livro tem

os parágrafos numerados de 1 a 199; o segundo, de 1 a 89, e o terceiro, de 1 a 22. Há que se considerar, no entanto, que, apesar de a maioria dos parágrafos nos dois testemunhos estar numerada, existem alguns parágrafos sem numeração.

Do cotejo entre ambos os testemunhos, verificou-se que alguns parágrafos não possuem correspondência quanto à sua numeração. Ora são os mesmos parágrafos com numeração diferente, ora são notas explicativas numeradas, colocadas ao final da página do testemunho A, que são transformadas em parágrafos numerados no corpo do texto do testemunho F:

A: 159. Muito depois de fundada a Povoação de Santo André,

F: 157. Muito depois de fundada a Povoação de Santo Andre,

A: (17.) Vaissette confunde muitos successos da Capitania de São Vicente,

F: 165. Vaisete confunde muitos Successos da Capitania de São Vicente,

A: (2.) Devia declarar o Author, que as conquistas espirituaes de seos Socios,

F: 166. Tambem o Autor devia declarar, que as Conquistas expirituaes de seus Socios,

A: 170. As asseveraçoens de Charlevoix, relativas aos trabalhos dos moradores de São Paulo nas suas conquistas,

F: 171. As asseveraçoens de Charlevoix, relativas aos trabalhos dos Moradores de São Paulo nas suas Conquistas,

A: 90. He certo, que o Conde da Ilha

F: 88. Hé certo, que o Conde da Ilha

O texto da *História da Capitania de São Vicente* e da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas*, de Pedro Taques, não possuem parágrafos numerados, mas, quando são transcritos na *Memória Histórica*, eles recebem uma numeração contínua, já que a estrutura textual seguida por Manuel Cardoso de Abreu é a das *Memórias* de Frei Gaspar, cujos parágrafos são todos numerados:

B: Por esta demarcação perdeu

F: 74. Pela demarcação feita pelo celebrado Fernão Vieyra perdeu

B: Neste ano, porém, de 1645, entrou na Capitania de Itanhaém

F: 81. No anno de 1645 entrou na Capitania de Itanheen

B: A cidade de Cabo Frio,

F: 1. A Cidade de Cabo Frio,

B: A cidade do Rio de Janeiro
F: 2. A Cidade do Rio de Janeiro,

C: No fim do anno de 1567// se transmigrarão os moradores
F: 184. Depois que se transmigrarão no anno de 1560 os moradores

C: Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas
F: 185. Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas

C: Esta certeza descobrimos em hum livrinho manuscripto
F: 186. Esta certeza se descobrio em hum livrinho manuscripto

C: Nós porem conhecemos a verdade
F: 187. Nos porem conhecemos a verdade

Há ainda um caso de inversão da ordem dos parágrafos em B:

B	F
<p>Vila de Pindamonhangaba</p> <p>A vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba, sendo uma capela em que os moradores deste sítio (os mais opulentos e principais em nobreza, com tratamento a ela competente, eram o Alcaide-Mor Brás Esteves Leme, seu irmão Antônio Bicudo Leme, seu filho Manuel da Costa Leme, e os dois genros João Correia de Magalhães, e seu irmão Pedro da Fonseca Magalhães da nobre casa de Manuel Pereira de Vasconcelos, senhor e morgado da vila de Sinfaéns, e outros paulistas) ouviam missa, não querendo estar sujeitos à jurisdição da vila de Taubaté, se congregaram em um corpo para hospedar ao Desembargador João Saraiva de Carvalho, Segundo Ouvidor-Geral e Corregedor da comarca de São Paulo, que por ordem régia baixava ao Rio de Janeiro, e tendo chegado à capela e sítio de Pindamonhangaba, se deixou corromper com vileza de ânimo de um grande donativo de dinheiro, que os tais principais lhe deram para formar em vila aquela povoação; e como sempre foi poderoso este inimigo, se facilitou o dito desembargador Saraiva para obrar um atentado, porque em uma noite criou juizes e oficiais para a Câmara, levantou pelourinho no silêncio da mesma noite, e nela tudo dispôs, de sorte que amanhecendo o dia seguinte estava Pindamonhangaba feito vila,</p>	<p>== Villa de Guratingueta ==</p> <p>21. A Villa de Guratingueta foi tambem fundada pelo mesmo Iaques Felix, o qual no anno de 1646, vendo a nova Villa de Taubaté muito augmentada de moradores transmigrados de Saõ Paulo, penetrando o Certão do Rio Parahyba, e Ipacarê, e com intentos de Descobrimientos de Minas obteve Provizaõ de Duarte Correa Vasques Aunes, Administrador das Minas, datada no Rio de Ianeiro em 1646, para ser Capitam da dita Povoação, que depois veyo a Ser Villa de Guratingueta. Foi confirmado o Pelourinho, que já estava levantado pelo Capitam Mor Ouvidor Dionizio da Costa, ao Capitam Domingos Leme, Povoador em nome do Donatario Dom Diogo de Faro e Souza a 13 de Fevereiro de 1651; e no anno de 1656, a 5 de Iulho lhe fes as Iustças o Capitam Ouvidor Simão Dias de Moura em nome do Conde da Ilha Luis Carneiro. Tem 6 mil 190 almas.</p> <p>== Villa de Pindamunhangaba ==</p> <p>22. A Villa de Nossa Senhora do Bom Successo de Pindamunhangaba, sendo huma Capella, em que os Moradores de Taubaté / os mais opulentos, e principaes em nobreza / ouviaõ Missa; congregados os oanimos com parecer do Dezembargador Ioaõ Saraiva de Carvalho, Segundo Ouvidor Geral, e Corregedor de Saõ Paulo, que por Ordem</p>

<p>e o dito ministro seguiu jornada a demandar a serra de Parati. Desta insolência se queixaram os da vila de Taubaté à Sua Majestade, e ao mesmo senhor recorreram os da nova vila de Pindamonhangaba. O rei porém, com a sua paternal clemência perdoou aos culpados; e usando de sua real grandeza, houve a dita vila por aclamada, como se vê na Carta Régia de 10 de julho de 1705, registrada no liv. 1º do registro das ordens reais da ouvidoria de São Paulo. Tem esta vila um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão da Câmara, e um de órfãos, e ambos servem por donativo que pagam anualmente.</p> <p style="text-align: center;">Vila de Guaratinguetá</p> <p>A vila de Santo Antônio do Guaratinguetá, estando ainda em sertão inculto, e com gentios habitantes dele pelo rio da Paraíba, que vai correndo a introduzir-se nos Campos dos Guaitacases, o penetrou com o corpo de armas o mesmo Jaques Félix pelos anos de 1646. Era o intento principal desta expedição o descobrimento de minas, para cujo efeito obteve provisão datada no Rio de Janeiro no mesmo ano de 1646 de Duarte Correia Vasques Anes, como administrador das minas. O Capitão Domingos Leme foi o fundador desta vila, na qual tendo levantado pelourinho por ordem do Capitão-Mor Ouvidor Dionísio da Costa, era nome do donatário D. Diogo de Faro e Sousa, a 13 de fevereiro de 1651, lhe fez as justiças em 5 de julho de 1656 o Capitão-Mor Ouvidor em nome do donatário Luís Carneiro, Conde da ilha do Príncipe. Tem esta vila um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente.</p>	<p>Regia baixava ao Rio de Janeiro a corregger aquella Comarca, tendo chegado a Capella, e Sitio de Pindamonhangaba, se deixou Corromper de hum grande Donativo de Dinheiro, que os ditos Moradores principaes lhe offerecerão, para que formasse Villa aquelle lugar, e Povoação: e como sempre foi poderoso este inimigo, se facilitou o dito Dezbargador Saraiva, e huma noite formou a Eleição de Pelouro para os Officiaes da Camara da nova Villa, e levantou Pelourinho no Silencio da noite, e nella tudo dispos de Sorte, que amanhecendo o dia seguinte, em que elle seguiu jornada para o Rio du Janeiro, estava Pindamonhangaba feito Villa, e os novos Officiaes da Camara com posse dos lugares, que haviaõ de exercer. Esta dezordem, e attentado relevou a Piedade de Sua Magestade perdoando aos Culpados, e havendo a dita Villa por acclamada como se vê da Sua Real Ordem de 10 de Julho de 1705. (c) Tem 4 mil 182 almas.</p>
--	--

A fusão de dois ou mais parágrafos em um só abrange casos em que dois parágrafos se fundem em apenas um, três em um, quatro em um e cinco em dois:

A	F
de outra colonia vizinha, (3.) em a qual o Sangue Português se misturou com o dos Indios. (4.) O contagio deste mau exemplo	de outra Colonia Vezinha, que foi a Villa de Santo Andre, em a qual o Sangue Portuguez se misturou com o dos Indios por morarem

chega bem depreça a São Paulo, e desta mistura sahio huã geração perversa, (5.) da qual as desordens em todo o sentido chegaraõ tão longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos por cauza da sua similhança com os antigos Escravos dos Soldoens do Egypto. (6.) //

(3.) Esta colonia vizinha, a que o Author chama manancial da corrupção, foi a Villa de Santo André.

(4.) Diz, que o sangue Portuguêz se misturou com o dos Indios de Santo André, por morarem nesta Villa os filhos de João Ramalho, Portuguêz, e Izabel, Princeza dos Guaianazes, os quaes filhos de Ramalho foraõ objecto do odio Jezuitico em todas as partes do mundo, onde chegou a Chronica do Padre Vasconcellos. Muito se enganou Charlevoix, se prezumia, que somente em Santo André se misturou o sangue Portuguêz com o dos Indios, e devia instruir-se mais na Historia Genealogica da Capitania de São Vicente, se julgava, que todos os Paulistas trazem sua origem de sangue misturado.

(5.) Affirmar o Author, que da mistura do sangue sahio huã geração perversa, he suppor, que o sangue dos Indios influio para a maldade, suppozição, que muito deshonra, senão á crença, ao menos ao juizo de hum sabio Catholico; por quanto nem a Divina Graça perde a sua efficacia, nem a Natureza se perverte, ou a malicia adquire maiores forças, quando o sangue Europeo se ajunta com o BraziliCo. Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, em quanto não concorreraõ para elle os Mestiços da colonia vizinha; ora he certo, que no principio todo aquelle Povo se compunha de Piratininganos: logo o fermento da corrupção não consistio no sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo accresceo, e veio misturar-se com o dos pios, e inocentes moradores de São Paulo. Conceder esta illação, seria manifesta parvoice; mas ella se infere legitimamente das noticias de Charlevoix. De falsas premissas nunca se deduziraõ consequencias verdadeiras.

(5.) Affirmar o Author, que da mistura do

naquella Villa os filhos de Ioão Ramalho Portuguez, e Izabel Princeza dos Guayanazes, e filha de Teviriçã, os quaes filhos de Ramalho foraõ objecto do Odio Iezuitico em todas as partes do mundo, onde chegou a Chronica do Padre Vasconcellos. O contagio deste máo exemplo chega bem depressa a São Paulo, e desta mistura Sahio huma geração preversa, segundo supoem o Autor, que o Sangue dos Indios influio para a maldade, quando este se junta ao Sangue Europeo.

Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, enquanto não concorreraõ para elle os Mestiços da Colonia Vizinha; Ora hé certo que no principio todo aquelle Povo se compunha de Piratininganos: Logo o fermento da Corrupção não consistio no Sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo acresceo, e veyo misturar-se com o dos pios, e innocentes moradores de São Paulo; cujas dezordens em todo o Sentido chegaraõ tão longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos. Os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ Summamente aos Mamelucos dos Paulistas, / estes homens eraõ filhos de branco com India / e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a sua mayor esperança, digo era a mesma que nos taes Paulistas concorria, para os amarem com excesso, pois eraõ os Mamelucos melhores Soldados dos exercitos aSoladores das Missoens: Elles muitas vezes foraõ os Chefes das Tropas Conquistadoras, e por elles mandavaõ seus Pays atacar os Indios bravos, por conhecerem a Sufficiencia destes filhos bastardos, creados na Guerra, e acostumados ao trabalho e por isso mais aptos, do que os Brancos, para suportarem os incomodos do Certaõ, e como era gente rustica, desconfiada, e acostumada a matar nas guerras, faziaõ pouco escrupulo de tirar a vida a qualquer genero de pessoa, não só por mandado de Seus amos, mas tambem por leves agravos, e alguns só prezumidos.

sangue sahio huã geraçãõ perversa, he suppor, que o sangue dos Indios influio para a maldade, suppoziçãõ, que muito deshonra, senão á crença, ao menos ao juizo de hum sabio Catholico; por quanto nem a Divina Graça perde a sua efficacia, nem a Natureza se perverte, ou a malicia adquire maiores forças, quando o sangue Europeo se ajunta com o BraziLico. Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, em quanto não concorreraõ para elle os Mestiços da colonia vizinha; ora he certo, que no principio todo aquelle Povo se compunha de Piratininganos: logo o fermento da corrupçãõ não consistio no sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo accresceo, e veio misturar-se com o dos pios, e inocentes moradores de São PauLo. Conceder esta illaçãõ, seria manifesta parvoice; mas ella se infere legitimamente das noticias de Charlevoix. De falsas premissas nunca se deduziraõ consequencias verdadeiras.

(6.) Mamalucos chamaõ no Brazil aos filhos de Branco com India, ou de Indio com Branca. Ignoro a origem desta denominaçãõ, e não creio, que fosse a assignada pelo Author, por me parecer, que nestas partes se ignorava a Historia dos Soldoens do Egypto, quando se principiou a fallar, por aquelle modo. O que sei com toda a certeza, he, que os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ sũnamente aos Mamalucos dos Paulistas, e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a mesma, que nos taes Paulistas concorria, para os amarem com excesso. Eraõ os Mamalucos os melhores Soldados dos exercitos assoladores das Missoens: elles muitas vezes foraõ os Chefes das Tropas conquistadoras, e por elles mandavaõ seos Pays atacar os Indios bravos, por conhecerem a sufficiencia destes filhos Barbaros, criados na guerra, e acostumados ao trabalho, e por isso mais robustos, e mais aptos, do que os Brancos, para supportarem os incomodos dos Sertoens. O seo prestimo, e valor, e tambem as suas victorias, deraõ occaziaõ aos Jezuitas, para os aborrecerem, como a instrumentos principaes da destruiçãõ das suas Missoens. Devo confessar, que aos Mamalucos se attribue a maior parte dos homicidios taõ

<p>frequentes n'outro tempo em São Paulo, e nas mais Villas de Serra acima: como eraõ gente rustica e acostumada a matar nas guerras, faziaõ pouco escrupulo de tirar a vida a qualquer genero de pessoas, não só por mandado de seos Amos, mas tambem por Leves agravos, e alguns só prezumidos.</p>	
---	--

A	F
<p>do Senhor Pedro Lopes de Souza, (1.) me pediaõ, que em nome do dito</p> <p>(1.) Este Pedro Lopes era o filho de Martim Affonso de Souza, que lhe succedeo, o qual nomeou a Jeronimo Leitaõ para seo Loco-Tenente na Capitania de São Vicente.</p>	<p>do Senhor Pedro Lopes de Souza, / este era o filho de Martim Afonso de Souza, que lhe Succedeo, e nomeou a Ieronimo Leitaõ para seu Loco Tenente na Capitania de São Vicente / me pediaõ que em nome do dito</p>

B	F
<p>por carta de el-rei Dom Filipe passada a 10 de abril do ano de 1617.</p> <p>Em cumprimento desta sentença e confirmação régia mandou</p>	<p>por Carta passada a 10 de Abril de 1617. Em cumprimento della mandou tomar posse de 50 legoas de Costa do Sul,</p>

B	F
<p>pela menor idade de seu neto o rei Dom Sebastião.</p> <p>Segunda vez tornou o mesmo Governador-Geral Mem de Sá</p>	<p>na menor idade de Seu Neto o Senhor Rey Dom Sebastião. Segunda ves tornou o mesmo Mem de Sá</p>

C	F
<p>devemos relatar o que diz Dom Francisco Charque de Andella.</p> <p>Affirma este Author, que o Padre Francisco Dias Tanho</p>	<p>devemos relatar o que dis Dom Francisco Xarque de Andela. Afirmo este Autor, que o Padre Tanho</p>

C	F
<p>pelos ditos Reverendos Padres.</p>	<p>pelos ditos Padres. Do damno, e perda, que daqui</p>

Do damno, e perda, que daqui	
------------------------------	--

E	F
<p>É a cidade aprazível pelo terreno e saudável pelos ares, e não é muito pequena, pois se conhece a sua grandeza pelo número das ruas, cujas são: de São Bento, Direita, de São Francisco, das Casinhas, da Freira, de São Gonçalo, da Sé, das Flores, do Carmo, que é onde está o palácio dos generais, do Rosário, da Quitanda e Rua Nova de Guacio, todas elas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porém, de serem a maior parte das casas térreas e as ruas mal ordenadas e mal calçadas.</p> <p>Tem vários templos, como são: a Sé, os conventos do Carmo e de São Francisco, São Bento, Santa Tereza, São Pedro, o Colégio que foi dos denominados jesuítas, em que assiste o bispo, a da Misericórdia, Santo Antonio, Rosário dos Pretos, e São Gonçalo dos Pardos, entre os quais tem alguns bem acabados e magníficos, e fora da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o recolhimento da Luz, onde vão os magnatas da cidade e o mais plebeu por passeio, divertir-se.</p>	<p>Está cituada em lugar aprazivel, e planicie de hum moderado Outeiro, de onde se descobrem grandes varjas, e impinados Montes, que circundão o Oriente com tanta variedade, que deleitão os Sentidos. O Outeiro está cercado de Rios, que servem de Utilidade ao Povo, porque pela parte do Ponente nascem dous Ribeyros com pouca distancia entre sy, hum, que corre para o Sul chamado lavapes, e outro, que busca o Norte chamado, antigamente, Anhangarivaý, que quer dizer Agoa, onde o Diabo lavou a Cara, hoje vulgarmente Anhangaboý, os quais abração o dito Outeiro pelo pê, e entraõ no Ribeiro chamado Tamanduatiý, que quer dizer Agoa de Tamanduâ, que ladeando o mesmo Outeiro, pela parte do Nascente, unido com os dous, entra no Tietê, ficando desta Sorte cercada de agoas, alem de hum lindo Xafaris, que tem hoje no meyo da Cidade, e no Pateo da Mizericordia: E parece que já a natureza fes este Sitio para huma populoza Cidade, e já murada sem dependencia do arteficio, porque o impinado do terreno, e talhado do monte formaõ a vista humas bem fabricadas trincheiras, servindo-lhes os rios de fosso. Ella se acha hoje com grande augmento de Habitadores, pois comprehende em Sy, com as Freguezias do seu districto, quaes saõ Santo Amaro, Cutia, Iuquery, e Conceição dos Guarulhos, o numero de 21:737 almas: Está formozeada de aparatozos edificios, e de varios Templos, como saõ: a Sé Cathedral; Saõ Pedro; o Colegio dos extinctos, e proscriptos Iezuitas; Saõ Gonçallo Garcia, dos homens pardos; Santo Antoninho; o Rozario dos Pretos; duas Capellas de Nossa Senhora dos Remedios, e de Santa Efigenia, ambas tambem dos pretos; a Mizericordia; Os Conventos do Carmo; de Saõ Francisco; de Saõ Bento; e os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz, e muitos delles ornados ricamente:</p>

Há ainda casos de divisão de um parágrafo em dois ou mais:

A	F
183. A ultima Villa, que, dizem, fundara Martim Affonso de Souza, he a de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem; porem os seos alicerces foraõ abertos muitos annos depois de se auzentar para o Reino o primeiro Donatario de Saõ Vicente. Elle sahio desta Capitania em 1533, e aos 22. de Abril de 1555. ainda naõ existia Povoação alguã no terreno,	196. A ultima Villa, que dizem fundara Martim Afonso de Souza, hé a de Itanheen; porem os seus alicerces foraõ abertos muitos annos depois de Se auzentar para o Reino o primeiro Donatario de Saõ Vicente. 197. Elle sahio desta Capitania em 1533, e aos 22 de Abril de 1555 ainda naõ existia Povoação alguma no terreno,

B	F
e Francisco de Brito de Menezes, desembargador de agravos da casa da supplicação. Por esta sentença se confirmou o dito Conde de Monsanto	e Francisco de Brito de Menezes, Dezembargador dos Agravos da Caza da Supplicação, sendo todos nomeados por El Rey para rezolverem esta Contenda sem Apelação nem Agravo. Por esta Sentença se confirmou o Conde de Monsanto

C	F
Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas huma desafeição aos Iezuitas, que em todo o tempo só cuidaraõ em ter o governo espiritual, e temporal dos Indios do Estado do Brazil; por esta cauza foraõ expulsos de Sam Paulo, e Villa de Santos. O Archivo da Camara desta Cidade de Sam Paulo tem muita falta de livros, e se naõ achaõ os do tempo da expulção dos Padres Iezuitas, que executada na manhã de hua sexta feira do dia 13 de Julho de 1640//: Esta certeza descobrimos em hum livrinho manuscripto da letra do Capitam Pedro de Moraes Madureira, que por Paulista de qualificada Nobreza,	185. Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas huma dezafeição aos Iezuitas, que em todo o tempo só cuidaraõ em ter o Governo expiritual, e temporal dos Indios do Estado do Brazil. Por esta cauza forão expulsos de Saõ Paulo, e Villa de Santos. O Archivo da Camara desta Cidade de Saõ Paulo tem muita falta de livros, pois se naõ achaõ os do tempo da expulsaõ dos ditos Padres, que foi executada na manhã de huma Sexta feira do dia 13 de Julho de 1640. 186. Esta certeza se descobrio em hum livrinho manuscripto de letra do Capitão Pedro de Moraes Madureira, que por Paulista de qualificada nobreza

2.6 RESULTADOS

A *Memória Histórica* (testemunho F) possui uma extensão de cerca de 70.390 palavras, das quais 526 (0,7%) correspondem ao texto do frontispício e da introdução da obra; 38.157 (54,2%), ao testemunho A; 8.257 (11,7%), a B; 6.543 (9,3%) a C; 410 (0,6%) a D e 107 (0,2%), a E, além de 16.390 palavras (23,3%) cuja fonte não foi identificada. No gráfico a seguir é possível observar que, juntos, os testemunhos A, B, C, D e E correspondem a 76% do conteúdo de F, um número bem expressivo de apropriação textual:

Gráfico 1: Incidência dos textos-fonte na *Memória Histórica*

Outros números significativos são os equivalentes ao testemunho A, que compõe um pouco mais da metade de F, e a porcentagem de texto cuja fonte não foi identificada (23,3% do total), na qual estão as adições de trechos e parágrafos, além da transcrição de documentos oficiais, como cartas, ofícios, alvarás e provisões. Não há como comprovar se essa parte do texto, no que concerne aos trechos e parágrafos, é de autoria de Manuel Cardoso de Abreu, mas é muito mais evidente que o frontispício, que contém o título, a dedicatória e o nome do autor, e a introdução, em que estão expostos o assunto e a justificativa da obra, são de seu engenho.

A partir da colação exaustiva dos testemunhos foi possível levantar 2.677 variantes em um conjunto de aproximadamente 53.474 palavras, correspondentes à soma do total de A, B, C, D e E copiadas em F. Esse número de variantes representa não somente palavras, mas também sintagmas, frases, trechos e parágrafos de extensão variável, não sendo possível, dessa forma, comparar o número de variantes à quantidade de texto copiado das fontes.

A análise das variantes partiu de sua classificação em seis categorias: adição, omissão, alteração de ordem e substituição, segundo a tipologia proposta por Blecua (1983), acrescida de reelaboração e paragrafação. Frente às categorias apresentadas, a substituição é a mais frequente, com 40,3%, seguida da omissão, com 33,5%, da adição, com 13,9%, da alteração de ordem e da paragrafação, que possuem o mesmo percentual de 4,4%, e da reelaboração, com o menor índice, de 3,5%, como demonstra o gráfico seguinte:

Gráfico 2: Frequência das variantes por categoria

Esses dados revelam que as alterações mais frequentes introduzidas nas fontes são justamente as que poderiam ter maior impacto sobre o sentido do texto e o estilo do autor, porque interferem no plano do conteúdo e da expressão, mas a análise dos padrões identificados nestas categorias refletem resultados um pouco diferentes.

Dentre os três padrões de substituição identificados, as substituições mais frequentes, perfazendo um total de 37% das ocorrências de substituição (400 de 1080), são aquelas em que os termos alterados possuem forte semelhança de sentido. Neste padrão estão os casos de

substituição por sinônimos, entre morfemas flexionais, itens lexicais com identidade referencial, termos de valor amplo e de valor específico ou entre aqueles que apontam para referências definidas e indefinidas.

Em relação aos casos de omissão, a segunda categoria mais frequente de variantes, os padrões com maior índice de incidência são as supressões que apontam para a redução de elementos e de conteúdo do texto-fonte e aquelas que envolvem palavras ou expressões determinativas, valorativas e explicativas, com 45% cada padrão, totalizando 90% das ocorrências.

As alterações menos frequentes, as reelaborações, com 3,5% do total de ocorrências, são as que contribuem de maneira mais incisiva para a modificação do sentido do texto, já que resultam de um processo muito mais trabalhoso do que as substituições e omissões, porque a interferência na substância do texto é muito maior.

Desta forma, verifica-se que a maior parte das alterações, que ocorrem por procedimentos de substituição e de omissão, nessa ordem, perfazendo 73,3% de todas as variantes levantadas, são procedimentos voluntários, uma vez que é evidente a intencionalidade em alterar as fontes, e incidem em partes do texto-fonte em que existem adjetivações, marcas de enunciação e detalhamento informativo e descritivo, de modo a alcançar um texto mais conciso, claro e objetivo. Desta forma, F se mantém muito pouco afastado de suas fontes e as intervenções modificam muito mais o estilo dos autores do que o sentido original dos textos.

Os resultados alcançados através da colação dos testemunhos apontam para uma identidade muito grande entre a *Memória Histórica* e suas fontes, quase linha a linha na maior parte do texto, o que se comprova com a quantidade de texto copiado (53.747 palavras) e a quantidade de variantes introduzidas nesse total (2.677), isto é, uma porcentagem de somente 4,98% de alterações. No entanto, há que se considerar que houve por parte de Manuel Cardoso de Abreu uma intenção de que a cópia não fosse simplesmente um decalque, mas de que todas as fontes utilizadas pudessem se conjugar em um só texto de forma coesa e coerente, com intervenções que não prejudicassem o conteúdo geral das obras, tampouco modificasse o seu sentido.

É interessante notar ainda que, embora existam referências a documentos oficiais e a textos de outros historiadores ou relatos orais, tais referências provêm dos textos de Frei Gaspar ou de Pedro Taques, não havendo, em momento algum, citação direta das fontes utilizadas. Além disso, observa-se o apagamento de marcas discursivas que remeteriam a Frei Gaspar, como é o caso de dados biográficos ou de palavras e expressões em 1ª pessoa, e até mesmo, em algum momento, a ocultação do nome de Pedro Taques, quando, por exemplo, o

frei beneditino, citando o historiador, escreve que “(...) Pedro Taques em varios lugares de seos preciozos, manuscriptos (...)” e Manuel Cardoso prefere escrever que foi “(...) um certo anonimo de bom criterio (...)”.

Todas as considerações levantadas sobre a *Memória Histórica* até o momento poderiam direcionar um leitor ou crítico da atualidade ou mesmo do século XX a caracterizar esse texto como um plágio, tal como foi objeto de juízo crítico expedido pelos historiadores Capistrano de Abreu e Afonso D’Escragnolle Taunay. No entanto, para que uma discussão em torno do fato de Manuel Cardoso de Abreu ter sido um plagiário não seja anacrônica, é necessário trazer à tona outras questões importantes, a começar pela origem da acusação de plágio, a etimologia e o sentido dessa palavra ao longo do tempo, em especial no século XVIII, e as práticas de escrita à época.

CAPÍTULO III

ACUSAÇÃO CONTRA MANUEL CARDOSO DE ABREU E CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLÁGIO

3.1 ACUSAÇÃO DE PLÁGIO CONTRA MANUEL CARDOSO DE ABREU

3.1.1 Afonso D'Escragnolle Taunay

O historiador, professor e escritor Afonso d'Escragnolle Taunay nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, capital de Santa Catarina, em 11 de julho de 1876, mas ainda muito pequeno foi para o Rio de Janeiro, onde realizou os seus estudos humanísticos, no Colégio D. Pedro II, e acadêmicos, na Escola Politécnica, “pela qual se diplomou engenheiro civil”, como destaca Matos (1977, p. 25).

Afonso Taunay teve uma vida intelectual muito ativa, seja através dos cargos públicos que ocupou, entre eles os de professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, de diretor do Museu Paulista e de membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico de São Paulo, da Academia Paulista de Letras e da Academia Portuguesa de História, seja pela dedicação exaustiva às pesquisas histórica e historiográfica, especializando-se na história de São Paulo e do bandeirismo, que resultaram em muitas publicações, além de edições e reedições comentadas de várias obras antigas.

Como filho de Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, presidente da Província de Santa Catarina e escritor, com destaque para o romance *Inocência*, e bisneto de Nicolau Antônio Taunay, pintor francês que integrou o grupo de artistas da Missão Artística Francesa de 1816, Afonso empreendeu a reedição das obras do pai e estudos sobre seu bisavô e a Missão Artística.

O tema do bandeirismo e a composição da imagem fundadora de São Paulo, iniciados no século XVIII por Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, foram recuperados em fins do século XIX e na primeira metade do século XX não só por Taunay, mas também por outros historiadores, como Alfredo Ellis Jr. e Alcântara Machado, conforme afirma Anhezini (2003, p. 11-12), o que justifica a preocupação de Afonso Taunay

em publicar estudos biográficos e críticos desses autores e preparar as reedições comentadas de suas obras.

Taunay manteve laços intelectuais e de amizade com personalidades como Alfredo Moreira Pinto, Washington Luís e Capistrano de Abreu, este último considerado o “mestre de muitos autores das primeiras décadas do século XX”, segundo Anhezini (2009, p. 246), dos quais recebia influências e sugestões em relação aos temas que pretendia estudar e às pesquisas em andamento.

A importância de Afonso Taunay configura-se não só na recuperação e difusão dos escritos a respeito de São Paulo, mas também por ser, juntamente com Pedro Taques e Frei Gaspar, figura chave na criação do que se pode chamar de “tradição” em relação à “construção de um ‘imaginário’ da história de São Paulo”, como salienta Silva (2009, p. 187), ou, conforme Mesgravis (2003, p. 8), na consolidação “do mito bandeirante, que tão bem serviu à hegemonia paulista na Primeira República”.

3.1.2 Estudos sobre a vida e a obra de Pedro Taques e Frei Gaspar

Os estudos biográficos e bibliográficos sobre Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus feitos por Afonso Taunay tiveram início por volta de 1914, dada a apresentação, no ano anterior, de uma proposta de Taunay, junto ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, para a celebração dos centenários de nascimento dos dois historiadores. Contudo, antes disso, os historiadores setecentistas já tinham sido tema de diversas correspondências entre Afonso Taunay e seus amigos intelectuais.

Dentre as obras de Taunay sobre Pedro Taques e Frei Gaspar, destacam-se:

1. Pedro Taques. **RIHGSP**, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1915, vol. 19, p. 255-261;
2. Inéditos de Pedro Taques e Documentos Inéditos referentes ao autor da “Nobiliarquia”. **RIHGSP**, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1915, vol. 20, p. 742-790;
3. Pedro Taques e seu Tempo. **Anais do Museu Paulista**, tomo I, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1922;
4. Frei Gaspar da Madre de Deus. **RIHGSP**, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1915, vol. 20, p. 127-174;

5. Frei Gaspar da Madre de Deus. **RIHGB**, Rio de Janeiro, 1916, tomo 77, 2ª parte, p. 419-496 (reprodução da RIHGSP);
6. A Lenda de Amador Bueno/ O Livro Terceiro das “Memórias para a História da Capitania de São Vicente”. **RIHGSP**, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1915, vol. 20, p. 175-186;
7. Inéditos de Frei Gaspar da Madre de Deus e Documentos sobre o Historiador. **RIHGSP**, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1915, vol. 20, p. 187-248;
8. Escritores Coloniais. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1925, tomo II, p. 117-199;
9. Um Inédito de Frei Gaspar da Madre de Deus. **RIHGSP**, São Paulo, Gráfica Paulista, 1939, vol. 36, p. 7-26.

Esses estudos também serviram para compor súmulas, excertos, estudos e introduções sobre a vida e a obra dos historiadores nas reedições de suas obras.

3.1.3 Manuel Cardoso de Abreu: “plagiário” de Pedro Taques e Frei Gaspar

O primeiro registro de que Manuel Cardoso de Abreu seria um plagiário das obras de Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus encontra-se em uma carta de Capistrano de Abreu a Pandiá Calógeras, datada de 25 de outubro de 1916. Capistrano dá a notícia, mas não se aprofunda no assunto:

A repartição do Arquivo emprestou-me um manuscrito sobre a capitania de São Paulo, terminado em 1797, comprado no espólio do Barão de Rosário, oferecido ao futuro Balsemão, com quem o autor fez conhecimento em Mato Grosso. Diz o autor que teve de andar mendigando de mão em mão as notícias reunidas, refere-se às dificuldades de ler a escrita antiga dos cartórios, etc. Ora, o trabalho não passa de cópia literal das *Memórias* de Fr. Gaspar, de extensos trechos da *História* de Taques, ambos inéditos naquele tempo. E o pior é que o sujeito é meu xará – Manuel Cardoso de Abreu. (RODRIGUES, 1954, p. 400).

Dada a amizade que tinha com Capistrano de Abreu e a intensa troca de informações que realizaram, essa notícia também foi comunicada a Afonso Taunay quando deu início às suas pesquisas sobre Pedro Taques e Frei Gaspar. Desta forma, dentro do seu projeto de resgate das memórias desses dois historiadores, houve a necessidade de não só declarar que

eles tinham sido plagiados, mas também de trazer à tona dados referentes ao plagiário. Foi assim que Afonso Taunay cotejou as obras de Pedro Taques e Frei Gaspar com a obra manuscrita de Manuel Cardoso de Abreu, intitulada *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e todos os seus memoráveis sucessos desde o ano de 1531 até o presente de 1796*, pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo, concluindo que se tratava de um plágio das *Memórias* de Frei Gaspar da Madre de Deus e de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Além disso, também realizou um estudo da sua vida e obra, uma vez que:

O estudo da personalidade e da obra de Manuel Cardoso de Abreu constitui também uma nota inédita não de todo desinteressante para o estudo da nossa história literária com a apresentação deste culto primevo, quiçá patriarca do plágio no Brasil. (TAUNAY, 1925, p. 3).

Afonso Taunay posiciona-se de forma parcial contra Manuel Cardoso de Abreu, para ele o “patriarca do plágio, calvo e deslavado, em terras paulistas. Nas de Santa Cruz será contado entre os precursores do gênero, aliás, ao que parece, já no século XVIII largamente cultivado. Fica-lhe a honra de veterano ilustre desse luzido ‘regimento’ (...)” (TAUNAY, 1925, p. 232). Assim, quando se refere a Pedro Taques ou a Frei Gaspar, ou ainda quando trata exclusivamente de Manuel Cardoso, Taunay levanta a questão do “plágio” e faz uma acusação severa fundamentada em suas investigações, com o objetivo de resgatar a memória dos dois historiadores, sem nenhuma mácula.

De acordo com Taunay (1925, p. 168-169), o “plágio” feito por Manuel Cardoso de Abreu justifica-se porque este desejava angariar privilégios junto ao visconde de Balsemão, a quem dedicou sua obra:

Subindo ao poder o visconde de Balsemão, a quem conhecera em Cuiabá, renovou, insistente, os pedidos de promoção e melhoria de emprego. Foi então que lhe ocorreu a idéia de pedir a frei Gaspar, emprestado para o ler, o manuscrito das suas *Memórias*, copiá-lo e oferecê-lo ao ministro, como obra de sua lavra. Assim o fez; deu-lhe outro título: *História da Capitania de São Paulo*, anexou-lhe pomposa dedicatória, em que se jacta do imenso trabalho causado pela obra e enviou-o a Balsemão, certo de que jamais se lhe descobriria o furto.
(...) continuou a copiar verbo ad verbum não só o beneditino como Pedro Taques, de cujos manuscritos se apossara. É muito provável que a ele se deva o desaparecimento do livro terceiro da obra de frei Gaspar.

Apesar de declarar que a *Memória Histórica* é uma “cópia servil”, Taunay também reconhece que os textos copiados receberam intervenções do copista, objetivando o disfarce das fontes:

Reproduzir, “verbum ad verbum”, desde a primeira linha, devia achar, de si para si, o filaiucioso, seria uma diminuição perante o seu foro íntimo e, assim a refletir, “ego quoque scriptor sum”, majestosamente, substituiu “famigerada” por “celebre”, e continuou, sem a mínima hesitação ou tropeço, até ao fim do parágrafo.

Fazia às vezes modificações da maior importância: Escrevera frei Gaspar Christovam Colon e ele apaixonado da pureza do vernáculo corrigia Christovam Colombo!

(...) Resolveu, portanto, reduzir o volume do manuscrito (...) suprimindo em muitos números grande quantidade de frases e períodos.

Nada de divagações! Impiedosamente cortou, por exemplo, as explicações sobre o nome dado ao “Morro do Frade”, perto de Angra dos Reis. Sobre a etimologia da palavra Bertioiga nada deixou. (...) Truncados, uns após os outros, textos e notas, caíam ante a faina abreviadora do plagiário. Momentos havia, porém, em que, apesar de toda a audácia, a pena lhe tropeçava ante espontâneos e insopitáveis movimentos da consciência. Era quando a sua vítima escrevia a primeira pessoa.

“De propósito aponte as eras”, “si as minhas conjecturas não agradarem”, redigira frei Gaspar, “De propósito se apontam as eras”, “si estas conjecturas não agradarem” parafraseia o plagiário.

(...) no capítulo “Da Fundação de São Paulo”, quando o beneditino entendeu terminá-lo com o episódio de Amador Bueno, juntou-lhe o falsificador 11 parágrafos inéditos, onde resolveu historiar as questões entre paulistas e jesuítas e as lutas civis dos Pires e Camargos.

(...) caiu a fundo sobre a “Notícia Histórica da Expulsão dos jesuítas do Colégio de São Paulo”, de Pedro Taques, que saqueou como estava fazendo com as memórias do beneditino.

Ficaria muito extenso, porém, intercalar toda a memória de Pedro Taques; resolveu pois cortá-la para passar a tratar do caso dos Pires e Camargos.

Do título “Camargos”, da “Nobiliarquia Paulistana”, saiu o material para esta nova e grande enxertia de alheias obras.

Um único parágrafo original existe em todo o Livro I da “História de São Paulo”, o de número 167, duas únicas páginas em que Cardoso de Abreu, reproduzindo vários tópicos do seu “Divertimento Admirável”, faz a enumeração das igrejas e capelas de São Paulo e, metendo-se a indianista, afirma que Anhangabaú significa: “Água onde o diabo lavou a cara”, (...).

Passando ao Livro II das “Memórias” de frei Gaspar (...) sordidamente reproduziu o texto de sua vítima, como o de número 72.

O plágio à custa de frei Gaspar ia servir-lhe de base ao edifício de lisonja com que planejava angariar a boa vontade do visconde de Balsemão. Necessitava, porém, historiar os tempos modernos – cousa que não fizera o beneditino – para ter a ocasião de falar daquele a quem bajulava. E como precisasse dar grande vulto às suas pretensas lucubrações e investigações, atirou-se a novo furto, de que foi, agora, novamente vítima Pedro Taques, na sua “História da Capitania de São Vicente”. Vergonhosamente manipulou-a, adulterou-a, violentando-lhe os textos, fazendo-lhes permutações as mais descabidas, tudo com o fim de avolumar a “sua” obra. (TAUNAY, 1925, p. 221-224).

Manuel Cardoso de Abreu teria conseguido os manuscritos de Frei Gaspar e de Pedro Taques graças ao contato que tinha com o monge beneditino e com o genro deste último:

Há dois ou três apógrafos das *Memórias*: em Lisboa, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em São Paulo. O de São Paulo é da autoria de um dos mais deslavados plagiários de que rezam os nossos fastos literários. Certo Manoel Cardoso de Abreu, oficial maior da Secretaria da capitania de São Paulo que tendo obtido, por empréstimo, os originais do beneditino copiou-os, pôs-lhe um prefácio e um postfacio e dedicou-o todo, como se obra sua fora, ao ministro do estado Visconde de Balsemão. (TAUNAY, 1941, p. 89).

Existia em fins do século XVIII, na Secretaria do Governo da Capitania de São Paulo, um Oficial Maior que tanto tinha de inteligente quanto de inescrupuloso. (...) não passava de refinado velhaco. Era este homem certo Manuel Cardozo de Abreu autor de muito interessante relato: “Divertimento admirável para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso”.

Dava-se com Frei Gaspar da Madre de Deus e sabia que o ex-Abade Provincial do Brasil tinha prontas, a imprimir, as suas *Memórias*.

Adicionou-lhes, ainda por cima, para os enriquecer, novo plágio, os copiosos trechos da *História da Capitania de São Vicente*, obra inédita, ainda, também, e da autoria de Pedro Taques. E pôs-lhes uns anexos da sua lavra que mais tarde correram como sendo da lavra de Fr. Gaspar o que tive o ensejo de desmentir. (TAUNAY, 1943, p.50-52).

Descobriu-se, em 1817, volumosa documentação relativa à personalidade de Manuel Cardoso de Abreu, o autor do *Divertimento admirável* e da pseudo *Continuação das Memórias de Frei Gaspar*. Levou este fato ao cotejo de sua obra inédita, pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo, com as *Memórias* do beneditino, verificando então que Abreu não passava do mais imprudente plagiário, acaso nascido no Brasil. Notou-se também que se apropriara de trechos inteiros de Pedro Taques. Ora, como era íntimo amigo do genro deste, Manuel Alves Alvim, com certeza pode, com a maior liberdade, utilizar-se do espólio manuscrito do infeliz linhagista; daí os furtos que realizou. (TAUNAY, 1980, p. 47-48).

Não há notícia de que o terceiro livro das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, prometido por Frei Gaspar da Madre de Deus, mas não publicado, tenha sido realmente escrito, apesar disso, recai sobre Manuel Cardoso de Abreu uma acusação de furto também dos manuscritos dessa parte da obra:

(...) Antônio Piza, demonstrando que, se frei Gaspar da Madre de Deus imprimiu as suas “Memórias para a História da capitania de São Vicente”, se os primeiros livros de sua obra não tiveram a sorte do terceiro, deveu-o exclusivamente à intervenção de Diogo Ordonhes junto à Academia Real de Ciências de Lisboa. Não fora ele e o plagiário Manoel Cardoso de Abreu poderia tranqüilamente fazer-se passar aos olhos dos pósteros como o autor da famosa crônica. (TAUNAY, 1944, p.43).

Não fôra a iniciativa dos irmãos Arouche e a modéstia do velho monge teria permitido que se consumasse inaudito atentado, o mais indecoroso caso de *sic vos non vobis*, um dos mais deslavados plágios de que rezam os nossos anais literários, praticado pelo oficial maior da Secretaria da Capitania, Manoel Cardoso de Abreu, personagem de vida trêfega e aventureira.

(...) É muito possível que a Abreu se deva o desaparecimento do livro terceiro das *Memórias* da obra de seu plagiado.

(...) A pretensa *Continuação das Memórias* é da lavra do plagiário Manoel Cardoso de Abreu, segundo aliás expressa referência anacrônica nela consignada. (...) (TAUNAY, 1953, p. 19-20).

O texto “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus”, publicado em 1861 na RIHGB, no volume 24, páginas 539 a 616, é, na verdade, uma parte da *Memória Histórica*, de Manuel Cardoso. Em 1916, Alfredo de Toledo publicou um artigo no jornal *Diário Popular* em que declarava que a “Continuação das Memórias” era um texto apócrifo,

atribuindo-o a Manuel Cardoso de Abreu, e, antes disso, Sílvio Romero (1953, p. 649) também já havia reconhecido que o texto não era de Frei Gaspar. Assim, Afonso Taunay reúne todas as informações a esse respeito e publica o fato em alguns de seus textos:

Publicou-se no tomo 24 da Revista do Instituto Histórico Brasileiro uma *Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus*, que reputamos, de acordo com o parecer dos nossos mais eruditos críticos, inteiramente falsa. Oferecida ao Instituto pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, constam as 77 páginas de tal mixtiforio (sic) da indigesta serzidura (sic) de trechos mal copiados da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques, e do resumo mal feito e anotado de outros trechos da mesma obra. A isto se anexa a transcrição de diversos documentos do arquivo da Câmara de São Paulo e uma lista de ouvidores de São Paulo, vários dos quais posteriores ao falecimento de frei Gaspar. A pretensa *Continuação* é da lavra do plagiário Manoel Cardoso de Abreu, circunstância esta que inexplicavelmente escapou à comissão de redação da *Revista*.

[...]

Rematando este acervo de apócrifos surgem as *Notícias sobre a vinda dos primeiros governadores até o presente capitão-general*, obra de Manoel Cardoso de Abreu, oficial maior da Secretaria da Capitania de São Paulo em 1797, como ele próprio declara e fato que inexplicavelmente, escapou á vigilância da comissão de redação da *Revista*. Assim, pois, estamos em face de um dos múltiplos e deslavados plágios do autor do *Divertimento Admirável*.

[...]

(...) a confrontar o texto da *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* e o da *História da Capitania de São Paulo*, provou Alfredo de Toledo que a *Continuação* não é mais do que a cópia das 44 últimas folhas da *História da Capitania de São Paulo*. Acrescentou-lhe um anotador anônimo umas linhas mais, pondo em dia uma lista de ouvidores, isto pelos anos da Independência. Adicionara-lhe ainda o copista umas outras linhas escritas pelo próprio Abreu, ao que parece, mas não incluídas no manuscrito pertencente ao Arquivo do Estado.

[...]

Traçou para terminar o seu volume as “Notícias sobre a vinda dos primeiros governadores até o presente capitão general”, título impresso na “continuação das memórias de Frei Gaspar”, e diverso da estapafúrdia e tola epígrafe do manuscrito do arquivo do Estado: “Mostra-se a vinda do primeiro governo e os mais subseqüentes até o presente capitão general”. Aí tudo é mais ou menos de sua imaginativa. (TAUNAY, 1925, p. 173-228).

O que se imprimiu como continuação das *Memórias* é obra do deslavado plagiário, Manuel Cardoso de Abreu, cujas tranquiernas relatamos em nosso *Escritores coloniais*. (TAUNAY, 1951, p. 139).

Pequenas monografias setecentistas relativas à história paulista existem divulgadas como o *Divertimento admirável* do inteligente e deslavado plagiário do beneditino e de Pedro Taques. A ele se deve uma suposta *Continuação das memórias de Frei Gaspar*, publicada a instâncias do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, pelo Instituto Histórico Brasileiro. (TAUNAY, 1954b, p. 11).

É creditada ainda a Manuel Cardoso de Abreu uma provável cópia de trechos da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques, para a constituição de um texto sobre a genealogia paulista, localizado em Londres por Eduardo Prado, que, no entanto, acabou perdendo sua pista:

Soube certa vez Eduardo Prado que em Londres se vendera volumoso códice da autoria de Cardoso de Abreu e referente à genealogia paulista. Quando quis adquiri-lo, perdeu-lhe a pista. Este códice não é certamente senão uma nova ladroice literária do velhaco Oficial-Maior da Secretaria da Capitania de São Paulo. Em matéria de genealogia era Cardoso de Abreu tão versado que, ao casar-se, quase aos 40 anos, declarava ao vigário de São Paulo ignorar quais eram os apelidos de seus avós maternos!

Assim haja, porém, o refinado tratante plagiado mais uma vez a Pedro Taques! Resta-nos a esperança de que um dia ou outro possa surgir-nos uma nova cópia da *Nobiliarquia Paulistana* e esta aplicação paulistana do *sic vos non vobis* voltar-se contra o plagiário de Araraitaguaba. (TAUNAY, 1980, p. 47-48).

Todos os outros autores que se referem a Manuel Cardoso como plagiário tiveram sempre como fonte as obras de Afonso Taunay, como é o caso de Haroldo Paranhos, Aureliano Leite, Afrânio Peixoto, Péricles da Silva Pinheiro, Ernani Silva Bruno, Raimundo de Menezes e José Honório Rodrigues:

(...) a continuação da obra de Frei Gaspar, não era mais que uma adulteração da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques.

História da Capitania de São Vicente, desde a sua fundação em 1531. (...) Consoante a opinião do Sr. Afonso Taunay, o plagiário Manoel Cardoso de Abreu, deveria ter-se utilizado de uma outra cópia, com a qual escreveu a sua *História da Capitania de São Paulo*. (PARANHOS, 1937, p. 108-118).

ABREU, Manuel Cardoso de. – “História da Capitania de São Paulo” (Segundo Afonso de Taunay, plágio da obra de Frei Gaspar) – “Divertimento Admirável” – “Continuação das Memórias de Frei Gaspar”. (LEITE, 1946, p. 238).

Escreveu: “Divertimento admirável” (...); “Continuação das memórias de Fr. Gaspar da Madre de Deus” (...) (PEIXOTO, 1947, p. 226).

[Manuel Cardoso de Abreu] Escreve: (...) “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus” (plágio) publicada no vol. 24 da R.I.H.G.B.; e “Memória Histórica da Capitania de São Paulo e todos seus memoráveis sucessos, desde o anno de 1531 até o presente de 1796” (plágio), manuscrito pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo.

Não se sabe como possui em manuscrito a obra principal de Fr. Gaspar da Madre de Deus. Não hesita em sua malignidade e “verbum ad verbum”, com modificações que julga oportuno introduzir no texto autêntico, sem contudo descaracterizá-lo a ponto de esconder ou disfarçar o engodo, copia trechos originais e plagia outros, na mais deslavada apropriação que se conhece, das “Memórias para a História da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo”. Permite-se, reiteradas vezes, o comentário mais pessoal, na ilusão de escamotear talvez a si próprio. E onde o beneditino, em sua honesta integridade, se louva nos “preciosos e verídicos manuscritos do sargento-mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme”, o plagiário declara apoiar-se na opinião “de certo anonymo de bom critério”. (PINHEIRO, 1961, p. 114-115).

(...) “Memória histórica da Capitania de São Paulo e de todos os seus memoráveis sucessos desde o ano de 1531 até o presente de 1796”, que o historiador Afonso de

E. Taunay considera plágio quase integral das “Memórias” de Frei Gaspar da Madre de Deus. (BRUNO, 1977, p. 57).

Querendo bajular o Ministro Luís Pinto de Sousa Coutinho, capitão-general em Mato Grosso, copiou o manuscrito de Frei Gaspar da Madre de Deus e ofertou àquele potentado, dando-o como de sua autoria. E realizou coisa ignóbil, mutilando trechos importantes da obra, a fim de diminuir-lhe as proporções, e pôs-lhe adulatora dedicatória. Cinco anos depois, descobriu-se o vergonhoso plágio com a publicação do livro de Frei Gaspar, iniciativa da Academia Real de Ciências de Lisboa. (MENEZES, 1978, p. 6).

As *Memórias* foram plagiadas por Manuel Cardoso de Abreu, que deu outro título ao livro, “História da Capitania de São Paulo” e dedicou-o ao Visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho.

Desde 1916, [Capistrano de Abreu] em carta a Pandiá Calógeras, alertara o plágio que Manuel Cardoso de Abreu no seu “Divertimento Admirável” fizera das Memórias de Frei Gaspar.

Deve ter sido um homem de inteligência desenvolvida a julgar pela narrativa de suas viagens aos sertões de São Paulo e Cuiabá e pelos plágios que cometeu das obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques. (RODRIGUES, 1979, p. 147-153).

A partir dessa contextualização, foi possível entender melhor a problemática que envolve tal acusação de plágio.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLÁGIO

O plágio é um tema muito discutido nos dias atuais, em especial no meio acadêmico, principalmente porque o advento da Internet veio facilitar o acesso rápido a uma grande quantidade de informações e textos, mas também acabou por contribuir para uma indefinição, ainda que aparente, dos limites entre o público e o privado, o que abre caminho para que leitores, estudantes e pesquisadores copiem frases, parágrafos ou mesmo textos inteiros sem citar as fontes, fazendo passar por seu um trabalho alheio, ou seja, plagiando. Isso não quer dizer que o plágio surge com a Internet, mas com ela essa prática toma uma proporção muito maior.

As discussões em torno desse tema são de longa data, mas o conceito de plágio, que, conforme Silva (2010), “sofreu mudanças, de acordo com o momento histórico e as condições sociais de cada época”, ainda é bastante impreciso e sempre aparece associado aos conceitos de originalidade, autoria e propriedade intelectual. Por isso, este tópico tem a finalidade de contribuir para o esclarecimento do que é o plágio, através de uma incursão pela etimologia

da palavra, sua história, suas imbricações no plano jurídico e no campo crítico-literário e as motivações para tal prática. Além disso, também tem o propósito de explicitar os elementos de identificação do plágio, os limites entre essa prática e a intertextualidade, os seus mecanismos na ocultação dos textos alheios e de verificar quais eram as características das práticas de escrita vigentes à época de Manuel Cardoso de Abreu.

3.2.1 Plágio: um pouco de história

Plágio é a apresentação feita por alguém, como de sua própria autoria, de trabalho, obra intelectual etc. produzido por outrem (HOUAISS, 2001). A origem etimológica da palavra ilustra bem esse conceito: derivada, conforme Schneider (1990, p. 129), do baixo latim *plagium*, que seria outra forma do grego πλαγίος –*plagiós* ou *plágion*⁵⁶, significa “oblíquo; transversal, inclinado” ou “que usa meios oblíquos; trapaceiro, velhaco”. No entanto, o conceito de plágio como apropriação indevida da obra de outra pessoa é relativamente novo, já que, no século II a.C., no Direito Romano, quando a palavra *plagium* aparece em uma lei conhecida como *Lex Fabia de Plagiariis*, sua conotação é diferente. Essa lei surgiu como uma medida contra a corrupção que envolvia o roubo ou utilização de escravos libertos ou alheios, sem a autorização dos donos, isto é, o *plagium*, um crime que envolvia apropriação desonesta e fraudulenta e que se consumava, segundo Manso (1987, p. 9), “mediante seqüestro de um homem livre, para fazê-lo passar por escravo e assim vendê-lo, ou simplesmente utilizá-lo, como se fosse escravo”. Assim, mesmo que o conceito de plágio não seja o mesmo para os antigos romanos e para os homens da atualidade, já havia a ideia de uma prática eticamente condenável.

Em dicionários do século XVIII, como, por exemplo, os de Bluteau e Moraes Silva, já começam a aparecer acepções ligadas ao termo “plágio”, tais como:

Plagiario: He tomado do Latim *Plagiarius*, que no dito idioma tem dous sentidos. I. Segundo Ulpiano, e outros Jurisconsultos, *Plagiarius* he o que tem, compra, ou vende por escravo pessoa livre, ou persuade a escravo que fuja a seu senhor, e se deriva *Plagiarius* do verbo Latino *Plagare*, que he Ferir, Açoitar, etc. Castigo, que pela ley Flavia se dava antigamente aos comprehendidos neste delicto. II. Em Marcial lib. I. *Plagiarius* se appropria aos que se attribuem a si as obras de outros Authores.

⁵⁶ Até o século XVIII, segundo Maurel-Indart (1999, p. 11), o termo “plágio” foi objeto de um contra-senso que teve origem em um erro etimológico. Pensava-se que a palavra vinha originalmente do latim *plaga*, “que significa a condenação ao açoite daqueles que vendiam homens livres como escravos” (tradução nossa), e não do grego *plagiós*.

Plagiario: O que usa de pensamentos, ou expressões alheias como suas, e sem as referir ao seu Autor.

Plagio: A fraude, ou vicio do plagiario.

(MORAES SILVA, **Diccionario da Lingua Portugueza**, 1789)

Bluteau refere-se à acepção original da palavra, ligada à lei romana aplicada contra os usurpadores de escravos ou aqueles que escravizavam homens livres, mas também destaca o sentido que vai ganhar força, relacionado a quem se apropria de obras alheias. Este último sentido é referenciado também por Moraes Silva.

Em sua *Enciclopédia*, Diderot (1778, p. 25-30) também traz conceitos relacionados ao plágio e discute de maneira bastante crítica a prática de quem comete a ação de plagiar, que já aparece com o sentido de roubo:

Plágio: é a ação de um escritor que rouba ou pilha a obra de um outro autor e que a atribui como sua própria obra. É então a falta de atribuição de uma obra a seu autor que caracteriza o plágio. Qualquer um que ao escrever, após autores que o precederam, os citou fielmente, não pode nem deve passar por culpado desse crime literário. É preciso estabelecer uma grande diferença entre copiar certos trechos de um autor e os roubar. Ao utilizar os pensamentos de outro escritor, citando-os pontualmente, é preciso retirar toda a culpa de roubo: o silêncio e a intenção de declarar como seu o que é de outro faz o plágio. (...) O plágio é um tipo de crime literário (...), é o nome que se dá a um roubo de pensamentos (...).

Plagiário: escritor que rouba os outros autores e oferece suas produções como sendo seu próprio trabalho. Os Romanos chamavam plagiário a uma pessoa que comprava, vendia ou retinha como escravo uma outra pessoa livre, porque pela lei Flavia, qualquer um que praticasse esse crime, seria condenado ao açoite, *ad plagas*.

Plagiarius: Esta palavra, em Ulpiano, significa aquele que rouba pessoas livres e que as vende como escravos, (...) de onde vem o nome plagiário, que rouba obras de outros e que as vende como suas. [tradução nossa]

No manuscrito autógrafo das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, obra do século XVIII, encontra-se um registro do termo “plagiário” com o sentido primeiro da palavra, isto é, como aquele que aprisiona e vende escravos alheios ou homens livres⁵⁷:

Se o Author chamasse Plagiarios aos Paulistas antigos, alguã razaõ haveria para isso, por naõ se poder negar, *que* captivaraõ, e vendiaõ os Indios, como

⁵⁷ Manuscrito original autógrafo, com rasuras e emendas, pertencente ao arquivo da Academia de Ciências de Lisboa, cota Ms. Azul 1751, fólios 77r e 78r.

Escravos sendo Livres estes pobres homens, mas nenhum fundamento teve, para os denominar Piratas. [edição nossa]

O século XIX é a época em que o sentido de plágio enquanto apropriação indébita de um texto ganha força, configurando-se como uma violação e, dessa forma, relacionando-se ao Direito. Em dicionários dessa época, como, por exemplo, o *Dicionário da Língua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto, de 1832, dá-se início à definição de “plagiário” ou “plágio” como cópia servil de obras de outros autores:

Plagiario: O que traslada para as suas obras o que acha em outros authores, palavra por palavra.

Plagio: Fraude de plagiario.

As acepções atuais da palavra “plágio” e seus derivados, registradas nos dicionários vernáculos, apontam para um ato fraudulento, eticamente condenável:

Plagiar: Lat. *plagiare*. 1. Subscrever ou apresentar como seu um trabalho alheio. || 2. Imitar servilmente trabalho de outrem. || 3. Respigar, forragear.

Plagiário: Lat. *plagiarius*. Indivíduo que plagia. || 2. Entre os antigos, aquele que roubava os escravos para os vender.

Plagiato: Lat. *plagiatus*. Ato ou efeito de plagiar.

Plágio: Lat. *plagium*. O mesmo que plagiato. Elem. Gr. *plagios*. Termo de composição que exprime ideia de oblíquo.

(FREIRE, **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, 1954)

Plagiar: (Do lat. *plagiare*). Assinar ou apresentar como seu trabalho literário ou científico de outrem; imitar servilmente trabalho alheio.

Plagiário: (Do lat. *plagiariu-*). Que plagia. Autor que apresenta como seu trabalho literário ou científico de outrem, quer copiado integralmente, quer ligeiramente alterado num passo ou noutro. || Entre os Antigos, aquele que roubava os escravos para os vender, ou até as pessoas livres, para as reduzir à escravidão.

Plagiato: (Do lat. *plagiatu-*). Ato ou efeito de plagiar; roubo literário ou científico; plágio.

Plágio: (Do gr. *plágios*, pelo lat. *plagiu*). Apropriação ou cópia de trabalho alheio (literário ou científico) sem indicação da verdadeira origem; o mesmo que plagiato.

(MORAIS SILVA, **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**, 1955)

Plagiar: Apresentar como seu (trabalho literário, etc., alheio). || Respigar, forragear. || F. *Plágio*.

Plagiário: O que apresenta como original ou como seu o que encontrou noutros autores ou copiou de obras alheias. || F. lat. *Plagiarius*.

Plagiato: Ato ou fraude de plagiário. || F. lat. *Plagiatus*.

Plágio: o mesmo que plagiato. || F. lat. *Plagium*.
(CALDAS AULETE, **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**, 1964)

Plágio: Do gr. *plágios* “oblíquo”, pelo lat. *plagiu*, crime do *plagiário*, que usava de meios oblíquos, indiretos, astuciosos, para desencaminhar os escravos alheios. Tomou sentido figurado.
(NASCENTES, **Dicionário Etimológico Resumido**, 1966)

Plágio ou Plagiato: Furto literário. O plágio verifica-se quando alguém copia ou imita servilmente a linguagem e as ideias doutrem e as apresenta como suas.
(SHAW, **Dicionário de Termos Literários**, 1982)

Plágio: ato ou efeito de imitar, de apresentar, como sua, obra de outra pessoa. Do lat. *plagium* –*ĩ*, deriv. do gr. *plágion* || plagiador XX || plagiar XIX. Do fr. *plagier* || plagiário XVIII. Do lat. *plagiārius* –*ĩ*.
(CUNHA, **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**, 1986)

Plágio: [Do gr. *plágios*, ‘trapaceiro’; ‘oblíquo’, pelo lat. tard. *plagiu*]. Ato ou efeito de plagiar; plagiato.

Plagiar: 1. Assinar ou apresentar como seu (obra artística ou científica de outrem). 2. Imitar (trabalho alheio).

(FERREIRA, **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**, 1999)

Plagiar: Apresentar como da própria autoria (obra artística científica, etc. que pertence a outrem). Fazer imitação de (trabalho alheio).

Plagiário: Indivíduo que comete plágio; plagiador.

Plágio: Ato ou efeito de plagiar. Apresentação feita por alguém, como de sua própria autoria, de trabalho, obra intelectual etc. produzido por outrem.

(HOUAISS, **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2001)

Apenas um dos dicionários apresentados aqui, o de Bluteau, refere-se ao poeta latino Marcus Valerius Marcialis, ou Marcial, que, no século I d.C., teria usado pela primeira vez o termo *plagiarius* (plagiário) para designar alguém que tinha se apropriado de seus versos. O sentido figurado usado para quem utiliza obras alheias sob seu nome, teria ganhado força e assumido o significante corrente em nossos dias. São os Epigramas 52, livro I, e 53 de Marcial que trazem essa associação do *plagium*, o crime de roubo de escravos libertos e escravos alheios no Direito Romano, ao roubo literário:

Commendo tibi, Quintiane, nostros: nostros dicere si tamen libellos possim, quos recitat tuus poeta: si de servitio gravi queruntur, assertor venias, satisque praestes, et quum se dominum vocabit ille, dicas esse

meos, manumque missos. Hoc si terque quaterque clamitaris, impones plagiarium pudorem.

«Eu lhe recomendo meus versos, Quintiano, se é que eu posso denominá-los assim, desde que eles são recitados por certo poeta que se diz seu amigo. Se (meus versos) se queixam de sua penosa escravidão, seja o seu defensor e o seu apoio; e se esse outro (poeta) se diz ser seu dono, declare que (os versos) são meus e que eu os publiquei. Se isso é proclamado repetidas vezes, você imporá vergonha ao plagiário.»

(Epigrama 52, Livro I, de Marcial apud MANSO, 1987, p. 11-12)

Nesse epigrama, Marcial recomenda a Quintiano, seu advogado, que lhe declare proprietário dos versos recitados por outro poeta através da fórmula oral, segundo a qual, como salienta Christofe (1996, p. 26), “com as palavras ditas e o silêncio do falso proprietário (*plagiarium*) estaria legitimada a posse dos seus versos”. Era uma forma de desmoralizar publicamente aqueles que se apropriavam indevidamente de textos alheios.

Indice non opus est nostris, nec vindice libris: stat contra, dicitque tibi tua pagina: Fur es.

«Não é preciso que anuncies, nem que defendas meus livros: a tua página se ergue contra ti e te diz: Tu és ladrão.»

(Epigrama 53 de Marcial. Apud MANSO, 1987, p. 12)

No epigrama 53, o ato de plagiar é considerado como uma grande vergonha, como uma incapacidade intelectual do plagiário, um rele “ladrão” literário.

Apesar de o primeiro registro do termo plagiário ter surgido no século I d.C. com o sentido que se usa atualmente, a Idade Média não conheceu a noção de plágio, uma vez que, como bem observa Jeandillou (1994, p. 121 apud JORGE, 1997, p. 415), até o século XV não existia “a noção de autenticidade textual, tal como a utilizam os filólogos”.

Ao longo da Idade Média assiste-se a uma concepção do saber como um depósito pouco renovado, que se alimenta do conhecimento dos antigos, pois ser sábio não era investigar e trazer coisas novas, mas acumular informações, já que se acreditava que tudo já era sabido e que já havia sido dito, ou seja, não cabia ao intelectual medieval conquistar novos campos do saber, mas comunicar de modo eficaz o saber pré-existente: “Su papel no es hacernos descubrir verdades nuevas, sino permitirnos verificar si es verdad algo recibido y, en caso afirmativo, hacernos adherir a ello” (MARAVALL, 1983, p. 220). Tal concepção, fundada sobre a acumulação de conhecimento, como afirma Edelman (2004, p. 176), justifica a prática da imitação dos antigos, fundamentada na obediência a um cânone, de modo que a fonte utilizada fosse um modelo para uma nova criação. Além disso, também era prática

comum na época que um autor desconhecido associasse ao seu texto o nome de outro autor, cuja autoridade fosse reconhecida, com o objetivo de garantir a difusão de suas ideias.

Assim, a sociedade medieval, baseada predominantemente em uma tradição oral, não reconhecia a separação entre autor, copista e leitor e possuía uma ideia de obra coletiva, aberta e em constante transformação. Essa dinâmica dos textos, denominada por Paul Zumthor (1993) como “movência”, está associada essencialmente ao caráter oral da cultura medieval, o que legou à posteridade uma série de variantes de um mesmo texto.

Desta forma, verifica-se que a preocupação que existe atualmente com a propriedade, integridade e originalidade de uma obra não era uma questão relevante para o homem medieval e que, além disso, a busca de um modelo de imitação, de um *exemplum*, era permitida e estimulada, sem que isso implicasse o desprestígio do autor ou a diminuição do valor da obra, como salienta Perissé (2007). Entretanto, mesmo que a imitação fosse perfeitamente legitimada, até o século XVII o entusiasmo pelas obras da Antiguidade ou a preocupação em assegurar uma glória pessoal incitou alguns à imitação servil ou à falsificação. Nesse caso, a única forma de defesa era a reprovação pública do plagiário, já que até mesmo as assinaturas eram falsificadas:

Somente o autor, se ainda vivo, pode empreender com eficácia a luta para garantir a autenticidade de suas obras, enviando a informação e as cópias a amigos. (ARNS, 2007, p. 170)

O sentimento de propriedade intelectual que existe atualmente, a ponto de o plágio constituir um problema de ordem jurídica, constitui-se progressivamente a partir da articulação entre Idade Clássica e época moderna, como salienta Schneider (1990, p. 55).

No Renascimento, a partir da invenção da Imprensa por Gutenberg, que “permitiu ao homem reproduzir as suas criações e tirar daí um proveito econômico indiscutível, é que o Estado interveio procurando normalizar o jogo de interesses provocado” (SANTOS, 1990, p. 13). Antes disso, como as obras intelectuais não eram economicamente exploradas em escala comercial, não havia razão para se criar leis em favor dos autores, pois as violações, como o plágio, atendiam muito mais à obtenção de prestígio e glória, do que a um proveito econômico. Nasceram, assim, os chamados “privilégios”⁵⁸, concedidos primeiramente aos editores, pelos monarcas⁵⁹, que garantiam a exclusividade, por determinado tempo, da exploração econômica da obra, como observa Bittar (1994, p. 12). Esse sistema de privilégios

⁵⁸ Conforme Diderot (2002, p. 141, nota 2), anteriormente aos privilégios, estabelecidos em 1566 por Charles IX, as autorizações de impressão eram concedidas pela Igreja, através da Universidade.

⁵⁹ Segundo Chartier (1999, p. 55), na França, o sistema de privilégios era um sistema estatal regido pelo rei, enquanto na Inglaterra era comunitário e corporativo, regido pela corporação de livreiros.

atendia aos interesses econômicos de editores e comerciantes, chamados *stationers*, que detinham a exclusividade de publicação e venda da obra. Dessa forma, o autor, uma vez que não tinha efetivamente o direito de imprimir ou de vender ele mesmo suas obras, como salienta Maurel-Indart (1999, p. 122), perdia todo o benefício do seu trabalho.

A insuficiência do sistema de privilégios e as reivindicações de remuneração por parte dos autores, que vendiam seus manuscritos aos que os iam publicar, recebendo somente o valor correspondente àquela venda e não sobre a venda dos exemplares e cedendo “perpétua e definitivamente sua obra ao livreiro e a seus sucessores” (DIDEROT, 2002, p. 51), deram origem, segundo Bittar (1994, p. 12), ao “primeiro texto em que se reconhecia um direito [exclusivo dos autores] em 10/04/1710, por ato da Rainha Ana, da Inglaterra”, conhecido como “Estatuto da Rainha Ana” ou *Copyright Act*. Esta lei protegia os livros já impressos e conferia aos seus autores o direito de reimprimi-los por um período de 21 anos. Christofe (1996, p. 90) salienta que o *Copyright Act*, sendo um direito de reprodução, objetivava proteger os livros impressos e não “o autor enquanto criador em suas relações com a obra”, mas agia em favor dos autores e não mais em favor dos *stationers*.

Devido à normatização e à uniformização da criação literária, provocadas por uma reinterpretação do conceito aristotélico de mimese, instaurada a partir do Renascimento e que aconselhava a imitação dos clássicos, procurando criar obras de arte segundo as fórmulas e as medidas empregadas pelos antigos, sem que, contudo, caracterizasse uma mera reprodução, o século XVII encontrou dificuldades em identificar a autoria das obras. Tais dificuldades também eram agravadas, dentre outras, “pela precariedade da atividade editorial, como pela rígida censura imposta pelos governos e pela Inquisição no controle das licenças para editoração”, além da “existência de grande número de obras cuja publicação só foi organizada após a morte do autor”, como observa Gomes (1985, p. 89).

Ao longo do século XVIII, especialmente com a Revolução Francesa e o Iluminismo, surgem progressivamente diversas formas de propriedade individual e a afirmação do próprio indivíduo, que, enquanto artista, reivindica para si mesmo o direito de propriedade de sua obra, o que abre caminho, segundo Maurel-Indart (1999, p. 22), “à proteção do direito de autor, concretizado pelas leis revolucionárias de 1791 e 1793” [tradução nossa]. Assim, no século XVIII, a noção de privilégio é substituída pela noção de propriedade literária, que legitima as relações entre o autor e o seu texto.

Esse século também assiste a um intenso debate sobre a questão do plágio, com grande contribuição dos enciclopedistas, entre eles os escritores Diderot e D’Alembert, que repudiavam essa prática:

Então o que é propriamente um plagiador? É um homem que quer a qualquer preço ser um autor e não tendo nem o gênio nem o talento necessário, copia não só frases, mas também páginas e passagens inteiras de outros autores e tem a má fé de não os citar; ou que com pequenas mudanças ou adições de frases apresenta as produções dos outros como algo que ele imaginou e inventou; ou que reivindica para si mesmo a honra de uma descoberta feita por outro. (DIDEROT; D’ALEMBERT, *Encyclopédie*, 1778). [tradução nossa]

Presencia-se, já nessa época, uma distinção entre imitação e plágio, este último como roubo intelectual.

Apesar das reivindicações dos autores em favor da proteção de seus direitos, dos decretos que foram assinados com esse intuito e das discussões sobre o plágio, este passa a ser considerado realmente um caso específico de disputa, em sentido estrito de roubo de um texto⁶⁰, somente no começo do século XIX, por volta de 1810-1830. É justamente nesse período que surge uma reflexão teórica sobre o tema, numa tentativa de definição mais estrita.

De uma prática comum, permitida e estimulada na Idade Média, copiar, imitar, seguir modelos sem citá-los ganha, na modernidade, um caráter de desonestidade intelectual, de condenação ética e moral, mesmo antes da formalização do Direito de Autor.

3.2.2 O plágio e o Direito de Autor

A palavra autor, que remete etimologicamente ao latim *auctor*, aquele que produz, que gera, que faz nascer, e que é frequentemente relacionada à palavra autoridade, só emerge como proprietário de um texto com o Renascimento, quando, segundo Brunn (2001, p. 19), desenvolvem-se as condições para o aparecimento de um autor cujo nome garante a personalidade do texto, que progressivamente faz de seu nome o suporte de sua obra. Efetivamente, durante a Idade Média, a figura do autor é desprovida de autoridade, o que resulta frequentemente em textos não assinados e que, de certa maneira, reflete a cultura da época, a qual resiste em atribuir às criações intelectuais um valor econômico, pois a ideia de que um escritor pudesse extrair benefícios da venda de exemplares de sua obra era inconcebível, porque, embora lícito, não era honroso, o que justifica o anonimato da escritura.

⁶⁰ É interessante notar que alguns conceitos de plágio o definem como roubo, mas, nesse caso, não há um objeto material roubado, não há, como observa Schneider (1990, p. 136), “nenhuma violência, a não ser a ausência de consentimento que caracteriza a violação (...), o que é ‘roubado’ é o trabalho da obra, a ideia da obra, mais que a própria obra”.

Muitos escritores, nessa época, sobreviviam sob o regime de mecenato⁶¹, pelo qual um artista estava a serviço do rei ou de um grande homem, que reconhecia sua obra como “produto de um trabalho que merece salário, (...) num reconhecimento público de seu talento” [tradução nossa] (EDELMAN, 2004, p. 113 e 117). O aumento do número de plágios coincide justamente com a época em que o artista deixa de ser amparado pelos mecenas, “para sobreviver por conta própria, em contato direto com o público”, como observa Gomes (1985, p. 124).

O desenvolvimento do ofício intelectual, que, conforme Le Goff (1989, p. 74), criou a era “do livro manuseável e manuseado, testemunho forte da aceleração na velocidade de circulação da cultura escrita e de sua difusão”, e que abriu caminho para o aparecimento da Imprensa e o progresso das técnicas de reprodução, resultou na valorização da figura do autor e, consequentemente, no desenvolvimento de um sistema de proteção dos seus interesses morais e econômicos e de sua obra.

É nesse contexto que nasce o chamado Direito de Autor, inspirado por teorias iluministas, que certamente, como observa Brunn (2001, p. 67), marca de maneira decisiva uma profissionalização do estatuto social do escritor, que passa a desfrutar de uma remuneração e de melhores condições de trabalho.

O Direito de Autor⁶² nasceu no cerne da Revolução Francesa, em 1789, e, segundo Schneider (1990, p. 49), teve sua primeira lei sobre propriedade literária em 1793, a “lei de Lakanal”, que regulamentou a reprodução das obras nos teatros franceses por 10 anos.

Em 1858 e 1886 foram realizados congressos para a discussão dos direitos do autor, mas foi em setembro de 1886, em Berna, na Suíça, com a realização da 3ª Conferência Diplomática sobre Direitos Autorais, que seria estabelecido um documento internacional de reconhecimento dos direitos de autor, a ata dessa conferência, que vem a constituir a “Convenção de Berna para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas”. Antes de sua adoção, as nações frequentemente recusavam reconhecer os direitos de autor de trabalhos de

⁶¹ A palavra “mecenato” provém do substantivo “mecenas”, o indivíduo rico que protegia e patrocinava financeiramente os artistas, que, por sua vez, tem origem no nome de Caio Cilino Mecenas, ministro do Imperador Otávio Augusto, protetor dos artistas, entre eles Horácio e Virgílio, conforme o dicionário de Houaiss (2001).

⁶² É interessante observar que alguns teóricos consideram as expressões “direito de autor” e “direito autoral” como sinônimos, enquanto para outros, como Newton Paulo dos Santos (1990), José de Oliveira Ascensão (1980) e a própria lei brasileira, “direito autoral” é o gênero e “direito de autor”, a espécie. Ascensão (1980, p. 6-7) diz que “Direito de Autor é o ramo da ordem jurídica que disciplina a atribuição de direitos de exclusivo relativos a obras literárias e artísticas”, enquanto “o direito autoral abrange, além disso, os chamados direitos conexos do direito de autor, como os direitos dos artistas intérpretes ou executantes, dos produtores de fonogramas e dos organismos de radiodifusão”. Há que se considerar também que direitos autorais não são necessariamente o mesmo que *copyright* (sistema anglo-saxão). De um lado tem-se um direito de autor, cujo foco está na pessoa do direito (o autor); de outro, um direito à cópia (*copyright*) ou de reprodução, cujo foco encontra-se no objeto do direito (a obra).

estrangeiros. Esse documento, que assenta na proteção da forma, não das ideias, e que prevê a proteção dos direitos patrimoniais e dos direitos morais dos autores é, como salienta Cabral (2003, p. 8), “o modelo que tem servido de base para as legislações sobre direitos autorais em vários países do mundo, inclusive o Brasil”.

No Brasil, a primeira disposição legal que contém uma manifestação a respeito do direito de autor encontra-se na lei de 11 de agosto de 1827, que criou os cursos de Direito em Olinda e São Paulo, como afirma Manso (1987, p. 16). Nessa lei é assegurado aos professores o direito sobre os cursos que publicassem. Os compêndios das matérias que os professores lecionavam deveriam ser encaminhados às Assembleias Gerais

a fim de receberem ou não aprovação, com a qual gozariam, também, do privilégio de sua publicação, por 10 anos. Tratava-se, no entanto, de um direito aplicável apenas *intra-muros*, nas Faculdades de Direito de Olinda e de São Paulo, não alcançando os demais autores brasileiros. (MANSO, 1987, p. 16)

A primeira regulamentação geral da matéria surgiu em 1830 com a promulgação do Código Criminal, que, no entanto, visava apenas à proibição da contrafação. Os direitos autorais civis surgiram apenas com a Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891. A lei só foi publicada cinco anos depois, lei 496, de 01 de agosto de 1896, sob o nome de Lei Medeiros Albuquerque, que esteve em vigor até janeiro de 1917, com o advento do Código Civil.

A lei de Direitos Autorais que está em vigência atualmente é a lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que substitui a lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973, e que “regula os direitos autorais, entendendo-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos”.

Centralizando-se no autor e na defesa de seus interesses, os direitos de autor são direitos de cunho intelectual, que, conforme Bittar (1994, p. 11), “realizam a defesa dos vínculos, tanto pessoais, quanto patrimoniais, do autor com sua obra”. Os vínculos pessoais constituem os direitos morais, reconhecidos em função do esforço intelectual e do resultado criativo do autor, que lhe garantem o direito de nomeação (dar nome à obra), paternidade (ligar seu nome à sua produção), integridade (introduzir alterações), inédito (não publicar a obra) e arrependimento (arrepender-se de sua publicação e retirá-la de circulação). No entanto, o produtor de textos escritos só é realmente autor, criador intelectual da obra, no direito autoral, quando sujeitado a normas e funções, “graças ao contrato de edição, que regulamenta a exploração econômica de sua obra”, como observa Christofe (1996, p. 111).

Os vínculos patrimoniais ou direitos patrimoniais, no entanto, referem-se à utilização econômica da obra, que garantem ao autor a integração, a seu patrimônio, de todas as receitas produzidas pelo uso econômico, dentre os quais são referidos os direitos de autorizar a tradução, permitir a reprodução, a adaptação e autorizar a representação.

A lei autoral garante proteção a qualquer obra que seja original, sem a necessidade de seu registro ou de outra formalidade. No entanto, para cair no seu âmbito, é preciso que a sua forma interna, representada por suas ideias (*corpus mysticum*), esteja incluída em um suporte material, o *corpus mechanicum*, pois a proteção assenta na forma, não nas ideias. De acordo com Manso (1987, p. 32), “uma obra é o que outra não pode ser” justamente pelas características destas suas duas dimensões. Além disso, a obra deve ser lícita, isto é, no contrato de edição deve figurar o caráter original e autêntico da obra. Entretanto, é impossível examinar todas as publicações para ver se uma obra é realmente original e autêntica ou produto de fraude.

Existem pelo menos três tipos de violações possíveis de direito autoral, como afirma Manso (1987, p. 84): as violações ao direito à paternidade, ou seja, aquelas que ferem o direito de o autor ser considerado o criador de sua obra, como “a omissão do nome do autor na publicação da obra; alteração desse nome, ou sua usurpação (indicação de outro nome, de pessoa real ou imaginária, no lugar do verdadeiro nome do autor)”; aquelas que atingem a estrutura da obra, como a usurpação e a reprodução não autorizada, e as que ofendem o direito patrimonial, a utilização econômica da obra. Dentre essas violações à lei autoral, as figuras mais comuns são as da usurpação e da reprodução ilícita da obra, também conhecidas, respectivamente, como obra fraudulenta ou plágio e edição pirata ou contrafação.

A diferença entre plágio e contrafação, segundo Cabral (2003, p. 134), está no fato de que esta se configura como uma obra reproduzida e comercializada, por pessoa física ou jurídica, sem a autorização do titular do direito autoral. O plágio, ao contrário, é uma edição normal, que seguiu todos os trâmites legais do aspecto editorial, mas que é fraudulenta, que se apropria de obra alheia. Para Christofe (1996, p. 86), além do plágio e da contrafação, há também um outro tipo de violação, que consiste na combinação dessas duas figuras, o plágio-contrafação, na qual o plagiário, “além de apresentar como sua a obra alheia, apresenta-a sob outra forma de expressão, valendo-se de nova modalidade de fixação em suporte material”.

Segundo Jorge (1997, p. 417), é no final do século XVIII e durante a primeira metade do século XIX que, textualmente, “a questão do plágio se coloca insistentemente sobre as ‘letras’, as regulamentações econômicas e o discurso jurídico”. Em relação a este último campo, o do Direito, é quando surge a necessidade de definir o plágio para enquadramento legal. No entanto, na legislação nacional, nem o plágio, nem o plágio-contrafação são

tipificados sob tais denominações, apenas a contrafação é definida. Dessa forma, surge o problema da caracterização jurídica do termo plágio. Como os juristas e especialistas do Direito não encontravam conceitos que realmente pudessem caracterizar o plágio, um problema jurídico, perceberam a necessidade de esclarecer a noção. Assim, surgiram estas definições que servem de apoio ao Direito Autoral:

Não é o plágio a mera cópia ou reprodução servil da obra alheia, é algo de mais sutil: é um aproveitamento da essência criativa da obra anterior, embora apresentada com roupagem diversa.

O plágio só surge quando a própria estruturação ou apresentação do tema é aproveitada. Refere-se pois àquilo a que alguns autores chamam a *composição*, para distinguir quer da idéia quer da forma. (ASCENSÃO, 1980, p. 13)

Haverá plágio sempre que a obra alheia for apresentada como própria, seja total ou parcialmente, desde que a obra assim fraudulentamente apresentada se manifeste na mesma forma de expressão da obra plagiada. Assim, por exemplo, haverá plágio quando alguém faz publicar como sua a obra de outrem, ainda que a modifique formalmente, para disfarçar o servilismo da cópia. O disfarce é, mesmo, o meio mais usado pelo plagiário, para tentar enganar não apenas o público em geral, mas, principalmente, o titular dos direitos autorais sobre a obra plagiada. No entanto, o plágio se apura muito mais em função das semelhanças, do que das diferenças, de modo que o próprio disfarce termina sendo a melhor demonstração do dolo, no plágio. (MANSO, 1987, pp. 85-86)

(...) define-se plágio como imitação servil ou fraudulenta de obra alheia, mesmo quando dissimulada por artifício, que, no entanto, não elide o intuito malicioso. Afasta-se de seu contexto o aproveitamento denominado remoto ou fluido, ou seja, de pequeno vulto.

Tem-se, outrossim, por contrafação, a publicação ou reprodução abusivas de obra alheia. O pressuposto é a falta de consentimento do autor (...)

(...) no plágio, a obra alheia é, simplesmente, apresentada pelo imitador como própria, ou sob graus diferentes de dissimulação. Há absorção de elementos fundamentais da estrutura da obra, atentando-se, pois, contra a personalidade do autor (frustração da paternidade). Na contrafação, há representação ou reprodução de obra alheia sem autorização autoral, podendo ser total ou parcial. (BITTAR, 1994, p. 150)

Do plágio pode-se dizer que é uma pirataria soft ou uma pirataria light, porque o plágio é a cópia de uma obra querendo parecer que não é cópia. A cópia pura e simples, em que a pessoa se substitui ao autor, é a usurpação. O plágio não, o plágio disfarça, não quer ser, não quer parecer o que é. (CHAVES, 1997, p. 126, apud COTTA, 2008)

No Brasil, a lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que regulamenta os direitos autorais, não deixa muito claro os limites ou os contornos definidores do que seja plágio. A lei considera como obras intelectuais protegidas, no artigo 7º, “as criações do espírito, expressas

por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível e intangível, conhecido ou que se invente no futuro”. No Artigo 8º está dito que “não são objeto de proteção como direitos autorais (...) as idéias (...) e o aproveitamento industrial ou comercial das idéias contidas nas obras”. Além da obra em si, a lei também assegura, no Art. 10, a proteção ao título, “se original e inconfundível com o de obra do mesmo gênero, divulgada anteriormente por outro autor”. Assim, é na expressão “criações do espírito”, uma delimitação, de certa forma imprecisa, que reside a falta de definição do plágio, que, na verdade, não existe juridicamente, ele é um termo da crítica literária.

3.2.3 As motivações do plágio

O que leva alguém a se apoderar de palavras alheias? Por que dizer o mesmo? Por que imitar? Uma das motivações do plágio encontra-se na difícil tarefa de escrever, na falta de criatividade ou de talento e na obsessão pelo reconhecimento. Enquanto o escritor se esforça para compor seu texto, esperando “as palavras das profundezas de seu interior. (...) O plagiário, o escritor mimético esperam sempre que elas venham de fora, tão logo o olhar pousa sobre uma página” (SCHNEIDER, 1990, p. 149). Nesse sentido, o objetivo do plagiário é colher os frutos de um texto forjado, de uma imitação e, ainda que não obtenha vantagens econômicas, porque não é esse o seu objetivo, o plagiário pratica um ato doloso, que é visto com seriedade no plano jurídico e nos meios intelectuais.

Em uma passagem de sua obra, Schneider (1990, p. 32) diz que o plagiário copia porque essa prática o dispensa de pensar, já que se vale do esforço intelectual do outro. Entretanto, há que se considerar que os plágios demonstram frequentemente uma prova de erudição do plagiário, pois exigem muita técnica para um bom disfarce, apagando as pistas, introduzindo alterações, com o intuito de persuadir o leitor a acreditar na sua legitimidade.

Outra motivação para o plágio está na questão do “tudo já foi dito”, expressão que resume a ideia da influência, que resulta na impossibilidade de imaginar uma escrita fundamentalmente espontânea, como salienta Maurel-Indart (1999, p. 93). Essa ideia de que todo texto é um jogo de influências sintetiza bem o que o escritor Jorge Luis Borges pensou e escreveu sobre o trabalho de escrita e constitui o seu projeto do livro único e sem autor, numa concepção universalista da literatura, segundo a qual todas as obras são a obra de um só autor, que é atemporal e anônimo. Dessa forma, a escrita, para Borges, remete ao já dito, ao já escrito.

Certamente, seu texto que mais se aproxima dessa concepção é “Pierre Menard, autor del Quijote”, conto publicado em 1941 na coletânea *El jardín de los senderos que se bifurcan* e, em 1944, na antologia de contos *Ficciones*, em que, assumindo a fala de um crítico do século XX, expõe a empreitada do escritor imaginário Pierre Menard, que decide reescrever o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Segundo o próprio Menard, seu desejo não era compor outro Quixote, mas *o Quixote*, assim é “inútil agregar que no encaró nunca una transcripción mecánica del original; no se proponía copiarlo. Su admirable ambición era producir unas páginas que coincidieran palabra por palabra y línea por línea con las de Miguel de Cervantes” (BORGES, 1993, p. 52). O que realmente pretendia era remeter-se à época de Cervantes, reviver suas experiências e chegar ao Quixote. Seu dever era reconstruir literalmente a obra espontânea de Cervantes, o que logrou com grande riqueza de detalhes, mas, apesar de os textos serem verbalmente idênticos, pertencem a autores e contextos históricos diferentes, o que, nessa concepção, não configura o plágio. Assiste-se, assim, à destruição da ideia de identidade fixa de um texto, de autoria e de originalidade da escritura, em detrimento da leitura, da interpretação e da reescritura, já que, como destaca Sarlo (1993, p. 32 apud PINTO, 1998, p. 187), “com o método de Menard, textos originais não existem e a propriedade intelectual é colocada em questão”, uma vez que todo pensamento está à mercê da influência.

3.2.4 Intertextualidade e plágio

O trabalho de escrita para Borges, como visto anteriormente, movimenta-se através de um jogo de influências ou, como observa Pinto (1998, p. 158), apresenta-se como “movimento de compilação, busca e seleção de referências e signos já presentes em outros trabalhos, em outros autores”.

O termo “influência”, de acordo com Jorge (1997, p. 142), é usado, desde o século XIX, para indicar relações entre autores, mas não só, porque o sujeito que constrói um texto está sob influência de uma série de outros fatores, entre os quais “as crenças, convicções, (...) os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções sócio-culturais”, como destaca Koch (2003, p. 7) ao tratar das teorias sócio-interacionais. Sendo assim, todo texto reflete, em maior ou menor grau, outros textos que o antecedem.

Esse exercício de dialogar com outros textos, buscando neles a matéria-prima para a composição de uma obra é o que fundamenta a intertextualidade, conceito introduzido pelo

linguista Mikhail Bakhtin nos seus estudos de dialogismo, e cujo termo foi usado pela primeira vez por Julia Kristeva, em sua obra *Introdução à Semanálise*, de 1969.

Esse conceito de intertextualidade enquanto relação de um texto com “outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe”, conforme Koch (2003, p. 59), poderia facilmente confundir-se com o conceito de plágio, não fosse pelo fato de o plágio voltar-se para o disfarce do texto que lhe dá origem e também para o ocultamento do seu autor, enquanto na intertextualidade o autor parte de uma tradição literária para articulá-la e recriá-la em seu texto (PICOSQUE, 2008, p. 39).

De certa forma, o plágio não deixa de ser um tipo de intertextualidade, mas, de acordo com Christofe (1996, p. 71), uma “intertextualidade implícita de caráter doloso”.

A influência que determina a intertextualidade está muito próxima do conceito de *imitatio* dos antigos, segundo o qual o debruçar-se sobre textos de outros autores e imitá-los é uma forma de garantir um texto com uma argumentação mais sólida. O plágio, ao contrário, é caracterizado por ser uma cópia fiel, não uma criação.

No sentido jurídico do termo, o plágio pressupõe uma imitação servil ou fraudulenta de obra alheia, voltada para a ocultação do texto anterior e do seu autor. O fundamento para a existência desse delito se dá, segundo Bittar (1994, p. 150-151), pela “absorção de elementos fundamentais da estrutura da obra (...), quanto a tema, a fatos, a comentários, a estilo, a forma, a método, a arte, a expressão, na denominada *substantial identity*”. Assim, para que ocorra o plágio, é preciso que haja uma identidade de forma e conteúdo e que a obra tenha sido publicada e assinada pelo plagiário. Jorge (1997, p. 39 e 52-53) ressalta que o plágio só existe como um ato doloso, como um roubo, se for *ipsis verbis* e integral “(ou tendendo para a integridade, sem mudança de registro enunciativo)”, e ocultar o verdadeiro autor do original. Caso não seja *ipsis verbis*, o texto em questão pode ser produto de intertextualidade; se não for integral, configurar-se como citação, paródia ou pastiche⁶³.

Entretanto, o reconhecimento do plágio não é tarefa fácil, exige um método rigoroso e minucioso, pois quanto melhor articuladas as informações imitadas, tanto mais difícil detectar a prática. No plano jurídico, é necessário apresentar provas contundentes dessa prática ilegal, cabendo, por meio do confronto direto da obra plagiada e do suposto plágio, fazer-se sua verificação. Tal confronto consiste, essencialmente, em uma enumeração dos pontos comuns aos dois textos. Conforme Maurel-Indart (1999, p. 145 e 154), levando-se em conta uma

⁶³ Essas figuras não são consideradas infrações ao direito de autor, uma vez que indicam a fonte, constituem transformações e/ ou respeitam um limite quantitativo.

análise quantitativa e qualitativa, a prioridade encontra-se nas semelhanças, porque, segundo o princípio jurídico, o plágio é avaliado segundo as semelhanças e não segundo as diferenças.

Na prática do delito, o plagiário pode agir de duas maneiras: repetindo mecanicamente enunciados da obra plagiada e/ ou realizando uma série de alterações formais para que ela não seja facilmente reconhecida, operações que Christofe (1996, p. 77) chama, respectivamente, de *repetição empírica* e *repetição formal*. Normalmente as alterações ocorrem por substituição de palavras ou construções gramaticais, pela inversão da ordem das orações, pelo uso de sinônimos, pela supressão de fragmentos da obra plagiada ou de elementos linguísticos e pela inserção de informações.

Assim, ainda que seja impossível imaginar uma escritura absolutamente espontânea, porque quem escreve está diante de imposições e influências de textos anteriores, o texto plagiário vai muito além da influência, porque figura como uma reprodução integral, de extensão excessiva, que não avança novos sentidos, por mais dissimulado que se apresente.

3.2.5 Práticas de escrita da história e plágio

Copiar, imitar, seguir modelos, dialogar com outros textos são processos de composição textual que perpassam toda a história do saber literário. Ao discorrer sobre esses processos, verificou-se a sua intrínseca e indissociável relação com a formação sócio-histórica das noções de autor, de originalidade e de propriedade literária. Sem tratar desses conceitos, seria impossível colocar a questão dos limites entre o que é originalidade, intertextualidade e plágio, além de correr o risco de pensar o plágio de modo anacrônico. Contudo, também é importante considerar as formas de representação do passado ao longo do tempo, de modo a pensar o plágio no contexto dos métodos e práticas de escrita da história.

Com a publicação de *De re diplomática*, obra do beneditino Jean Mabillon, em 1681, consagra-se o método crítico de se fazer história, caracterizado pela necessidade de documentos originais, o exame apurado das fontes, o compromisso com a verdade dos fatos e a objetividade do historiador. No entanto, a história que vinha sendo escrita até então se baseava nos moldes da historiografia da Antiguidade, de caráter retórico, que levava em conta as opiniões e relatos de testemunhas oculares dos fatos em detrimento dos documentos, desprovida de citações, “método que consiste em fundir, conciliar ou esclarecer, seja de versões diferentes, seja de relações apaixonadas ou contraditórias” (BEAUCHAMP, 2010, p. 21-22 apud MEDEIROS, 2012, p. 122).

A descrição dessa prática tradicional de escrever história muito se aproxima do conceito de compilação, operação que consiste, segundo Medeiros (2012, p. 122), em “costurar diferentes fragmentos, retirados de diversas obras, em meio a transições grosseiramente tecidas”. No século XIII, frei São Boaventura, discorrendo sobre a produção medieval do livro, já havia citado a compilação como uma das quatro maneiras de escrever um texto alheio, que consiste em adicionar informações de outros textos, trabalho realizado pelo compilador (*compiler*), além de escrever sem acrescentar ou mudar nada, o que caracteriza o trabalho do copista (*scriptor*); acrescentar textos próprios, mas com o texto alheio em primeiro plano, prática do comentador (*comentator*), ou conjugar textos alheios ao próprio texto, sendo que este último está em primeiro plano, como faz o autor (*autor*) (MARTINS, 2012, p.31).

A concomitância, especialmente no início do século XIX, entre o método tradicional e o método crítico de escrever história, acabou gerando a desabonação do primeiro, de modo que os historiadores que continuaram seguindo as formas tradicionais de escrita da história tiveram seus textos desqualificados e confundidos com plágios.

Se entre os historiadores e críticos do século XIX havia conflitos em relação às diferentes formas de representação do passado, é verossímil pensar que Afonso Taunay, quando atribuiu a Manuel Cardoso de Abreu a pecha de plagiário, também estava sob influência de um juízo crítico que correspondia à sua maneira de escrever história. Assim, Taunay não viu na *Memória Histórica* o reflexo de um modo tradicional de escrever, não considerou que Manuel Cardoso teria agido de acordo com uma tradição historiográfica que demandava de seu próprio tempo, por isso não o considerou uma compilação de obras alheias, como faziam os historiadores da Antiguidade, mas como um aproveitamento textual indébito.

De acordo com a historiadora Karina Anhezini (2009), a perspectiva historiográfica de Afonso Taunay, um dos principais historiadores das primeiras décadas do século XX, que foi exposta em sua conferência de 3 de maio de 1911, publicada posteriormente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob o título *Os princípios gerais da moderna crítica histórica* (1914), se apoia essencialmente na dissertação de Carl Friedrich Phillip Von Martius, intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil* (1845), e nos estudos de seu mestre Capistrano de Abreu.

Assim, verifica-se que Taunay seguia um método de escrever história, cuja principal diretriz era a de que “a história se faz com os documentos”, numa perspectiva de trabalho investigativo e crítico de fontes (TAUNAY, 1914, p. 324 apud ANHEZINI, 2009, p. 230). Além da importância do documento, esse método também priorizava a objetividade do

historiador, que, segundo Anhezini (2009, p. 241), deveria ser imparcial, libertando-se “do seu ponto de vista moderno”.

Percebe-se que Afonso Taunay fala com propriedade sobre o assunto envolvendo Frei Gaspar, Pedro Taques e Manuel Cardoso, trazendo informações fundamentadas na pesquisa da personalidade dos autores e no confronto dos textos em causa. No entanto, o historiador preocupou-se em classificar a *Memória Histórica* como um plágio, amparado nas noções de autoria e propriedade intelectual, concernentes à sua época, sem que, contudo, houvesse um estudo crítico minucioso, que desse conta de todas as variantes encontradas no texto, e uma discussão mais aprofundada em torno da motivação e finalidade dessa apropriação textual, da relação desse texto com as suas fontes e das práticas de escrita e de cópia no século XVIII.

Considerando-se que Taunay seguia o princípio de que a verdade histórica só poderia ser alcançada através do documento e de que o historiador deveria citar suas fontes e referências, é compreensível o seu juízo crítico em relação à *Memória Histórica*, uma vez que é uma compilação de textos alheios, com muito poucas modificações e sem indicação expressa das fontes, ou seja, por não seguir as regras do método crítico, Taunay difundiu a acusação de plágio, sem que houvesse um questionamento sobre as práticas historiográficas ao tempo de Manuel Cardoso de Abreu.

CONCLUSÃO

A investigação e estabelecimento das fontes da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* foi o ponto de partida para que se procedesse à análise dos procedimentos de alteração textual operados por Manuel Cardoso de Abreu na elaboração de sua obra. Essa pesquisa levou em consideração as informações contidas em diversos textos de Afonso Taunay, historiador que levantou a questão de sua autenticidade.

Em um primeiro momento, a colação revelou uma grande incidência das fontes na *Memória Histórica*, 76% do total, ou seja, muito mais do que a metade da obra. Esse valor poderia se tornar muito mais expressivo caso fosse identificada a procedência dos outros 23,3%, o que resultaria em uma obra com grau de originalidade de 0,7 %, correspondente ao título, à dedicatória e à introdução. Essas são apenas conjecturas, uma vez que não foi possível comprovar se esses 24% são ou não originais de Manuel Cardoso de Abreu. De qualquer forma, não se pode negar que a *Memória Histórica* é fruto de uma apropriação textual, caracterizada como uma compilação de fontes, na medida em que Manuel Cardoso conjuga diversos fragmentos de obras de autores diferentes, inserindo alterações que procuram manter a coesão e a coerência textuais, ao mesmo tempo em que procura deixar marcas de seu próprio estilo ou se distanciar do estilo dos autores copiados.

Os dados indicam ainda que Manuel Cardoso recorreu a mais de uma fonte, mas que o texto mais aproveitado foi as *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, correspondendo a 54,2% do total da obra. A partir desse texto-base, trechos e parágrafos dos outros textos foram sendo inseridos de modo coerente.

Em outro momento, verificou-se que a reprodução das fontes não foi *ipsis verbis*, porque houve uma série de alterações, que se manifestam através de padrões, como, por exemplo, a supressão e a adição de elementos linguísticos ou informações textuais, a reordenação da ordem de palavras e orações, a substituição de palavras ou construções gramaticais e o uso de sinônimos.

Dentre os seis padrões de variantes identificados, como são a adição, omissão, substituição, alteração de ordem, reelaboração e paragrafação, os com maior índice de frequência são a substituição (40,3%) e a omissão (33,5%), que, no *corpus*, interferem muito mais no estilo dos autores do que propriamente no sentido dos textos.

De modo geral, as alterações não são profundas e substanciais e atreladas a elas estão fatores que se prendem à busca de um texto mais claro, conciso e objetivo, numa linguagem

mais simples, isento de adjetivações exacerbadas, considerações pessoais ou longas descrições. Essas características da *Memória Histórica* em relação às suas fontes permite dizer que houve um processo muito trabalhoso de compilação e reestruturação textual, o qual só seria possível realizar por alguém com uma certa destreza na prática discursiva, o que é refutado pelas próprias palavras de Manuel Cardoso de Abreu, quando escreveu que possuía instrução limitada. Assim, há que se considerar ou uma falsa modéstica do oficial maior ou a hipótese de uma terceira mão.

Desta forma, os resultados gerais apontam mais semelhanças do que diferenças entre a *Memória Histórica* e suas fontes, o que permite retomar a questão da autoria dessa obra.

A partir de uma perspectiva histórica e interdisciplinar, pretendeu-se verificar a noção de plágio e suas imbricações no plano jurídico e crítico-literário. Para tanto, foi necessário acompanhar o percurso da imitação, como prática aceita e estimulada, ligada à arte de bem escrever, em direção à imitação servil, com caráter de desonestidade intelectual, chegando-se a uma breve explanação do confronto entre o método tradicional e o método crítico de escrever história, de modo a alcançar a melhor definição para a *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*.

Uma vez que Manuel Cardoso de Abreu se aproveita dos textos dos historiadores Pedro Taques e Frei Gaspar na elaboração da sua *Memória Histórica*, sem citar as fontes, numa apropriação que se mostra quase integral, com alterações que, dados os resultados da análise, revelam-se voluntárias, é aceitável que Capistrano de Abreu e, de modo mais incisivo, Afonso Taunay reputassem esse texto como um plágio, cujas características muito se assemelham ao procedimento de Manuel Cardoso, como, por exemplo, o disfarce, a ocultação do texto anterior e do seu autor e a assimilação dos elementos fundamentais da obra alheia, em forma e conteúdo. Entretanto, há que se considerar que, no século XVIII, contexto histórico em que ocorre essa apropriação, a noção de plágio não era jurídica, o que só veio a consolidar-se na primeira metade do século XIX.

Há que se considerar ainda que, durante o século XVIII, duas práticas de escrita da história concorriam entre os escritores, uma que vinha de longa data, baseada na autoridade dos historiadores da Antiguidade, no relato de testemunhas oculares e na ausência de citação dos autores consultados, e outra que havia nascido no final do século XVII, com a publicação da obra *De re diplomática*, de Jean Mabillon, fundamentada, essencialmente, na pesquisa de documentação autêntica retirada de arquivos e na citação das fontes e referências bibliográficas. A historiografia que, ainda nos séculos XVIII e XIX, se apoiava no método tradicional, passou a ser desabonada, sendo, por isso, confundida com a prática de plágio, segundo Medeiros (2011, p. 127).

Assim, nesta tese, chega-se a conclusão de que a apropriação textual realizada por Manuel Cardoso de Abreu não pode ser considerada um plágio, mas uma reescritura de textos alheios, isto é, uma compilação. Tal procedimento de escrita, normal à época, não tinha um carácter negativo, o que vai modificar-se nos séculos posteriores, quando os adeptos do método crítico irão estigmatizar as obras que se valiam dos métodos da historiografia clássica.

BIBLIOGRAFIA⁶⁴

ABREU, Manoel Cardoso. Divertimento Admirável (1783). In: CLETO, Marcelino Pereira et al. **Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804**. Introdução e notas de Ernani Silva Bruno. São Paulo: Governo do Estado, 1977 (Coleção Paulística, v. 1).

ABUD, Kátia Maria. **O Sangue Itimorato e as Nobilíssimas Tradições: A Construção de um Símbolo Paulista: o Bandeirante**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985, 242 f.

AFONSO d’Escragnolle Taunay. Disponível em: <http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_4830.html>. Acesso em: 08 abr. 2009.

AFONSO d’Escragnolle Taunay. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_d’Escragnolle_Taunay>. Acesso em: 08 abr. 2009.

AFONSO, Lurdes; CEIA, Carlos. Pastiche. In: Carlos Ceia (org.), **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/pastiche.htm>. Acesso em: 14 nov. 2008.

ALMEIDA, Palmira Morais da Rocha de. **Dicionário de Autores no Brasil Colonial**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

AMARAL, Antonio Barreto do. **O Departamento do Arquivo do Estado e a sua História**. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1974.

AMORA, António Soares; CAL, Ernesto Guerra da; COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário de Literatura**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969, vol. 1.

ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/ FGV, nº 32, 2003, 21p.

_____. Um Metódico à Brasileira: A Escrita da História de Afonso de Taunay. In: **Revista de História**, n. 160, São Paulo, jun. 2009, p. 221-260.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. **Circulação de Livros em São Paulo, 1800-1860**. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Maria%20Lucilia%20viveiros%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

ARISTÓTELES. Poética. In: **A Poética Clássica: Aristóteles, Horácio, Longino**. Trad. direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 17-52.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **A Técnica do Livro Segundo São Jerônimo**. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. 2 ed. rev.e ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ASCENSÃO, José de Oliveira. **Direito Autoral**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

⁶⁴ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (FUNARO, 2009).

- AVALLE, D'Arco Silvio. **Principi di Critica Testuale**. Padova: Antenore, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades. In: **Para Segismundo Spina: Língua, Filologia, Literatura**. São Paulo: EDUSP, Iluminuras, 1995, p. 121-134.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALHANA, Altiva Pilatti. **Campos Gerais, Estruturas Agrárias**. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 1968.
- BARROS, Alberto da Rocha. **Direitos Autorais dos Escritores**. São Paulo: Anais do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, 1946.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. Trad. Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1953.
- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: História Externa das Línguas**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- BITTAR, Carlos Alberto. **Direito de Autor**. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Vols. 3 e 7. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br>>.
- BLECUA, Alberto. **Manual de Crítica Textual**. Madrid: Castalia, 1983.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 13 jun. 2011.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote. **Ficciones**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- BOUZA, Fernando. **Corre Manuscrito: Uma história cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2001.
- BRAUM, Sandra Maria. A Transtextualidade em algumas Obras de Italo Calvino: o fio do desejo poderia cerzir os intertextos de autor e leitor? **Revista Ciência e Cognição**, v. 8, 2006, p. 153-164. Disponível em: <www.cienciaecognicao.org>. Acesso em: 24 fev. 2011.
- BREFE, Ana Claudia Fonseca. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945**. São Paulo: Editora Unesp, Museu Paulista, 2005.
- BRIZ, Antonio. La Peritación Lingüística: La Identificación del Plagio. In: RÍO, Luis Santos et al. (eds.). **Palabras, Norma, Discurso**. En Memoria de Fernando Lázaro Carreter. España: Ediciones da Universidad de Salamanca, 2005.
- BRUNN, Alain. **L'auteur**. Paris: Flammarion, 2001.

BRUNO, Ernani Silva. Introdução. In: CLETO, Marcelino Pereira et al. **Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804**. Introdução e notas de Ernani Silva Bruno. São Paulo: Governo do Estado, 1977 (Coleção Paulística, v. 1).

_____. O Colégio e as Letras. **História e Tradições da Cidade de São Paulo: Arraial de Sertanistas (1554-1828)**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1991, vol. 1, p. 393-417.

CABRAL, Plínio. **A Nova Lei de Direitos Autorais: Comentários**. 4 ed. São Paulo: Harbra, 2003.

CALDAS AULETE. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964, vol. IV.

CAMBRAIA, César Nardelli; MIRANDA, José Américo (org.). **Crítica Textual: Reflexões e Práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos da Crítica Textual/ Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

_____. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____; LARANJEIRA, Maíra Borges. Tipologia dos Erros na Tradição Latina do *Livro de Isaac*. In: **Revista Caligrama**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 7-48, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Noções de Análise Histórico-Literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. Apontamentos Metodológicos acerca da Crítica das Fontes na Historiografia. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 42, p. 296-300, jun. 2011. Disponível em: < www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/42/doc01_42.pdf >. Acesso em: 13 maio 2012.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de Perdição (Edição Genética e Crítica de Ivo Castro)**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de Castilho; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. Vol. IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996.

CASTRO, Ivo. Filologia. **Biblos - Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa** 2. Lisboa: Editorial Verbo, 1995, p. 602-609.

_____. **Editar Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

_____. A Fascinação dos Espólios. In: **Leituras. Revista da Biblioteca Nacional: Arquivística Literária e Crítica Textual**, n. 5, outono 1999, abr. 2000.

CATÁLOGO da Exposição de História do Brasil. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. vol. 9. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1881.

CATÁLOGO dos preciosos manuscritos da biblioteca da casa dos Marqueses de Castelo Melhor. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1878.

CDPB (Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro) (Org.). **Dicionário Biobibliográfico de Autores Brasileiros**. Salvador-Bahia: Senado Federal, 1999.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHRISTOFE, Lilian. **Intertextualidade e Plágio: questões de linguagem e autoria**. 1996, 192 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1996.

CONTINUAÇÃO das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro: Tipografia de D. Luiz dos Santos, 1861, tomo 24, p. 539-616.

COSTA, Renata Ferreira. **Edição Semidiplomática de Memória Histórica da Capitania de São Paulo, Códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 558 f.

COTTA, André Guerra. **O Palimpsesto de Aristarco: considerações sobre plágio, originalidade e informação na musicologia histórica brasileira**. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/567/532>. Acesso em: 30 maio 2008.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. Vol. II. São Paulo: Global Editora/ Fundação Biblioteca Nacional/ Academia Brasileira de Letras, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DAIN, Alfonse. **Les Manuscrits**. Paris: Les Belles-Lettres, 1949.

DEDNER, Burghard. Originalidade e Dependência de Fontes. **Revista Sinais de Cena** 8, Lisboa, 2007, p. 61-67.

DIDEROT, Denis. **Carta sobre o Comércio do Livro**. Prefácio de Roger Chartier. Trad. Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____ e D’ALEMBERT, Jean Le Rond. **Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers**. Vol. 26. Genebra: Pellet, 1778. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=LkE_AAAAcAAJ&printsec=frontcover&dq=editions:P2zHsbLWd1UC&hl=pt-BR&ei=H0r2TavTIljg0QHl8qnrDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=9&ved=\)CFkQ6AEwCDgK#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=LkE_AAAAcAAJ&printsec=frontcover&dq=editions:P2zHsbLWd1UC&hl=pt-BR&ei=H0r2TavTIljg0QHl8qnrDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=9&ved=)CFkQ6AEwCDgK#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 13 jun. 2011.

DUARTE, Luiz Fagundes. **A Fábrica dos Textos: Ensaio de Crítica Textual acerca de Eça de Queiroz**. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.

ECO, Umberto. **Os Limites da Interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. Borges e a minha Angústia da Influência. **Sobre a Literatura**. Trad. Eliana Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2003, p. 113-127.

EDELMAN, Bernard. **Le Sacre de l'auteur**. Paris: Seuil, 2004.

ELLIS, Myriam; HORCH, Rosemarie Érika. **Affonso D'Escragnolle Taunay no Centenário do seu Nascimento**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977.

FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do Livro**. Da escrito ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FORNI, João José. **Internet revoluciona pesquisa, mas facilita o plágio**. Disponível em: <www.jforni.jor.br/forni/?q=node/255>. Acesso em: 15 nov. 2008.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre: Livraria José Olympio, 1954, vol. IV.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira (coord.) et al. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso – Parte I (ABNT)**. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009.

GALERIA dos Santistas Ilustres. **História e Lendas de Santos – Biografia**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0333a11.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2009.

GAZETA de Lisboa, Lisboa, 14 nov. 1797.

GLOSSÁRIO de Crítica Textual. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

GODOY, Silvana Alves de. **Rota das Monções: negócios e fronteiras na América Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Silvana%20Alves%20de%20@0Godoy.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Gregório de Matos, o Boca de Brasa** (Um Estudo de Plágio e Criação Intertextual). Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GREETHAM, David C. **Textual Scholarship: An Introduction**. New York, London: Garland Publishing, 1994.

HANSEN, João Adolfo. **A Sátira e o Engenho**. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

HISTÓRIA DAS RUAS DE SÃO PAULO. **Rua Cardoso de Abreu**. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.com.br/LOGRA.PHP?TxtNome=RUA%20CARDOSO%20DE%20ABREU&dist=31&txtusuario=&%20TxtQuery=1>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de Bibliologia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1967.

_____. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JORGE, Carlos Jorge Figueiredo. **A Problemática do Plágio como Questionamento da Transtextualidade**. Análise da relação literária de “O Crime do Padre Amaro” com “La Faute de l’Abbé Mouret”. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade de Évora, Évora, 1997, 474 f.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KANTOR, Íris. **Esquecidos e Renascidos**. Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759). São Paulo: Hucitec; Salvador, Bahia: Centro de Estudos Baianos/ UFBA, 2004.

_____. A disputa da América na historiografia brasileira: D. Domingos Loreto Couto e frei Gaspar da Madre de Deus. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Georgina Silva dos; NEVES, Guilherme Pereira das (orgs.). **Retratos do Império**. Trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF, 2006, p. 71-80.

_____. Antigos e Modernos na Historiografia Acadêmica Portuguesa e Brasileira: cronografias e representações do passado (1720-1724). In: PIRES, Francisco Murari (Org.). **Antigos e Modernos: Diálogos sobre a (Escrita da) História**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 451-466.

KOCH, Ingedore Villaça. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Desvendando os Segredos do Texto**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LACQUE-LABARTHE, Philippe. **A imitação dos Modernos**: ensaios sobre arte e filosofia. FIGUEIREDO, Virginia de Araújo; PENNA, João Camillo (orgs.). Trad. João Camillo Penna et al. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Trad. Maria Julia Goldwasser. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEI Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, página 3 por decreto do então presidente Fernando Henrique Cardoso.

LEITE, Aureliano. **História da Civilização Paulista**. São Paulo: Martins, 1946.

LEITE, Mario. **Afonso D'Escragnolle Taunay**: Historiador de São Paulo (Capitania – Província – Estado). São Paulo, s/ ed., 1964.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia Paulistana**.. São Paulo: Duprat & Companhia, 1904, vol. III (Tit. Borges de Cerqueira), p. 517-518.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. História da Capitania de São Vicente desde a sua Fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, 1847, tomo IX. p. 137-178/ 293-328/ 445-476.

_____. Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 12. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1849, p. 5- 40.

_____. Nobiliarchia Paulistana. Genealogia das Principais Famílias de São Paulo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1870, tomo XXXIII, v. 41, 2ª parte, p. 27-185/ 249-335.

_____. **História da Capitania de São Vicente**. São Paulo: Melhoramentos, [1928].

_____. **Informação sobre as Minas de São Paulo e A Expulsão dos Jesuítas do Collegio de São Paulo**. São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1929].

_____. Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940, tomo especial, v. 2.

_____. Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica. 3 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953, tomo II, (Biblioteca Histórica Paulista IV).

_____. Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, tomo II, (Reconquista do Brasil, v. 6).

_____. **História da Capitania de São Vicente**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004 (Edições do Senado Federal, v. 25).

_____. **História da Capitania de São Vicente desde sua fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, (Edições do Senado Federal, v. 25). Disponível em : <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000043.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2006.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. Manuales de Crítica Textual: las líneas maestras de la ecdótica española. In: **Revista de Poética Medieval**. Alcalá, Universidad de Alcalá, nº 2, 1998, p. 115-153.

LUÍS Pinto de Sousa Coutinho. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Pinto_de_Sousa_Coutinho>. Acesso em: 18 fev. 2009.

MAAS, Paul. **Textual Criticism**. Oxford: Clarendon Press, 1958.

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil**. 1 ed. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1797.

_____. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje Província de São Paulo do Império do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tipografia de Agostinho de Freitas Guimarães, 1847.

_____. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil**. 3 ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

_____. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil**. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953 (Coleção Biblioteca Histórica Paulista III).

_____. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil**. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975 (Coleção Reconquista do Brasil, v. 20).

_____. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010 (Edições do Senado Federal, v. 129).

MAGALHÃES, Basílio de. **Expansão Geográfica do Brasil Colonial**. 3 ed. corrig. e ampl. Rio de Janeiro: EPASA, 1944.

MANSO, Eduardo J. Vieira. **O que é Direito Autoral**. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Primeiros Passos, 187).

MARAVALL, Jose Antonio. La Concepción del Saber en una Sociedad Tradicional. In: **Estudios de História del Pensamiento Español**. 3 ed. ampl. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1983, p. 201-254 (Serie primera – Edad Media).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita**. Atividades de Retextualização. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo**. São Paulo: Martins, [1952], tomos 1 e 2. (Coleção Biblioteca Paulista).

MARQUILHAS, RITA. Filologia Oitocentista e Crítica Textual. In: ALVES, Fernanda Mota et al. (Orgs.). **Filologia, Memória e Esquecimento**. Act. 20. Lisboa: Húmus, 2010, p. 355-367.

MARTINS, Beatriz Cintra. **Autoria em Rede: um estudo dos processos autorais interativos de escrita nas redes de comunicação**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, 155 f.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência no Brasil**. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1976, vol. I (1550-1794).

MATOS, Odilon Nogueira de. **Afonso de Taunay: historiador de São Paulo e do Brasil – perfil biográfico e ensaio bibliográfico**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, 1977 (Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, vol. 1).

_____. Mestre Taunay e Seus Três “Estados”. **Revista da Academia Paulista de Letras**, nº 125, p. 57-58, ago. 2006.

MAUREL-INDART, Hélène. **Du Plagiat**. Paris : Presses Universitaires de France, 1999.

MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário, à maneira de todos os historiadores** : Alphonse de Beauchamp e a escrita da história na França nas primeiras décadas do século XIX. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, 184 f.

MEGALE, Heitor. A Presença dos dois Períodos do Português Arcaico em um mesmo Códice do Século XV : A Demanda do Santo Graal. In : MASSINI-CAGLIARI, Gladis et al. (Org.). **Descrição do Português** : Linguística Histórica e Historiografia Linguística. Araraquara : Unesp, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002 (Série Trilhas Linguísticas, 3), p. 119-140.

_____. O Testemunho da Dúvida: A busca da boa edição. In: **Para Segismundo Spina: Língua, Filologia, Literatura**. São Paulo: EDUSP, Iluminuras, 1995, p. 135-149.

MELO, Luís Correia de. **Dicionário de Autores Paulistas**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário Literário Brasileiro**. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MESGRAVIS, Laima. Afonso de Escragnolle Taunay, o historiador de São Paulo. In: TAUNAY, Afonso de Escragnolle. **São Paulo nos primeiros anos: ensaio de reconstituição social; São Paulo no século XVI: história da vila piratiningana**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 3-8.

MOISÉS, Massaud. **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. 5 ed. atual. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **A Literatura Portuguesa**. 31. ed. São Paulo: Cultrix, 2001a.

_____. Barroco (1601-1768). In: **História da Literatura Brasileira**. Volume 1. Das origens ao Romantismo. São Paulo: Cultrix, 2001b, p. 67-220.

MORAES SILVA, Antônio de. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Vol. II. Lisboa: Tipografia Lacerdina, 1789. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210#page/532/mode/1up>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

MORAIS SILVA, Antônio. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 10 ed. rev., corr., aum. e atual. Vol. VIII. Lisboa: Confluência, 1955.

MORAIS, Manuela. Imitação. In: **Léxico de Estética e Filosofia da Arte**. Disponível em: <<http://filosofiadaarte.no.sapo.pt/imitação.html>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

MOTA, Otoniel. **Do Rancho ao Palácio**: Evolução da civilização paulista. Vol. 204. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Resumido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. VII: Novos Estudos. Campinas: Editoria da Unicamp; São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Maria Lêda. **A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador**. História e Política no Império Português do Século XVII. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht, 2008, 2v.

PAÇO, Antônio Jansen do. Parecer de Antônio Jansen do Paço ao Barão Homem de Melo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 64, parte 1. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1901, p. 1-3.

PARANHOS, Haroldo. **História do Romantismo no Brasil**. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937.

PEIXOTO, Afrânio. **Noções de História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

_____. **Panorama da Literatura Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

PERISSÉ, Gabriel. **O Conceito de Plágio Criativo**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur18/gabriel.htm>>. Acesso em: 30 set. 2007.

PICOSQUE, Tatiana Aparecida. **Da Poética Movente**: uma prática quinhentista em diálogo com Herberto Helder. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, 235 f.

PINHEIRO, Péricles da Silva. **Manifestações Literárias em São Paulo na Época Colonial**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/ Comissão de Literatura, 1961.

PINTO, Júlio Pimentel. **Uma Memória do Mundo**. Ficção, memória e história em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade/ FAPESP, 1998.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

PIZA, Antonio de Toledo. Nota sobre Manoel Caetano (sic) de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1902, vol. VI (1900-1901). p. 291-293.

PORCHAT, Edith. **Informações Históricas sobre São Paulo no Século de sua Fundação**. São Paulo: Iluminuras, 1993.

RODRIGUES, José Honório (org.). Carta a J. N. Pandiá Calógeras. São Paulo, 25 de outubro de 1916. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: MEC/ Instituto Nacional do Livro, 1954, volume I. p. 400.

_____. A Historiografia Paulista. **História da História do Brasil**. Parte 1: Historiografia Colonial. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1979, p. 129-157.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomo 2: Formação e desenvolvimento autônomo da literatura nacional. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para uma Nova Edição Crítica de *Dom Casmurro*. In: **CALIGRAMA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 189-202, 2010.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. **A Fotografia e o Direito do Autor**. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Livraria e Editora Universitária de Direito, 1990.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**: Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Fernand P. N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SHAW, Harry. **Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

SILVA, Bárbara Cristina de C. M. da. Estudo das Variantes Autorais de um Poema de *Luz Oblíqua*, de Ildásio Tavares, numa Abordagem Linguístico-Discursiva. In: **Anais do XIII CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2009, p. 1855-1866.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Frei Gaspar de Madre de Deus ou a Controvérsia da História. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, 1986, vol. LXXXI, p. 29-32.

_____. (Coord.). **Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil**. Lisboa/ São Paulo: Verbo, 1994.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. **Crítica Textual**: Conceito, Objeto, Finalidade. Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 7, 1994. Disponível em: <www.maximianocsilva.pro.br/doc7.htm>. Acesso em: 25 ago. 2009.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Entre o plágio e a autoria**: qual o papel da universidade? (2006). Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2010.

SOUZA, Luana Batista de. Frequência das Variantes do Romance O Seminarista, de Bernardo Guimarães. In: **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011, p. 588-601.

_____. Os dois Textos de *O Seminarista* de Bernardo Guimarães. In: **SOLETRAS**, Ano X, n. 19, jan./jun. 2010. São Gonçalo: UERJ, 2010, Suplemento, p. 167-178.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética/ Edusp, 1994.

_____. A Crítica de Fontes. **Da Idade Média e de Outras Idades**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/ Comissão de Literatura, 1955, p. 7-25.

STOCKLER, Francisco de Borja Garção. Parecer sobre a obra de Frei Gaspar. In: **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo**. São Paulo: Tipografia da Companhia Industrial de São Paulo, 1896, vol. IV, p. 25-26.

TAUNAY, Affonso de E. Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800) – Súmula Biográfica. In: DEUS, Frei Gaspar da Madre de. **Memórias para a história da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo e Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil**. 3 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920, p. 9-89.

_____. Pedro Taques e seu tempo: Estudo de uma personalidade e de uma época. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Diário Oficial, 1922, tomo 1, p. 1-286.

_____. Pedro Taques e seu Tempo: Estudo de uma personalidade e de uma época. In: **Separata dos Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Diário Oficial, 1923, tomo 1.

_____. **Non Ducor, Duco: Notícias de São Paulo, 1565-1820**. São Paulo: Tipografia Ideal, 1924.

_____. Escritores Coloniais. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Diário Oficial, 1925, tomo 2, p. 117-243.

_____. Estudos de História Paulista: O caminho entre São Paulo e Rio de Janeiro na era colonial. **Anais do Museu Paulista**. Tomo 3. São Paulo: Diário Oficial, 1927.

_____. Escorço Biográfico do Autor. In: LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **História da Capitania de São Vicente desde sua fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531**. São Paulo: Melhoramentos, [1928].

_____. Estudo sobre a obra de Pedro Taques. In: LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Informação sobre as minas de São Paulo e A expulsão dos jesuítas do collegio de São Paulo**. São Paulo - Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1929].

_____. Ensaios da História Paulistana. **Anais do Museu Paulista**. Tomo X. São Paulo: Imprensa Oficial, 1941, p. 85-108.

_____. **Amador Bueno e outros ensaios**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1943.

_____. Navegando para Cuiabá. **Revista da Academia Paulista de Letras**. Vol. 26. São Paulo: 12 de junho de 1944.

- _____. **História da Cidade de São Paulo no século XVIII**. Vol.II (1765-1801). São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1951.
- _____. Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800) – Súmula Biográfica. In: DEUS, Frei Gaspar da Madre de. **Memórias para a história da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo**. Introdução de Afonso de E. Taunay. São Paulo: Livraria Martins, 1953.
- _____. Prefácio. In: AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo**. São Paulo: Livraria Martins, 1954, tomo I.
- _____. Prefácio/ O Historiador das Bandeiras: Pedro Taques e sua Obra. In: LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica**. 3 ed. São Paulo: Martins, 1954b, tomo I, p. 11-69.
- _____. O Historiador das Bandeiras: Pedro Taques e a sua obra. In: LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica**. 5 ed. Biografia do autor e estudo crítico de sua obra por Affonso de E. Taunay. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, tomo I.
- TEXTUAL SCHOLARSHIP. Disponível em: <www.textualscholarship.org>. Acesso em: 23 abr. 2011.
- TOLEDO, Alfredo de. Um problema bibliográfico. **Diário Popular**. São Paulo, 25 de maio de 1916.
- TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Índícios de Parentesco entre dois Testemunhos da *Regra de São Bento*: Colação entre ALC. 44 e IL. 70. **Revista Caligrama**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 67-88, 2010.
- _____. Os Testemunhos Portugueses do *Livro de José de Arimatéia* e o seu Lugar na Tradição da *Estoire del Saint Graal*: Colação de exemplos. In: MONGELI, Lênia Márcia (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias**. Por terras de Europa e Américas. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 579-589.
- VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial** (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VERDELHO, Evelina et al. **Crítica Textual e Edições Críticas: Em Questão**. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006.
- VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Letras e Letras, 1998.
- VIDOTTE, Adriana. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 26, n. 43, jun. 2010. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=50104-87752010000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2010.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. O Período Colonial, Nominalista e Barroco. **O Pensamento Católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 21-38.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz.** A “Literatura” Medieval. Trad. Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1

VARIANTES

- *Memórias para a História da Capitania de São Vicente X Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

ADIÇÃO

A	F
descobrirão as Minas Geraes; as dos Goiazes; as do Cuyabá, e as de Mato grosso como tudo,	descobrirão todas as Minas: e como tudo,
pelo beneficio da sua não esperada felicidade, mandou	pelo beneficio da Sua felicidade, e logo mandou
constituio Capitaõ Loco-Tenente a Gonçallo Monteiro,	constituhio Loco Tenente o Capitam Gonçallo Monteiro,
O devoto, e erudito Padre Agostinho de Santa Maria	O Padre Frei Agostinho de Santa Maria
outra na Bertioga, e Ilha de Santo Amaro?	outra na Bertioga, e na mesma Ilha de Santo Amaro?
poder aproveitar a occasiaõ,	poder aproveitar- se da Occaziaõ,
depois que de seos troncos extrahiraõ hum licor	de cujos troncos extrahiraõ os Portuguezes hum licor
e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a mesma, que nos taes Paulistas concorria,	e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a sua mayor esperança, digo era a mesma que nos taes Paulistas concorria,

para os amarem com excesso. Eraõ os Mamalucos os melhores Soldados	para os amarem com excesso, pois eraõ os Mamelucos melhores Soldados
e agora vou convencer de faLsas as outras noticias de Pita.	e agora vai-se a convenser de falsas as outras noticias de Pita.
delle sahiraõ semente de canas	delle Sahio a Semente de Canas
como eraõ gente rustica e acostumada a matar nas guerras,	e como era gente rustica, desconfiada , e acostumada a matar nas guerras,
se porá hum Padraõ.	se porá hum Padraõ etcoetera .
Tambem não ha de negar que era do Rey a Armada, quem Ler a Carta Regia	Tambem não se ha de negar que era do Rey a Armada, quem ler a Carta Regia,
38. Com este documento se convence, que os vestigios não são de Alfandega; e com outro se mostra	38. Este documento mostra que os vestigios não são de Alfandega, e com outro documento se mostra,
remaraõ com força para terra,	remaraõ com força para a terra,
muitos annos antes de se ter na Europa	muitos annos antes de vir Martim Afonso , e de haver na Europa
porque logo assentou, que a Esquadra era de Portuguezes;	porque logo acentou, de que ella era de Portuguezes;
a Esquadra navegava	a Esquadra, ou Armada navegava
os Indios das outras Aldêas,	os Indios das outras Nasçoens , e Aldeyas,
que hia correndo a Costa até o Rio da Prata,	que hia correndo a Costa athé chegar ao Rio da Prata,
No Archivo do Convento do Carmo existem os Autos	No Archivo do Convento do Carmo de Santos existem os Autos

morador nesta dita Villa, estando ahi	morador nesta dita Villa, e estando ahy
e Guarda mór das Minas;	e Guarda Mor Geral das Minas,
com o tratamento de Cavalleiros Fidalgos,	com o Caracter, ou tratamento de Cavalleiros Fidalgos,
com que Martim Affonso povoou São Vicente.	com que Martim Afonso povoou São Vicente; ficando, por esta explicação, muito bem mostrado, e melhor desvanecida a macula de Cabocolos, com que são tratados os Paulistas, quando nelles existe a vaidade de lhes filtrar nas veyas o puro Sangue de tão Illustres Progenitores.
para examinar aos ditos Officiaes,	para examinar todo o effeito , e aos Officiaes,
Escripturas desse tempo: assim mesmo	Escripturas desse tempo, e assim mesmo
Aos Indios pagavaõ com ferramentas,	Os effeitos, que compravão aos Indios pagavaõ com ferramentas,
aos moradores de Serra acima, e nociva ao Real Erario,	aos Habitantes de Serra acima, a todos os Comerciantes , e nociva ao mesmo Real Erario,
hoje chamaõ-lhe Piassaguera,	lhe chamão o Porto de Piassaguera,
Vencido finalmente este caminho, talvez o peor, que tem o mundo,	Vencido finalmente o áspero do Caminho, e talves o peyor, naquelle tempo , que havia no mundo,
passou o seguinte Alvará no anno de 1544. (Z)	passou hum Alvará no anno de 1544, (h) do theor Seguinte:
e porem mando, que no tempo, que os Indios	e porem mando que no tempo, em que os Indios
Esta carta, a meo ver, accelerou o regresso de Martim Affonso para Europa,	Esta Carta acelerou o regresso de Martim Afonso para a Europa

Os Portuguezes erão oitenta, seguidos por hum exercito de Indios,	os Portuguezes erão somente oitenta, seguidos por hum exercito de Indios;
transportou a sua pequena colonia para a Ilha de Santa Catharina, aonde imaginava, que o não virião inquietar;	trañsportou Moschera á sua pequena Colonia, aonde imaginava, que o não virião inquietar;
quem lhe cõmunicou as noticias. O Posto de Governador,	quem lhe communicou as noticias, porque este Posto de Governador,
mas não posso dispensar-me de admirar a obediencia heroica do Degradado,	Naõ se pode ocultar a admiração da Obediencia heroica do degradado Duarte Perez,
na mesma occaziaõ, em que mandou fundar a Cidade da Bahia,	e quando Dom Ioaõ terceiro mandou fundar a Cidade da Bahya,
sendo o sitio desta dita Villa tudo mato.	sendo o Sitio desta Villa tudo mato. Etcoetera.
No tempo da dezerçaõ cahio o Pelourinho antigo,	152. No tempo da dezerção da mayor parte dos Moradores, para outro lugar, cahio o Pelourinho antigo,
o nome proprio, e verdadeiro, com que ella foi criada.	o nome proprio, e verdadeiro com que ella foi creada. A dita Villa, e seu termo tem hoje em si, tres mil seis centas e dezaceis almas
nem deve sua origem a Martim Affonso de Souza.	nem deve a sua Origem a Martim Afonso de Souza,
No principio foi habitada somente dos filhos,	No principio da Povoação de Santo Andre, foi ella somente habitada dos filhos,
Tentaraõ persuadir aos do Governo,	Tentaraõ os Padres persuadir aos do Governo,

que achando-se nesta Capitania o primeiro Governador geral Thomé de Souza peLos annos de 1553, mandou criar nella huã Villa; com tanto porem, que antes disso a fortificassem com huã Trincheira, e quatro Baluartes, onde se cavalgasse artelharia.	que achando-se nesta Capitania Thome de Souza pelos annos de 1553, mandou crear nella huma Villa, com tanto porem, que antes disso a fortificassem com huma Trincheira, e quatro Baluartes, onde se cavalgasse Artelharia, para o que passou Provizaõ o dito Thome de Souza / o primeiro Governador Geral / ao referido Ramalho.
habitação antiga de seos Pays e Avós.	habitação antiga de Seus Pays, e Avôs. Este nome Pirátininga significa no idioma gentílico Peixe Seco, por se achar naquelles Campos Pirátininga o muito Peixe, que com a inundação do Rio Tyetê recebiaõ os ditos Campos, os quais, depois da mudança da Aldeya, tomou o nome de Campos de Guarê, que quer dizer couza, que foi, e não hé.
Vasconcellos nesta parte da fundação de São Paulo regulou-se	Nota Bene. Da Fundação de São Paulo regulou-se
Fundação Da Cidade de São Paulo	Da Fundação de São Paulo.
(2.) Devia declarar o Author, que as conquistas espirituaes de 2seos Socios,	166. Tambem o Autor devia declarar, que as Conquistas expirituaes de seus Socios,
homicidas, e desconfiados; porem de Piratas	homicidas, e desconfiados pela honra ; porem de Piratas,
por elles extrahido das Minas geraes, Cuyabá, e Goiazes nos seos principios;	por elles extrahidos das Minas Geraes, Cuyaba; Mato grosso , e Goyas nos Seus principios.
muitos Indios concorreraõ; o gosto da libertinagem os occupou,	muitos Indios concorreraõ, e o gosto da libertinagem os OCcupou:
Todas as terras são ferteis, e daõ muito bom trigo; as canas de assucar	As terras do Pais são ferteis, e com grande facilidade da agricultura produzem muito bom trigo, as Canas do Assucar,

nellas se achão muito bons pastos, e assim não por outro motivo,	Nas mesmas terras se achão tambem muito bons Campos, e assim não por outro motivo,
ou por quem tinha jurisdição para isso.	ou por quem tinha jurisdição para isso nesta Capitania .
havia aclamado Rey na Villa Capital de São Vicente	havia aclamado Rey na Villa de São Vicente, entaõ Capital,
para submetter a Villa de São Paulo	para Submeter-se a Villa de São Paulo
requeriaõ ao Prelado com vozes desentoadas,	requeriaõ ao Prelado com vozes, e com vozes desentoadas,
mas não podiaõ encobrilho.	sem o poderem encobrir. Sem embargo do já reconhecido Socego no Povo, se retirou occultamente Amador Bueno para a Villa de Santos, onde se conservou algum tempo para mayor esquecimento dos movimentos passados.
vou confirmar a substancia do cazo com as palavras de Artur de Sá, Capitão General da Repartição do Sul, e Governador da Cidade de São Sebastião do Rio de Ianeiro em huã Patente	Este cazo se verefica com as palavras de Artur de Sá, Capitão General da Repartição do Sul, e Governandor da Cidade do Rio de Ianeiro, transcripta em huma Patente
conservava Lembrança d'aquelle honrado Paulista,	conservava lembrança da louvavel conducta daquelle honrado Paulista,
porem aos 19. de Abril do mesmo anno de 1561. já tinha Pelourinho,	porem aos 19 de Abril do mesmo anno de 1561, já tinha Meirinho, digo já tinha Pelourinho,
se rezolveo a reparti-las	se rezolveo a repeti las, digo a reparti las
O Chronista da Provincia de Santo Antonio do Brazil conforma-se	O mesmo aSevera o Chronista do Brazil, digo da Provincia de Santo Antonio do Brazil,
se conservou alguns annos, até lhe accrescentarem de Santos	Conservouce alguns annos a Povoação com o nome de Porto , e depois lhe acrescentaraõ de Santos

Nesta ampliou El-Rey o numero das legoas, accrescentando mais 30. ás 50. conteudas	Nesta ampliou o Rey o numero das legoas, acrescentando mais trinta ás 50 legoas contheúdas
e todos seos filhos, nettos herdeiros, e Successores,	e todos seus filhos, Netos, e Erdeiros, e Successores,
eu ora puz nome, Rio da Santa Cruz,	eu ora puz o nome, Rio de Santa Cruz,
conservava o seo nome antigo Guaibe,	Conservava o Seu nome antigo de Guaibe,
em tal cazo dirigiria sua petição	em tal cazo dirigiria a Sua petição a
dos quaes apontarei somente alguns.	dos quaes aqui se apontaõ Somente alguns.
a fez anno de Nosso Senhor Iezus Christo de 1557.	a fes no anno de Nosso Senhor Iezus Christo de 1557.
do que se vissem os temidos aggressores, os quaes chegavaõ,	do que se vissem os temidos agressores, que sempre chegavão
o poder nomear Capitaõ, Ouvidor, e Officiaes de Justiça	o poder nomear Capitam, e Ouvidor, e Officiaes de Iustça
todas as 50. legoas de seos Sobrinhos, e começarei pelas 10, situadas	todas as 50 legoas de Seus Sobrinhos, começando pelas 10 legoas situadas
e Jurisdição da Villa de Santos da Capitania de São Vicente.	e jurisdição da Villa de Santos, da Capitania de São Vicente etcoetera.
se deo o appellido de Capitania de São Paulo.	se deo o apelido de Capitania de São Paulo. A dita Villa de São Sebastião tem hoje em si o numero de 5 mil 238 almas.
começáraõ a povoar-se muito mais tarde, do que as outras 10. por moradores	começaraõ a Povoar-se muito mais tarde do que as outras 10 legoas , por moradores
da qual fez Capitaõ seu Loco-Tenente, e Ouvidor	da qual fez seu Capitam, e Loco Tenente, e Ouvidor
62. Com esta Procuração, e aquella Sentença,	62. Com esta Procuração passada a Manoel Rodriguez de Moraes , e aquella Sentença

Dona Izabel de Lima, sua Tia, mulher, que foi de Francisco Barreto de Lima,	Dona Izabel de Lima, sua Tia, e mulher, que foi de Francisco Barreto de Lima,
huã Provizaõ da fórma seguinte:	humã Provizaõ da forma, e theór Seguinte:
Jorge Correa assignou com clauzula, dizendo:	Iorge Correa assignou com a clauzula dizendo:
para a banda do Nordeste,	para a banda do Norte, digo do Nordeste,
que diz, lhe demos posse de tudo,	que lhe dis, lhe demos posse de tudo
Manoel Lopes.	Manoel Lopes etcoetera .
governava em sua auzencia Fernão Vieira Tavares, como havia determinado	governava em sua auzencia Fernão Vieyra Tavares, / que atras fica referido / como havia determinado
o proveo no lugar de Capitão mór, e levantou a omenagem a Martim de Sá,	o provêo no lugar de Capitão Mor ao dito Fogaça , e levantou a homenagem a Martim de Sá,
ordenou, que	ordenou, como fica referido , que
quem Ler, o que elle mesmo refere no tomo 2 anno 1630.	quem ler, o que elle escreveo , e refere no tomo segundo anno de 1630,
os Padres Macéta, e Manilha, diz assim:	os Padres Maceta, e Manilha sobre o procedimento dos ditos Mamelucos .
a quem se tranferio a propriedade das 100. legoas.	a quem se transferio a propriedade das 100 legoas, como ao diante se verá .
e outra na Villa de Santos, tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real, cujo teor he o seguinte: (L)	e outra na Villa de Santos, cujo theor hé o Seguinte. (p) Sendo tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real.
dos ditos Livros acima referidos, por ser, o que achei,	dos ditos Livros acima referidos, a que me reporto, e delles passei a presente , por ser o que achei,

Domingos de Brito Peixotto,	Domingos de Souza de Brito
Officiaes, que haviaõ executado	Officiaes da Camara , que haviaõ executado
Os herdeiros de Martim Affonso, como tenho dito,	os Erdeiros de Martim Afonso de Souza , como fica referido.

OMISSÃO

A	F
era de 55 legoas, e partia com a Capitania de Saõ Thomé,	era de 55 legoaz: partia com a Capitania de Saõ Thomé,
Tanto apreço faziaõ os antigos da Lavoura de cãnas,	Faziaõ tanto apreço da lavoura das Canaz naquelle tempo,
O outro pedaço	Outro pedaço
A plebe admirada da cegueira destes marinheiros errantes, attribuiu sua desgraça a castigo do Piloto,	Atribuio-se aquella desgraça do naufragio a castigo do Piloto,
que os Capitaens da nova Cidade exercitassem a sua jurisdição	que os Capitaens da nova Cidade tivessem jurisdição
ou nos seos fundos na terra firme,	ou nos Confundos na terra firme,
das trez barras da Villa do Porto de Santos	das trez Barras do Porto de Santos
do qual ninguem tinha noticia: elle he monumento preciozissimo: serve de Norte, para se conhecer o anno,	do qual ninguem tinha noticia, e serve de monumento, para se conhecer o anno,
no seo injusto sistema. Notou Santo Agostinho, que Deoz Senhor Nosso algumas vezes permite, e disfarça as culpas humanas, a fim de conseguir	no seu injusto Systema. O mais que Vaisete, e Charlevoix referem

maiores bens por esse modo: isto se verificou a respeito das guerras injustas dos Paulistas com os Barbaros; pois dellas rezultaraõ grandissimas conveniencias ao Estado, e muita gloria ao Senhor pela conversão de inumeraveis Gentios, que os Paulistas introduziraõ na Igreja. O mais, que Vaissete, e Charlevois referem	
a 20 dias do mez de Novembro, Fernão da Costa a fez anno do Nascimento de nosso Senhor Jezu Christo de 1530. //	aos 20 de novembro de 1530.
da quarta parte do mundo: elle fazia vida marital com huã filha do Regulo,	da quarta parte do mundo:
Julgo, pois, que achando-se Moschéra	Supoem-se que achando-se Moschera
das trez barras da Villa de Nossa Senhora do Rosario de Parnaguá.	das tres Barras da Villa de Parnaguá.
100 legoas por Costa, e nos fundos de tudo, quanto pertencesse á Coroa de Portugal, mas a Sua posse chegou	Cem legoas por costa; mas a Sua posse chegou
naõ satisfeitos com povoarem, ainda que mal, toda a Costa	naõ satisfeitos com povoarem toda a Costa
de Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem,	de Capitania da Conceição de Itánheen,
por erro ou tambem malicia, e de alguns Magistrados	por erro, e malicia de alguns Magistrados
Pedro Alvares Cabral, illustre, e valerozo Senhor de Azurara,	Pedro Alvarez Cabral, Senhor de Azurara,
dia da Invenção da Santa Cruz,	dia de Santa Cruz,
deo o nome de Porto seguro pela razão de se ver Livre de tormentas, que affligiaõ a sua Esquadra.	deo o nome de Porto Seguro.
pelo beneficio da sua não esperada felicidade, mandou	pelo beneficio da Sua felicidade, e logo mandou

celebrar junto a ella o Santo Sacrificio da Missa por hum Sacerdote Religiozo da Regular Observancia, o qual foi o primeiro Ministro de Iezu Christo, que offereceo ao seo Filho Saccramentado.	celebrar junto a ella o Sacrificio da Missa por hum Religiozo da regular Observancia.
deo Cabral o appellido de Terra de Santa Cruz	deo Cabral o apelido de Santa Cruz,
extrahiraõ hum licor muito estimado para tintas vermelhas, na cor semelhante á das brazas.	extrahiraõ os Portuguezes hum licor muito estimado para tintas vermelhas.
o curso de sua glorioza vida	o Curso de Sua vida
em o lugar, que julgasse mais cõmodo para isso.	em o lugar mais comodo para isso.
(1.) Nota He sem duvida que Martim Affonso	(1) Hé sem duvida, que Martim Afonso
suas acçoens algun ramo de arvore taõ alta , não	suaz acçoens, não
com gente convidada por elle , e conduzida	com gente conduzida
saõ dous pontos muito duvidozos	saõ dous pontos duvidozos
que abaicho hei de transcrever no paragrafo 120.	que no numero 120 vay transcripta.
e viera com o destino de povoar a sua Capitania. Nas Notas da Carta citada direi, o que julgo sobre estas duvidas.	e viera com o destino de povoar a Sua Capitania.
e sempre a estimou muito , por ser o instrumento,	e sempre a estimou, por ser instrumento,
havia conseguido o nome de Graõ Capitaõ, que elle dezejou merecer desde o tempo da sua puericia.	conseguiu o nome de Grão Capitaõ.
que se desviou para o extremo contrario, affirmando, que Dom João terceiro fizera mercê a este Donatario da Capitania de Saõ Vicente na era de 1549.	que seguiu opiniaõ muito contraria.

(o) Esta novidade bem exotica do mensionado Abbade, ou do seo Addicionador Pedro de Souza Castello branco, tem contra si as duas cartas da Doação Regia feita a Martim Affonso; pois até a segunda, sendo mais moderna, foi assignada antes de 1549. na Cidade de Évora aos 20. de Janeiro de 1535.	
Brazil, onde o eu envio.	Brazil, onde eu invio.
publicada pelo Jesuita Francêz Charlevoix,	publicada pelo Iezuita Charlevoix,
aquelle documento. A petição de Jeronimo Leitaõ nada prova contra isto: elle sim allegou com a Carta de Sesmaria, porem não a produzio; e como a supplica foi feita em 1580. sincoenta annos depois de Martim Affonso chegar ao Brazil, he a reposta, que Jeronimo Leitaõ, ou nunca soube, ou estava esquecido do tempo, em que foi passada a Sesmaria de Antonio Rodrigues.	aquelle documento.
O erudito Padre Mestre	O Padre Mestre
em varios lugares de seos preciozos , manuscriptos	em varios lugares de Seus manuscriptos
23. Nenhum dos Authores, que Li , dá	23. Nenhum dos Autorez dá
Esta foi, a meo ver , a razão,	Esta foi a razão
Iaboataõ (u) diz , que o achara	Iaboataõ (u) que o achara
6. de Janeiro, dia , a que os Portuguezes chamamos dos Reys.	Seis de Ianeiro.
28. O assumpto , que me propuz de expurgar a historia destas Capitancias, obriga-me a examinar a fonte, de onde proveio o nome do rio, a que	28. Na terra firme defronte da Ilha grande, entre as Villas de Paratý, e de Angra dos Reys,

chamaõ do Frade. Na terra firme defronte da Ilha grande entre as Villas de Paratî, e nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reys,	
o Frade. Na mesma paragem corre hum rio, a que appellaõ do Frade por vir da Serra, onde existe. Esta he a origem verdadeira do appellido, e, não a outra assignada pelo douto Chronista da Provincia de Santo Antonio do Brazil. (d) O dito Chronista escreve, que o rio se dizia do Frade, pela razão de haverem morto os Gentios em huã das suas margens em odio da fé a hum ReLigiozo da Ordem Serafica, que de São Vicente lhes fôra ensinar os dogmas do christianismo pelos annos de 1523. Como havia de hir de São Vicente o Prégador nesse tempo, se muitos annos depois chegaraõ os primeiros Povoadores, e com elles o Fundador desta Villa?	o frade, e delle proveyo o nome do Rio, a que chamaõ do frade.
ao Veneravel Padre Jozê de Anchieta,	ao Padre Ioze de Anchieta,
Pimentel, (g) por não meter em conta as voltas da terra. Aos 22. achou-se na altura de onde vio huã barra com fundo sufficiente para caravelas, patachos, e outros vasos de similhante Lotação; e como o religioso,	Pimentel; (c) e como o Religiozo
Passou avante da Ilha dos porcos, e deichando a mão direita a Enseada dos Maramomis. (1.) arrostou huã ilha alta na latitude de 23. graos, (1) Nota. Os antigos chamavaõ Enseada dos Maramomis, ou Guaramomis, como escrevem alguns, a huã, que fica junto ao Bairro de São Sebastião, da qual se lembra Luiz Serraõ Pimentel Arte de navegar numero 3. pagina 229. da Edição Lisbonense em 1681.	Passou avante da Ilha dos Porcos, e deixando a mão direita a Enseada dos Maramomis, ou Guarámomis, como escrevem alguns, avistou huma Ilha alta na latitude de vinte e tres graos,

<p>e mariscarem. Eis aqui a razão, porque Martim Affonso não vio Aldêa alguã, depois que passou a Enseada dos Maramomís. Jndios particulares em todo o tempo, e Povos inteiros em certos mezes, vinhaõ mariscar na Costa: escolhiaõ entre os Mangaes algum lugar enchuto, aonde se arranchavaõ, e dalli sahiaõ como enchames de abelhas a extrahir do lado viventes testaceos. He indizivel a ãmensidade, que colhiaõ de ostras, berbigoens, amejoas, sururûs de varias castas, e outros mariscos; mas a pesca principal era de ostras, e berbigoens, ou porque gostassem mais delles, ou porque os encontrassem em maior copia, e colhessem com facilidade. De tudo isto havia, e ainda hoje há muita abundancia nos Mangaes da Capitania de São Paulo. Com os taes mariscos se sustentavaõ, em quanto durava a pescaria, o resto secavaõ, e assim beneficiado conduziaõ para suas Aldêas, onde lhes servia de alimento por algum tempo. As conchas arrumavaõ</p>	<p>e mariscarem Ostras, e Berbigoens. As Conxas arrumavaõ</p>
<p>á primeira mais Septentrional chamaõ Barra grande, e a outra appellidaõ Barra de São Vicente,</p>	<p>a primeira chamaõ Barra grande, e a outra Barra de São Vicente,</p>
<p>desta Villa. He opiniaõ, ou erro cõmum, que a Esquadra de Martim Affonso entrou pela mensionada Barra de São Vicente: dizem, que nesse tempo ainda ella conservava fundo sufficiente para náos maiores, e que depois se areara, e hoje somente hé capaz de canoas (L)</p>	<p>desta Villa, por onde dizem entrara a Esquadra de Martim Afonso, e hoje hé somente Capaz de Canoas.</p>
<p>por alli passaraõ, quando eraõ rapazes, asseguraõ, que nunca a viraõ com mais</p>	<p>que por aly passavãõ, sendo rapazes, aSeguraõ, que nunca a viraõ</p>

<p>agua, do que agora tem; e se para ella corressem arêas, não havia de permanecer na mesma consistencia há tantos annos. O seo fundo he pouco; mas não tanto, como dizem: o Coronel Affonso Botelho de Sampayo, cõmandando a Praça de Santos por cõmissão do General de São Paulo Dom Luiz Antonio de Souza, mandou sonda-lo, e achou se, que era muito bastante para Sumacas. A ruindade desta barra consiste principalmente em ser muito estreito o seo canal, e dar este huã volta pelo meio de dous baichos, que o rodeaõ, e promettem naufragio infallivel, se a embarcação guinar para algum dos lados.</p>	<p>com mais agora do que agora.</p>
<p>terra, para se aquartelar a gente a desembarque. Como a Esquadra vinha</p>	<p>terra; e como a Esquadra vinha</p>
<p>ficava a Grande. Somente loucos desprezariaõ a dita barra grande pela de São Vicente, depois de estarem na enseada á vista de ambas, e podendo desembarcar em qualquer dellas.</p>	<p>ficava a grande.</p>
<p>a primeira Villa? Que razão houve, para se levantar a Fortaleza na Bertioga, e não junto á barra de São Vicente? Todos confessaõ, que os Conquistadores desembarcarão,</p>	<p>a primeira Villa? Todos confessaõ, que os Conquistadorez dezembarcaraõ,</p>
<p>e foi introduzir-se pela terceira de São Vicente perigozissima; que depois de estar dentro desta, sahio com igual perigo; desprezou segunda vez a Barra grande, e foi buscar a da Bertioga menos boa; que alli desembarcou os colonos, e construiu a Fortaleza sem tensaõ de fundar a Villa nesse lugar; e</p>	<p>e foi introduzir-se pela terceira de São Vicente perigozissima.</p>

finalmente que terceira vez navegou deste porto para o de São Vicente, andando, e desandando pela Costa com viagens retrogradadas. Qualquer Capitão, que não fosse demente, deicharia de commetter semelhantes desacertos, quanto mais hum General tão cordato, como o primeiro Donatario de São Vicente.	
onde se despachavaõ as cargas das embarçaõens. Eu, antes de descobrir o documento, que logo hei de citar, já duvidava muito, que a Alfandega tivesse existido tão longe da Villa, e alem do rio, cujo tranzito he perigozo, quando venta. Ao depois averigui, que os antigos	onde se despachavaõ as Cargas das Embarçaõens. Averigoando-se depois, que os antigos
saõ de hum Engenho, que alli teve Jeronimo Leitaõ. Que o Trapiche fronteiro a Tumiarú foi Engenho deste dono, prova-se com o termo da Licença,	saõ hum Engenho, que ali teve Ieronimo Leitão, pelo termo de licença,
trasladarei somente o seo titulo, o qual diz assim:	vay transcripto somente o titulo, o qual diz assim.
38. Com este documento se convence, que os vestigios não são de Alfandega; e com outro se mostra indubitavelmente , que nos primeiros annos entravaõ	38. Este documento mostra que os vestigios não são de Alfandega, e com outro documento se mostra, que nos primeiros annos entravaõ
no ultimo dia do mez de Dezembro	no ultimo de Dezembro
39. Consta, pois, desta Sesmaria, que a barra de São Vicente tambem era barra de Guaibe, aquella Ilha, que agora se diz de Santo Amaro e a barra da Ilha de Santo Amaro he a grande do meio; porque o rio deste Santo mete-se no canal da Barra grande, e não desagua no de São Vicente. Consta mais, que no porto de Guaibe,	39. Consta mais que no Porto de Guaibe,

<p>Santo Amaro.</p> <p>Em cocluzaõ por isso mesmo, que a data de Estevão da Costa, existente na Ilha de Santo Amaro de Guaibe, partia com a barra, e porto, onde Lançavaõ ferro as naos, quando vinhaõ para a Villa de São Vicente; devem todos confessar, que as naos mencionadas entravaõ pela Barra grande; e davaõ fundo junto a boca do rio de Santo Amaro: porque estamos vendo, que a Ilha do Santo Abbade confina com a Barra grande, e não parte com a terceira chamada de São Vicente, entre a qual barra terceira, e a Ilha de Santo Amaro, demora toda a Ilha de São Vicente.</p> <p>40. A boa fé, com que escreveo, obriga-me a não occultar outra noticia, que parece destruir, quanto fica dito. Da petição feita por Jeronimo Leitaõ,</p>	<p>Santo Amaro.</p> <p>40. Da petição feita por Ieronimo Leitão,</p>
<p>varavaõ alli.</p> <p>Se as naos entrassem pela Barra grande e ancorassem junto ao Rio de Santo Amaro alli mesmo as haviaõ de varar: em tal, como seria desnecessario hir concerta-las, defronte de Tumiarú, nem he verossimil, que as varassem em Lugar taõ remoto do ancoradouro; porque as terras doadas a Antonio Rodrigues distaõ ao menos duas legoas da foz do Rio de Santo Amaro: certo he logo, que os navios, quando aqui assistio o primeiro Donatario, entravaõ pela terceira barra, e ancoravaõ junto a Villa de São Vicente.</p> <p>41. Para se dissolver este sofisma, não he necessario mais, do que notar-se</p>	<p>varavaõ aly.</p> <p>41. Para varadouro de Outras Embarçaõens menorez</p>

<p>a cauza motiva da Doação. Martim Affonso rezervou o pedaço da terra para varadouro dos navios, e de que tamanho haviaõ de ser embarçaõens, que se varavaõ em terra? Não podiaõ ser grandes, e eu não já tenho confessado, que pela terceira barra pôdem entrar, mas tambem persuado-me, que entraraõ varias vezes Lanchas, Sumaquinhas, e outros vazos menores. (Note-se, que os antigos nesta Capitania davaõ o nome de navio a toda a embarcação de quilha, que não era canoa.) Outro sim varias embarçaõens não pequenas podiaõ chegar ao porto de Tumiarú, sem entrarem pela barra de São Vicente; mas introduzindo-se pela da Bertioga, ou pela Grande, e rodeando as ilhas pelo interior do lagamar, que fica entre ellas, e a terra firme. Para varadouro das ditas embarçaõens menores</p>	
que ordinariamente se chega	que se chega
Ilhas de Santo Amaro, e São Vicente, e na Costa mais proxima a ellas,	Ilhas de Santo Amaro, São Vicente, e na Costa mais proxima a ellas,
e Sesmarias, onde a cada passo se encontraõ	e Sesmarias se encontrão
na mencionada porção da Costa:	na mencionada Costa:
e nenhuã acho para o Norte, antes de chegar á Enseada dos Maramomis. Lembra-me muito bem, que o dito Padre Vasconcellos (I) faz mensaõ, de huã Aldêa situada junto a Fortaleza da Bertioga, onde succedeo a caza das luzes, e muzicas Celestiaes, que viraõ, e ouviraõ o Capitão da sobredita Fortaleza, e sua mulher, em quanto o Veneravel Padre Jozê de Anchieta	e nenhuma para o Norte, antes de chegar a Enseada dos Maramomis.

<p>orava na Capella da referida Aldêa. Tambem não me esquece, que no Archivo do Convento de Nossa Senhora do Carmo da Villa de Santos (n) se conserva hum Auto de medição de terras, e delle consta, que ao Norte da relatada Fortaleza em distancia de huã legoa há hum lugar, a que chamavaõ Aldêa velha; porem esta he a mesma, onde succedeo o prodigio das Luzes, e vozes Angelicaes, a qual ainda não existia, quando chegaraõ os Conquistadores e teve principio muitos annos depois da nossa Povoação, sendo Reitor do Collegio de São Vicente o Taumaturgo do Brazil: compunha-se de Maramomis, que voluntariamente buscavaõ a companhia dos Portuguezes, e o Capitão mór situou naquella paragem. (o)</p>	
<p>44. A espada sempre vencedora de Martim Affonso de Souza foi hum raio, que nunca cauzou estragos,</p>	<p>44. A espada sempre vencedora de Martim Afonso nunca Cauzou estragos,</p>
<p>que não havia de assegurar com injustiças.</p> <p>Naõ se cortaraõ no Brazil os louros, com que a sua fortuna, e o seo merecimento lhe teceraõ as coroas: outro havia de ser o teatro das suas proezas, e a campanha, onde conseguisse o respeitavel nome de Heróe com maior gloria, triunfando das Naçoens mais bellicozas, e Reys principaes da India.</p> <p>45. Como, pois, não vio Aldêas nesta Costa,</p>	<p>que não havia de aSegurar com injustiças.</p> <p>45. Como pois, não vio Aldeyaz nesta Costa,</p>
<p>a que os Indios appellidavaõ Guaibe, derivando deste nome de certas arvores assim chamadas, que alli se criavaõ em grande numero. Esta escolheo o</p>	<p>a que os Indios apelidavaõ Guaibe.</p> <p>46. Ordenou Martim Afonso,</p>

<p>Capitão mór para o desembarque, e primeira residencia da sua gente, conformando-se com o estilo ordinario dos nossos antigos Conquistadores, os quaes nas suas fundaçoens antepunhaõ as ilhas á terra firme, por serem ellas mais defensaveis, quando os sitiados conservaõ maior força maritima, do que seos Expugnadores.</p> <p>46. Todo o Capitão deve ser acautelado; conformando-se com esta maxima, e tambem com a outra, que manda aproveitar as occasioens opportunas, ordenou Martim Affonso,</p>	
<p>onde hoje existe a Armação das Balleas. Como o Forte constava de madeira, e torraõ, materias, de que havia grande copia em Guaibe, e os Officiaes trabalhavaõ com diligencia; brevemente ficou o edificio com a capacidade necessaria, para nella se aquartelarem todos os Povoadores, e Soldados desnecessarios nas embarçaõens.</p>	<p>onde hoje existe a Armação das Baleyas.</p>
<p>os quaes espantados da grandeza dos navios, que lhes pareceraõ monstruozos, por nunca terem visto, senaõ canoas, remaraõ com força para terra,</p>	<p>os quais espantados da grandeza dos Navios, remaraõ com força para a terra,</p>
<p>e lançara em terra homens brancos, que se estavaõ fortificando na ilha, fugiraõ para o Sertaõ. O temor, e dezejo de anticiparem a noticia de tamanha novidade, servio-lhes de estimulo, para correrem mais Ligeiros, e chegando com brevidade á sua Aldêa, contaraõ, que haviaõ entrado pela barra da Bertioga canoas de estatura desmarcada, e diziaõ, que estas</p>	<p>e lançara em terra homens brancos, fugiraõ para o Certaõ.</p>

comparadas com as maiores das suas, a todas levavaõ a propria vantagem, que as arvores mais altas á humilde, e rasteira grama: outro sim noticiaraõ, que os navegantes estavaõ Levantando huã Fortaleza em Guaibe, onde habitassem seguros.	
castigo; mas, como para isso não eraõ bastantes as suas Tropas , fez logo avizo dos Maioraes seos vizinhos, lembrando-lhes a necessidade, que havia , de todos expulsarem aos insolentes,	Castigo, avizando logo aos Mayoraes, seus vezinhos, para unidos expulsarem aos insolentez,
de salvarem as proprias vidas;	de Salvarem as vidas,
e capacitado das suas razoens, annuio á supplica , rezolveo finalmente amparar aos hospedes,	e capacitado das suas razoens, rezolveo finalmente amparar aos hospedes,
que suppunhaõ habitado só de feras, e bugres: parecia-lhes illuzaõ dos sentidos o mesmo, que na realidade percebiaõ, e para se livrarem da duvida, consultavaõ huns aos outros, fazendo reciprocas interrogaçoens. Desenganaraõ-se finalmente, e entaõ foi seo gosto	que Supunhão só de Feras habitado. Dezenganaraõ-se finalmente daquella illuzão dos Sentidos sobre o acontecido, e então foi seu gosto
Depois de agradecer Martim Affonso este serviço a Joaõ Ramalho,	Depois de agradecer Martim Afonso este Serviço a Ramalho
Logo ajustou com elle perpetua alliança, e os Jndios festejaraõ as pazes com rusticas, porem sinceras demonstraçoens de alegria.	Logo ajustou com elle perpetua aliança com grandes demonstraçoens de alegria,
estrondo da artelharia para elles taõ medonho, como para os nossos insoffrivel o estrepito de suas festivaes algazarras.	estrondos de Artelharia.
Prosseguiaõ as festas, com que os Piratininganos solemnizavaõ a nova	Proceguiraõ as Festas da nova aliança,

aliança,	
vendo, porem, que os favorecia Tebyreçá, seguirão o seu exemplo, e contrahirão amizade com os Portuguezes. Como os Guaianazes moravaõ no campo sobre a serra; facilmente permittirão, que os amigos Europeos se situassem na Costa, por entenderem, que lhes não haviaõ de impedir a pescaria. Finalmente o estrondo bellico, e apparatus marcial, veio a converter-se em demonstraçoens affectuozas, e signaes da estimaçaõ, que os Jndios faziaõ da nossa amizade.	vendo porem, que os favorecia Teviriçâ, seguirão o seu exemplo.
levantou varios padroens nos lugares convenientes , para testemunharem a posse, que tomara pela Coroa de Portugal. Erigio o primeiro defronte da Ilha da Cananéa em outra, a que chamaõ do Cardozo. Depois de estar occulto mais de dous seculos este padraõ, achou-o o Coronel Affonso Botelho de Sampayo e Souza aos 16. de Janeiro de 1767. examinando aquelle territorio com intento de levantar huã Fortaleza. Na altura de 30 graos descobrio o nosso Conquistador hum rio, que se ficou chamando de Martim Affonso, por ser elle o primeiro Europeo, que o achou, e demarcou. (q) Junto da barra do Rio da Prata na Ilha de Maldonado assentou outro marco com as Quinas de Portugal:	levantou muitos Padroens para a posse, que tomara pela Coroa de Portugal. Junto a Barra do Rio da Prata na Ilha de Maldonado acentou hum Padraõ com as quinas de Portugal.
Capitão Português, chamado Diogo Garcia, o qual hia reconhecer o paiz por ordem do Capitão Geral do Brazil , e tomar posse em nome de El Rey de Portugal. Diz mais, que Gaboto, por não ter as forças necessarias, para	Capitão Portuguez chamado Diogo Garcia, o qual hia reconhecer o Paiz, e tomar posse em nome del Rey de Portugal.

<p>impedir, que os Portuguezes senhoreassem aquellas partes, tomara a resolução de fazer alguns presentes a Diogo Garcia, e hospeda-lo no Forte do Espirito Santo. Daqui se infere, que Martim Affonso mandou reconhecer as duas margens do Rio da Prata, e tomou posse de ambas; mas não o podia fazer, nem encontrar a Gaboto nas vizinhanças do Rio da Prata em o anno de 1526. porque nesse tempo ainda se achava em Portugal, e não tinha vindo ao Brazil. Bem póde ser, que as acçoens de Gaboto no Rio da Prata sejam suppostas, e inventadas por politica: isto persuade o silencio dos Historiadores Portuguezes, e a falsidade da época, em que, dizem, succedera o facto, que acabo de relatar.</p>	
<p>que hia correndo a Costa até o Rio da Prata, como se verá na Carta, que abaicho hei de copiar paragrafo 120., logo hé necessario suppormos mentirozo a hum varaõ da qualidade de Martim Affonso, e alem de mentirozo, insensato, para acreditarmos, que teve o desacordo de illudir a seu Monarca, sabendo muito bem, que não era facto clandestino a sua demora em Saõ Vicente, e por isso antes de muito tempo havia o Rey de conhecer o engano: alem de que, se alguns annos retardasse a viagem do Sul, em todo esse tempo deicharia de participar á Corte os effeitos da diligencia, que lhe fora incumbida; e esta falta de avizo seria bastante motivo, para conhecer o Soberano, que o Chefe da Esquadra mentira, quando lhe assegurou, que hia correndo a Costa.</p>	<p>que hia correndo a Costa até chegar ao Rio da Prata, como se verá na Carta, que vay transcripta no numero 120.</p>

A pena, com que, dizem, castigara Dom João terceiro a desobediencia, he outro arguimento , de que o nosso Capitão nunca cõmetteu similhante culpa.	A pena, com que dizem castigara Dom Ioaõ terceiro a dezobediencia, de que o nosso Capitão nunca Cometeo Semelhante culpa:
por ser iñegavel, que o Capitão mór , em chegando ao Rio de São Vicente,	por ser innegavel, que o Capitam em chegando ao Rio de São Vicente,
nem he presumivel, que hum Cabo taõ prudente,	nem hé presumivel, que hum Capitam prudente,
como a do Rio da Prata, expuzesse, digo , os colonos,	como a do Rio da Prata, os Colonos,
que atraz citei paragrafo 38. disse: // Defronte desta Ilha de São Vicente, onde todos estamos // He na verdade couza digna de admiração, que tendo já Martim Affonso perfeito conhecimento de todas as trez barras, e de ambas as ilhas, quando se rezolveu a deichar a Bertioiga, escolhesse para fundação da Villa o lugar, onde a situou junto a terceira barra, por onde não podiaõ entrar embarçoens maiores, e não a fundasse no principio da praia d'Embaré junto ao sitio destinado para porto; mas não he difficultozo penetrar a cauza, que para isso teria.	que atras citey numero 38. disse.
hum dos mezes do Veraõ, quando são mais frequentes, e copiozas as chuvas, penso, que o Capitão	hum dos mezes de verão, quando são mais frequentes as Agoas, hé de presumir, que o Capitão
Concorria mais a circunstancia muito attendivel de não haver fonte	Concorria mais a circunstancia de não haver fonte
62. Por estas, ou alguã outra razaõ, que ignoro , levantou a Villa no fim da praia de Tararé junto ao mar em sitio alguã couza distante do porto de Tumiarú,	62. Por estas razoens talvez levantou a Villa no fim da Praya de Itárarê junto ao Mar, e com sua distancia do Porto de Tumiarû:

entre o qual, e a Povoação se intromete hum oiteiro.	
seguia pela praia de Tararé, continuava pela d'Embaré,	seguia pela Praya de Itáráre, de Embarê,
e as outras ordinariamente hiaõ pelo rio em canoas até Tumiarú. Para Matriz erigio huã Jgreja com o titulo de Nossa Senhora da Assumpção: fez cadêa, caza do Concelho, e todas as mais obras publicas necessarias ; foi porem, muito breve a duração dos seus edifícios, porque tudo levou o mar.	e as outras pelo rio em Canoas athé Tumiarû, e todos os ediffícios, e Obras publicas, que erigio, teve breve duração, porque tudo levou O mar.
hoje existe, segundo consta de alguns termos de Vereações desse tempo, nos quaes acho, que os Camaristas se congregaraõ na Jgreja de Nossa Senhora da praia no primeiro de Janeiro, e 11. de Março, e na de Santo Antonio em o primeiro de Abril, e 20. de Mayo do dito anno de 1542. por ter o mar levado as cazas do Concelho. (x) Pela mesma razão se assentou na Vereação do primeiro de Julho desse anno fazer caza nova para o Concelho. (z) Aos 3. de Janeiro de 1543. levarãõ em conta a Pedro Collaõ, Procurador do Concelho, no anno antecedente, a quantia de 50. reis, que se haviaõ gastado em tirar do mar os sinos, e Pelourinho, 300. pagos a Jorge Mendes, que os merecera no Pelourinho da praia; 20. a quem o conduzio para a Villa, e 250. que satisfizera a Jeronimo Fernandes, por dar a pedra, barro, e agua necessaria, para novamente se levantar o dito Pelourinho. (a) Tambem a Jgreja Matriz veio a padecer o mesmo infortunio, como provaõ a circunstancia de se extrahirem do mar os sinos, e a outra de dar o Povo faculdade aos Camaristas em Janeiro de 1545. para mandarem fazer nova	hoje existe, como consta de alguns Termos de Vereações desse tempo, porque os Camaristas se congregaraõ na Igreja de Nossa Senhora da Praya por ter o mar levado a Caza do Conselho. (o) Pela mesma razão se acentou na Vereação do primeiro de Iulho desse anno fazer Caza nova para o Conselho.

Igreja com alicerces de pedra, e o mais de taipa, coberta de telhas, ou Patiz, á custa do mesmo Povo. (b) Hoje he mar o sitio, onde esteve a Villa.	
foi mais numeroza, e mais distincta, do que suppoem até os mesmos, que della descendem.	foi mais numeroza, e distincta, do que supoem os mesmos, que della descendem;
o Sargento mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme	o Sargento Mor Pedro Taquez de Almeyda,
examinando para isso os Cartorios de todas as Villas desta Capitania,	com grande exame de todos os Cartorios da Capitania
O devoto, e erudito Padre Agostinho de Santa Maria	O Padre Frei Agostinho de Santa Maria
na companhia de Dom Francisco de Souza, sendo Custodio da sua Custodia de Santo Antonio do Brazil , cuja Chronica escreveo	na Companhia de Dom Francisco de Souza, cuja Chronica escreveo
// Com huã Esquadra de naos á sua custa, em que conduzio varios cazaes, e muitas pessoas nobres, partio do Reino etcoetera. // Pelo que respeita á condução dos cazaes, não posso concordar com o douto Padre Jaboataõ: o contrario, do que elle diz, infere-se da Sesmaria das terras de Jriripiranga, concedidas pelo Capitaõ mór Gonçallo Monteiro ao Meirinho de São Vicente João Gonçalves em 4. de Abril de 1538. Entre varios títulos da sua Fazenda de Santa Anna conservava minha Mãe Dona Anna de Siqueira e Mendonça huã Escriptura de troca, que o dito João Gonçalves fez com Antonio do Valle em São Vicente aos 3. de Junho de 1538. e nella vem copiada a Sesmaria, na qual diz o Capitaõ mór: // Por João Gonçalves Meirinho, morador em esta Villa de São Vicente, me	// Com huma Esquadra de Naos á Sua custa, em que conduzio varios Cazaes, e muitas pessoas nobres partio do Reino etcoetera. 66. Com effeito vierão muitos Cazaes do Reino,

<p>foi feita petição, que lhe dêsse hum pedaço de terra nas terras de Jriripiranga, para fazer Fazenda, como os outros moradores, visto como era cazado com mulher, e filhos em a dita terra, passa de hum anno, e he o primeiro homem que á dita Capitania veio com mulher cazado só com determinação de povoar etcoetera.</p> <p>Se Martim Affonso trouxera Cazaes na sua Armada, não allegaria Joaõ Gonçalves como serviço especial, ter elle sido o primeiro, que veio cazado, e com mulher; quando muito diria, que foi dos primeiros: menos faria semelhante allegação a Gonçallo Monteiro, o qual era hum Sacerdote, que acompanhou ao primeiro Donatario, e ficou paroquiando a Jgreja de São Vicente, e por isso muito bem saberia, que o Meirinho não fora o primeiro, se na mesma occasião, e Armada tiveraõ mais alguns conduzido suas mulheres.</p> <p>66. Com effeito vieraõ muitos cazaes do Reino,</p>	
<p>segundo consta do livro dos Registos das Sesmarias: porem todos, depois de estabelecidos na terra os primeiros Conquistadores, a maior parte dos quaes, ou foraõ, ou mandaraõ vir suas mulheres, e filhos, como tambem consta das suas Sesmarias, nas quaes vem as petições, que elles fizeraõ, allegando, que careciaõ de mais terra, alem da que já possuiaõ, por terem chegado suas mulheres, e filhos.</p>	<p>segundo consta do Livro dos Registos de Sesmarias, nas quaes vem as petições, que elles fizeram alegando, que Careciaõ de mais terra, alem da que possuiaõ, por terem chegado suas mulherez, e filhos,</p>
<p>67. Como nunca me appliquei ao estudo de Genealogias, he muito</p>	<p>67. Para que o Leitor possa formar alguma ideya da qualidade dos</p>

<p>Limitada a minha instrucção sobre este assumpto; assim mesmo poderá eu repetir muitos nomes de Povoadores, se me fora necessario apontar os de todos, que me lembra ter achado com o tratamento de nobres em documentos autenticos, ou livros impressos. Para que o Leitor possa formar alguma idéa da qualidade dos primeiros Colonos, bastará que eu refira as pessoas, que tenho encontrado com Foro, seus filhos, e seus Jrmaons; e unicamente farei menção, dos que rezidiaõ em São Vicente, quando a povoação estava na sua infancia comtudo tocarei depois rapidamente nas mais pessoas nobres, que foraõ concorrendo a esta Capitania, e nella depois foraõ o Tronco de muitas Familias existentes, unidas com outras pelas alianças de Cazamentos Remetteo ao silencio hum Dom Martinho Affonso de Souza, cazado com Custodia Pinto de Magalhaens, Pay de Pedro de Souza Pinto, que na Matriz de São Paulo cazou com Dona Paula Martins aos 5. de Mayo de 1640.</p>	<p>primeiros Colonos, bastará que se referira as pessoas, que se tem encontrado Com foro, seus filhos, e Seus Irmaons, e unicamente se fas menção dos que rezidiaõ em São Vicente, quando a Povoação estava na Sua infancia. Fica em Silencio hum Dom Martinho Afonso de Souza, cazado com Costodia Pinto de Magalhaens, Pay de Pedro de Souza Pinto, que na Matris de São Paulo cazou com Dona Paula Martinz aos 15 de Mayo de 1640,</p>
<p>por me não constar com certeza,</p>	<p>por não constar com certeza,</p>
<p>Engenho d'agua chamado da Madre de Deoz, e huã Capella da Senhora com esta invocação, titulo, que ao depois se mudou pelo de Neves;</p>	<p>Engenho d'agoa chamado da Madre de Deos; cujo titulo ao depois se mudou pelo de Neves.</p>
<p>agora conhecida pelo nome de Capitania dos Guaitacazes</p>	<p>agora conhecida por Guaitacazez,</p>
<p>porque veio em busca de seo Jrmaõ Luiz de Goes, e de sua Cunhada, os quaes, supponho, levaria, para entrarem no numero dos Povoadores,</p>	<p>porque veyo em busca de Seu Irmão Luis de Goes, e de Sua Cunhada, para entrarem no numero dos Povoadores,</p>

naõ me pertence averiguar,	naõ pertence averigoar
vio-se ultimamente obrigado a desampara-la,	vio-se obrigado a dezamparala,
os Indios de duas Aldêas Catholicas extinguião todos os individuos das mensionadas trez naçoens,	os Indios de duas Aldeyas Catholicas extinguião as mencionadas tres Nasçoens,
haviaõ dado a morte, e sepultado em seos ventres , unidos em hum corpo,	haviaõ dado a morte, unidos em hum Corpo,
acõmetterão todas as Aldêas das sobreditas trez naçoens , e degollaraõ, a quantos nellas estavaõ,	acometerão todas as Aldeyas, e degolaraõ a quantos nellas estavaõ,
porque, em dando o navio á costa, fugiraõ temerosos, de que elles os assaltassem, porem taõ areados, que passando por Cabo Frio, Rio de Janeiro, Ilha grande, São Sebastião, pelas trez barras de Santos, pela de Jtanhaem, e Jguape, sem as conhecerem, foraõ entrar pela da Villa de São João da Cananéa. A plebe admirada da cegueira destes marinheiros errantes, attribuiu sua desgraça a castigo do Piloto,	porque em dando o Navio á Costa, fugiraõ temerosos, de que elles os assaltassem. Atribuio-se aquella desgraça do naufragio a castigo do Piloto,
Povoadores daquellas deliciosas, e ferteis campinas, onde mandaraõ Levantar curraes , e introduziraõ gado, assim vacúm, como cavallar: agora se a povoação começou Logo depois de passada a Sesmaria, ou nos annos seguintes á matança dos Guaitacazes averiguará, quem escrever a Historia da Capitania de São Thomé, por outro nome Campos dos Guaitacazes. O dominio, e propriedade della,	Povoadores daquelas Campinas, onde introduzirão Gado vacum, e Cavallar. O dominio, e propriedade dellas

por lhe faltarem cabedaes, para a povoar. Ouçõ dizer, que Hoje pertence outra vez á Coroa por ajuste de Sua Magestade com o Excelentissimo VisConde, seo Donatario: não sei, se isto he certo.	por lhe faltarem Cabedaes para a povoar.
Tambem a este sujeito encontro muitas vezes com o tratamento de Fidalgo da Caza Real.	tambem Fidalgo da Caza Real,
quando roubaraõ a Villa do Porto de Santos,	quando roubarão a Villa de Santos,
veio á terra cazualmente, extrahida pelos escravos dos Jezuitas em huã rede, com que estavaõ pescando. Era nesse tempo Reitor do Collegio de Santos o Padre Alexandre de Gusmaõ, bem conhecido neste Estado por suas virtudes, e peLo Seminario de Bellem, que edificou no Reconcavo da Bahia: elle collocou a Santa n'outra Capella maior, que com esmolas dos Fieis mandou levantar em sima do oiteirinho; porque já não existia a primeira. Ainda conserva a Sagrada Jmagem alguãs cascas de ostras, que nella se geração, quando esteve no mar, e admira a circumstancia de a não terem despedaçado aquelles Jconoclastas, costumando ellas dillacerar as estatuas dos Santos. Este cazal	veyo a terra cazualmente, e extrahida pelos escravos dos Iezuitas, em huma rede com que estavaõ pescando. Este cazal
onde moravaõ no Porto de Santos; lavrada nesta Villa aos 6. de Fevereiro	onde moravaõ, lavrada na Villa de Santos aos 6 de Fevereiro
de Braz Cubas, Capitaõ, e Ouvidor, digo, como // filho de Luiz de Goes,	de Braz Cubas Capitaõ // Como filho de Luis de Goes,
por fim retirou-se fugitivo para o Paraguai em companhia de certos Castelhanos, que aqui tinhaõ arribado, segundo consta dos ditos Autos a folha 25. os quaes não declaraõ o motivo da fuga.	por fim se retirou fugitivo para Paraguay.

assignara por sua Cunhada Dona Catharina. Creio, que com effeito era Jrmaõ dos sobreditos, não só por assim o affirmar Pedro Taques, mas tambem por constar dos Autos citados, que era parente de Sipiaõ de Goes. Não consta, que se auzentasse desta Capitania, e nos Autos sobreditos achei, que ficou administrando o Engenho da Madre de Deoz, depois de se retirar Luiz de Goes.	aSignara por Sua Cunhada Dona Catharina.
e filhos nos primeiros annos. No fim do seculo passado, (segundo consta das Notas de Saõ Vicente) morava na Buturoca junto a Fazenda de Santa Anna huã familia, cujos filhos costumavaõ chamar-se Pedro, Luiz, Gil, Gabriel, e Cecilia de Goes, por descenderem de hum dos Fidalgos desta geração, que aqui assistiraõ, julgo, que procediaõ de Gabriel de Goes. A pobreza os fez desconhecidos,	e filhos nos primeiros annos. A pobreza os fas hoje desconhecidos,
lavrada na Corte de Lisboa pelo Taballiaõ Bartholomeu Gomes aos 7. de Fevereiro de 1575. e na mensionada Escriptura, da qual eu tenho huã Cópia, vem incluza a procuração, por onde Dona Cecilia conferio poder a seu marido, para em seu nome outorgar a Doação das terras, Lavrada pelo Taballiaõ Joaõ de Figueiredo em Castello bom aos 11. de Janeiro de 1575. e nella diz o Taballiaõ:	lavrada na Corte de Lisboa em 7 de Fevereiro de 1575, e Doação outorgada por Dona Cecilia a seu marido lavrada em Castello Bom aos 11 de Ianeiro de 1575, na qual dis o Tabeliaõ:
a sua descendencia até Martinho de Oliveira Leitaõ, e seus Jrmaons, que eu conheci , sempre foi reputada por huã das principaes desta Capitania.	A sua descendencia athé Martinho de OLiveira Leitão, e seus Irmaons, sempre foi reputada por huma das principaes desta Capitania.

com campa de marmore, e nella gravado hum leitaõ, se a memoria não me engana.	com Campa de Marmore.
mandou buscar á Madeira a planta de cãnas doces. O livro mais antigo desta Capitania he hum fragmento do caderno, onde se lavraraõ os termos das Vereações da Villa de São Vicente: principia em 1541. e delle consta, que Antaõ Leme foi Juiz Ordinario em 1544. (t) Depois desse anno nunca mais apparece o dito Leme, nem servindo na Camara, nem em varias Listas, que se fizeraõ nos annos seguintes, de todos os moradores com diversos fins: julgo, que morreu, ou se auzentou, em acabando de Juiz. Este caderno foi o unico Livro da Camara de São Vicente, que não vio Pedro Taques; e por isso assegurou na Genealogia dos Lemes, que Pedro Leme fora o primeiro da sua familia, que passou a São Vicente. Esta com effeito era a tradição cõmum de seos descendentes: o mesmo contava minha Tia segundo Dona Antonia Tavares Cabral, que foi baptizada aos 8. de Abril de 1657. e morreo com mais de 93 annos; porem o livro citado, onde Antaõ Leme se assignou muitas vezes, prova ser falsa a tradição.	mandou buscar a Madeira a planta de Canas doces. Não há noticia mais em documento algum do dito Antaõ Leme, que servio de Luis Ordinario em São Vicente em 1544.
Ouvidor geral de todo o Brazil, Na Cidade de São Paulo No Cartorio, em que escreveu o TabalLiaõ Ignacio Antonio de Almeida pelos annos de 1762. achase huã Sentença proferida pelo Doutor Simaõ de La Penha, Ouvidor geral da Repartição do Sul, e nella incluza a de Braz Fragozo, a qual diz assim:	Ouvidor Geral de todo o Brazil; Cuja Sentença se acha no Cartorio, em que escrevia o Tabelaõ Simão de Tolledo de Almeyda pelos annos de 1762, e hé do theor Seguinte. (b)

(n)	
que razão tem de o saber;	que razão tem de Saber;
Antonio Rodrigues de Almeida, Escrivão da Ouvidoria desta Capitania de São Vicente por Martim Affonso de Souza, Capitão, e Governador delle pelo dito Senhor , a fez em os 2. dias do mez de Outubro anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1564. annos. Braz Fragozo.... //	Antonio Rodriguez de Almeyda, Escrivão da Ouvidoria a fes aos 2 de outubro de 1564. == Braz Fragozo.
nettos do sobredito Justificante,	Netos do Iustificante
alcançado Sentença a seu favor no Juizo Ordinario de São Paulo, e no da Ouvidoria do Donatario, com o fundamento de não herdarem ab intestato filhos naturaes de Pays nobres; pediraõ os vencedores confirmação destas Sentenças, e tambem da outra do Doutor Braz Fragozo, ao Ouvidor geral da Repartição do Sul, e o Licenciado Simão Alvares de La Penha, confirmou todas as trez, dizendo na sua proferida em São Paulo aos 3. de Março de 1640.	alcansando os Tios Sentença a Seu favor, pediraõ os vencedores confirmação da Sentença, e de outra dada pelo Doutor Bras Fragozo, que confirmou todas Simão Alvarez de la Penha na Sua proferida em São Paulo aos 3 de Março de 1640.
e foi aprovado pelo Taballiaõ Francisco de Torres, aos 21. de Setembro de 1592. o qual diz no termo da referida aprovação: (q)	e aprovado pelo Tabelião Francisco de Torres aos 21 de setembro de 1592, o qual dis no termo da aprovação: (d)
Dona Leonor Leme,	Leonor Leme,
O Padre VasconcelLos diz , (r) que era Fidalgo,	O Padre Vasconcelos (e) que era Fidalgo
aos Religiozos do Carmo aos 24. de Abril de 1589. com a pensão de 4. Missas rezadas nas Festas do Nascimento, Purificação Annunciação, e Assumpção da Senhora, e huã cantada com suas vesperas no dia do Orago da Jgreja.	aos Religiozos do Carmo aos 24 de Abril de 1589. (h) Tambem fundaraõ a Capela de Santo Amaro na Ilha de Guaibe.

(u) Também fundaraõ a Capella de Santo Amaro na Ilha de Guaibe, e Jozê Adorno no seo testamento impôz a seos herdeiros, e a quantos possuissem as suas terras, que eraõ muitas, a obrigação perpetua de conservarem a Capella do Santo, a limparem o caminho, que vai para ella e mandarem dizer huã Missa no dia do mesmo Santo.	
que acabara com signaes de Predestinado; e outro sim, que pedindo-se emprestada a certa Confraria, a cera necessaria para o seo funeral com obrigação de se pagar, a que se gastasse; pondo-a na balança depois de concluido o enterro, e exequias, acharaõ com o mesmo pezo, que antes tinha, não obstante haver estado acceza muito tempo. (x)	que acabara com Signaes de Predestinado. (i)
Lavrada na Villa do Porto de Santos	lavrada na Villa de Santos,
e ao Senhor Adelantado. Foi Capitão mór da Capitania de São Vicente , onde cazou , e teve varios filhos, dos quaes ainda existe geraçaõ; mas seus descendentes ignoraõ, que delle procedem.	e ao Senhor Adelantado.
no Archivo da Camara de São Vicente, e n'alguãs Escripturas Lavradas em Santos; porem, antes de os nomear, pareceo-me necessario Lembrar ao sabio Leitor a advertencia, que faz o Dezembargador Antonio de Villas Boas e Sampayo: (g)	no Archivo da Camara de São Vicente, sobre que fas huma advertencia o Dezembargador Antonio de Villas Boas e Sampaio. (L)
no termo da Villa de Santos. Diz a Procuraçaõ: (h) // Saibaõ quantos esta prezente Procuraçaõ, e poder abastante virem, como no anno do Nascimento de nosso Senhor Jezu Christo de 1550. annos aos	no termo da Villa de Santos. (m)

18. dias do mez de Janeiro em o lugar de Fortelonga, termo da Villa de Anciaens, perante mim Taballiaõ, e testemunhas, que presentes foraõ, Logo ahi appareceu Francisco Pinto, o velho, Cavalleiro Fidalgo, e sua mulher Martha Teixeira, moradores no dito Lugar, e por elles foi dito, que faziaõ ora, como de feito fizeraõ, seo certo, e abundozo, e sufficiente bastante Procurador.... a Nicolao de Azevedo, Fidalgo da Caza d'El Rey nosso Senhor, seu genro. Etcoetera.	
o Capitaõ Joaõ Teixeira de Carvalho, Cõmandante vitalicio da Fortaleza da Jtapema, por ser titulo das suas terras.	o Capitaõ Ioaõ Teyxeira de Carvalho.
com huã netta de Jorge Pires, Cavalleiro Fidalgo, filha de seu filho Vicente Pires , vizinho de Saõ Vicente.	com huma neta de Iorge Pires, morador em Santos.
nem o termos das suas posses;	nem os Termos das posses,
o qual no derradeiro dia com os mais será ressuscitado. == 1580. == De Antonio de Oliveira, e sua mulher Genebra Leitaõ de Vasconcellos, procedem os Oliveiras antigos desta Capitania.	o qual no derradeiro dia, com os mais, será resuscitado.
que era Cavalleiro Fidalgo. A pobreza tem feito desconhecida a sua descendencia, não obstante existirem varias pessoas, que delle trazem a sua origem.	que era Cavalleiro Fidalgo.
na Vida do Veneravel Padre Joaõ de Almeida. (f) O casal de Antonio Rodrigues de Almeida foi tronco dos Almeidas, Taques, e Castanhos, ainda	na vida do veneravel Padre Ioaõ de Almeyda, foi tronco dos Almeydas, Taques, e Castanhos, o casal de Antonio Rodriguez de

hoje conhecidos por gente principal na Cidade de São Paulo, e alguãs Villas de Serra acima.	Almeyda. (q)
que veio da Cidade do Porto já cazada: concorreraõ mais da dita Cidade João Pires Cubas, Pay do mencionado Braz Cubas, Francisco Nunes Cubas, Antonio Cubas, e Gonçallo Nunes Cubas, Jrmaons de Braz, e outros parentes seos. Elle foi Provedor da Fazenda Real; duas vezes Capitaõ; e Loco-Tenente de Martim Affonso; fundou a Villa do Porto de Santos e ãnumeraveis vezes o encontro com o titulo de Cavalleiro Fidalgo depois da era de 1551.	que veyo da Cidade do Porto já cazada.
Jorge Pires. O doutissimo Pedro Taques escreveo-me de São Paulo em carta sua datada em 1768. que Jorge Pires fora Cavalleiro Fidalgo,	Jorge Pires se dis ser cavalleiro Fidalgo,
do dito Alvará, que ainda se conservava	do dito Alvará, que se conservava
na Freguezia de Santo Amaro da Borda do campo, o qual lho havia mostrado, e elle o tinha lido, haveria 6. annos. Acompanhou a Martim Affonso, e ao depois conduzio do Reino sua mulher Antonia de Figueiredo, Jrmãa de Pedro de Figueiredo. Com ella vieraõ seos filhos Simaõ da Motta, Vicente Pires, e outros. Presume-se com bom fundamento, que Jorge Pires era Jrmaõ de Dona Anna Pires Missel, cazada com Ruy Pinto, de quem acima fallei, porque nesta Capitania houveraõ Pires Misseis. Parece-me; mas não o affirmo com certeza, que foi ascendente da familia dos Pires de São Paulo, huã das duas contendoras, que_alternativamente	na Freguezia de Santo Amaro.

serviaão na Camara.	
que fez Braz Cubas, respectiva ao lugar, por onde hia o caminho antigo de Santos, para aquella Villa. (h) Pedro Taques muitas vezes repete, que elle era Cavalleiro Fidalgo, quando veio com Martim Affonso, e eu posso assegurar, que este Genealogista eruditissimo, e muito verdadeiro, nunca vio o citado documento; de onde infiro, que achou a noticia em algum Livro, ou Autos, que eu não Li.	que fez Bras Cubas.
Iorge Ferreira, Cavalleiro Fidalgo, segundo escreve Taques: eu somente achei que elle, e seos genros eraão nobres; (i) porem, como as minhas noticias estaão muito longe de igualar ás daquelle monstro de retentiva, que conseguiu pasmoza erudição das antiguidades do Brazil com estudo de alguns 50. annos; não devo excluir a Jorge Ferreira do Catalogo dos Cavalleiros Fidalgos. Delle saão oriundas muitas familias principaes das Capitanias de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas geraes, Goiazes, Cuiabá, e Sertão da Bahia.	Iorge Ferreira, segundo escreveo Taquez, não se deve excluir do Cathalogo dos Cavalleiros Fidalgos, de quem saão oriundas muitas familias principaes da Cidade de São Paulo. Rio de Ianeiro, Bahya, e Minas Geraes. Etcoetera.
deu o Regimento novo dos Filhamentos: ora nenhum delles conseguiu o foro no dia, em que se lavraraão os documentos por mim citados; antes disso já o tinhaão, e por consequencia precederaão seos Filhamentos ao anno de 1557. em que morreu Dom Ioaão terceiro.	deo o Regimento novo dos filhamentos.
O Leitor desabuzado de prejuizos falsos, e amigo da verdade; ha de conceder, que não vieraão somente os Filhados, cujos nomes se encontraão	Em nenhuma parte do mundo se encontraão nos Cartorios

<p>nos Livros existentes, e nas folhas delles, que ainda perseveraõ; por não ser verossimil, que fizessem mensaõ de todos, quantos passaraõ a São Vicente, fizessem, digo, mensaõ os Cartorios só nos livros, ou Autos, que houvessem de durar até agora, e não em outros muitos Livros, que se perderaõ, nem nas folhas, que se romperaõ, e paginas, que se não podem Ler, por estar apagada a letra. Em nenhuã parte do mundo se encontraõ nos Cartorios</p>	
<p>obrigando-se á soluçãõ de foros annuaes; e por isso, ou nunca, ou só depois de muitos seculos, chegariaõ a ser permanentes as cazas ricas. A experiencia tem mostrado, que discorreraõ optimamente; pois neste Estado vive com suma indigencia, quem não negocea, ou carece de escravos; e o mais he, que para alguem ser rico, não basta possuir muita escravatura, a qual nenhuã conveniencia faz a seos Senhores, se estes são pouco Laboriozos, e não feitorizaõ pessoalmente aos ditos seos escravos.</p>	<p>obrigando-se a Soluçãõ de foros annuaes.</p>
<p>e Villas de Serra acima. Eu já disse, que no Brazil he pobre, quem deicha de negocear, ou não tem escravos, que cultivem as suas terras, e ninguem ignora, que a riqueza em todo o mundo costumou ser o esteio da nobreza. Aos Paulistas antigos não faltavaõ serventes, pela razãõ de hirem, ou mandavam buscar aos Sertoens numero grande de Jndios, que lavrassem as suas terras, como escravos. Elles podiaõ dar em dote a suas filhas terras, e Indios, com que vivessem abastadas; por isso na escolha de maridos para ellas mais attendiaõ ao nascimento, do que ao cabedal daquelles, que</p>	<p>e Villas de Serra acima.</p>

<p>haviaõ de ser seos genros: ordinariamente as despozavaõ com seos patricios ou com forasteiros de nobreza conhecida; em chegando da Europa, ou de outras Capitancias Brazilicas, algum Sogeito desta qualidade, certo tinhaõ hum bom cazamento, ainda que fosse muito pobre. Os taes PauListas antigos eraõ_desinteressados, e generozos, porem altivos com demazia: por conta desta elevação de espiritos, que foi a cauza de supplicarem alguãs vezes a Sua Magestade, que lhes não mandasse Generaes, e Governadores, senaõ da primeira Grandeza do Reino; desprezavaõ elles n'outro tempo a mercancia; mas depois de se dar execuçaõ ás Leis, que prohibem o captiveiro, dos Indios, a muitos dos Principaes obrigou a necessidade a cazarem suas filhas com homens ricos, que as sustentassem. Eis aqui a razaõ, porque na Capitania de São Paulo podem muitos naturaes della da terra mostrar a nobreza, e Fidalguia de seos terceiros quartos quintos e sextos Avós, até alguns a quem não he possivel fazer o mesmo a respeito de seos ascendentes mais proximos.</p>	
<p>sahiraõ desta de São Vicente</p>	<p>sahiraõ de São Vicente</p>
<p>Joaõ Veniste, (1) Francisco Lobo, (1) Póde ser, que o Escrivãõ errasse, quando trasladou este sobrenome estrangeiro.</p>	<p>Ioaõ Veniste, Francisco Lobo,</p>
<p>que se erigisse em suas terras. Consta mais expressamente, que Martim Affonso satisfaz á condiçaõ, assignando as terras no Engenho de São Jorge,</p>	<p>que se erigisse nas Suas terras.</p>

<p>situado na Ilha de São Vicente, e consignando mais para refeição do dito Engenho as terras, que haviaõ sido de Ruy Pinto, as quaes ficaõ nos fundos da ilha de Santo Amaro ao Norte do rio da Villa de Santos, aquelle rio, que fórma a Barra grande do meio. Infere-se outro sim de alguãs palavras de huã das Escripturas citadas, que Pedro Lopes da sua parte deu cumprimento á obrigação, consignando terras para o segundo Engenho na Ilha de Itamaracá junto de Parnambuco. Esta noticia hé muito importante; pois com ella se mostra a injustiça, com que o Márquez de Cascaes, Successor de Pedro Lopes, se apossou da Ilha de São Vicente, e tambem da de Santo Amaro com todos os seos fundos na terra firme, não sendo ellas deste Donatario, porem sim de seo Jrmaõ. Se em Lisboa se pudesse descobrir a mencionada Escriptura de sociedade, daria grande Luz á Historia destas Capitánias.</p>	
<p>diversos os seus donos em tempos diferentes:</p>	<p>diversos os seus domnos:</p>
<p>e ultimamente São Jorge dos Erasmos, segundo tenho visto nos Livros das Vereações de São Vicente.</p>	<p>e ultimamente São Iorge dos Erasmos:</p>
<p>os que entãõ haviaõ, ou (isto me parece mais certo) por estarem já dezertos nesse tempo</p>	<p>os que entãõ haviaõ, ou por estarem já dezertos, nesse tempo,</p>
<p>para examinar aos ditos Officiaes,</p>	<p>para examinar todo o effeito, e aos Officiaes,</p>
<p>e o arroz em casca vendia-se a 50. reis o alqueire, segundo consta de Livros, e Escripturas desse tempo: assim mesmo todos se occupavaõ na plantaçaõ destes</p>	<p>e o Arros em Casca a 50 reis o alqueire, o que consta de Escripturas desse tempo, e assim mesmo todos se occupavãõ na</p>

<p>dous generos, os quaes ao depois foraõ desprezados peLos modernos com tanto excesso, que em toda aCapitania somente haviaõ alguãs Engenhocas, onde se fabricavaõ poucos barris de agua ardente de terra.</p> <p>No tempo da minha meninice todo o assucar, e a maior parte da dita agua ardente, vinha de fóra da Capitania, e ainda hoje vem para Santos, e Saõ Vicente, por ser muita a preguiça principalmente dos de Santos, dos quaes aborrecem a lavoura, e por isso estaõ hoje pobrissimos, e cobertos de mato varias terras, onde n'outro tempo existiaõ grandes Fazendas. Exhortando alguns o Doutor Marcellino Pereira Cleto, Juiz de Fora actual destas duas Villas, e Magistrado dignissimo dos maiores empregos por sua inteireza, bondade, zelo do bem cõmun; desinteresse, Litteratura, e outros predicaõs estimaveis, exhortando os, digo, a cultivarem suas terras, elles desculparaõ a sua negligencia, dizendo, que as de Santos, e Saõ Vicente, naõ eraõ boas, senaõ para canas, e arroz, epura, que muito celebra aquelle Ministro, por serem preciozos os taes generos, e bastantes, para enriquecerem, a quem annualmente os colher com abundancia.</p>	<p>plantação dos referidos generos.</p>
<p>ao Capitaõ mór Christovaõ de Aguiar. (b) Estes Armadores importavaõ as drogas da Europa, que se haviaõ de vender aos Portuguezes, e elles aos Indios: o producto exportavaõ para o Reino em generos da terra, principalmente em assucar, o qual era a moeda corrente desse tempo. O dinheiro vinha do Reino, e era pouco: quazi todo hia parar nas maõs dos</p>	<p>ao Capitam Mór Christovaõ de Aguiar. (c)</p>

Ministros, Parocos, e Officiaes de Justiça, e por esta razão eraõ os officios taõ estimados, que muitos Fidalgos, e pessoas mais nobres da terra serviraõ de Escrivaens, e Taballiaens.	
a conservar os Barbaros na ignorancia do seu prejuizo, porque a postura trancava o unico caminho, por onde lhes podia chegar a noticia dos dolos com elles praticados, para que se não acautelassem.	conservar os Barbaros na ignorancia do Seu prejuizo.
em hum dos capitulos do seu Regimento,	em hum Capitulo do seu Regimento,
ao Ouvidor geral Pedro Borges, que na Bahia se embarcava para as Capitanias do Sul com intuito de nellas abrir correição.	ao Ouvidor Geral Pedro Borges.
Naõ satisfeito o incansavel Martim Affonso	Naõ satisfeito Martim Afonso
conseguir alguã noção dos Sertoens deste Continente, empreza não intentada pelos Capitaens seus antecessores, os quaes se contentaraõ com explorar os mares, e ver as praias.	conseguir alguma noção dos Certoens deste continente.
Em hum destes portos, que ficava em terras pertencentes n'outro tempo aos Jezuitas do Collegio de Santos, e agora a Luiz Pereira Machado, foi desembarcar o primeiro Donatario,	Em hum destes Portos foi desembarcar o primeiro Donatario,
couza velha, ou, para melhor dizer, antiquada.	Couza velha.
por o ter aberto, ou concertado,	por ter aberto, ou consertado
(este nome quer dizer sitio, de onde se ve o mar)	/ este nome quer dizer sitio onde se vé o mar /
e as duas Ilhas de São Vicente, e Santo Amaro. Encurva-se nesta paragem a mensionada terra firme, composta de serras altissimas, com a figura de	e as duas Ilhas de São Vicente, e Santo Amaro.

arco imperfeito, e comprehende no seo semicirculo as ilhas, e lagamar referidos. Descobrem-se daquella eminencia muitas legoas de mar, e terra, e parece a quem olha de cima, que está vendo hum jardim amenissimo com ruas alargadas, e canteiros vegetaes sempre verdes; porque as aguas maritimas, depois de passarem as mencionadas Ilhas de Santo Amaro, e São Vicente, formão innumeraveis canaes entre si unidos, e entresachados de lamaroens cobertos de arvores, a que no Brazil chamaõ Mangues. Não há prospecto mais agradável, que este, porem raras vezes o desfructaõ os Viajantes, por estar o cume das serras ordinariamente coberto de nevoeiros, que impedem a vista dos objectos inferiores.	
Nesta viagem não basta chegar-se ao pico, para se ter dado fim ás subidas, e vem-se os caminhantes obrigados a continua-Las, quando as reputaõ acabadas; porque os cumes dos oiteiros servem de baze a outros montes, que adiante se seguem, e assim vaõ prosseguindo, de sorte que he necessario aos viandantes caminharem, como quem sobe por degraos de escadas. Vencido finalmente este caminho,	Vencido finalmente o áspero do Caminho,
Examinou o terreno, quando lhe foi possivel , do qual formou idéa muito vantajoza;	Examinou o terreno, do qual formou ideya muito vantajoza,
se recolheo á Villa de São Vicente, deo huã providencia dignissima de sua alta comprehensãõ , ordenando,	se recolheo a São Vicente deo huma providencia, ordenando,
tambem que para todos poderem hir ao campo, foi necessaria dispensa, de	tambem necessaria dispensa de quem tinha jurisdicãõ igual a do

quem tinha jurisdição igual á do prohibente	prohibente para hir ao Campo.
<p>Lisboa a 11. de Fevereiro de 1544. //</p> <p>117. Ouvindo dizer os Camaristas de São Vicente, que Antonio Teixeira havia chegado de Lisboa, e trazia o referido Alvará, obrigaraõ-no a hir apresenta-lo na Vereação de 3. de Mayo de 1544. (a) talvez por duvidarem, que Dona Anna houvesse tido a imprudencia de derogar similhante dispozição de seu marido.</p>	Lisboa a 11 de Fevereiro de 1544.
<p>Dona Anna Pimentel, e o estado miseravel, a que se acha reduzida toda a costa da Capitania de São Paulo, depois que os Generaes modernos se empenharaõ a augmentar a Cidade, e terras do Sertão, onde habitaõ, tem comprovado com evidencia</p>	Dona Anna Pimentel, comprovou com evidencia
<p>annos mais proximos a sua fundação: naõ laboraraõ mais os Engenhos, e por falta de generos, que se transportassem, cessou a navegação desta Capitania, assim para o Reino de Angola, como para o de Portugal, d'antes muito frequentada. Ainda continuam as mesmas rezultancias, as quaes vaõ grassando cada vez mais de alguns annos a esta parte, e ao mesmo passo, que a povoação se estende em cima das serras; torna para traz na Marinha; depois de mudarem para São Paulo os Soldados, e varios Tribunaes, que sempre haviaõ existido no Porto de Santos, e onde saõ necessarios Defensores; porque em cazo de guerra por esta barra ha de ser atacada a Capitania, e naõ por aquella Cidade, á qual naõ podem chegar</p>	annos mais proximos a Sua fundação.

Armadas.	
chegaraõ a este Porto duas caravelas do Rey, cõmandadas por Joaõ de Souza, (1.) e nellas a carta (1.) No Archivo do Convento do Carmo da Villa de Santos Masso 17. numero 18. existe hum traslado autentico da Sesmaria Concedida a Gonçallo Affonso por Gonçallo Monteiro, Loco-Tenente de Martim Affonso em Saõ Vicente aos 26 de Agosto de 1537. e della consta, que chegaraõ huãs Caravelas, das quaes era Cõmandante Joaõ de Souza.	chegaraõ áquelle Porto duas Caravelas do Rey, Commandadas por Ioaõ de Souza, e nellas a Carta
que publicou o eruditissimo Padre Dom Antonio Caetano de Souza	que publicou o Padre Dom Antonio Caetano de Souza
caminho do Rio da Prata, (2.) e assim, do que passastes com as naos Francezas (3.) dos corsarios, que tomastes, e tudo, o que nisso fizestes, vos agradeço muito, (2.) Em chegando a Armada a Saõ Vicente, despachou o Capitão mór para o Reino a Joaõ de Souza; e por elle soube Sua Magestade que o dito Capitão mór hia correndo a Costa até o Rio da Prata. Esta asseveração do Monarca convence de falsa a noticia do Manuscripto, onde achou o Padre Jaboataõ, que Martim Affonso não fora logo examinar a Costa até aquella Rio, por se ter demorado alguns annos em povoar a sua Capitania. (3.) Nenhum dos Authores, que tenho Lido, faz menção deste combate.	Caminho do Rio da Prata e assim do que passaste com as Naos Francezas, dos Corsarios que tomaste, e tudo o que nisto fizeste, vos agradeço muito
para nos servir, A Nao (4) que qua mandastes, (4.) De Martim Affonso remetter para Lisboa a Preza, segue-se, que a fez	para me servir. A Náo, que cá mandaste,

<p>com naos, e Soldados da Coroa; porque ficavaõ sendo dos Donatarios as embarçaõens por elles apreçadas com suas Armadas; e se o navio pertencesse a Martim Affonso, nem este o havia de mandar ao Rey, carecendo de naos, e gente, para povoar a sua Capitania, nem o Soberano daria providencia respectiva á Prezas alheas.</p>	
<p>Porque folgaria de saber as mais, novas de vós, e do que Lá tendes feito, tinha mandado o anno passado (5.) fazer prestes hum navio,</p> <p>(5.) A carta foi datada em Lisboa aos 28. de Setembro de 1532; logo as palavras: Anno passado dizem relação ao antecedente de 1531. e se João de Souza chegou a Lisboa em 1531. e Sua Magestade pretendeu faze-lo voltar para o Brazil no proprio anno de 1531. segue se, que Martim Affonso escreveo de São Vicente a El-Rey na Monsaõ do anno sobredito, a qual principia nos fins de Março.</p>	<p>Porque folgaria saber as mais novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha o anno passado mandado fazer prestes hum Navio,</p>
<p>que vos parecer necessario, e fazerem, o que lhe mandardes; (6.) e por até agora</p> <p>(6.) Se a Esquadra fora do Donatario, armada á sua custa, como escrevem os nossos Historiadores, não havia de reforça-La o Monarca com Caravelas da Coroa. Digaõ os mencionados Historiadores, o que quizerem, a mim parece-me, que ao Rey pertencia, ou toda, ou a maior parte, da Armada. Não se póde negar, que muitos navios da Esquadra pertenciaõ a Coroa; pois isto consta da Licença, que Martim Affonso, quando estava em São Vicente, concedeu a Pedro de Goes, para mandar para o Reino 17.</p>	<p>que vos for necessario, e fazerem o que lhe mandar-des; e por athé agora</p>

Escravos em navios de Sua Magestade.

No Archivo do Convento de Nossa Senhora do Carmo da Villa de Santos entre varios papeis, que foraõ de Braz Cubas, existem huns Autos processados com o fim de aggravar o mensionado Cubas de certo despacho do Capitão mór Ouvidor Pedro Ferráz, e nelles a folha 18. vem huã copia autentica da referida Licença, adiante da qual se acha huã declaração feita por Pedro de Goes, e o têor, assim da licença, como da declaração, he o seguinte:

// Por este dou licença a Pedro de Goes, que possa mandar nos proprios navios, que a este porto vierem, d'El-Rey nosso Senhor, dezassete peças de Escravos, por quanto elle cá tem muito bem servido, isto por virtude de hum Alvará, que tenho, o qual está registado na caza da Jndia. Feito em São Vicente aos 3. de Março de 1533. os quaes Escravos serão forros de todo los direitos, e frete, que soem pagar. == E sendo todo assim trasladado, e como dito he, o dito Pedro de Goes disse, que á conta das ditas dezassete peças deEscravos já tinha.... doze, e lhe ficavaõ ainda sinco, e por tanto fez esta declaração, e assim pedio os proprios papeis, que aqui.... trasladaraõ, e o dito Governador lhe mandou todo dar. Testemunhas, que a todo foraõ presentes, Antonio do Valle, Escrivão do publico judicial, e Francisco Pinto, Cavalleiro Fidalgo, e Antonio de Almeida, Escrivão do publico judicial, que esto escrevi. == A qual carta, e

papeis estavaõ trasladadas em hum Livro de Notas, que foi de hum Antonio de Almeida.... os quaes trasladei bem, e verdadeiramente, ainda que alguãs partes se não podiaõ Ler de mal escriptas, assim da maneira, que no dito livro das Notas está, todo por mandado do Senhor Capitaõ, e por verdade o dito meo signal publico, que eu Tristaõ Mendes, Taballiaõ do publico judiciaL em esta Villa de São Vicente, e seos termos pelo dito Senhor Governador o escrevi aos 11. dias do mez de Agosto de 1549. //

Nos claros, onde estaõ pontinhos, faltavaõ alguãs palavras, por se achar roto o papeL, ou apagada a tinta. Como Tristaõ Mendes confessa na sua Copia, que não pudera Ler varias palavras do traslado de Antonio de Almeida, assento, que trocou algumas letras, e escreveo: # Vierem # em lugar de # Vieraõ. # Fundo-me na declaração de Pedro de Goes, estando Martim Affonso em São Vicente, o qual não declarou, que já tinha embarcado para o Reino 12. Escravos; e como não os podia ter embarcado em navios, que houvessem de chegar no tempo futuro, segue-se, que o original, por onde Tristaõ Mendes se guiou, dizia: # Vieraõ # e não dizia # Vierem. De qualquer sorte que se entenda a licença, sempre ella demonstra, que eraõ do Rey alguns navios; pois, se Martim Affonso concedeu a faculdade, para hirem os Escravos em navios da Coroa, que tinhaõ vindo, não eraõ do Donatario todos, quantos se achavaõ no Porto: e se a licença dizia: # Vierem, # esperava-os Martim Affonso, o qual nenhum fundamento teria,

para esperar naos do Rey, se a conquista se fizesse á custa delle Donatario, e sem adjutorio da Fazenda Real.	
nem no Rio da prata tendes feito, vos. não posso escrever	nem no Rio da Prata tendes feito, não posso escrever
me requeriaõ Capitánias em terra della. (10.) (10.) A noticia cõmunicada pelo Rey neste paragrafo he diametralmente opposta á dos Historiadores. Elles affirmaõ, que Dom Joaõ terceiro rezolvêra mandar povoar o Brazil, e o repartira com seus Vassalos em virtude das informaçoes communicadas por Pedro Lopes, e Martim Affonso, no regresso para a Côrte, depois de terem examinado a Costa Brazilica: o Monarca pelo contrario escreve a Martim Affonso, que a repartição da Nova Luzitania em diversas Capitánias, e a doação dellas á muitos Pretendentes, havia occorrido de novo, e se puzera em prática, depois de se auzentarem os dous Jrmaons, que se achavaõ n'America, quando Sua Magestade lhes escreveu.	me requeriaõ Capitánias em terras della.
será o melhor; (8.) havendo de estar lá (8.) Eis-aqui o Rey deichando no arbitrio do Capitaõ mór o tempo da sua volta para o Reino: com a Regia determinação se destroe a impostura, de que Dom Joaõ terceiro se dera por mal servido de Martim Affonso não hir logo correr a costa até o Rio da Prata, e que por isso o mandara recolher.	será o melhor: havendo de estar lá
o que mais meo serviço for. (9.) Depois da vossa partida (9.) Segunda vez remette Sua Magestade a decizaõ da viagem ao juizo de	o que mais meu Serviço for. Depois da vossa partida

<p>Martim Affonso com expressoens muito honrozas a este Cõmandante, e indicativas de grande estimaçaõ.</p>	
<p>o que me bem parecer, (11.) e que na repartiçaõ, (11.) O que El-Rey quizera fazer, e não fez, daõ por feito os Authores, assegurando, que Dom Joaõ terceiro repartira Nova Luzitania, e se rezolvera a povoalla por informações de Pedro Lopes, e Martim Affonso.</p>	<p>o que me bem parecer, e que na repartiçaõ,</p>
<p>segundo o Conde da Castanheira vos escreverá, (12.) determinei (12.) Conta Dom Joaõ terceiro a Martim Affonso o estabelecimento dos Francezes em Parnambuco, por suppo-llo ignorante desta novidade; e accrescenta, que o Conde da Castanheira o faria sabedor do mesmo successo, não ignorando Sua Magestade, que na companhia do dito Martim Affonso navegava Pedro Lopes, aquelle mesmo, de quem escrevem os nossos Historiadores, que expulsára de Jtamaracá os Francezes, antes de fazer companhia á seu Jrmaõ na viagem do Rio da Prata. Quem se ha de persuadir, que o Rey daria similhante noticia no cazo de ter feito Pedro Lopes, o que dizem os nossos Historiadores? Se elle nesse tempo houvesse desalojado aos mencionados Estrangeiros, primeiro do que o Rey, seria disso sabedor Martim Affonso por relação do mesmo Pedro Lopes, que vinha na Esquadra, e podia informar melhor, do que o Conde da Castalheira. He, pois, indubitavel, que este Donatario ainda não tinha obrado couza alguã contra os Francezes, e totalmente ignorava a invazaõ</p>	<p>segundo o Conde de Castanheira vos escreverá, determinei</p>

<p>por elles attentada, quando correo a Costa do Sul, e veio ao Rio da Prata.</p>	
<p>Capitanias de sincoenta legoas a cada huã, (13.) e segundo se requerem;</p> <p>(13.) Se Dom João terceiro com espirito profetico tivera previzaõ de tudo, quanto escreveraõ os Historiadores depois da sua morte, e de propozito se empenhára a convence-llos antecipadamente, não o poderia fazer melhor, do que escrevendo, e publicando esta carta. Todos uniformemente assentaõ, que Martim Affonso era já Donatario de 50. legoas, e Pedro Lopes de outras tantas, quando sahíraõ de Lisboa; e sem a menor hezitação affirmaõ, que ambos vieraõ a povoar suas Capitanias. O contrario lemos na carta, da qual consta, que Dom João terceiro fez as merces na auzencia dos dous Jrmaons, e que lhes foraõ remettidas ao Brazil as doações por via do Conde da Castanheira. Prova mais este paragrafo, que Sua Magestade não dividio o Brazil em Capitanias antes de 20. de Novembro de 1530, por quanto nesse tempo ainda Martim Affonso não tinha sahido da Corte para o Brazil, e a rezolução de repartir a Nova Luzitania em varias Capitanias de 50 legoas cada huã, tomou ElRey n'auzencia dos dous Irmaons. Segue-se daqui, que nenhuma Capitania Brazilica se povoou primeiro, do que a de São Vicente. Assignem muito embora a fundação de Parnambuco em 1530. (Frei Rafael de Jezus Castrioto Luzitano parte 1. numero 14. pagina 9. Vasconcellos Chronica da Companhia do Brazil livro 1. numero 100. pagina 91. e Jaboataõ</p>	<p>Capitanias de Sincoenta legoas a cada huma, e Segundo se requerem,</p>

Preambulo Digressão 4. Estancia 8. numero 123. pagina 83.) esta Capitania não foi, nem podia ser povoada no dito anno; porque nesse tempo ainda não era Donatario seo Conquistador Duarte Coelho Pereira, ao qual, e á todos os mais, fez Dom João terceiro as merces, estando Martim Affonso, e Pedro Lopes no Brazil, como temos visto, e elles ainda não tinhaõ dado principio á sua viagem em 20. de Novembro de 1530.

Eu quero dar, e não conceder, que a Capitania de Parnambuco fosse doada em 1530. poucos dias, depois de partir Martim Affonso, o qual ainda se achava na Corte aos 20. de Novembro deste anno, como tenho mostrado com o Alvará a elle concedido, para dar Sesmarias: assim mesmo, o mais cedo, que poderia começar a povoação das 50. legoas de Duarte Coelho, seria no mez de Setembro de 1531 e a de São Vicente teve seo principio em Janeiro desse anno. Sim o mais cedo havia de ser em Setembro de 1531 por quanto o primeiro estabelecimento dos Conquistadores da mencionada Capitania de Parnambuco foi em Guaraçú, onde elles chegaraõ no dia dos Santos Martires Cosme, e Damiaõ, segundo confessa o citado Jaboataõ; e como a Igreja reza destes Santos aos 27. do dito mez de Setembro, não podia Duarte Coelho chegar a Parnambuco em Setembro de 1530, pela razão insinuada de se não ter auzentado Martim Affonso nesse tempo, e ser posterior á sua auzencia a criação dos Donatarios Brazilicos. Alem de que, segundo escreve o douto Chronista da Provincia de Santo Antonio do

Brazil, antes de chegar Duarte Coelho a Parnambuco, havia Pedro Lopes desalojado aos Francezes, e levantado huã Feitoria no lugar dos marcos, Feitoria, de que Sua Magestade ao depois fez merce a Duarte Coelho, quando lhe concedeu as 50 legoas, conforme diz o Author do Santuario Marianno tomo 9. livro 2. titulo 31. pagina 328. Se são estas noticias, não desembarcou o seo Donatario em Parnambuco em 27. de Setembro dos annos de 1530, 1531, e 1532, porque a Carta de Dom Joaõ terceiro foi datada aos 28. de Setembro de 1532, hum dia depois da festa de São Cosme, e Damiaõ; e os Francezes ainda se achavaõ em Parnambuco, quando El-Rey a escreveo.

Tambem Vasco Fernandes Coutinho não podia fundar á sua Capitania do Espirito Santo, quando dizem as nossos Historiadores, os quaes suppoem ser o seo principio em 1525

Quer queiraõ, quer não, devem confessar, que a povoação desta Capitania he posterior á de São Vicente, visto serem todas as doações mais modernas, que as de Martim Affonso, e Pedro Lopes, remettidas por Joaõ de Souza na era de 1532.

Diz o Padre Jaboataõ (Chronica livro anteprimeiro capitulo 3) que em Porto seguro existiaõ Portuguezes no anno de 1550, e taõ numerozos, que depois de terem os Barbaros nessa era perfidamente assassinado a muitos delles, ainda ficaraõ vivos os sufficientes, para sustentarem huã guerra

<p>porfiada por tempo de muitos annos; he, porem, taõ exotica, e taõ pouco verossimil esta noticia, que se faz indigna de credito, nem pessoa alguã, judicioza dará assenso aos Authores, onde a encontrou o douto Padre, sem primeiro a ver demonstrada com documento incontestavel. O que todos sabemos, he unicamente, que Porto seguro foi o primeiro lugar do Brazil, aonde arribou, e desembarcou Pedro Alvares Cabral, quando navegava para a Jndia, isto, porem, não obstante, he verdade indisputavel não entrar a Capitania do Porto seguro no numero, das que primeiro se povoaraõ.</p>	
<p>em tempo certo, (14.) como vos o Conde mais largamente escrevera;</p> <p>(14.) He presumivel, que Martim Affonso, e Pedro Lopes se obrigaraõ, como os outros Donatarios, a trazerem gente, e navios á sua custa em tempo determinado. Assim a tradiçaõ antiga, como os Historiadores do Brazil, affirmaõ, que o dito Martim Affonso povoou Saõ Vicente á sua custa, e seria temeridade negar, que fez grandes despezas a este fim, introduzindo colonos, depois de Sua Magestade lhe fazer a doaçaõ; remettida por Joaõ de Souza; não he porem, facil couza rezolver se, quando sahio de Lisboa, trouxe com os navios d’El-Rey alguns seos, e nelles gente conduzida á sua custa, para cultivarem, e povoarem a nova colonia, que o Soberano mandava criar nesta Regiaõ. Da carta Regia se infere, que era da Coroa a Esquadra, e que El-Rey mandou arma-la com expensas da Fazenda Real, para nella vir Martim Affonso explorar a Costa</p>	<p>em tempo certo; como vos o Conde mais largamente escrevera,</p>

Brazilica mais Austral, principalmente o Rio da Prata. Tambem se infere, que o Capitaõ mór trouxe ordem expressa, para fundar huã colonia. Isto supposto, julgo, que Dom Joaõ terceiro nessa mesma occaziaõ fez merce ao dito Capitaõ mór da colonia futura, e que este armou alguns navios com seo dinheiro, e nelles conduzio a gente destinada, para dar principio á povoação.

Esta minha conjectura não se estriba taõ somente na tradiçaõ de ter sido povoada a Villa de São Vicente á custa do seo primeiro Donatario; também se funda nas palavras seguintes do Alvará, em que Sua Magestade fez ao Capitaõ mór a merce de passar Sesmarias.

Para que elle dito Martim Affonso possa dar ás pessoas, que com sigo Levar, e ás que na dita terra quizerem viver, e povoar, aquella parte das ditas terras, que lhe bem parecer, e segundo lhe merecer por seos serviços.

Diz o Rey, que dará Sesmarias ás pessoas, que com sigo Levar, e ás que na terra quizerem ficar, distinguindo huãs das outras: pelas primeiras entendo eu as conduzidas por Martim Affonso em navios armados á sua custa, e pelas segundas, alguãs da equipagem, e guarniçaõ das naos da Coroa, que quizessem ficar povoando a terra, depois de cá estarem.

Diz mais o Rey, que o Capitaõ dará terras, a quem, as pedir, segundo lhe merecerem por seos serviços, e desta concessão infiro, que ao dito Capitaõ rezultava alguã utilidade de se povoar a terra, alias todos os serviços, que

<p>se fizessem, seriaõ feitos ao Rey, e não a elle, nem merecia couza alguã a Martim Affonso, quem fizesse muitos serviços, se a terra não fora sua, e fora da Coroa. A licença concedida pelo mensionado Capitão a Pedro de Goes, e acima copiada em a Nota 6. mais confirma a minha prezumpsaõ, e parece demonstrativa, de que nem todos os navios da Esquadra eraõ de El-Rey.</p> <p>Diz a licença:</p> <p>Que possa mandar nos proprios navios, que a este porto vierem, d’El-Rey. Se foraõ da Coroa todos os navios, seriaõ desnecessarias as palavras: de El-Rey; pore, como huns eraõ de Sua Magestade, e outros do Donatario, explicou Martim Affonso, que hiriaõ os Escravos nas embarçaõs do Rey, para que não entendesse Pedro de Goes, que os podia remetter em navios delle Donatario.</p>	
<p>e desembarcou gente em terra, a qual desfez huã Feitoria minha, que ahi estava (15.) e deichou La setenta homens</p> <p>(15.) Julgo ser esta Feitoria a mesma, de que Sua Magestade fez mensaõ na carta de Pedro Lopes, a qual foi edificada por Christovaõ Jaques.</p>	<p>e desembarcou gente em terra, a qual destes huma Feitoria minha que ahy estava, e deixou lá Setenta homens</p>

e se ha de fazer, (16.) e pareceo necessario (16.) Como as providencias respectivas á expulsaõ dos Francezes haviaõ de executar-se no tempo futuro, segue-se, que elles ainda se conservavaõ em Parnambuco, quando Pedro Lopes de Souza existia em São Vicente na companhia de Martim Affonso.	e se ha de fazer, e pareceo necessario
que tiverdes feita, (17.) quando nella não estiverdes, (17.) A vista destas palavras não se póde negar, que o Chefe da Esquadra trouxe ordem, para fundar alguã colonia.	que tiverdes feita, quando nella não estiverdes,
de vosso Irmaõ, (18.) e de toda a gente, que Levastes; (18.) Este Jrmaõ era Pedro Lopes de Souza, o qual tinha vindo na Armada como Soldado particular, ou Capitão subalterno; porém não a fundar a Capitania de Santo Amaro, de que ainda não era Donatario, quando sahio de Lisboa.	de vosso Irmão, e de toda a gente, que levaste,
Esta carta, a meo ver , accelerou o regresso de Martim Affonso para Europa, e foi o motivo de se auzentar o primeiro Donatario mais cedo, do que requeria o interesse da sua nova colonia.	Esta Carta acelerou o regresso de Martim Afonso para a Europa mais cedo do que requeria o interesse da Sua nova Colonia,
entrou logo a dispor-se o Capitão mór , para se fazer á vela na monsaõ de 1533,	entrou logo a dispor-se para se fazer a Vela na monção de 1533,
Senhores do paiz existente ao Sul do rio da Cananéa,	Senhores do Pais ao Sul do Rio da Cananeya,
Nas vespervas do embarque de Martim Affonso chegaraõ a São Vicente as noticias desta derrota, e não lhe sendo possivel castigar pessoalmente o insulto Gentilico, como dezejava, por estar muito proximo o seu embarque,	Nas vesporas do Seu embarque chegou a noticia desta derrota, e não podendo pessoalmente castigar o insulto, ordenou

ordenou,	
122. Ignoraõ-se as circunstancias deste máo successo, o qual ficaria sepultado	122. As circunstancias deste máo Successo ficaria Sepultado
na qual requereraõ os Povos destas duas Villas ao Capitão mór	na qual requererão ao Capitão Mór
123. Este cazo dos Exploradores das Minas , e o da rebelliaõ dos Indios	123. Este cazo dos Exploradores, e o da rebeliaõ dos Indios
com circunstancias indignas de credito, e representados como successivos, não obstante haverem mediado alguns annos entre hum, e outro successo; deraõ motivo a fabuloza victoria,	com circunstancias indignas de credito, deraõ motivo a fabuloza Victoria,
pelos Indios Timbués, (1.) Ruy Moschéra lhe havia feito (1.) Esta Torre se chamava do Espirito Santo, e estava na entrada do rio, a que os Espanhoes daõ o nome de Terceiro, 30. legoas distante de Buenos Aires.	pelos Indios Timbuis, Ruy Moschera lhe havia feito
a El-Rey de Portugal, a quem pertencia todo aquelle paiz.	a El Rey de Portugal.
vinha por mar a ataca-llo. Dispôz huã bateria de 4. peças de artilharia, que havia tirado de sua preza; fez novos entrincheiramentos ao seo Forte, e mete huã parte de sua gente em emboscada em hum bosque, que cobria o Lado do mar. Os Portuguezes eraõ oitenta, seguidos por hum exercito de Indios, que hiaõ taõ confiados no bom successo,	vinha por mar atacalo, quando os Portuguezes eraõ somente oitenta, seguidos por hum exercito de Indios; porem taõ confiados no bom Successo,
hum bando de Ladroens: cuja confiança se augmentou, vendo, que se lhe não disputava o desembarque, passaraõ o bosque sem obstaculo; mas apenas	hum Bando de ladroens mas apenas descobriraõ o Forte, se acharaõ expostos aos tiros da Sua Artelharia, e carregados pela

descobrirão o forte, se acharão expostos aos tiros de sua artilharia, e carregados pela rectaguarda pelos da emboscada, que os haviaão deichado passar.	recta guarda pelos que se puzeraão de emboscada.
transportou a sua pequena colonia para a Ilha de Santa Catharina , aonde imaginava, que o não viriaão inquietar;	trañsportou Moschera á sua pequena Colonia, aonde imaginava, que o não viriaão inquietar;
124. As façanhas de Moschéra não passaão de hum ente de razaão, similhante ao Hirco-cervo, que os Logicos formavaão n'outro tempo, identificando duas naturezas realmente existentes, para sahirem á Luz, com hum composto implicatorio. Quem ha de crer, que Martim Affonso, Heróe taão conhecido no mundo por suas victorias , tendo no porto de São Vicente	124 Não hé crível que Martim Afonso, heroe taão conhecido no mundo, tendo no Porto de São Vicente,
se rendeu faciLmente com vergonhoza cobardia a quatro Espanhoes errantes, e alguns Indios, conduzidos por hum Chefe, que acabava de entregar o Forte do Espirito Santo, e vinha fugindo dos Bugres situados nas vizinhanças do Rio Terceiro, que não tinhaão disciplina militar, nem armas de ferro, e fogo, como os Portuguezes? Eu disse com quatro Espanhoes, por serem taão poucos os companheiros de Moschéra,	se rendesse facilmente com vergonhoza Cobardia a quatro Espanhoes Companheiros de Moschera,
podia hir ataca-lo com a sua Armada, e achando-se elle sem os instrumentos necessarios para a defensa? Charlevoix confessa, que Moschéra não tinha armas, nem muniçoens; mas o homem devia de ser adivinhaão, ou fallaria com tanta arrogancia, por lhe ter assegurado algum Duende familiar, que	podia hir atacalo com a sua Armada, ainda no extremo de elle se achar sem os iñstrumentos necessarios para a deffensa.

<p>o navio Francêz havia de vir ancorar junto ao seo Castelo de vento, para lhe fornecer polvora, balas, e peças de artilharia. De onde lhe vieraõ os dous Botes, em que fez a preza, se conservava somente hum, quando se retirou do Forte do Espirito Santo, e no lugar, onde assistia, faltavaõ os aprestos necesarios, para construir embarcaçoens de quilha?</p>	
<p>a ser convencido de nimiamente credulo. As outras falsidades relativas aos Portuguezes de São Vicente, e naturaes de São PauLo, que elle publicou na sua Historia, poder-se-haõ tolerar benignamente, por serem inculpaveis os enganos de hum Sabio, que morando em França, não podia averiguar a verdade acerca de factos acontecidos nos ãmensos, e remotissimos Sertoens da America; mas nenhuã desculpa pôde ter o seu erro crasso de Geografia nesta parte, por haverem muitos, e excellentes mappas na França: se elle os visse, e examinasse a pozição da Cananéa, logo havia de conhecer a fabula; por ser couza impossivel, que demorando as Ilhas da Cananéa na latitude Austral de 25 graos e 13 minutos e a Torre de Moschéra em altura de 32 graos ficasse defronte desta Torre o navio Francêz ancorado junto as ilhas sobreditas.</p>	<p>a Ser convencido de nimiamente credulo.</p>
<p>alguns annos depois da sua auzencia para a India. Assentando Dom Joaõ terceiro que era conveniente haver no Brazil hum Governador, o qual tivesse jurisdicção sobre todos os Governadores particulares, ou Donatarios, com quem havia repartido as terras do Novo Mundo; na</p>	<p>alguñs annos depois da Sua ausência para a India; e quando Dom Ioaõ terceiro mandou fundar a Cidade da Bahya, ordenando na mesma occaziaõ, que os Capitaens da nova Cidade tivessem jurisdicção</p>

mesma occasião, em que mandou fundar a Cidade da Bahia, ordenou, que os Capitaens da nova Cidade exercitassem a sua jurisdição	
aos da Cidade do Salvador, edificada junto á Bahia de todos os Santos.	aos da Cidade do Salvador Bahya de todos os Santos.
128. Naõ devo gastar o tempo inutilmente em refutar o degrado de Duarte Peres, e ponderar a crueldade, de quem consentio, que a sua innocente familia o acompanhasse para o Sertaõ, aonde todos ficavaõ expostos a ser pasto do Gentio; mas não posso dispensar-me de admirar a obediencia heroica do Degradado,	128. Não se pode ocultar a admiração da Obediencia heroica do degradado Duarte Perez,
onde existia Peres, este simbolo da sua obediencia sem contradicção alguã, em lhe sendo intimada a ordem do Tiranno,	onde existia Peres, que Sendo-lhe intimada a ordem do Tyranno,
e o mandava voltar para sitio, onde se punha o risco evidente de perder com a vida temporal a da alma por falta dos soccorros espirituaes, logo sem mais demora cumprio o preceito iniquo, sabendo muito bem, que nas presentes circumstancias estava por Direito Natural desobrigando de executar o mandado.	e mandar para Sitio, onde se punha em risco evidente de perder a vida, sem mais demora cumprio o preceito iniquo, estando delle dezobrigado por Direito natural de executar o mandado.
130. As paixoens cegaõ aos homens, e offuscaõ os entendimentos. Charlevoix era Iezuita;	130. Charlevoix era Iezuita,
as conquistas dos Paulistas nas Aldêas, sujeitas á extincta Companhia de Iezus, e as cores pateticas, com que os Authores da sua Ordem retrataõ as crueldades dos taes Paulistas, de tal sorte o enfureceraõ contra os moradores da Capitania de São Vicente, que lhe faltaraõ as Luzes intellectuaes necessarias,	as Conquistas dos Paulistaz, e as Cores pateticas, com que os Autorez da Sua Ordem retractão as crueldades dos taes Paulistas, o enfurecerão de tal Sorte contra os Moradores de São Vicente, que lhe faltaraõ as luzes necessarias para discernir o verdadeiro do

para discernir o verdadeiro do falso. Se estivera menos preocupado, tenho por certo, que se envergonharia de infamar a Portuguezes com impostura tão grosseira , qual he o querer persuadir,	falso, como hé o persuadir,
e se unirão a Moschéra. Bons eraõ tantos Fidalgos, Nobres, Capitaens, e Soldados entã existentes naquella Villa, e todos nacionaes de hum Reino, que nunca pode tolerar o governo de Monarcas Castelhanos, para se unirem voluntariamente á hum Indivíduo vago de Espanha.	e Se unirão a Moschera.
131. O remate da fabula he para mim muito engraçado.	131 O remate da fabula he muito engraçado:
fosse dar principio á colonia, que intentava criar. Bem necessitava deste socorro hum General, cujas forças maritimas, antes de sobprender a nao Franceza, e tomar São Vicente, estavaõ reduzidas a unica embarcação pequena, e aos Espanhoes, que nellLa couberaõ, quando fugiraõ dos Indios Conquistadores do Forte do Espirito Santo; porem nada disto fez o Valentaõ.	fosse dar principio á Colonia, que intentava crear.
e receou dar maior queda.	e receou mayor queda
faz-se a vela; passa pela sua Torre fronteira ás Jlhas da Cananéa, onde colhera as palmas da primeira victoria; desconfia deste sitio, por só distar de São Vicente 30. Legoa; não chega á terra, nem para restituir á sua Patria os Barbaros naturaes desse Lugar, que o acompanhavaõ; navega para o Sul buscando algum porto, onde se refugie, e vai parar na Ilha de Santa Catharina, onde imaginava, que o não viriaõ inquietar; (saõ palavras	fas-ce a vella, e vai parar na Ilha de Santa Catharina, onde imagina que o não virião inquietar; não se demorou muito tempo nesta Ilha,

formaes de Charlevoix as subsignadas) não se demora muito tempo nesta Ilha;	
retira-se para mais longe; passa por aquelle porto cômodo, onde se fortificara na Latitude de 32 graos e não entra, por se lembrar talvez,	retirasse para mais longe, e não entra no Porto de Cananêa por se lembrar talvez,
onde elles não chegassem nem com as suas pretensoens ; e foi dar principio á Cidade de Buenos Aires na margem Austral do Rio da Prata, por saber, que a Coroa de Portugal se contentava, com que este Rio fosse a balliza da Nova Luzitania, não obstante chegar mais ao Sul a linha divizoria. Tal foi o Leaõ Espanhol, que insultou a Martim Affonso de Souza.	onde elles não chegassem, e foi dar principio á Cidade de Buenos Ayres na margem Austral do Rio da Prata.
ser mera patranha tudo, quanto elle, e outros referem de Moschéra.	ser mera patranha tudo quanto referem de Moschera.
porque as viagens ordinarias desta Villa para aquella Cidade	porque as viagens ordinarias para aquella Cidade
Todos os Eruditos sabem,	Todos sabem
segue-se logo por iñegavel consequencia,	Seguesse, por innegavel consequencia,
135. Eu já disse, que o mao successo dos 80 Exploradores das Minas, e a rebelliaõ dos Guaianazes contra seu Principe Tebyreça, deraõ occasiaõ á fabula: agora vou expor os fundamentos da minha conjectura. O cazo infeliz dos ditos Exploradores	135. O cazo infelis dos ditos exploradores
e supposto não declare a petição por mim citada acima (numero 122)	e suposto não declare a petição citada no numero 122,
da Villa de São Joaõ da Cananéa cujo termo antigamente comprehendia as Minas da Ribeira, existentes nas terras dos Tupins, e tambem as do	da Villa de São Ioaõ de Cananêa.

Açonguê, e Parnaguá, descobertas no paiz dos Carijós.	
e Charlevoix concorda com ella neste numero,	e Charlevoix neste numero,
quando falla dos moradores da Capitania de São Vicente. Em fim os mencionados 80 Exploradores foraõ mandados pelo primeiro Donatario, e este he o mesmo, a quem Charlevoix chama Capitaõ geral do Brazil, depois de o haver nomeado com o seo nome proprio.	quando falla dos Moradores da Capitania de São Vicente.
com que o tinhaõ prezo, pelos annos de 1554., a engordar para o comerem. (e)	com que o tinhaõ prezo pelos annos de 1554. (n)
que tinhaõ suas Fazendas junto á praia. Tudo isto era motivo sufficientissimo, para se desfigurar a verdade, escrevendo-se de Moschéra, o que delle fica apontado.	que tinhaõ suas Fazendas junto a Praya.
as noticias de Charlevoix, e eu me constituo fiador, de que nunca ha de ser convencido; por quanto a Historia de Moschéra,	as noticias de Charlevoix; por quanto a historia de Moschera
quando se abriraõ os seos alicerces. Naõ me occorre outro meio de confirmar esta propozicaõ, senaõ reLatando com veracidade as fundaçoens de Santos, São Paulo, e Conceição de Jtanhaem; e tambem impugnando ás falsidades, com que alguns Estrangeiros escreveraõ a origem da Cidade de São Paulo: por isso me antecipo a contar neste livro as ditas fundaçoens, naõ obstante parecer-me mais proprio o livro, em que pretendo mensionar as Cidades, Villas, e Aldêas desta Capitania.	quando se abriraõ os Seus alicerces.
A Villa do Porto de Santos,	A Villa de Santos

Enguaguaçú, nome composto do Substantivo Enguá, e do adjetivo Guaçú, e vem a dizer, Pilaõ grande.	Enguaguaçú, que significa Pilaõ grande.
constituem hum circulo grande imperfeito, no meio do qual existe hum Lagamar interfachado de varios Mangaes; e alguãs Ilhotas. Chegando a este lugar os Indios, e contemplando a sua figura, pareceo-lhes semelhante á dos piloens, vistos pela parte_interior; por quanto as Serras, e oiteiros Levantados em torno das aguas, e terra plana, formão huã concavidade muito semelhante á dos instrumentos, onde o Gentio Brazilico fazia as suas trituraçoens; e por cauza desta analogia deraõ o nome de Enguaguaçú, ou Pilaõ grande, á parte da Ilha de São Vicente, que vai correndo dos Oiteirinhos até o principio da bahia Caneú, pouco mais, ou menos.	constituem hum circulo grande imperfeito, Varios Mangues, e algumas Ilhotas.
na margem Oriental do ribeiro, que pelo tempo adiante se chamou de São Jeronimo, por se ter collocado huã Imagem do Santo Doutor junto ao dito ribeiro nas flardas do oiteiro, que agora se appellida de Monserrate, e d'antes se dizia de São Jeronimo. Para sua particular serventia abriraõ, os ditos Socios o caminho antigo de Santos para São Vicente, o qual principiava na caza, delles Socios, continuava por huã ladeirinha, e passava por detráz do oiteiro, onde hoje está o Mosteiro de São Bento.	Na margem oriental do ribeyro, que se chama de São Ieronimo nas faldas do Outeiro, que agora se apelida de Monserrate.
para lhe succeder no Posto. Este Capitaõ mór foi, quem repartio a Jlha de São Vicente pelos moradores, os quaes antes disse plantavaõ sem cartas de Sesmaria: elle deo a Pascoal Fernandes, e Domingos Pires, as terras de	para lhe succeder no Posto: elle deo a Paschoal Fernandez, e Domingos Pires as terras de Enguaguaçú, no primeiro de setembro de 1539, e as vezinhas concedeo a Andre Botelho aos dous de

<p>Enguaguaçú, que ficaõ ao Leste do ribeiro de São Jeronimo, por carta passada em São Vicente no primeiro de Setembro de 1539; e as vizinhas, que demoraõ ao Oeste do dito ribeiro, concedeo a André Botelho aos 2. de Junho de 1541, declarando, que partiriaõ pela regueira, que alli faz o outeiro, que, diziaõ, ser de Braz Cubas, (este oiteiro de Braz Cubas he o de Monserrate) segundo consta da carta, que ainda se conserva no livro dos Registos da Provedoria; (n) porem as Escripturas mais antigas, que apparecem, todas fazem mensaõ destas mesmas terras contiguas á regueira da carta, e fronteiras á Nossa Senhora da Graça, como pertencentes ao Mestre Bartholomeo. (1.)</p> <p>(1.) Nota. Este Mestre Bartholomeo, muito nomeado em Escripturas antigas, foi hum Ferreiro, que na sua companhia trouxe Martim Affonso, segundo consta de huã Sesmaria concedida por Braz Cubas em Santos aos 26. de Janeiro de 1555, a qual se acha registada no Cartorio da Provedoria de Santos Livro de Registo que tem por titulo Numero 1. livro 1. 1555. a folha 3. e nella vem as palavras seguintes: == Braz Cubas etcoetera. Faço saber, como por o Ferreiro, morador nesta Capitania, me foi feita huã petição, a qual o traslado della he o seguinte: # Senhor Capitão, diz o Mestre Bartholomeo Gonçalves, em como ha 20. annos, pouco mais, ou menos, que aqui o deichou o Senhor Martim Affonso de Souza em serviço d’El-Rey nosso Senhor, o qual eu servi de meo officio, e minha pessoa, em</p>	<p>Julho de 1541, partindo com o Outeiro, que diziaõ ser de Braz Cubaz. (q)</p>
---	---

o que me foi mandado peLos ditos Capitaens, e Justiças, que o cargo tinha do Senhor Martim Affonso de Souza, assim ao Povo de todas las couzas, que eraõ necessarias de meo officio, sem por isso pedir premio nenhum, por folgar de se a terra povoar, e enobrecer, alem de dous annos, que fui em soldo, que o dito Senhor me deichou, e tenho mulher, e filhas etcoetera

O dito Mestre Bartholomeo, que na sua petição, e muitos titulos, se acha com o nome de Bartholomeo Gonçalves, primeiro se chamava Domingos Gonçalves, segundo declarou Gonçallo Gonçalves em huã Escriptura, Lavrada na Villa do Porto de Santos aos 6. de Dezembro de.... (a era esta rota) pelo Taballiaõ Vasco Pires da Mota existe huã copia autentica desta Escriptura no Archivo do Carmo da Villa de Santos Masso 22. numero 25. e nella vem as palavras seguintes: == Apareceo o ditto Gonçallo Gonçalves Sapateiro, e por elle foi dito, que elle possuia hum pedaço de terra, e parte, e quinhaõ, que cabe a Affonso Sardinha Tanoeiro, marido de Maria Gonçalves, filha de Domingos Gonçalves, que Deoz haja, por nome Mestre Bartholomeo, e tal se nomeava, e chamava, que aqui foi morador etcoetera == O proprio nome de Domingos Gonçalves dá ao Mestre Bartholomeo seo genro Antonio de Saavedra, cazado com sua filha Beatriz Gonçalvez, vendendo as terras fronteiras a Nossa Senhora da Graça a Alvaro Fernandez, por Escriptura, que em Santos lavrou o Taballiaõ Antonio de Siqueira aos 2. de Janeiro de 1580. Escriptura

lavrada a 2 de Janeiro de 1580, na Villa de Santos, a qual ainda se conserva no fragmento de hum Livro do Cartorio, onde neste anno de 1786 escreve o Ajudante Jozê Pedrozo Carneiro, Taballiaõ da Villa de Santos: eu alli copiei: Por se ignorarem estas noticias, não se percebem muitas Escripturas, cuja intelligencia he necessaria, para os Ministros julgarem com acerto as demandas, que tem por objecto as terras do Suburbio da Villa de Santos.	
fronteiras a Enguaguaçú, porem muito distantes de Saõ Vicente; e querendo o dito Cubas evitar o incõmodo de fazer viagens largas, quando lhe fosse necessario hir á Villa, ideou Levantar outra em sitio mais proximo á sua Fazenda, e juntamente mais apto para o embarque, e desembarque dos navios. Com este projecto comprou a hum dos Socios parte do seu quinhaõ, a qual parte ainda nesse tempo era mato virgem, e comprehendia o oiteirinho de Santa Catharina: mandou roçá La, e deo principio á nova povoação junto do mensionado oiteirinho. Em Santos ainda se conserva Lembrança,	fronteiras a Enguaguaçû. Em Santos ainda se conserva lembrança,
aos Religiozos de Nossa Senhora do Carmo	aos Religiozos do Carmo
Falleceo no anno de 1597 annos.	Falesceo no anno de 1597.
e varios da outra de Saõ Vicente, cujas Fazendas estavam mais proximas á povoação, do que á Villa. Já mostrei, que os navios até esse tempo davaõ fundo no lugar, onde o Rio de Santo Amaro desemboca no canal da Barra	e varios da Outra de Saõ Vicente. 147. Conservouce alguns annos a Povoação com o nome de Porto, e depois lhe acrescentaraõ de Santos pela razão seguinte:

<p>grande. Este surgidouro era inconveniente, assim aos Marinheiros, como aos donos das Fazendas: aos primeiros, por lhes ser necessario rezidir em porto solitario, em quanto as embarçaõens aqui se demoravaõ; e aos segundos, porque conduziaõ para a Villa as suas cargas mais pezadas, ou por dentro, rodeando toda a ilha com viagem mais dilatada. Para que estas fossem mais breves, e a gente da tripulaçaõ não assistisse em lugar dezerto, tanto que se deo principio á nova Povoação, logo os navegantes desampararaõ o antigo surgidouro, e vieraõ dar fundo mais acima defronte da dita Povoação. Como, pois, junto a ella, ancoravaõ os navios, que vinhaõ para São Vicente, e alli, descarregavaõ; e o mesmo faziaõ os moradores da Ilha de Santo Amaro, Bertioga, e terra firme, que das suas roças vinhaõ para a Villa em canoas, e não queriaõ hir embarcados até São Vicente, os quaes faltavaõ em terra na Povoação, e dalli caminhavaõ para São Vicente pela estrada, que Pascoal Fernandes, e Domingos Pires, tinhaõ aberto; por este modo deraõ o nome de Porto á dita Povoação, querendo dizer com esta palavra, que ella era o porto da Villa de São Vicente.</p> <p>147. Com este nome sem outro algum additamento se conservou alguns annos, até lhe accrescentarem de Santos pela razão, que agora direi.</p>	
<p>Dezejozo de soccorrer a estes miseraveis,</p>	<p>dezejozo de Soccorrer estes miseraveis</p>
<p>no projecto de fundar hum Hospital, e Jrmandade da Mizericordia, que o administrasse:</p>	<p>no projecto de fundar hospital, e Irmandade da Mizericordia, que os administrasse:</p>

hum Hospital com o appellido de Santos. á ãmitação de outro, que em Lisboa tem o mesmo nome.	hum Ospital com o apelido de Santos.
entrarão a chamar-lhe Porto de Santos. Assim a nomeação todos os documentos mais antigos, e não padece a menor duvida, que nella houve Hospital antigamente junto á Jgreja, que hoje he Matriz; pois delle nessa paragem faz mensão huã Escriptura Lavrada em Santos aos 3. de Janeiro de 1547, confrontando certas cazas vendidas a Pedro Rozé. (n)	entrarão a chamar-lhe Porto de Santos.
em o primeiro de Março de 1544. (o) Tambem se comprehendia na Freguezia de São Vicente, a cuja Paroquia nesse tempo estavam sujeitos todos os Fieis desta Capitania; porem da sua jurisdição se eximirão os Santistas primeiro, do que os outros, alcançando, que a Freguezia se dividisse em duas, e para isso consentirão os Jrmaons da Mizericordia, que na sua Igreja se exercitassem as funsoens Paroquiaes, em quanto se não edificasse novo templo para Matriz, permissão, de que muito se arrependerao pelo tempo adiante; porque nunca se fez outra Jgreja, não obstante ordenar Sua Magestade por requerimento dos Jrmaons, que os Vigarios desoccupassem a Mizericordia, e se construísse Jgreja Paroquial. O exito desta contenda foi, levantarem os Jrmaons outra de novo no lugar, onde hoje existe a da Mizericordia, e ficar para Matriz, a que elles haviam feito, a qual não durou muito tempo, e a Matriz agora existente he terceira; porem ambas as subseqüentes foraõ edificadas no proprio Lugar	no primeiro de Março de 1544. (u)

da Mizericordia antiga.	
e na sua adolescencia ainda não passava do ribeiro do Carmo	e não passava do Ribeyro do Carmo
onde achavaõ os generos, que lhes eraõ necessarios. Por este motivo, e tambem peLa razão de quererem todos habitar mais perto das fontes, desprezaraõ o terreno Oriental, e caminhou a edificação das cazas para o Poente, a qual passou o Ribeiro de São Jeronimo, baliza dos dous Socios, e entrou pela vargem, que fora do Mestre BarthoLomeo ficando por isso quazi toda a Villa abafada de montes, o que não succederia, se os edificios seguissem o rumo do Oriente: elles tinhaõ principiado, onde acaba o oiteiro de Monserrate, que impede as viraçoens refrigerantes, muito necessarias em Santos na estação dos Caniculares.	onde achavaõ o que lhes era necessario.
152. Desta desordem nasceo ficar dezerto quazi todo o lugar, que servio de berço á Villa, o qual se conservou sem moradores até o anno, em que se edificaraõ os Quarteis dos Soldados atraz da Matriz. No tempo da dezerção cahio o Pelourinho antigo,	152. No tempo da dezerção da mayor parte dos Moradores, para outro lugar, cahio o Pelourinho antigo,
no que certamente se enganaõ: assim como tambem se enganáraõ os Historiadores	no que se enganarãõ, como os Historiadores
Fundação Da Cidade de São Paulo	Da Fundação de São Paulo.
153. Muito longe de merecerem alguã attensão as Memorias, que offereço, a quem escrever a Historia desta Capitania, ellas serviriaõ taõ somente de enganar aos meos Leitores, se eu contasse a fundação da Cidade de São	153. A villa de São Paulo, hoje Cidade, teve os principios, que agora se referem, e não começou, como escrevem os Escriptores, nem deve a sua Origem a Martim Afonso de Souza, como querem

<p>Paulo, como relataõ Dom Iozê Vaissette, Historiador affamado, e douto Monge da exemplar Congregaçaõ Benedictina de Saõ Mauro em França, bem conhecida pela grande Litteratura, e muita observancia de seos Alumnos. Eu tinha por certo, que este meo respeitavel Jrmaõ se envergonharia de ter illudido ao Publico, com o que escreveo a respeito de Saõ Paulo, e dos Paulistas, se viera a esta Capitania, e peLos Cartorios della chegasse a conseguir huã Leve instrucçaõ verdadeira dos factos antigos, que publicou mal informado. A Cidade de Saõ Paulo teve os principios, que agora direi, e não começou, como escrevem os Estrangeiros, nem deve sua origem a Martim Affonso de Souza.</p>	<p>dizer os mesmos Estoriadores, precipue Dom Ioze Vaicete Monge Beneditino de Saõ Mauro em França.</p>
<p>davaõ o nome de Campo por distincçaõ das terras de Beira-mar, que acharaõ, cobertas de arvoredos mui alto, quando aqui chegaraõ, e por isso diferentes das de Saõ Paulo, as quaes sem artificio não produzem arvores altas, senaõ em reboleiras, distantes huãs das outras, e dispersas por toda a campanha, a qual he hum terreno desigual, cuja produçaõ nativa, e mais ordinaria, consiste em feno, e arbustos rasteiros: capoens de mato chamaõ no Brazil ás taes reboleiras.</p>	<p>davaõ o nome de Campo.</p>
<p>Piratininga, ou Piratinim, como acho escripto em alguns documentos antigos,</p>	<p>Pirátininga, como se acha escripto em alguns documentos antigos,</p>
<p>e este se chamou Campos de Piratininga. (1.) (1.) Que Piratininga, ou Piratinim, he hum ribeiro, e se mete no Rio</p>	<p>e este se chamou Campos de Pirátininga.</p>

<p>grande, dos Antigos, hoje conhecido pelo nome Tyetê, consta do Auto de Demarcação das terras de Braz Cubas, feito em São Paulo no anno de 1633, por ordem do Provedor mór sisne, o qual se acha no Archivo do Carmo de Santos Masso 15. Numero 63. o mesmo consta tambem de huã carta de Sesmaria, passada por Jorge Ferreira aos 9. de Agosto de 1567, que está registada no Cartorio da Provedoria da Fazenda Real Registo de Sesmaria Livro 2. titulo 1562. folha 64. verso.</p>	
<p>lhe concedeu o mencionado Donatario; e por isso o encontro muitas vezes no livro mais antigo da Camara de São Vicente, exercitando os empregos de Juiz, Vereador, e Almotacé. Suspeito, que já morava alli mesmo, quando aqui chegaraõ os primeiros Conquistadores, e que esta seria huã das razoens motivas de fundar o Capitaõ mór a Villa, perto da ultima barra. Não passa de conjectura minha esta ultima circunstancia; porem que Antonio Rodrigues assistia defronte de Tumiarú pelos annos de 1543, consta do citado livro mais antigo da Camara de São Vicente, no qual se acha declarado em a Vereação de 4. de Agosto do dito anno que deraõ a Vara de Almotacé a Antonio Rodrigues, morador da banda d'alem.</p> <p>156. Sim não rezidiaõ Portuguezes no campo de Piratininga, excepto João Ramalho, e sua familia. Isto comprovaõ à Licença concedida por Dona Anna Pimentel, para poderem os moradores da Capitania hir ao tal campo, e tambem hum termo da providencia, que deraõ os Vereadores de</p>	<p>lhe concedeo o mencionado Donatario.</p>

São Vicente aos 9. de Setembro de 1542, para mais se augmentar a dita Villa, e melhor se defender dos Indios contrarios. Se Martim Affonso tivera fundado a Villa de São Paulo seria desnecessaria a referida permissão de sua Procuradoria; em tal cazo poderiaõ entrar, e sahir, quantos Portuguezes quizessem subir aos campos de Piratininga, por não caber no juizo de pessoa alguã, que naquella paragem se havia de criar huã Villa inaccessivel aos compatriotas de seos moradores.

157. O termo da providencia diz assim:

Em os 9. dias do mez de Setembro deste prezente anno de 1542.... mandaraõ chamar alguns homens bons do Povo, que foraõ achados na dita Villa, e com elles se practicou alguãs couzas, e assentaraõ, que por razãõ desta Povoação ser melhor povoada, e enobrecida, e em ella haver sempre gente; que nenhua Força, das que ora aqui estaõ na Villa, se leve fóra della, e todas as outras, que saõ fóra da dita Villa, (1.) as tragaõ para ella, e assim a de João Ramalho, que está no campo, por fim que todas as Forças sejaõ, aqui juntas, somente a que está em Guaibe, que por razãõ do Engenho, que lá está, lhes parece bem estar lá a Força; porque assim acordaõ, e assentaõ, isto mandaõ apregoar, que as que saõ fóra, o notifiquem, quem as tem, e sob pena de mil réis pela primeira vez as tragaõ do dia, que lhes for notificado, a hum mez, e isto as Forças, que estiverem aqui a roda, e quanto a Força do campo será do dia da notificação a dous mezes.

<p>Por estas Forças mencionadas no termo entendo eu Povoaçãoens, ou Pays de familias poderozos, que tivessem cazas fortes, como com effeito tiveraõ muitos n'outro tempo, com gente armada sufficiente, para rebaterem os assaltos dos Inimigos; mas de qualquer sorte que se explique a palavra Forças, logo se conhece, que no campo somente existia a familia de João Ramalho, por fallar o termo da Força do campo, como de unica, e singular naquella paragem. Alem de que, depois de se criar a primeira Villa em cima da Serra, todos os campos de Piratininga ficaraõ desmembrados do termo de São Vicente, e sугeitos primeiro á Villa de Santo André, e ao depois della demolida, á de São Paulo; e se Martim Affonso tivesse fundado a Villa de São Paulo, não se atreveriaõ os Camaristas de São Vicente por falta de jurisdição a mandar, que a Força do campo descesse para a costa do mar; pois sabiaõ muito bem, que não podiaõ ordenar couza alguã a respeito de Forças existentes em termo de outra Villa diversa da sua.</p> <p>(1.) Não entendi bem as duas palavras subsignadas, as quaes poderãõ ser Ilha, e não Villa.</p>	
<p>158. Não obedeceo João Ramalho, e a sua Força, ou Povoação, perseverou, onde estava. Ella tinha seu assento no lugar, onde agora existe a Fazenda de São Bernardo, meia Legoa, pouco mais, ou menos, distante da Borda do campo. No principio foi habitada somente dos filhos,</p>	<p>156. No principio da Povoação de Santo Andre, foi ella somente habitada dos filhos,</p>

acompanhado do Provedor da Fazenda Real Braz Cubas,	aCompanhado do Provedor Bras Cubas,
o referido Joaõ Ramalho,	o referido Ramalho,
deraõ principio á de São Paulo os Padres da Companhia. Os primeiros Religiozos da extincta sociedade de Jezus chegaraõ ao Brazil em 1549.	deraõ principio a de São Paulo os Padres da Companhia, os primeiros, que chegaraõ ao Brazil em 1549
o qual depois de exercitar na Villa as funsoens proprias do seo ministerio , e alli dar principio ao segundo Collegio, que teve a Companhia no Brazil, tomou a resolução de hir lançar a semente do Evangelho	o qual, depois de dar ali principio ao segundo Collegio, que teve o Brazil, tomou a resolução de hir pregar o Evangelho
e a sua primeira acção memoravel, depois de constituido nesta dignidade , foi ordenar, que o Collegio se mudasse da Villa para o campo, conservando-se , porem, em São Vicente a caza antiga , aonde só habitariaõ os Religiozos necessarios, para darem o alimento espiritual aos Christaons da Marinha.	a Sua primeira acção memoravel, foi ordenar que o Collegio se mudasse para o Campo.
entre os Rios Tamandoatey, e o ribeiro Anhamgabaú, trez Legoas	entre os Rios Tamanduatiý, e Anhangaboý, tres legoas
e tambem da nova Aldêa,	e da mesma Aldeya,
o primeiro Sacrificio incruento do Altar no dia 25. de Janeiro de 1554,	o primeiro Sacrificio da missa no dia 25 de Janeiro de 1544,
Estes queriaõ augmentar a sua Aldêa, e aquelles a sua Villa, e como os incrementos de qualquer dellas atrazavaõ os progressos da sua competidora, nem os Jezuitas podiaõ tolerar a subzistencia de Santo André, nem os Ramalhos soffrer a de São Paulo.	estes queriaõ augmentar a sua Villa, e aquelles a sua Aldeya.
grande numero de Povoadores, que se unissem a elles , e daqui nasceraõ as contendaz,	grande numero de Povoadorez, e daqui nasceraõ as Contendaz,
163. A vista dos Padres era muito mais penetrante, que a de seos emulos:	161. Tentaraõ os Padres persuadir aos do Governo,

olhavaõ para Santo André, como para hum padraço de São Paulo, e vendo, que ambas não podiaõ coexistir, desviaraõ o golpe fatal, que ameaçava á sua creatura, dispondo as couzas de sorte, que a espada fosse descarregar sobre a Povoação inimiga. Tentaraõ persuadir aos do Governo,	
sem serem sentidos, por ficar São Paulo em Lugar descampado, e livre de arvores, que occultas sem as marchas dos exercitos contrarios.	sem serem sentidos.
com o titulo de São Paulo, e que conservava desde o seu principio.	com o titulo de São Paulo.
e outra com a invocação de São Miguel. (n) Depois de alguns annos Jeronimo Leitaõ, Loco-Tenente de Lopo de Souza, Donatario de São Vicente, concedeo-lhes terras por huã só Sesmaria lavrada aos 12. de Outubro de 1580, na qual consignou aos Indios dos Pinheiros 6. legoas em quadra na paragem chamada Carapicuiba, e outras tantas aos de São Miguel em Uraraý. Hoje quazi nada possuem os miseraveis Indios, descendentes dos naturaes da terra; porque injusta, e violentamente os desapossaraõ da maior parte das suas Datas, não obstante serem concedidas as Sesmarias posteriores dos Brancos com a expressa condição de não prejudicarem aos Indios, nem serem delles as terras, que se davaõ.	e outra com invocação de São Miguel. (i)
da fundação da Cidade de São Paulo	da Fundação de São Paulo,
porque Vasconcellos nesta parte da fundação de São Paulo regulou-se pelos Apontamentos do Veneravel Padre Jozê de Anchieta,	Nota Bene. Da Fundação de São Paulo regulouce VasConcellos pelos Apontamentos do Veneravel Padre Ioze deAnchieta,

se conformaõ com a tradiçaõ antiga desta Capitania. Desenganem-se os Portuguezes, e tenham por certo, que nunca haõ de saber a Historia verdadeira do BraziL, se a estudarem por Livros compostos em Reinos estranhos: eu confesso ingenuamente, que não posso conter o rizo, quando Leio as noticias de alguns Viagerios modernos, que passaraõ pelo Brazil, e desconfio de todas as suas noticias, por estar vendo com meos olhos o contrario, do que elles affirmaõ a respeito das terras, onde tenho morado; pois não devo fiar-me, em quem não falla verdade sobre quazi todos os assumptos, que posso averiguar, ou tenho prezençado.	se conformaõ com a tradiçaõ antiga desta Capitania. A Republica de São Paulo foi como a de Platão, existente só na ideya do Impostor Beneditino o Padre Ioze Vai-sete.
(11.) A Republica de São Paulo foi, como a de Plataõ, existente só na idêa do Impostor, que lhe deo subsistencia.	
(12.) Esta prata extrahiaõ sem duvida os Paulistas das Minas nunca descobertas da Capitania de São Vicente, a qual não obstante estar occulta nas entranhas dos montes, era muito propria, para elles satisfazerem hum tributo ficticio.	
(13.) Parece, que o Author se contradiz;	Parece que o Autor se contradiz,
reduziraõ á paz os dous bandos inimigos, persuadindo-lhes com razoes efficazes , que nos Pelouros da Camara entrassem	reduziraõ a paz os dous Bandos inimigos, persuadindo-os, que nos Pelouros da Camara entrassem
Ouvio pois dizer Vaisete, ou quem lhe deo a noticia,	Ouvio pois Vaisete, ou quem lhe deo a noticia,

e não sabendo a razão disso, e tambem que couza seja o Tribunal, a que os Portuguezes chamamos Camara, ignorando outro sim, que aos Officiaes della damos o titulo de Republicanos, sem no ditto Tribunal, se achar a jurisdição adherente aos Magistrados Supremos das verdadeiras Republicas; escreveo, que os PauListas não permittiaõ a Estrangeiros entrada na sua Republica.	e não sabendo a razão disso, escreveo que os Paulistas não permitiaõ a Estrangeiros na Sua Republica.
(14.) Se o Author chamasse Plagiarios aos Paulistas antigos,	Se o Autor chamou Plagiarios aos Paulistas antigos,
e vendiaõ os Indios, como Escravos sendo Livres estes pobres homens; mas nenhum fundamento teve, para os denominar Piratas. Esta gente infame, e depravada, rouba, quanto acha, e o mais ordinario estilo dos Piratas Christaons, he contentarem-se com as fazendas, e não captivarem aos donos dellas. Quem pode dizer com razão, que os Paulistas em tempo algum cometeraõ semelhante vileza? Digamos a verdade, sou obrigado a confessar que muita gente accuzava aos Antigos de homicidas,	e vendiaõ os Indios como escravos, sendo livres; mas sem fundamento os denominou Piratas. Quem pode dizer com razão, que os Paulistas em tempo algum cometeraõ semelhante vileza? Hé certo que muita gente acuzava aos antigos de homicidas,
e antes muito pelo contrario eraõ notados de prodigos, e nimiamente desinteressados, por serem generozos, e liberaes com excesso:	e antes muito pelo contrario eraõ notados de prodigos, por generozos, e liberaes com excesso:
nos seos principios; o que não fizeraõ, desperdiçando muitas arrobas deste preciozo metal. Que haviaõ elles de furtar aos Indios dos Sertoens. Se todos sabem, que os Indigenas do Brazil eraõ pauperrimos? Bons eraõ para isso	nos Seus principios. Eraõ homens, que ainda nas Guerras Civis

huns homens, que até na occasião das guerras civis	
e escrever a dita guerra com espirito de parcialidade. Encontrando , diz o Padre, (p) (o exercito dos Paulistas)	e escrever a dita Guerra com expirito de parcialidade == dis o Padre. (n) // O exercito dos Paulistas /
(15. Esta he outra noticia falsa, a que deo motivo facto verdadeiro, porem ignorado pelo Author. A Capitania de São Vicente no primeiro seculo não dependeo do dominio imediato dos Soberanos Portuguezes, por ter Donatarios, que a governavaõ como Senhor imediato.	A Capitania de São Vicente no primeiro Seculo não dependeo do dominio Soberano da Magestade por ter Donatario que a governava.
Depois que o Senhor Dom João o quinto	Depois que o Senhor Dom Ioaõ quinto
comprou as 50. legoas do Marquêz de Cascaes, Successor de Pedro Lopes de Souza , e a Coroa, quando tomou posse	comprou as 50 legoas do Marquez de Cascaes, e a Coroa tomou posse
das 100. pertencentes aos herdeiros de Martim Affonso de Souza ,	das 100 pertencentes aos Erdeiros de Martim Afonso,
O Iezuita Francisco Xavier Charlevoix	O Iezuita Charlevoix
de outra colonia vizinha, (3.) em a qual o Sangue Portuguêz se misturou com o dos Indios. (4.) O contagio deste mau exemplo chega bem depreça a São Paulo, e desta mistura sahio huã geração perversa, (5.) da qual as desordens em todo o sentido chegaraõ tão longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos por cauza da sua similhaça com os antigos Escravos dos Soldoens do Egypto. (6.) //	de outra Colonia Vezinha, que foi a Villa de Santo Andre, em a qual o Sangue Portuguez se misturou com o dos Indios por morarem naquella Villa os filhos de Ioaõ Ramalho Portuguez, e Izabel Princeza dos Guayanazes, e filha de Teviriçâ, os quaes filhos de Ramalho foraõ objecto do Odio Iezuitico em todas as partes do mundo, onde chegou a Chronica do Padre Vasconcellos. O contagio deste máo exemplo chega bem depressa a São Paulo, e

<p>(3.) Esta colonia vizinha, a que o Author chama manancial da corrupção, foi a Villa de Santo André.</p> <p>(4.) Diz, que o sangue Português se misturou com o dos Indios de Santo André, por morarem nesta Villa os filhos de João Ramalho, Português, e Jzabel, Princeza dos Guaianazes, os quaes filhos de Ramalho foraõ objecto do odio Jezuitico em todas as partes do mundo, onde chegou a Chronica do Padre Vasconcellos. Muito se enganou Charlevoix, se presumia, que somente em Santo André se misturou o sangue Português com o dos Indios, e devia instruir-se mais na Historia Genealogica da Capitania de São Vicente, se julgava, que todos os Paulistas trazem sua origem de sangue misturado.</p> <p>(5.) Affirmar o Author, que da mistura do sangue sahio huã geração perversa, he suppor, que o sangue dos Indios influio para a maldade, suppozição, que muito deshonra, senão á crença, ao menos ao juizo de hum sabio Catholico; por quanto nem a Divina Graça perde a sua efficacia, nem a Natureza se perverte, ou a malicia adquire maiores forças, quando o sangue Europeo se ajunta com o BraziLico. Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, em quanto não concorreraõ para elle os Mestiços da colonia vizinha; ora he certo, que no principio todo aquelle Povo se compunha de Piratininganos: logo o fermento da corrupção não consistio no sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo accresceo, e veio misturar-se com o dos pios, e inocentes moradores de São PauLo. Conceder</p>	<p>desta mistura Sahio huma geração preversa, segundo supoem o Autor, que o Sangue dos Indios influio para a maldade, quando este se junta ao Sangue Europeo.</p> <p>Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, enquanto não concorrerão para elle os Mestiços da Colonia Vezinha; Ora hé certo que no principio todo aquelle Povo se compunha de Pirátininganos: Logo o fermento da Corrupção não consistio no Sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo acresceo, e veyo misturar-se com o dos pios, e innocentes moradores de São Paulo; cujas dezordens em todo o Sentido chegaraõ taõ longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos. Os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ Summamente aos Mamelucos dos Paulistas, / estes homens eraõ filhos de branco com India / e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a sua mayor esperança, digo era a mesma que nos taes Paulistas concorria, para os amarem com excesso, pois eraõ os Mamelucos melhores Soldados dos exercitos aSoladores das Missoens: Elles muitas vezes foraõ os Chefes das Tropas Conquistadoras, e por elles mandavaõ seus Pays atacar os Indios bravos, por conhecerem a Sufficiencia destes filhos bastardos, creados na Guerra, e acostumados ao trabalho e por isso mais aptos, do que os Brancos,</p>
---	--

esta illação, seria manifesta parvoice; mas ella se infere legitimamente das noticias de Charlevoix. De falsas premissas nunca se deduzirão consequencias verdadeiras.

(6.) Mamalucos chamaõ no Brazil aos filhos de Branco com India, ou de Indio com Branca. Ignoro a origem desta denominação, e não creio, que fosse a assignada pelo Author, por me parecer, que nestas partes se ignorava a Historia dos Soldoens do Egypto, quando se principiou a fallar, por aquelle modo. O que sei com toda a certeza, he, que os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ sũmamente aos Mamalucos dos Paulistas, e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a mesma, que nos taes Paulistas concorria, para os amarem com excesso. Eraõ os Mamalucos os melhores Soldados dos exercitos assoladores das Missoens: elles muitas vezes foraõ os Chefes das Tropas conquistadoras, e por elles mandavaõ seos Pays atacar os Indios bravos, por conhecerem a sufficiencia destes filhos Barbaros, criados na guerra, e acostumados ao trabalho, e por isso mais robustos, e mais aptos, do que os Brancos, para supportarem os incomodos dos Sertoens. O seo prestimo, e valor, e tambem as suas victorias, deraõ occasiaõ aos Jezuitas, para os aborrecerem, como a instrumentos principaes da destruição das suas Missoens. Devo confessar, que aos Mamalucos se attribue a maior parte dos homicidios taõ frequentes n'outro tempo em São Paulo, e nas mais Villas de Serra acima: como eraõ gente rustica e acostumada a matar nas

para suportarem os incomodos do Certaõ, e como era gente rustica, desconfiada, e acostumada a matar nas guerras, faziaõ pouco escrupulo de tirar a vida a qualquer genero de pessoa, não só por mandado de Seus amos, mas tambem por leves agravos, e alguns só presumidos.

<p>guerras, faziaõ pouco escrupulo de tirar a vida a qualquer genero de pessoas, não só por mandado de seos Amos, mas tambem por Leves aggravos, e alguns só presumidos.</p>	
<p>ajudados pelos Superiores EccLeziasticos, (7.) por deter o curso desta. inundaçaõ, a dissoluçaõ se fez geral, e os Mamelucos sacudiraõ em fim o jugo da authoridade Divina, e humana. (8.) Hum grande numero de Banidos</p> <p>(7.) Se eu disser, que o Author nesta parte escreveo o contrario, do que entendia, não me accuzará de temerario, quem Ler, o que elle mesmo refere no tomo 2 anno 1630. onde contando o requerimento, que a beneficio das Missoens Castelhanas vieraõ fazer na Cidade da Bahia ao Governador geral do Estado, os Padres Macéta, e Manilha, diz assim: # Dom Luiz de Oliveira, Governador, e Capitão geral do Brazil, recebe-os bem, acha os seos requerimentos muito justos, nomea hum Comissario, que teve ordem de passar com elles a São Paulo de Piratininga, e lhes fazer huã inteira, e prompta justiça sobre todos os pontos do seo requerimento; mas como elle lhes não fallava em uzar de força, para lhe obedecer, logo os Missionarios comprehenderaõ, que tudo isto se não fazia, senaõ pela fórma. # Mais adiante accrescenta: # Muitos pelo tempo adiante attribuirãõ as conquistas dos Olandezes no Brazil á tolerancia, que tinha havido nas entradas dos Mamelucos, etcoetera # Nem esta tolerancia, nem aquella ordem do</p>	<p>ajudados pelos Superiores Eccleziasticos por deter o curso desta innundaçaõ, a dissoluçaõ se fez geral, e os Mamelucos sacudiraõ emfim o jugo da Autoridade Divina, e humana. Se se disser que o Autor nesta parte escreveo o contrario do que entendia, conhecerá isso mesmo, quem ler, o que elle escreveo, e refere no tomo segundo anno de 1630, onde contando o requerimento, que a beneficio das Missoens Castelhanas vieraõ fazer na Cidade da Bahya ao Governador Geral do Estado os Padres Maceta, e Manilha sobre o procedimento dos ditos Mamelucos. Hum grande numero de Banidos</p>

Governador geral, dada só pela fôrma, se compadecem, com a asseveração, de que os Governadores geraes trabalharaõ, por impedir as invazoens dos PauListas.

Que esforço fariaõ os Superiores Portuguezes, por deter o curso das suas conquistas nas Missoens Castelhanas, se até os Governadores Espanhoes as estimavaõ por razoens politicas, segundo adverte o proprio Charlevoix tomo 2. anno 1638. e 1639. dizendo: # He sem duvida de admirar, que os Governadores Espanhoes, a quem os Missionarios fizeraõ sobre isto reprezentaçoens reiteradas, tenhaõ tido taõ pouco cuidado; mas elles se deicharaõ prevenir contra os Religiosos por pessoas, que só tinhaõ a vista no seo interesse proprio, ao qual elles sacrificaraõ o do Estado, e o da religião, não querendo mais Christaons entre os naturaes do paiz, do que aquelles, que elles podiaõ fazer Escravos. # Ora quem assim escreveo, não podia crer, nem assentar com sigo, que os Governadores, e Magistrados entraraõ no empenho referido por Charlevoix.

Os Magistrados, e Governadores Portuguezes, huns eraõ particulares, e outros cõmundos: os Capitaens móres, Ouvidores, Provedores da Fazenda Real, Iuizes Ordinarios, Camaristas desta Capitania, interessavaõ no captiveiro dos miseraveis Indios, como os outros moradores, e por este motivo se proibiaõ apparentemente as entradas do Sertão, para mostrarem, que davaõ cumprimento ás Leis, e no segredo as aconselhavaõ,

e favoreciaõ, quanto lhes era possivel; os Governadores, e Ouvidores geraes, tambem as disfarçavaõ por voto indiscreto da religiaõ, e conveniencia do Estado. Iulgavaõ ser mais util aos Infieis viverem captivos, mas Christaons, entre os Brancos do que morrerem sem o Baptismo na sua liberdade, e condemnarem-se: reconheciaõ, que da escravidãõ dos Indios descendia a riqueza, e augmento destas Capitancias, e os mais zelozos do bem cõmun, e augmento da Jgreja, eraõ por isso os menos solictos na observancia das leis oppostas a escravidãõ. Mesmo no tempo da uniaõ das duas Coroas sobre huã só cabeça, não podiaõ tolerar os Magistrados Portuguezes, que os Jezuitas Espanhoes fossem com suas Missoens estendendo portentozamente as Provincias Castelhanas; e como não havia outro meio de repellir a força, e dêter aquelle injusto progresso, senaõ convindo com a vontade dos Paulistas, não se oppunhaõ efficaamente ás suas invazoens.

Depois que se tomou a rezoluçaõ de trabalhar vigorozamente no descobrimento de Minas, e se conheceo, que somente os Paulistas eraõ capazes de fazer ao Rey este grande serviço, o qual elles não podiaõ emprender sem Indios, occorreo de novo outra razãõ forçoza, para se permittir, que os conduzissem dos Sertoens. Mas, tanto que os Senhores Reys Portuguezes promulgaraõ as leis novissimas, respectivas a escravidãõ dos Brazis, e assim os Generaes, como os Ouvidores geraes, se persuadiraõ,

<p>que deviaõ zelar a sua execuçaõ, por terem já cessado as cauzaas motivas de antes a disfarçarem, logo todos os Indios, e os descendentes das mulheres desta gente, foraõ postos em liberdade, e ninguem mais se arrogou a hostilizar aos Barbaros.</p> <p>(8.) Com esta expressaõ denota, que os Paulistas negaraõ a obediencia devida aos Soberanos Portuguezes, o que elles nunca fizeraõ.</p>	
<p>situada sobre o cume de huã montanha, (9.) não podia ser subjugada, senaõ por fome, (10.) e por esta cauza eraõ precizos numerozos exercitos, que o Brazil, e ainda menos o Paraguai, não estavaõ em estado de fornecer, alem de que hum pequeno numero de gente determinada podia facilmente defender as entradas, que fossem precisas, para os reduzir.</p> <p>O que admira, e o que póde ser, impedio, que não tomasse o Paraguai em os principios as suas medidas contra os Mamalucos, (11.) he, que estes não tinhaõ necessidade de sahirem do seo Districto, para viver em abundancia, e para gozar de todas as comodidades da vida.</p> <p>(9.) Impropriamente diz o Author, que a Villa de São Paulo está situada sobre o cume de huã montanha; porque não há serra alguã proxima a esta Villa, hoje Cidade. Ella demora em Lugar alguã couza elevado; mas não tanto, que seja difficil a sua expugnaçaõ, depois de ter chegado o Inimigo a Borda do campo, 3. legoas distante da Cidade.</p> <p>(10.) Dezejara eu perguntar ao Padre Charlevoix, onde se havia de pôr o cerco,</p>	<p>Situada sobre o Cume de huma Montanha impropriamente dis o Autor; porque não há Serra alguma proxima a esta Villa, hoje Cidade: que ella não podia ser Subjugada senaõ por fome; dezejava perguntar ao Padre Charlevoix onde se havia depór o cerco para Subjugar por fome a Villa de São Paulo, Situada em hum Campo de muitas legoas, abundante de tudo, quanto hé necessario para se alimentarem os seus moradores? Por esta cauza eraõ precizos numerozos exercitos, que o Brazil, e ainda menos o Paraguay, não estavaõ em estado de fornecer; alem de que hum pequeno numero de gente determinada podia facilmente deffender as entradas, que fossem precisas para os reduzir.</p>

<p>para subjugar por fome a Villa de São Paulo? No Cubataõ abaicho das Serras, ou no campo, depois dellas passadas? Depois de passadas as Serras, não haveria a difficuldade, que tanto encarece o Author, por não concorrer circumstancia alguã no sitio da Villa, que a faça inexpugnavel, ou difficultoza a sua entrada. Em baicho, porem das Serras, ainda que alli se ajuntassem, e muitos annos permanecessem todos os exercitos do mundo, não seriaõ elles bastantes, para que os Paulistas se rendessem, obrigados da fome. Como teria falta de viveres huã Povoação, situada em hum campo de muitas Legoas, e abundante de tudo, quanto era necessario, para se alimentarem os seos moradores, os quaes exportavaõ para fora da Capitania huã imensidade de fructos, a que não podiaõ dar consumo?</p> <p>(11.) O Padre suppoem, que todos os Paulistas eraõ MamaLucos, e este he hum erro intolleravel.</p>	
Os Paulistas nunca se oppuzeraõ, nem podiaõ oppôr-se ao primeiro estabelecimento	Os Paulistas nunca se opuzeraõ ao primeiro estabelecimento
foraõ expulsos de toda a Capitania de São Vicente pelos moradores della,	foraõ expulsos de toda a Capitania pelos moradores della;
foraõ o instrumento, por Deoz escolhido, para entroduzir no gremio da sua Igreja	foraõ o iñstrumento para introduzir no Gremio da Igreja
a despovoarem suas barbaras Regioens; pois abraçaraõ a fé Catholica todos, quantos chegaraõ com vida a São Paulo.	a despovoarem suas Barbaras regioens, e abraçarem a fé Catholica.
nas dilatadissimas Provincias de Guairá, Itaty, e Tape.	nas Provincias de Guairá, Itatý, e Tape.

até o rio de Paranapanema	athé o Rio Paranampanema
Respira em São Paulo de Piratininga hum ar muy puro,	Respira São Paulo de Pirátininga hum ar mui puro
Todas as terras são ferteis, e dão muito bom trigo; as canas de assucar produzem bem ; nellas se achão muito bons pastos, e assim não por outro motivo,	As terras do Pais são ferteis, e com grande facilidade da agricultura produzem muito bom trigo, as Canas do Assucar, [...] Nas mesmas terras se achão tambem muito bons Campos, e assim não por outro motivo,
os unicos Habitantes da Cidade de São Paulo	os unicos Habitantes de São Paulo,
e Religiozos da Companhia de Jezus :	e Religiozos da Companhia:
com a extravagancia de haver sido a Villa fundada por homens, que delles fugiaõ. Estariaõ por certo bem seguros em latibulo, onde se executavaõ até os dispotismos dos mencionados Governadores.	com a extravagancia de haver sido a Villa fundada por homens, que delles fugiaõ.
169. O estilo dos Banidos he, auzentarem-se para lugares, onde não tenhaõ jurisdição os Senhores das terras, em que os condemnaraõ; para São Paulo as avessas somente fugiraõ Banidos das quatro naçoens sogeitas aos Reis de Espanha, que tambem governavaõ o Brazil. Originou-se esta fabula de saber seo Author, que naquella Cidade	170 Originouce esta fabula de Saber seu Autor, que nesta Cidade,
Paizes baichos; e Adórnos, e Pompeos,	Paizez Baixos, Adornos, e Pompeos,
alem dos Portuguezes viessem os Espanhoes,	alem dos Portuguezes viessem Espanhoes,
foi a cauza principal de se conservarem muito tempo no seo injusto sistema. Notou Santo Agostinho, que Deoz Senhor Nosso algumas vezes permite, e disfarça as culpas humanas, a fim de conseguir maiores bens por esse	foi a cauza principal de Se conservarem muito tempo no seu injusto Systema. O mais que Vaisete, e Charlevoix referem

modo: isto se verificou a respeito das guerras injustas dos Paulistas com os Barbaros; pois dellas rezultaraõ grandissimas conveniencias ao Estado, e muita gloria ao Senhor pela conversão de inumeraveis Gentios, que os Paulistas introduziraõ na Igreja. O mais, que Vaissete, e Charlevois referem	
a Historia de Vaissete. Se eu não Lera no Livro deste douto Monge, o que elle escreve em ordem a mencionada Republica, não havia de acreditar, que em França no prezente seculo ainda se escreve com falta taõ grande de noticias verdadeiras, e menos creria, que homens taõ ilustrados daõ assenso a semelhantes imposturas. São Paulo desde o seo nascimento até hoje,	a historia de Vaisete. São Paulo, desde o seu nascimento athe hoje,
e particulares da Fazenda Real, e Defuntos, e Auzentes,	e particulares da Fazenda Real, Defuntos, e Auzentes,
Se ella fora Republica n'outro tempo, seria entaõ o seo governo diverso, do que agora he, e tambem differente do regimen das outras Villas; mas nos Cartorios se encontraõ a cada passo provas as mais convincentes, de não ter havido differença alguã nesta parte.	Se ella fora Republica noutro tempo, seria entaõ o seu Governo diverso.
para se defender, se necessario fosse, caminhou apreçado	para se deffender, Caminhou apressado
peLa porta do quintal, e todos correm apõs delles, gritando:	pela porta do quintal, todos correm apos delle gritando
181. Para que não duvide da minha veracidade, quem souber, que Amador Bueno foi meo terceiro Avo paterno, vou confirmar a substancia do cazo com as palavras de Artur de Sá, Capitaõ General da Repartição do Sul, e Governador da Cidade de São Sebastião do Rio de Ianeiro em huã Patente	182. Este cazo se verefica com as palavras de Artur de Sá, Capitão General da Repartição do Sul, e Governandor da Cidade do Rio de Ianeiro, transcripta em huma Patente

Iuizes, e Vereadores, que tivessem servido	Iuizes, Vereadores, que tivessem servido
passada a Manoel da Fonseca Bueno, e datada aos 3. de Março de 1700.	por elle passada a Manoel da Fonseca Bueno aos 3 de Março de 1700,
182. O Senhor Dom Ioaõ o quinto	183 O Senhor Dom Ioaõ quinto
intentarão eximir-se da obediencia devida a seo legitimo Soberano; e o haverem elles tido a fraqueza de pertenderem criar hum Rey seo Compatriota enganados, e na falsa hypothezi, de que vagara a Coroa pela expulsão dos Monarcas Castelhanos, não era motivo sufficiente, para escrever Vaissete, que algum tempo se governarão em Republica, nem tambem para affirmar Charlevois, que sacudirão o jugo da auctoridade Divina, e humana.	intentarão eximir-se da obediencia devida a Seu legitimo Soberano.
he a de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem;	hé a de Itanheen;
termo da Villa de São Vicente. (v) Até esse tempo havia somente huã picada para Jtanhaem, e no anno seguinte aos 16. de Agosto he, que se rezolveo na Camara de São Vicente fazer, e alimpar o caminho para Jtanhaem, e, para assim o determinarem, concorreraõ na dita Camara o Capitaõ mór Jorge Ferreira, e os homens bons do Povo. (x)	termo da Villa de São Vicente. (g)
nem de seos filhos, e nettos. 186. No Brazil assistio Martim Affonso de Souza dous annos, e alguns mezes, nos quaes obrou muito mais, do que permittia o breve tempo da sua	nem de Seus filhos, e netos. Fundação da Capitania de Santo Amaro:

<p>existencia no Mundo novo. Certamente voltou para Lisboa em 1533. na propria Armada, em que viera: não pude averiguar o dia, nem o mez da sua partida, e consta taõ somente, que ainda se achava em São Vicente aos 4. de Março do dito anno, porque nesse dia assignou a Sesmaria de Francisco Pinto na Villa Capital das suas 100. Legoas. (c) O que nellas succedeo em os annos mais proximos a auzencia do seo famoso, e primeiro Donatario, apontarei no livro terceiro</p> <p>Fundação Da Capitania de Santo Amaro:</p>	
<p>contêdas, que houveraõ sobre os seos limites, e titulo, por onde passou á Coroa.</p> <p>Livro segundo</p> <p>1. A Capitania de Santo Amaro, muito nomeada,</p>	<p>contendas, que houveraõ sobre os seus lemites, e titulo porque passou para a Coroa.</p> <p>1. A Capitania de Santo Amaro, muito nomeada,</p>
<p>Irmaõ de Martim Affonso de Souza. Eu vou relatar, o que deste Fidalgo escreve o Chronista de Santo Antonio do Brazil,</p>	<p>Irmaõ de Martim Afonso de Souza. O chronista de Santo Antonio do Brazil escreve deste Fidalgo</p>
<p>como do Continente circumvizinho: despachou huã Esquadra,</p>	<p>como do Continente: Despachou huma Esquadra,</p>
<p>com o navio, que se esperava, já rendido. Saõ as desgraças taõ cobardes, que a ninguem acomettem, sem virem acompanhadas de outras muitas. Isto experimentaraõ os Francezes da Fortaleza;</p>	<p>com o Navio, que se espera, ja rendido. Isto experimentaraõ os Francezes da Fortaleza,</p>
<p>se voluntariamente se rendessem. Nesta occaziaõ se alliou com os Potigoarês.</p>	<p>se voluntariamente se rendessem.</p>
<p>e não lhe agradando a sua situação,</p>	<p>e não lhe agradando a Situação,</p>
<p>que assentou nesta paragem. Guarneceo as Forças novas com a artelharia da Fortaleza demolida, e dos navios aprezados, e o mais cedo, que lhe foi</p>	<p>que acentou nesta paragem; e logo despachou para o Reino</p>

possivel, despachou para o Reino	
tomou huã parte aqui em Itamaracá, e a outra em São Vicente	tomou huma parte em Itámaracâ, e outra em São Vicente,
Padre Frei Agostinho de Santa Maria, (b) o qual, segundo eu prezumo, teve por guia a Chronica manuscripta do Padre Ex-Custodio de Santo Antonio do Brazil Frei Vicente do Salvador; mas em se Lendo a carta Regia atraz copiada no Livro primeiro numero 120. e tambem os documentos, que produzi no Livro citado, Logo se conhece, que os Authores sobreditos escreveraõ enganados, por quem lhes cõmunicou as noticias.	Padre Frey Agostinho de Santa Maria. (b)
em que o mensionado Pedro Lopes	em que Pedro Lopes
da carta Regia, por della se inferir , que na Corte	da Carta Regia, que na Corte
fabricando o seu Engenho da Madre de Deoz. A Historia verdadeira da Capitania de Santo Amaro he a seguinte.	fabricando o seu Engenho da Madre de Deos.
na Esquadra cõmandada por seo Irmão Martim Affonso de Souza.	na Esquadra de Seu Irmão Martim Afonso.
o famozo Rio da Prata: he muito presumivel, que viria por Cabo de algum navio, porem subordinado a seo Irmão.	o famozo Rio da Prata.
se descobrio até agora nos ditos Livros, ou em mãos de donos particulares, por onde conste,	se descobrio athé agora nos ditos Livros por onde conste,
passasse Sesmarias de terras na extensão das suas 50. legoas. Se elle introduzisse colonos, havia de dar-lhes terras; se as dêsse; forçozamente havia de passar Cartas de Sesmarias; e, se as tivesse quando, alguã se havia de descobrir onde apparecêraõ as de Martim Affonso. Outro sim,	paçasse Sesmaria das terras na extenção das suas 50 legoas. Outro Sim,

permanecêrão incultas na vida do seo primeiro Donatario.	e permaneciaão incultas.
se estabelecesse morador algum nas outras 40. Ora eu tenho visto Sesmarias, que comprehendem a costa desde o Rio de São Vicente, ou barra da Bertioaga, até o rio Curupacé dos Antigos, a que hoje chamaão Iuquiriqueré, e todas foraão concedidas depois da morte de Pedro Lopes. Que se infere daqui? Collige-se com evidencia, que na sua vida ainda não estava povoada parte alguã da Capitania de Santo Amaro.	se estabelecesse morador algum nas outras quarenta.
em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Cômércio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etcoetera.	em Africa, Senhor de Guinë etcoetera
á creação, que fez (1.) Pedro Lopes de Souza, Fidalgo da minha caza, e aos serviços, que me tem feito, (1.) Parece, que o Escrivão errou, e devia ser. == Criação, que fiz em Pedro Lopes, == como diz a carta de Martim Affonso de Souza.	a criação, que fes em Pedro Lopes de Souza, Fidalgo da minha Caza, e os Serviços, que me tem feito,
está em altura de 6. legoas (2.) (2) A palavra Legoas está errada, e devia dizer graos.	que está em altura de 6 graos,
e da dita terra da dita linha	e da dita terra da linha
e demarcação das ditas 80. Legoas, as quaes 80. legoas se entenderão,	e demarcação das ditas 80 legoas, as quaes Se entenderão,
para todo o sempre,	para todo Sempre,
conhecerá em toda a dita Capitania,	conhecerá em toda a Capitania,
poderá pôr Meirinho d'ante o seo Ouvidor, e Escrivaens , e outros quaesquer Officiaes necessarios,	poderá por Meirinho dante o Seu Ouvidor, e outros quaesquer Officiaes necessarios,

assim na correição da Ouvidoria, como em todas as Villas, e lugares da dita Capitania , e governança;	assim na Correição da Ouvidoria, e Governança.
e mercê de juro, e herdade para sempre. Item outro si lhe faço mercê de juro, e herdade para todo o sempre das Alcaidarias môres de todas as ditas Villas,	e mercê de juro, e Erdade por todo o sempre das Alcaydarias Mores de todas as Villas,
rendas, direitos, foros , tributos,	rendas, Direitos, Tributos,
em que o dito Capitaõ, e Governador tomar posse da dita terra, poderá escolher, e tomar as ditas 10. Legoas de terra em qualquer parte	em que o Capitam Governador tomar posse da dita terra em qualquer parte;
não serão o dito Capitaõ, e Governador,	não Seraõ Capitam, e Governador,
que se matar em toda a dita Capitania	que se matar em toda a Capitania
então que succeda a femea; em quanto houver descendentes Legitimos machos, ou femeas, que não succeda na dita Capitania bastardos alguns, e que não havendo descendentes machos , nem femeas Legitimas então succederão os bastardos machos , e femeas, não sendo, pore, de damnado coito,	então que Succeda a femea, enquanto houverem Descendentes legitimos machos, nem femias, digo e femeas, não sendo pore, de damnado Coito,
se faça expressa menção dellas, e da substancia dellas , e por esta prometto	se faça expressa menção dellas, e por esta prometto
a fez em Evora ao primeiro dia do mez de Setembro	a fes em Evora em o primeiro de setembro
ter dado El-Rey somente 10. legoas nesta paragem, e haverem nella, ao menos 12. Para que	ter dado El Rey Somente dez legoas nesta paragem. Para que
se o tal, que isto assim não cumprir, fosse morto. (3.)	Se o tal, que isto assim não cumprir, fosse morto, / Supostas as Condiçoens

(3.) Suppostas as condições	
fundou a sua Capitania de Itamaracá. Ainda que esta de Jtamaracá , e a de Santo Amaro,	fundou a Sua Capitania de Itamaracá. Ainda que esta, e a de Santo Amaro
embarcou-se para o Oriente,	embarcou para o Oriente,
que se não fie no Author da America Portuguesa, o qual muitas vezes claudica, em sahindo fóra da sua patria, e são mais frequentes os seus Lapsos, quando chegar a São Vicente, e Santo Amaro. Elle em poucas palavras tres vezes se enganou, quando disse:	que se não fie no Autor da America Portuguesa. Elle em poucas palavras se enganou tres vezes quando disse
já não era Cabeça de Capitania a Villa de Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem,	já não era Cabeça de Capitania a Villa de Itanheen,
a mensionada Villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem.	a mencionada Villa de Itánheen.
Terras da Senhora Dona Jzabel de Gamboa, e de seu filho Pedro Lopes.	Terras da Senhora Dona Izabel de Gamboa, de Seu filho Pedro Lopes
que assim me pede, e eu lhe dou,	que assim me pede eu lhe dou,
no Archivo de Nossa Senhora do Carmo da Villa de Santos,	no Archivo do Carmo da Villa de Santos,
ou pela ultima mais Austral, a que hoje chamaõ de São Vicente; ora Gonçallo Affonso pedio a terra a Martim Affonso, e não a pedio a Pedro Lopes, logo tinha por certo, que a Capitania do dito Martim Affonso começava na Bertioja, e abrangia as Ilhas de São Vicente, e Santo Amaro.	ou pela ultima Austral, a que hoje chamaõ de São Vicente.
para que se não oppuzesse á novidade. Isto he suspeita minha.	para que se não opuzesse a novidade.

por onde entravaõ, e onde ancoravaõ as embarçaõens,	por onde entravaõ, e ancoravaõ as Embarçaõens,
que ao depois se moveraõ, e ainda hoje perseveraõ , deo occaziaõ a auzencia dos dous Irmaons para a India,	que ao depois se moveraõ, deo occaziaõ a auzencia dos dous Irmaons para a India,
a divizaõ conteûda na carta moderna. (1.) (1.) Nas Camaras desta Capitania não se acha a doação mais antiga, mandada por Ioaõ de Souza: talvez estaria no livro do Tombo, que mandou fazer Martim Affonso, quando aqui assistio, o qual se perdeu logo depois da sua auzencia para o Reino. Na Camara de São Vicente existem o Foral da Capitania do dito Martim Affonso, e a sua doação moderna Evorense em hum papel solto bastantemente roto: duvido da autenticidade desta Cópia, por não apontar ella o original, de onde foi extrahida; não declarar o nome, de quem a escreveo; nem dizer o anno, e lugar, onde foi Lavrada. Pela Letra parece, não ser do tempo de Dom Ioaõ terceiro. Em hum livro da mesma Camara vem outra copia somente da doação, a qual alem de ser posterior ao anno de 1664. está mutilada na parte mais essencial, porque nella faltaõ as palavras == Braço do Norte. ==	a divizaõ Conteûda na Carta moderna.
fazendo mensaõ desta Ilha, como incluída na doação de Martim Affonso. Em sūma fóra dos dous documentos acima citados, e de duas, ou trez Escripturas, em que figurou Iorge Ferreira, sempre encontro a Ilha como parte da Capitania de São Vicente nos titulos desse tempo.	fazendo menção desta Ilha.

mas tambem á Ilha, como fica dita , e desta passou ás 50. legoas	mas tambem a Ilha, e desta passou as 50 legoas
que se imaginava pertencente á Doação do dito Pedro Lopes. Eis-aqui a verdadeira origem do nome da Capitania, o qual certamente não proveio da Villa, que, diz Pita, fundara Pedro Lopes com aquelle titulo para Cabeça da sua Capitania. Em Santo Amaro de Guaibe nunca houve Villa alguã, até a povoação de Iorge Ferreira se extinguiu, antes de ter Pelourinho, e subir a maior predicamento: igual foi o successo da primeira Capella do Santo Abbade, a qual tambem se arruinou totalmente, e por esta razão os Almozarifes da Fazenda Real guardavaõ as suas alfaias, segundo consta de hum Livro da Provedoria de Santos, onde vem a carga, que della se fez ao Almozarife Christovaõ Diniz aos 24. de Setembro de 1576. (r)	que se imagina pertencente a Doação do dito Pedro Lopes.
pois alem de fazer as mesmas differenças, que já observei , confessa,	pois alem de fazer as mesmas differenças confessa
Pascoal Fernandes, e sua mulher Margarida Fernandes .	Paschoal Fernandez, e Sua mulher.
distante da Bertioga, e por isso arrumava toda a Ilha de Santo Amaro na Data de Pedro Lopes ; como agora sem outra jurisdição mais,	distante da Bertioga, e Ilha de Santo Amaro; como agora sem outra jurisdição mais
julgou, que estas comprehendiaõ a tal Ilha de Santo Amaro foi do mesmo parecer no tempo, em que governava ambas as Capitancias; mas tanto que Dona Jzabel cõmetteo sua jurisdição a outro. Logo conheceo a verdade, e assentou, que a Capitania de Saõ Vicente abrangia a Ilha de Santo Amaro.	julgou que estas Comprehendiaõ a tal Ilha de Santo Amaro.
e se lamentavaõ os effeitos deploraveis das invazoens repentinas,	e Se lamentavaõ os effeitos das invazoens repentinas,

que na Bertioga havia Levantado Martim Affonso. A falta deste propugnaculo de tal sorte horrorizou aos Habitantes da Ilha, que todos a desampararaõ.	que na Bertioga havia levantado Martim Afonso.
rezolveraõ-se a povoar segunda vez suas terras os donos,	rezolveraõ a povoar segunda vez suas terras os domnos,
Antes de muito tempo conhecêraõ todos elles o seo erro: não sei, quem lhes abrio os olhos; póde ser, que chegando esta noticia a Martim Affonso, elle os dezenganasse, remettendo á Camara de São Vicente a Copia do Foral, e da sua Doação, em que acima fallei, se he desse tempo. Depois de conhecerem o engano,	Depois de conhecerem o engano,
do Senhor Pedro Lopes de Souza, (1.) (1.) Este Pedro Lopes era o filho	do Senhor Pedro Lopes de Souza, / este era o filho
succedeo sua Irmãa Dona Ieronima de Albuquerque, e Souza,	Succedeo Dona Ieronima de Albuquerque e Souza,
a qual cazou duas vezes, a primeira com André de Albuquerque,	a qual cazou duas vezes, primeira com Andre de Albuquerque,
o Auto da posse (x) de huã Data concedida a Antonio Gonçalves dos Quintos, no qual diz o Taballiaõ, fallando de Diogo Gonçalves Castellaõ,	do auto de posse (s) de huma Data concedida a Antonio Gonçalvez Castellaõ,
tome conhecimento das couzas da dita Capitania. (1.) (1.) As terras, de que se tomou posse, ficavaõ dentro das 10. legoas, e ella foi dada aos 4. de Novembro de 1580. Supposto tinhaõ jurisdição delegada os Ouvidores de São Vicente na fórmula sobredita, para julgarem as Demandas relativas aos moradores da Capitania de Pedro Lopes, nunca	tome conhecimento das Couzas da dita Capitania.

fizeraõ mais, do que demarcar as Datas concedidas pelos Loco-Tenentes destes Donatarios, e apossar dellas a seos donos.	
e continuava o receio dos donos das Datas, situadas nesta paragem, os quaes temerosos de padecer segundo engano semelhante ao de Antonio Rodrigues de Almeida, não se davaõ por seguros sem Cartas, concedidas pelos Capitaens de São Vicente.	e continuava o receyo dos Domnos das Datas Situadas nesta paragem.
aos 9. de Fevereiro do anno precedente de 1579. (c) De similhante cautela uzaraõ Diogo Rodrigues, e Jozê Adórno em 1586. como tenho mostrado acima numero 47.	aos 9 de Fevereiro do anno precedente de 1579. (z)
todas as 50. legoas de seos Sobrinhos, e começarei pelas 10, situadas	todas as 50 legoas de Seus Sobrinhos, começando pelas 10 legoas situadas
ás quaes povoaraõ até adiante da Ilha de São Sebastiaõ. Era estilo ordinario nesse tempo ficarem sogeitas as terras novamente povoadas ás Villas mais proximas a ellas; e como nas referidas 10. legoas não havia Povoação alguma com Camara, nem Juizes, subditos de Pedro Lopes, ficou subordinado ao Porto de Santos tudo, quanto seos vizinhos tinhaõ povoado no terreno Setentrional da Capitania de Santo Amaro. Por este modo se apossou a dita Villa de Santos, não só da povoação de São Sebastiaõ, mas tambem de todas as 10. legoas, as quaes se julgavaõ pertencentes a Martim Affonso, por estarem no termo de huã Villa sua, e serem governadas pelos Capitaens, Ouvidores, Camaristas, e mais Officiaes de Iustiça, nomeados	as quais povoaraõ athe adiante da Ilha de São Sebastiaõ.

por elle, e seos Successores.	
o Auto da criação da dita Villa de São Sebastião :	o Auto da Creação da dita Villa.
estabelecer no Continente de Parnaguá. O termo da Cananéa comprehendia toda a terra existente ao Sul desta Villa, e por isso se julgava, que as ditas 40. legoas pertencião á Capitania de São Vicente, da qual era membro a Villa da Cananéa. Depois que o Marquêz de Cascaes espoliou os herdeiros de Martim Affonso	estabelecer no Continente de Parnagoa. Depois que o Marques de Cascaes expoliou aos Erdeiros de Martim Afonso
nomeando para isso a Villa de Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem;	nomeando para isso a Villa de Itanheen,
por huã das 3. Barras da Villa de Nossa Senhora do Rozario de Parnaguá,	por huma das tres barras da Villa de Parnagoa,
Capitão mór da Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem	Capitam Mór da Villa de Itánheen
havia fundado Gabriel de Lara, tomou, digo, posse em nome de Dom Diogo de Faro, e Souza,	havia fundado Gabriel de Lara em nome de Dom Diogo de Faro e Souza,
o Termo da Villa de Nossa Senhora do Rozario de Parnaguá,	o Termo da Villa de Parnagoa,
que era o Principal, e mais poderoso da terra. (d) Ainda não pude averiguar o fim da contenda, nem o partido, que tomáráo as Villas de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, Santa Catharina, e Laguna, as quaes tambem se comprehendiaõ n'outro tempo em a Capitania de São Vicente, peLa razão insinuada de ter chegado até lá o termo, e jurisdição desta Villa, antes de se criarem as de Jguape, Cananéa, e Parnaguá.	que era o principal, e mais poderoso da terra (a)
por se intitular Donatario de São Vicente, sem o ser, e não se appellidar Donatario de Santo Amaro, como devia,	por se intitular Donatario de Santo Amaro, como devia,

Dom Luiz de Castro se habilitou seo filho Dom Alvaro Pires de Castro, e como mais velho succedeo no Condado, e está pronunciado,	Dom Luis de Castro, como mais velho Succedeo no Condado Dom Alvaro Pires de Castro, e está pronunciado,
El-Rey Dom João o terceiro	El Rey Dom Ioaõ terceiro
e sem controversia lhe pertencia. Como, pois, nem o Conde, nem a Condeça, ainda tinhaõ Carta de confirmação das Capitancias de São Vicente, e Santo Amaro, nenhum delles as governou até o anno, que ao depois direi, e todos os Capitaens, Ouvidores, e Officiaes de Iustiça; eraõ nomeados por El-Rey, ou pelo Governador geral, na falta da Provizaõ Regia.	e Sem controversia lhe pertencia,
Quando ao Brazil chegou a Sentença final ,	Quando a Sentença chegou ao Brazil,
o Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires de Castro, e Souza havia passado	o Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires havia passado
haviaõ dado obediencia a Martim Affonso, e a seos Successores	haviaõ dado obediencia a Martim Afonso, e Seus Successores
concorriaõ circumstancias especiais , para melhor	concorriaõ circumstancias, para melhor
como muitas vezes faziaõ sem razão alguns Governadores geraes	como fizeraõ muitos Governadores Geraes,
O mesmo fizeraõ os Camaristas da Villa do Porto de Santos	O mesmo fizeraõ os Camaristas da Villa de Santos
naõ prejudicando o direito a Sua Magestade, ou a quem o tiver.	naõ prejudicando o Direito a Sua Magestade, ou quem o tiver.
na Villa de Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem.	na Villa de Itánheen.
o que nesta materia fizessem a seo favor, seduzidos por este modo os Camaristas , o reconhecêraõ por Capitaõ mór Loco-Tenente	o que nesta materia fizessem a Seu favor, o reconheceraõ por Capitaõ Mor, LocoTenente
com magoa excessiva do mentionado Rodrigues,	com magoa excessiva do Rodriguez,

do que passou nesta Camara com Manoel Rodrigues de Moraes	do que passou nesta Capitania Manoel Rodriguez de Moraes
que já nesta Ilha, Capitania de Santo Amaro, não há Villa, nem Justiça, por se despovoar, e nesta terra há hua Villa , que está na boca da barra desta Capitania,	que já nesta Ilha, Capitania de Santo Amaro, não há Villa, que está na boca da Barra desta Capitania,
está a Villa da Conceição de Jtanhaem,	está a Villa de Itánheen,
Martim Affonso de Souza, depois seos Successores até Lopo de Souza . E dizem, que a Capitania	Martim Afonso de Souza. E dizem que a Capitania
se porá hum Padraão, e cortará huã linha direita	se porá hum Padraão, cortará huma linha direita
a Villa de São Vicente, e a de Santos, e a de São Paulo cahem na demarcação de Vossa Senhoria (1.) outros dizem (1.) Arrumavaõ as 3. Villas na Capitania de Pedro Lopes, por ignorarem, que o nome São Vicente fora cõmun a todos os canaes, e julgarem, que só competia ao terceiro mais Austral, e vizinho á Villa de São Vicente, o qual he o unico, que ficou conservando a denominação antiga, depois que ao primeiro deraõ o appellido de Bertioga, e ao segundo o de Santos. Ao depois hei de mostrar Livro terceiro numero que Martim Affonso na Sesmaria de Pedro de Goes, passada por elle, quando aqui assistio, chama Rio de São Vicente ao do meio, que rega a Villa de Santos, e divide as duas Ilhas de São Vicente, e Santo Amaro.	a Villa de São Vicente, a de Santos e a de São Paulo cahem na Demarcação de Vossa Senhoria, outros dizem
Requereo-nos o Procurador, que pois estava de posse Vossa Senhoria não havia litigio: que a Provizaõ d'El-Rey	Requereo-nos o Procurador a Provizaõ del Rey

mandou a Manoel Rodrigues de Moraes , se eximisse logo do cargo,	mandou a Manoel Rodriguez Se eximice logo do Cargo,
nós cumprimos com nossa obrigação christaãmente no avizo, que fazemos pela obrigação de nossos cargos.	nós cumprimos com nossa obrigação de nossos Cargos.
por huã Escriptura publica lavrada nesse dia ; e aos 22. de Outubro	por huma escriptura publica, e aos 22 de outubro
aos 9. de Abril de 1622. Naõ tenho encontrado os requerimentos, que João de Moura fez na Cidade da Bahia ao Governador geral ; consta, porem , do Archivo da Camara de São Vicente,	aos 9 de Abril de 1622. Consta do Archivo da Camara de São Vicente,
por espaço de hum anno, e 10. mezes, e alguns dias.	por espaço de hum anno, dez mezes, e alguns dias.
foi sentenceada na Relação, por este modo. (1)	foi Sentenciada na Relação por este modo.
Manoel Rodrigues de Moraes , e deraõ posse dellas a João de Moura Fogaça, Procurador da Condeça de Vimieiro	Manoel Fogaça, Procurador da Condessa de Vimieyro
Bahia, e de Novembro 8. de 1623. 73. Com a Sentença, e Provizoens do Conde de Monsanto, recorreo Alvaro Luiz do Valle ao Governador geral, pedindo, que mandasse cumpri-las, e Diogo de Mendonça Furtado ordenou, o que consta da sua Provizaõ: Diogo de Mendonça Furtado do Concelho de Sua Magestade, Cômendador, e Alcaide mór da Villa do Casal, Governador, e Capitão geral do Estado do Brazil etcoetera. Faço saber, que havendo respeito, ao que da petição atraz escripta diz o Conde de Monsanto por seo Procurador Alvaro Luiz do Valle, e visto estar mandado em Relação, que se demarquem as terras, que nas Capitancias do Sul pertencem a elle, e á	Bahya e de novembro 8 de 1623 (g)

Condeça de Vimieiro, e que das Villas, que a cada hum ficarem, se tome logo posse, hei por bem, e mando aos Officiaes da Camara, e os das Villas, e Lugares, que pela dita demarcação pertencerem ao dito Conde por virtude da sua Doação, e da Sentença, que o dito seo Procurador lhes apresentar, e Certidão com o teor dos Autos do Provedor da Fazenda de Sua Magestade da Capitania de São Vicente, a quem a dita demarcação está cõmettida, lhe dem logo posse dellas, sem a isso porem, ou admittirem duvida, ou embargo algum, e hajaõ, e conheçaõ ao dito Conde por Capitão mór, e Governador das terras, Villas, e Lugares, que assim ficarem dentro da dita demarcação, e cumpraõ, e guardem as Provizoens, que delle dito Conde lhes forem apresentadas, e dem a posse ás pessoas por elle providas, e que Ioaõ de Moura, ou outra qualquer pessoa nomeada pela Condeça de Vimieiro, não uze, nem possa uzar de jurisdição alguã naquellas terras, Villas, e Lugares, que conforme a demarcação, que se fizer, pertencem ao dito Conde, e que o Ouvidor, que o Conde apresentar, mande as informaçõens necessarias para as Minas, e o que convier ao serviço de Sua Magestade para beneficio della; o que tudo assim declarado se cumprirá inteiramente sem duvida, ou embargo algum, sob pena de mandar proceder contra os que o contrario fizerem, com todo o rigor. Dada na Bahia sob meo signal, e sello de minhas armas. Alberto de Abreu a fez a 13 de Novembro de 1623. Diogo de Mendonça Furtado.

74. Esta Provizaõ, e aquella Sentença, que bem observadas dariaõ fim a todas as duvidas, foraõ occasiaõ de maiores contendas por malicia do executor. Era Provedor, como tenho dito, Fernaõ Vieira Tavares, aquelle mesmo, que tanto se havia interessado na victoria do Conde. A este Ministro sospeito apresentou Alvaro Luiz do Valle a Sentença do Desembargo, e elle assentou comsigo arrumar as 3. Villas principaes nas 50. legoas de Pedro Lopes. Para isso excogitou huã divizaõ nunca lembrada a pessoa alguã, e diversa, da que haviaõ inculcado os Capitaens, e Ouvidores antigos no tempo da primeira controversia. Gonçallo Affonso, Jorge Ferreira, e Antonio Rodrigues de Almeida, satisfaziaõ-se com arrumar nas 50. legoas a Ilha de Santo Amaro, fazendo a repartição pela Barra grande do meio: Vieira não se contentou só com isso, quiz, que a linha divizoria corresse mais ao Sul pelo ultimo braço mais Austral, para que ambas as Ilhas; e os seos fundos, ficassem pertencendo ao Conde de Monsanto.

75. A circumstancia de acabarem as 10. Legoas de Pedro Lopes ao Norte da Bertioga, e tambem a posse ãmemorial, que tomara Martim Affonso, e haviaõ conservado seos herdeiros, sem lhes disputar pessoa alguã a Ilha de São Vicente, eraõ motivo sufficientissimo, para se julgar em cazo duvidozo, que as Cartas das Doaçõens não fallavaõ da terceira barra, quando mandavaõ levantar o Padraõ junto ao Rio de São Vicente; mas Vieira deo

por certo o contrario, e teimou fazer por ella a divizaõ. Como o seo unico fim era dar as 3. Villas principaes ao Conde de Monsanto, não só prosseguio na sua teima, mas tambem rezolveo demarcar taõ somente as 10. legoas situadas no meio dos dous rios Saõ Vicente, e Curupacé.

76. Penetrando Fogaça a sua intensaõ, e constando-lhe, que se embarcava para o dito Curupacé, ou Juquiriqueré, averbou-o de suspeito, e protestou a nullidade de tudo, quanto elle obrasse; mas Tavares, sem attender a couza alguã, foi dar principio á mediçaõ naquelle rio. Na sua auzencia substabeleceo Fogaça a Procuraçaõ da Condeça em Domingos de Freitas, Advogado da Villa de Santos, ao qual tambem constituiu seo Procurador, para mostrar o direito, por onde elle Fogaça devia ser conservado nos postos de Capitão mór, e Ouvidor, que estava exercendo. Ambos foraõ esperar ao Provedor na barra da Bertioga, quando voltava de Juquiriqueré, e o que lá se passou, consta de huã Certidaõ, que ainda se conserva no Archivo da Camara de Saõ Vicente, e anda junta aos Autos do Aggravo interposto por parte da Condeça, e de Joaõ de Moura Fogaça.

77. Diz a Certidaõ:

Aos que a presente Certidaõ por authoridade de justica com o teor de hum requerimento virem, certifico eu Manoel de Matos Preto, Escrivaõ da Fazenda de Sua Magestade em estas Capitancias de Saõ Vicente, e della dou minha fé, em como he verdade, que o Capitão mór, e Ouvidor Ioaõ de

Moura Fogaça, Procurador da Senhora Condeça de Vimieiro Dona Marianna de Souza da Guerra, fez hum requerimento ao Provedor da Fazenda de Sua Magestade Fernão Vieira Tavares, cujo traslado he o seguinte. Anno do Nascimento de nosso Senhor Jezus Christo de 1624 aos 12. dias do mez de Janeiro do dito anno na Capitania de São Vicente Costa do Brazil, defronte da Fortaleza da Bertioga, e barra della, appareceo o Capitão mór, e Ouvidor João de Moura Fogaça, como Procurador bastante da Senhora Condeça de Vimieiro, e por elle foi dito ao Provedor da Fazenda de Sua Magestade Fernão Vieira Tavares, que elle requeria a sua mercê da parte de Sua Magestade dêsse juramento dos Santos Evangelhos aos Pilotos, que elle Provedor trazia em sua companhia, com os 4 que elle dito trazia, para que declarassem todos sob cargo do dito juramento, quantas legoas haviaõ do rio de Curupacé até a barra da Bertioga, Rio de São Vicente, que assim se chama, os 4. Pilotos, que elle dito Provedor trazia em sua companhia, eraõ os seguintes: João Salgado, Manoel Ribeiro Correa, Roque Pires Poço, Adriaõ Ferreira: e os 4. que elle Capitão mór, e Ouvidor comsigo trazia, eraõ Luiz Alvares Regalado, Antonio Alvares Broa, Antonio Alvares da Sylva, e Sebastiaõ Gonçalves: e o Provedor disse, que vinha de Curupacé, onde metera o primeiro Padraõ na conformidade da Sentença, e Doação do Conde de Monsanto, e que somente trazia com sigo os ditos 4. Pilotos, e que por ora não tratava do

segundo Padraõ, que havia de ser no Rio de São Vicente conforme a dita Sentença, e Doação, a qual diligencia havia de fazer com muita consideração, por quanto este Padraõ, e Marco era o de mais importancia, e o em que consistia a justiça, e o direito das partes, o que havia de fazer com os ditos Pilotos, e com mais outros, e alguns homens velhos antigos, que bem entendiaõ, qual he o dito rio na fórma da dita Sentença, e Doação, pelo que por ora não cabia fazer-se a diligencia, que o Capitaõ mór requeria: ao que logo o dito Capitaõ mór, como Procurador, requereo perante elle Provedor aos Pilotos, que declarassem (visto o Provedor lhes não querer dar juramento) quantas legoas haviaõ do Rio Curupacé até a barra de São Vicente, a que chamaõ Bertioga, e pelos ditos Pilotos todos juntos em altas vozes foi dito, que do rio de Curupacé, de donde vinhaõ, até aquelle, donde elle dito Procurador estava, eraõ 10. legoas esforçadas até 12. pelas suas Cartas. Outro sim foi requerido o dito Provedor, para que declarassem os ditos Pilotos, se aquella era huã das barras de São Vicente, e por elles todos juntos, e cada hum de por si, foi dito, que aquella era a barra da Bertioga, e do rio, por onde se vai a São Vicente. Requereo mais o dito Procurador da Senhora Condeça, que declarassem os ditos Pilotos, quantas legoas haviaõ do rio de Curupacé, de donde vinhaõ, ao derradeiro Rio de São Vicente, ao que responderaõ todos juntos diante do Provedor, que por suas cartas eraõ 15. ou 16. legoas. Outro sim pelo dito

Procurador da dita Senhora foi dito ao dito Provedor, que visto a declaração dos Pilotos, e não passarem as 10. legoas dalli, e aquelle rio ser hum braço de São Vicente, e 45. legoas, que Sua Magestade dá á Condeça de Vimieiro sua Constituinte, começarem daquelle proprio rio, donde fazia seos requerimentos, protestava, e não consentia meter-se lhe Marco, em suas terras, e defender da maneira, que Sua Magestade lhe dava lugar, os quaes requerimentos fazia, salvo o Direito de nullidade; por quanto lhe tinha posto sospeição, e tinha vindo com embargos, e apellado das taes medições. O que visto pelo dito Provedor, disse, que já tinha respondido, e que por ora não havia outra lugar. Do que de tudo fiz este termo a requerimento do Capitão mór, e Ouvidor, Procurador da Senhora Condeça, donde os ditos Pilotos se assignarão, e eu Manoel de Matos Preto, Escrivão da Fazenda de Sua Magestade, que o escrevi no dito mez, e anno atraz declarado, que são 12. de Janeiro de 1624.

78. O dia 29. do referido mez de Janeiro escolheu Fernão Vieira Tavares, para concluir a medição; e qual fosse o seo procedimento neste dia, attestaõ os Officiaes da Camara n'outra Certidaõ tambem acostada aos Autos já allegados:

Os Officiaes da Camara desta Villa de São Vicente abaicho assignados certificamos, como aos 29. dias do mez de Janeiro deste prezente anno de 1624. hindo o Provedor da Fazenda de Sua Magestade Fernão Vieira

Tavares meter hum Padraõ no rio desta Villa por virtude de huã Sentença da Relação deste Estado, hindo em sua companhia o Capitão mór Ouvidor, que ao prezente servia, Ioaõ de Moura Fogaça, outro sim Procurador da Condeça de Vimieiro Dona Marianna de Souza da Guerra, entre os quaes o dito Provedor da Fazenda, e o Capitão mór Ouvidor, houve alguãs palavras de differença, antes que partissem desta Villa ao dito effeito, ao que os ditos Officiaes por bem da paz, e quietação acudimos, e fomos em Pessoa, para evitar alguãs dissensoens, que se prezumia poder haver no lugar do dito Padraõ; e chegando nós todos ao lugar pelo dito Provedor deputado para isso, se foi o dito Provedor a hum penedo, que está n'agua salgada junto da terra da banda desta Villa, e mandou aos Pilotos, que com sigo levava, tomar rumo pela agulha; para saber, donde havia de ficar o dito Padraõ, ao que elles satisfizeraõ, e o dito Provedor em virtude disso mandou botar fóra da canoa, onde hia, huã pedra, que já levava preparada para Marco; e a este tempo acudio o dito Capitão mór Ouvidor Ioaõ de Moura Fogaça em altas vozes, como Procurador da dita Condeça de Vimieiro, dizendo-lhe, e fazendo-lhe requerimentos aos dito Provedor, que não puzesse o dito Marco naquelle lugar; por quanto as 10. legoas, que Sua Magestade dava ao Conde de Monsanto do Rio de Curupacé até o Rio de São Vicente, se acabavaõ Largamente da banda do Norte do dito rio na outra boca, e barra de São Vicente, que por outro nome se chama

Bertioga; e que do rio de Curupacé até aquelle braço da banda do Sul, rio, aonde metia o Marco, eraõ 15. legoas, e que assim o perguntasse o dito Provedor aos Pilotos, que com sigo trazia, e aos outros 4. que alli estavaõ presentes; e protestava com seos ditos de não consentir, que o dito Provedor, como seo inimigo, lhe metesse alli Marco, e que só medindo as 10. legoas na fórma da Sentença da Relação deste Estado, donde ellas acabavaõ no braço do dito rio da banda do Norte, o puzesse; porque queria obedecer á Justiça, e não por consentir em nada; porque tinha vindo com embargos á execução, porem que naquella paragem não queria consentir em tal Marco: e aos ditos requerimentos o dito Provedor respondeo, que elle não era seo inimigo; mas que dava cumprimento, ao que Sua Magestade lhe mandava, e pondo penas ao dito Capitão Ouvidor de 500. cruzados, e 2. annos de degredo para Africa, lhe não perturbasse a diligencia, que lhe era cõmettida, e mandou a seo Escrivãõ, tomasse todos os requerimentos; que o dito Capitão, e Ouvidor lhe tinha feito; ao que insistindo o dito Capitão em não deichar fixar o dito Marco no dito lugar, o dito Provedor nomeou, e houve em lugar de Padraõ, e Marco, o penedo atraz dito, que fixo estava na agua salgada: ao que acudio Logo Domingos de Freitas, que diziaõ ser Procurador da Condeça de Vimieiro, gritando, e appellidando em altas vozes a d'El-Rey, deitando 3. pedras sobre o dito Marco, que lhe acudissem ás injustiças, e força, que lhe fazia o Provedor,

por ser inimigo della sua Constituinte dita Condeça, e que com poder de seo cargo lhe tomava 5. ou 6. legoas de terra, dando-as ao Conde de Monsanto. E que o dito Provedor não corresse mais com a tal obra por diante. Nos requeria tambem; que visto o Provedor o não querer ouvir, como Juizes, e Camara desta dita Villa, o ouvissemos: ao que lhe respondemos, que nos não tocava naquelle acto mais, que po-los em paz, e que não houvesse dissensoens; e que assim o requeríamos da parte de Deoz, e de Sua Magestade: ao que requereo mais o dito Capitão, e Ouvidor, que fizessem perguntas aos ditos Pilotos, que estavam presentes, debaixo do juramento, que tinham recebido, declarassem as Legoas, que haviaõ do rio de Curupacé áquelle, donde se punha o Marco; ao que ouvimos responder os ditos Pilotos em altas vozes, que eraõ 15. Legoas; ao que sem embargo de tudo o dito Provedor houve por metido o Marco, donde dito temos, marcando dalli a terra para o Sertão, sem ahi do tal Marco deitar linha alguã. E isto he, o que passou na verdade; e por nos ser pedida a presente, a mandamos passar, démos, e assignamos, e vai sellada com o sello, que nesta Camara serve em os 5. dias do mez de Fevereiro de 1624. anos etcoetera.

79. Os Camaristas não explicaõ bem, qual seja o penedo, que ficou servindo de Marco por determinação do Provedor, nem hoje há, quem nos possa dar esta noticia. Com tudo nos Autos vem huã reposta de Alvaro

Luiz do Valle, a qual supre bastantemente áquella omissão. Diz ella:

Respondendo á citação, que se me fez, como Procurador do Conde de Monsanto, Donatario desta Capitania, digo, que por parte do dito Conde se requerera a sua justiça, e se mostrara, que o Provedor da Fazenda de sua Magestade pôz o Padraõ no Rio de São Vicente, e na parte, e lugar, onde diz a Doação do Conde, e da Condeça; porque ellas ambas dizem huã mesma couza, que he no Rio de São Vicente na parte do Norte, e diz a da Condeça no braço da parte do Norte, e ahi está posto; porque o Rio, e Barra de São Vicente, tem huã ilha na boca do dito rio, e barra, que divide as aguas em 2. braços, hum da parte do Sul, por onde entraõ os navios, quando alli vão, e outro da parte do Norte, e nesta mesma parte está posto o Padraõ, e não quer o Procurador da Condeça este braço, senão que o Rio Bertioga seja braço de São Vicente etcoetera.

80. Em se combinando a reposta de Valle com a certidão dos Camaristas, logo se conhece, que o Provedor determinou, servisse de Padraõ huã rocha da Ilha de São Vicente, criada pela natureza junto a huã prainha contigua ao oiteiro, a que agora chamaõ do Mudo, a qual prainha queria o dito Provedor, que fosse o braço do Rio de São Vicente, onde a carta de Martim Affonso manda levantar o Padraõ, queria, digo, com o ridiculo fundamento de allagar-se ella nas occasioens de preamar, formando só entãõ hum braço inconstante entre a Ilha de São Vicente, e o referido

oiteiro do Mudo, o qual oiteiro só nas taes occasioens de maré chêa parece ilha, segundo me asseguraraõ varias pessoas muito veridicas, com quem me informei. Todas protestaõ, que tem hido calçadas da Villa de São Vicente ao mensionado oiteiro do Mudo, e passado pela praia, a que o Provedor deo o nome de braço do Norte, sem molharem os sapatos, por estar ella unida á Ilha de São Vicente, e ficar enchuta nas horas de maré vazia. Eis aqui o celebre braço do Norte, onde o executor da Sentença erigio o Padraõ, sem temor de Deoz, nem vergonha dos homens.

81. Como na sua Provizaõ ordenava o Governador geral, que o Provedor, depois de demarcadas as duas Capitancias, attestasse, quaes eraõ as terras, e Villas competentes a cada hum dos Donatarios, e aos Camaristas mandava, que restituissem ao Conde tudo, quanto se achasse pertencer-lhe; com este fundamento apresentou Alvaro Luiz do Valle aos Officiaes da Camara de São Vicente no dia 6. de Fevereiro de 1624. os Autos da medição, Certidaõ do Provedor; Sentença da Relação, e Provizaõ do Governandor geral, requerendo, que empossassem a seo Constituinte das 3. Villas São Vicente, Santos, e São Paulo, visto demorarem nas 10. legoas de Pedro Lopes, segundo constava dos documentos por elle offerecidos. Achava-se auzente em São Paulo, o Capitão mór Ioaõ de Moura Fogaça, e Domingos de Freitas oppôz-se fortemente ao requerimento de Valle; supplicando, que não desapossassem a Condeça das Villas, e terras,

existentes ao Sul da Barra da Bertioga, e a Fogaça conservassem nos postos de Capitão, e Ouvidor da Capitania de São Vicente, e concludo, appellando ante omnia de todo o procedimento contrario á sua petição.

82. A Valle deferirão os Vereadores, como pedia, e a Freitas respondêrão:

Naõ somos Iuizes nesta cauza mais, que para dar cumprimento á Sentença da Relação, e á Provizaõ do Senhor Governador geral Diogo Furtado de Mendonça, em que nos manda, naõ admittamos duvida, nem embargo algum, mais do que dar cumprimento, ao que Sua Magestade manda, conforme as diligencias cõmettidas ao Provedor, conforme os Autos, que disso se fizeraõ; e remettemos tudo á Relação com o traslado da Provizaõ do Senhor Governador, e papeis, que necessarios forem. Em os 6. de Fevereiro de 624.

83. Depois de assim despachado o Procurador da Condeça, apossaraõ ao Conde de todos os lugares conteûdos no Auto da posse, o qual diz:

Anno do Nascimento de nosso Senhor Iezu Christo de 1624. annos nesta Villa de São Vicente em a Camara della, estando juntos nella os Officiaes juntos, a saber, Pero Vieira Iuiz; Pero Gonçalves Meira; Ioaõ da Costa, Salvador do Valle, Vereadores; e o Procurador do Concelho Gonçallo Ribeiro, perante elles appareceo Alvaro Luiz do Valle, Procurador bastante do Conde de Monsanto, Donatario desta Capitania, e nos apresentou em Camara a Sentença da Relação, e Provizaõ do Senhor

Governador Diogo de Mendonça Furtado, e a Doação do dito Conde, e a certidão com o teor dos Autos, que o Provedor fez da demarcação por virtude da Sentença da Relação, e Provizaõ do Governador, e requereo em virtude da dita Sentença, e Provizaõ, e Doação, lhe dessem posse desta Capitania, de todas as Villas, e Povoaçoens, e terras, que haviaõ do rio de Curupacé até este Rio de São Vicente, que he Cabeça desta Capitania, da Villa de Santos, e São Paulo, e as mais, que dentro do dito Limite estiverem: e logo os ditos Officiaes tomaraõ a dita Sentença, e Provizaõ, e Doação, lhe puzeraõ: == Cumpra-se, e registre-se, == e em virtude da dita Provizaõ, e Sentença, deraõ logo posse ao dito Conde, e a seo Procurador Alvaro Luiz do Valle conforme a Doação, e Sentença da Relação, e a Certidão dos Autos, que o Provedor fez da demarcação. E deraõ mais posse ao dito Conde da Jurisdição desta Villa, e de todos os mais nomeados na Certidão, como he Cabeça desta Capitania, Cível, e Crime, e lhe metao o Juiz Pero Vieira Tinoco a vara na mão, e os Vereadores dimittiraõ de seos Cargos, fazendo em tudo justiça. E o dito Procurador andou, e passou pela Caza da Camara, e foi em companhia dos ditos Officiaes á Praça da dita Villa, passeando-se por ella, e subio no Pelourinho, pondo as maons nos ferros delle, de maneira que logo ficou o dito Conde metido de posse por seo Procurador da jurisdição da dita Villa, e Capitania, Cível, e Crime, e assim mais lhe deraõ posse de todos os direitos, e dos tributos, pensoens

da dita Villa, e Capitania, que por meio da sua Doação, e Foral, lhe forem devidos; e mandarão, que todas as pessoas, que ao dito Conde deverem pensoens, ou outros quaesquer direitos conforme o Foral, lhe acudissem com elle. E de tudo mandarão fazer este Auto, ao qual o Procurador da Condeça de Vimieiro disse, que tinha embargo; que lhe dessem vista, para os formar. O qual Auto os ditos Officiaes assignarão com o dito Alvaro Luiz do Valle com as testemunhas, que foraõ presentes, Manoel Fernandes do Porto, Leonardo Carneiro, Pero Lopes de Moura, que assignarão com os ditos Officiaes, e Procurador. Mandarão, que dêsse vista á Condeça de Vimieiro, pedindo-a. Eu Gaspar de Medeiros, que o escrevi em auzencia do Escrivão da Camara. N. N. N.

Naõ declarou Gaspar de Medeiros o dia, em que lavrou este termo; porem do despacho, que os Officiaes deraõ a Domingos de Freitas, e dos termos da omenagem, e posses dadas em 6. de Fevereiro a Alvaro Luiz do Valle, como Ouvidor, e Capitão mór, collige-se, que nesse mesmo dia foi apossado o Conde.

84. No seguinte 7. do proprio mez de Fevereiro de 1624. remetteraõ os Vereadores de São Vicente aos de São Paulo huã Carta Precatoria, na qual declaráraõ as Villas, e Lugares arrumados pelo Provedor nas 10. legoas de Pedro Lopes, unicas, que elle demarcou. Dizia a Precatoria:

Os Officiaes da Camara desta Villa de São Vicente, Cabeça desta

Capitania, ao diante assignados, fazemos saber aos Senhores Officiaes da Camara de São Paulo, a quem esta nossa Carta for apresentada, em como nesta Camara appareceo Alvaro Luiz do Valle, Procurador bastante do Conde de Monsanto, e nos apresentou huã Provizaõ do Senhor Governador geral deste Estado Diogo de Mendonça Furtado da qual o teor he o seguinte: Diogo de Mendonça Furtado etcoetera (1)

(1) Esta Provizaõ já fica copiada acima numero 73.

E sendo-nos assim apresentada a dita Provizaõ, em cumprimento della, e da Sentença da Relação, Doação do dito Conde, e Certidão do Provedor da Fazenda Fernão Vieira Tavares, com o teor dos Autos, tudo na fórma da dita Provizaõ, démos posse ao dito Alvaro Luiz do Valle, como Procurador bastante do dito Conde de Monsanto, desta Villa de São Vicente; da Villa de Santos; dessa Villa de São Paulo; e da Villa de Santa Anna de Mogi; da Ilha de Santo Amaro, e da Ilha de São Sebastião; e Povoação da terra firme, que está defronte da dita Ilha, por as ditas Villas, Ilhas, e Povoação, entrarem na demarcação, que está feita pelo dito Provedor, desde o Rio Curupacé até o Rio de São Vicente, tudo pertencente ao dito Conde na fórma da Certidão do dito Provedor da Fazenda, e Autos, conforme a dita Sentença da Relação, e Doação do dito Conde, da qual posse se fez Auto assignando pelo dito Alvaro Luiz do Valle, e por nós: e sendo-lhe dada assim a dita posse; o dito Alvaro Luiz do Valle nos apresentou mais duas

Provizoens do dito Conde; huã, para servir de Capitão Governador; seo Loco-Tenente; com o cumpra-se do Senhor Governador geral, e outra, para servir de Ouvidor, dos quaes cargos em virtude das ditas Provizoens, e cumpra-se do dito Governador geral, lhe démos posse delles, e os está servindo actualmente: e por quanto Joaõ de Moura Fogaça foi promovido nos ditos cargos pela Condeça de Vimieiro, não póde já agora uzar de Jurisdição alguã conforme a dita Provizaõ do Senhor Governador geral, o qual Joaõ de Moura Fogaça se diz está nessa Villa, requeremos as vossas mercês da parte de Sua Magestade, e da nossa lhe pedimos por mercê, que sendo-lhes apresentada esta nossa Carta, a cumpraõ, e guardem, e em cumprimento della mandem notificar ao dito Joaõ de Moura Fogaça, para que dezista dos ditos cargos, e não uze mais de Jurisdição alguã nas ditas Villas, Jlhas, e Povoação declaradas atráz; e de vossas mercês assim o cumprirem, foraõ, o que são obrigados a fazer por bem de seos cargos, o que Sua Magestade manda, o que nós tambem faremos, quando por semelhantes cartas nos for pedido, e requerimento; e por certeza, do que dito he, vai esta por nós assignada, e sellada com o sello, que nesta Camara serve. Feita em esta Villa de São Vicente aos 7. dias do mez de Fevereiro de 1624. annos, e eu Gaspar de Medeiros, Taballiaõ publico, e do Judicial, nesta Villa de São Vicente, que ora sirvo de Escrivaõ da Camara, a fiz escrever, e subscrevi N. N. N.

ordenou, que a de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem servisse de Cabeça ao resto das terras,	ordenou, como fica referido, que a Villa de Itánheen servisse de Cabeça ao resto das terras,
e desta providencia necessaria , rezultou	e desta providencia, rezultou
<p>e conseguiu huã Carta de diligencia deste_teor: (i)</p> <p>Dom Pedro por graça de Deoz.... Me enviou a dizer por sua petição por escripto o Conde da Ilha do Principe por seo Procurador Luiz Lopes de Carvalho... lhe mandasse passar Carta de diligencia, para em virtude della se lhe dar posse de todas as Villas, e terras da dita Capitania na fórma de sua Doação, como as possuía o dito Martim Affonso de Souza, e eu mandava, e receberia mercê.... Em virtude do qual despacho se passou a prezente minha Carta de diligencia, peLa qual vos mando a todos em geral, e a cada hum em particular, que, tanto que vos for apresentada, sendo primeiro pelo dito meu Ouvidor geral assignada, e passada pela minha Chancellaria.... em seo cumprimento daréis, ou mandaréis por hum Official de Iustiça de ante vós dar posse ao Supplicante o Conde da Ilha do Principe Francisco Luiz Carneiro de Souza por seo Procurador bastante das ditas 100. legoas de terra, e de todas as Villas, e terras da dita Capitania em sua petição declaradas atrás, nesta encorporada na fórma da sua Doação, que com esta vos será apresentada, assim, e da maneira, que as possuia Martim Affonso de Souza, e como eu mando na dita Doação, e como os tinhaõ, e possuiaõ os Donatarios antecessores do dito Supplicante,</p>	<p>e conseguiu huma Carta de Deligencia. (o)</p>

<p>tudo na fórma da petição, e Doação.... E sendo cazo, que por parte de alguã pessoa, ou pessoas, venhão com embargos ao cumprimento desta Carta, vós delles não tomaréis conhecimento, posto que sejaõ de receber, antes os remettereis a este Juizo de minha Ouvidoria geral do Civel, adonde pertencem, sem embargo delles esta fareis cumprir, e guardar, assim, e da maneira, que nella se contêm.... Dada nesta minha Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos aos 26. dias do mez de Setembro de 1678. annos. O Principe nosso Senhor o mandou pelo Doutor João de Goes de Araujo do seo Desembargo, seo Desembargador, e Ouvidor geral do Civel com alçada em todo este Estado do Brazil....</p>	
<p>de como haõ de servir, e a folha 22 verso delle consta estar registado o traslado de huã Doação, cujo titulo he o seguinte: == Traslado da Doação da Capitania de São Vicente,</p>	<p>de como haõ de Servir a folha 22 Verso delle consta estar registado o traslado da Doação do Capitam de São Vicente,</p>
<p>Capitania de Martim Affonso de Souza, e nos ditos Alvarás faz a mesma declaração da Villa de São Vicente, Capitania de Martim Affonso de Souza. E na dita folha verso</p>	<p>Capitania de Martim Afonso de Souza. E na dita folha Verso</p>
<p>Martim Affonso de Souza nas terras do Brazil,</p>	<p>Martim Afonso nas terras do Brazil,</p>
<p>Traslado da Provizaõ de Sua Alteza de Antonio Tinoco Provedor da Fazenda</p>	<p>Traslado da Provizaõ de Antonio Tinoco de Provedor da Fazenda</p>
<p>Na Bahia aos 30. dias do mez de Agosto.</p>	<p>Na Bahya aos 30 de Agosto.</p>
<p>e por nella não estar o nome do Senhor Rey,</p>	<p>e por nella estar o nome do Senhor Rey,</p>
<p>aos 25. de Junho de 1551. anno. E a folha 19.</p>	<p>aos 25 de Junho de 1551. E a folha 19</p>

Governador da Capitania de São Vicente no Brazil etcoetera.	Governador da Capitania de São Vicente no Brazil.
Manda em a sua Provizaõ.	manda em sua Provizaõ.
Constituente de toda a Capitania, e Villas,	constituente de toda a Capitania, villas
Donatario Fundador da Villa de São Vicente. Em fim praticou-se o estilo observado em todas as occazioens de posses; pois nunca as tomou Donatario algum, sem que entrasse pelas terras do seo vizinho.	Donatario Fundador da Villa de São Vicente.
se achaõ os Autos da sua ultima posse;	se achaõ os Autos da Ultima posse;
o Senhor Dom Ioaõ o quinto	o Senhor Dom Ioaõ quinto,
do seo Alvará, e Escriptura seguintes: (o) Eu El-Rey faço saber, aos que este meo Alvará virem, que fazendo-se-me presente pelo meo Concelho Ultramarino o requerimento, que por elle havia feito o Marquêz de Cascaes Dom Luiz Alvares de Castro, e Souza, do meo Concelho de Estado, em que me pedia licença, para vender a Jozê de Goes, e Moraes as 50. legoas de Costa, que possuia no Estado do Brazil: 40. dellas, que começaõ 12. legoas ao Sul da Cananéa, e acabaõ na terra de Santa Anna, que está em altura de 28. graos, e hum terço, e as 10. que restaõ, principiaõ no Rio Curupacé, e acabaõ no de São Vicente; pelas quaes 50. legoas de Costa lhe dava o dito Iozê de Goes, e Moraes quarenta mil cruzados pagos logo em hum pagamento, para se pôrem na Junta do cõmercio a razão de juro, e todas as vezes, que se offerecesse occasiaõ, se empregarem em bens de raiz; alem de quatro miL cruzados, que mais lhe	do Seu Alvará, e Escriptura. (s)

dava de luvas; e sendo ouvido neste requerimento o Conde de Monsanto, filho do dito Marquêz de Cascaes, como seo ãmeditato Successor, e o meo Procurador da Coroa, a quem se deo vista, tendo a tudo consideraçaõ, e sem embargo do dito Marquêz declarar, que os rendimentos das ditas 50. legoas de terra não correspondiaõ ao referido preço, que Jozê de Goes, e Moraes lhe dava, por respeitar á honra, que da dita compra lhe rezultava, de ser Donatario de huã Capitania, cujo honorifico não era de valor para a Coroa, por ter nas ditas terras o supremo, e alto dominio, e lhe darem os Capitaens móres, que nomeava, trezentos, e vinte mil reis somente de renda por cada triennio: hei por bem, e mando ao meo Concelho Ultramarino, faça Escriptura de compra para a Coroa Real pelo dito preço de quarenta mil cruzados das ditas 50. legoas de Costa ao dito Marquêz de Cascaes com tudo, o que nellas tem, e lhe pertence por suas Doaçoens, para que fiquem Livremente encorporadas outra vez na Coroa, e patrimonio Real, a qual ficará livre de toda, e qualquer obrigaçaõ, tanto que entregar ao dito Marquêz o preço dos ditos quarenta mil cruzados, sem que por modo algum fique obrigada a minha Coroa no cazo; que os ditos quarenta mil cruzados, depois de entregues, se perderem, ou os bens, que com elles se comprarem, para o que lhe serão logo entregues, para se porem na Junta de comércio a razão de juro de sinco por cento, e o dito Marquêz haver os juros, e estes promptos para toda a occasiaõ, que se offerecer, de

se empregarem em bens de raiz; e para este effeito hei outro sim por bem, que as ditas 50. legoas de Costa, que o dito Marquêz de Cascaes tem pela mesma Doação no rio da Serêa em redondo a Ilha de Jtamaracá, e acabaõ na bahia da traição, que está em altura de 6. graos, sem embargo da clauzula da minha Doação, que diz, que as 80. legoas de terra, que foraõ dadas em Capitania a Pedro Lopes de Souza, primeiro Donatario dellas, se não poderão repartir, escambar, nem de outro modo alhear, e que andarão sempre juntas, sem embargo da Ordem do livro 2. titulo 35. paragrafo 1. e 3. e de todos os mais paragrafos da lei mental, e de quaesquer outras Leis, e Ordenações, que prohibaõ a divizaõ, partilha, escambo, ou alheações de bens da Coroa, que tudo hei por derogado, para que as ditas 50. legoas de costa, que mando comprar ao dito Marquêz, fiquem divididas, e apartadas das outras 30. legoas da Ilha de Jtamaracá, ficando-lhe estas com a Capitania dellas, jurisdições, rendas, e direitos, que nellas tem na fórma, que pela sua Doação lhe saõ concedidas, e lhe pertencem; e as 50. legoas fiquem divididas da dita Capitania, e encorporadas por esta compra na Coroa, e patrimonio Real, como se nunca della houveraõ sahido; e os quarenta mil cruzados, que pela dita compra se daõ ao dito Marquêz, e os bens, em que se empregarem, fiquem sendo bens de Morgado patrimonial, para succeder nelles a pessoa, que succeder no Morgado da Capitania de Jtamaracá, sem que em nenhum tempo, nem por nenhum

cazo possaõ tomar para a Coroa, nem se hajaõ de regular nunca pela lei mental, para o que a hei por derogada na Ordem Livro 2 titulo 35. e todos os capitulos e paragrafos della, para que em nenhum tempo os bens, em que os ditos quarenta mil cruzados se empregarem, se reputem por bens da Coroa, e quero, que esta compra seja firme, sem que em tempo algum pela minha parte, e dos Reys meos Successores, se possa desfazer, nem vir contra ella, nem allegar, que nella houve nullidades, Lezaõ, ou engano algum, para cujo effeito a confirmo, e approvo por este, e hei por supridos quaesquer defeitos, que nella pudesse haver, e considerar-se, de meo moto proprio, certa Siencia, poder Real, e absoluto, e promessa de minha fé Real, para nunca vir contra ella em tempo algum; e da mesma maneira hei por bem, que em nenhum tempo se possa allegar pela minha parte, nem pela dos Reys meos Successores, que na dita compra houve Lezaõ, ou engano contra a declaração, que o dito Marquêz me fez, de ser excessivo o preço a respeito do util, e proveitozo da dita Capitania pelo pouco, que de presente lhe rendia; porque, sem embargo de assim o reconhecer, renunciava todo o remedio da Lezaõ, que pelas leis, e Direitos possa competir, para desfazer esta venda; e hei por feita Doação ao dito Marquêz, e seos Successores, de toda a maioria do preço, que exceder ao justo valor das ditas terras, e como Rey, e Principe Supremo, declaro, e determino, serem os ditos quarenta mil cruzados o justo preço das ditas 50.

legoas de terra, que mando, se compre para a minha Coroa, e patrimonio Real, e para maior firmeza desta compra renuncio toda, e qualquer restituicão, que contra o dito contracto, ou contra as clauzulas delle, me podem competir, para que em nêhum tempo se possa implorar por minha parte; o que tudo hei por bem de minha certa siencia, moto proprio, e poder Real, e absoluto, sem embargo da Ordem livro 2. titulo 35. paragrafo 23. que trata de se poderem desfazer os cambios, e escambios dos bens da Coroa peLa lezaõ, e engano, e da Ordem livro 4. titulo 13. que trata do remedio da lezaõ, e engano nas compras, e vendas, e mais contractos, e do paragrafo 9. da Ordem do dito titulo 13. que prohihe renunciar o remedio da lezaõ, e fazer Doaçãõ da maioria do valor, ou preço da couza, e todas as mais Leis, e Ordenaçoens, Capitulos de Cortes, Glozas, e opinioens de Doutores, que sejaõ contra a firmeza deste contracto, e validade das clauzulas delle, que tudo hei por derogado de meo poder absoluto, ainda que seja necessario fazer de tudo expressa, e individual mensaõ, sem embargo da Ordem do livro 2. titulo 44. Pelo que mando aos meos Procuradores da Coroa, e Fazenda, que hoje sãõ, e ao diante forem, e mais Ministros, a que tocar, que em nenhum tempo venhaõ, nem possaõ vir contra este contracto, e compra, nem intentar desfaze-lo, e quando façaõ, não serãõ ouvidos em Juizo em couza alguã, e lhes seja denegada toda a audiencia, e por este meo Alvará hei por

inhibidos todos os Iulgadores, e Tribunaes, para que não possam conhecer de couza alguã, que se allegue contra elle, ou contra a dita compra, nem de demanda, que contra ella se mova, e lhes hei por tirada para o dito cazo toda a jurisdição, ou poder de conhecer, e julgar tudo de meo moto proprio, certa siencia, e poder Real, e absoluto, sem embargo de quaesquer Ordenaçoens, Leis, ou opinioens de Doutores em contrario, que tudo hei por derogado, como se de tudo se fizera expressa mensaõ, não obstante a dita Ordem Livro 2. titulo 44. e este meo Alvará se encorporará na Escriptura, que se ha de fazer, de compra, e do conteúdo della se porão verbas na Carta de Doação, passada ao dito Marquêz de Cascaes, das 80. legoas de terra, e em seos Registos, para que em todo o tempo conste da referida compra, e se cumprirá inteiramente, como nella se contêm, sem duvida alguã, e valerá como Carta sem embargo da Ordem do livro 2. titulo 40. em contrario, e não deve novos direitos, por ser para compra, que se faz por parte da minha Coroa, e eu assim o haver por bem sem embargo do Regimento, e ordens em contrario. Dionizio Cardozo Pereira Lisboa a 22. de Outubro de 1709. o Secretario André Lopes da Lavra o fez escrever

== Rey == Miguel Carlos. #

== Escriptura de compra, e venda: ==

Em nome de Deoz Amen. Saibaõ, quantos este Instrumento de venda, quitação, ou como em Direito melhor lugar haja, virem, que no anno do

Nascimento de Nosso Senhor Iezus Christo de 1711. em os 19. dias do mez de Setembro na Cidade de Lisboa nos apoentos, em que vive de presente o Desembargador Manoel Lopes de Barros, Procurador da Fazenda Real da Repartição do Concelho Ultramarino por cõmissaõ, que tem do dito Concelho, para em seo nome outorgar, e assignar a Escriptura do contracto ao diante declarado, em virtude de hum Alvará Real, que ao diante se faz mensaõ nesta Escriptura, e que tudo nella ha de hir incorporado; e da outra, Jozê Correa Barreto em nome, e como Procurador bastante do Marquêz de Cascaes Dom Luiz Alvares de Ataíde Castro Noronha, e Souza do Concelho de Estado do dito Senhor por hum Alvará de Procuraçaõ, pelo dito Marquêz assignado, que eu Taballiaõ conheço, e ao diante hirá trasladado nesta mesma Escriptura: por elles partes foi dito em prezença de mim Taballiaõ, e das testemunhas ao diante assignadas, que elle Marquêz de Cascaes he Donatario de 80. legoas de terra na Costa do Brazil, que foraõ dadas em Capitania a Pedro Lopes de Souza, primeiro Donatario dellas, declaradas, e confrontadas na mesma Doaçãõ com todas suas rendas, direitos, e jurisdiçoens na fórma, em que pela dita Doaçãõ foraõ concedidas, e confirmadas na pessoa do dito Marquêz por Carta de 11. de Janeiro de 1692. de que está de posse; e que tratando de vender 50. legoas da dita Costa, a saber, 40. que começaõ de 12. legoas ao Sul da Ilha da Cananéa, e acabaõ na terra de Santa Anna,

que está em altura de 28. graos, e hum terço; e as 10. restantes principião no Rio Curupacé, e acabaõ no de São Vicente == a Jozê de Goes, e Moraes, que lhe dava pelas ditas 50. legoas de Costa quarenta mil cruzados pagos logo em hum só pagamento, alem de quatro mil cruzados, que mais lhe dava de Luvás; pedio elle dito Marquêz Licença ao dito Senhor, para poder fazer a dita venda; porem foi servido rezolver, que as ditas 50. legoas de Costa se comprassem para a sua Coroa Real, sem embargo de lhe declarar, e lhe representar o dito Marquêz de Cascaes, que o rendimento das ditas terras não correspondia ao preço, que o dito comprador Iozê de Goes, e Moraes lhe dava por ellas; porque só lhe rendiaõ trezentos, e vinte mil reis de 3. em 3. annos, que era o preço, por que as arrendava aos Capitaens móres, que em cada triennio, para as governar, nomeava, e que o dito Jozê de Goes, e Moraes lhe dava pelas ditas 50. legoas de Costa a quantia acima referida em razão da honra, que adquiria, de ficar Donatario de huã Capitania de taõ grande jurisdição, o qual honorifico não era de nenhum valor para a Coroa, por ter sempre nas ditas terras o supremo, e alto dominio; e sem embargo de tudo houve o dito Senhor por bem de rezolver, e mandar, que o seo Concelho Ultramarino fizesse Escriptura de compra para a Coroa Real pelo dito preço de quarenta mil cruzados, e dos quatro de Luvás, que logo lhe mandou entregar pelas ditas 50. legoas de Costa; e os 40. lhe seriaõ Logo entregues, para se porem na

Iunta do comércio a razão de juros de cinco por cento, para o dito Marquêz, e seus Successores, haverem os ditos juros, e se acharem na dita Iunta do comércio promptos os ditos quarenta mil cruzados, para na occasião, que se offerecer, se empregarem em bens de raiz, havendo-se ouvido sobre todo o referido ao Desembargador Francisco Mendes Galvão, Procurador da Coroa do dito Senhor, como tudo se declara no Alvará, que para esse effeito se passou em 22. de Outubro de 1709. assignado pelo dito Senhor, e passado pela sua Chancelaria em 7. de Janeiro do anno passado de 710. donde são expressadas todas as clausulas, e condições do dito contracto, cujo Alvará ao diante será trasladado nesta Escriptura: e querendo ora em virtude do dito Alvará effectuar a dita venda, disse elle Iozê Correa Barreto, que em nome, e como Procurador do dito Marquêz de Cascaes, pelos Poderes de sua Procução vendia desde o dia da data do dito Alvará para sempre a elle Desembargador Manoel Lopes de Barros, Procurador da Fazenda Real da Repartição do Concelho Ultramarino para o dito Senhor, e para sua Coroa, e patrimonio Real as ditas 50. legoas de Costa acima declaradas, e confrontadas no dito Alvará, e nesta Escriptura, das quaes 50. legoas de costa he Donatario no Estado do Brazil, com tudo, o que nellas possue de direitos, rendas, jurisdições, e tudo o mais, que nas ditas 50. legoas de Costa lhe puder pertencer pela dita Doação, para que fique incorporado na Coroa, e patrimonio Real, e tira, e

dimitte do dito seo Constituinte, e em seo nome, todo o dominio, direito, propriedade, e posse, que tem, e possa ter nas ditas 50. legoas de Costa, e tudo poem, cede, e traspassa no dito Desembargador, Procurador da Fazenda Real, em nome do dito Senhor, e na Coroa, e patrimonio Real, para que todas as vezes, que o dito Senhor quizer, possa mandar tomar posse das ditas 50. legoas de Costa, e ou a tome, ou não, lha larga, cede, e transfere desde logo pela clauzula constituti, e peLa melhor fórma, e via, que em Direito haja lugar, para que as ditas 50. legoas de Costa fiquem encorporadas na Coroa, e patrimonio Real, como se nunca della houveraõ sahido, e divididas, e apartadas das outras 30. legoas de Costa da Capitania de Jtamaracá, que ficaõ ao dito Marquêz de Cascaes com as jurisdiçoens, rendas, e direitos, que nas ditas 50. legoas de Costa tem, assim, e na forma, que peLa sua Doação lhe saõ concedidas, e lhe pertencem, como no dito alvará se declara; e esta venda das outras 50. legoas referidas faz o dito Marquêz de Cascaes pelo dito preço de quarenta miL cruzados de principaL, e quatro de luvas, declarado, e determinado no dito Alvará: E logo elle Desembargador, Procurador da Fazenda da Repartição do Concelho Ultramarino, em virtude da cõmissaõ, que lhe foi concedida em 9. dias deste prezente mez de Setembro fez entregue a elle Iozê Correa Barreto, Procurador do dito Marquêz, de hum conhecimento em fórma, passado, e assignado pelo Tezoureiro geral da Iunta do

comercio, e pelo Escrivão de sua receita, pelo qual consta estarem entregues na Iunta do comércio geral os quarenta mil cruzados do preço desta venda em nome, e por conta do dito Marquêz de Cascaes a razão de juro de sinco por cento, para haver os juros delles, e ahi os ter promptos para toda a occaziaõ, que se offerecer, de se empregarem em bens de raiz; e elle Procurador da Fazenda Real em nome de Sua Magestade, e do seo Concelho Ultramarino, e pela cõmissaõ, que para isso teve, lhe cede, e transfere a elle Marquêz de Cascaes pela melhor via, e fórma de Direito toda a ação, e direito, que Sua Magestade, e o dito Concelho tenhaõ, ou possaõ ter nos ditos quarenta mil cruzados entregues na Junta do comércio, para que elle dito Marquêz por bem desta Escriptura os possa cobrar, e haver como couza sua todas as vezes, que houver occaziaõ de se empregarem em bens de raiz, e entre tanto haver, e cobrar em cada hum anno os juros delles a razão de sinco por cento, e para cobrança de huã, e outra couza lhe dê no nome, que representa, todos os poderes necessarios com toda a cessaõ, e traspasso das acçoens uteis, e exercicio dos Direitos, e Procuraçoens em cauza propria, e os quaes quarenta mil cruzados, e os bens, que com elles se comprarem, ficaõ sendo bens de Morgado patrimonial delle Marquêz de Cascaes, para succeder nelles a pessoa, que succeder no Morgado da Capitania de Itamaracá, sem que em nenhum tempo, nem por nenhum cazo, hajaõ de tomar para a Coroa, nem se hajaõ

de regular pela lei mental, a qual o dito Senhor em o dito seo Alvará há por bem de derogar neste cazo. E por elle Jozê Correa Barreto, como Procurador do dito Marquêz de Cascaes, foi aceito o dito conhecimento em fórma dos ditos quarenta mil cruzados, preço desta venda, e o recebo, do que eu TabalLiaõ dou fé, e disse, que no nome, que representa, há por bem entregar os ditos quarenta mil cruzados na Iunta do comércio, e os há por recebidos com o dito conhecimento da entrega delles, que nesta Nota hirá trasladado, e cessão, e traspasso para cobrança dos ditos quarenta mil cruzados, e seos juros, se dá por pago, e satisfeito do preço desta venda, e elle lhe dá, pLenaria, e geral quitação de hoje para todo sempre á Fazenda do dito Senhor, e ao seo Real patrimonio, para que em nenhum tempo por elle Marquêz, nem por seos herdeiros, e Successores, lhe possa ser mais pedido, nem demandado couza alguã em razão do dito preço principal desta venda; e que ainda que os ditos quarenta mil cruzados, ou os bens, que com elles se comprarem, se percaõ, não ficarão Sua Magestade, e sua Real Coroa, obrigados a couza alguã pelo preço desta venda, e elle Marquêz por si, seos herdeiros, e Successores, a fará sempre boa, firme, e certa, sem que possam nunca elle, nem seos herdeiros, nem Successores, vir contra ella em tempo algum, nem contradize-la em Iuizo, nem fóra delle, nem sobre isso poderão ser ouvidos em nenhuã Instancia; porque desde agora para todo sempre se obriga elle Marquêz em seo nome, e de seos

herdeiros, e Successores, a fazer sempre esta venda boa, e toda a eviçaõ della na fórma de Direito: E por elle Desembargador, Procurador da Fazenda Real, no nome, que representa foi dito, que aceita a dita quitaçaõ, e sobre a dita compra das 50. legoas de costa para a Coroa, e patrimonio Real, e em nome do dito Senhor, e do seo Tribunal do seo Concelho Ultramarino em virtude da cõmissaõ, que lhe foi concedida, e debaicho da fé Real na fórma, que o dito Senhor o há por bem no seo Alvará referido, promette, e se obriga, a que pelo dito Senhor, e pelos Senhores Reys, Seos Successores, e pela sua Coroa, e patrimonio Real, se cumprirá este contracto, e terá sempre por firme, e valida esta compra, que nunca virão contra ella em nenhum tempo, sem embargo de qualquer defeito, que nella possa haver; porque todos o dito Senhor há por supridos, e confirma de seo moto proprio, poder Real, e absoluto, para que nunca, e em nenhum tempo se possa desfazer: Outro sim se obriga, e promette o dito Desembargador, Procurador da Fazenda Real, no nome, que representa, que nunca em tempo algum por sua parte, nem pelo dito Senhor, ou pelos Senhores Reys, seos Successores, se possa allegar, que na dita compra houve Lezaõ, ou engano a respeito do preço della, pelo dito Senhor ser informado pela declaração do dito Marquêz de Cascaes, de que era muito excessivo o dito preço de quarenta mil cruzados, e luvas a respeito do util da dita Capitania peLo preço, que de presente rendia, e sem embargo disso

foi servido o dito Senhor resolver, e mandar, que se comprassem as ditas 50. legoas de Costa para sua Coroa, e patrimonio Real, pelo dito preço declarado, e determinado, como Rey, e Principe supremo, fez, e he o justo preço das ditas 50. Legoas de Costa, como se contem no Alvará referido, firmado por sua Real mão, e na conformidade delle o dito Desembargador, Procurador da Fazenda Real do Concelho Ultramarino, em nome delle, e na fórmula de sua comissão, em nome do dito Senhor, e dos Senhores Reys, e seos Successores, renuncia todo o remedio de lezaõ, que pelas leis de Direito possa competir, para desfazer esta compra, e toda, e qualquer restituicão, que contra este contracto, e contra as clauzulas delle lhe possa competir; e faz Doaçãõ em nome do dito Senhor em virtude de seos poderes a elle Marquêz, e a todos seos Successores, de toda a maioria do preço, que no dito computo de quarenta mil cruzados excedesse ao dito preço, e valor das ditas terras, para que por nenhuã via se possa em nenhum tempo desfazer esta Escriptura, tudo na fórmula, em que o manda, e declara Sua Magestade, que Deoz guarde, no dito Alvará, em que deroga como Rey, e Senhor de poder absoluto as leis em contrario; e promete, e se obriga elle Procurador da Fazenda Real no nome, que representa, a que por si, e seos Successores, não virá em nenhum tempo contra este contracto, nem intentarão desfaze-lo, e quando o faça, quer, e he contente de não ser ouvido em Juizo, e lhe seja denegada toda a audiencia; pois

<p>assim o há por bem o dito Senhor, inhibindo em o dito Alvará a todos os Julgadores, e Tribunaes, para que não possam conhecer de couza alguã, que contra este contracto se alLegue, e nesta fôrma estão elles Contrahentes contratados, e querem, se cumpra este contracto, para cuja firmeza obrigaõ elle Procurador da Fazenda do Concelho Ultramarino as rendas, e patrimonio Real, e a fé Real do dito Senhor, dada no dito Alvará, a que se refere, e elle Jozê Correa Barreto no nome, que representa, os bens, e rendas delle dito seo Constituinte, e em testemunha da verdade assim o outorgaraõ, pediraõ, e aceitaraõ, sendo testemunhas presentes o Capitão Jozê de Oliveira, e Manoel Luiz, Sacador da Alfandega, morador na rua da Oliveira, Freguezia de Santa Marinha, que todos conhecemos a elles partes, e são os proprios, que nesta Nota assignaraõ, e testemunhas: Manoel Lopes de Barros == Jozê Correa Barreto == Jozê de Oliveira Belleza == Manoel Luiz. //</p>	
<p>Os herdeiros de Martim Affonso, como tenho dito, e hei de repetir no Livro seguinte</p>	<p>os Erdeiros de Martim Afonso de Souza, como fica referido.</p>

ALTERAÇÃO DA ORDEM

A	F
Eu vou procurar mais longe	Vamos mais longe procurar
e deichando a mão direita a Enseada dos Maramomis. (1.) arrostou huã ilha alta na latitude de 23. graos, (1) Nota. Os antigos chamavaõ Enseada dos Maramomis, ou Guaramomis, como escrevem alguns , a huã, que fica junto ao Bairro de São Sebastiaõ,	e deixando a mão direita a Enseada dos Maramomis, ou Guarámomis, como escrevem alguns , avistou huma Ilha alta na latitude de vinte e tres graos,
He opiniaõ, ou erro cõmum, que a Esquadra de Martim Affonso entrou	por onde dizem entrara a Esquadra de Martim Afonso,
e hoje somente hé capaz de canoas	e hoje hé somente Capaz de Canoas.
Ilha de São Vicente, onde todos estamos....	Ilha de São Vicente, onde estamos todos....
47. Quando estas appareceraõ, e demandaraõ	47. Quando aparecerão as Embarçaõens, e demandaraõ
Vasconcellos nesta parte da fundação de São Paulo regulou-se	Da Fundação de São Paulo regulouce VasConcellos
Eu vou relatar, o que deste Fidalgo escreve o Chronista de Santo Antonio do Brazil , (a) sem me constituir fiador das suas noticias.	O chronista de Santo Antonio do Brazil escreve deste Fidalgo o Seguinte (a)
entrou a congratular-se com os novatos fazendo todos os esforços, por lhes persuadir , que nada temessem.	entrou a Congratular-se com os novatos, e a persuadir-lhes que nada temessem.
que vejo fazer-se mensaõ	que se vé fazer menção
creação, que fez (1.) Pedro Lopes de Souza,	creação, que fes em Pedro Lopes de Souza

(1.) Parece, que o Escrivão errou, e devia ser: == Criação, que fiz em Pedro Lopes, == Como diz a Carta de Martim Affonso de Souza.	
que suppunhaõ habitado só de feras , e bugres: parecia-lhes illuzaõ dos sentidos o mesmo, que na realidade percebiaõ, e para se livrarem da duvida, consultavaõ huns aos outros, fazendo reciprocas interrogaçoens. Desenganaraõ-se finalmente, e entaõ foi seo gosto	que Supunhão só de Feras habitado . Dezenganaraõ-se finalmente daquela illuzão dos Sentidos sobre o acontecido, e então foi seu gosto
desta Villa avizarem ao Soberano, que estava enganado;	avizarem desta Villa ao Soberano, que estava enganado,
e Sua Magestade o fez Donatario da Capitania de Saõ Thomé	e o fez, Sua Magestade , Donatario da Capitania de Saõ Thome,
a Imagem de Santa Catharina, que ainda hoje se venera em Santos, e collocaraõ-na em huã Capellinha,	a Imagem de Santa Catharina, que hoje inda se venera em Santos, e a Colocarão em huma Capelinha,
que habitariaõ nas cazas vendidas até partir a Armada, que estava no Porto. (m) (Esta foi a Armada, de que era Capitaõ mór Pedro de Goes).	que habitariaõ nas Cazas vendidas athé partir a Armada, de que era Capitam Mor Pedro de Goes , que estava no Porto. (a)
Este filho ainda rezidio algum tempo em Santos , depois da partida de Luiz de Goes, e Dona Catharina; mas por fim retirou-se fugitivo para o Paraguai	Este filho ainda rezidio em Santos algum tempo depois da partida de Luis de Goes, e Dona Catharina, e por fim se retirou fugitivo para Paraguay.
tenho encontrado varios nos Livros dos Registos das Sesmarias	se achaõ em varios Livros de registos de Sesmarias
a advertencia, que faz o Dezembargador Antonio de Villas Boas e Sampayo: (g)	que fas huma advertencia o Dezembargador Antonio de Villas Boas e Sampaio. (L)
na Vida do Veneravel Padre Joaõ de Almeida. (f) O cazal de	na vida do veneravel Padre Ioaõ de Almeyda, foi tronco dos Almeydas,

Antonio Rodrigues de Almeida foi tronco dos Almeidas, Taques, e Castanhos,	Taques, e Castanhos, o casal de Antonio Rodriguez de Almeyda. (q)
São Paulo, Rio de Janeiro, Minas geraes, Goiazes, Cuiabá, e Sertão da Bahia .	São Paulo. Rio de Janeiro, Bahya , e Minas Geraes. Etcoetera.
Tanto apreço fazia os antigos da Lavoura de cãnas,	Fazia tanto apreço da lavoura das Canaz
Querendo evitar Dom João terceiro as fraudes mencionadas,	Querendo Dom Ioaão terceiro evitar as fraudes mencionadas,
aquella bahia de agua sempre salgada ,	aquella Bahya sempre de agua Salgada ,
do General Martim Lopes de Saldanha Lobo	do General Martim Lopez Lobo de Saldanha
hoje chamaõ-lhe Piassaguera,	hoje lhe chamão o Porto de Piassaguera,
do que Lá tendes feito, tinha mandado o anno passado	do que lá tendes feito, tinha o anno passado mandado
e não lhe sendo possivel castigar pessoalmente o insulto Gentilico,	e não podendo pessoalmente castigar o insulto,
as crueldades dos taes Paulistas, de tal sorte o enfurecerão contra os moradores da Capitania de São Vicente,	as crueldades dos taes Paulistas, o enfurecerão de tal Sorte contra os Moradores de São Vicente,
constituiu Capitaõ Loco-Tenente a Gonçallo Monteiro,	constituhio Loco Tenente o Capitam Gonçallo Monteiro,
e debaixo do Tropico Austral pouco mais, ou menos , demora hum paiz deliciozo,	e debaixo pouco mais, ou menos do Tropico Austral demora hum Pais deliciozo,
No principio foi habitada somente dos filhos,	No principio da Povoação de Santo Andre, foi ella somente habitada dos filhos,
que achando-se nesta Capitania o primeiro Governador geral Thomé de Souza peLos annos de 1553, mandou criar nella huã Villa; com tanto porem, que antes disso a fortificassem com huã Trincheira,	que achando-se nesta Capitania Thome de Souza pelos annos de 1553, mandou crear nella huma Villa, com tanto porem, que antes disso a fortificassem com huma Trincheira, e quatro Baluartes, onde se cavalgasse

e quatro Baluartes, onde se cavalgasse artelharia.	Artelharia, para o que passou Provizaõ o dito Thome de Souza / o primeiro Governador Geral / ao referido Ramalho.
o qual depois de exercitar na Villa as funsoens proprias do seo ministerio, e alli dar principio	o qual, depois de dar ali principio
Alliciados pelos Religiozos, foraõ concorrendo para São Paulo muitos Indios do Sertaõ,	Aliciados pelos Religiozos, forão para São Paulo concorrendo muitos Indios do Certão,
Estes queriaõ augmentar a sua Aldêa , e aquellLes a sua Villa ,	estes queriaõ augmentar a sua Villa , e aquelles a sua Aldeya .
á execução das ordens Regias ,	a execução das Reaes Ordens ;
(2.) Devia declarar o Author , que as conquistas espirituaes de seos Socios,	166. Tambem o Autor devia declarar , que as Conquistas expirituaes de seus Socios,
muito longe de se opporem á conversão dos Gentios,	muito longe de oporem-se á Conversão dos Gentios,
havia acclamado Rey na Villa Capital de São Vicente	havia aclamado Rey na Villa de São Vicente, entãõ Capital ,
unicamente o seu naõ se encontra,	unicamente o seu se naõ encontra,
pelo Sertaõ naõ as poderãõ fazer	pelo certaõ naõ poderaõ fazelas
Elle em poucas palavras trez vezes se enganou , quando disse:	Elle em poucas palavras se enganou tres vezes quando disse
Por isso mesmo que já naõ era Procurador de Dona Izabel.	Por isso mesmo que naõ era já procurador de Dona Izabel.
da qual fez Capitaõ seu Loco-Tenente,	da qual fez seu Capitam , e Loco Tenente,
Quando ao Brazil chegou a Sentença final, era Capitaõ mór	Quando a Sentença chegou ao Brazil , era Capitam Mór
como as da Condeça. Naõ suppunha o mensionado Fernão Vieira, que taõ cedo o privariaõ do governo, e, ou fosse com esperanças de nelle ser confirmado pelo Conde de Monsanto, ou pela ambição de se	como as da Condessa. Com este procedimento, se declarou Tavares fautor do rival da Condessa,

conservar no lugar, em quanto durasse o pleito, declarou-se fautor do Rival da Condeça,	
e outra na Villa de Santos, tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real , cujo teor he o seguinte: (L)	e outra na Villa de Santos, cujo theor hé o Seguinte. (p) Sendo tambem extrahida dos Livros da Fazenda Real .
Jozê Cardozo Pereira a fez anno de 1678.	Ioze Pereyra Cardozo a fes anno de 1678.

SUBSTITUIÇÃO

A	F
A Capitania de São Vicente muito famigerada	A Capitania de São Vicente taõ celebre
com effeito tivessem sido	com effeito, tiveraõ sido
nome de Campos dos Guaitacazes.	nome de Campos de Guaitacazez:
ou por força do fado,	ou por força de fado,
do qual ninguem tinha noticia: elle he monumento preciozissimo : serve de Norte , para se conhecer o anno,	do qual ninguem tinha noticia, e serve de monumento , para se conhecer o anno,
Pelo Sertaõ atravessou a animozidade	Pelo certaõ atravessava a animozidade
e Minas geraes ,	e Minas do Ouro

por erro ou tambem malicia,	por erro, e malicia
Contra ella proseguio a demanda o Conde de Monsanto	com quem correo demanda o Conde de Monsanto
fez logo avizo dos Maioraes seos vizinhos,	avizando logo aos Mayoraes, seus vezinhos,
e que á sua custa armara todos os navios da Frota, e viera com o destino de povoar a sua Capitania.	armando á sua custa a expedição , e viera com o destino de povoar a Sua Capitania.
o termo, que he extenso, trasladarei somente o seo titulo,	e por ser extenso o termo vay transcripto somente o titulo,
38. Com este documento se convince , que os vestigios não são de Alfandega;	38. Este documento mostra que os vestigios não são de Alfandega,
eu assim entendo ao Chronista da Companhia;	assim o entendia o Chronista da Companhia,
como se verá no Livro quarto destas Memorias. Eu vou procurar mais longe	como ao diante se verá. Vamos mais longe procurar
huã netta de Jorge Pires, Cavalleiro Fidalgo, filha de seu filho Vicente Pires, vizinho de São Vicente.	humã neta de Jorge Pires, morador em Santos.
a povoação da Costa. Previo, que da Livre entrada dos Brancos em as Aldêas dos Indios haviaão de seguir-se contendias, e alterar-se a paz taão necessaria ao augmento da terra: não ignorava,	a Povoação da Costa, pois não ignorava
e seos filhos, cujos intentos eraão diametralmente oppostos aos dos Padres. Estes queriaão augmentar	e seus filhos, porque estes queriaão augmentar
primeiro Governador Geral do Estado. (g) Naõ padece a menor duvida, que no referido anno de 1553. esteve em Santos a Armada, de que Pedro de Goes era Capitão mór; porem, como não dou memorias,	primeiro Governador Geral do Estado (t) Agora não pertence averiguar

para se escrever, e expurgar a Historia da Capitania dos Guaitacazes, não me pertence averiguar,	
vinha por mar a ataca-llo. Dispôz huã bateria de 4. peças de artilharia, que havia tirado de sua preza; fez novos entrincheiramentos ao seo Forte, e mete huã parte de sua gente em emboscada em hum bosque, que cobria o Lado do mar. Os Portuguezes	vinha por mar atacalo, quando os Portuguezes
e Ruy Pinto, registadas no Cartorio da Provedoria da Fazenda Real da Villa de Santos, hoje existente na Cidade de São Paulo para onde o mudaraõ com Lamentavel estrago do dito Cartorio. Diz o Alvará:	Ruy Pinto, cujo Alvará
nem ella se deteriorou, nem he só capaz canoas. Pescadores velhos,	nem ella se deteriorou, como dizem, porque Pescadores velhos,
existente só na idéa do Impostor, que lhe deo subsistencia.	existente só na ideya do Impostor Beneditino o Padre Ioze Vai-sete.
a hirem nella jurar, que não prejudicariaõ aos donos, assim na repartição, como na purgação do assucar, nem consentiriaõ, que pessoa alguã levasse melado, ou caldo, e outro sim, que aproveitariaõ tudo, quanto se fizesse. (p)	a hirem nella jurar, de que aproveitariaõ tudo quanto se fizesse. (a).
o que deste Fidalgo escreve o Chronista de Santo Antonio do Brazil, (a) sem me constituir fiador das suas noticias.	O chronista de Santo Antonio do Brazil escreve deste Fidalgo o Seguinte (a)
se não em 1653. Vaissette suppoem, que a repugnancia dos Paulistas versou sobre a primeira fundação, tendo ella por objecto o regresso dos Padres expulsos.	se não em 1653; Cujos motivos, que houverão para o procedimento da mesma expulção se veraõ no numero 184.
se apossou dellas, mas tambem das 100. pertencentes aos herdeiros de	se apossou tambem das 100 pertencentes aos Erdeiros de Martim

<p>Martim Affonso de Souza, as quaes nessa occaziaõ se aggregaraõ ás da Coroa por erro dos Camaristas de São Paulo, nunca mais a Capitania de São Vicente foi governada, como d'antes, pelos seos Donatarios, e ficou sogeita ao Rey imediatamente. O Autor desfigura esta noticia.</p> <p>(16.) Os Benedictinos não tem Congregação no Brazil, onde somente conservaõ huã unica Provincia sogeita a Congregação de São Martinho de Tibaens do Reino de Portugal.</p>	<p>Afonso, como adiante se mostrará.</p>
<p>que haõ de vir expulsa-llo. Elle sabe muito bem, que em todo o Brazil nesse tempo havia somente a Povoação de São Vicente, a qual se compunha só de alicerces, por ainda existir no berço; e com tudo assenta, que os seos bons successos longe de firmarem o seo estabelecimento, serviriaõ somente de o virem atacar forças,</p>	<p>que haõ-de vir expulsalo, e atacar com forças,</p>
<p>das Capitancias de São Vicente, e Santo Amaro, ás quaes unicamente diz relação a circumstancia do tempo,</p>	<p>das Capitancias de São Vicente, e Santo Amaro, e o tempo</p>
<p>Aleixo Garcia, da qual me Lembrei no Apparato numero e tambem quando assignaõ a razaõ, porque os Castelhanos chamaraõ Rio da Prata ao Paraguai: O Padre Iaboataõ assenta,</p>	<p>Aleixo Garcia; e o Padre Iaboatão acenta</p>
<p>terra, para se aquartelar a gente a desembarque. Como a Esquadra vinha</p>	<p>terra; e como a Esquadra vinha</p>
<p>deraõ principio á de São Paulo os Padres da Companhia. Os primeiros Religiozos da extincta sociedade de Jezus chegaraõ ao Brazil em 1549.</p>	<p>deraõ principio a de São Paulo os Padres da Companhia, os primeiros, que chegaraõ ao Brazil em 1549</p>

Lançando toda a culpa aos filhos de João Ramalho. Vasconcellos não explica, que as diligencias foraõ reciprocas: calla as solicitaçoens de seos Socios: e pinta as dos Ramalhos por estilo, que os reputa sediciozos,	lansando toda a culpa aos filhos de Ioaõ Ramalho, e por isso os reputa Sediciozos,
Sendo-lhe necessario hir a Cidade do Rio de Janeiro,	Sendo-lhe necessario hir ao Rio de Ianeiro,
dia da Invenção da Santa Cruz,	dia de Santa Cruz,
por morarem nesta Villa os filhos de João Ramalho,	por morarem naquella Villa os filhos de Ioaõ Ramalho
Regiões principaes do Mundo novo, e perpetuou seo nome, cõmunicando-o á quarta parte do mundo ,	das Regioens principaes do novo Mundo, e perpetuou o seu nome, Comunicando-o a quarta parte do mesmo ,
Nesta parte não lhe acho razão;	Nessa parte não se lhe acha razão,
Elle foi o primeiro Povoador da Fazenda de Santa Anna,	e foi o primeiro povoador da Fazenda de Santa Anna;
de Região tão extensa;	da Região tão extensa;
completara o curso	completou o Curso
se não querer render	se não quererem render
tenho fundamentos,	há fundamentos
como demonstrou o	como demonstra o
proezas muito desmarcadas	proezas mais elevadas .
signaes evidentes de animarem espiritos generozos.	signaes evidentes de Seus expiritos generozos:
e não a regeitou Martim Affonso, e sempre a estimou muito,	o que aceitou Martim Afonso, e sempre a estimou,
havia conseguido o nome de Graõ Capitaõ,	conseguiu o nome de Grão Capitaõ.

a que servio seo Pay,	a quem servia seu Pay,
como por attensão do Conde da Castanheira	como por attenção ao Conde de Castanheira
Naõ posso rezolver, daquella importante Esquadra, e para Fundador da primeira Colonia do Brazil. tem se Martim Affonso	Naõ se pode rezolver se Martim Afonso
só posso assegurar,	só se pode aSegurar,
<p>Alvará:</p> <p>// Dom Ioaõ por graça de Deoz Rey de Portugal, e dos Algarves, d'quem, e d'alem mar, em Africa Senhor de Guiné, da Conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India: a quantos esta minha carta virem, faço saber, que para que as terras, que Martim Affonso de Souza do meo Concelho achar, ou descobrir na terra do Brazil, onde o Eu envio por meo Capitão mór, que se possaõ aproveitar, Eu por esta minha Carta lhe dou poder, para que elle dito Martim Affonso possa dar ás pessoas, que comsigo levar, e ás que na dita terra quizerem viver, e povoar, aquella parte das ditas terras, que lhe bem parecer, e segundo lhe merecer por seos serviços, e qualidades; e as terras, que assim der, serão para elles, e seos descendentes, e das que assim der ás ditas pessoas, lhes passará suas Cartas, e que dentro em dous annos da dita Data cada hum aproveite a sua, e se no dito tempo assim o naõ fizer, as poderá dar a outras pessoas, para que as aproveitem com a dita condição; e nas ditas</p>	<p>Alvará foi passado na Villa de Crato aos 20 de novembro de 1530.</p>

Cartas, que assim der, hirá trasladada esta minha Carta de poder, para se saber a todo o tempo, como o fez por meo mandado, e lhe ser inteiramente guardada, a quem a der e porque assim me praz, lhe mandei dar esta minha Carta por mim assignada, e sellada com o meo sello pendente. Dada na Villa de Castro verde a 20 dias do mez de Novembro, Fernão da Costa a fez anno do Nascimento de nosso Senhor Jezu Christo de 1530. //	
17. Não obstante dizer Sua Magestade taõ somente neste Alvará,	17. Não obstante dizer Sua Magestade somente no dito Alvará,
o muĩ magnifico Senhor	o meu magnifico Senhor,
que a todo foraõ presentes	que a todos foraõ presentes
Historiadores, assim nacionaes, como estrangeiros,	Historiadores nascionaes, e estrangeiros,
que se desviou para o extremo contrario,	que seguiu opiniaõ muito contraria.
nem aquelles Estrangeiros	nem os mais Estrangeiros
assignou o Alvará em Castro verde,	aSignou o Alvará em Crato,
o festeja aos 22. de Janeiro,	o festeja a 22 de Janeiro,
mas Pedro Taques em varios lugares de seos preciozos, manuscriptos	mas certo anonimo de bom criterio em varios lugares de Seus manuscriptos
he a ultima, e infallivel concluzaõ, que a Armada sahio	hé evidente, que a Armada sahio
adiante paragrafo 120. ignoraõ se, porem, as circunstancias da batalha, e o lugar do combate.	adiante numero 120: ignoraõ-se porem o motivo da Batalha, e o lugar do Combate.

Com prospera , e breve navegação	Com felis , e breve Navegação
conformo-me com o Author	se deve conformar com o Autor
Martir glorioso ,	Martyr glorioso ,
<p>30. O territorio desta barra distinguião os Indios com o appellido Buriquioca, que quer dizer caza de Buriquis (Buriquis são huã especie de macacos.) No principio denominaraõ desta sorte a hum monte, que alli fica adiante da Fortaleza; ao qual chamaraõ caza, ou viveiro de Buriquis, por habitarem muitos nesta paragem, onde sempre os achavaõ os cassadores; ao depois cõmunicou-se o nome proprio só do oiteiro a toda a sua vizinhança, e tambem á barra. Esta he a origem verdadeira da denominação, e não a que assignaõ os velhos destas Villas, os quaes contaõ, que os Indios, quando a primeira vez chegaraõ à Fortaleza de Martim Affonso, deraõ-lhe o nome de Buriquioca ou caza de Buriquis, por serem os cabellos dos brancos, nella moradores, da mesma cor destes animaes, cujo pelo he ruivo. A falsidade desta tradição mostra-se com huã Sesmaria passada por Antonio Rodrigues, Capitaõ mór de Santo Amaro em Santos aos 6. de Mayo de 1566. (d.) na qual diz o Capitaõ:</p> <p>// Por Domingos Garocho, morador na Villa de Santos, me foi feita huã petição, dizendo nella, que me pedia, lhe desse.... as terras, que estaõ alem da Fortaleza da Bertioga, começando do morro, a que os</p>	<p>30. O Territorio desta barra destinguiaraõ os Indios com o apelido Buriquioca, que quer dizer Caza de Macacos, e hoje transmutado Bertioga.</p>

<p>Jndios chamaõ Buriquioca.//</p> <p>Consta desta Sesmaria, que o nome foi posto pelos Jndios ao morro, e naõ á Fortaleza, a qual o tomou do tal oiteiro, ou, para melhor dizer, do sitio, onde ella foi edificada, ao qual se havia já cõmunicando o apellido do morro: nós dizemos Bertioga por corrupção do nome composto Buriquioca.</p>	
<p>arrostou huã ilha alta na latitude de 23. graos,</p>	<p>avistou huma Ilha alta na latitude de vinte e tres graos,</p>
<p>a quem agora os vê subterrados.</p>	<p>a quem agora os vé adornados de Arvoredos grandissimos.</p>
<p>a Esquadra de Martim Affonso entrou pela mencionada Barra de São Vicente:</p>	<p>entrara a Esquadra de Martim Afonso,</p>
<p>por alli passaraõ, quando eraõ rapazes, asseguraõ, que nunca a viraõ com mais agua, do que agora tem;</p>	<p>por aly passavão, sendo rapazes, aSeguraõ, que nunca a viraõ com mais agora do que agora.</p>
<p>isto mesmo dita a boa razaõ,</p>	<p>o que dita a boa rezaõ,</p>
<p>37. Ainda teimaõ os moradores desta Villa,</p>	<p>37. Ainda teimaõ alguns moradores daquella Villa,</p>
<p>saõ de hum Engenho, que alli teve Jeronimo Leitaõ. Que o Trapiche fronteiro a Tumiarú foi Engenho deste dono, prova-se com o termo da Licença,</p>	<p>saõ hum Engenho, que ali teve Ieronimo Leitão, pelo termo de licença,</p>
<p>41. Para varadouro das ditas embarçaõens menores</p>	<p>41. Para varadouro de Outras Embarçaõens menorez</p>
<p>confessa, que o primeiro</p>	<p>confia, que o primeiro</p>

47. Quando estas appareceraõ, e demandaraõ	47. Quando apparecerão as Embarçaõens , e demandaraõ
a necessidade, que havia, de todos expulsarem aos insolentes,	para unidos expulsarem aos insolentez,
Senhor dos campos de Piratininga: Regulo a quem toda a naçaõ	Senhor dos Campos de Pirátininga, a cujo regulo toda a Nasção
muitos annos antes de se ter na Europa	muitos annos antes de vir Martim Afonso, e de haver na Europa
porque logo assentou, que a Esquadra era de Portuguezes; e como até o tempo, em que elle sahira do Reino, nenhuma outra naçaõ passou a Linha, julgou com solido fundamento,	porque logo acentou, de que ella era de Portuguezes; porque athé o tempo, em que elle sahira do Reino; nenhuma outra Nasção passava a Linha, julgou com Solido fundamento,
Naõ se descuidava Ramalho de apressar o soccorro receando , que se adiantassem os Jndios	Naõ se descuidava Ramalho de apressar o Soccorro antes que se adiantassem os Indios
entrou a congratular-se com os novatos fazendo todos os esforços, por lhes persuadir, que nada temessem.	entrou a Congratular-se com os novatos, e a persuadir-lhes que nada temessem.
Depois de agradecer Martim Affonso este serviço a Joaõ Ramalho, cheio de admiraçaõ, pelo que tinha ouvido , recebeo a Tebyreçá com os obzequios devidos a hum Principe	Depois de agradecer Martim Afonso este Serviço a Ramalho cheyo de admiração pelo que ouvio , recebeo a Teviriçâ com os obzequios devidos a hum Principe,
demonstraçoens de alegria. Vinhaõ ornados com manilhas, e cocaes de pennas, que os Portuguezes muito gostaraõ de ver pela variedade, e formozura de suas cores finissimas. Os Barbaros despediaõ setas ao ar, cantavaõ, e dançavaõ ao som de instrumentos desentoados, festejo, a que corresponderaõ os Brancos com a harmonia de outros	demonstraçoens de alegria, e estrondos de Artelharia.

mais acordes, e tambem com o estrondo da artelharia	
com rusticas , porem sinceras demonstraçoens de alegria.	com grandes demonstraçoens de alegria,
Prosseguiaõ as festas, com que os Piratininganos solemnizavaõ a nova alliança, quando foraõ chegando as patrulhas das outras Aldêas	Proceguiraõ as Festas da nova aliança, e ao mesmo tempo foraõ chegando as Patrulhas das outras Aldeyas
Retiraraõ-se elles para as suas Aldêas,	Retiraraõ-se os Indios para as suas Aldeyas,
mas tambem levantou varios padroens	mas tambem levantou muitos Padroens
Junto da barra do Rio da Prata na Jlha de Maldonado assentou outro marco com as Quinas de Portugal:	Junto a Barra do Rio da Prata na Ilha de Maldonado acentou hum Padraõ com as quinas de Portugal.
mas discrepaõ entre si a respeito de alguãs circumstancias.	mas discrepaõ entre sy em algumas circumstancias.
O manuscripto, por onde se guiou o Padre, he indigno de credito: eu o supponho escripto por algũ ignorante dos successos antigos em tempo muito posterior ao facto.	O manuscripto por onde seguiu o Padre, hé indigno de credito, e escripto por algum ignorante dos Sucessos antigos, e posterior ao facto.
que hia correndo a Costa até o Rio da Prata, como se verá na Carta, que abaicho hei de copiar paragrafo 120.,	que hia correndo a Costa athé chegar ao Rio da Prata, como se verá na Carta, que vay transcripta no numero 120.
e o tempo de 6. mezes pouco mais, ou menos, he espaço muito breve, para sahir de Lisboa João de Souza; chegar a Saõ Vicente; desta Villa avizarem ao Soberano, que estava enganado; mandar Sua Magestade recolher o enganador ;	e o tempo de Seis mezes pouco mais, ou menos, hé tempo muito breve para sahir de Lisboa Ioaõ de Souza, chegar a Saõ Vicente, avizarem desta Villa ao Soberano, que estava enganado, mandar Sua Magestade recolhe-lo,

consistio em mandar Sua Magestade para a India ao culpado	consistio em mandar Sua Magestade para a India o culpado
e por isso me conformo com elle nesta parte,	e por isso se deve conformar com elle nesta parte,
que atraz citei paragrafo 38. disse:	que atraz citey numero 38. disse.
hum dos mezes do Veraõ, quando são mais frequentes, e copiozas as chuvas, penso , que o Capitaõ achou alagada a praia d'Embaré,	hum dos mezes de verão, quando são mais frequentes as Agoas, hé de presumir , que o Capitaõ achou alagada a Praya de Embarê,
e se aqui se fundasse a Villa, teriaõ os moradores o detrimento de hirem buscar agua	e Se ali se fundasse a Villa, teriaõ os moradores o incomodo de hirem buscar agoa,
62. Por estas, ou alguã outra razaõ, que ignoro , levantou a Villa no fim da praia de Tararé junto ao mar em sitio alguã couza distante do porto de Tumiarú,	62. Por estas razoens talvez levantou a Villa no fim da Praya de Itárarê junto ao Mar, e com sua distancia do Porto de Tumiarû:
O lugar da Villa não permittia desembarque, razaõ, por que mandou o Capitaõ mór abrir huã estrada, que começava em São Vicente, seguia pela praia de Tararé, continuava pela d'Embaré, e hia finalizar no sitio, onde hoje existe o Forte da Estacada quazi defronte do rio de Santo Amaro. Por aqui se conduziaõ para a Villa as cargas menos peizadas,	O lugar da Villa não permittia desembarque, e por isso mandou o Capitam Mór abrir humma estrada, que começava em São Vicente, seguia pela Praya de Itárarê, de Embarê, e hia finalizar no Sitio, onde hoje existe o Forte da Estacada, quaze defronte ao Rio de Santo Amaro, pela qual se conduziaõ para a Villa as Cargas menos peizadas,
segundo consta de alguns termos de Vereações desse tempo, nos quaes acho, que os Camaristas se congregaraõ na Igreja de Nossa Senhora da praia no primeiro de Janeiro, e 11. de Março, e na de Santo Antonio em o primeiro de Abril, e 20. de Mayo do dito anno de 1542. por ter o mar	como consta de alguns Termos de Vereações desse tempo, porque os Camaristas se congregaraõ na Igreja de Nossa Senhora da Praya por ter o mar levado a Caza do Conselho. (o)

levado as cazas do Concelho. (x)	
quando se auzentou para o Reino elle tinha já navegado para a Jndia, quando se abrião os seos alicerces.	quando se auzentou para o Reino, e tinha já navegado para a India, quando se abrião os Seus alicerces.
Ver se hia bem provada esta verdade, se chegasse a imprimir-se a Historia Genealogica Paulipolitana,	foi mais numeroza, e distincta, do que supoem os mesmos, que della descendem; cuja verdade ver se hia bem provada, se chegasse a Ser impressa a Historia Genealogica Paulo politana,
os Cartorios de todas as Villas desta Capitania, assim Seculares, como Eccleziasticos.	os Cartorios da Capitania assim secularez, como Eccleziasticos.
As memorias antigas respectivas ao Brazil, que se achaõ no Santuario Marianno e não se encontraõ n'outros livros, merecem grande attensaõ;	As memorias antigas tendentes ao Brazil, que se achaõ no Santuario Mariano, e não se encontrão em outros livros, merecem toda a attençaõ,
segundo consta do livro dos Registos das Sesmarias:	segundo consta do Livro dos Registos de Sesmariaz,
que nem esta se embarcou na Esquadra do dito Martim Affonso.	que nem esta se embarcou na Esquadra de Martim Afonso.
bastará que eu refira as pessoas, que tenho encontrado com Foro, seus filhos, e seus Jrmaons; e unicamente farei mensaõ, dos que rezidiaõ em Saõ Vicente, quando a povoação estava na sua infancia	bastará que se referira as pessoas, que se tem encontrado Com foro, seus filhos, e Seus Irmaons, e unicamente se fas menção dos que rezidiaõ em Saõ Vicente, quando a Povoação estava na Sua infancia.
cazou com Dona Paula Martins aos 5. de Mayo de 1640.	cazou com Dona Paula Martinz aos 15 de Mayo de 1640,
mas tambem a este Cabo naõ aponto no numero dos Povoadores Fidalgos	mas tambem a este Cabo se naõ aponta no numero dos Povoadores Fidalgos,
Muitas vezes o tenho encontrado com o character de Fidalgo	muitas vezes se tem encontrado com o Character de Fidalgo
Engenho d'agua chamado da Madre de Deoz, e huã Capella da Senhora	Engenho d'agoa chamado da Madre de Deos; cujo titulo ao depois se

com esta invocação, titulo, que ao depois se mudou pelo de Neves;	mudou pelo de Neves.
agora conhecida pelo nome de Capitania dos Guaitacazes	agora conhecida por Guaitacazez,
Tornou a estas partes por Capitaõ mór	Tornou para estas partes por Capitam Mor
Supponho , que nesse anno foi povoar a sua Capitania;	Supoem-se que neste anno foi povoar aSua Capitania,
por não constar, que elle navegasse para a America mais de duas vezes,	por não constar que elle navegou para America mais de duas vezes,
foi conquistar a dita sua Capitania em 1553, segundo eu tenho por certo,	foi conquistar a dita sua Capitania em 1553, o que hé certo,
costumavaõ devorar a quantos forasteiros chegavaõ á suas terras.	costumavaõ devorar a quantos estrangeiros chegavaõ as suas terraz.
de socorrerem aos naufrogantes , e salvarem as fazendas,	de Socorrerem os naufrogados , e Salvarem as fazendas,
Chegaraõ em occasiaõ fatal aos Guaitacazes,	chegaraõ em occasiaõ fatal os Guaitacazes,
Povoadores daquellas deliciozas, e ferteis campinas, onde mandaraõ Levantar curraes, e introduziraõ gado, assim vacúm, como cavallar: agora se a povoação começou Logo depois de passada a Sesmaria, ou nos annos seguintes á matança dos Guaitacazes averiguará, quem escrever a Historia da Capitania de São Thomé, por outro nome Campos dos Guaitacazes. O dominio, e propriedade della ,	Povoadores daquelas Campinas, onde introduzirão Gado vacuum, e Cavallar. O dominio, e propriedade dellas
declarando na carta da Doação, que Gil de Goes, morto fóra do Reino,	declarada na Carta da Doação, que Gil de Goes, morto fora do Reino,
lavrada nesta Villa aos 6. de Fevereiro do dito anno pelo Taballiaõ Jacome da Motta: declararaõ na tal Escriptura , que habitariaõ nas cazas vendidas até partir a Armada, que estava no Porto. (m)	lavrada na Villa de Santos aos 6 de Fevereiro do dito anno pelo Tabeliaõ Iacome da Mota, na qual declararaõ, que habitariaõ nas Cazas vendidas athé partir a Armada, de que era Capitam Mor Pedro de Goes, que estava no Porto. (a)

Este filho ainda rezidio algum tempo em Santos, depois da partida de Luiz de Goes, e Dona Catharina; mas por fim retirou-se fugitivo para o Paraguai	Este filho ainda rezidio em Santos algum tempo depois da partida de Luis de Goes, e Dona Catharina, e por fim se retirou fugitivo para Paraguay.
Dom Jeronimo de Atayde, Conde de Atouguia, então Governador geral do Estado, aprovou a concordata na Cidade da Bahia aos 24. de Novembro de 1655. a qual confirmou ao depois Sua Magestade varias vezes, como explicarei melhor, quando escrever, as guerras Civis desta Capitania.	Dom Ieronimo de Atayde, Conde de Atouguia, então Governador Geral do Estado, aprovou a Concordata na Cidade da Bahia por sua Provizaõ, de que ao diante se mostrará, e outras regias em aprovação da mesma Concordata.
chegão a ameaçallo com a morte, se não quizer empunhar o cetro.	Chegão a ameaçalo com a morte se não aceitasse a Coroa.
mais antigos da Capitania de São Vicente: digo: Mais antigos, por haver outros tambem antigos,	mais antigos da Capitania deSão Vicente: dis: mais antigos por haverem outros tambem antigos,
A pobreza os fez desconhecidos, depois de riscar das suas memorias a lembrança do nome do seo Progenitor.	A pobreza os fas hoje desconhecidos, depois de riscar das suas memorias a lembrança do nome dos Seus Progenitores.
hum pedaço das terras do Engenho da Madre de Deoz	hum pedaço de terras do Engenho da Madre de Deos,
aos 7. de Fevereiro de 1575.	em 7 de Fevereiro de 1575,
Lavrada pelo Taballiaõ João de Figueiredo em Castello bom aos 11. de Janeiro de 1575. e nella diz o Taballiaõ:	lavrada em Castello Bom aos 11 de Ianeiro de 1575, na qual dis o Tabeliaõ:
e filho do dito Antaõ Leme:	e filho de Antaõ Leme,

vindo a esta Villa	vindo a aquella Villa
e nella incluza a de Braz Fragozo, a qual diz assim: (n)	e hé do theor Seguinte. (b)
<p>por meio da exportação dos fructos Brazilicos: sabia, que todos os generos produzidos junto ao mar podiaõ conduzir-se para Europa facilmente, e que os do Sertaõ pelo contrario nunca chegariaõ a portos, onde os embarcassem, ou, se chegassem, seria com despezas taes, que aos Lavradores não faria conta largá-los pelo preço, porque se vendessem os da Marinha. Estes foraõ os motivos de antepor a povoação da Costa á do Sertaõ; e porque tambem previo, que nunca, ou muito tarde, se havia de povoar bem a Marinha, repartindo-se os colonos, difficultou a entrada do campo, rezervando-a para o tempo futuro, quando estivesse, chea, e bem cultivada a terra mais vizinha aos portos. (1.)</p> <p>(1.) Este mesmo foi o sistema d'El-Rey Dom Ioaõ terceiro e a razão de mandar Sua Magestade nos capitulos sexto e setimo do Regimento de Thomé de Souza, primeiro Governador geral do Brazil, que ninguém pudesse hir tratar peLa terra firme a dentro sem licença do Governador. Permittindo outro sim aquelle Monarca, que os Donatarios pudessem fundar junto ao mar, e rios navegaveis, quantas Villas quizessem, ordenou, que ao menos mediaria a distancia de 6. Legoas entre as Villas, que se criassem longe do mar, como verá o</p>	<p>por meyo da exportação dos fructos Brazilicos, e com particularidade a agricultura Maritima.</p>

Leitor nas Doações de Martim Affonso de Souza, e Pedro Lopes de Souza, da qual differença não podia ser outro o motivo, senão querer Sua Magestade ampliar a cultura da Marinha, e diffcultar por algum modo a das terras mais affastadas dos portos.	
Capitão da minha Cidade do Salvador,	Capitão de minha Cidade do Salvador,
o que tudo isto, e outras couzas melhor,	o que tudo visto, e outras couzas melhor,
de Maria Leme, mulher de Pero Affonso de Aguiar, e de Dona Leonor Leme, mulher de André de Aguiar, Jrmaons de seu Pay,	de Maria Leme, mulher de Pero Afonso de Aguiar, e de Dona Leonor Leme, mulher de Andre de Aguiar, Irmam de Seu Pay,
com o mais, que dos Autos se mostra,	com o mais que dos Autos consta,
e pague a custa dos Autos.	e pague as Custas dos Autos.
a fez em os 2. dias do mez de Outubro anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1564. annos. Braz Fragozo.... //	a fes aos 2 de outubro de 1564. == Braz Fragozo.
que pertendiaõ herdar a seu Pay No Leme, Jrmaõ dos taes Pedro, e Lucrecia, e tendo os Tios alcançado Sentença a seu favor no Juizo Ordinario de São Paulo, e no da Ouvidoria do Donatario, com o fundamento de não herdarem ab intestato filhos naturaes de Pays nobres; pediraõ os vencedores confirmação destas Sentenças, e tambem da outra do Doutor Braz Fragozo,	que pertenderaõ erdar a Seu Pay N. Leme Iрмаons dos taes Pedro, e Lucrecia, e alcansando os Tios Sentença a Seu favor, pediraõ os vencedores confirmação da Sentença, e de outra dada pelo Doutor Bras Fragozo,
Lavrada na Villa do Porto de Santos por Athanazio da Motta em 1588, na qual declara este Taballiaõ,	lavrada na Villa de Santos, por Athanazio da Mota em 1588, nella declara o Tabeliaõ,
segundo declara o Taballiaõ Athanazio da Motta em huã Procuração	segundo declara o Tabeliaõ referido em huma procuração

e filhos de Pays desta quaLidade, tenho encontrado varios nos Livros dos Registos das Sesmarias no Archivo da Camara de Saõ Vicente, e n'alguãs Escripturas Lavradas em Santos; porem, antes de os nomear, pareceo-me necessario Lembrar ao sabio Leitor a advertencia, que faz o Dezembargador	e filhos de Pays desta qualidade se achaõ em varios Livros de registos de Sesmarias no Archivo da Camara de Saõ Vicente, sobre que fas huma advertencia o Dezembargador
que até alli se uzava ,	que athé aly se uzavaõ ,
Antonio Pinto veio para a companhia de seos Jrmaons em 1540 alliciado por Martim Affonso,	Antonio Pinto veyo para a Companhia de seus Irmaons em 1540 aliciados por Martim Afonso,
naõ encontrei nos Archivos	naõ se encontra no Archivo
e na campa da sua sepultura,	e na Campa de Sua Sepultura,
Alem destes há Cubas legitimos,	alem de Outros Cubas legitimos
de Dom Joaõ terceiro segundo constava do dito Alvará, que ainda se conservava	de Dom Ioaõ terceiro, como consta do dito Alvará, que se conservava
Iorge Ferreira, Cavalleiro Fidalgo, segundo escreve Taques: eu somente achei que elle, e seos genros eraõ nobres; (i) porem, como as minhas noticias estaõ muito longe de igualar ás daquelle monstro de retentiva, que conseguiu pasmoza erudição das antiguidades do Brazil com estudo de alguns 50. annos; naõ devo excluir a Jorge Ferreira do Catalogo dos Cavalleiros Fidalgos. Delle saõ oriundas muitas familias principaes das Capitánias de Saõ Paulo, Rio de Janeiro, Minas geraes, Goiazes, Cuiabá , e Sertaõ da Bahia.	Iorge Ferreira, segundo escreveo Taquez, naõ se deve excluir do Cathalogo dos Cavalleiros Fidalgos, de quem saõ oriundas muitas familias principaes da Cidade de Saõ Paulo. Rio de Ianeiro, Bahya, e Minas Geraes. Etcoetera.

De propozito aponte i as eras,	De propozito se aponta o as eras
Levou para as taes Ilhas nos primeiros annos da sua povoação;	levou para as taes Ilhas no principio da Sua Povoação,
e vio a bondade de seos campos,	e vio a bondade dos seus Campos,
delle sahira o semente de canas para as outras Capitancias Brazilicas,	delle Sahio a Semente de Canas para as outras Capitancias Brazilicas,
que se erigisse em suas terras.	que se erigisse nas Suas terras.
Naõ obstante encontrar eu a maior parte destes Engenhos antes da era de 1557 .	Naõ obstante serem fabricados a mayor parte destes Engenhos antes da era de 1549 ,
Tanto apreço faziaõ os antigos da Lavoura de cãnas, e taõ necessarias julgavaõ a pericia, e boa consciencia dos Mestres, e Purgadores de assucar , que os Provedores mores davaõ Provizaõ	Faziaõ tanto apreço da lavoura das Canaz naquelle tempo , que os Provedores Mores davaõ Provizaõ
segundo consta de Livros, e Escripturas desse tempo: assim mesmo todos se occupavaõ na plantaçaõ destes dous generos,	o que consta de Escripturas desse tempo, e assim mesmo todos se occupavãõ na plantaçaõ dos referidos generos.
Julgo , que nella entravaõ	Supoem-se que nella entravãõ
conforme esta tacha ficava o Indio inhabilitado,	por cuja tacha ficava o Indio inhabilitado
em hum dos capitulos do seu Regimento,	em hum Capitulo do seu Regimento,
aos 28. de Junho de 1550.	aos 28 de Iulho de 1550.
rio de agua doce, quando sem ordem da Corte	Rio d'agua doce, e sem ordem da Corte
aos moradores destas Villas	aos Moradores daquellas Villas
aos moradores de Serra acima,	aos Habitantes de Serra acima,
havia de conhecer a impropriedade,	conheceo a impropriedade,

Vencido finalmente este caminho, talvez o peor, que tem o mundo, chegou Martim Affonso ao campo de Piratininga, onde se achava aos 10. de Outubro de 1532. e alli assignou nesse dia a Sesmaria	Vencido finalmente o áspero do Caminho, e talves o peyor, naquelle tempo, que havia no mundo, chegou Martim Afonso ao Campo de Pirátininga, aonde se achava aos 10 de outubro de 1532, e ali aSignou neste dia a Sesmaria
o qual veio situarse meia legoa distante	o qual foi Situar-se meya legoa distante
passou o seguinte Alvará no anno de 1544. (Z)	passou hum Alvará no anno de 1544, (h) do theor Seguinte:
tem comprovado com evidencia	comprovou com evidencia
chegaraõ a este Porto duas caravelas do Rey,	chegaraõ áquelle Porto duas Caravelas do Rey,
que vos parecer necessario,	que vos for necessario,
e somente encômendar-vos muito,	e Somente recomendo-vos muito,
e mais meu servisso parecer ;	e mais meu Serviço for ,
me requeriaõ Capitancias em terra della. (10.)	me requeriaõ Capitancias em terras della.
se o Conde por meo mandado informou ,	se o Conde por meu mandado informar ,
e terdes tal vigia nestas partes,	e terdes tal vigilancia nessas partes
e muy declaradamente me avizai, do que fizerdes,	me avizai, o que fizerdes,
em Lisboa aos 28. de Setembro de 1532.	em Lisboa a 28 de Setembro de 1532
nas vizinhanças da Cananéa	nas Vezinhanças de Cananeya
Nas vespervas do embarque de Martim Affonso chegaraõ a São Vicente as noticias desta derrota, e não lhe sendo possivel castigar pessoalmente o insulto	Nas vesporas do Seu embarque chegou a noticia desta derrota, e não podendo pessoalmente castigar o insulto,
que hei de referir a seu tempo,	que se ha de referir a Seu tempo,

segundo quer persuadir o Jezuita Francêz Charlevoix	como quer persuadir o Iezuita Frances Charlevoix
hum Cavalheiro Português, chamado Duarte Peres ,	Poucos dias depois hum Cavalleiro Portugues, chamado Duarte Pires ,
hum exercito de Indios, que hiaõ tão confiados no bom successo,	hum exercito de Indios; porem tão confiados no bom Successo,
e carregados pela rectaguarda pelos da emboscada,	e carregados pela recta guarda pelos que se puzeraõ de emboscada.
com huã parte dos seus valentes, e hum grande numero de Indios,	com huma parte dos seus valentes, e outra de Indios
com tanta facilidade , que os Portuguezes, descontentes do Governador, se uniraõ a elle.	com tanta felicidade , que os Portuguezes, descontentes do Governador se uniraõ a elle.
Quem ha de crer , que Martim Affonso, Heróe tão conhecido no mundo por suas victorias, tendo no porto de São Vicente	Naõ hé crível que Martim Afonso, heroe tão conhecido no mundo, tendo no Porto de São Vicente,
se rendeu faciLmente com vergonhoza cobardia	se rendesse facilmente com vergonhoza Cobardia
sem os instrumentos necessarios para a defensa?	sem os iñstrumentos necessarios para a deffensa.
escreveo a Historia do Paraguai,	escreveo a historia de Paraguay,
e logo adiante contar , que o navio Francêz viera surgir junto as Ilhas da Cananéa	E logo adiante constar , que o Navio Francês viera surgir junto as Ilhas de Cananeya
O Posto de Governador, e Capitaõ geral do Brazil,	este Posto de Governador, e Capitaõ Geral do Brazil
na mesma occasiaõ, em que mandou fundar a Cidade da Bahia,	e quando Dom Ioaõ terceiro mandou fundar a Cidade da Bahya,
porem nunca foi Governador geral. Esta Dignidade nasceu	porem nunca foi Governador Geral; Cuja dignidade nasceo
mandou fundar a Cidade da Bahia, ordenou , que os Capitaens da nova Cidade exercitassem a sua jurisdicção	mandou fundar a Cidade da Bahya, ordenando na mesma occasiaõ, que os Capitaens da nova Cidade tivessem jurisdicção
onde existia Peres, este simbolo da sua obediencia sem contradicção	onde existia Peres, que Sendo-lhe intimada a ordem do Tyranno,

alguã, em lhe sendo intimada a ordem do Tiranno,	
e o mandava voltar para sitio, onde se punha o risco evidente de perder com a vida temporal a da alma por falta dos soccorros espirituaes, logo sem mais demora cumprio o preceito iniquo, sabendo muito bem, que nas prezentes circunstancias estava	e mandar para Sitio, onde se punha em risco evidente de perder a vida, sem mais demora cumprio o preceito iniquo, estando
129. Assentemos , que este criminozo era mais santo,	129. Devemos crer , que este criminozo era mais Santo
do que ser cobarde o Capitaõ,	do que ser cobarde ao Capitaõ
qual he o querer persuadir,	como hé o persuadir,
atacar forças, a que não possa rezistir Moschéra, aquelle Moschéra intrepido,	atacar com forças, que não possa rizistir: Moschera, aquelle varaõ intrepido,
que poderiaõ vir, naõ sei de onde.	que poderiaõ vir sem se saber de onde?
e vai parar na Ilha de Santa Catharina, onde imaginava , que o não viriaõ inquietar; (saõ palavras formaes de Charlevoix as subsignadas) não se demora muito tempo nesta Ilha;	e vai parar na Ilha de Santa Catharina, onde imagina que o não virião inquietar; não se demorou muito tempo nesta Ilha,
havia desembarcado Martim Affonso, quando foi ao Rio da Prata:	havia desembarcado Martim Afonso, quando foi ao Rio da Prata?
e tornando Logo a embarcar a sua Tropa, continuara a derrota	e tornando logo a embarcar a Sua Tropa, continuou a derrota
os Historiadores do Paraguai o representaõ abandonado	os Habitadores do Paraguay o representaõ abandonado
da Villa de Saõ Joaõ da Cananéa	da Villa de Saõ Ioaõ de Cananêa.
e Charlevoix concorda com ella neste numero, sem mais differença, do que accrescentar aos 80. Portuguezes	e Charlevoix neste numero, sem mais differença, accrescenta aos oitenta Portuguezes,
quem quer que elle fosse , introduzio a Moschéra na fabula, não a posso	quem quer, que elle for , introduzio a Moschera na fabula, não se pode

eu assignar,	aSignar,
e os ajudavaõ nas suas guerras,	e os ajudarão nas suas guerras,
Julgo , pois, que achando-se Moschéra	Supoem-se que achando-se Moschera
Ouvidor geral de todo o Brazil, Na Cidade de São Paulo No Cartorio, em que escreveu o Taballiaõ Ignacio Antonio de Almeida pelos annos de 1762. acha-se huã Sentença proferida pelo Doutor Simaõ de La Penha, Ouvidor geral da Repartição do Sul, e nella incluza a de Braz Fragozo, a qual diz assim: (n)	Ouvidor Geral de todo o Brazil; Cuja Sentença se acha no Cartorio, em que escrevia o Tabelaõ Simão de Tolledo de Almeyda pelos annos de 1762, e hé do theor Seguinte. (b)
Se as minhas conjecturas não agradarem a quem escrever a Historia destas Capitanias,	Se esta conjectura não agradar a quem escrever a Historia destas Capitanias,
que nossos Historiadores adoptaõ	que os Historiadores adoptaõ
Enguaguaçú, nome composto do Substantivo Enguá, e do adjectivo Guaçú, e vem a dizer , Pilaõ grande.	Enguaguaçû, que significa Pilaõ grande.
constituem hum circulo grande imperfeito, no meio do qual existe hum Lagamar interfachado de varios Mangaes ; e alguãs Ilhotas.	constituem hum circulo grande imperfeito, Varios Mangues , e algumas Ilhotas.
se chamou de São Jeronimo, por se ter collocado huã Imagem do Santo Doutor junto ao dito ribeiro nas flardas do oiteiro,	se chama de São Ieronimo nas faldas do Outeiro,
porem bastará, que eu cite trez.	porem bastará que se citem trez:
por onde hoje se entra para Iabaquára ,	por onde hoje se entra para Iaguaquára ,
Fundou e fez esta Villa	Fundou, e fes a Villa de Santos
147. Com este nome sem outro algum additamento se conservou alguns	147. Conservouce alguns annos a Povoação com o nome de Porto, e

annos, até lhe acrescentarem de Santos pela razão, que agora direi.	depois lhe acrescentaraõ de Santos pela razão seguinte:
depois de cá estarem,	depois de ali estarem,
no projecto de fundar hum Hospital, e Jrmandade da Mizericordia, que o administrasse:	no projecto de fundar hospital, e Irmandade da Mizericordia, que os administrasse:
devia haver Juiz Pedaneo, e elegeraõ para este emprego a Pedro Martins Namorado,	devia haver Iuis Pedaneo, e foi o primeiro Pedro Martinz Namorado,
conceder foros de Villa ao Porto de Santos.	conceder foros de Villa no Porto de Santos.
mas não me foi possivel averiguar o dia,	mas não se pode averigoar o dia,
quando cá vinhaõ , alugavaõ as cazas	quando hiaõ para ella , alugavaõ as Cazas
onde achavaõ os generos, que lhes eraõ necessarios.	onde achavaõ o que lhes era necessario.
no que certamente se enganaõ: assim como tambem se enganáraõ os Historiadores	no que se enganarãõ , como os Historiadores
teve os principios, que agora direi , e não começou, como escrevem os Estrangeiros,	teve os principios, que agora se referem , e não começou, como escrevem os Escriptores,
teve o seu principio pelos fins do anno de 1530	teve os seos principios pelos fins do anno de 1530.
Piratininga, ou Piratinim, como acho escripto em alguns documentos antigos,	Pirátininga, como se acha escripto em alguns documentos antigos,
Deu Ioaõ Ramalho cumprimento	Deo elle cumprimento
tomou a resolução de hir lançar a semente do Evangelho	tomou a resolução de hir pregar o Evangelho

da nova Provincia Brazilica ,	da nova Provincia do Brazil ,
160. Em consequencia desta resolução	158. Por esta resolução
a que agora se denomina de São Bento.	a que agora se chama de São Bento.
e foraõ abrir os alicerces	e abriraõ os alicerses
e contigua a elle huã Igreja; para Orago desta, e tambem da nova Aldêa, escolheraõ ao Doutor das Gentes,	contigua a elle huma Igreja. Para Orago desta, e da mesma Aldeya, escolheraõ o Doutor das Gentes,
o primeiro Sacrificio incruento do Altar no dia 25. de Janeiro de 1554,	o primeiro Sacrificio da missa no dia 25 de Janeiro de 1544,
defronte do Collegio:	defronte o Colegio.
o sentido he, a meo ver , que deichavaõ morar Forasteiros na sua Villa,	o Sentido hé / ao que parece / que deixavaõ morar forausteiros na sua Villa,
reduziraõ á paz os dous bandos inimigos, persuadindo- lhes	reduziraõ a paz os dous Bandos inimigos, persuadindo- os ,
e para que se não Levantasse outra semelhante no tempo futuro ,	e para que senão levantace outra semelhante para o futuro ,
(14.) Se o Author chamasse Plagiarios aos Paulistas antigos,	Se o Autor chamou Plagiarios aos Paulistas antigos,
porem de Piratas e cobiçozos da fazenda alhea, ninguem se atreueo a censura-los,	porem de Piratas, e Cobiçozos de Couza alheya, ninguem se atreueo a sensuralos,
se foraõ interesseiros , saberiaõ aproveitar-se de tanto ouro por elles extrahido das Minas geraes, Cuyabá, e Goiazes nos seos principios; o que não fizeraõ, desperdiçando muitas arrobas deste preciozo metal. Que	se foraõ cobiçozos saberiaõ aproveitar-se de tanto ouro, por elles extrahidos das Minas Geraes, Cuyaba; Mato grosso, e Goyas nos Seus principios. Eraõ homens, que ainda nas Guerras Civis de Paulistas, e

<p>haviaõ elles de furtar aos Indios dos Sertoens. Se todos sabem, que os Indigenas do Brazil eraõ pauperrimos? Bons eraõ para isso huns homens, que até na occasiaõ das guerras civis de Paulistas, e Emboabas se abstiveraõ de despojar a seos inimigos, segundo confessa o Padre Manoel da Fonseca, não obstante ser Jezuita, e Emboaba, e escrever a dita guerra com espirito de parcialidade.</p> <p>Encontrando, diz o Padre, (p) (o exercito dos Paulistas) no caminho com alguns dos contrarios, que desciaõ das Minas a Paraty com as suas fazendas, não só os deicharaõ hir Livres, mas ainda houve tal, que sabendo, que hum seo Escravo tinha roubado a hum destes Viandantes, o castigou asperamente, obligando-o a restituir tudo, o que lhe tinha tomado.</p>	<p>Europêos, se abstiveraõ de despojar a Seus inimigos, segundo confessa o Padre Manoel da Fonseca, não obstante ser Iezuita, e Europêo, e escrever a dita Guerra com espirito de parcialidade == dis o Padre. (n)</p> <p>// O exercito dos Paulistas / no Caminho com alguns dos Contrarios, que desciaõ das Minas aParaty com as suas fazendas, não só os deixavaõ hir livres, mas ainda houve tal que sabendo, que hũ seo escravo tinha roubado ahũ destes Viandantes, o Castigou asperamente, fazendo restituir tudo etcoetera.</p>
<p>aos 23. dias do mez de Abril de 1679. annos. Eu sobredito Escrivão, que o escrevi.</p>	<p>aos 23 dias do mes de Abril de 1679 annos etcoetera.</p>
<p>naõ dependeo do dominio ĩmediato dos Soberanos Portuguezes, por ter Donatarios, que a governavaõ como Senhor imediato.</p>	<p>naõ dependeo do dominio Soberano da Magestade por ter Donatario que a governava.</p>
<p>na sua Historia do Paraguay:</p>	<p>na Sua historia de Paraguay.</p>
<p>depreça veio a ser hum obstaculo ás suas conquistas espirituaes. (2.)</p>	<p>depressa vem a Ser hum obstaculo ás Suas Conquistas expirituaes</p>
<p>da qual as desordens em todo o sentido chegaraõ taõ longe,</p>	<p>cujas dezordens em todo o Sentido chegaraõ taõ longe,</p>
<p>para supportarem os incomodos dos Sertoens.</p>	<p>para suportarem os incomodos do Certoã</p>
<p>como eraõ gente rustica e acostumada a matar nas guerras,</p>	<p>e como era gente rustica, desconfiada, e acostumada a matar nas</p>

	guerras,
qualquer genero de pessoas , não só por mandado de seos Amos,	qualquer genero de pessoa , não só por mandado de Seus amos
(7.) Se eu disser , que o Author nesta parte escreveo o contrario, do que entendia, naõ me accuzará de temerario , quem Ler,	Se se disser que o Autor nesta parte escreveo o contrario do que entendia, conhecerá isso mesmo , quem ler,
fugiaõ perseguidos da justiça dos homens,	fugiraõ perseguidos da Iustiça dos homens,
elles se entregaraõ sem limite, a encherem de horror	elles se entregaraõ sem lemite a encher de horror
(10.) Dezejara eu perguntar ao Padre Charlevoix, onde se havia de pôr o cerco, para subjugar por fome a Villa de São Paulo?	dezejava perguntar ao Padre Charlevoix onde se havia depór o cerco para Subjugar por fome a Villa de São Paulo,
teve por objecto a primeira fundação dos Padres naquella Cidade.	teve por objecto a primeira fundação dos Padres na dita Cidade.
e os primeiros Portuguezes, que alli se estabeLeceraõ,	e os primeiros Portuguezes, que aqui se estabelecerão.
13 annos se oppuzeraõ alguns Paulistas á execuçaõ das ordens Regias ,	treze annos Se opuzeraõ alguns Paulistas a execuçaõ das Reaes Ordens;
huã extensaõ imensa do Sertaõ Brazilico pertencente a Sua Magestade Fidelissima ,	humã extenção immensa do Certaõ Brazilico pertencente a Portugal ;
foraõ obrigadas pelos nossos Paulistas a despovoarem suas barbaras Regioens; pois abraçaraõ a fé Catholica	foraõ obrigadas pelos nossos Paulistas a despovoarem suas Barbaras regioens, e abraçarem a fé Catholica.
e da mesma sorte as outras de Cuyabá e Goiazes não desfructaria Portugal,	e da mesma Sorte as outras do Cuyaba, e Goyazes, não desfructaria Portugal,
167. Eu tenho mostrado , que os unicos Habitantes da Cidade de São Paulo na sua infancia foraõ Guaianazes,	168. Está mostrado , que os unicos Habitantes de São Paulo, no seu principio , foraõ Guayanazes,
ainda não haviaõ Negros na Capitania de São Vicente.	ainda não haviaõ negros na Capitania de São Vicente?
como cauza remota, concedendo fôros de Villa a Santo André;	como couza remota, concedeo foros de Villa a Santo Andre;

competindo aos Donatarios as criaçoens das Villas	competindo aos Donatarios a Creação das Villas
Originou-se esta fabula de saber seo Author, que naquella Cidade	Originouce esta fabula de Saber seu Autor, que nesta Cidade,
A esta classe pertencem a Republica Paulipolitana ,	A esta classe pertencem a Republica Paulistense ,
e as Provincias da Prata, e Paraguai.	e as Provincias do Prata, e Paraguay.
e não como a filhos de Portuguezes nascidos em huã Colonia da Luzitania.	e não como a filhos de Portugal , nascidos em huma Colonia da Luzitania.
não estavaõ em estado de formar ,	não estavaõ em estado de fornecer ,
que os governasse com independencia de Portugal.	que os governasse sem dependencia de Portugal.
a ignominia de sua Patria,	a ignorancia de Sua Patria,
que disfarçavaõ o seo prazer, mas não podiaõ encobrilho.	que disfarçavão o seu pezar sem o poderem encobrir.
a seguinte, e muito estimavel clauzula:	a Seguinte, e muito respeitavel clauzula
Tenho, pois, demonstrado , que	Fica pois mostrado , que
contêdas, que houveraõ sobre os seos limites, e titulo, por onde passou á Coroa.	contendas, que houveraõ sobre os seus lemites, e titulo porque passou para a Coroa.
Sebastião Fernandes de Alvello, Cõmandantes de duas caravelas,	Sebastião Fernandez de Avilo, commandante de duas Caravelas,
Estes acharaõ meio de contrahir amizade	Estes acharaõ meyos de Contrahir amizade
assentaraõ, que lhes era impossivel defende-la ,	assentaraõ, que lhes era impossivel a deffensa ,
conveio na proposta, a qual era em substancia,	conveyo nas propostas, as quaes eraõ em Substancia,
Chegasse o Vencedor, ao qual foraõ buscar	chegasse o Vencedor, aos quaes foraõ buscar
e o mais cedo, que lhe foi possivel , despachou para o Reino	e logo despachou para o Reino

D'alli voltou para o Reino,	Dahy voltou para o Reino,
a primeira Povoação das partes de Parnambuco,	a primeira Povoação destas partes de Parnambuco,
E nem o seu Donatario o podia fazer antes deste anno; porque pelo de 1525. ou 26. se achava em São Vicente	E nem o seu Donatario o podia fazer antes deste anno, porque entaõ se achava em São Vicente
10. Naõ me compete examinar,	10. Naõ tratemos de examinar
porque a minha empreza só tem por objecto	porque esta obra só tem por objecto
e não tenho fundamento, para me oppor ao naufragio	e não há fundamento para duvidar do naufragio
na Esquadra cõmandada por seo Irmaõ Martim Affonso de Souza.	na Esquadra de Seu Irmão Martim Afonso.
nas quaes allegaraõ os Supplicantes,	nas quaes allegavaõ os Supplicantes,
até o tempo da sua morte. Naõ se póde negar, que os argumentos propostos tem muita força; e, para que me não digaõ, que nada convencem pela razão de negativos, eu mostrarei com outro pozitivo, que todas as 50. Leguas permanecêraõ incultas na vida do seo primeiro Donatario.	athé o tempo da Sua morte, e permaneciaõ incultas.
onde acabavaõ as 100. de Martim Affonso ao Sul da Cananéa.	onde acabaõ as 100 de Martim Afonso ao Sul de Cananêa.
e aos serviços, que me tem feito,	e os Serviços, que me tem feito,
em altura de vinte , e oito grãos e hum terço;	em altura de 24 graos e 1/3°,
eu ora puz nome, Rio da Santa Cruz,	eu ora puz o nome, Rio de Santa Cruz,
quaesquer outras ilhas, que houver ,	quaesquer outras Ilhas, que houverem
Sendo em cauzas Civeis , não haverá appellação,	sendo em Cauza Civel , não haverá Apelação,
e traição, e sodomia ,	e traição, e Sedomia ,

e costume de meos Reinos;	e Costume dos meus Reinos;
lhe daraõ suas Cartas assignadas	lhes daraõ Suas Cartas assignadas
assim as poderão por isso mesmo dar,	assim os poderaõ por isso mesmo dar,
mercê de juro, e herdade para todo o sempre	mercê de juro, e Erdade por todo o sempre
no modo, e maneira no dito Foral	no modo, e maneira do dito Foral
E hei por bem, que pessoa alguã não possa fazer ditas moendas, marinhas, nem Engenhos, senão o dito Capitão, e Governador, ou aquelles , a quem elle para isso der Licença,	E hey por bem, que pessoa alguma não possa fazer das ditas Moendas, Marinhas, nem Engenhos senão o dito Capitam, e Governador, ou aquellas , a quem elle, para isso der licença,
e repartir por seos filhos fóra do Morgado,	e repartir por seus filhos fora de Morgado,
não poderão dar mais terra, da que derem,	não poderaõ dar mais terras, do que derem,
entaõ que succeda a femea; em quanto houver descendentes Legitimos machos,	então que Succeda a femea, emquanto houverem Descendentes legitimos machos,
não tinha lugar o ajuste dos dous Irmaons, mensionado na Carta, que os Camaristas de São Vicente escreveraõ ao Conde de Monsanto, a qual hei de copiar neste Livro numero 68.	não tinha lugar o ajuste dos dous Irmaons, mencionados na Carta, que os Camaristas de São Vicente escreveraõ ao Conde de Monsanto, a qual há de hir transcripta no numero 68 /
que o dito Governador, e Capitão cõmetta, porque, segundo o Direito, e leis destes Reinos, mereçaõ perder a dita Capitania,	que o dito Capitam, e Governador cometa, porque segundo o Direito, e Leys destes Reinos mereça perder a dita Capitania,
quando as taes Leis, e Direitos se derogarem ,	quando as taes Leys, e Direitos se deroguem ,
a fez em Evora ao primeiro dia do mez de Setembro	a fes em Evora em o primeiro de setembro
e, a meo ver , com dolo, e malicia.	e, ao que parece , com dolo, e malicia.
ao Sul da Cananéa,	ao Sul de Cananeya,

Elles diziaõ, que as terras de Pedro Lopes acabavaõ antes de chegarẽ á Bertioga, por lhes ter dado El-Rey	Elles dizião, que as terras de Pedro Lopes acabavaõ antes de chegarem a Bertioga, por lhe ter dado El Rey
e com igual falsidade mutilou a carta de Martim Affonso,	e com igual facilidade mutilou a Carta de Martim Afonso,
18. Penso , que depois de constituido Donatario das 30. Legoas	18. Imaginasse , que depois de Constituido Donatario de trinta legoas
Duvido muito, que Pedro Lopes	Duvida-se muito que Pedro Lopes
havia estado huã caza da Feitoria,	havia estado huma Caza de Feitoria,
A respeito da sua morte somente posso assegurar,	A respeito da Sua Morte Somente se pode aSegurar,
Iulgo necessario advertir,	Parece necessario advertir
Nem Pedro Lopes fundou a Capitania de Santo Amaro, nem ella ainda tinha este appellido	Nem Pedro Lopes fundou a Capitania de Santo Amaro, nem elle ainda tinha este apelido
Já mostrei acima numero 15 que as 50. legoas se conservavaõ dezertas, quando morreo Pedro Lopes, e agora vou convencer de faLsas as outras noticias de Pita.	Iá fica mostrado atras numero 15 que as 50 legoas se conservavaõ dezertas, quanto morreo Pedro Lopes, e agora vai-se a convenser de falsas as outras noticias de Pita.
A primeira vez, que vejo fazer-se mensaõ da Jlha de Santo Amaro,	A primeira vez, que se vé fazer menção da Ilha de Santo Amaro,
em o termo da Vereação	em o termo de vereação
ou nos seos fundos na terra firme, pediraõ Sesmarias a Martim Affonso, e depois da sua auzencia a seos Loco-Tenentes .	ou nos Confundos na terra firme, pediraõ Sesmaria a Martim Afonso, e depois da Sua auzencia a seus Locos Tenentes .
he o termo, que acima citei numero 22.,	hé o termo que acima fica citado numero 22
Desta circumstancia infiro , que a divizaõ	Desta circumstancia se infere , que a Divizaõ
e a moderna de Pedro Lopes acima copiada, diz,	e a moderna de Pedro Lopes, atras copiada dis,
na qual declara Sua Magestade, que o Padraõ se levante no Rio de Saõ	na qual declara Sua Magestade que o Padraõ se levantasse no Rio de

Vicente	São Vicente
e sustentando outros, que a Capitania de São Vicente	e Sustentendo outros, que a Capitania de São Vicente
reconheceraõ-no por Ouvidor de Guaibe, segundo eu infiro	reconheceraõ-no por Ouvidor de Guaibe, segundo se infere
e ao depois seos Loco-Tenentes ,	e ao depois Seus Locos Tenentes ,
O mensionado Iorge Ferreira,	O referido Iorge Ferreira,
dos quaes apontarei somente alguns.	dos quaes aqui se apontaõ Somente alguns.
e os titulos, que a si adopta, bem mostraõ , que reputava	e os titulos que a Sý adopta, bem mostra que reputava
a contrariedade, que vemos nas Escripturas,	A contrariedade, que se vê nas Escripturas,
a Ilha de Guaibe pertence ao filho de Pedro Lopes, e outras, que he de Martim Affonso, como mostrarei ,	a Ilha de Guaibe pertence ao filho de Pedro Lopes, e outras, que hé de Martim Afonso, como Se verá ,
Já vimos , que Iorge Ferreira	Iá está mostrado que Iorge Ferreira
pela soberba, e insolencia, com que os tratavaõ, alliarã-se com seos Nacionaes do Rio de Janeiro,	pela soberba, e insolencia com que os tratavaõ, alliciados com Seus nascionaes do Rio de Janeiro,
temerosos de suas enterprezas crudelissimas.	temerosos das Suas interprezas crudelissimas.
os temidos aggressores, os quaes chegavaõ,	os temidos agressores, que sempre chegavão
Santo Amaro ficou taõ solitaria ,	Santo Amaro ficou taõ Solitario ,
no primeiro de Junho do sobredito anno de 1562,	no primeiro de Junho do dito anno de 1562,
e que na de Pedro Lopes ficára a Ilha de Santo Amaro.	e que na de Pedro Lopes ficava a Ilha de Santo Amaro.
hum pedaço de terra de matos bravios	hũ pedaço de terras de matos bravios
Nesta Carta vemos , que o fundamento,	Nesta Carta se vê , que o fundamento
nem por isso careceriaõ de novas Cartas os donos das terras	nem por isso careceriaõ de novas Cartas os domnos das terras

anteriormente concedidas pelo Donatario, que as estava possuindo em boa fé,	anteriormente concedidas pelo Donatario, que a estava possuindo em boa fé,
e seos Loco-Tenentes ,	e seus Locos Tenentes
pedirão novas Sesmarias a Antonio Rodrigues, o qual lhas concedeo gostozo,	pedirão novas Sesmarias a Antonio Rodriguez, que lhas concedeo gostozo,
lhes fora dada huã Dada de terra ao longo da Costa,	lhes fora dada huma Data de terras ao longo da Costa,
Este Pedro Lopes era o filho de Martim Affonso de Souza, que lhe succedeo, o qual nomeou a Jeronimo Leitaõ para seo Loco-Tenente na Capitania de São Vicente.	este era o filho de Martim Afonso de Souza, que lhe Succedeo, e nomeou a Ieronimo Leitaõ para seu Loco Tenente na Capitania de São Vicente
o Auto da posse (x) de huã Data	do auto de posse (s) de huma Data
destas partes do Brazil, em a qual manda,	destas partes do Brazil com a qual manda
nenhuã em terras da Ilha de Santo Amaro,	nenhuma em terra da Ilha de Santo Amaro,
Alem dos documentos citados encontrei mais huns Autos	Alem dos documentos citados, se acharaõ mais huns Autos
Eu já indiquei a cauza motiva	Iá fica indicada a cauza motiva
agora vou dar a razaõ,	agora se dá a razão
todas as 50. legoas de seos Sobrinhos, e começarei pelas 10, situadas	todas as 50 legoas de Seus Sobrinhos, começando pelas 10 legoas situadas
Nunca se emendou o erro de fallarem nas 10. legoas, como pertencentes á Capitania de São Vicente,	Nunca se emendou o erro de fallarem nas 10 legoas, como pertencente á Capitania de São Vicente,
existentes ao Sul da Cananéa.	existentez ao Sul de Cananeya.
Depois que o Marquêz de Cascaes espoliou os herdeiros de Martim	Depois que o Marques de Cascaes expoliou aos Erdeiros de Martim

Affonso	Afonso
convocou o Capitão mór,	convocou ao Capitam Mor
da Villa da Cananéa;	da Villa de Cananêa,
Capitão mór da Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem	Capitam Mór da Villa de Itánheen
tomou posse da Villa de Nossa Senhora do Rozario ,	tomou posse da Villa de Parnagoa ,
senaõ em cazos de entre Tios, e Sobrinho ,	senaõ em cazo de entre Tios, e Sobrinhos ,
naõ podem haver Lugar as trez razoens,	naõ podem haver lugar a tres razoens,
Antes de passar adiante, julgo necessario advertir,	Antes de passar adiante parece necessario advertir,
onde estavaõ situadas a Villa deste nome,	onde estavaõ Situadas as Villas deste nome,
está julgado, pertencerem ao dito Conde de Monsanto as 80. legoas de terra,	está julgado pertencer ao dito Conde de Monsanto as 80 legoas de terra,
onde os opprimisse em masmorras por todo o tempo do seo governo, como muitas vezes faziaõ sem razão alguns Governadores geraes a quem deichava de cumprir inviolavelmente os seos dispotismos ;	onde os opprimisse em prizoens por todo o tempo do Seu Governo, como fizeraõ muitos Governadores Geraes, a quem deixou de Cumprir inviolavelmente os Seus Despachos ;
mas assegurando- lhes Rodrigues,	mas aSegurando- lhe Rodriguez,
pela muita mortandade, que houve de Gentio;	pela muita mortandade, que houve do Gentio,
e bem de sua Fazenda,	e bem da Sua Fazenda,
ficou com titulo de cabeça das mais,	ficou constituída Cabeça das mais,
e bem de sua Fazenda.	e bem da Sua Fazenda.
lhe não manda fazer desordens ,	lhe não manda fazer dezordem ,
e não em fraudo de sua Capitania,	e não em fraudo da Sua Capitania,

elle a despertou do letargo, em que se conservára muitos annos,	elle a despertou do letargo, em que Se achava a muitos annos,
Capitão mór de São Vicente,	Capitão Mor em São Vicente,
os Camaristas não aceitavaõ seos embargos, aggravou para a Relação do Estado,	os Camaristas não aceitaraõ seus embargos, agravou para a relação de Estado,
solicitou a cauza do Aggravo, e ella foi sentenceada na Relação, por este modo. (1)	solicitou a cauza do Agravo, a qual foi Sentenciada na Relação por este modo.
não haõ procedido com menos confuzaõ:	não há procedido com menos confuzaõ:
que lhe foi feita, e lançando as linhas pelos rumos declarados nella,	que lhe foi feita, e lansado as linhas pelos rumos declarados nella,
e da matricula da gente de guerra	e da Matricula de Gente de Guerra
dado pelo Senhor Rey Dom Ioaõ terceiro da data de 7. de Outubro de 1534.	dado pelo Senhor Rey Dom Ioaõ terceiro datada de 7 de outubro de 1534
a qual he da data do mez de Janeiro de 1538.	a qual hé datada do mes de Ianeiro de 1538.
e Contador de suas rendas, e direitos	e Contador das Suas rendas, e Direitos
por bem do despacho nella dado do Provedor mór	por bem dos Despachos nella dados do Provedor Mor
Livro dos Registos desta Feitoria	Livro dos registos da Feitoria
de que Martim Affonso de Souza de seo Concelho he Capitão,	de que Martim Afonso de Souza do Seu Conselho hé Capitam,
na fórma de sua Doação,	na forma da Sua Doação,
Antonio Madeira Salvadores,	Antonio Madureira Salvadores,
e depois delle justo com o Marquêz de Cascaes,	e depois dellas justas com o Marquez de Cascaes,
Os herdeiros de Martim Affonso, como tenho dito , e hei de repetir no Livro seguinte	os Erdeiros de Martim Afonso de Souza, como fica referido .

<p>e derrotassem aos nossos. Como os Esquadros Brazilicos excedem na brevidade das suas marchas a todos os exercitos do mundo, não só pela razão de consistir o seo trem nos arcos, e frechas dos Soldados, mas tambem pelo grande exercicio, que elles tem de viajarem, empregando todos os dias da sua vida em dicorrer por campos, e serras fragozissimas, occupadas no exercicio da caça, e alem disso os apreçava Ramalho; chegou o soccorro á Bertioga</p>	<p>e derrotassem aos nossos, e por esta disposição chegou o Soccorro a Bertioga</p>
<p>na primeira Esquadra: como nesse tempo ainda não havia colonia alguã de Portuguezes no Brazil, ninguem quereria embarcar sua familia para Região tão distante, e tão pouco conhecida, sem primeiro se ver o successo de Martim Affonso.</p> <p>A primeira mulher branca,</p>	<p>na Esquadra primeira, e se vem a inferir, que a primeira mulher branca,</p>
<p>Elle foi o primeiro Povoador da Fazenda de Santa Anna, onde nasci, e fui regenerado pelo Sacramento do Baptismo, que alli me conferiraõ na Capella de meos Pays: Santa Anna demora no termo, e Freguezia da Villa de São Vicente; mas como os Senhores desta Fazenda, seos filhos, escravos, e administrados eraõ nesse tempo Paroquianos da Matriz de Santos por costume, que principiou em vida de meo terceiro Avo Luiz Dias Leme, e confirmou o Prelado Administrador da Dioceze do Rio de Janeiro Manoel de Souza em hum dos capitulos</p>	<p>e foi o primeiro povoador da Fazenda de Santa Anna; e morreo em São Paulo</p>

da Constituição por elle assignada na Villa de Santos aos 27. de Setembro de 1661. (p) por esta razão fez-se o termo do meo baptizamento no livro respectivo da Paroquia de Santos, e daqui veio reputarem-me Santista. Morreo Pedro Leme em São Paulo	
que elles tiverão o foro; por que os Escrivaens muitas vezes deichavaõ de declarar esta circumstancia: até os mesmos Sujeitos, a quem os Notarios dão o tratamento de Fidalgo em papeis mais antigos, ao depois se encontraõ alguãs vezes sem este titulo em documentos posteriores Lavrados pelos mesmos Escrivaens, que fizeraõ os antecedentes. São muitos os exemplos desta pratica: se fora necessario, eu os apontaria sem muito trabalho, e a consequencia da precedente reflexão parece ser, que se não descobririaõ nos fragmentos dos Cartorios tantos homens filhados, e taõ grande numero de pessoas nobres, se foraõ poucos os nobres, e raros os Fidalgos , com que Martim Affonso povoou São Vicente.	que elles tiverão o foro de Fidalguia , com que Martim Afonso povoou São Vicente;
para mais cômodamente poderem instruir aos Neofitos,	para mais commodamente iñstruïrem os Neofitos
desta Villa. He opiniaõ, ou erro cõmun, que a Esquadra de Martim Affonso entrou pela mensionada Barra de São Vicente:	desta Villa, por onde dizem entrara a Esquadra de Martim Afonso,
e nociva ao Real Erario, o qual perderá em outros contractos mais, do que lhe rende esta passagem,	e nociva ao mesmo Real Erario, por ser esta passagem
concedida a Ruy Pinto. (f) Entrava-se para elle pelo esteiro chamado	concedida a Ruy Pinto, (f) e hoje lhe chamão

Piraiquê, o qual faz confluencia com o rio do Cubataõ geral pouco acima da Ilha do Teixeira, assim denominada, por ter sido do Capitão mór, e Provedor da Real caza da Fundição, Gaspar Teixeira de Azevedo: hoje chamaõ-lhe	
e se cõmunicou aos Portuguezes: todos se dispersaraõ, e á reserva, dos que haviaõ tomado a fugida , todos, os que escaparaõ do canhaõ, foraõ passados á espada.	e se communicou aos Portuguezes, e todos os que escaparão do Canhaõ, foraõ passados a Espada.
se uniraõ a elle. Comprehende o dito Moschéra muito bem, que os seos bons successos, longe de firmarem o seo estabelecimento, não serviriaõ mais, que de o virem atacar forças, a que elle não pudesse rezistir; pelo que transportou	se uniraõ a elle. Depois deste Successo trañsportou
e supposto não declare a petição por mim citada acima (numero 122)	e supposto não declare a petição citada no numero 122,
Saõ Vicente, Porto de Santos, Saõ Paulo, e Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem.	Saõ Vicente, Porto de Santos, Saõ Paulo, e a de Itánheen.
Piratininga, ou Piratinim, como acho escripto em alguns documentos antigos, e o lugar dessa confluencia fica Longe da Cidade couza de meia legoa.	Pirátininga, como se acha escripto em alguns documentos antigos, hoje vulgarmente tambem Tamanduatiý.
como fica mostrado acima numero 117.	como fica mostrado no numero 117.
por 24. graos de latitude Austral. Todas as terras saõ ferteis, e daõ muito bom trigo; as canas de assucar produzem bem; nellas se achaõ muito	por 23 graos de latitude Austral: Está cituada em lugar aprazivel, e planicie de hum moderado Outeiro, de onde se descobrem grandes

bons **pastos**,

varjas, e impinados Montes, que circundaõ o Oriente com tanta variedade, que deleitão os Sentidos. O Outeiro está cercado de Rios, que servem de Utilidade ao Povo, porque pela parte do Ponente nascem dous Ribeyros com pouca distancia entre sy, hum, que corre para o Sul chamado lavapes, e outro, que busca o Norte chamado, antigamente, Anhangarivaý, que quer dizer Agoa, onde o Diabo lavou a Cara, hoje vulgarmente Anhangaboý, os quais abração o dito Outeiro pelo pê, e entraõ no Ribeiro chamado Tamanduatiý, que quer dizer Agoa de Tamanduâ, que ladeando o mesmo Outeiro, pela parte do Nascente, unido com os dous, entra no Tietê, ficando desta Sorte cercada de agoas, alem de hum lindo Xafaris, que tem hoje no meyo da Cidade, e no Pateo da Mizericordia: E parece que já a natureza fes este Sitio para huma populoza Cidade, e já murada sem dependencia do arteficio, porque o impinado do terreno, e talhado do monte formaõ a vista humas bem fabricadas trincheiras, servindo-lhes os rios de fosso. Ella se acha hoje com grande augmento de Habitadores, pois comprehende em Sy, com as Freguezias do seu destricto, quaes saõ Santo Amaro, Cutia, Iuquery, e Conceição dos Guarulhos, o numero de 21:737 almas: As terras do Pais saõ ferteis, e **com grande facilidade da agricultura produzem** muito bom trigo, as Canas do Assucar, e **os mais legumes, que nellas saõ** **semeadas, pois compensa o trabalho a liberalidade da producção;**

	com cujos effeitos se carregão no Porto da Villa de Santos muitas Embarcaçoens, que directamente se destinão á Cidade de Lisboa, e do Porto, alem dos que dirigem para as Cidades do Rio de Janeiro, Bahya, e para alguns Portos da Costa da Africa a promutalos por Escravos para o trabalho das Fabricas, e Agriculturas: Nas mesmas terras se achão tambem muito bons Campos,
porem o Escrivão, o qual devia de ser algum velhaco , dependente da Caza de Monsanto,	porem o Escrivão talves dependente da Caza de Monsanto,
ella foi o teatro da guerra, e a Scena, onde se representáraõ com frequencia Lastimozissimas tragedias. Naõ satisfeitos os Tamóios com assolarem as Fazendas, e cazas fortes dos moradores, tiveraõ a animozidade de atacar, e a gloria de render a Fortaleza de São Felipe,	ella foi o Teatro da Guerra, e de lastimozas tragedias, e ultimamente tiveraõ os inimigos a gloria de render a Fortaleza de São Felipe,
nas duas Capitancias de Santo Amaro, e Itamaracá. De ambas, se apossou o dito Lopo; e como a de Santo Amaro, recahio no Donatario de São Vicente, e os Povos ignoravaõ a cauza disso, ficáraõ entendendo, que Lopo de Souza era Senhor de ambas, como herdeiro de Martim Affonso, seo Avô. Isto, porem, naõ obstante, sempre fallavaõ em Capitania de Santo Amaro, sem ninguem saber, qual era, onde tinha a sua verdadeira pozição, e de quantas Leguas se compunha.	nas duas Capitancias de Santo Amaro, e Itámaracâ, nomeando o Donatario da Capitania de São Vicente com 100 leguas de Costa para lhe succeder na dita Capitania de 80 leguas. Com effeito assim se verificou, porque o dito Lopo de Souza chegou a Ser tambem senhor Donatario da Capitania de Itámaracâ, e Santo Amaro de Sorte, que em 21 de Dezembro do anno de 1605 provendo a Antonio Pedrozo / Irmaõ de Pedro Vas de Barros / em Capitam, e Ouvidor de Sua Capitania de São Vicente, incluhio nesse Provimto á Capitania de Santo Amaro, intitulado-se o dito Lopo de Souza,

	<p>Senhor Donatario das Capitancias de São Vicente, e de Itamaracá, como se vê de hum Provimento, cuja Copia se acha. (b) no Archivo da Camara de São Paulo.</p>
<p>sem contradição de pessoa alguã. Dizia a Procuração: (f)</p> <p>// Saibaõ quantos.... que no anno do Nascimento de nosso Senhor Iezu Christo de 1620. aos 11. dias do mez de Junho do dito anno em esta Villa de Cascaes nos Paços do Conde de Monsanto, Senhor desta Villa, e Donatario da Coroa da Capitania de Tamaracá do Estado do Brazil, e legitimo Successor, e possuidor della, e bem assim da Capitania de São Vicente, e das 50. Legoas de Costa na dita Capitania, e de todas as Povoações sitas nellas; logo pelo dito Senhor foi dito.... e logo ordenou por seo Procurador em todo abundozo, e abastante.... a Manoel Rodrigues de Moraes, morador em esta Villa de Cascaes.... ao qual disse, que dava, e autorgava.... poder.... para que o dito seo Procurador possa procurar.... assim dentro das 50. legoas de Costa, e em todas suas Povoações, que estão na Capitania de São Vicente, como em todo o Estado do Brazil, em especial lhe dá poder, para em seo nome do dito Senhor Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires de Castro de Souza tome posse da dita Povoação de São Vicente, e São Paulo, e Cananéa, e Conceição, e de todas as mais Villas, que estiverem pelo Sertão, e pela costa dentro</p>	<p>sem contradição de pessoa alguma, o que se faz certo da Procuração, que se acha na Camara de São Vicente. (e)</p>

<p>das 50. legoas, de que elle Outorgante he Senhor, Capitaõ mór, e Governador, conforme as suas Doações, e assim poderá, elle dito seo Procurador tomar posse de todas as pertenças de direito da Capitania, ou Capitancias, que lhe pertencerem haver conforme a sua Doação, e melhor elle dito seo Procurador a puder tomar; e havendo contradição de pessoa alguã, assim no tomar da posse, como em todas as mais couzas pertencentes ás ditas Povações, e a elle Conde de Monsanto, e aos direitos, que nella tem, como Donatario da Coroa, lhe dá poder a elle seo Procurador, e Substabellecidos, para que em Juizo, e fóra delle possa requerer.... Testemunhas, que a todo foram presentes, o Capitaõ Manoel Pestana Pereira, Secretario do dito Senhor, e Pero da Motta Leite, Criado do dito Senhor.... e eu Domingos Barboza da Costa, Taballiaõ, que o escrevi.</p> <p>Nos claros vinhaõ palavras desnecessarias á Historia, as quaes não copiei, para evitar maior diffuzaõ.</p>	
<p>como as da Condeça. Não suppunha o mensionado Fernaõ Vieira, que taõ cedo o privariaõ do governo, e, ou fosse com esperanças de nelle ser confirmado pelo Conde de Monsanto, ou pela ambição de se conservar no lugar, em quanto durasse o pleito, declarou-se fautor do Rival da Condeça,</p>	<p>como as da Condessa. Com este procedimento, se declarou Tavares fautor do rival da Condessa,</p>
<p>que a de Nossa Senhora da Conceição de Jtanhaem</p>	<p>que a Villa de Itánheen</p>

<p>por alguns Francezes, cujas palavras vou copiar, para que se veja a pouca exacção, com que os Estrangeiros escrevem a respeito desta Capitania, principalmente dos Paulistas. O Benedictino Dom Iozê Vaissete, fallando da Capitania de São Vicente, diz: (o)</p> <p>A costa do mar do Norte cerca esta Capitania ao Sodoeste no espaço de perto de 80. legoas (1.) cõmuas de França: ella tem a Capitania d'El-Rey ao Meio dia, (2.) e he cercada pelo Poente pelo Paraguay (3.) Assegura-se, que ella tem pouco mais, ou menos 80. legoas de extensão do Levante ao Poente na sua parte Setentrional, donde confina com a Capitania do Rio de Janeiro, e perto de 40. legoas na parte Meridional. (4.)</p> <p>O paiz he fertil, principalmente de fructos: tem Minas de Prata, (5.) e se acha regada por muitos rios.</p> <p>Entre as Ilhas, que estão sobre a costa, a principal he a de Santos, onde se vê a Cidade (6.) de São Vicente, antigamente Capital da Capitania, mas reduzida hoje a pouca couza, por cauza de não ser bom o seo porto. Santos está situada em 24. graos de latitude; e 29. de longitude Occidental.</p> <p>Os Portuguezes tem outras colonias nesta Capitania: huã das principaes he São Paulo, Cidade situada immediatamente debaixo do Tropico de Capricornio (7.) na parte Setentrional da Capitania (8.)</p>	<p>por alguns Francezez, cujas palavras se omitem por fastidiosas.</p>
---	---

vinte, e sinco Legoas ao Norte de Santos. (9.) Ella deve a sua origem a huã Tropa de Espanhoes, Portuguezes, Indios, Mestiços, Mulatos, e outros fugitivos, que, por se esconderem, e fugirem dos Governadores geraes do Brazil, se ajuntaraõ neste lugar, e ahi se estabeleceraõ. (10.) O seo numero se accrescentou de tal sorte, que a Cidade continha quatro, ou sinco mil Habitantes no principio deste seculo, sem contar os Escravos, e Indios, que se lhe davaõ. Os seos Habitantes, que se diziaõ livres, foraõ governados em Republica (11.) por espaço de dilatado tempo debaixo da authoridade d'El-Rey de Portugal, ao qual elles pagavaõ hum tributo de perto de 800. marcos de prata (12.) todos os annos pelo quinto do uzufructo do seo Dominio, onde elles tem Minas de ouro, e prata, que saõ cercadas em roda de altas montanhas, e fechadas por hum espesso bosque. Elles admittiaõ com sigo aventureiros de todas as naçoens da Europa; porem naõ permittiaõ entrada aos Estrangeiros na sua Republica. (13.) Professavaõ a religiaõ Catholica, ainda que exercitassem o officio de Piratas; (14.) mas finalmente El-Rey de Portugal sogeitou esta Republica a seo dominio immediato, do qual ella hoje depende, (15.) e o Papa Benedito XIII erigio ahi hum Bispado no anno de 1745. Tambem ha varias Cazas Religiozas, e entre ellas hum Mosteiro de Benedictinos da Congregaõ do Brazil. (16.) Os Habitantes por

muito tempo duvidarão admittir com sigo Jezuitas, os quaes finalmente estabeleceraõ ahi hum Collegio, não obstante esta difficuldade. (17.)

(1.) A Capitania de São Vicente estendia-se pela Costa 100. Legoas, de onde se segue, que o Author diminue a sua extensaõ, porque 10. legoas Francezas contem somente 9. das nossas (Gelasio Antonio de Sá Supplemento da Historia Chronologia tomo 1. capitulo 2. paragrafo 1. pagina 27). e como por esta conta as 80. Francezas somaõ 72. Portuguezas, dá o Padre á Capitania de São Vicente na costa 22. legoas menos, do que ella tinha.

(2.) Em todo o Brazil não há Provincia alguã, que se denomine Capitania d'El-Rey: a de São Vicente tinha ao Meio dia 40. legoas, pertencentes a Pedro Lopes de Souza, Donatario de Santo Amaro. Hoje saõ da Coroa estas 40. legoas, por se comprehenderem nas 50. que o Marquez de Cascaes vendeo ao Senhor Dom João o quinto.

(3.) Confessando o Author, que o rio Paraguai cerca a Capitania de São Vicente ao Poente, tambem deve confessar, que demoravaõ em terras de Portugal todas as Missoens, e Povoações Castelhanas, situadas no Sertão Brazilico entre a costa do mar, ao rio Paraguai. Como elle discorriaõ os Paulistas antigos, e por isso destruiirão as

ditas Missoens, Cidades, e Villas dos Espanhoes existentes nesta mediação.

(4.) A Capitania de São Vicente confinava pelo Sertão com terras de Espanha, entre as quaes, e a costa do mar, assim ao Norte, como ao Meio dia, devem contar-se muitas legoas mais, do que as assignadas pelo Author.

(5.) Se o Padre falla de Minas descobertas, como parece fallar, enganou-se certamente; pois em parte nenhuma do Brazil se labora em Minas de prata, nem consta com certeza, que hajaõ alguãs rendozas: muitas vezes se procuraraõ n'outro tempo; e dizem, que Dom Francisco de Souza, Governador geral do Estado, extrahira pelos annos de 1599. alguã prata em Biraçoiaba, termo da Villa de Sorocaba, mas em quantidade taõ diminuta, e de lugar taõ profundo, que não fazia conta aquella Mina, e por isso ficara sem uso, couza melhor se verá no livro, onde se escreve a Historia das Minas descobertas pelos Paulistas.

(6.) São Vicente nunca foi Cidade.

(7.) Isto não he muito certo, por ainda não estar averiguada, senaõ pela fantazia, a pozição da Cidade de São Paulo: alguns a consideraõ mais ao Norte do Tropico, e esta foi a cauza motiva de dizer eu acima, que demorava debaixo do Tropico pouco mais, ou menos.

<p>(8.) Supposto que os Donatarios de São Vicente possuirão mais de hum seculo a Villa de São Paulo, sem ninguem lhes disputar o seo dominio, controverteo-se depois disso, á qual das Capitancias pertencia, se á de São Vicente, se á de Santo Amaro, e bem pode ser, que esteja situada em huã nesga de terra nunca doada a pessoa alguã, que fica no meio das ditas duas Capitancias, como direi a seo tempo Livro.</p> <p>(9.) Ainda ninguem tinha medido o caminho de Santos para São Paulo, quando Vaisete escreveo, e nunca pessoa alguã sospeitou, que a distancia he de 25. legoas, e os que mais se estendem; assignaõ somente 3. legoas de agua, e 12. de terra. Modernamente o General Francisco da Cunha, e Menezes mandou fazer o calculo das suas Legoas, e assentou-se, que do Cubataõ até a Cidade há somente pouco mais de 8. mas ao depois se averiguou, que não fizeraõ bem a diligencia, e erraraõ os Medidores.</p> <p>[...]</p>	
<p>formou sobre elles crustas taõ grossas, que n'alguãs partes chegaõ a ter capacidade, para sustentarem, como sustentaõ, arvores bastantemente altas, que sobre ellas nasceraõ, e se conservaraõ sempre viçosas. Tanta he a antiguidade destas Ostreiras, (assim lhe chamaõ na Capitania de São Paulo) que a humidade pelo decurso dos</p>	<p>formou sobre elles os grossos Cristaes, e da mesma Sorte produzio o arvoredado referido.</p>

<p>tempos veio a corromper as conchas de alguãs dellas, reduzindo-as a huã massa branda, a qual tornando a endurecer com o calor, formou pedras taõ solidas, que hé necessario quebra-las com marroens, ou alavancas, antes de as conduzirem para os fornos, onde as rezolvem em cal. Destas cascas dos mariscos, que comeraõ os Jndios, se tem feito toda a cal dos edificios desta Capitania desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabaráõ as Ostreiras de Santos, São Vicente, Conceição, Jguape, Cananea etcoetera.</p> <p>Naõ são mineraes, porque na maior parte dellas ainda se conservaõ inteiras as conchas e n'alguãs achaõ-se machados, (os dos Jndios eraõ de seixo muito rijo) pedaços de panellas quebradas, e ossos de defuntos; pois que se algum Jndio morria no tempo da pescaria, servia de cemiterio a Ostreira, na qual depositavaõ o cadaver, e depois o cobriaõ com conchas.</p>	
<p>o Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires de Castro, filho do Author originario Dom Luiz de Castro, e depois de passados alguns annos, certos Iuizes nomeados por El-Rey, para rezolverem a contenda sem appellação, nem aggravo, deraõ sentença final do teor seguinte: (e)</p>	<p>o Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires de Castro e Souza, / como bisneto de Pedro Lopes de Souza, primeiro Donatario de Itámaracã com 80 legoas de Costa / e Suposto que se defendia a cauza com o fundamento da posse, e nomeação, que em Lopo de Souza havia feito a ultima Donataria Dona Izabel de Lima de Souza e Miranda, Comtudo venceu o Conde de Monsanto o pleito, já depois de morto o Excellentissimo Vimieyro, e obteve Sentença em 20 de Mayo de</p>

	<p>1615, por que lhe foi julgada a Capitania das 80 legoas de Seu bisneto Pedro Lopes de Souza, proferida pelos Dezembargadores do Passo Luis Machado de Gouvêa, Fernão Ayres de Almeyda, Melchior Dias Preto, e pelo Doutor Gaspar Pereira, Deputado da Meza da Consciencia, e Ordens, e Francisco de Brito de Menezes, Dezembargador dos Agravos da Caza da Suplicação, sendo todos nomeados por ElRey para rezolverem esta Contenda sem Apelação nem Agravo.</p> <p>Por esta Sentença se confirmou o Conde de Monsanto á Capitania das 80 legoas de Costa do Sul, 80 legoas por Carta passada a 10 de Abril de 1617. Em cumprimento della mandou tomar posse de 50 legoas de Costa do Sul, que vem a ser 10 legoas do Rio Curupacê athé o Rio de São Vicente, e 40 legoas, que começão de doze legoas ao Sul da Ilha de Cananea, / hé a Barra de Parnagoa, onde se acha o Padraão, que descobrio Afonso Botelho de Sampayo / e para cujo effeito nomeou o Conde de Monsanto por seu bastante Procurador a Manoel Rodriguez de Moraes, em cuja Procuração já se intitulou Donatario da Capitania de Itamaracá no Estado do Brazil, legitimo Successor della, e bem assim da Capitania de São Vicente, e das 50 legoas de Costa na dita Capitania, e de todas as Povoaçoes estar nella. Este Procurador dito Manoel Rodriguez veyo de Lisboa á</p>
--	---

	<p>Cidade da Bahya, e della trouce huma Provizaõ de Dom Luis de Souza, Governador Geral do Estado do Brazil, pela qual mandou aos Officiaes da Camara da Villa de São Vicente, que logo dessem posse ao Conde de Monsanto da Sua Capitania. Com esta Provizaõ, e Procuração, se apresentou em Camara o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes aos 11 de Ianeiro de 1621, e os Camaristas lhe deraõ posse da Capitania de São Vicente, Villas de Santos, e São Paulo. (c) Como o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes trazia Provimento para Capitam Mor, Governador, Loco Tenente do Conde de Monsanto, os ditos Camaristas lhe deraõ posse no dia 12 do mesmo Ianeiro de 1621 por não haver malicia nestes bons homens Camaristas, mas Sim huma prompta obediencia a Provizaõ de Dom Luis de Souza, Governador Geral do Estado. A Sentença, de que já Se fes menção hé do theor Seguinte. (d)</p>
<p>Domingos de Brito Peixotto, e o Capitaõ Francisco Calaça,</p>	<p>Domingos de Souza de Brito e o Capitam Francisco Callaça,</p>
<p>e aportara em São Vicente aos 22. de Janeiro de 1531. Eu n'outro tempo conformei-me com a opiniaõ do Padre Santa Maria, por me não parecer verossimil, que estando Martim Affonso em Lisboa, quando Sua Magestade assignou o Alvará, em Castro verde aos 20. de Novembro, partisse depois disso, e chegasse ao Rio de Janeiro no primeiro dia do anno seguinte: hoje, pore, julgo verdadeira a</p>	<p>e aportara em São Vicente aos 22 de Ianeiro de 1531, o que se comprova com a Carta</p>

opinião de Taques, depois de ter Lido a Carta	
Deichando em terra a gente, que trazia para povoar, fez embarcar a soldadesca, e marinhagem da Esquadra.	deixando em terra a gente, que trazia para povoar, cujas principaes pessoas forão as Seguintes: Luis de Goes, cazado com Dona Catharina; Seus irmaons Pedro de Goes, que depois foi Capitão Mor de Armada pelos annos de 1533, e Gabriel de Goes, com Domingos Leitaõ, que era genro do dito Luiz de Goes; Iorge Pires, Cavalleiro Fidalgo, Bras Cubas, Cavalleiro Fidalgo, Pedro Cubas, seu filho, e Moço da Camera, Francisca Cubas, Irman de Bras, e mulher de Diogo Gonçalvez Ferreira: Ruy Pinto, Fidalgo da Caza Real, cazado com Dona Anna Pires Micel, Irmaõ de Izabel Pinto, mulher de Nicolao de Azevedo, Fidalgo da Caza Real, Antonio Pinto, e Francisco Pinto, e filhos de Francisco Pinto, e outros muitos desta qualidade.
e pague a custa dos Autos. Pelo que... El-Rey o mandou pelo Doutor Braz Fragozo do seo Desembargo, Provedor mór da sua Fazenda, e seo Ouvidor geral com alçada em todas as Capitancias, e terras, e Povoaçoes de toda esta Costa do Brazil....	e pague as Custas dos Autos. Etcoetera.
por preços exorbitantes. (S) Na Vereação de 21. de Julho de 1543. depois de tacharem os resgates, fizeraõ os Vereadores duas posturas, que daõ clara idêa da mâ fé dos Portuguezes nos seus contractos com os naturaes da terra. Prohibiraõ aos Brancos	por preços exorbitantes. (d) Em duas Posturas da Camara prohibiraõ aos Brancos

que ouvisse de trahir. Por este modo dispensarão no Direito Divino, e humano, que ao menos requerem duas testemunhas de maior excepção; e parecendo santissimo o Acordão, elle se dirigia a conservar os Barbaros na ignorancia do seu prejuizo,	que ouvisse de trahir, procurando por este meyo o conservar os Barbaros na ignorancia do Seu prejuizo.
o interesse da sua nova colonia. Como o Rey mostrava dezejos de que a Frota se não demorasse n’America, entrou logo a dispor-se	o interesse da Sua nova Colonia, e entrou logo a dispor-se
aprovou a concordata na Cidade da Bahia aos 24. de Novembro de 1655. a qual confirmou ao depois Sua Magestade varias vezes, como explicarei melhor, quando escrever, as guerras Civis desta Capitania.	aprovou a Concordata na Cidade da Bahya por sua Provizaõ, de que ao diante se mostrará, e outras regias em aprovação da mesma Concordata.
ou por quem tinha jurisdição para isso. Estes Capitaens móres, e Ouvidores registavaõ as suas Patentes, e tomavaõ posse na Camara da Villa Capital da Capitania, e nada mais era necessario, para serem obedecidos na de São Paulo.	ou por quem tinha jurisdição para isso nesta Capitania.

REELABORAÇÃO

A	F
Os Governos Geraes de Minas Geraes, Goiazes, Mato grosso, São Paulo, e Rio de Janeiro,	os Governos Geraes de todas as minas, São Paulo, e Rio de Janeiro,

os da caza dos Povoadores da Fazenda Real da Capitania de São Paulo, os Lemes Goes; os Lemes Prados, os Lemes Guerras, e outros.	os da Caza dos Provedores da Fazenda Real da Capitania de São Paulo, que antigamente houveraõ.
e tambem da outra do Doutor Braz Fragozo, ao Ouvidor geral da Repartição do Sul, e o Licenciado Simaõ Alvares de La Penha, confirmou todas	e de outra dada pelo Doutor Bras Fragozo, que confirmou todas Simaõ Alvarez de la Penha
se mudou em Brazil, nome proprio de certas arvores assim denominadas pelos Portuguezes, os quaes lhes deraõ este nome, depois que de seos troncos extrahiraõ hum licor muito estimado	se mudou em Brazil pelo interesse do páo assim chamado, de cujos troncos extrahiraõ os Portuguezes hum licor muito estimado
Sem embargo que nada he taõ miseravel, como a vida, que elles passavaõ nos Sertoens,	Sem embargo que naõ havia couza mais miseravel, do que a vida, que elles passavaõ nos Certoens,
152. Desta desordem nasceo ficar dezerto quazi todo o lugar, que servio de berço á Villa, o qual se conservou sem moradores até o anno, em que se edificaraõ os Quarteis dos Soldados atraz da Matriz. No tempo da dezerção cahio o Pelourinho antigo,	152. No tempo da dezerção da mayor parte dos Moradores, para outro lugar, cahio o Pelourinho antigo,
e desta mistura sahio huã geração perversa, (5.) da qual as desordens em todo o sentido chegaraõ taõ longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos por cauza da sua semilhança com os antigos Escravos dos Soldoens do Egypto. (6.) //	e desta mistura Sahio huma geração preversa, segundo supoem o Autor, que o Sangue dos Indios influhio para a maldade, quando este se junta ao Sangue Europeõ.
(5.) Affirmar o Author, que da mistura do sangue sahio huã geração perversa, he suppor, que o sangue dos Jndios influio para a maldade, suppozição, que muito deshonra, senaõ á crença, ao menos ao juizo de hum sabio Catholico; por quanto nem a Divina Graça perde a sua efficacia, nem a Natureza se perverte, ou a malicia adquire maiores forças, quando o sangue Europeo se ajunta com o BraziliLico.	

A Cidade de São Paulo teve os principios,	153. A villa de São Paulo, hoje Cidade , teve os principios,
o Sargento mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme depois de haver empregado na sua composiçaõ, alguns 50. annos examinando para isso os Cartorios	o Sargento Mor Pedro Taquez de Almeyda, gastando na Sua Composição alguns 50 annos com grande exame de todos os Cartorios
Jorge Pires fora Cavalleiro Fidalgo,	Iorge Pires se dis ser cavalleiro Fidalgo,
Remetteo ao silencio hum Dom Martinho Affonso de Souza,	Fica em Silencio hum Dom Martinho Afonso de Souza,
como relataõ Dom Iozê Vaissette, Historiador affamado, e douto Monge da exemplar Congregaçaõ Benedictina de São Mauro em França,	como querem dizer os mesmos Estoriadores, precipue Dom Ioze Vaicete Monge Beneditino de São Mauro em França.
tomou posse das suas compradas não só se apossou dellas, mas tambem das 100. pertencentes aos herdeiros de Martim Affonso de Souza,	tomou posse dellas, se apossou tambem das 100 pertencentes aos Erdeiros de Martim Afonso,
Todas estas noticias, que eu n'outro tempo acreditava como artigos de fe historica, estão muito longe de merecer firme assenso; porque huãs são muito duvidozas, e outras absolutamente falsas, como hirei mostrando nas seguintes reflexoens.	cujas noticias, parecendo veridicaz em outro tempo, se mostraõ falsas nas seguintes reflexoens.
o Frade. Na mesma paragem corre hum rio, a que appellaõ do Frade por vir da Serra, onde existe.	o frade, e delle proveyo o nome do Rio, a que chamaõ do frade.
48. O Cacique da Aldêa dos fugitivos, em ouvindo esta relação , assentou,	48. O cacique da Aldeya dos fugitivos, quando ouviu delles a noticia , acentou
elle fazia vida marital com huã filha do Regulo, e este lhe participou sem demora a	Sendo pois o mencionado Ramalho sabedor, pelo

noticia, que acabava de receber. Ouvio a Ramalho com alvoroço grande,	avizo de Teviriçâ, da noticia, e chegada da Armada, ouvio-a com alvoroço grande,
as outras ordinariamente hiaõ pelo rio em canoas até Tumiarú. Para Matriz erigio huã Igreja com o titulo de Nossa Senhora da Assumpção: fez cadêa, caza do Concelho, e todas as mais obras publicas necessarias; foi porem, muito breve a duração dos seus edificios, porque tudo levou o mar.	as outras pelo rio em Canoas athé Tumiarú, e todos os edifficios, e Obras publicas, que erigio, teve breve duração, porque tudo levou O mar.
O Chronista da Provincia de Santo Antonio do Brazil conforma-se nesta parte com o Padre Santa Maria, e de mais accrescenta , que Martim Affonso	O mesmo aSevera o Chronista do Brazil, digo da Provincia de Santo Antonio do Brazil, acrescentado que Martim Afonso
A plebe admirada da cegueira destes marinheiros errantes, attribuiu sua desgraça a castigo do Piloto,	Atribuio-se aquella desgraça do naufragio a castigo do Piloto,
e Luiz de Goes: eu conservo especies confuzas de ter lido huã Escriptura;	e Luis de Goes, e o aSevera huma escriptura,
aos 7. de Fevereiro de 1575. e na mencionada Escriptura, da qual eu tenho huã Copia, vem incluza a procuração, por onde Dona Cecilia conferio poder a seu marido, para em seu nome outorgar a Doação das terras,	em 7 de Fevereiro de 1575, e Doação outorgada por Dona Cecilia a seu marido
mandou buscar á Madeira a planta de cãnas doces. O livro mais antigo desta Capitania he hum fragmento do caderno, onde se lavraraõ os termos das Vereações da Villa de São Vicente: principia em 1541. e delle consta, que Antaõ Leme foi Juiz Ordinario em 1544. (t) Depois desse anno nunca mais apparece o dito Leme,	mandou buscar a Madeira a planta de Canas doces. Não há noticia mais em documento algum do dito Antaõ Leme, que servio de Luis Ordinario em São Vicente em 1544.
Não padece a menor duvida, que houve a dita prohibição, e tambem que para todos	A prohibição foi certa, como tambem necessaria

poderem hir ao campo, foi necessaria dispensa, de quem tinha jurisdição igual á do prohibente	dispensa de quem tinha jurisdição igual a do prohibente para hir ao Campo.
podia hir ataca-lo com a sua Armada, e achando-se elle sem os instrumentos necessarios para a defensa?	podia hir atacalo com a sua Armada, ainda no extremo de elle se achar sem os iñstrumentos necessarios para a deffensa.
mas não posso dispensar-me de admirar a obediencia heroica do Degradado,	Naõ se pode ocultar a admiração da Obediencia heroica do degradado Duarte Perez,
131. O remate da fabula he para mim muito engraçado. Eu esperava, e esperariaõ todos, que Moschéra,	131 O remate da fabula he muito engraçado: deviaõ supor todos, que Moschera,
e as vizinhas, que demoraõ ao Oeste do dito ribeiro, concedeo a André Botelho aos 2. de Junho de 1541, declarando, que partiriaõ pela regueira, que alli faz o outeiro, que, diziaõ, ser de Braz Cubas,	e as vezinhas concedeo a Andre Botelho aos dous de Julho de 1541, partindo com o Outeiro, que diziaõ ser de Braz Cubaz.
e unicamente posso assegurar, que isto succedeo em algum dos dias,	e Só se colige ser em algum dos dias,
e vendiaõ os Indios, como Escravos sendo Livres estes pobres homens; mas nenhum fundamento teve, para os denominar Piratas.	e vendiaõ os Indios como escravos, sendo livres; mas sem fundamento os denominou Piratas.
Digamos a verdade, sou obrigado a confessar que muita gente accusava aos Antigos de homicidas,	Hé certo que muita gente acuzava aos antigos de homicidas,
174. Muitas vezes tenho advertido, que as fabulas respectivas a Capitania de São Vicente,	175. Está bem advertido, que as fabulas respectivas a Capitania de São Vicente,
como receava este grande Politico: em franqueando a porta do campo, armaraõ-se contra nós quazi todos os Indios, e as guerras demoraraõ o augmento da Capitania:	como receava este grande Politico sobre a dezertação de toda a Marinha, para a Povoação

faltou na Costa a gente, que se foi estabelecer no Sertão, e por não serem bastantes os colonos, para encherem a Costa, e os seus fundos, estiverão muitos annos sem morador algum as terras de Beiramar, que ficaõ ao Norte da Bertioga, e ao Sul de Jtinhaem.	dos Certoens.
vou confirmar a substancia do cazo com as palavras de Artur de Sá,	Este cazo se verifica com as palavras de Artur de Sá,
7. Depois de gastar alguns mezes nestas diligencias, deichando nas Fortalezas a gente necessaria para a sua defensa, e da Real Feitoria, sahio de Jtamaracá,	7. Dispondo as Couzas no Seu devido pê, Sahio de Itámaracá
A respeito da boa, ou má fé do Conselheiro suspendo o meo juizo.	A respeito da boa, ou má fé do Conselheiro fique em Silencio o projecto.
o referido Padre Nobrega, quando recebeo a Patente, em que Santo Jgnacio de Loyola o criou Provincial da nova Provincia Brazilica,	o referido Padre Nobrega, e recebendo a Patente de Provincial da nova Provincia do Brazil,
Ao depois averigui, que os antigos	Averigoando-se depois, que os antigos
de outra colonia vizinha, (3.) em a qual o Sangue Português (3.) Esta colonia vizinha, a que o Author chama manancial da corrupção, foi a Villa de Santo André.	de outra Colonia Vezinha, que foi a Villa de Santo Andre , em a qual o Sangue Portuguesez
(6.) Mamalucos chamaõ no Brazil aos filhos de Branco com India , ou de Indio com Branca. Ignoro a origem desta denominação, e não creio, que fosse a assignada pelo Author, por me parecer, que nestas partes se ignorava a Historia dos Soldoens do Egypto, quando se principiou a fallar, por aquelle modo. os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ sũmamente aos Mamalucos dos Paulistas,	aos Mamelucos dos Paulistas, / estes homens eraõ filhos de branco com India /
estava por Direito Natural desobrigado de executar o mandado.	estando delle dezobrigado por Direito natural de

	executar o mandado.
<p>por este modo deraõ o nome de Porto á dita Povoação, querendo dizer com esta palavra, que ella era o porto da Villa de São Vicente.</p> <p>147. Com este nome sem outro algum additamento se conservou alguns annos,</p>	<p>147. Conservouce alguns annos a Povoação com o nome de Porto,</p>
<p>no districto de ambas ás Villas. Nos livros antigos acho noticia dos seguintes: o dito de São Jorge; o de Estevão Pedrozo; o de Jeronimo Leitaõ; o de Salvador do Valle; o dos Guerras. Todos estes ficavaõ no termo da Villa de São Vicente; e no districto de Santos existiaõ o da Madre de Deoz defronte desta Villa; o de São Joaõ, de Jozê Adorno na Ilha de São Vicente; e na de Santo Amaro o de Estevão Rapozo; o de Bartholomeo Antunes: e o de Nossa Senhora da Apprezentação. Havia mais o de Santo Antonio de Manoel Fernandes, cujo sitio ignoro.</p>	<p>no destricto de ambas as Villas, donde se contaraõ o numero de onze Engenhos.</p>
<p>por terem chegado suas mulheres, e filhos. Ora não he verosimil, que viessem cazaes na primeira Esquadra: como nesse tempo ainda não havia colonia alguã de Portuguezes no Brazil, ninguem quereria embarcar sua familia para Regiaõ taõ distante, e taõ pouco conhecida, sem primeiro se ver o successo de Martim Affonso.</p> <p>A primeira mulher branca,</p>	<p>por terem chegado suas mulherez, e filhos, o que implica com a primeira acerssaõ de virem na Esquadra primeira, e se vem a inferir, que a primeira mulher branca,</p>

PARAGRAFAÇÃO

A	F
<p>por alguns Francezes, cujas palavras vou copiar, para que se veja a pouca exacção, com que os Estrangeiros escrevem a respeito desta Capitania, principalmente dos Paulistas. [...] porque Vasconcellos nesta parte da fundação de São Paulo regulou-se pelos Apontamentos do Veneravel Padre Jozê de Anchieta, que morava em São Paulo nos primeiros annos da sua fundação, cujos Apontamentos se conformão com a tradição antiga desta Capitania. Desenganem-se os Portuguezes, e tenham por certo, que nunca hão de saber a Historia verdadeira do Brazil, se a estudarem por Livros compostos em Reinos estranhos: eu confesso ingenuamente, que não posso conter o rizo, quando Leio as noticias de alguns Viagerios modernos, que passaraõ pelo Brazil, e desconfio de todas as suas noticias, por estar vendo com meos olhos o contrario, do que elles affirmaõ a respeito das terras, onde tenho morado; pois não devo fiar-me, em quem não falla verdade sobre quazi todos os assumptos, que posso averiguar, ou tenho prezenceado.</p> <p>§ (11.) A Republica de São Paulo foi, como a de Plataõ, existente só na idêa do Impostor, que lhe deo subsistencia.</p>	<p>por alguns Francezez, cujas palavras se omitem por fastidiosas. (L)</p> <p>§ Nota Bene. Da Fundação de São Paulo regulouce Vasconcellos pelos Apontamentos do Veneravel Padre Ioze de Anchieta, que morava em São Paulo nos primeiros annos da Sua Fundação, cujos Apontamentos se conformão com a tradição antiga desta Capitania. A Republica de São Paulo foi como a de Platão, existente só na ideya do Impostor Beneditino o Padre Ioze Vai-sete. Parece que o Autor se contradiz, por quanto depois de ter affirmado, que admitiaõ consigo Aventureiros de todas as Nasçoens da Europa, acrescenta que não permitiaõ aos Estrangeiros entrada na Sua Republica; porem o Sentido hé / ao que parece / que deixavaõ morar forausteiros na sua Villa, e não consentiaõ terem parte no Governo: Eis aqui outra fabula; pois assim os Europeos Portuguezes, como os Estrangeiros cazados na terra, foraõ Camaristas sem contradição alguma athé o tempo das Guerras Civis entre Pires, e Camargos, e ainda depois disso, eraõ admitidos com certas lemitaçoens. Estando as familias sobreditas em Campo a ponto de Se darem batalha em dous formidaveis exercitos, o Parocho, e Religiozos da Villa, que muito bem conheciaõ o motivo das discordias, reduziraõ a paz os dous Bandos inimigos, persuadindo-os, que</p>

[...]

§ (13.) Parece, que o Author se contradiz; por quanto, depois de ter affirmado, que admittiaõ com sigo aventureiros de todas as naçoens da Europa, accrescenta, que não permittiaõ aos Estrangeiros entrada na sua Republica; porem o sentido he, a meo ver, que deichavaõ morar Forasteiros na sua Villa, e não consentiaõ terem parte no governo. Eis-aqui outra fabuLa; pois assim os Europeos Portuguezes, como os Estrangeiros cazados na terra, foraõ Camaristas sem contradição alguã até o tempo das guerras Civis entre Pires, e Camargos, e ainda depois disso eraõ admittidos com certas Limitaçøens. Estando as Familias, sobreditas em campo a ponto de se darem batalha com dous formidaveis exercitos, o Paroco, e Religiozos da Villa, que muito bem conheciaõ o motivo das discordias, reduziraõ á paz os dous bandos inimigos, persuadindo-lhes com razoens efficazes, que nos Pelouros da Camara entrassem sempre Officiaes das Familias contendoras em igual numero, e entre elles alguns Neutraes. Este meio, inspirado por Deoz, serenou a tormenta; e para que se não Levantasse outra similhante no tempo futuro, Dom Jeronimo de Atayde, Conde de Atouguia, entãõ Governador geral do Estado, approvou a concordata na Cidade da Bahia aos 24. de Novembro

nos Pelouros da Camara entrassem sempre Officiaes das familias contendoras em igual numero, e entre elles alguns Neutraes. Este meyo iñspirado por Deos, serenou a tormenta; e para que se não levantace outra semelhante para o futuro, Dom Ieronimo de Atayde, Conde de Atouguia, entãõ Governador Geral do Estado, aprovou a Concordata na Cidade da Bahya por sua Provizaõ, de que ao diante se mostrará, e outras regias em aprovação da mesma Concordata. Ouvio pois Vaisete, ou quem lhe deo a noticia, que nem todos os Moradores de São Paulo podiaõ servir na Camara todos os annos, e não sabendo a razãõ disso, escreveo que os Paulistas não permitiaõ a Estrangeiros na Sua Republica. Se o Autor chamou Plagiarios aos Paulistas antigos, alguma razãõ teria para isso, por não se poder negar, que captivavaõ, e vendiaõ os Indios como escravos, sendo livres; mas sem fundamento os denominou Piratas.

§ Quem pode dizer com razãõ, que os Paulistas em tempo algum cometeraõ semelhante vileza? Hé certo que muita gente acuzava aos antigos de homicidas, e desconfiados pela honra; porem de Piratas, e Cobiçozos de Couza alheya, ninguem se atreveo a sensuralos, e antes muito pelo contrario eraõ notados de prodigos, por generozos, e liberaes com excesso: se foraõ cobiçozos saberiaõ aproveitar-se de tanto ouro, por elles extrahidos das Minas Geraes, Cuyaba; Mato grosso, e Goyas nos Seus principios. Eraõ homens, que ainda nas Guerras Civis de Paulistas, e

de 1655. a qual confirmou ao depois Sua Magestade varias vezes, como explicarei melhor, quando escrever, as guerras Civis desta Capitania. Ouvio pois dizer Vaissete, ou quem lhe deo a noticia, que nem todos os moradores de São Paulo podiaõ servir na Camara todos os annos, e não sabendo a razãõ disso, e tambem que couza seja o Tribunal, a que os Portuguezes chamamos Camara, ignorando outro sim, que aos Officiaes della damos o titulo de Republicanos, sem no ditto Tribunal, se achar a jurisdição adherente aos Magistrados Supremos das verdadeiras Republicas; escreveo, que os PauListas não permittiaõ a Estrangeiros entrada na sua Republica.

§ (14.) Se o Author chamasse Plagiarios aos Paulistas antigos, alguã razãõ teria para isso, por não se poder negar, que captivavaõ, e vendiaõ os Jndios, como Escravos sendo Livres estes pobres homens; mas nenhum fundamento teve, para os denominar Piratas. Esta gente infame, e depravada, rouba, quanto acha, e o mais ordinario estilo dos Piratas Christaons, he contentarem-se com as fazendas, e não captivarem aos donos dellas. Quem pode dizer com razãõ, que os Paulistas em tempo algum cometeraõ similhante vileza? Digamos a verdade, sou obrigado a confessar que muita gente accuzava aos Antigos de homicidas, e

Europêos, se abstiveraõ de despojar a Seus inimigos, segundo confessa o Padre Manoel da Fonseca, não obstante ser Iezuita, e Europêo, e escrever a dita Guerra com expirito de parcialidade == dis o Padre. (n)

<p>desconfiados; porem de Piratas e cobiçozos da fazenda alhea, ninguém se atreveo a censura-los, e antes muito pelo contrario eraõ notados de prodigos, e nimiamente desinteressados, por serem generozos, e liberaes com excesso: se foraõ interesseiros, saberiaõ aproveitar-se de tanto ouro por elles extrahido das Minas geraes, Cuyabá, e Goiazes nos seos principios; o que não fizeraõ, desperdiçando muitas arrobas deste preciozo metal. Que haviaõ elles de furtar aos Indios dos Sertoens. Se todos sabem, que os Indigenas do Brazil eraõ pauperrimos? Bons eraõ para isso huns homens, que até na occaziaõ das guerras civis de Paulistas, e Emboabas se abstiveraõ de despojar a seos inimigos, segundo confessa o Padre Manoel da Fonseca, não obstante ser Jezuita, e Emboaba, e escrever a dita guerra com espirito de parcialidade.</p>	
<p>de outra colonia vizinha, (3.) em a qual o Sangue Portuguêz se misturou com o dos Indios. (4.) O contagio deste mao exemplo chega bem depreça a São Paulo, e desta mistura sahio huã geração perversa, (5.) da qual as desordens em todo o sentido chegaraõ taõ longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos por cauza da sua similhaça com os antigos Escravos dos Soldoens do Egypto. (6.) //</p>	<p>de outra Colonia Vezinha, que foi a Villa de Santo Andre, em a qual o Sangue Portuguez se misturou com o dos Indios por morarem naquella Villa os filhos de Ioaõ Ramalho Portuguez, e Izabel Princeza dos Guayanazes, e filha de Teviriçâ, os quaes filhos de Ramalho foraõ objecto do Odio Iezuitico em todas as partes do mundo, onde chegou a Chronica do Padre Vasconcellos. O contagio deste mão exemplo chega bem depressa a São Paulo, e desta mistura Sahio huma geração preversa, segundo supoem o Autor, que o Sangue dos Indios influhio para a maldade, quando este se</p>

<p>§ (3.) Esta colonia vizinha, a que o Author chama manancial da corrupção, foi a Villa de Santo André.</p> <p>§ (4.) Diz, que o sangue Português se misturou com o dos Indios de Santo André, por morarem nesta Villa os filhos de João Ramalho, Português, e Jzabel, Princeza dos Guaianazes, os quaes filhos de Ramalho foraõ objecto do odio Jezuitico em todas as partes do mundo, onde chegou a Chronica do Padre Vasconcellos. Muito se enganou Charlevoix, se prezumia, que somente em Santo André se misturou o sangue Português com o dos Indios, e devia instruir-se mais na Historia Genealogica da Capitania de São Vicente, se julgava, que todos os Paulistas trazem sua origem de sangue misturado.</p> <p>§ (5.) Affirmar o Author, que da mistura do sangue sahio huã geração perversa, he suppor, que o sangue dos Jndios influio para a maldade, suppozição, que muito deshonra, senão á crença, ao menos ao juizo de hum sabio Catholico; por quanto nem a Divina Graça perde a sua efficacia, nem a Natureza se perverte, ou a malicia adquire maiores forças, quando o sangue Europeo se ajunta com o BraziLico. Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, em quanto não concorreraõ para elle os Mestiços da colonia vizinha; ora he certo, que no principio todo aquelle Povo se compunha de Piratininganos: logo o fermento da corrupção</p>	<p>junta ao Sangue Europeu.</p> <p>§ Diz Charlevoix, que o Povo de São Paulo se conservou em piedade, enquanto não concorrerão para elle os Mestiços da Colonia Vezinha; Ora hé certo que no principio todo aquelle Povo se compunha de Pirátininganos: Logo o fermento da Corrupção não consistio no Sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo acresceo, e veyo misturar-se com o dos pios, e innocentes moradores de São Paulo; cujas dezordens em todo o Sentido chegaraõ tão longe, que se deo a estes Mestiços o nome de Mamelucos. Os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ Summamente aos Mamelucos dos Paulistas, / estes homens eraõ filhos de branco com India / e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a sua mayor esperança, digo era a mesma que nos taes Paulistas concorria, para os amarem com excesso, pois eraõ os Mamelucos melhores Soldados dos exercitos aSoladores das Missoens: Elles muitas vezes foraõ os Chefes das Tropas Conquistadoras, e por elles mandavaõ seus Pays atacar os Indios bravos, por conhecerem a Sufficiencia destes filhos bastardos, creados na Guerra, e acostumados ao trabalho e por isso mais aptos, do que os Brancos, para suportarem os incomodos do Certaõ, e como era gente rustica, desconfiada, e acostuada a matar nas guerras, faziaõ pouco escrupulo de tirar a vida a qualquer genero de pessoa, não só por mandado de Seus amos, mas tambem por leves agravos, e alguns só prezumidos.</p>
--	---

naõ consistio no sangue dos Indios, mas sim no dos Portuguezes, que de novo accresco, e veio misturar-se com o dos pios, e inocentes moradores de Saõ PauLo. Conceder esta illaçã, seria manifesta parvoice; mas ella se infere legitimamente das noticias de Charlevoix. De falsas premissas nunca se deduziraõ consequencias verdadeiras.

§ (6.) Mamalucos chamaõ no Brazil aos **filhos de Branco com India**, ou de Indio com Branca. Ignoro a origem desta denominaçã, e naõ creio, que fosse a assignada pelo Author, por me parecer, que nestas partes se ignorava a Historia dos Soldoens do Egypto, quando se principiou a fallar, por aquelle modo. O que sei com toda a certeza, he, que os Iezuitas Castelhanos aborreciaõ sũmamente aos Mamalucos dos Paulistas, e a cauza, que elles para isso tinhaõ, era a mesma, que nos taes Paulistas concorria, para os amarem com excesso. Eraõ os Mamalucos os melhores Soldados dos exercitos assoladores das Missoens: elles muitas vezes foraõ os Chefes das Tropas conquistadoras, e por elles mandavaõ seos Pays atacar os Indios bravos, por conhecerem a sufficiencia destes filhos Barbaros, criados na guerra, e acostumados ao trabalho, e por isso mais robustos, e mais aptos, do que os Brancos, para supportarem os incomodos dos Sertoens. O seo prestimo, e valor, e

<p>tambem as suas victorias, deraõ occasiaõ aos Jezuitas, para os aborrecerem, como a instrumentos principaes da destruiçaõ das suas Missoens. Devo confessar, que aos Mamalucos se attribue a maior parte dos homicidios taõ frequentes n'outro tempo em Saõ Paulo, e nas mais Villas de Serra acima: como eraõ gente rustica e acostumada a matar nas guerras, faziaõ pouco escrupulo de tirar a vida a qualquer genero de pessoas, naõ só por mandado de seos Amos, mas tambem por Leves aggravos, e alguns só presumidos.</p>	
<p>ajudados pelos Superiores EccLeziasticos, (7.) por deter o curso desta. inundaçaõ, a dissoluçaõ se fez geral, e os Mamelucos sacudiraõ em fim o jugo da authoridade Divina, e humana. (8.) Hum grande numero de Banidos</p> <p>§ (7.) Se eu disser, que o Author nesta parte escreveo o contrario, do que entendia, naõ me accuzará de temerario, quem Ler, o que elle mesmo refere no tomo 2 anno 1630. onde contando o requerimento, que a beneficio das Missoens Castelhanas vieraõ fazer na Cidade da Bahia ao Governador geral do Estado, os Padres Macéta, e Manilha, diz assim:</p>	<p>ajudados pelos Superiores Eccleziasticos por deter o curso desta innundaçaõ, a dissoluçaõ se fez geral, e os Mamelucos sacudiraõ emfim o jugo da Autoridade Divina, e humana. Se se disser que o Autor nesta parte escreveo o contrario do que entendia, conhecerá isso mesmo, quem ler, o que elle escreveo, e refere no tomo segundo anno de 1630, onde contando o requerimento, que a beneficio das Missoens Castelhanas vieraõ fazer na Cidade da Bahya ao Governador Geral do Estado os Padres Maceta, e Manilha sobre o procedimento dos ditos Mamelucos. Hum grande numero de Banidos</p>
<p>situada sobre o cume de huã montanha, (9.) naõ podia ser subjugada, senaõ por fome, (10.) e por esta cauza eraõ precisos numerozos exercitos, que o Brazil, e ainda menos o Paraguai, naõ</p>	<p>Situada sobre o Cume de huma Montanha impropriamente dis o Autor; porque naõ há Serra alguma proxima a esta Villa, hoje Cidade: que ella naõ podia ser Subjugada senaõ por fome; dezejava perguntar ao Padre</p>

<p>estavaõ em estado de fornecer,</p> <p>§ (9.) Impropriamente diz o Author, que a Villa de São Paulo está situada sobre o cume de huã montanha; porque não há serra alguã proxima a esta Villa, hoje Cidade. Ella demora em Lugar alguã couza elevado; mas não tanto, que seja difficil a sua expugnação, depois de ter chegado o Inimigo a Borda do campo, 3. legoas distante da Cidade.</p> <p>§ (10.) Dezejara eu perguntar ao Padre Charlevoix, onde se havia de pôr o cerco, para subjugar por fome a Villa de São Paulo? No Cubataõ abaicho das Serras, ou no campo, depois dellas passadas? Depois de passadas as Serras, não haveria a difficuldade, que tanto encarece o Author, por não concorrer circumstancia alguã no sitio da Villa, que a faça inexpugnavel, ou difficultoza a sua entrada. Em baicho, porem das Serras, ainda que alli se juntassem, e muitos annos permanecessem todos os exercitos do mundo, não seriaõ elles bastantes, para que os Paulistas se rendessem, obrigados da fome. Como teria falta de viveres huã Povoação, situada em hum campo de muitas Legoas, e abundante de tudo, quanto era necessario, para se alimentarem os seos moradores, os quaes exportavaõ para fora da Capitania huã imensidade de fructos, a que não podiaõ dar consumo?</p>	<p>Charlevoix onde se havia de pôr o cerco para Subjugar por fome a Villa de São Paulo, Situada em hum Campo de muitas legoas, abundante de tudo, quanto hé necessario para se alimentarem os seus moradores? Por esta cauza eraõ precizos numerozos exercitos, que o Brazil, e ainda menos o Paraguay, não estavaõ em estado de fornecer;</p>
---	--

<p>§ Se o tal, que isto assim não cumprir, fosse morto. (3.)</p> <p>§ Item outro si me praz,</p> <p>§ (3.) Suppostas as condições deste paragrafo, não tinha lugar o ajuste dos dous Irmaons, mencionado na Carta, que os Camaristas de São Vicente escreveraõ ao Conde de Monsanto, a qual hei de copiar neste Livro numero 68.</p>	<p>Se o tal, que isto assim não cumprir, fosse morto, / Supostas as Condições deste paragrafo, não tinha lugar o ajuste dos dous Irmaons, mencionados na Carta, que os Camaristas de São Vicente escreveraõ ao Conde de Monsanto, a qual há de hir transcripta no numero 68 / Item outro si me prás,</p>
<p>do Senhor Pedro Lopes de Souza, (1.) me pediaõ, que em nome do dito</p> <p>§ (1.) Este Pedro Lopes era o filho de Martim Affonso de Souza, que lhe succedeo, o qual nomeou a Jeronimo Leitaõ para seo Loco-Tenente na Capitania de São Vicente.</p>	<p>do Senhor Pedro Lopes de Souza, / este era o filho de Martim Afonso de Souza, que lhe Succedeo, e nomeou a Ieronimo Leitaõ para seu Loco Tenente na Capitania de São Vicente / me pediaõ que em nome do dito</p>
<p>183. A ultima Villa, que, dizem, fundara Martim Affonso de Souza, he a de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem; porem os seos alicerces foraõ abertos muitos annos depois de se auzentar para o Reino o primeiro Donatario de São Vicente. Elle sahio desta Capitania em 1533, e aos 22. de Abril de 1555. ainda não existia Povoação alguã no terreno,</p>	<p>196. A ultima Villa, que dizem fundara Martim Afonso de Souza, hé a de Itanheen; porem os seus alicerces foraõ abertos muitos annos depois de Se auzentar para o Reino o primeiro Donatario de São Vicente.</p> <p>197. Elle sahio desta Capitania em 1533, e aos 22 de Abril de 1555 ainda não existia Povoação alguma no terreno,</p>
<p>158. Não obedeceo João Ramalho, e a sua Força, ou Povoação, perseverou, onde estava. Ella tinha seu assento no lugar, onde agora existe a Fazenda de São Bernardo, meia Legoa, pouco mais, ou</p>	<p>156. No principio da Povoação de Santo Andre, foi ella somente habitada dos filhos,</p>

menos, distante da Borda do campo. No principio foi habitada somente dos filhos,	
159. Muito depois de fundada a Povoação de Santo André,	157. Muito depois de fundada a Povoação de Santo Andre,
160. Em consequencia desta resolução	158. Por esta resolução
161. No mesmo tempo subíraõ a Serra 13, ou 14 Jezuitas,	159. No mesmo tempo Subirão a Serra treze, ou Catorze Iezuitas,
162. Alliciados pelos Religiozos, foraõ concorrendo para São Paulo muitos Indios do Sertaõ,	160. Aliciados pelos Religiozos, forão para São Paulo concorrendo muitos Indios do Certão,
163. A vista dos Padres era muito mais penetrante, que a de seos emulos: olhavaõ para Santo André, como para hum padrao de São Paulo, e vendo, que ambas não podiaõ coexistir, desviaraõ o golpe fatal, que ameaçava á sua creatura, dispondo as couzas de sorte, que a espada fosse descarregar sobre a Povoação inimiga. Tentaraõ persuadir aos do Governo,	161. Tentaraõ os Padres persuadir aos do Governo,
164. Depois de contenderem alguns annos,	162. Depois de contenderem alguns annos
165. Eis-aqui a Historia verdadeira da fundação da Cidade de São Paulo,	163. Eis aqui a historia verdadeira da Fundação de São Paulo,
166. O Iezuita Francisco Xavier Charlevoix caminha por estrada taõ escorregadiça,	164. O Iezuita Charlevoix caminha por estrada taõ escorregadiça,
(17.) Vaisette confunde muitos successos da Capitania de São Vicente,	165. Vaisete confunde muitos Successos da Capitania de São Vicente,

(2.) Devia declarar o Author, que as conquistas espirituas de seus Socios,	166. Tambem o Autor devia declarar, que as Conquistas expirituas de seus Socios,
167. Eu tenho mostrado, que os unicos Habitantes da Cidade de São Paulo na sua infancia foraõ Guaianazes,	168. Está mostrado, que os unicos Habitantes de São Paulo, no seu principio, foraõ Guayanazes,
168. Como ha de provar Vaisete,	169. Como ha de provar Vaisete,
169. O estilo dos Banidos he, auzentarem-se para lugares, onde não tenhaõ jurisdicção os Senhores das terras, em que os condemnaraõ; para São Paulo as avessas somente fugiraõ Banidos das quatro naçoens sogeitas aos Reys de Espanha, que tambem governavaõ o Brazil. Originou-se esta fabula de saber se o Author, que naquella Cidade	170 Originouce esta fabula de Saber seu Autor, que nesta Cidade,
170. As asseveraçoens de Charlevoix, relativas aos trabalhos dos moradores de São Paulo nas suas conquistas,	171. As asseveraçoens de Charlevoix, relativas aos trabalhos dos Moradores de São Paulo nas suas Conquistas,
171. Tambem he certo, que os moradores da Capitania de São Vicente	172. Tambem hé certo, que os Moradores da Capitania de São Vicente,
172. A existencia da Republica	173. A existencia da Republica
173. Os Governadores do Estado,	174. Os Governadores do Estado,
174. Muitas vezes tenho advertido, que as fabulas respectivas a Capitania de São Vicente,	175. Está bem advertido, que as fabulas respectivas a Capitania de São Vicente,
175. Chegando a São Paulo a noticia,	176. Chegando a São Paulo a noticia,
176. Davaõ por certo, que	177. Davaõ por certo que
177. Ponderaraõ diversas razoens,	178. Ponderarão diversas razoens,

178. Eraõ sinceros os Paulistas,	179. Eraõ Sinceros os Paulistas,
179. Pasmou Amador Bueno quando ouvio Semelhante propozição:	180. Pasmou Amador Bueno quando ouvio semelhante propozição:
180. Assim o foraõ seguindo,	181. Assim o foraõ seguindo,
181. A Substancia do referido cazo Se Confirma com as palavras de Artur de Sá e Menezes,	182. Este cazo se verefica com as palavras de Artur de Sá,
182. O Senhor Dom Ioaõ o quinto	183. O Senhor Dom Ioaõ quinto
183. A ultima Villa,	196. A ultima Villa,
184. Aos 13. de Ianeiro de 1561.	198. Aos 13 de Ianeiro de 1561
185. As palavras do Procurador:	199. As palavras doProcurador
85. Vendo-se a Condeça esbulhada de Saõ Vicente,	80. Vendo-se a Condessa esbulhada de Saõ Vicente,
86. Neste pé se conserváraõ ambas as Capitancias	84. Neste pé se conservaraõ ambas as Capitancias
87. Depois de obter a Carta de diligencia,	85. Depois de Obter a Carta de Deligencia,
88. Em Saõ Vicente apresentou Luiz Lopes de Carvalho	86. Em Saõ Vicente apresentou Luis Lopes de Carvalho
89. Em consequencia desta posse	87. Em consequencia desta posse,
90. He certo, que o Conde da Ilha	88. Hé certo, que o Conde da Ilha

- *História da Capitania de São Vicente X Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

ADIÇÃO

B	F
homem nobre	era homem nobre,
ao seu rei Teviriçá,	o seu Rey Teviriçâ referido ,
à Capitania de São Vicente, hoje de São Paulo,	a Capitania de Saõ Vicente, e Saõ Paulo
e para este efeito nomeou a Manuel Rodrigues de Moraes por seu procurador bastante	e para cujo effeito nomeou o Conde de Monsanto por seu bastante Procurador a Manoel Rodriguez de Moraes,
ordenou el-rei D. João, o 4º	ordenou o Senhor Rey Dom Ioaõ quarto
El-Rei,	o Senhor Rey
com patente D’el-Rei D. João V,	com Patente do Senhor Rey Dom Ioaõ quinto
Por esta demarcação perdeu	74. Pela demarcação feita pelo celebrado Fernão Vieyra perdeu
se aclamou em vila	Foi esta Povoação aclamada em Villa
para o provedor-mor do Estado,	para a Relação do Estado do Brazil ,
foi condecorada com o predicamento de cabeça de capitania	que foi tambem condecorada em Cabeça de Capitania,
em 1531 na ilha de Guaíbe.	em 1531 na Ilha de Guaibe, quando o dito Ramalho o foi vezitar já na Povoação de Saõ Vicente.

e Gabriel de Góis; Jorge Pires, cavaleiro fidalgo; Rui Pinto, cavaleiro fidalgo casado com Dona Ana Pires Micel,	e Gabriel de Goes, com Domingos Leitaõ, que era genro do dito Luiz de Goes; Iorge Pires, Cavalleiro Fidalgo, Bras Cubas, Cavalleiro Fidalgo, Pedro Cubas, seu filho, e Moço da Camera, Francisca Cubas, Irman de Bras, e mulher de Diogo Gonçalvez Ferreira: Ruy Pinto, Fidalgo da Caza Real, cazado com Dona Anna Pires Micel,
Falecendo Lopo de Sousa	no Curso do qual falecendo o Donatario dito Lopo de Souza
Pedro Lopes de Sousa,	Pedro Lopes de Souza, primeiro Donatario de Itámaracâ com 80 legoas de Costa
Lopo de Sousa havia feito Dona Isabel de Lima de Sousa de Miranda,	Lopo de Souza havia feito a ultima Donataria Dona Izabel de Lima de Souza e Miranda,
venceu o Conde de Monsanto este pleito, obtendo nele sentença	venceo o Conde de Monsanto o pleito, já depois de morto o Excellentissimo Vimieyro, e obteve Sentença
Pedro Lopes de Sousa pelos desembargadores do Paço	Pedro Lopes de Souza, proferida pelos Dezembargadores do Passo
desembargador de agravos da casa da suplicação.	Dezembargador dos Agravos da Caza da Suplicação, sendo todos nomeados por El Rey para rezolverem esta Contenda sem Apelação nem Agravo.
oitenta léguas de seu bisavô Pedro Lopes de Sousa , por carta de el-rei Dom Filipe passada a 10 de abril do ano de 1617.	das 80 legoas de Costa do Sul, 80 legoas por Carta passada a 10 de Abril de 1617.
dez desde o rio Curupacé	10 legoas do Rio Curupacê
e quarenta desde a barra de Paranaguá	e 40 legoas , que começam de doze legoas ao Sul da Ilha de Cananea, / hé a Barra de Parnagoa,
Nesta procuração se intitula o Conde de Monsanto por donatário da	em cuja Procuração já se intitulou Donatario da Capitania de Itamaracâ no Estado do Brazil, legitimo Successor della, e bem assim da Capitania de Saõ

Capitania de Itamaracá, e bem assim da Capitania de São Vicente,	Vicente,
Este procurador Manuel Rodrigues de Moraes	Este Procurador dito Manoel Rodriguez
onde conseguiu provisão de Dom Luis de Sousa,	e della trouce huma Provizaõ de Dom Luis de Souza,
se apresentou Manuel Rodrigues de Moraes na Câmara	se apresentou em Camara o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes
capitão-mor governador da dita Capitania de São Vicente,	Capitam Mor, Governador, Loco Tenente do Conde de Monsanto,
Não deixou filho legítimo, e só um bastardo chamado também Lopo de Sousa	pela Cessaõ, que a ella lhe fes Lopo de Souza, filho bastardo de outro falecido Lopo de Souza,
Esta tão clara como douda sentença	73. Esta taõ clara, como igualmente Douda Sentença,
apeado de capitão-mor governador	apeado do Posto de Capitam Mor Governador
e apresentou a sentença da relação	e nos apresentou em Camara a Sentença da Relação,
da demarcação que o provedor fez, e requereu em virtude da dita sentença, provisão e doação,	que o Provedor fes a demarcação, por virtude da Sentença da Relação, e Provizaõ do Governador , e requereo em virtude da dita Sentença, Provizaõ, e Doação,
passeando por ela	passeando-se por ella,
Manuel Fernandes Porto,	Manoel Fernandez do Porto
Condessa de Vimieiro, e eu Gaspar de Medeiros,	Condessa de Vimieyro, pedindo a == E eu Gaspar de Medeiros
Pedro Lopes de Moura – Leonardo Carneiro.	Pedro Lopes de Moura == Leonardo Carneiro == Manoel Fernandez Porto.
Dada por este modo posse da Capitania da Vila de São Vicente ao Conde de Monsanto, passaram	76. Dada por este modo a posse ao Conde de Monsanto da Capitania de Saõ Vicente, e das mais, que constão do Auto referido , passaraõ
carta precatória executória para os officiais da Camara da vila de São Paulo, do teor seguinte:	Carta de Deligencia Precatoria, executoria a favor do mesmo empossado , para os mesmos Officiaes da Camara da Villa de Saõ Paulo ficarem reconhecendo ao dito empossado por Donatario, e Senhor da Capitania, e Suas Villas pelo

	theor Seguinte. (i)
e conheçam ao dito conde capitão governador das terras,	e conheção ao dito Conde por Capitam Mor Governador das terras,
da de Santos, dessa de São Paulo,	da Villa de Santos, dessa Villa de Saõ Paulo,
na forma da certidão do dito provedor da Fazenda, e antes conforme a dita sentença da relação	na forma da Certidão do dito Provedor da Fazenda, e Autos; / Notesse que não tendo Pedro Lopes de Souza mais do que dêz legoas do Rio Curupacê até o Rio de São Vicente, braço do Norte, sendo que este hé a Barra da Bertioga, e Só desta a Curupacê hé que vão dêz legoas; forte lastima! / Conforme a dita Sentença da Relação,
servir de capitão-mor seu loco-tenente	Servir de Capitam Governador , seu Loco Tenente,
nas ditas vilas, ilhas e povoações declaradas atrás,	nas ditas Villas, e Ilhas, e Povoaçoens declaradas atras;
seus cargos, o que Sua Majestade manda,	Seus Cargos, e o que Sua Magestade manda,
mandaram os oficiais da Camara notificar pelo tabelião Simão Borges Cerqueira, moço da Camara d'el-rei, a João de Moura Fogaça,	mandaraõ os Officiaes da Camara de São Paulo notificar a Ioaõ de Moura Fogaça, por todo o Contheúdo nella em 11 de Fevereiro do mesmo anno;
e ser passada pelo Conde de Monsanto	e Somente ser do Conde de Monsanto,
e julgada por boa: que até agora	e Ser julgada por boa, e que até agora
que se fez: que feita a dita demarcação	que se fes; e que feita ella,
e ordenarem seus constituintes: que tinha feito pleito	e ordenarem Seus Constituintes. Alem de que tinha feito preito
e lhe não constava haver provisão alguma,	e que não lhe constava haver Provizaõ alguma,
que tinha dado: que protestava	que tinha dado; e que protestava
pela dita homenagem tem de obrigação. E pelos ditos oficiais da Camara lhe foi respondido:	como pela dita homenagem tem de obrigação etcoetera. Isto mesmo representou Ioaõ de Moura Fogaça na Camara aos Officiaes della, pedindo-lhes differicem; e pelos ditos Officiaes lhe foi respondido

vila de São Vicente. Fogaça porém se opôs	Villa Capital de São Vicente; ao que Fogaça se opôs
Que não eram juízes da causa,	Que não eraõ Iuizes da Sua Cauza,
(eram estas duas vilas as que de serra acima estavam eretas até este tempo) e vendo-se assim destituída	/ eraõ estas as que thé então estavaõ fundadas, porque as mais foraõ erectas depois da intruza posse do Conde de Monsanto, como foraõ Santa Anna, de Parnahyba, Iundiahya, Ytû, e Sorocaba / e vendo-se destituída,
fez cabeça de capitania a sua antiga vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém.	fes Cabeça de Capitania a Sua Villa de Itánheen, que já era Villa muitos annos antes de 1624, porem ella se achava encorporada a Villa de São Vicente, como Capital das 100 legoas desde o tempo do primeiro Fundador, e Donatario Martim Afonso.
Para governarem esta nova Capitania de Itanhaém nomeou sempre a dita condessa capitães-mores governadores, cada um dos quais governou com ampla jurisdição até a cidade de Cabo Frio, desde este ano de 1624 até o de 1645, como se vê no cartório da provedoria da Fazenda nos livros das sesmarias.	79. Constituida em Capital a Villa de Itanheen / que comprehende na Marinha as Villas de Yguape, Cananeya, Parnagoa, e no Seu centro a Villa de Curitiba; e de Serra acima as Villas de Iacarehý, Taubatê, Pindamunhangaba, e Guratinguetá, que todas ficam ao Norte / pela Donataria a dita Condessa de Vimieyro, foi nomeando Capitaens Mores, e Ouvidores para as Governarem. Estes tais Capitaens Mores davaõ por Sesmaria as terras da Capitania das 100 legoas da referida Condessa de Vimieyro; e por isso concederão sempre terras no Cabo Frio, Rio de Janeiro, Ilha grande, Paratý, e Ubatuba, porque todas existem dentro da Demarcação da Doação feita ao primeiro Donatario Martim Afonso de Souza, de 13 legoas ao Norte de Cabo Frio, até o Rio Curupacê, em que vão 55 legoas de Costa. Foraõ varios os Capitaens Mores, Alcaydes Mores, e Ouvidores da Capitania de Itánheen, por apresentação da mesma Condessa de Vimieyro desde 1624, até 1645, como se vê no Cartorio da Provedoria da

	Fazenda Real nos Livros de Registos de Sesmarias.
ao que se passem as ordens necessárias	ao qual mando se passem as Ordens necessarias
e cumpra este alvará	e Cumprace este Alvará
em capitão-mor e ouvidor da capitania	em Capitam Mor da Capitania de Itanheen,
e vilas a ela sujeitas, por tempo de três anos, o qual cargo exercitará como fizeram seus antecessores que nele foram providos, logrando todos os prós e percalços que estão em posse de receber, guardando tudo inteiramente e ajustando-se com a doação e foral da dita capitania, e antes de tomar posse dos ditos cargos receberá juramento em Câmara de que bem e verdadeiramente sirva os ditos cargos, procurando que o serviço de Sua Majestade, que Deus guarde, se faça com todo o calor, justiça às partes, e aumento à dita capitania. Dada em Lisboa sob meu sinal e selo de minhas armas aos 4 dias do mês de novembro. Manuel Rodrigues Cabreira, nosso secretário, a fez ano de 1648. – Dom Afonso de Faro. – (Lugar do selo).	e Villas a ella Sugeitas etcoetera E o dito Dionizio da Costa tomou posse na Camara Capital, como fica referido. (m) 83. A este mesmo Donatario Dom Diego de Faro e Souza achamos até o anno de 1653, sendo seu Capitam Mor Governador, Loco Tenente, e Ouvidor da Capitania de Itánheen Iorge de Fonseca, que tinha sido provido por Provizaõ de Dom Afonso de Faro, Tutor, e Administrador de Seu Sobrinho o dito Dom Diogo de Faro em Lisboa a 31 de Ianeiro de 1651, e o dito Iorge da Fonseca existio no Cargo de Capitam Mor, Governador, e Ouvidor em 1653. (n)
ausente em Minas Gerais,	auzente de São Paulo em Minas Geraes,
eles porém sem fazerem proceder	e os Officiaes da Camara, sem precederem
para conhecimento das vilas	para verdadeiro conhecimento das Villas,
e todas as mais	e de todas as mais do Centro desta Camara, assim as que existem ao Norte; como as que se achão ao Sul,
Cidades e vilas que existem dentro das cinquenta e cinco léguas	Mostrãose as Cidades, e Villas, que existem dentro das 55 legoas

da doação de Martim Afonso de Sousa,	da Doação do primeiro Donatario Martim Afonso de Souza
Martim Afonso de Sousa, concederam sempre terras de sesmaria aos moradores desta cidade,	Martim Afonso de Souza, e Seus Successores, pelos Seus Capitaens Mores de São Vicente , concederão sempre de Sesmaria as terras da Cidade de Cabo Frio ,
Capitania de São Vicente até o ano de 1624, em que foi repelida a donatária Condessa de Vimieiro;	Capitania de São Vicente, assim até o anno de 1624, em que della foi repelida a Sua legitima Donataria a Condessa de Vimieyro,
a vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém,	a Sua Villa de Itánheen.
página 22, consta, que os jesuítas	pagina 22. onde consta que os Padres Iezuitas
pelo seu reitor João de Oliva,	pelo Seu Padre Reitor Ioaõ de OLiva em 1623 ,
governadores da Capitania de São Vicente.	Governadores da Villa de São Vicente, qual era elle dito Ioaõ de Moura Fogaça .
ser fundada em janeiro de 1567 por Mem de Sá,	Ser fundada em 1567, por Estacio de Sá, e depois por seu Tio Mem de Sá,
só era habitado dos bárbaros índios Tamoios: assim se vê no cartório da provedoria da Fazenda de São Paulo, no livro de sesmarias título 1562 até 1580, nas páginas 29 verso, 32, 35, 37, 39, 49 e 74 verso: no livro título 1602 até 1617, página 50: no livro título 1622 até 1623, nas páginas 1, 22 e 23: no livro título 1633 até 1638, nas páginas 12, 13 verso, 15, 16, 17, 20, 65, 78: no livro título 1638 até 1642, páginas 52, 55 verso. Todas estas sesmarias provam,	era Habitada sô dos Indios Tamoyos do seu Contorno. Aos que quizerão hir povoar esta terra, como foraõ Iorge Pires, e Seu filho Simaõ Machado, em tempo, que era Donatario Martim Afonso de Souza, e Seu Loco Tenente em São Vicente Pedro Ferras Barreto em 1554, concedeo Sesmarias , como se vé do Registo dellas na Provedoria da Fazenda Real Livro titulo 1562. pagina 29. Verso et Sequentibus até 1565 etcoetera e desde 1623, até 1634, concedeo no mesmo Rio de Ianeiro Francisco da Rocha Capitam Mor, Governador Loco Tenente da Donataria Condessa de Vimieyro. Na pagina 72 do mesmo Livro está a Sesmaria das terras, que concedeo no Rio de Ianeiro no anno de 1637 Vasco da Mota, Capitam Mor Governador, Loco Tenente da mesma Condessa de Vimieyro. No Livro 9. titulo 1638.

	pagina 52. está a Sesmaria das terras dadas no Rio de Janeiro pelo Governador daquela Cidade Salvador Correa de Sá e Benavides no anno de 1638, como Procurador da dita Condessa. Todas estas Sesmarias provaõ,
é da doação de Martim Afonso de Sousa,	hé da Doação do primeiro Donatario Martim Afonso de Souza,
dentro das léguas de sua demarcação.	dentro das 55 legoas de Costa da Sua Doação, que como está declarado, principião em treze legoas ao Norte de Cabo Frio athé o Rio Curupacê.
Mem de Sá, quando segunda vez saiu da Bahia	Teve esta Cidade seu principio, como fica referido, e quando Mem de Sá, segunda ves, sahio da Bahya
para saciar a cobiça: surgiu em Cabo Frio	estimulado da Cobiça, ou do Valor, e Surgio em Cabo Frio,
os portugueses da Capitania da vila de São Vicente, e voltou para França	os Portuguezes da Capitania de Saõ Vicente, Santos, e Saõ Paulo; voltou para França
as despesas da viagem. Prevenido com forças	as despezas da Viagem. E prevenido Com forças
posto que mais indômitos que todos os índios do Brasil. Não podendo Mem de Sá	posto que pela Sua natureza mais indomitos, que todos os do Brazil. Não podendo o Governador Geral Mem de Sá
saiu da Bahia no ano de 1560,	sahio da Bahya a primeira ves no anno de 1560;
tendo chegado às canoas de guerra	tendo chegado as Canoas desta Villa,
à rainha Dona Catarina,	a Senhora Raynha Dona Catharina,
o rei Dom Sebastião.	o Senhor Rey Dom Sebastião.
o mesmo Governador-Geral Mem de Sá sobre o Rio de Janeiro, tendo mandado a armada	o mesmo Mem de Sá no anno de 1567 Sobre o Rio de Janeiro, porque tendo mandado a Armada
e soldados das vilas de Santos e São Paulo de Piratininga,	e Soldados della, e das Villas de Santos, e Saõ Paulo;
São Sebastião,	Saõ Sebastião do Rio de Janeiro;

A vila da Angra dos Reis	Terceiro A Villa da Ilha grande Angra dos Reys,
da Capitania da vila de São Vicente até o tempo da Condessa de Vimieiro,	da Capitania de São Vicente, desde o tempo do Capitão Mor, Governador Pedro Ferras Barreto em 1565, / como se ve no Livro de registo das Sesmarias numero primeiro anno 1.562, pagina 37. no Cartorio da Fazenda Real / athé o tempo da Donataria a Excellentissima Condessa de Vimieyro.
A vila de Parati, que existe dentro das cinquenta e cinco léguas de costa da doação de Martim Afonso de Sousa, foi fundada em 1667	Quarto A Villa de Paraty existe tambem dentro das 55 legoas de Costa da Doação de Martim Afonso de Souza, e foi fundada em 1667
A última vila dentro das cinquenta e cinco léguas de costa	5. A ultima Villa da Marinha dentro das 55 legoas de Costa,
da mesma provisão, que se acha no arquivo	da Provizaõ da Sua erecção passada por Salvador Correa, Governador do Rio de Janeiro, que se acha no Archivo
A vila de Santos está em vinte e quatro graus dentro da ilha da vila de São Vicente, e é uma das mais nobres	6. A Villa de Santos / de que já tratamos / que está em 24 graos dentro da Ilha de São Vicente foi, e ainda hé huma das mais nobres
foi seu primeiro provedor Brás Cubas,	foi Seu primeiro Povoador, e Fundador Bras Cubas, como está mostrado, e Seu filho Pedro Cubas, que tinhaõ vindo para São Vicente em 1531 Com o referido Donatario Martim Afonso de Souza.
A vila de S. Vicente, da qual já temos feito menção, apenas conserva a igreja matriz, com vocação do mesmo santo:	7 A Villa de São Vicente, que de antes foi tão nomeada, Como já fica mostrado, apenas conserva hoje o nome, e a Igreja Matris Com vocação, e nome do mesmo Santo.
a sua donatária Condessa de Vimieiro, no ano de 1624,	a Donataria Condessa de Vimieyro Dona Mariana de Souza da Guerra, em 1624,
A vila de Iguape tem só a igreja matriz e casa de Câmara,	9. A Villa de Yguape tem hoje Somente a Igreja Parochial, Caza da Camara,

separada da de S. Paulo por ordem régia de 17 de junho de 1723, em que	separada da de São Paulo desde o anno de 1723, em que por Ordem Regia de 17 de Junho do mesmo anno
A vila de Curitiba serra acima e sertão	12. A Villa de Curitiba, que hé de Serra acima de Parnagoa, tambem o mesmo Ebano Pereyra,
penetrando	penetrando o Centro pelo Porto do Cubataõ, fundou esta Villa, como tudo consta no Cartorio da Fazenda Real Livro de Sesmarias numero 10. pagina 77.
com avultado rendimento.	com algum rendimento, alem de outros muitos Descobrimentos, que se tem feito, e se espera fazer na grande extenção do Seu Continente: tem 9 mil 337 almas.
com as do centro da mesma Cidade	como as do Centro da mesma Cidade, que todas são dentro das 45 legoas do Rio de São Vicente, até 12 legoas ao Sul de Cananea.
foi criada cabeça de capitania por provisão do Marquês de Cascaes datada em Lisboa a 22 de março de 1681,	foi creada Cabeça de Capitania no anno de 1681 por Provizaõ do Donatario o Marques de Cascaes,
que estava donatário da Capitania de S. Vicente.	que então se achava introduzido por Donatario da Capitania de São Vicente,
no mesmo tempo do Conde de Monsanto	no mesmo tempo, e por Provizaõ do dito Conde de Monsanto
capela curada, com o privilégio de padroeiros:	Capella Curada debaixo do titulo de Nossa Senhora da Candelaria com privilegio de Padroeira.
para Ouvidor-Geral do Mato Grosso.	para Ouvidor Geral das Minas do Mato Grosso.
A Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba foi povoação que fundou pelos anos de 1670	17. A Villa de Sorocaba de Nossa Senhora da Ponte, que hê Certaõ da Costa da Villa de Itánheen, foi erecta em 1670
com seus genros André de Zuniga e Bartolomeu de Zuniga, cavaleiros	com seus Genros os Cavalheiros Castelhanos Andre de Zuniga, e Bartholomeu

da província do Paraguai das Índias de Castela;	de Zuniga;
extraiu boa prata, frei Pedro de Sousa,	extrahio, e fundio Prata Frei Pedro de Souza,
cartas firmadas pelo real punho	Cartas, que receberão firmadas do Real Punho
foi repelida dela a Condessa de Vimieiro, donatária: foi seu capitão povoador e fundador em 1600 Brás Cardoso, natural de Mezão Frio, e casado em São Paulo.	foi repelida della a Sua Donataria a Excellentissima Condessa de Vimieyro, pelo Conde de Monsanto . Foi seu Capitam Mor Povoador Braz Cardozo, natural de Mezão Frio, morador , e Cazado em Saõ Paulo. Tem esta Villa o numero de 7 mil 607 almas.
donatário Diogo de Faro e Sousa,	Donatario de Itánheen Dom Diogo de Faro, e Souza
com seus filhos Antônio Afonso, Francisco Afonso, Bartolomeu Afonso, Estêvão Afonso.	com seus filhos Antonio, Francisco, Estevão, e Bartholomeu Afonso. (b) Tem esta Villa o numero de 5 mil 551 almas.
como procurador bastante da Condessa de Vimieiro,	como igualmente Procurador da Condessa de Vimieyro
com sua família e grande número de índios de sua administração, gados vacuns e cavalaes;	com Sua familia, gado Vacuum, e Cavalar, e com o numerozo Gentio da Sua administração, e com Soma grande de Dinheiros, conquistou do Certaõ de Taubate, e Rio de Ipacarê, athé Guratinguetá os bravos Indios seus habitantes de Nasção Ieronimes, e Purís.
e engenho para açúcar.	e igualmente Engenhos para Assucar.
ordenando que concedesse em nome da condessa donatária	ordenando ao Sobredito Iaques que em nome da Condessa Donataria
terras de sesmarias. Por outra provisão de 13 de outubro de 1639	terras de Sesmarias em nome da mesma Condessa por Provizaõ do dito Mota datada na Villa de Itánheen em 13 de outubro de 1639,
que se achava encarregado do Governo do Rio de Janeiro	que entaõ se achava encarregado do Governo do Rio de Ianeiro,
o Capitão-Mor Ouvidor em nome do donatário Luís Carneiro, Conde da ilha do Príncipe.	o Capitam Ouvidor Simaõ Dias de Moura em nome do Conde da Ilha Luis Carneiro. Tem 6 mil 190 almas.

a 13 de fevereiro de 1651, lhe fez as justiças em 5 de julho de 1656	a 13 de Fevereiro de 1651; e no anno de 1656, a 5 de Julho lhe fes as Iustiças
Esta é a capitania de São Vicente,	Esta hé, ou foi a Capitania de Saõ Vicente
Outrossim lhe faço doação e mercê de juro e herdade	<p>A introdução do Excellentissimo Conde de Monsanto no anno de 1624, alterou totalmente a Demarcação das 100 legoas da Doação, dentro da qual estavam as Villas de Saõ Vicente, Santos, e Saõ Paulo, que se tiraraõ a esta Doação; cujo erro Se não emendou pela prejudicada a Excellentissima Condessa de Vimieyro, e por isso ficou conservado na injusta posse o Conde de Monsanto por si entaõ, e por Seus Successores ao depois athé o Excellentissimo Marques de Cascaes, que vendeo 50 legoas, como está mostrado. Tornando porem esta Capitania de Saõ Vicente, ou de Saõ Paulo a Seu legitimo Senhor, e Erdeiro della o Excellentissimo Conde de Vimieyro Dom Sancho de Faro e Souza, não se deve chamar a esta Capitania Morgado de Alcoentre, mas Sim == Reino de Vimieyro == por que quando não tivera tantos Officios nas Cidades, e Villas das 100 legoas de Sua Capitania, bastava só para lhe acreditar o nome de Reino, o rendimento, que lhe pertence da redizima dos Dizimos; da decima parte dos quintos do Ouro, e das redizimas dos Direitos das passagens dos Rios, e outras rendas de cada huma das quaes pertence ao Donatario a decima parte pelo paragrafo da Doação, que diz ibidem</p> <p>Outro Sim lhe faço Doação, e mercê de juro, e Erdade</p>
II. Item. Havendo nas terras da dita capitania, costa, mares, rios	Em outro paragrafo ibidem == Item havendo nas terras da dita Capitania Costa, Mares Rios,
no cartório da provedoria da Fazenda: para limitada noção desta matéria	no Cartorio da Fazenda Real. E para huma lemitada noção desta materia, bastará

referimos aqui alguns pagamentos.	apontar-se aqui alguns pagamentos, que se encontra nos Livros seguintes.
para o provedor-mor do Estado, e obteve a sentença seguinte.	para a Relação do Estado do Brazil , e obteve a Sentença Seguinte.
ao conde de seu agravo,	ao Conde de Monsanto Seu Coñstituinte; provendo em seu agravo,
Cumpra-se e registre-se em Câmara.	Cumprasse, e registesse como nella se contem em Camara
Cosme da Silva.	<p>Cosme da Silva. (d)</p> <p>Ainda quando nas 100 legoas de Costa da Doação de Martim Afonso de Souza não existão as Minas Geraes da Capitania de Villa Rica; as da Capitania do Mato Grosso, Cuyaba, e da Capitania de Goyás, bastão só as Minas que existem dentro da Capitania de São Paulo, que já ficaõ nomeadas; cujas Minas rendem de quintos cada anno para o Real Erario Cabedal avultado: e destes quintos tirada a decima parte para o Donatario, ficará este com hum rendimento tal, que lhe não faça parelha em todo o Portugal, Titulo algum, por mais avultadas, que sejaõ as Suas rendas etcoetera Unido este rendimento aos seus Dizimos, Passagem, e outros Direitos, e com o Donativo dos Officios, todos da mesma Capitania, já o Morgado de Alcoentre pela Sua Capitania de 100 legoas de Costa tomara o nome de Reino de Vimieyro.</p>
O certo é que ainda em tempo do donatário Luís Carneiro de Sousa mandou El-Rei, por ordem de 23 de janeiro de 1694, ao governador do Rio de Janeiro que se pagasse a redízima ao donatário dito Luís Carneiro de Sousa; e assim se vê da Carta Régia registrada na secretaria do Conselho Ultramarino nos livros das cartas do Rio de Janeiro, título	<p>Esta materia hé de tanta ponderação, e grandeza, que fas parecer impossivel o vereficar-se agora o mesmo que se concedeo em 1534. O certo hé que enviando o Conde da Ilha do Principe, Donatario da Capitania de Itanheen, por seu Loco Tenente o Capitam Mor Antonio Coelho Pinto, Fidalgo da Caza de Sua Magestade para governar a dita Capitania com Patente</p>

1673, página 119. Por isso enviando o donatário Conde da ilha do Príncipe por seu Capitão-Mor loco-Tenente a Antônio Caetano Coelho Pinto, fidalgo da casa de Sua Majestade com patente	
para cobrar os direitos e redízimas que se deviam ao conde donatário, recorreram os oficiais camaristas	para cobrar dellas a redizima dos Direitos, que se deviaõ ao Conde Donatario, seu constituinte; e recorrendo os Officiaes
Conde de Assumar, o qual deu conta a Sua Majestade	Conde de Assumar, que entã se achava em Minas Gerais pelos annos de 1720; este deo Conta a Sua Magestade
no 1º de abril de 1720,	no primeiro de Abril do mesmo anno de 1720,
deste ano. Nesta conta faz menção de outra que em 28 de dezembro de 1717 havia dado	do dito anno, e nesta Conta fas o Conde General menção da Outra, que já havia dado em 28 de Dezembro de 1717
sobre a mesma matéria das redízimas. Rodrigo César de Menezes, que sucedeu ao Conde de Assumar, mandou por ordem de 22 de outubro de 1721	sobre a mesma materia da Cobrança das redizimas. Porem como se entendeo, que na Compra das 50 legoas, de que já se fes menção se incluíraõ todas as Villas da Capitania de São Paulo, mandou Rodrigo Cezar de Menezes, Governador, e Capitão General da Capitania por ordem Sua de 22 de outubro de 1721
pela compra feita ao Marquês de Cascais	pela Compra feita ao Marques de Cascaes. (e)
mandou El-Rei, por ordem de 23 de janeiro de 1694, ao governador do Rio de Janeiro que se pagasse a redízima ao donatário dito Luís Carneiro de Sousa;	Este pagamento da redizima ao Donatario das 100 legoas, o dito Conde da Ilha do Principe Dom Luis Carneiro de Souza ainda estava muito em seu vigor, quando o Senhor Rey Dom Pedro por ordem de 23 de Ianeiro de 1694, mandou ao Governador do Rio de Ianeiro que a redizima das 100 legoas de Costa se pagace ao Donatario, dito Conde da Ilha do Principe,

OMISSÃO

B	F
valor intrépido, que já muitos anos antes de vir Martim Afonso de Sousa a fundar a vila de São Vicente em 1531, como fica referido, tinha vindo ao Brasil , e ficando nas praias de Santos,	valor intrepido, o qual ficando nas Prayas de Santos,
por haverem apeado dos cargos que servia , antes de se lhe levantar a homenagem	pelo haverem dezempossado antes de se lhe levantar a homenagem
pela compra feita ao Marquês de Cascais, o que melhor se vê da mesma carta registrada na Câmara da vila de Taubaté no livro de registros número 17, página 13. De então até o presente não consta que houvesse movimento algum de donatário interessado na sua capitania das cem léguas de costa concedidas de juro herdade a Martim Afonso de Sousa. São Paulo e de janeiro 3 de 1772 anos. – Pedro Taques de Almeida Pais Leme.	pela Compra feita ao Marques de Cascaes. (e)
com o General delas Leodoro Ebano Pereira,	das quaes foi General Eleodoro Ebano Pereyra,
em cujo nome foi provido Dionísio da Costa	proveo Dom Afonso de Faro a Dionizio da Costa
nas páginas. 50, 75 verso, 142 verso,	pagina 50.
que o dito Martim Afonso de Sousa concedeu ao dito João Ramalho	que o dito Martim Afonso lhe concedeo
Dona Catarina de Andrade e Aguilar , seus irmãos Pedro de Góis,	Dona Catharina; Seus irmaons Pedro de Goes,

Francisco Pinto, cavaleiro fidalgo ,	Francisco Pinto,
e todos eram irmãos de Dona Isabel Pinto,	Irmaão de Izabel Pinto,
Nicolau de Azevedo, cavaleiro fidalgo	Nicolao de Azevedo, Fidalgo da Caza Real,
que em seu irmão Lopo de Sousa	que em Lopo de Souza
obtendo nele sentença a seu favor, proferida em 20 de maio de 1615,	obteve Sentença em 20 de Mayo de 1615,
confirmou o dito Conde de Monsanto	confirmou o Conde de Monsanto
por carta de el-rei Dom Filipe passada a 10 de abril do ano de 1617.	por Carta passada a 10 de Abril de 1617.
Em cumprimento desta sentença e confirmação régia mandou o Conde de Monsanto tomar posse	Em cumprimento della mandou tomar posse
Nesta procuração se intitula o Conde de Monsanto por donatário	em cuja Procuração já se intitulou Donatario
Manuel Rodrigues de Moraes veio de Lisboa	Manoel Rodriguez veyo de Lisboa
ao Conde de Monsanto Dom Álvaro Pires de Castro Sousa da sua Capitania de São Vicente .	ao Conde de Monsanto da Sua Capitania.
da Capitania de São Vicente, das vilas de Santos, de São Paulo	da Capitania de Saõ Vicente, Villas de Santos, e Saõ Paulo.
no dia 12 do mês de janeiro de 1621, sendo oficiais da Câmara Gregório Rodrigues, Alonso Pelaes, Diogo Ramirez e Jorge Correia, moço da Câmara d'el-rei. Todo este fato assim referido consta difusamente no lugar embaixo citado.	no dia 12 do mesmo Ianeiro de 1621
uma pronta e material obediência	hum prompta obediencia
cappitão-mor governador e alcaide-mor loco-tenente do Conde de Monsanto	Capitam Mor, Governador, Loco Tenente do Conde de Monsanto

Nota que o registro deste acórdão não tem o nome	Nota que o registro não tras o nome
porém nós entendemos que foi Sebastião Pais de Brito.	porem julgasse que foi Sebastião Paes de Brito.
provedor da Fazenda Real da Capitania de São Vicente,	Provedor da Fazenda da Capitania de Saõ Vicente,
da dor que ainda sentia de ter sido apeado de capitão-mor governador e alcaide-mor da Capitania de São Vicente	da dor de ter sido apeado do Posto de Capitam Mor Governador da dita Capitania,
esquecendo-se totalmente do santo temor de Deus,	se esqueceo totalmente do temor de Deos,
e com esta todas as mais vilas do centro	e com esta as mais Villas do centro
donatária Condessa de Vimieiro	Condessa Donataria
pelo auto do teor seguinte: Auto de posse dada ao Conde de Monsanto da Capitania de São Vicente e São Paulo	do Auto do theor Seguinte (h)
Pedro Vieira Tinoco , Juiz Ordinário,	Pedro Vieyra – Iuiz ordinario
de todas as suas vilas,	de todas as Villas,
conforme a doação e sentença da relação,	conforme a Doação, Sentença da Relação,
beijou a vara, e a tomou	beijara a Vara, e tornou
que se lhe deu vista	que lhe dessem vista
Manuel Fernandes Porto, Leonardo Carneiro e Pedro Lopes de Moura,	Manoel Fernandez do Porto == Leonardo Carneiro Pedro Lopes de Moura
com os ditos oficiais e procurador, e mandaram desse vista ao procurador da Condessa de Vimieiro,	com os ditos Officiaes e Procurador da Condessa de Vimieyro,
passaram os mesmos oficiais da Camara carta precatória executória	passarão os mesmos Officiaes Carta de Deligencia Precatoria, executoria

e certidão com o teor dos autos	e Certidão dos Autos
governador das terras, e vilas e lugares	Governador das terras, Villas, e lugares,
da qual posse se fez auto	da qual se fes Auto
dos quais cargos, e em virtude das ditas provisões	dos quais Cargos, em virtude das ditas Provizoens,
notificar pelo tabelião Simão Borges Cerqueira, moço da Camara d’el-rei , a João de Moura Fogaça,	notificar a Ioaõ de Moura Fogaça,
e ser passada pelo Conde de Monsanto	e Somente ser do Conde de Monsanto,
demarcação, sendo para ela citadas as partes	demarcação, Citadas as partes,
não há mais do que se sentenciarem as terras sem se ter julgado	naõ há mais do que Sentencearem as terras sem ter julgado
E pelos ditos oficiais da Camara lhe foi respondido:	e pelos ditos Officiaes lhe foi respondido
Fogaça porém se opôs a esta determinação agravando	Fogaça se opós agravando
responderam os ditos oficiais da Camara	responderaõ os Officiaes da Camara
e que somente davam cumprimento	e Somente davaõ cumprimento
e à provisão	e Provizaõ
do Governador-Geral do Estado ;	do Governador Geral,
da sua vila de São Vicente, da de Santos, da de São Paulo, e da de Mogi das Cruzes (eram estas duas vilas as que de serra acima estavam eretas até este tempo) e vendo-se assim destituída a dita Condessa de Vimieiro fez cabeça de capitania a sua antiga vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém .	das suas Villas de Saõ Vicente, Santos, Saõ Paulo, e Mogi das Cruzes, / eraõ estas as que thé então estavaõ fundadas, porque as mais foraõ erectas depois da intruza posse do Conde de Monsanto, como foraõ Santa Anna, de Parnahyba, Iundiahhy, Ytû, e Sorocaba / e vendo-se destituída, fes Cabeça de Capitania a Sua Villa de Itánheen,
Neste ano, porém , de 1645,	81. No anno de 1645

Dom Sancho de Faro, filho do primogênito da donatária Condessa de Vimieiro:	Dom Sancho de Faro, filho da Condessa de Vimieyro,
Dom Afonso de Faro, etc. Como administrador	Dom Afonso de Faro. Administrador
Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém; a quantos esta provisão virem, e em especial aos juízes, vereadores e procurador do Conselho da vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, cabeça da capitania, a quem será mostrada. Faço saber que por confiar da qualidade, valor e madureza de Dionísio da Costa, e que de tudo o que lhe for encarregado dará boa satisfação, guardando justiça às partes, e nas ocasiões da guerra mostrando valor que de sua qualidade se espera: pela presente,	Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém pela presente
mandando el-rei esta escritura com carta de 6 de dezembro a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo , para fazer tomar posse das ditas cinquenta léguas declaradas na dita escritura, com todas as vilas e povoações que houvessem dentro das ditas cinquenta léguas procedendo-se na medição e demarcação delas, e pondo-se os reais padrões, nada teve efeito, porque o general Albuquerque se achava então ausente em Minas Gerais, donde enviou a dita Carta Régia e a escritura de compra e venda aos oficiais da Camara da cidade de São Paulo, para executarem o contendo na real ordem: eles porém sem fazerem	90. Mandando Sua Magestade ao Governador, e Capitão General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, para tomar posse das 50 legoas, achavasse o dito Governador ausente de São Paulo em Minas Geraes, e os Officiaes da Camara, sem precederem a Demarcação

proceder na medição e na demarcação	
cinquenta léguas de costa para	50 legoas, para
livro das vereações um termo de posse no dia 25 de fevereiro de 1714; no qual disseram, que tomavam posse por parte da real Coroa das cinquenta léguas de costa , que o Marquês de Cascais possuía na Capitania de São Vicente, na qual se compreendiam as vilas de São Vicente, de Santos, de São Paulo , e todas as mais que possuía o donatário delas dito Marquês de Cascais. Por esta indesculpável facilidade e crassa ignorância está subsistindo até agora o errado conceito de que todas as vilas desta Capitania de São Paulo, assim as da marinha, como as de serra acima, são da Coroa e patrimônio real, contra este engano está clamando a clareza da mesma escritura de compra e venda; por quanto nas dez léguas do rio Curupacé até o rio de São Vicente, braço do norte, não há mais do que a vila da ilha de São Sebastião; e nas quarenta léguas desde a barra de Paranaguá até as ilhas de Santa Ana não há mais do que as vilas do rio de São Francisco, ilha de Santa Catarina e Laguna. Todas as mais vilas e cidades compreendidas nas cem léguas da Capitania de São Vicente são do donatário desta capitania, e para as ditas cidades e vilas damos uma breve relação delas.	Livro das Vereanças a 25 de Fevereiro de 1714 destas 50 legoas, da mesma forma, que o Marques de Cascaes estava possuindo desde o tempo da injusta introdução, e posse, que tomara o Conde de Monsanto em 1624, como fica mostrado. E ficou de posse a Coroa das Villas de Saõ Vicente, Santos, Saõ Paulo, e de todas as mais do Centro desta Camara, assim as que existem ao Norte; como as que se achão ao Sul, sem que alguma dellas seja da Coroa pela Compra das 50 legoas ao Marques de Cascaes, excepto a Villa da Ilha de Saõ Sebastião, que está dentro das dêz legoas, desde o Rio Curupacê, athé o Rio de Saõ Vicente, braço do Norte, que hé o Bertioga, o qual pertence á Coroa unicamente, e nada mais.
das cinquenta e cinco léguas da doação de Martim Afonso de Sousa, que	das 55 legoas ao Norte de Cabo Frio, e acabaõ no Rio Curupacê da

principiam de treze léguas ao norte de Cabo Frio,	Doação do primeiro Donatario Martim Afonso de Souza
Cidade de Cabo Frio A cidade de Cabo Frio,	1. A Cidade de Cabo Frio,
aos seus moradores: tem igreja matriz, um convento de religiosos capuchos de Santo Antônio, e outras igrejas e capelas , e é governada por um capitão-mor.	aos seus moradores, e hé governada por hum Capitão Mor.
por ser ela da Capitania de São Vicente	por ser da jurisdição da Capitania de Saõ Vicente,
a vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém ,	a Sua Villa de Itánheen.
os seus capitães-mores	os Capitaens Mores,
como se vê do registro das ditas sesmarias nos livros que existem no cartório da provedoria da Fazenda Real de São Paulo, a saber: no livro título 1602 até 1617, páginas 63 e 87; e no livro numero quarto, título 1622 até 1623 , página 22,	como se vé do Registo dellas no Cartorio da Fazenda Real da mesma Capitania titulo 1602. numero quarto 1622. pagina 22.
capitão-mor da cidade de Cabo Frio,	Capitam Mor de Cabo Frio
Cidade do Rio de Janeiro	Rio de Ianeiro
terras de sesmaria aos que quiseram povoar o dito Rio de Janeiro,	terras de Sesmaria no dito Rio de Ianeiro,
só era habitado dos bárbaros índios Tamoios:	era Habitada sô dos Indios Tamoyos
livro de sesmarias título 1562 até 1580, nas páginas 29 verso,	Livro titulo 1562. pagina 29. Verso
surgiu em Cabo Frio em 1554 , onde introduzido	Surgio em Cabo Frio, onde introduzido
enseada do Rio de Janeiro e sua costa estavam em rija e porfiada guerra	Enseada do Rio de Ianeiro estavaõ em rija; e porfiada guerra
da Capitania da vila de São Vicente,	da Capitania de Saõ Vicente,

com forças competentes voltou, e entrou na enseada do Rio de Janeiro	Com forças competentes entrou na Enseada do Rio de Janeiro
pelo decurso do tempo em Vergalhão.	pelo decurso do tempo Corrompeo esta vos Vergalhaõ.
todos os índios do Brasil.	todos os do Brazil.
os socorros de São Vicente, Santos e São Paulo,	os Soccorros de Saõ Vicente,
batida incessantemente da nossa artilharia	batida da nossa Artelharia,
armas e munições às nossas naus,	Armas az nossas Naos,
o Governador- Geral Mem de Sá	o Governador Sa
o mesmo Governador-Geral Mem de Sá	o mesmo Mem de Sá
das vilas de Santos e São Paulo de Piratininga, onde se achou em pessoa o dito capitão-mor Estácio de Sá e fez recrutas de famosos soldados, e provimento abundante de mantimentos e víveres, que recolheu para a armada surta do porto de Santos, de onde saiu para a conquista do Rio de Janeiro, e chegou em princípios de março de 1565, em que se deu o primeiro assalto ao inimigo: pelejou-se por uma e outra parte com força e valor, e parou o estrondo da multidão dos bárbaros com perda nossa de um só soldado natural de Piratininga, ao qual ataram a um tronco, onde perdeu a vida feito alvo de setas. Foi continuando a guerra com vários assaltos e encontros dos inimigos, já mais poderosos com o socorro de três naus de franceses e bem artilhadas; porém faltando na Bahia as notícias	das Villas de Santos, e Saõ Paulo; e faltando-lhe na Bahya

ao Excelentíssimo Bispo Dom Pedro Leitão e aos padres jesuítas Inácio de Azevedo, Luís da Gran, provincial, e José de Anchieta, como escreve o padre mestre Simão de Vasconcelos na Crônica da Companhia, livro terceiro.	o Excellentissimo Bispo Dom Pedro Leitaõ.
No próprio dia do invicto mártir São Sebastião, do mesmo ano de 1567, foi atacada	No proprio dia do invicto Martyr Saõ Sebastiaõ foi atacada
e o Governador- Geral Mem de Sá	e o Governador Sá
terras para rocio da cidade e patrimônio da Camara	terras para Patrimonio da Camara,
À vila de São Vicente se recolheu com a sua armada, o Governador Mem de Sá, e agradeceu aos moradores	e recolhendo-se a Saõ Vicente, para agradecer aos Moradores
expedição da guerra e conquista do Rio de Janeiro, e fornecido do necessário se recolheu para a Bahia	expedição, se voltou para a Bahya,
Vila da Ilha Grande, Angra dos Reis	Ilha grande Angra dos Reys.
Doutor Vicente da Fonseca por carta de 24 de janeiro de 1559, como fica referido;	Doutor Vicente da Fonseca em 24 de Ianeiro de 1559.
erigiu em vila,	erigio Villa,
os capitães-mores governadores da Capitania da vila de São Vicente	os Capitaens Mores da Capitania de Saõ Vicente,
até o tempo da Condessa de Vimieiro, e depois dela os seus sucessores até o Conde da Ilha do Príncipe Antônio Carneiro de Sousa em 1720,	athé o tempo da Donataria a Excellentissima Condessa de Vimieyro.
Capitania de São Vicente, pela grande distância e costa de mar,	Capitania de Saõ Vicente, conseguiraõ

conseguiram	
os dízimos desta vila e também os da vila de Parati ficaram sempre sujeitos à Capitania de São Vicente, hoje de São Paulo, como até agora está-se praticando. Tem esta vila igreja paroquial e um convento de religiosos carmelitas calçados, um tabelião do judicial e notas, escrivão da Camara e um de órfãos, que servem por donativo que anualmente pagam.	os Dizimos sempre pertenceraõ a Capitania de São Vicente, e São Paulo
A vila de Parati, que existe dentro	Quarto A Villa de Paraty existe tambem dentro
que teve faculdade régia para isso por provisão datada	teve faculdade Regia para isso, datada
título 1644, página 370. Tem um tabelião do judicial e notas, escrivão da Camara e um de órfãos, e todos servem por donativo que pagam anualmente.	titulo 1644. pagina 370.
Foi fundada por Jordão Homem da Costa, natural da ilha Terceira, cavaleiro fidalgo, cidadão	foi fundada por Iordaõ Homem da Costa, Cidadão,
Rio de Janeiro, e em nome da donatária Condessa de Vimieiro Dona Mariana de Sousa da Guerra, o que tudo assim consta da mesma provisão,	Rio de Ianeiro em 1637 em nome da Donataria Condessa de Vimieyro, como se vê da Provizaõ
da Camara desta vila: tem um tabelião do judicial e notas, escrivão da Camara e um de órfãos, e todos servem por donativo, que anualmente pagam.	da Camara da dita Villa. Tem 2 mil 552 almas.
Cidades e vilas que existem dentro das quarenta e cinco léguas de costa,	Villas, que existem dentro das 45 legoas de Costa,

braço do norte, e por outro nome barra da Bertioga , e acabam doze léguas	braço do Norte, e acabaõ 12 legoas
ilha de Cananéia, e por outro nome barra de Paranaguá ; e com estas quarenta e cinco léguas se ajustam as cem da Capitania de São Vicente , e doação do primeiro donatário	Ilha de Cananea, com que se ajustaõ as 100 legoas concedidas ao primeiro Donatario
Vila de Santos A vila de Santos está em vinte e quatro graus dentro da ilha da vila de São Vicente, e é uma das mais nobres	6. A Villa de Santos / de que já tratamos / que está em 24 graos dentro da Ilha de Saõ Vicente foi, e inda hé huma das mais nobres,
construção das suas casas e templos, casa da Câmara, e uma excelente cadeia banhada de um regato que sepulta as suas águas no mar ; tem dois conventos, um de religiosos carmelitas, e outro de capuchos de Santo Antônio ; um mosteiro de monges beneditinos, cujo lugar é de presidente, e um colégio que foi de jesuítas; tem casa da misericórdia, e um nobre e formoso arsenal vulgarmente chamado casa do trem. Tem juiz de fora, que também serve de órfãos e de provedor dos defuntos e ausentes, com dois tabeliães do judicial e notas, e um escrivão de órfãos; tem um escrivão da alfândega, que também serve da matrícula da gente de guerra do presídio desta praça; e todos servem por donativo que anualmente pagam. Até o ano de 1766 se conservou nesta vila a residência de provedores contadores da Fazenda Real, juiz da alfândega com um escrivão dela e matrícula da	Construcção das Cazes, Templos, Caza da Camara, e Cadeya,

gente de guerra, e com um escrivão da provedoria; e passou para S. Paulo o provedor e contador da Fazenda pela criação do tribunal e junta da mesma Fazenda, que Sua Majestade mandou criar, servindo de deputados dela o mesmo provedor, o ouvidor-geral e corregedor da comarca, e o procurador da Coroa e Fazenda, e por presidente o governador e capitão-general da capitania; tem um escrivão da Fazenda a outro da junta, e um almoxarife.	
Vila da Conceição de Itanhaém	Villa de Itánheen
foi condecorada com o predicamento de cabeça de capitania	foi tambem condecorada em Cabeça de Capitania,
repelida da vila de S. Vicente a sua donatária	repelida de São Vicente a Donataria
tem somente a igreja paroquial e casa do conselho, com um escrivão, que serve o tabelião de judicial e notas, e tem um escrivão de órfãos,	tem hum Tabelliaõ, e hum Escrivaõ de Orfaons
que tinha sido General da armada das canoas de guerra da costa do mar até o Rio de Janeiro, e com seu filho Tibaldo Pereira, e com Sebastião de Azeredo. Tem esta vila minas de ouro de lavagem,	Tem Minas de Ouro de lavagem,
A vila de Curitiba serra acima e sertão de Paranaguá	12. A Villa de Curitiba, que hé de Serra acima de Parnagoa,
Desta vila foi fundador o mesmo Leodoro Ebano Pereira,	tambem o mesmo Ebano Pereyra,
assim as da costa da marinha,	assim da Costa da Marinha,
da sua fundação em vila de Piratininga já temos tratado:	cuja fundação já está tratada,
foi criada cabeça de capitania por provisão do Marquês de Cascaes datada em Lisboa a 22 de março de 1681,	foi creada Cabeça de Capitania no anno de 1681 por Provizaõ do Donatario o Marques de Cascaes,

A Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itu	16. A Villa de Ytû
com o privilégio de padroeiros: com o tempo se aclamou em vila esta povoação.	com privilegio de Padroeira.
paulista Baltasar Fernandes, irmão dos povoadores das vilas de Parnaíba e Itu , com seus genros André de Zuniga e Bartolomeu de Zuniga, cavaleiros da província do Paraguai das Índias de Castela; e à custa da própria fazenda fizeram construir a igreja matriz, casa de conselho e cadeia , e se aclamou em vila	Paulista Bartholomeu Fernandez, com seus Genros os Cavalheiros Castelhanos Andre de Zuniga, e Bartholomeu de Zuniga; e foi aclamada em Villa
minas de ouro, de prata e de ferro,	Minas de Ouro, Prata, e Ferro.
Nesta mesma serra de Biraçoiaba fundiu pedras e delas extraiu boa prata, frei Pedro de Sousa, religioso da Santíssima Trindade, quando para estes exames veio mandado pelo príncipe regente D. Pedro , em 1680	No dito Morro de Guaráçoyava extrahio, e fundio Prata Frei Pedro de Souza, inviado para estes exames em 1680;
pelo real punho para o Alcaide-Mor o paulista Jacinto Moreira Cabral, e para seu irmão	do Real Punho o Alcayde Mor Iacinto Moreira Cabral, e Seu Irmão
consta das mesmas cartas registradas na secretaria do Conselho Ultramarino	Consta na Secretaria do Conselho Ultramarino
foi seu capitão povoador e fundador em 1600 Brás Cardoso,	Foi seu Capitam Mor Povoador Braz Cardozo,
A vila de Nossa Senhora da Conceição do rio Paraíba Jacaraí	19. A Villa de Iacarehy
e dela foi povoador e fundador à custa da própria fazenda o paulista Antônio Afonso,	sendo seu Fundador, e Povoador Antonio Afonso,

Antônio Afonso , Francisco Afonso , Bartolomeu Afonso, Estêvão Afonso .	Antonio, Francisco, Estevão, e Bartholomeu Afonso.
A vila de São Francisco das Chagas de Taubaté	20. A Villa de Taubate
como procurador bastante da Condessa de Vimieiro, donatária da Capitania de Itanhaém:	como igualmente Procurador da Condessa de Vimieyro Donataria de Itánheen.
Era Capitão-Mor Governador da Capitania de Itanhaém	Era Capitam Mor Governador de Itánheen
como morador opulento e abastado da vila de São Paulo,	como morador opulento, e abastado de Saõ Paulo,
da Condessa donatária Dona Mariana de Sousa da Guerra .	da Condessa Donataria.
Por outra provisão	por Provizaõ
Jaques Félix, Capitão-Mor povoador , tendo completas as obras para se aclamar em vila a povoação , fizesse aviso	Iaques Felis tendo completa as Obras, para se aclamar a Villa, fizesse avizo
Depois por provisão	por Provizaõ
da capitania da Condessa Dona Mariana de Sousa da Guerra ,	pela Condessa Donataria,
a eleição de juízes ordinários	a Eleição para os luizes,
no 1º de janeiro de 1646.	em Ianeiro de 1646.
A vila de Santo Antônio do Guaratinguetá,	21. A Villa de Gurátinguetá
Duarte Correia Vasques Anes, como administrador das minas.	Duarte Correa Vasques Aunes, Administrador das Minas,
o Capitão-Mor Ouvidor em nome do donatário Luís Carneiro, Conde da ilha do Príncipe .	o Capitam Ouvidor Simaõ Dias de Moura em nome do Conde da Ilha Luis Carneiro.
os ditos donatários por seus procuradores : assim consta dos livros que existem no cartório da provedoria da Fazenda:	os Donatarios della, como consta dos Livros, que existem no Cartorio da Fazenda Real.

No livro de registro, título 1567,	No Livro de registros 1567.
lhe tocou de suas rendas até o ano de 1581.	lhe tocava até o anno de 1581.
No livro de registros, título 1597, do almoxarife João de Abreu, nas páginas. 50, 75_verso , 142 verso , consta	No Livro de Registos 1597. pagina 50. consta
lhe tocava de suas rendas até 10 de maio de 1601.	lhe tocava até o anno de 1598:
No caderno do almoxarife Diogo Catanho Torres, título 1615, página 16 verso, consta do pagamento das rendas até o ano de 1612.	No Livro 1615. pagina 16. Verso recebeo
O certo é que ainda em tempo do donatário Luís Carneiro de Sousa mandou El-Rei, por ordem de 23 de janeiro de 1694, ao governador do Rio de Janeiro que se pagasse a redízima ao donatário dito Luís Carneiro de Sousa; e assim se vê da Carta Régia registrada na secretaria do Conselho Ultramarino nos livros das cartas do Rio de Janeiro, título 1673, página 119. Por isso enviando	O certo hé que enviando
por seu Capitão-Mor loco-Tenente a Antônio Caetano Coelho Pinto,	por seu Loco Tenente o Capitam Mor Antonio Coelho Pinto,
os oficiais camaristas destas vilas ao governador	os Officiaes destas Camaras ao Governador,
Rodrigo César de Meneses, que sucedeu ao Conde de Assumar, mandou por ordem de 22 de outubro de 1721 suspender de capitão-mor dito Antônio Caetano Coelho Pinto	mandou Rodrigo Cezar de Menezes, Governador, e Capitaõ General da Capitania por ordem Sua de 22 de outubro de 1721 Suspende ao Capitam Mor da Capitania de Itánheen Antonio Caetano Pinto Coelho
o senhorio das terras do conde donatário tinha já passado	este Senhorio das terras tinha já passado
ao Marquês de Cascais, o que melhor se vê da mesma carta registrada	ao Marques de Cascaes. (e)

na Câmara da vila de Taubaté no livro de registros número 17, página 13. De então até o presente não consta que houvesse movimento algum de donatário interessado na sua capitania das cem léguas de costa concedidas de juro herdade a Martim Afonso de Sousa. São Paulo e de janeiro 3 de 1772 anos. – Pedro Taques de Almeida Pais Leme.	
---	--

ALTERAÇÃO DA ORDEM

B	F
que depois se chamou no batismo Isabel,	que depois no Baptismo se chamou Izabel,
como tudo se vê no cartório da provedoria da Fazenda nos livros do registro das cartas de sesmarias.	como se ve no Livro de registo das Sesmarias numero primeiro anno 1.562, pagina 37. no Cartorio da Fazenda Real
Rui Pinto, cavaleiro fidalgo casado com Dona Ana Pires Micel, Francisco Pinto , cavaleiro fidalgo, e todos eram irmãos de Dona Isabel Pinto, mulher de Nicolau de Azevedo, cavaleiro fidalgo e senhor da quinta do Rameçal em Penaguião, e filhos de Francisco Pinto,	Ruy Pinto, Fidalgo da Caza Real, cazado com Dona Anna Pires Micel, Irmaão de Izabel Pinto, mulher de Nicolao de Azevedo, Fidalgo da Caza Real, Antonio Pinto, e Francisco Pinto , e filhos de Francisco Pinto,
ficando nas praias de Santos, e tendo sido achado pelos Piratininganos, o	ficando nas Prayas de Santos, foi achado pelos Pirátininganos, e

trouxeram ao seu rei Teviriçá,	trazendo estes para o seu Rey Teviriçâ
eram estas duas vilas as que de serra acima estavam eretas até este tempo	eraõ estas as que thé então estavaõ fundadas,
a Manuel Rodrigues de Moraes por seu procurador bastante	por seu bastante Procurador a Manoel Rodriguez de Moraes,
que dessem logo posse	que logo dessem posse
se apresentou Manuel Rodrigues de Moraes na Câmara	se apresentou em Camara o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes
provisão do Governador-Geral Dom Luis de Sousa,	Provizaõ de Dom Luis de Souza, Governador Geral do Estado.
tomou posse da sua Capitania de São Vicente em 30 de novembro de 1622, por seu procurador João de Moura Fogaça.	tomou posse desta Capitania por Seu Procurador Ioaõ de Moura Fogaça a 30 de novembro de 1622,
a condessa donatária a sua capital vila de São Vicente, a de Santos e a de São Paulo,	a dita Condessa a Villa de Saõ Vicente Sua Capital , a de Santos, e a de Saõ Paulo,
a donatária Condessa de Vimieiro	a referida Condessa Donataria
Diogo Furtado de Mendonça,	Diogo de Mendonça Furtado,
com o teor dos autos da demarcação que o provedor fez,	com o theor dos Autos, que o Provedor fes a demarcação,
posse da Capitania da Vila de São Vicente ao Conde de Monsanto,	posse ao Conde de Monsanto da Capitania de Saõ Vicente,
ainda não se tinha verificado:	ainda se não tinha feito,
e lhe não constava haver	e que naõ lhe constava haver
foi a Condessa de Vimieiro repelida	foi repelida a Condessa de Vimieyro
e em Lisboa se achava seu irmão Dom Afonso de Faro,	e Seu Irmaõ Dom Afonso de Faro em Lisboa
de Dom Diogo de Faro e Sousa , meu sobrinho	de Seu Sobrinho Dom Diogo de Faro e Souza,
a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho , Governador e Capitão-	ao Governador, e Capitam General Antonio de Albuquerque

General	Coelho de Carvalho,
o general Albuquerque se achava então ausente	achavasse o dito Governador auzente
que ficavam dentro delas,	que dentro dellas se incluhiaõ,
das cinquenta e cinco léguas da doação de Martim Afonso de Sousa, que principiam de treze léguas ao norte de Cabo Frio, e acabam no rio Curupacé	das 55 legoas ao Norte de Cabo Frio, e acabaõ no Rio Curupacê da Doação do primeiro Donatario Martim Afonso de Souza
Estevão Gomes, capitão-mor da cidade de Cabo Frio,	Capitam Mor de Cabo Frio Estevaõ Gomes,
só era habitado dos bárbaros índios Tamoios:	era Habitada sô dos Indios Tamoyos
livro de sesmarias título 1562 até 1580, nas páginas 29 verso, 32, 35, 37, 39, 49 e 74 verso:	Livro titulo 1562. pagina 29. Verso et Sequentibus athé 1565
Mem de Sá, quando segunda vez saiu da Bahia	quando Mem de Sá, segunda ves, sahio da Bahya
de gente armada em canoas de guerra	de gente em Canoas armadas em guerra
Os moradores porém tendo detrimento	tendo deterimento os Seus Moradores,
por ordem régia de 17 de junho de 1723, em que se criou ouvidoria	de 1723, em que por Ordem Regia de 17 de Junho do mesmo anno se creou Ouvidoria
em diversos ribeirões e sítios,	em diversos Sítios, e Ribeiroens;
foi criada cabeça de capitania por provisão do Marquês de Cascaes datada em Lisboa a 22 de março de 1681,	foi creada Cabeça de Capitania no anno de 1681 por Provizaõ do Donatario o Marques de Cascaes,
e em 27 de abril de 1683 se fez auto de posse	Se fes Auto de posse em o anno de 1683,
A Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba	A Villa de Sorocaba de Nossa Senhora da Ponte,
com seus genros André de Zuniga e Bartolomeu de Zuniga, cavaleiros da província do Paraguai das Índias de Castela;	com seus Genros os Cavalheiros Castelhanos Andre de Zuniga, e Bartholomeu de Zuniga;

para estes exames veio mandado	inviado para estes exames
foi repelida dela a Condessa de Vimieiro, donatária:	foi repelida della a Sua Donataria a Excellentissima Condessa de Vimieyro,
dela foi povoador e fundador à custa da própria fazenda o paulista Antônio Afonso,	sendo seu Fundador, e Povoador Antonio Afonso,
Bartolomeu Afonso, Estêvão Afonso.	Estevão, e Bartholomeu Afonso.
e grande número de índios de sua administração, gados vacuns e cavalares;	gado Vacuum, e Cavalar, e com o numerozo Gentio da Sua administração,
levantou à sua custa igreja matriz	A sua Custa levantou Igreja Matris
Esta mesma provisão ratificou em 30 de junho de 1639 Vasco da Mota, Capitão-Mor Governador	Esta mesma Provizaõ confirmou depois o Capitam Mor Governador Vasco da Mota em 30 de Junho de 1639,
concedesse em nome da condessa donatária	em nome da Condessa Donataria medisse
concedesse também terras de sesmarias.	tambem concedesse terras de Sesmarias
por provisão de 5 de dezembro do ano de 1645 de Antônio Barbosa de Aguiar, Capitão-Mor Governador, Ouvidor e Alcaide-Mor da capitania da Condessa	por Provizaõ de Antonio Barboza de Aguiar, Capitam Mor Governador, Alcayde Mor, e Ouvidor da Capitania de Itánheen pela Condessa Donataria, passou Provizaõ a 5 de Dezembro do anno de 1645,
obteve provisão datada no Rio de Janeiro no mesmo ano de 1646 de Duarte Correia Vasques Anes, como administrador das minas.	obteve Provizaõ de Duarte Correa Vasques Aunes, Administrador das Minas, datada no Rio de Ianeiro em 1646,
a 13 de fevereiro de 1651, lhe fez as justiças em 5 de julho de 1656	a 13 de Fevereiro de 1651; e no anno de 1656, a 5 de Iulho lhe fes as Iustiças

Luís Carneiro , Conde da ilha do Príncipe.	Conde da Ilha Luis Carneiro .
que na dita dízima lhe montar,	que lhe na dita Dizima Montar
enviando o donatário Conde da ilha do Príncipe por seu Capitão-Mor loco-Tenente a Antônio Caetano Coelho Pinto,	enviando o Conde da Ilha do Principe, Donatario da Capitania de Itanheen, por seu Loco Tenente o Capitam Mor Antonio Coelho Pinto,
que em 28 de dezembro de 1717 havia dado	que já havia dado em 28 de Dezembro de 1717
Rodrigo César de Meneses, que sucedeu ao Conde de Assumar, mandou	mandou Rodrigo Cezar de Menezes, Governador, e Capitão General da Capitania
Antônio Caetano Coelho Pinto	Antonio Caetano Pinto Coelho

SUBSTITUIÇÃO

B	F
à Capitania de São Vicente, hoje de São Paulo,	a Capitania de Saõ Vicente, e São Paulo
o trouxeram ao seu rei Teviriçá, que por providência de Deus	e trazendo estes para o seu Rey Teviriçâ referido , por providencia de Deos
Nicolau de Azevedo, cavaleiro fidalgo e senhor da quinta do Rameçal em Penaguião , e filhos de Francisco Pinto, cavaleiro fidalgo, e de sua	Nicolao de Azevedo, Fidalgo da Caza Real, Antonio Pinto, e Francisco Pinto , e filhos de Francisco Pinto, e outros muitos desta qualidade.

mulher Marta Teixeira, que ambos floresciaam pelos anos de 1550, e quando em em 18 de junho do dito ano venderam por escritura pública em Lisboa aos alemães Erasmo Esquert e Julião Visnat as terras que de seu filho Rui Pinto haviam herdado na vila de São Vicente: tudo o referido se vê no livro primeiro dos registos das sesmarias, título 1555, já referido, páginas 42 e seguintes. Outros muitos homens trouxe desta qualidade com o mesmo foro e também com o foro de moços da Câmara, e todos ficaram povoando a vila de São Vicente, como se vê melhor no mesmo livro primeiro do registro das sesmarias per totum.	
Condessa de Vimieiro, como fica referido; e como o Conde de Monsanto Dom Álvaro Pires de Castro e Sousa trazia demanda com Lopo de Sousa sobre a Capitania de Itamaracá e mais terras das oitenta léguas de costa da doação feita a seu bisavô Pedro Lopes de Sousa, seguiu-se a causa com a dita Condessa de Vimieiro, como sucessora de seu irmão Lopo de Sousa:	Condessa de Vimieyro por Seu marido Dom Francisco de Faro, Conde de Vimieyro, com quem correo demanda o Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires de Castro e Souza, / como bisneto de Pedro Lopes de Souza, primeiro Donatario de Itámaracâ com 80 legoas de Costa /
das oitenta léguas de seu bisavô Pedro Lopes de Sousa, por carta	das 80 legoas de Costa do Sul, 80 legoas por Carta
a barra de Paranaguá até as ilhas de Sant'Anna: e para este efeito	a Barra de Parnagoa, onde se acha o Padraão, que descobrio Afonso Botelho de Sampayo / e para cujo effeito
por seu procurador bastante por instrumento feito na nota de Domingos Barbosa da Costa, tabelião da vila de Cascais; em junho	por seu bastante Procurador a Manoel Rodriguez de Moraes,

de 1620.	
Câmara capital da vila de São Vicente , em 11 de janeiro de 1621,	Camara o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes aos 11 de Janeiro de 1621,
da Capitania de São Vicente, das vilas de Santos, de São Paulo e de Mogi das Cruzes ao dito Conde de Monsanto, na pessoa de seu procurador Manuel Rodrigues de Moraes, o qual como vinha provido no posto de capitão-mor governador da dita Capitania de São Vicente, tomou posse no dia 12 do mês de janeiro de 1621,	da Capitania de São Vicente, Villas de Santos, e São Paulo. (c) Como o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes trazia Provimento para Capitam Mor, Governador, Loco Tenente do Conde de Monsanto, os ditos Camaristas lhe deraõ posse no dia 12 do mesmo Janeiro de 1621
Bartolomeu Bruno de Siqueira	Bartholomeu Bueno de Siqueira
se criou ouvidoria na pessoa do Dr. Antônio Álvares Lanhas Peixoto.	se creou Ouvidoria na dita Villa:
lhe sucedeu sua irmã Dona Mariana de Sousa da Guerra, Condessa de Vimieiro, como fica referido;	lhe Succedeo sua Irmã Dona Marianna de Souza da Guerra Condessa de Vimieyro por Seu marido Dom Francisco de Faro, Conde de Vimieyro,
a barra de Paranaguá até as ilhas de Sant'Anna:	a Barra de Parnagoa, onde se acha o Padraõ, que descobrio Afonso Botelho de Sampayo
Governador-Geral Dom Luis de Sousa, por conter ela as expressões já referidas, ibi.	Dom Luis de Souza, Governador Geral do Estado. A Sentença, de que já Se fes menção hé
Fernando Vieira Tavares, sujeito de conhecida nobreza, que havia militado na província do Alentejo e passara ao Brasil com estes empregos por nomeação do Conde de Monsanto e patente régia.	Fernão Vieyra Tavares. Logo se verá, que veneno produzio este Fernão Vieyra e contra a Condessa de Vimieyro, sendo o dito Tavares a cauza total de ficar a mesma Excellentissima Condessa lansada da Villa de São Vicente sua Capital desde 1531 até 1624, em

	que foi repelida pelo Conde de Monsanto, pelos procedimentos que adiante se mostrará.
da Capitania de São Vicente pela donatária Condessa de Vimieiro, como fica referido, obrou, como veremos esquecendo-se totalmente do santo temor de Deus,	da dita Capitania, que estava exercendo por nomeação do Conde de Monsanto, quando Ioaõ de Moura Fogaça lhe Succedeo em 1623, por nomeação da Donataria a Condessa de Vimieyro, se esqueceo totalmente do temor de Deos,
e com consciência estragada obrou tão despótico,	e com consciencia estragada fes huma tal demarcação,
perdeu a donatária Condessa de Vimieiro a vila de São Vicente, sua capital, com as mais que temos referido, e delas se deu posse ao Conde de Monsanto pelo auto do teor seguinte:	perdeo a referida Condessa Donataria as Suas Villas, ficando repelida da justa posse, que dellas havia tomado por Seu Procurador Ioaõ de Moura Fogaça em Dezembro de 1623. 75. Alvaro Luis do Valle, Procurador do Conde de Monsanto, tomou posse por parte do Seu Constituinte, como se vé do Auto do theor Seguinte (h)
antes de se lhe levantar a homenagem que por eles havia feito a Sua Majestade. Tomou-se-lhe o agravo	antes de se lhe levantar a homenagem por quem direito o cazo pertencer: tomouce-lhe o agravo;
o requerimento do teor seguinte:	hum requerimento, de que teve o Alvará Seguinte. (L)
de 1649 pela provisão do teor seguinte:	de 1649. Porem já neste Provimento se encontra novo Successor, e Donatario da dita Capitania de Itánheen em Dom Diogo de Faro, menor de 14 annos, filho do Donatario Dom Sancho de Faro, como no Provimento se declara ibidem ==
que ficavam dentro delas, materialmente satisfizeram a tudo isto com	que dentro dellas se incluhiaõ, que ficavaõ sendo do Real Padroado, e

mandarem escrever no livro das vereações um termo de posse no dia 25 de fevereiro de 1714; no qual disseram, que tomavam posse por parte da real Coroa das cinquenta léguas de costa, que o Marquês de Cascais possuía na Capitania de São Vicente, na qual se compreendiam as vilas de São Vicente,	Coroa, formaraõ Auto de posse a folha 214 Verso do Livro das Vereanças a 25 de Fevereiro de 1714 destas 50 legoas, da mesma forma, que o Marques de Cascaes estava possuindo desde o tempo da injusta introdução, e posse, que tomara o Conde de Monsanto em 1624, como fica mostrado. E
por ser ela da Capitania de São Vicente	por ser da jurisdição da Capitania de Saõ Vicente,
a vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, foram os seus capitães-mores os que continuaram com a jurisdição de darem	a Sua Villa de Itánheen. Em tempo do terceiro Donatario Lopo de Souza em 1610, concedeo terras de Sesmarias o Capitaõ Mor de Saõ Vicente Gaspar Conquero a Diogo Teixeira de Carvalho no Cabo Frio, (t) e a Ieronimo Teixeira de Carvalho: Antonio Pedrozo Capitaõ Mor, Governador de Saõ Vicente, em tempo do Donatario dito Lopo de Souza concedeo de Sesmaria terras no Cabo Frio. (u) Todos os Capitaens Mores, Governadores da Capitania de Martim Afonso, e Seus Successores,
pediram terras no Cabo Frio ao capitão-mor loco-tenente da donatária Condessa de Vimieiro, dizendo na súplica:	pediraõ terras no Cabo Frio, alem das que já tinhaõ por Concessaõ antiga do Capitam Mor Governador de Saõ Vicente Ieronimo Leitão; pediraõ mais ao Capitam Mor Ioaõ de Moura Fogaça, dizendo na Suplica,
assim se vê no cartório da provedoria da Fazenda de São Paulo, no livro	como se vé do Registo dellas na Provedoria da Fazenda Real Livro
páginas 29 verso, 32, 35, 37, 39, 49 e 74 verso: no livro titulo 1602 até	pagina 29. Verso et Sequentibus athé 1565 etcoetera e desde 1623, athé

1617, página 50: no livro título 1622 até 1623, nas páginas 1, 22 e 23: no livro título 1633 até 1638, nas páginas 12, 13 verso, 15, 16, 17, 20, 65, 78: no livro título 1638 até 1642, páginas 52, 55 verso.	1634, concedeo no mesmo Rio de Ianeiro Francisco da Rocha Capitam Mor, Governador Loco Tenente da Donataria Condessa de Vimieyro. Na pagina 72 do mesmo Livro está a Sesmaria das terras, que concedeo no Rio de Ianeiro no anno de 1637 Vasco da Mota, Capitam Mor Governador, Loco Tenente da mesma Condessa de Vimieyro. No Livro 9. titulo 1638. pagina 52. está a Sesmaria das terras dadas no Rio de Ianeiro pelo Governador daquela Cidade Salvador Correa de Sá e Benavides no anno de 1638, como Procurador da dita Condessa.
para a Bahia no mesmo ano de 1567, acompanhado do Excelentíssimo bispo e do visitador-geral o padre Inácio de Azevedo.	para a Bahya, tendo deixado por Governador do Rio de Ianeiro a Salvador Correa de Sá.
tendo chegado às canoas de guerra com o General	tendo chegado as Canoas desta Villa, das quaes foi General
da Capitania da vila de São Vicente, e voltou para França	da Capitania de Saõ Vicente, Santos, e Saõ Paulo; voltou para França
dentro das léguas de sua demarcação. É bem verdade, que esta cidade não foi fundada em nome do donatário Martim Afonso de Sousa, mas sim no de el-rei Dom Sebastião, em cujo reinado a conquistou Mem de Sá, quando segunda vez saiu da Bahia	dentro das 55 legoas de Costa da Sua Doação, que como está declarado, principião em treze legoas ao Norte de Cabo Frio até o Rio Curupacê. Teve esta Cidade seu principio, como fica referido, e quando Mem de Sá, segunda ves, sahio da Bahya
no livro das cartas gerais do Rio de Janeiro, título 1644, página 370. Tem um tabelião do judicial e notas, escrevão da Camara e um de	no Livro das Cartas Geraes do Rio de Ianeiro titulo 1644. pagina 370. Conservouce esta Villa na jurisdição de Saõ Paulo até o anno de

<p>órfãos, e todos servem por donativo que pagam anualmente.</p>	<p>1726, em que o Senhor Rey Dom Ioaõ quinto foi servido anexar á Correição do Rio de Ianeiro pela sua Provizaõ Regia do theor Seguinte.</p> <p>Dom Ioaõ por Graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves daquem, e daLem Mar em Africa Senhor de Guine etcoetera Faço saber a vos Rodrigo Cezar de Menezes, Governador, e Capitam General da Capitania de São Paulo, que por ser conveniente ao meu Real Serviço e ao beneficio Comũ dos moradores da Villa de Paratý a respeito de lhes ficar mais perto o recurso para os Seus particulares. Fui servido rezolver por Rezolução de 8 deste mes, e anno, em Consulta do meu Conselho Ultramarino, de que a dita Villa fique não só encorporada no Governo do Rio de Ianeiro, mas Sogeita á Correição daquella Comarca, digo daquella Capitania, de que vos avizo para que assim o tenhaes entendido da Rezolução, que fui Servido tomar neste particular. ElRey Nosso Senhor o mandou por Antonio Rodriguez da Costa, e o Doutor Ioze Gomes de Azevedo, Conselheiros do Seu Conselho Ultramarino, e Se passou por duas Vias == Bernardo Felis da Silva a fes em Lisboa Occidental a 16 de Ianeiro de 1726 == O Secretario Andre Lopes de Lavre a fes escrever == Antonio Rodriguez da Costa == Ioze Gomes de Azevedo. (x)</p>
<p>até o rio Curupacé, que é o que serve de padrão às sobreditas</p>	<p>athé o Rio Curûpacê, / agora Iuqueriquerê / e foi fundada</p>

cinquenta e cinco léguas de Martim Afonso de Sousa, como consta da provisão da sua criação datada a 28 de outubro de 1637. Foi fundada	
Brás Cubas, que acabou cavaleiro fidalgo, provedor da Fazenda, capitão-mor governador e alcaide-mor da Capitania de S. Vicente, por mercê do donatário Martim Afonso de Sousa, por ordem de quem foi fundada a dita vila, e com tanta nobreza e riqueza pelo comércio do seu porto, que chegou a ter três famosos engenhos de açúcar, que foram o da Madre de Deus, que fundou o fidalgo Luís de Góis; o de S. João, que fundou José Adorno, nobre genovês; e o de Nossa Senhora da Apresentação, que fundou Manuel de Oliveira Gago; e de todos estes já nenhum existe, e só há abundância de moendas para espremer o suco das canas para as águas ardentes.	Bras Cubas, como está mostrado, e Seu filho Pedro Cubas, que tinha vindo para São Vicente em 1531 Com o referido Donatario Martim Afonso de Souza.
do Rio de Janeiro, e em nome da donatária Condessa de Vimieiro	do Rio de Janeiro em 1637 em nome da Donataria Condessa de Vimieyro,
que se acha no arquivo da Camara desta vila: tem um tabelião do judicial e notas, escrivão da Camara e um de órfãos, e todos servem por donativo, que anualmente pagam.	que se acha no Archivo da Camara da dita Villa. Tem 2 mil 552 almas.
se ajustam as cem da Capitania de São Vicente, e doação do primeiro donatário Martim Afonso de Sousa	se ajustaõ as 100 legoas concedidas ao primeiro Donatario dito Martim Afonso de Souza.

com vocação do mesmo santo: tem casa da Câmara, com um escrivão, que é o mesmo tabelião do judicial e notas, e um de órfãos, que servem por donativo anual.	Com vocação, e nome do mesmo Santo. Tem esta Villa 883 almas.
no ano de 1624, como temos referido), tem um só convento de religiosos capuchos de Santo Antônio, a igreja matriz, e casa de Câmara, cujo escrivão é o mesmo tabelião do judicial e notas, e também um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente.	em 1624, Se vé hoje na mesma Serie da de São Vicente. Tem esta Villa 1 mil 292 almas.
casa de Câmara, com um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão do Senado, e um escrivão de órfãos, e ambos servem por donativo que pagam anualmente. A esta vila são sujeitas as minas de ouro de lavagem chamadas da Ribeira, e tão antigas que já em 1690 renderam de quintos com as de Paranaguá mil e duzentas e setenta e nove oitavas.	Caza da Camara, e com algum Concurso, / e esse pequeno / de Romeiros ao Senhor Bom Iezus. Tem esta Villa com a Freguezia de Nossa Senhora da Guia de Xiririca, do seu Destricto, o numero de 4 mil 166.
A vila de S. João de Cananéia tem somente a igreja paroquial e casa do conselho, com um escrivão, que serve o tabelião de judicial e notas, e tem um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente.	10. A Villa de São Ioaõ de Cananêa tambem hé lemitada; tem hum Tabelliaõ, e hum Escrivaõ de Orfaons por Donativo, que pagaõ em rematação trienal, e compoem-se de 1 mil 782 almas.
onde se pagavam os quintos de ouro com oficiais competentes ao labor dela, e um provedor, entre os quais foi o último de todos o capitão-mor Gaspar Teixeira de Azevedo até o tempo que se aboliu a dita casa, a qual tomou a laborar em 1719, sendo provedor dela por	onde se pagavaõ os Quintos do Ouro, cujas Minas inda existem, menos a Caza da Fundição, que se abolio a muitos annos. Tem esta Villa, e a Freguezia do Pillar, do Seu destricto o numero de 7 mil 498 almas.

provisão do Desembargador Rafael Pires Pardinho o Capitão Diogo da Paz Caria, que era genro do defunto provedor Gaspar Teixeira de Azevedo, que se tinha feito muito distinto no real serviço, e florescia pelos anos de 1681, no qual fez remessa de seis mil e trinta e oito oitavas de ouro do rendimento dos ditos quintos. As ditas minas até agora existem com utilidade do Real Erário: a casa da fundição extinguiu-se por se mandar que o ouro daquela comarca viesse a fundir-se na real casa dos quintos da cidade de S. Paulo. Tem esta vila um escrivão da ouvidoria e sua correição, escrivão da Câmara, escrivão de órfãos, um tabelião do judicial e notas, e um meirinho-geral da ouvidoria, e todos servem por donativo que anualmente pagam.	
A vila de Curitiba serra acima e sertão de Paranaguá tem minas de ouro de lavagem,	12. A Villa de Curitiba, que hé de Serra acima de Parnagoa, tambem
ouviam missa, não querendo estar sujeitos à jurisdição da vila de Taubaté, se congregaram em um corpo para hospedar ao Desembargador João Saraiva de Carvalho,	ouviam Missa; congregados os oanimos com parecer do Desembargador Ioaõ Saraiva de Carvalho,
ao Rio de Janeiro, e tendo chegado à capela	ao Rio de Ianeiro a correger aquella Comarca, tendo chegado a Capella,
vila aquela povoação;	Villa aquelle lugar, e Povoação:
uma noite criou juízes e oficiais para a Câmara, levantou pelourinho	huma noite formou a Eleição de Pelouro para os Officiaes da Camara

no silêncio da mesma noite,	da nova Villa, e levantou Pelourinho no Silencio da noite,
A Vila de Paranaguá é cabeça de comarca separada da de S. Paulo por ordem régia de 17 de junho de 1723, em que se criou ouvidoria na pessoa do Dr. Antônio Álvares Lanhas Peixoto. Foi esta vila fundada pelos anos de 1648, por Leodoro Ebano Pereira,	A Villa de Parnagoa Gabriel de Lara a fundou em Villa, povoando a em 1648:
feito vila, e o dito ministro seguiu jornada a demandar a serra de Parati.	feito Villa, e os novos Officiaes da Camara com posse dos lugares, que haviaõ de exercer.
de 10 de julho de 1705, registrada no liv. 1º do registro das ordens reais da ouvidoria de São Paulo. Tem esta vila um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão da Câmara, e um de órfãos, e ambos servem por donativo que pagam anualmente.	de 10 de Julho de 1705. (c) Tem 4 mil 182 almas.
administrador das minas. O Capitão Domingos Leme foi o fundador desta vila, na qual tendo levantado pelourinho por ordem do Capitão-Mor Ouvidor Dionísio da Costa, era nome do donatário D. Diogo de Faro e Sousa, a 13 de fevereiro de 1651, lhe fez as justiças em 5 de julho de 1656	Administrador das Minas, datada no Rio de Janeiro em 1646, para ser Capitam da dita Povoação, que depois veyo a Ser Villa de Guratinguetá.
consta pagar-se ao donatário Lopo de Sousa o que lhe tocava de suas rendas até 10 de maio de 1601. No caderno do almoxarife Diogo Catanho Torres, título 1615, página 16 verso, consta do pagamento das rendas até o ano de 1612.	consta que Roque Barreto, Procurador do Donatario Lopo de Souza recebeo a redizima, que lhe tocava até o anno de 1598: na pagina 75. recebeo o que montava até o anno de 1599: na pagina 142. recebeo o que montava até o anno de 1605. No Livro 1615. pagina 16. Verso recebeo Gaspar Conquero, Procurador do mesmo

	<p>Donatario Lopo de Souza, o que lhe tocava da Sua redizima. No Livro 1616. pagina 33. recebo Ioaõ de Moura Fogaça, Procurador da Donataria a Condessa de Vimieyro o que lhe tocava dos Dizimos da Sua Capitania de Itánheen, athé os annos de 1627, e 1628.</p> <p>No Livro 1626. pagina 6. cobrou a mesma Condessa por seu Procurador a redizima, que lhe tocava de Itánheen athé o anno de 1637:</p> <p>No Livro 1638. pagina 5. recebo a dita Condessa a Sua redizima athé o anno de 1640. No Livro 1641. pagina 22. Verso recebo a dita Condessa a Sua redizima do anno de 1641 etcoetera Tambem o Conde de Monsanto, depois de introduzido, na Capitania de São Vicente em 1624, foi recebendo sempre o que lhe montava da redizima da dita Capitania, como consta nos Livros da mesma Fazenda Real.</p>
para o provedor-mor do Estado,	para a Relação do Estado do Brazil,
e passando às vilas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá	e tendo tomado posse de Capitam Mor da Capitania de Itanheen, subio ás Villas della, Taubaté, Pindamunhangaba, e Gurátinguetá
ao donatário dito Luís Carneiro de Sousa; e assim se vê da Carta Régia registrada na secretaria do Conselho Ultramarino nos livros das cartas do Rio de Janeiro, título 1673, página 119.	ao Donatario, dito Conde da Ilha do Principe, porque na Capitania do Rio de Ianeiro existem as Cidades, e Villas, de que já se fes menção.
o Governador Mem de Sá , em carta	o Governador Geral em Carta

procurador da minha Fazenda:	Procurador da Coroa, e Fazenda:
o que tudo assim consta de uma sesmaria	como se colige de huma Sesmaria,
que legitimamente fossem do dito conde por verdadeira demarcação,	que legitimamente fossem do dito Conde, procedendo-se a huma demarcação,
e para este efeito nomeou	e para cujo effeito nomeou
Martim Afonso de Sousa concedeu ao dito João Ramalho	Martim Afonso lhe concedeo
valor intrépido, que já muitos anos antes de vir Martim Afonso de Sousa a fundar a vila de São Vicente em 1531, como fica referido, tinha vindo ao Brasil, e ficando nas praias de Santos, e tendo sido achado pelos Piratininganos, o trouxeram ao seu rei Teviriçá,	valor intrepido, o qual ficando nas Prayas de Santos, foi achado pelos Pirátininganos, e trazendo estes para o seu Rey Teviriçâ referido,
Luís de Góis e sua mulher Dona Catarina	Luis de Goes, cazado com Dona Catharina;
pelos anos de 1558 ,	pelos annos de 1533 ,
Foi esta vila fundada pelos anos de 1648, por Leodoro Ebano Pereira ,	A Villa de Parnagoa Gabriel de Lara a fundou em Villa, povoando a em 1648:
e todos eram irmãos de Dona Isabel Pinto,	Irmão de Izabel Pinto,
e suposto que a Condessa defendia a causa	e Suposto que se defendia a cauza
Dona Isabel de Lima de Sousa de Miranda,	Dona Izabel de Lima de Souza e Miranda,
este pleito,	o pleito,
obtendo nele sentença	obteve Sentença
pela qual lhe foi julgada a doação das oitenta léguas de seu bisavô Pedro Lopes de Sousa	por que lhe foi julgada a Capitania das 80 legoas de Seu bisneto Pedro Lopes de Souza,

desembargador de agravos da casa da suplicação.	Dezembargador dos Agravos da Caza da Suplicação,
se confirmou o dito Conde de Monsanto a doação das oitenta léguas	se confirmou o Conde de Monsanto á Capitania das 80 legoas
Em cumprimento desta sentença e confirmação régia mandou o Conde de Monsanto tomar posse das suas cinquenta léguas na costa do sul, a saber: dez desde o rio Curupacé até a Bertioga , e quarenta desde a barra de Paranaguá	Em cumprimento della mandou tomar posse de 50 legoas de Costa do Sul, que vem a ser 10 legoas do Rio Curupacê até o Rio de São Vicente , e 40 legoas, que começam de doze legoas ao Sul da Ilha de Cananea, / hé a Barra de Parnagoa,
Nesta procuração se intitula o Conde de Monsanto por donatário da Capitania de Itamaracá,	em cuja Procuração já se intitulou Donatario da Capitania de Itamaracá
e de todas as povoações sitas nela.	e de todas as Povoaçoens estar nella.
com estas quarenta e cinco léguas se ajustam as cem	com que se ajustaõ as 100 legoas
apresentou Manuel Rodrigues de Moraes na Câmara	apresentou em Camara
em 11 de janeiro de 1621, e os ditos oficiais deram posse	aos 11 de Ianeiro de 1621, e os Camaristas lhe deraõ posse
tomou posse da sua Capitania de São Vicente	tomou posse desta Capitania
em 30 de novembro de 1622, por seu procurador João de Moura Fogaça. Era neste tempo cappitão-mor	a 30 de novembro de 1622, em que era Capitam Mor,
não tem o nome do provedor-mor que o proferiu; porém nós entendemos que foi Sebastião Pais de Brito.	naõ tras o nome do Provedor Mor, que deo esta Doutissima Sentença, poreu julgasse que foi Sebastião Paes de Brito.
juiz executor desta sentença,	Iuis executor da dita Sentença,
da Capitania de São Vicente	da dita Capitania,
que roubou a condessa donatária	que com ella perdeo a dita Condessa

Por esta demarcação perdeu	Pela demarcação feita pelo celebrado Fernão Vieyra perdeu
do centro de São Paulo, como adiante veremos .	do centro do mesmo São Paulo, como adiante se verá .
pelo auto do teor seguinte:	do Auto do theor Seguinte (h)
lhe desse posse da sua capitania,	lhe dessem posse da Sua Capitania,
que é cabeça desta Capitania da Vila de Santos e São Paulo, e das mais que dentro do dito limite estiverem,	que hê Cabeça desta Capitania, da Villa de Santos, e São Paulo, e as mais, que dentro do dito lemite estiverem:
lhe deram logo posse ao dito conde em seu Procurador	lhe deraõ logo posse ao dito Conde por Seu Procurador
dos autos da demarcação	dos Autos de Demarcação
demitiram de seus cargos	dimitiraõ de Si os Cargos,
o procurador do dito conde beijou a vara, e a tomou ao dito juiz dizendo	o Procurador do dito Conde beijara a Vara, e tornou ao dito Iuiz dizendo,
que por bem da sua doação e foral lhe forem devidos ,	que por bem da Sua Doação, e Foral lhe foraõ devidas ,
lhe acudissem com eles ,	lhe acudissem com elle ,
que se lhe deu vista	que lhe dessem vista
do teor seguinte:	pelo theor Seguinte. (i)
em como nesta Camara apareceu Álvaro Luís do Vale,	e mesmo nesta Camara apareceo Alvaro Luis do Valle
Governador e Capitão-General do Estado do Brasil, etc.	Governador, e Capitam Geral do Estado do Brazil etcoetera
estar mandado em relação	estar mandado na Relação,
por virtude de sua doação e sentença,	por virtude da Sua Doação e Sentença,
que pelo dito conde lhe forem apresentadas,	que do dito Conde lhe forem apresentadas,
o que tudo assim declarado se cumprirá inteiramente	o que tudo assim declarado se cumpra inteiramente

demos posse ao dito Álvaro Luís do Vale,	damos posse ao dito Alvaro Luis do Valle,
da ilha de São Sebastião, e povoação de terra firme	da Ilha de Saõ Sebastiaõ, e Povoação da terra firme,
tudo pertencente ao dito conde	tudo pertence ao dito Conde
na forma da certidão do dito provedor da Fazenda, e antes	na forma da Certidaõ do dito Provedor da Fazenda, e Autos ;
lhe damos posse delas ,	lhe demos posse delles ,
pedimos por mercê, que sendo- lhe apresentada	pedimos de mercê, que sendo- lhes apresentada
por bem dos seus cargos,	por bem de Seus Cargos,
e ser passada pelo Conde de Monsanto	e Somente ser do Conde de Monsanto,
ter efeito nas terras	ter effeito para as terras,
na forma de direito,	na forma do Direito,
o que ainda não se tinha verificado : que não devia ser tirado da posse	o que ainda se não tinha feito , nem devia ser tirado da posse,
da dita demarcação ser feita com a formalidade de direito,	da dita demarcação se fazer , com a formalidade de Direito,
que feita a dita demarcação com as partes citadas,	que feita ella , com as partes Citadas,
mandavam se cumprissem a carta precatória	mandavaõ se cumprisse a Carta Precatoria
Fogaça porém se opôs a esta determinação agravando dos officiais da Camara por haverem apeado dos cargos que servia, antes de se lhe levantar a homenagem	Fogaça se opós agravando delles Officiaes da Camara pelo haverem dezempossado antes de se lhe levantar a homenagem
se dessem os traslados de tudo ao agravante	se desse o traslado de tudo ao Agravante,
davam cumprimento à carta precatória , e à provisão nela incorporada ,	davaõ cumprimento ao Precatorio , e Provizaõ nelle incorporado
Por esta forma , foi a Condessa de Vimieiro repelida da sua vila de São Vicente, da de Santos, da de São Paulo, e da de Mogi das Cruzes	Por este modo foi repelida a Condessa de Vimieyro das suas Villas de São Vicente, Santos, Saõ Paulo, e Mogi das Cruzes,

(eram estas duas vilas as que de serra acima estavam eretas até este tempo)	eraõ estas as que thé então estavaõ fundadas ,
Para governarem esta nova Capitania de Itanhaém	para as Governarem.
nos livros das sesmarias.	nos Livros de Registos de Sesmarias.
Neste ano, porém, de 1645,	No anno de 1645
e porque então militava nos Estados de Flandres ,	que entãõ se achava em Flandres,
fez a Sua Magestade o requerimento do teor seguinte:	fes a Sua Magestade hum requerimento, de que teve o Alvará Seguinte.
ausente nos Estados de Flandres ,	auzente em Flandres,
para o qual dará fiança segura	para o que dará fiança segura,
ao que se passem as ordens necessárias	ao qual mando se passem as Ordens necessarias
Miguel de Azevedo a fez em Lisboa	Miguel de Azevedo o fes em Lisboa
João Pereira Castelhanco a fez escrever.	Ioão Pereira Castel Branco o fes escrever.
Sebastião César de Meneses, etc.	Sebastião Cezar de Menezes == Por Consulta da Iunta dos tres Estados, e Resolução de Sua Magestade de 18 de Junho de 1645 == Estevaõ Leitão Meireles.
foi provido Dionísio da Costa	proveo Dom Afonso de Faro a Dionizio da Costa
tomou posse na Câmara da vila da Conceição de Itanhaém a 8 de abril de 1649	em cuja Camara tomou posse a 3 de Abril de 1649.
e toda a capitania e seu distrito, e vilas a ela sujeitas, por tempo de três anos, o qual cargo exercitará como fizeram seus antecessores que nele foram providos, logrando todos os prós e percalços que estão	e de toda a Capitania, e Seu Destricto, e Villas a ella Sugeitas etcoetera

em posse de receber, guardando tudo inteiramente e ajustando-se com a doação e foral da dita capitania, e antes de tomar posse dos ditos cargos receberá juramento em Câmara de que bem e verdadeiramente sirva os ditos cargos, procurando que o serviço de Sua Majestade, que Deus guarde, se faça com todo o calor, justiça às partes, e aumento à dita capitania. Dada em Lisboa sob meu sinal e selo de minhas armas aos 4 dias do mês de novembro. Manuel Rodrigues Cabreira, nosso secretário, a fez ano de 1648. – Dom Afonso de Faro. – (Lugar do selo).	
mandando el-rei esta escritura com carta de 6 de dezembro a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador e Capitão-General	Mandando Sua Magestade ao Governador, e Capitam General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho,
o general Albuquerque se achava então ausente em Minas Gerais, donde enviou a dita Carta Régia e a escritura de compra e venda aos oficiais da Camara da cidade de São Paulo, para executarem o contendo na real ordem: eles porém sem fazerem proceder na medição e na demarcação das ditas cinquenta léguas	achavasse o dito Governador auzente de São Paulo em Minas Geraes, e os Officiaes da Camara , sem precederem a Demarcação das referidas 50 legoas,
vilas e povoações que ficavam dentro delas,	Villas, e Povoaçoens, que dentro dellas se incluhiaõ ,
com invocação de Nossa Senhora da Assunção,	com vocação de Nossa Senhora da Assumpção,
concederam sempre terras de sesmaria aos moradores desta cidade ,	concederão sempre de Sesmaria as terras da Cidade de Cabo Frio ,
e depois que ela fez sua capital a vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém,	como depois disto, quando ella fes Cabeça de Capitania a Sua Villa de Itánheen.

como se vê do registro das ditas sesmarias nos livros que existem no cartório da provedoria da Fazenda Real de São Paulo ,	como se vê do Registo dellas no Cartorio da Fazenda Real da mesma Capitania
cujo poder só residia nos capitães-mores governadores da Capitania de São Vicente.	e que esta faculdade só rezidia nos Capitaens Mores, Governadores da Villa de Saõ Vicente,
os capitães-mores governadores da Capitania de São Vicente concederam terras de sesmaria aos que quizeram povoar o dito Rio de Janeiro, que então só era habitado dos bárbaros índios Tamoios: assim se vê	os Capitaens Mores Governadores da Capitania de Saõ Vicente, concediaõ terras de Sesmaria no dito Rio de Ianeiro, e era Habitada sô dos Indios Tamoyos do seu Contorno. Aos que quizerão hir povoar esta terra, como foraõ Iorge Pires, e Seu filho Simaõ Machado, em tempo, que era Donatario Martim Afonso de Souza, e Seu Loco Tenente em Saõ Vicente Pedro Ferras Barreto em 1554, concedeo Sesmarias, como se vê
até 1580 ,	athé 1565
saiu da Bahia contra o poder de Nicolau de Villegaignon,	sahio da Bahya a Conquistar do poder de Nicolao de Vilagay lhon,
buscava presas para saciar a cobiça:	buscava prezas, estimulado da Cobiça,
os Tamoios da enseada do Rio de Janeiro	os Tamoyos, que habitavaõ a Enseada do Rio de Ianeiro
guerra contra os portugueses	guerra com os Portuguezes
armas dos moradores da Capitania de São Vicente:	Armas Portuguezas da Capitania de Saõ Vicente:
foram ouvidas do gentio as suas promessas, e recebidos por eles com firme aliança,	Foraõ ouvidas dos Gentios as Suas promessas, e recebido por elles com firme aliança:
Havia já quatro anos	Haviaõ já quatro annos,
tendo mandado pedir socorro	tendo mandado pedir soccorros
ilha de Villegaignon	da Ilha do Vilagay lhon

(neste tempo ausente em França),	/ neste anno auzente em França /
foi ganha por assalto,	foi ganhada por assalto,
tendo sido de antes em três dias sucessivos batida incessantemente da nossa artilharia	tendo sido de antes em tres dias Successivamente batida da nossa Artelharia,
se salvaram, penetrando o continente daquele sertão.	se salvarão, e penetrarão o Continente daquelle Certão.
em carta de 17 de junho do mesmo ano de 1560,	em Carta datada a 17 de Junho do mesmo anno de 1560
que governava o reino pela menor idade de seu neto	que governava o Reino na menor idade de Seu Neto
porém faltando na Bahia as notícias ao Governador Mem de Sá,	e faltando-lhe na Bahya as noticias,
trazendo consigo ao Excelentíssimo Bispo	trazendo consigo o Excellentissimo Bispo
ardor português a resistência	ardor Portugues, e rezistencia,
e os que tomamos vivos	e os que tomavamos vivos,
protetor desta guerra,	Protector da Guerra,
patrimônio da Camara no dia 16 de agosto de 1567, estando ainda no Rio de Janeiro confirmando neste despacho a data de légua e meia do rocio que em 16 de julho de 1565 havia concedido o capitão-mor Estácio de Sá, o qual, acompanhado dos moradores e povoadores, foi ao lugar chamado Carioca, que era o termo da cidade, e fez dar posse desta légua e meia de rocio no dia 24 de julho de 1565 ao procurador da dita cidade João Proze, sendo meirinho deste ato Antônio Martins, por não haver ainda neste tempo tabelião que escrevesse o auto desta posse; e concedeu mais para termo da cidade	para Patrimonio da Camara, e por Sesmaria aos que quizerão ficar povoando a nova Cidade, e recolhendo-se a São Vicente, para agradecer aos Moradores desta Capital o muito que tinhaõ obrado nesta expedição, se voltou para a Bahya,

seis léguas de terra em quadro: o que tudo fez o dito Governador-Geral Mem de Sá, por virtude de um capítulo do regimento, que o rei havia dado para se concederem as terras de sesmarias na Bahia, e pelo mesmo concedeu também terras a várias pessoas, que quisessem ficar povoando a dita cidade. À vila de São Vicente se recolheu com a sua armada, o Governador Mem de Sá, e agradeceu aos moradores dela o muito que tinham obrado na expedição da guerra e conquista do Rio de Janeiro, e fornecido do necessário se recolheu para a Bahia	
tinha sido dada pelo donatário	foi dada pelo Donatario
de 24 de janeiro de 1559,	em 24 de Janeiro de 1559.
nos livros do registro das cartas de sesmarias.	no Livro de registo das Sesmarias
de responder perante os ouvidores	em responder perante os Ouvidores
ficaram sempre sujeitos à Capitania de São Vicente,	porem os Dizimos sempre pertenceraõ a Capitania de Saõ Vicente,
datada de 2 de outubro do dito ano,	datada a 28 de outubro do dito anno,
o que tudo assim consta da mesma provisão,	como se vê da Provizaõ
que há em todo o Brasil	que há no Brazil,
foi seu primeiro provedor Brás Cubas,	foi Seu primeiro Povoador, e Fundador Bras Cubas,
A vila de S. Vicente, da qual já temos feito menção, apenas conserva	A Villa de Saõ Vicente, que de antes foi taõ nomeada, Como já fica mostrado, apenas conserva
condecorada com o predicamento de cabeça de capitania	condecorada em Cabeça de Capitania,

<p>A vila de Iguape tem só a igreja matriz e casa de Câmara, com um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão do Senado, e um escrivão de órfãos, e ambos servem por donativo que pagam anualmente. A esta vila são sujeitas as minas de ouro de lavagem chamadas da Ribeira, e tão antigas que já em 1690 renderam de quintos com as de Paranaguá mil e duzentas e setenta e nove oitavas.</p>	<p>A Villa de Yguape tem hoje Somente a Igreja Parochial, Caza da Camara, e com algum Concurso, / e esse pequeno / de Romeiros ao Senhor Bom Iezus.</p> <p>Tem esta Villa com a Freguezia de Nossa Senhora da Guia de Xiririca, do seu Destricto, o numero de 4 mil 166.</p>
<p>o mesmo Leodoro Ebano Pereira, que penetrando a serra do mar, fez porto, e escala para os campos de Curitiba, onde estabeleceu a dita vila com este nome. Tem um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão da Câmara, um escrivão dos órfãos, e ambos servem por donativo que anualmente pagam.</p>	<p>o mesmo Ebano Pereyra, penetrando o Centro pelo Porto do Cubataõ, fundou esta Villa, como tudo consta no Cartorio da Fazenda Real Livro de Sesmarias numero 10. pagina 77.</p>
<p>foi criada cabeça de capitania por provisão do Marquês de Cascaes datada em Lisboa a 22 de março de 1681, e em 27 de abril de 1683 se fez auto de posse deste predicamento, que até então residiu na vila de S. Vicente. A real grandeza d'el-rei D. João, o 5º elevou esta vila em cidade, por Carta Régia de 24 de Julho, de 1711, dirigida a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, primeiro Governador e Capitão-General da Capitania de S. Paulo para assim fazer praticar.</p> <p>Esta aclamação se fez em 3 de abril de 1712 com o estrondo de grandes festas pela alegria dos paulistas. Conservou-se esta</p>	<p>foi creada Cabeça de Capitania no anno de 1681 por Provizaõ do Donatario o Marques de Cascaes, da forma, e theor Seguinte.</p> <p>Eu o Marques de Cascaes, Senhor, e Capitam Geral das terras de São Paulo, e Santa Anna no Estado do Brazil: Tendo respeito ao Zello, e fidelidade, com que os moradores da dita minha Villa de São Paulo servem ao Principe meu Senhor, e a mim em toda a oCcaziaõ avantajando-se, em tudo aos mais Vassallos, e moradores da dita Capitania, com tanto valor, e verdade, como se experimentou na Occaziaõ, em que se intentou Subrepticamente privarem ao meu Capitam Mor da minha posse, dezejando, que pelo Serviço, que nesta</p>

capitania com três sucessivos generais desde o ano de 1710 até o de 1721, sendo Albuquerque o primeiro, D. Brás Baltasar da Silveira o segundo, D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, o terceiro. Todos estes governaram também as Minas Gerais, que até então foram da Capitania de S. Paulo. Porém, Sua Majestade criou uma nova capitania em Minas Gerais, da qual foi seu primeiro governador o Capitão-General D. Lourenço de Almeida, por carta patente de 21 de fevereiro do ano de 1720: para esta separação precederam consultas formadas pelo Conselho Ultramarino, a primeira em 11 de agosto de 1719, e a segunda em 31 de janeiro de 1720, as quais foram resolutas em 24 de janeiro e 20 de fevereiro do mesmo ano de 1720. Separadas por este modo as Minas Gerais da Capitania de S. Paulo, veio para Governador e Capitão-General dela Rodrigo César de Meneses, que tomou posse a 5 de setembro de 1721, estando ausente em Minas Gerais o seu antecessor o Conde de Assumar; e alcançaram no tempo do seu governo as novas minas de Cuiabá e as de Goiáses, que se conservaram na jurisdição da Capitania de S. Paulo até que por resolução de 7 de maio de 1748 se serviu el-rei D. João, o 5º separá-las de S. Paulo criando capitanias distintas. Para as de Cuiabá e Mato Grosso nomeou Governador e Capitão-General a D. Antônio Rolim de Moura, que antes de acabar o seu

Occaziaõ intentarão fazer-me remunerar-lhe tão grande obrigação, como farey Sempre, que me lembrar de Seus merecimentos que procurarey trazer sempre muito na memoria, para em toda a oCcaziaõ lhes mostrar o animo, com que dezejo empregar me em suas melhoras, e assim por esta razão, como por outras muitas, que se me offerecem, quero, e o hey por bem, que a dita Villa de São Paulo seja de hoje em diante Cabeça da minha Capitania, e como tal goze de toda a preheminencia, que athé o prezente lograva a Villa de São Vicente. Pelo que mando a todos os Officiaes, e moradores, Camaras, Alcaydes Mores, Tabelioens, e Iustiças das ditas minhas terras hajaõ, e reconheçaõ de hoje em diante por Cabeça da dita minha Capitania a dita Villa de São Paulo, para o que será registada esta minha Provizaõ em todas as Camaras das ditas minhas Villas, e nellas publicadas na forma do estyllo, a qual Provizaõ se guardará no Cartorio da Camara da dita minha Villa de São Paulo, a quem pelas rezoens acima declaradas fis mercê de nomear por Cabeça de toda a dita minha Capitania por esta Provizaõ por mim aSignada, e Sellada com o Sello de minhas Armas em Lisboa em o Castello de São Iorge aos 22 de Março do anno do Nascimento de Nosso Senhor Iezus Chrizto de 168 == O Marques == lugar do Sello. (z)

Em cumprimento desta Provizaõ Se fes Auto de posse em o anno de

governo foi criado Conde de Azambuja. Para as de Goias nomeou a D. Marcos de Noronha que estando no seu governo foi criado Conde de Arcos. E por esta mesma resolução de 7 de maio ficou a antiga Capitania de S. Paulo reduzida ao deplorável estado de comarca subordinada ao Capitão-General do Rio de Janeiro e durou este sacrifício até mês de julho, em que chegou à praça de Santos D. Luís Antônio de Sousa Botelho

Mourão, constituído Governador e Capitão-General da Capitania de S. Paulo, sem a menor dependência da do Rio de Janeiro; e tomando as rédeas do seu governo em Santos, onde se demorou por ocasião do real serviço, subiu para S. Paulo, e na Câmara dela ratificou a sua posse em 7 de abril de 1766.

Tem esta cidade três conventos, que são: o de carmelitas calçados, o de capuchos antoninhos, o de monges beneditinos: tem o colégio que foi de jesuítas, e dentro dele o seminário de porcionistas para a instrução da língua latina: tem um recolhimento de beatas de Santa Teresa, que foi construído totalmente às expensas do cabedal de alguns paulistas, por instrução e direção do Exmo D. José de Barros e Alarcão, primeiro bispo do Rio de Janeiro, achando-se de visita em S. Paulo pelos anos de 1681 até 1683, e se fez fundador deste dito recolhimento, com o destino de ser convento professo, o que até

1683, (a) e ficou a Villa de São Paulo sendo Cabeça de Capitania, e aclamada em Cidade no anno de 1712, como ao diante se verá. Tem o Termo della Minas de Ouro de lavagem, que foraõ descobertas ja em 1597 pelos Paulistas Afonso Sardinha, Clemente Alvarez, e Pedro da Silva, sendo as primeiras as da Serra de Iaguamimbaba, que agora se denominaõ por Minas do Geraldo, as de Iaragoa, Santa fé, Itáyáçupeva, denominada de Cahaguaçu, as de Santo Amaro, e alem de Outras, que se tem descoberto.

<p>agora se não tem conseguido, posto que a paternal clemência d'el-rei nosso senhor, que Deus guarde, tomou este recolhimento na sua real proteção no ano de 1745. Tem casa de Misericórdia, e quatro igrejas, que são a do Rosário dos pretos, a de S. Antônio, a de S. Pedro e a de S. Gonçalo Garcia, que são filiais da sé catedral. Tem um escrivão da ouvidoria e correção, com um meirinho-geral dela; um escrivão da Câmara que também serve de almotaçarias, dois tabeliães do judicial e notas, um escrivão de órfãos, e um escrivão da vara, vulgarmente chamado das execuções; e todos servem por donativo que anualmente pagam. Tem casa da real fundição, onde se cunham as barras de ouro, e se pagam os reais quintos de ouro, extraído das minas, que existem dentro da comarca.</p>	
<p>foi fundada pelo paulista André Fernandes, que por si e seus irmãos tinha estabelecido este sítio em povoação com capela da invocação da mesma gloriosa Santa da fundação de seus pais, que depois veio a servir de matriz. Esta povoação foi ereta em vila</p>	<p>foi Povoação do Paulista Andre Fernandez, e aclamada em Villa</p>
<p>donatário da Capitania de S. Vicente. Tem minas de ouro de lavagem chamadas de Vuturuna, em cuja terra as descobriu no ano de 1597 o paulista Afonso Sardinha, como fica referido; e o rio Tietê também tem ouro desde o lugar da vila para baixo até muito além do morro de Aputerebu; e como a sua extração é pelo meio de água, tem</p>	<p>Donatario da Capitania de São Vicente, Como já fica mostrado. Tem esta Villa, com as Freguezias de São Roque, e Araçáriguama, do Seu Destricto o numero de 6 mil 547 almas.</p>

<p>cessado o labor pelo detrimento e despesa da manobra, e se empregam os mineiros na extração por terra do ouro que chamam guapeára. Tem um mosteiro de monges de S. Bento com lugar de presidente, um tabelião do judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara, e um de órfãos, e ambos servem por donativo que anualmente pagam.</p>	
<p>Conde de Monsanto como donatário da Capitania de S. Vicente, na qual se introduziu no ano de 1634, como fica referido: tem um mosteiro de monges beneditinos com lugar de presidente, um tabelião do judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos, e ambos servem por donativo que pagam anualmente.</p> <p>Vila de Mogi-Mirim</p> <p>A vila de S. José de Mogi-Mirim se conservou em freguesia até o ano de 1770, em que se aclamou em vila esta povoação por ordem de D. Luís Antônio de Sousa, Governador e Capitão-Geral desta Capitania de São Paulo. Tem um tabelião do judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara e dos órfãos, de que paga donativo anualmente.</p>	<p>Conde de Monsanto, a quem a Capitania reconhecia por seu Donatario. Tem esta Villa, e a Freguezia das Campinas, do seu Destricto, o numero de 5 mil 845 almas.</p>
<p>Ouvidor-Geral do Mato Grosso. Tem um convento de religiosos capuchos de Santo Antônio, e outro de religiosos carmelitas com</p>	<p>Ouvidor Geral das Minas do Mato Grosso. Tem esta Villa, com as duas Freguezias do Seu Destricto Araraytaguaba, e Piráicaba o numero</p>

<p>lugar de presidente: tem muitos engenhos, que fabricam açúcar com abundância; tem um tabelião de judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos, que ambos servem por donativo que anualmente pagam.</p>	<p>de 10 mil 830 almas.</p>
<p>Conde da ilha do Príncipe. Porém adiante desta vila quatro léguas, no sítio chamado serra de Biraçoiaba, levantou pelourinho D. Francisco de Sousa, por conta das minas de ouro, de prata e de ferro, que na dita serra estavam descobertas pelo paulista Afonso Sardinha; e o mesmo D. Francisco de Sousa lhe pôs o nome de Minas de Nossa Senhora de Monserrate; porém com a sua ausência para o reino, saído de São Paulo em junho de 1602, para embarcar no porto de Santos a diretura (neste ano tinha chegado à Bahia o seu sucessor Diogo Botelho, oitavo Governador-Geral do Estado), cessou o labor das minas de Biraçoiaba, até que em melhor sítio se fundou a vila que atualmente existe. Nesta serra de Biraçoiaba houve um grande engenho de fundir ferro, construído à custa do paulista Afonso Sardinha, cuja manobra teve grande calor pelos anos de 1609, em que voltou a São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, constituído Governador e Administrador-Geral das minas descobertas e por descobrir das três capitanias, com mercê de Marquês de Minas com trinta mil cruzados de juro e herdade; falecendo porém em São Paulo o</p>	<p>Conde da Ilha do Principe. No termo desta Villa há Minas de Ouro, Prata, e Ferro.</p> <p>No morro de Guráçoyáva, onde já no anno de 1600 se achou em pessoa Dom Francisco de Souza, que depois passando ao Reino voltou a Saõ Paulo, onde chegou em 1609, e falesceo em 10 de Junho de 1611, tendo trazido a administração Geral das Minas com mercê de Marquez dellas com 30 mil cruzados de juro, e Erdade.</p>

mesmo D. Francisco de Sousa, em junho de 1611, com o decurso dos anos se extinguiu o labor da extração do ouro e da fundição de ferro.	
em 1680, e trouxe cartas firmadas	em 1680; e ao depois nella se assentou a Fabrica de fundir as Pedras de Ferro, e Asso o mais excelente, que se pode apetecer; e que os antigos tiveraõ esta manobra com diversos Engenhos, que construíraõ, e Se destruíraõ pelos annos de 1629 com a morte de Francisco Lopes Pinto, Senhor dos ditos Engenhos. Da existencia da Prata, pelos exames de Frei Pedro de Souza, a quem aCompanharão os Paulistas, por Cartas, que receberaõ firmadas
o Coronel Pascoal Moreira Cabral, para acompanharem ao dito fr. Pedro de Sousa: o referido	o Coronel Paschoal Moreyra Cabral, que depois em 1719 foi o Descobridor das Minas do Cuyaba:
cartas do Rio de Janeiro, tít. 1673, págs. 30, 34 e 35. No presente tempo desde o ano de 1766 existe a extração do ferro na dita serra de Biraçoiaba, cuja fábrica se construiu por expensas de alguns acionistas que se uniram, a quem a real grandeza conferiu a graça de fundir o ferro por tempo de dez anos livre de quintos. Tem esta vila de Sorocaba um mosteiro de monges beneditinos com lugar de presidente, um tabelião do judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara e um escrivão de órfãos; e ambos servem por donativo que anualmente pagam. Vila de Itapetininga	Cartas do Rio de Janeiro titulo 1673. pagina 30, 34, e 35. No Governo do General Dom Luis Antonio de Souza se fabricou ferro, e Asso no dito Morro, e inda hoje se percebem os vestigios da dita Fabrica, Suposto se tenhaõ passados mais de 20 annos; Cujo labor existio todo o Governo do referido General, que por Seu Zelo se conservou ainda thê o Governo do General Martim Lopes Lopo de Saldanha, ficando logo desvanecida a dita Fabrica, porque a Sociedade, que havia na mesma era de homens sem forças para a Subsistencia, e demais a falta de Mestres na Arte de derreter as Pedras. Tem esta Villa 7 mil 952 almas.

A vila de Itapetininga se aclamou em 1771 por ordem do Governador e Capitão-General D. Luís Antônio de Sousa, que para civilizar os moradores deste sítio, que é na estrada que vai de Sorocaba para as minas de Paranapanema e Apiaí até a vila de Curitiba, os fez congregar por portaria de 17 de abril de 1766 dirigida a Simão Barbosa Franco, para este efeito conferindo-lhe o caráter de fundador, administrador e diretor da povoação de Itapetininga, cuja povoação aumentou este capitão por si e seus parentes até pô-la no estado de ser vila e oficiais de justiça, como se verificou no 1º de janeiro do dito ano de 1771.

Vila de S. João do Atibaia

O sítio de S. João do Atibaia foi estabelecimento do potentado paulista Jerônimo de Camargo, quando dominava debaixo de sua administração um muito avultado corpo de gentios reduzidos já ao grêmio católico, e passavam de quinhentos arcos. Neste lugar fez-se construir uma igreja o padroeiro dela dito Jerônimo de Camargo. Correndo o tempo, ficou esta igreja sendo freguesia, que se conservou assim muitos anos, até que no ano de 1769 se aclamou em vila: nela há um tabelião do judicial e notas, que serve também de escrivão da Câmara, almotaçaria e de órfãos, por donativo que paga anualmente.

em São Paulo. Tem um convento de religiosos carmelitas; um tabelião do judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente: foi ereta em vila no dia 1º de setembro de 1611.	em São Paulo. Tem esta Villa o numero de 7 mil 607 almas.
Antônio Afonso, Francisco Afonso, Bartolomeu Afonso, Estêvão Afonso. Tem um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos; e ambos servem por donativo que anualmente pagam.	Antonio, Francisco, Estevão, e Bartholomeu Afonso. (b) Tem esta Villa o numero de 5 mil 551 almas.
Jaques Félix, natural de São Paulo povoador e fundador,	Iaques Felis seu Capitam Mor ; Povoador, e Fundador,
Capitão-Mor Governador da dita Capitania do Itanhaém , ordenando	Capitam Mor Governador Vasco da Mota em 30 de Junho de 1639 , ordenando
encarregado do Governo do Rio de Janeiro depois da morte do Governador Antônio Pais de Sande , os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartolomeu Bruno de Siqueira: mereceu a vila de Taubaté que o rei D. João V mandasse nela estabelecer casa de fundição do ouro, para pagamento do seu real quinto, e dela foi provedor o mesmo Carlos Pedroso da Silveira	encarregado do Governo do Rio de Janeiro, que dando disto Conta a Sua Magestade, remetteo ao dito Senhor as taes mostras, que eraõ Sinco oitavas de ouro.
o Capitão-Mor Ouvidor em nome do donatário Luís Carneiro, Conde da ilha do Príncipe. Tem esta vila um tabelião do judicial e notas, que	o Capitam Ouvidor Simão Dias de Moura em nome do Conde da Ilha Luis Carneiro. Tem 6 mil 190 almas.

serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente.	
Vila de Cananéia	Villa da Cananêa
fundada pelo primeiro donatário das cem léguas de que temos feito menção, por mercê de el-rei D. João III por carta passada em Évora a 20 de janeiro de 1535, e o mesmo senhor deu foral a esta capitania. A grandeza desta régia mercê faz ver a magnificência com que a Majestade enriqueceu a Martim Afonso de Sousa, e os reis seus sucessores foram confirmando a mesma doação e foral até o donatário Antônio Carneiro de Sousa, por carta de 29 de março de 1720, como temos referido.	fundada pelo primeiro Donatario della Martim Afonso de Souza em 1531 , como fica referido.
os quintos de ouro	os Quintos do Ouro,
com avultado rendimento.	com algum rendimento,
A cidade de São Paulo está em altura de vinte e três graus e meio: da sua fundação em vila de Piratininga já temos tratado :	A Cidade de Saõ Paulo, cuja fundação já está tratada ,
Vila de Parnaíba	Villa da Parnahyba
ereta em vila no ano de 1525 por provisão do Conde de Monsanto, que estava donatário da Capitania de S. Vicente.	aclamada em Villa pelos annos de 1625 por Provizaõ do Conde de Monsanto, que entã se achava introduzido por Donatario da Capitania de Saõ Vicente,
A vila de Jundiáí foi criada no mesmo tempo	A Villa de Iundiahý foi erecta no mesmo tempo
que florescia pelo ano de 1653, provisão para ereção de capela curada,	que florescia pelos annos de 1653, Provizaõ para a Creação da Capella

com o privilégio de padroeiros :	Curada debaixo do titulo de Nossa Senhora da Candelaria com privilegio de Padroeira .
por carta de 23 de março de 1727.	por ordem Regia de 23 de Março de 1727.
juiz de fora desta vila	de Luis de Fora daquella Villa,
o paulista Baltasar Fernandes,	pelo Paulista Bartholomeu Fernandez,
cavaleiros da província do Paraguai das Índias de Castela ;	Cavalheiros Castelhanos
e se aclamou em vila por provisão	e foi aclamada em Villa por Provizaõ
Nesta mesma serra de Biraçoiaba fundiu pedras e delas extraiu boa prata, frei Pedro de Sousa, religioso da Santíssima Trindade, quando para estes exames veio mandado pelo príncipe regente D. Pedro, em 1680,	No dito Morro de Guaráçoyava extrahio, e fundio Prata Frei Pedro de Souza, inviado para estes exames em 1680;
cartas firmadas pelo real punho	cartas firmadas do Real Punho
A vila de Nossa Senhora da Conceição do rio Paraíba Jacaraí foi ereta em tempo do donatário Diogo de Faro e Sousa, pelos anos de 1652, e dela foi povoador e fundador à custa da própria fazenda o paulista Antônio Afonso,	A Villa de Iacarehy foi fundada no tempo do Donatario de Itánheen Dom Diogo de Faro, e Souza em 1652, sendo seu Fundador, e Povoador Antonio Afonso,
este paulista tinha passado de S. Paulo com sua família e grande número de índios de sua administração, gados vacuns e cavalaes ;	Este dito Iaques tinha passado de São Paulo com Sua familia, gado Vacum, e Cavalar, e com o numerozo Gentio da Sua administração,
e engenho para açúcar.	e igualmente Engenhos para Assucar.
que penetrasse o sertão de Taubaté em aumento das terras da Condessa donatária D. Mariana de Sousa da Guerra. Esta mesma provisão ratificou em 30 de junho de 1639 Vasco da Mota , Capitão-Mor	que pudesse penetrar o Certaõ de Taubatê em pagamento das terras da Condessa Donataria. Esta mesma Provizaõ confirmou depois o Capitam Mor Governador

Governador da dita Capitania do Itanhaém,	
concedesse em nome da condessa donatária uma légua de terra	medisse huma legoa de terra
que fossem acudindo a estabelecer -se na povoação	que viessem acudindo a estabelecerem -se na Povoação,
de 13 de outubro de 1639	em 13 de outubro de 1639,
para se aclamar em vila	para se aclamar a Villa,
se aclamou em vila	Foi esta Povoação aclamada em Villa
da Condessa D. Mariana de Sousa da Guerra,	pela Condessa Donataria,
por provisão de 5 de dezembro do ano de 1645	passou Provizaõ a 5 de Dezembro do anno de 1645,
consta do processo que se acha no arquivo da câmara desta vila :	consta dos papeis , que se achão no Archivo da Camara da mesma Villa de Taubaté .
amostras deste novo descobrimento	mostras do Ouro do Seu novo Descobrimento
datada no Rio de Janeiro no mesmo ano de 1646	datada no Rio de Janeiro em 1646,
em 5 de julho de 1656	a 5 de Julho
em que os moradores deste sítio	em que os Moradores de Taubaté
que os tais principais lhe deram para formar em vila	que os ditos Moradores principaes lhe offereceraõ , para que formasse Villa
se facilitou o dito desembargador Saraiva para obrar um atentado , porque em uma noite	se facilitou o dito Desembargador Saraiva, e huma noite
como se vê na Carta Régia	como se vê da Sua Real Ordem
capitania de São Vicente, que agora se diz de São Paulo,	Capitania de Saõ Vicente / hoje chamada de Saõ Paulo
como temos referido.	como fica referido.

de todas as rendas e direitos que à dita ordem ou a mim de direito na dita capitania pertencerem, que é de todo o rendimento que a dita ordem e a mim couber, assim dos dízimos, como de quaisquer outras rendas ou direitos de qualquer qualidade que seja, haja o dito capitão governador e seus sucessores, que é de dez partes uma.	de todas as rendas, e Direitos etcoetera.
costa, mares, rios e baía dela	Costa, Mares Rios, e Bahyas delle,
As redízimas dos donatários desta Capitania de São Paulo	A redizima dos Dizimos da Capitania de São Vicente,
os ditos donatários por seus procuradores: assim consta dos livros	os Donatarios della, como consta dos Livros,
desta matéria referimos aqui	desta materia, bastará apontar-se aqui
No livro de registro,	No Livro de registos
lhe tocou	lhe tocava
nas páginas. 50, 75 verso, 142 verso,	pagina 50.
pertencentes ao conde de seu agravo, vistos os autos, sentenças, e provisões do governador	pertencentes ao Conde de Monsanto Seu Coñstituente; provendo em seu agravo, vistos os Autos, Sentença, e Provizaõ do Governador
o tempo de sua procuração	o tempo de Sua Provizaõ
que pertencer ao dito Conde de Monsanto; e a provisão	que pertencer ao dito Conde de Monsanto, nem a Provizaõ,
no ouro que pertence a Fazenda Real;	no Ouro, que pertencia a Fazenda Real,
ao donatário dito Luís Carneiro de Sousa;	ao Donatario, dito Conde da Ilha do Principe,
datada em 17 de março de 1717,	datada a 17 de Março de 1717;
passando às vilas	subio ás Villas
recorreram os oficiais camaristas destas vilas ao governador	recorrendo os Officiaes destas Camaras ao Governador,

o qual deu conta a Sua Majestade sobre esta matéria de redízima	este deo Conta a Sua Magestade sobre a materia destas redizimas,
e esta conta foi datada no 1º de abril de 1720,	e esta conta foi dada no primeiro de Abril do mesmo anno de 1720,
na secretaria do ultramar no maço dos papéis deste ano.	na Secretaria do Conselho Ultramarino no Masso dos papeis do dito anno,
faz menção de outra	fas o Conde General menção da Outra,
Tudo o referido consta	Todo o referido consta
suspender de capitão-mor dito Antônio Caetano Coelho Pinto pela errada inteligência de que o senhorio das terras	Suspender ao Capitam Mor da Capitania de Itánheen Antonio Caetano Pinto Coelho com o fundamento de que este Senhorio das terras
para servir de capitão- mor seu loco-tenente	para Servir de Capitam Governador, seu Loco Tenente,
a João de Moura Fogaça, e eram ditos oficiais neste ano Francisco Rodrigues da Guerra, Antônio Furtado de Vasconcelos, Álvaro Neto Bicudo, Lourenço Nunes, Sebastião Fernandes Correia, e Tomé Furtado.	a Ioaõ de Moura Fogaça, por todo o Contheúdo nella em 11 de Fevereiro do mesmo anno;
as terras que pediam já as possuíam por carta de sesmaria de Estevão Gomes, capitão-mor da cidade de Cabo Frio,	as terras por Concessão do Capitam Mor de Cabo Frio Estevão Gomes,

REELABORAÇÃO

B	F
como foram Luís de Góis	cujas principaes pessoas forão as Seguintes: Luis de Goes,
que a pronunciação portuguesa corrompeu pelo decurso do tempo em Vergalhão.	que a pronunciação pelo decurso do tempo Corrompeo esta vos Vergalhaõ.
e o Governador-Geral Mem de Sá concedeu terras para rocio da cidade e patrimônio da Camara no dia 16 de agosto de 1567, estando ainda no Rio de Janeiro confirmando neste despacho a data de légua e meia do rocio que em 16 de julho de 1565 havia concedido o capitão-mor Estácio de Sá, o qual, acompanhado dos moradores e povoadores, foi ao lugar chamado Carioca, que era o termo da cidade, e fez dar posse desta légua e meia de rocio no dia 24 de julho de 1565 ao procurador da dita cidade João Proze, sendo meirinho deste ato Antônio Martins, por não haver ainda neste tempo tabelião que escrevesse o auto desta posse; e concedeu mais para termo da cidade seis léguas de terra em quadro: o que tudo fez o dito Governador-Geral Mem de Sá, por virtude de um capítulo do regimento, que o rei havia dado para se concederem as terras de sesmarias na Bahia, e pelo mesmo concedeu também terras a várias pessoas, que quiseram	e o Governador Sá Concedeo terras para Patrimonio da Camara, e por Sesmaria aos que quizerão

Da redízima de ouro tirada dos reais quintos	Da redizima tirada dos Reaes Quintos do Ouro ,
O certo é que ainda em tempo do donatário Luís Carneiro de Sousa mandou El-Rei, por ordem de 23 de janeiro de 1694, ao governador do Rio de Janeiro que se pagasse a redízima ao donatário dito Luís Carneiro de Sousa;	Marques de Cascaes. (e) Este pagamento da redizima ao Donatario das 100 legoas, o dito Conde da Ilha do Principe Dom Luis Carneiro de Souza ainda estava muito em seu vigor, quando o Senhor Rey Dom Pedro por ordem de 23 de Janeiro de 1694, mandou ao Governador do Rio de Janeiro que a redizima das 100 legoas de Costa se pagace ao Donatario, dito Conde da Ilha do Principe,
concederam sempre terras de sesmaria	concederão sempre de Sesmaria as terras
tendo conquistado os bravos gentios da nação Jerominis e Puna, habitantes deste sertão, levantou à sua custa igreja matriz	conquistou do Certão de Taubate, e Rio de Ipacarê, athé Guratinguetá os bravos Indios seus habitantes de Nasção Ieronimes, e Purís. A sua Custa levantou Igreja Matris
Os moradores porém tendo detrimento nas suas causas cíveis e crimes de responder perante os ouvidores da Capitania de São Vicente,	tendo detrimento os Seus Moradores, em responder perante os Ouvidores da Capitania de Saõ Vicente,
Isabel, e quando Martim Afonso de Sousa chegou a São Vicente lhe foi falar dito João Ramalho, e já com filhos casados, o que tudo assim consta de uma sesmaria	Izabel, de quem teve filhos, como se colige de huma Sesmaria,
Desta vila foi fundador o mesmo Leodoro Ebano Pereira,	o mesmo Ebano Pereyra, penetrando o Centro pelo Porto do Cubataõ, fundou esta Villa,
Depois por provisão de 5 de dezembro do ano de 1645 de Antônio Barbosa de Aguiar, Capitão-Mor Governador, Ouvidor e Alcaide-Mor	por Provizaõ de Antonio Barboza de Aguiar, Capitam Mor Governador, Alcayde Mor, e Ouvidor da Capitania de Itánheen pela Condessa

da capitania da Condessa D. Mariana de Sousa da Guerra,	Donataria, passou Provizaõ a 5 de Dezembro do anno de 1645,
No livro de registro, título 1567, do almoxarife Cristóvão Diniz, página 116 verso, consta pagar-se ao donatário Pedro Lopes de Sousa	No Livro de registros 1567. pagina 116 Verso consta que Ieronimo Leitão, Procurador do Donatario Pedro Lopes de Souza, recebeo
em que apresentaram amostras deste novo descobrimento a Sebastião de Castro e Caldas, que se achava encarregado do Governo do Rio de Janeiro depois da morte do Governador Antônio Pais de Sande, os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartolomeu Bruno de Siqueira:	depois que os Paulistas Carlos Pedrozo da Silveyra, e Bartholomeu Bueno de Siqueira descobriraõ no Certaõ de Cataguazes as ferteis, e opulentas Minas, que hoje se chamaõ Geraes pelos annos de 1695, em que apresentarão as primeiras mostras do Ouro do Seu novo Descobrimento a Sebastião de Castro e Caldas, que entã se achava encarregado do Governo do Rio de Janeiro,
A vila de Santo Antônio do Guaratinguetá, estando ainda em sertão inculto, e com gentios habitantes dele pelo rio da Paraíba, que vai correndo a introduzir-se nos Campos dos Guaitacases, o penetrou com o corpo de armas o mesmo Jaques Félix pelos anos de 1646. Era o intento principal desta expedição o descobrimento de minas, para cujo efeito obteve provisão	21. A Villa de Guratinguetá foi tambem fundada pelo mesmo Jaques Felix, o qual no anno de 1646, vendo a nova Villa de Taubaté muito augmentada de moradores transmigrados de São Paulo, penetrando o Certaõ do Rio Parahyba, e Ipacarê, e com intentos de Descobrimientos de Minas obteve Provizaõ
como fica referido; e como o Conde de Monsanto Dom Álvaro Pires de Castro e Sousa trazia demanda com Lopo de Sousa sobre a Capitania de Itamaracá e mais terras das oitenta léguas de costa da doação feita a seu bisavô Pedro Lopes de Sousa, seguiu-se a causa com a dita Condessa de Vimieiro, como sucessora de seu irmão Lopo de Sousa: e suposto que	Condessa de Vimieyro por Seu marido Dom Francisco de Faro, Conde de Vimieyro, com quem correo demanda o Conde de Monsanto Dom Alvaro Pires de Castro e Souza, / como bisneto de Pedro Lopes de Souza, primeiro Donatario de Itámaracá com 80 legoas de Costa / e Suposto que

<p>na pessoa de seu procurador Manuel Rodrigues de Moraes, o qual como vinha provido no posto de capitão-mor governador da dita Capitania de São Vicente, tomou posse no dia 12 do mês de janeiro de 1621, sendo oficiais da Câmara Gregório Rodrigues, Alonso Pelaes, Diogo Ramirez e Jorge Correia, moço da Câmara d'el-rei. Todo este fato assim referido consta difusamente no lugar embaixo citado.</p> <p>Discorro que nos oficiais da Câmara de São Vicente não foi simulação viciosa a posse que deram ao Conde de Monsanto da Capitania de São Vicente, mas sim uma pronta</p>	<p>Como o Procurador Manoel Rodriguez de Moraes trazia Provimento para Capitam Mor, Governador, Loco Tenente do Conde de Monsanto, os ditos Camaristas lhe deraõ posse no dia 12 do mesmo Ianeiro de 1621 por não haver malicia nestes bons homens Camaristas, mas Sim huma prompta</p>
<p>Não deixou filho legítimo, e só um bastardo chamado também Lopo de Sousa o qual por escritura de transação e amigável composição celebrada na nota do tabelião Baltasar de Almeida, em Lisboa, a 7 de março de 1611,</p> <p>(...)</p> <p>sua irmã a Condessa de Vimieiro Dona Mariana de Sousa da Guerra, que tomou posse da sua Capitania de São Vicente em 30 de novembro de 1622,</p>	<p>pela Cessaõ, que a ella lhe fes Lopo de Souza, filho bastardo de outro falescido Lopo de Souza, Irmaõ da mesma Condessa, e tomou posse desta Capitania por Seu Procurador Ioaõ de Moura Fogaça a 30 de novembro de 1622, em que era Capitam Mor, Governador,</p>
<p>perdeu a donatária Condessa de Vimieiro a vila de São Vicente, sua capital, com as mais que temos referido, e delas se deu posse ao Conde de Monsanto</p>	<p>perdeo a referida Condessa Donataria as Suas Villas, ficando repelida da justa posse, que dellas havia tomado por Seu Procurador Ioaõ de Moura Fogaça em Dezembro de 1623.</p> <p>75. Alvaro Luis do Valle, Procurador do Conde de Monsanto, tomou</p>

	posse por parte do Seu Constituinte , como se vê
Notificado assim dito Fogaça, respondeu:	por todo o Contheúdo nella em 11 de Fevereiro do mesmo anno; a cuja notificação deo Fogaça a reposta Seguinte.
Este donatário, Dom Sancho de Faro, conservou-se nesta sua capitania até 10 de novembro de 1648, em que lhe succedeu seu filho Dom Diogo de Faro e Sousa, em cujo nome foi provido Dionísio da Costa em capitão-mor e ouvidor da capitania	Com este poder proveo Dom Afonso de Faro em Capitam Mor da Capitania de Itanheen de Seu Irmão Dom Sancho de Faro, a Valerio de Carvalho em 31 de Março de 1646, e tomou posse o dito Valerio na Camara da dita Villa no mesmo anno de 1646. 82 Em 10 de novembro de 1648 proveo Dom Afonso de Faro a Dionizio da Costa em Capitam Mor da Capitania de Itanheen,
Para governarem esta nova Capitania de Itanhaém nomeou sempre a dita condessa capitães-mores governadores,	pela Donataria a dita Condessa de Vimieyro, foi nomeando Capitaens Mores, e Ouvidores para as Governarem.
Dom Afonso de Faro, etc. Como administrador que sou do Morgado da vila de Alcoentre, e como tutor que sou dado por Sua Majestade à pessoa e bens de Dom Diogo de Faro e Sousa, meu sobrinho menor de 14 anos,	Dom Afonso de Faro. Administrador de Seu Sobrinho Dom Diogo de Faro e Souza, menor de 14 annos,
jurisdição de darem sesmarias de terra aos moradores da cidade de Cabo Frio, como se vê do registro	concederaõ terras de Sesmarias aos moradores de Cabo Frio, como se vê do Registo
Por esta indesculpável facilidade e crassa ignorância está subsistindo até agora o errado conceito de que todas as vilas desta Capitania de São Paulo, assim as da marinha, como as de serra acima, são da Coroa e patrimônio real, contra este engano está clamando a clareza da mesma	e de todas as mais do Centro desta Camara, assim as que existem ao Norte; como as que se achão ao Sul, sem que alguma dellas seja da Coroa pela Compra das 50 legoas ao Marques de Cascaes, excepto a Villa da Ilha de São Sebastião, que está dentro das dêz legoas, desde o

<p>escritura de compra e venda; por quanto nas dez léguas do rio Curupacé até o rio de São Vicente, braço do norte, não há mais do que a vila da ilha de São Sebastião; e nas quarenta léguas desde a barra de Paranaguá até as ilhas de Santa Ana não há mais do que as vilas do rio de São Francisco, ilha de Santa Catarina e Laguna. Todas as mais vilas e cidades compreendidas nas cem léguas da Capitania de São Vicente são do donatário desta capitania, e para as ditas cidades e vilas damos uma breve relação delas.</p>	<p>Rio Curupacê, até o Rio de São Vicente, braço do Norte, que hé o Bertioga, o qual pertence á Coroa unicamente, e nada mais.</p>
<p>Semelhante requerimento fizeram os monges beneditinos pelo seu reverendo Dom Abbade, pedindo as terras que possuem no Cabo Frio.</p>	<p>Este mesmo Capitam Mor, Governador Fogaça, concedeo terras de Sesmaria em Cabo Frio aos Monges Beneditinos do Mosteiro do Rio de Ianeiro.</p>
<p>Desta vila de Santos foi seu primeiro provedor Brás Cubas,</p>	<p>da qual foi Seu primeiro Povoador, e Fundador Bras Cubas,</p>
<p>tendo chegado às canoas de guerra com o General delas Leodoro Ebano Pereira,</p>	<p>tendo chegado as Canoas desta Villa, das quaes foi General Eleodoro Ebano Pereyra,</p>
<p>de gente armada em canoas de guerra</p>	<p>de gente em Canoas armadas em guerra</p>
<p>com o teor dos autos da demarcação que o provedor fez,</p>	<p>com o theor dos Autos, que o Provedor fes a demarcação,</p>
<p>Nesta serra de Biraçoiaba houve um grande engenho de fundir ferro, construído à custa do paulista Afonso Sardinha, cuja manobra teve grande calor pelos anos de 1609, em que voltou a São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, constituído Governador e Administrador-Geral das minas descobertas e por descobrir das três capitanias,</p>	<p>No morro de Guráçoyáva, onde já no anno de 1600 se achou em pessoa Dom Francisco de Souza, que depois passando ao Reino voltou a São Paulo, onde chegou em 1609, e falesceo em 10 de Junho de 1611, tendo trazido a administração Geral das Minas com mercê de Marquez dellas com 30 mil cruzados de juro, e Erdade.</p>

com mercê de Marquês de Minas com trinta mil cruzados de juro e herdade; falecendo porém em São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, em junho de 1611, com o decurso dos anos se extinguiu o labor da extração do ouro e da fundição de ferro.	
se aclamou em vila na primeira oitava do Natal deste mesmo ano, e se formou a eleição de juizes ordinários e oficiais da Câmara, que entraram a servir no 1º de janeiro de 1646.	Ordenando, que na primeira oitava do Natal deste mesmo anno se formasse a Eleição para os Iuizes, e Officiaes da Camara, que haviaõ de entrar a Servir em Ianeiro de 1646.
nela há um convento de religiosos capuchos de Santo Antônio, com a grandeza do ouro das Minas Gerais (então chamadas de Cataguases) descobertas no ano de 1695, em que apresentaram amostras deste novo descobrimento	depois que os Paulistas Carlos Pedrozo da Silveyra, e Bartholomeu Bueno de Siqueira descobriraõ no Certaõ de Cataguazes as ferteis, e opulentas Minas, que hoje se chamaõ Geraes pelos annos de 1695, em que apresentarão as primeiras mostras do Ouro do Seu novo Descobrimento
até se extinguir a dita casa, que se passou depois para dentro das mesmas minas.	Esta Caza se abolio, e passou a Officina para outra parte, e por fim se estabeleceo dentro das mesmas Minas Geraes.
O Capitão Domingos Leme foi o fundador desta vila, na qual tendo levantado pelourinho por ordem do Capitão-Mor Ouvidor Dionísio da Costa, era nome do donatário D. Diogo de Faro e Sousa,	Foi confirmado o Pelourinho, que já estava levantado pelo Capitam Mor Ouvidor Dionizio da Costa, ao Capitam Domingos Leme, Povoador em nome do Donatario Dom Diogo de Faro e Souza
amanhecendo o dia seguinte estava Pindamonhangaba feito vila, e o dito ministro seguiu jornada a demandar a serra de Parati. Desta insolência se queixaram os da vila de Taubaté à Sua Majestade, e ao mesmo senhor recorreram os da nova vila de Pindamonhangaba. O rei	amanhecendo o dia seguinte, em que elle seguiu jornada para o Rio du Ianeiro, estava Pindamunhangaba feito Villa, e os novos Officiaes da Camara com posse dos lugares, que haviaõ de exercer. Esta dezordem, e attentado relevou a Piedade de Sua Magestade perdoando aos

porém, com a sua paternal clemência perdoou aos culpados; e usando de sua real grandeza, houve a dita vila	Culpados, e havendo a dita Villa
e porque o procurador do Marquês de Cascais tinha recebido certas oitavas de ouro que pertenciam da redízima dos quintos de São Paulo a seu constituinte o Marquês de Cascais, e os juízes ordinários obrigaram ao dito procurador a tornar a entregar o mesmo ouro que já havia recebido, interpôs agravo	e porque depois de ter recebido certo numero de oitavas de Ouro, por seu Procurador, lhe foraõ tomadas, interpos agravo
onde conseguiu provisão de Dom Luis de Sousa,	e della trouce huma Provizaõ de Dom Luis de Souza,
Pedro Gonçalves Meira, vereador = Ioaõ da Costa – vereador = e Salvador do Valle outro Sim vereador,	Pedro Gonçalves Meira, João da Costa, Salvador do Vale, vereadores,
o qual auto os fez assinar com o dito Álvaro Luís do Vale, testemunhas que foram presentes	o qual Auto os fes, aSignaraõ com o dito Alvaro Luis do Valle, testemunhas que foraõ prezentes
no qual disseram, que tomavam posse por parte da real Coroa das cinquenta léguas de costa, que o Marquês de Cascais possuía na Capitania de São Vicente, na qual se compreendiam as vilas de São Vicente, de Santos, de São Paulo, e todas as mais	que o Marques de Cascaes estava possuindo desde o tempo da injusta introdução, e posse, que tomara o Conde de Monsanto em 1624, como fica mostrado. E ficou de posse a Coroa das Villas de Saõ Vicente, Santos, Saõ Paulo, e de todas as mais
Que suposto as terras que pediam já as possuíam por carta de sesmaria de Estevão Gomes, capitão-mor da cidade de Cabo Frio,	que Suposto tinhaõ as terras por Concessaõ do Capitam Mor de Cabo Frio Estevaõ Gomes,
um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente.	hum Escrivaõ de Orfaons por Donativo, que pagaõ em rematação trienal,
A vila de Jundiaí foi criada no mesmo tempo do Conde de Monsanto	A Villa de Iundiahhy foi erecta no mesmo tempo, e por Provizaõ do dito

como donatário da Capitania de S. Vicente,	Conde de Monsanto, a quem a Capitania reconhecia por seu Donatario.
foi povoação que fundou pelos anos de 1670 o paulista Baltasar Fernandes,	foi erecta em 1670 pelo Paulista Bartholomeu Fernandez,
para cobrar os direitos e redízimas	para cobrar dellas a redizima dos Direitos,
e em Lisboa se achava seu irmão Dom Afonso de Faro, este fez a Sua Magestade o requerimento	e Seu Irmaão Dom Afonso de Faro em Lisboa fes a Sua Magestade hum requerimento,

PARAGRAFAÇÃO

B	F
e Francisco de Brito de Menezes, desembargador de agravos da casa da suplicação. Por esta sentença se confirmou o dito Conde de Monsanto	e Francisco de Brito de Menezes, Desembargador dos Agravos da Caza da Suplicação, sendo todos nomeados por El Rey para rezolverem esta Contenda sem Apelação nem Agravo. Por esta Sentença se confirmou o Conde de Monsanto á
por carta de el-rei Dom Filipe passada a 10 de abril do ano de 1617. Em cumprimento desta sentença e confirmação régia mandou	por Carta passada a 10 de Abril de 1617. Em cumprimento della mandou tomar posse de 50 legoas de Costa do Sul,
no dia 12 do mês de janeiro de 1621, sendo oficiais da Câmara Gregório	no dia 12 do mesmo Ianeiro de 1621 por não haver malicia nestes bons

Rodrigues, Alonso Pelaes, Diogo Ramirez e Jorge Correia, moço da Câmara d'el-rei. Todo este fato assim referido consta diffusamente no lugar embaixo citado. Discorro que nos oficiais da Câmara de São Vicente não foi simulação viciosa a posse que deram ao Conde de Monsanto da Capitania de São Vicente,	homens Camaristas, mas Sim huma prompta obediencia a Provizaõ de Dom Luis de Souza, Governador Geral do Estado. A Sentença, de que já Se fes menção hé
O Governador Diogo de Mendonça Furtado. – E sendo-nos assim apresentada a dita provisão,	O Governador Diogo de Mendonça Furtado. E sendo-nos assim apresentada a dita Provizaõ,
ao dito conde na forma da certidão do dito provedor da Fazenda, e antes conforme a dita sentença da relação e doação do dito conde,	ao dito Conde na forma da Certidão do dito Provedor da Fazenda, e Autos; / Notesse que não tendo Pedro Lopes de Souza mais do que dêz legoas do Rio Curupacê athé o Rio de São Vicente, braço do Norte, sendo que este hé a Barra da Bertioga, e Só desta a Curupacê hé que vão dêz legoas; forte lastima! / Conforme a dita Sentença da Relação, e Doação do dito Conde,
notificar pelo tabelião Simão Borges Cerqueira, moço da Camara d'el-rei, a João de Moura Fogaça, e eram ditos oficiais neste ano Francisco Rodrigues da Guerra, Antônio Furtado de Vasconcelos, Álvaro Neto Bicudo, Lourenço Nunes, Sebastião Fernandes Correia, e Tomé Furtado. Notificado assim dito Fogaça, respondeu: Que tinha embargos à provisão de Álvaro Luís do Vale,	notificar a Ioaõ de Moura Fogaça, por todo o Contheúdo nella em 11 de Fevereiro do mesmo anno; a cuja notificação deo Fogaça a repostada Seguinte. Que tinha embargos a Provizaõ de Alvaro Luis do Valle
como pela dita homenagem tem de obrigação. E pelos ditos oficiais da	como pela dita homenagem tem de obrigação etcoetera.

Camara lhe foi respondido:	Isto mesmo representou Ioaõ de Moura Fogaça na Camara aos Officiaes della, pedindo-lhes differicem; e pelos ditos Officiaes lhe foi respondido
<p>Por esta forma, foi a Condessa de Vimieiro repelida da sua vila de São Vicente, da de Santos, da de São Paulo, e da de Mogi das Cruzes (eram estas duas vilas as que de serra acima estavam eretas até este tempo) e vendo-se assim destituída a dita Condessa de Vimieiro fez cabeça de capitania a sua antiga vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém. Para governarem esta nova Capitania de Itanhaém nomeou sempre a dita condessa capitães-mores governadores,</p>	<p>78. Por este modo foi repelida a Condessa de Vimieyro das suas Villas de São Vicente, Santos, São Paulo, e Mogi das Cruzes, / eraõ estas as que thê então estavaõ fundadas, porque as mais foraõ erectas depois da intruza posse do Conde de Monsanto, como foraõ Santa Anna, de Parnahyba, Iundiahhy, Ytû, e Sorocaba / e vendo-se destituída, fes Cabeça de Capitania a Sua Villa de Itánheen, que já era Villa muitos annos antes de 1624, porem ella se achava incorporada a Villa de São Vicente, como Capital das 100 legoas desde o tempo do primeiro Fundador, e Donatario Martim Afonso.</p> <p>79. Constituida em Capital a Villa de Itanheen / que comprehende na Marinha as Villas de Yguape, Cananeya, Parnagoa, e no Seu centro a Villa de Curitiba; e de Serra acima as Villas de Iacarehý, Taubatê, Pindamunhangaba, e Guratinguetá, que todas ficaõ ao Norte / pela Donataria a dita Condessa de Vimieyro, foi nomeando Capitaens Mores, e Ouvidores para as Governarem.</p>
<p>em capitão-mor e ouvidor da capitania e tomou posse na Câmara da vila da Conceição de Itanhaém a 8 de abril de 1649 pela provisão do teor seguinte:</p> <p>Dom Afonso de Faro, etc. Como administrador</p>	<p>em Capitam Mor da Capitania de Itanheen, em cuja Camara tomou posse a 3 de Abril de 1649. Porem já neste Provimento se encontra novo Successor, e Donatario da dita Capitania de Itánheen em Dom Diogo de Faro, menor de 14 annos, filho do Donatario Dom Sancho de Faro, como</p>

	no Provimento se declara ibidem == por Dom Afonso de Faro. Administrador
boa correspondência e agrado. Soube que os Tamoios da enseada do Rio de Janeiro	boa correspondencia, e agrado. Soube que os Tamoyos, que habitavaõ a Enseada do Rio de Ianeiro
pela menor idade de seu neto o rei Dom Sebastião. Segunda vez tornou o mesmo Governador-Geral Mem de Sá	na menor idade de Seu Neto o Senhor Rey Dom Sebastião. Segunda ves tornou o mesmo Mem de Sá
ao Excelentíssimo Bispo Dom Pedro Leitão e aos padres jesuítas Inácio de Azevedo, Luís da Gran, provincial, e José de Anchieta, como escreve o padre mestre Simão de Vasconcelos na Crônica da Companhia, livro terceiro. No próprio dia do invicto mártir São Sebastião,	o Excellentissimo Bispo Dom Pedro Leitaõ. No proprio dia do invicto Martyr Saõ Sebastiaõ
que mostravam os inimigos franceses e Tamoios: a sua disciplina aprendida com os franceses,	que mostravaõ os inimigos Francezes, e Tamoyos. A sua disciplina aprendida com os Francezes,
foram pendurados para exemplo e terror. Em contemplação do santo mártir	foraõ pendurados para exemplo e terror. Em contemplação do Santo Martyr Protector
o tempo da Condessa de Vimieiro, e depois dela os seus sucessores até o Conde da Ilha do Príncipe Antônio Carneiro de Sousa em 1720, como tudo se vê no cartório da provedoria da Fazenda nos livros do registro das cartas de sesmarias. Os moradores porém tendo detrimento	o tempo da Donataria a Excellentissima Condessa de Vimieyro. Esta Villa tendo deterimento os Seus Moradores,
do descobrimento do Capitão Leodoro Ebano Pereira. Nesta vila houve casa da real oficina,	Minas do Descobrimento do Capitam Eleodoro Ebano Pereyra. Nesta Villa houve Caza da Real Officina,

privilégio de padroeiros: com o tempo se aclamou em vila esta povoação. El-rei D. João V mandou criar	com privilegio de Padroeira. El Rey Dom Ioaõ quinto mandou crear
pelos anos de 1609, em que voltou a São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, constituído Governador e Administrador-Geral das minas descobertas e por descobrir das três capitanias, com mercê de Marquês de Minas com trinta mil cruzados de juro e herdade; falecendo porém em São Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, em junho de 1611, com o decurso dos anos se extinguiu o labor da extração do ouro e da fundição de ferro. Nesta mesma serra de Biraçoiaba fundiu pedras e delas extraiu	Dom Francisco de Souza, que depois passando ao Reino voltou a São Paulo, onde chegou em 1609, e faleceu em 10 de Junho de 1611, tendo trazido a administração Geral das Minas com mercê de Marquez dellas com 30 mil cruzados de juro, e Erdade. No dito Morro de Guaráçoyava extrahio,
Capitão-Mor Governador, Ouvidor e Alcaide-Mor da capitania da Condessa D. Mariana de Sousa da Guerra, se aclamou em vila na primeira oitava do Natal deste mesmo ano, e se formou a eleição de juízes ordinários e oficiais da Câmara, que entraram a servir no 1º de janeiro de 1646. Tudo o referido consta	Capitam Mor Governador, Alcayde Mor, e Ouvidor da Capitania de Itánheen pela Condessa Donataria, passou Provizaõ a 5 de Dezembro do anno de 1645, Ordenando, que na primeira oitava do Natal deste mesmo anno se formasse a Eleição para os Iuizes, e Officiaes da Camara, que haviaõ de entrar a Servir em Ianeiro de 1646. Todo o referido consta
Esta tão clara como douda sentença	73. Esta tão clara, como igualmente Douda Sentença,
Por esta demarcação perdeu	74. Pela demarcação feita pelo celebrado Fernão Vieyra perdeu
pelo auto do teor seguinte:	75. Alvaro Luis do Valle, Procurador do Conde de Monsanto, tomou posse por parte do Seu Constituinte, como se vé do Auto do theor Seguinte (h)
Dada por este modo posse da Capitania da Vila de São Vicente ao Conde	76. Dada por este modo a posse ao Conde de Monsanto

de Monsanto,	
Em cumprimento desta carta,	77. Em cumprimento desta Carta,
Por esta forma, foi a Condessa de Vimieiro repelida	78. Por este modo foi repelida a Condessa de Vimieyro
Para governarem esta nova Capitania de Itanhaém nomeou sempre a dita condessa capitães-mores governadores,	79. Constituida em Capital a Villa de Itanheen / que comprehende na Marinha as Villas de Yguape, Cananeya, Parnagoa, e no Seu centro a Villa de Curitiba; e de Serra acima as Villas de Iacarehý, Taubatê, Pindamunhangaba, e Guratinguetá, que todas ficam ao Norte / pela Donataria a dita Condessa de Vimieyro, foi nomeando Capitaens Mores, e Ouvidores para as Governarem.
Neste ano, porém, de 1645, entrou na Capitania de Itanhaém	81. No anno de 1645 entrou na Capitania de Itanheen
Este donatário, Dom Sancho de Faro, conservou-se nesta sua capitania até 10 de novembro de 1648,	82 Em 10 de novembro de 1648
mandando el-rei esta escritura com carta de 6 de dezembro a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador e Capitão-General	90. Mandando Sua Magestade ao Governador, e Capitam General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho,
A cidade de Cabo Frio,	1. A Cidade de Cabo Frio,
A cidade do Rio de Janeiro	2. A Cidade do Rio de Janeiro,
A vila da Angra dos Reis	Terceiro A Villa da Ilha grande Angra dos Reys,
A vila de Parati,	Quarto A Villa de Paraty
A última vila dentro das cinquenta e cinco léguas de costa	5. A ultima Villa da Marinha dentro das 55 legoas de Costa,
A vila de Santos	6. A Villa de Santos /
A vila de S. Vicente,	7 A Villa de São Vicente,

A vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém,	8. A Villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanheen,
A vila de Iguape	9. A Villa de Yguape
A vila de S. João de Cananéia	10. A Villa de Saõ Ioaõ de Cananêa
A Vila de Paranaguá	11. A Villa de Parnagoa
A vila de Curitiba	12. A Villa de Curitiba,
A cidade de São Paulo	13. A Cidade de Saõ Paulo,
A vila de Santa Ana da Parnaíba	14. A Villa de Santa Anna de Parnahyba,
A vila de Jundiá	15. A Villa de Iundiahhy
A Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itu	16. A Villa de Ytû
A Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba	17. A Villa de Sorocaba de Nossa Senhora da Ponte,
A vila de Santa Ana de Mogi das Cruzes	18. A Villa de Santa Anna de Mogi das Cruzes
A vila de Nossa Senhora da Conceição do rio Paraíba Jacaraí	19. A Villa de Iacarehy
A vila de S. Francisco das Chagas de Taubaté	20. A Villa de Taubate
A vila de Santo Antônio do Guaratinguetá,	21. A Villa de Gurátinguetá
A vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba,	22. A Villa de Nossa Senhora do Bom Successo de Pindamunhangaba,
Vila de Pindamonhangaba A vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba, sendo uma capela em que os moradores deste sítio (os mais opulentos e principais em nobreza, com tratamento a ela competente, eram o Alcaide-Mor Brás Esteves Leme, seu irmão Antônio Bicudo Leme, seu filho Manuel da Costa Leme, e os dois genros João Correia de	== Villa de Gurátingueta == 21. A Villa de Gurátinguetá foi tambem fundada pelo mesmo Iaques Felix, o qual no anno de 1646, vendo a nova Villa de Taubatê muito augmentada de moradores transmigrados de Saõ Paulo, penetrando o Certaõ do Rio Parahyba, e Ipacarê, e com intentos de Descobrimientos de Minas obteve Provizaõ de Duarte Correa Vasques Aunes, Administrador

<p>Magalhães, e seu irmão Pedro da Fonseca Magalhães da nobre casa de Manuel Pereira de Vasconcelos, senhor e morgado da vila de Sinfaéns, e outros paulistas) ouviam missa, não querendo estar sujeitos à jurisdição da vila de Taubaté, se congregaram em um corpo para hospedar ao Desembargador João Saraiva de Carvalho, Segundo Ouvidor-Geral e Corregedor da comarca de São Paulo, que por ordem régia baixava ao Rio de Janeiro, e tendo chegado à capela e sítio de Pindamonhangaba, se deixou corromper com vileza de ânimo de um grande donativo de dinheiro, que os tais principais lhe deram para formar em vila aquela povoação; e como sempre foi poderoso este inimigo, se facilitou o dito desembargador Saraiva para obrar um atentado, porque em uma noite criou juízes e oficiais para a Câmara, levantou pelourinho no silêncio da mesma noite, e nela tudo dispôs, de sorte que amanhecendo o dia seguinte estava Pindamonhangaba feito vila, e o dito ministro seguiu jornada a demandar a serra de Parati. Desta insolência se queixaram os da vila de Taubaté à Sua Majestade, e ao mesmo senhor recorreram os da nova vila de Pindamonhangaba. O rei porém, com a sua paternal clemência perdoou aos culpados; e usando de sua real grandeza, houve a dita vila por aclamada, como se vê na Carta Régia de 10 de julho de 1705, registrada no liv. 1º do registro das ordens reais da ouvidoria de São Paulo. Tem esta vila um tabelião do judicial e notas, que serve de</p>	<p>das Minas, datada no Rio de Janeiro em 1646, para ser Capitam da dita Povoação, que depois veyo a Ser Villa de Guratinguetá. Foi confirmado o Pelourinho, que já estava levantado pelo Capitam Mor Ouvidor Dionizio da Costa, ao Capitam Domingos Leme, Povoador em nome do Donatario Dom Diogo de Faro e Souza a 13 de Fevereiro de 1651; e no anno de 1656, a 5 de Julho lhe fes as Iustças o Capitam Ouvidor Simão Dias de Moura em nome do Conde da Ilha Luis Carneiro. Tem 6 mil 190 almas.</p> <p>== Villa de Pindamunhangaba ==</p> <p>22. A Villa de Nossa Senhora do Bom Successo de Pindamunhangaba, sendo huma Capella, em que os Moradores de Taubatê / os mais opulentos, e principaes em nobreza / ouviaõ Missa; congregados os oanimos com parecer do Dezembargador Ioaõ Saraiva de Carvalho, Segundo Ouvidor Geral, e Corregedor de Saõ Paulo, que por Ordem Regia baixava ao Rio de Janeiro a correger aquella Comarca, tendo chegado a Capella, e Sítio de Pindamunhangaba, se deixou Corromper de hum grande Donativo de Dinheiro, que os ditos Moradores principaes lhe offereceraõ, para que formasse Villa aquelle lugar, e Povoação: e como sempre foi poderoso este inimigo, se facilitou o dito Dezembargador Saraiva, e huma noite formou a Eleição de Pelouro para os Officiaes da Camara da nova Villa, e levantou Pelourinho no Silencio da noite, e nella</p>
---	--

<p>escrivão da Câmara, e um de órfãos, e ambos servem por donativo que pagam anualmente.</p> <p>Vila de Guaratinguetá</p> <p>A vila de Santo Antônio do Guaratinguetá, estando ainda em sertão inculto, e com gentios habitantes dele pelo rio da Paraíba, que vai correndo a introduzir-se nos Campos dos Guaitacases, o penetrou com o corpo de armas o mesmo Jaques Félix pelos anos de 1646. Era o intento principal desta expedição o descobrimento de minas, para cujo efeito obteve provisão datada no Rio de Janeiro no mesmo ano de 1646 de Duarte Correia Vasques Anes, como administrador das minas. O Capitão Domingos Leme foi o fundador desta vila, na qual tendo levantado pelourinho por ordem do Capitão-Mor Ouvidor Dionísio da Costa, era nome do donatário D. Diogo de Faro e Sousa, a 13 de fevereiro de 1651, lhe fez as justiças em 5 de julho de 1656 o Capitão-Mor Ouvidor em nome do donatário Luís Carneiro, Conde da ilha do Príncipe. Tem esta vila um tabelião do judicial e notas, que serve de escrivão da Câmara, e um escrivão de órfãos, e ambos pagam donativo anualmente.</p>	<p>tudo dispos de Sorte, que amanhecendo o dia seguinte, em que elle seguiu jornada para o Rio do Ianeiro, estava Pindamunhangaba feito Villa, e os novos Officiaes da Camara com posse dos lugares, que haviaõ de exercer. Esta dezordem, e attentado relevou a Piedade de Sua Magestade perdoando aos Culpados, e havendo a dita Villa por acclamada como se vê da Sua Real Ordem de 10 de Julho de 1705. (c)</p> <p>Tem 4 mil 182 almas.</p>
---	---

- *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo X Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

ADIÇÃO

C	F
No fim do anno de 1567// se transmigrarão os moradores	184. Depois que se transmigrarão no anno de 1560 os moradores
para beneficio da Cultura	para o beneficio da Cultura,
da expulção dos Padres Iezuitas, que executada na manhã	da expulsaõ dos ditos Padres, que foi executada na manhã
o Reverendo Padre Doutor Pedro de Moura	o Reverendo Padre o Doutor Pedro de Moura,
athe que descubertas por Affonso Sardinha as primeiras Minas de oiro de lavagens	athé que descobertas por Afonso Sardinha, neste continente , as primeiras Minas de Ouro de lavagens
Dom Francisco Charque de Andella no livro que compos das memorias dos Padres Iezuitas Simão Mazetta,	Dom Francisco Xarque de Andela no livro, que compos, / este livro hé obra Iezuitica, como se vê do estyllo, alem de inculcar só o grande merecimento dos Iezuitas, e destruir os tremendos factos, porque o Bispo Governador de Paraguay os expulsou, estando innocente das Culpas, que dito Bispo lhe cumulou / das memorias dos Padres Iezuitas Simão Maceta,
e de seu Primo Dom Ioaõ Avalos e Benavides,	e de seu primo Dom Ioaõ de Avalos e Benavides,
depois de chegar ao Collegio della o Padre Francisco Dias Tanho	depois de chegar ao Colégio della o dito Padre Tanho

o Reverendo Padre Procurador de Paraguay,	o Reverendo Padre Ioze da Costa, Reitor do dito Colegio e o Reverendo Padre Francisco Dias Tanho , Procurador do Paraguay
ao Reverendo Prelado Administrador desta repartição o padre Pedro Homem Albernás,	ao Reverendo Prelado, e Administrador desta repartição, o Reverendo Padre Pedro Homem Albernáz,
subrepticio, tudo o que em prejuizo deste povo lhe viesse,	Subrepticio, e obrepticio tudo o que em prejuizo deste Povo lhe viesse,
Antonio do Sago Prego // Antonio de Sam Payo // Ioaõ dos Louro // Ioaõ Dantas // Manoel Ieronimo // Pedro de Oliveira // Diogo de Avilla // Iorge de Souza // Filippe de Campos // Domingos de Britto //, e eu IoaõAntonio Correa Taballiaõ do publico Judicial, e Notas nesta Cidade do Rio de Janeiro, que este Jnstrumento em meu Livro de Nottas tomei, e delle aqui me reporto, fis trasladar sobscrevi, e assignei de meu signal publico, e razo = IoaõAntonio Correa // o qual traslado de Concerto, e escriptura eu Gaspar Gonçalvez Meira Taballiaõ do publico, Judicial, e Notas nesta Villa de São Vicente a fis trasladar da propria, que nesta Camara fica, bem, e fielmente, e a subscrevi, corri, e concertei como IuizOrdinario desta dita Villa // Ioaõ Rodriguez de Moura, aqui comigo assignado, e aos vinte e cinco dias do mes de Iulho de 1640 // annos = Gaspar Gonçalvez Meira // Consertado comigo Iuiz, Ioaõ Rodriguez de Moura, e comigo Taballiaõ Gaspar Gonçalvez Meira	Antonio do Lago Prego == Antonio de São Payo. Etcoetera. Etcoetera // Este traslado se acha na Camara de São Vicente.
ao Senhor Rey Dom Ioaõ quarto.	ao Senhor Rey Dom Ioaõ o quarto.
onde ella estivesse registada: o theor da Copia hé o seguinte	onde ella estivesse registada, como tambem a Carta, que os Officiaes

	<p>da Camara escreverão ao dito Monarcha sobre a Sua Acclamação, porque só aparece a reposta do dito Senhor (t) do theor Seguinte.</p> <p>// Iuis, Vereador, e Procurador da Camara da Villa de São Paulo. Eu El Rey vos invio muito Saudar. Da Carta, que me escrevestes, e trouceraõ os Procuradores Belchior da Costa, e Luis da Costa, que a este vierão inuiados sobre couzas tocantes a essa Capitania, entendi o particular contentamento, e alegria, com que todos esses moradores festejaraõ minha Acclamação, e restituição a este Reino, e de que nelle fui Acclamado, e reconhecido por verdadeiro Rey, e Senhor natural delle; e porque assim o devem ter por certo de vós, e mais Vassallos, que ahy me servem, com tudo me parece agradecer vos muito, como faço, vossa fidelidade, e amor, e dizer vos, que sempre me Será presente o vos mandar fazer mercê, em tudo o que houver lugar. Escripta em Evora a 24 de setembro de 1643 // Rey :::</p> <p>Copia da representação, e de que faz menção o Caderno referido.</p>
<p>sendo com isso cauza, e origem de se matar muita multidaõ de homens, mulheres, moças, moços, e meninos</p>	<p>sendo com isso cauza, / deste Apostata, que chegou a ser publico Pregador da infame doutrina de Lutero, trata o Livro Castrioto Luzitano da restauração de Pernambuco no Livro sexto numero 17 / e origem de Se matar muita multidaõ de homens, mulheres, moças, moços, e meninos,</p>

lhe foi necessario despovoala, e largar fazendas, e engenhos,	lhe foi necessario despovoala (u) e largar de fazendas, e Engenhos
como a que tem mui particular o Governador	como a que tem muito em particular o Governador
por cuja falta ignoramos o mais, que ella poderia conther a sua data,	por cuja falta se ignora o mais, que ella poderia conter, e a Sua data:
ao Senhor Rey Dom Ioaõ quarto	ao Senhor Dom Ioaõ o quarto:
ellas se acabaraõ de todo, e somente prezistiraõ	ellas se acabaraõ de todo: / naõ se acabaraõ Civilizaraõ-se os Indios, e perdendo o nome de Aldeyas, ficaraõ Freguezias / e somente prezistiraõ
por Alvará do mesmo Senhor de 3 de outubro de 1643 // que he do Theor Seguinte.	por Alvará do mesmo Senhor de 3 de outubro de 1643. (x)
aos 7 de outubro de 1647 = Rey Reconhecida, e respeitada a Paternal Clemencia do Soberano,	a 7 de outubro de 1647. (z) E sendo reconhecida, e respeitada a Paternal Clemencia do Soberano,
O Senhor Rey Dom Ioaõ quarto	O Senhor Rey Dom Ioaõ o quarto
dirigida aos officiaes da Camara de Sam Paulo, pelo theor seguinte.	dirigida aos Officiaes da Camara de São Paulo. (b)
por se ver o reconcavo da Bahya hostilizado,	por se ver o reconcavo da Bahya hostilizado destes inimigos,
diz ibi==	dis na quinta ibidem ==
ententaraõ os moradores de Sam Paulo expulsar aos Iezuitas	intentarão os moradores de São Paulo tornar a expulsar os Iezuitas
Aos 24 dias do mes de Junho de 1687// annos	aos 24 de Iulho de 1687. (c)

ALTERAÇÃO DE ORDEM

C	F
No fim do anno de 1567// se transmigrarão os moradores	184. Depois que se transmigrarão no anno de 1560 os moradores
hum em Sam Paulo, e na Villa de Santos outro.	hum em Saõ Paulo, e outro na Villa de Santos.
Sirva tambem, Senhor , de exemplo	Sirva, Senhor tambem de exemplo
onde está o mayor numero de gentio,	onde está o numero mayor de Gentio,

SUBSTITUIÇÃO

C	F
No fim do anno de 1567 // se transmigrarão	184. Depois que se transmigrarão no anno de 1560
e a requerimento dos Padres do Collegio da Villa de São Vicente, quando a ella chegou dito Governador Geral em Iunho desse anno.	e a requerimento dos Padres do Colegio de Saõ Vicente, como fica mostrado,
a qual se conthem no Termo do theor Seguinte (a) Aos 15 dias do mes de Agosto de 1611	a qual se contem no termo de Vereança feito aos 15 de Agosto de 1611. (r)
ate o de 1653: He certo que a cauza dos queixosos Paulistas, e os mais moradores das Villas de Sam Vicente, Sanctos, e da Cidade do Rio de Ianeiro, se tratou na Corte pelos Procuradores, já indicados Luiz da Costa Cabral, e Balthazar de Borba Gatto, que ambos tinhaõ passados aos Reyno depois da Gloriosa, e feliz	athé o de 1653, em que correndo o tempo,

<p>acclamação do Senhor Rey Dom Ioaõ quarto a dar obediencia por parte dos Moradores de Sam Paulo, e a este respeito digo, e a este reverente, e humilde rendimento agradeceo a Paternal bondade do mesmo Senhor por carta firmada do seu Real punho dirigida aos Officiaes da Camara de Sam Paulo com datta de 24 // de setembro de 1643 // Correo o tempo,</p>	
<p>de que haviaõ sido lançados.</p> <p>Copia do assento de Transacção, e amigavel Composição entre os Padres Iezuitas, e os moradores das Villas da Capitania de Sam Vicente.</p> <p>Escriptura de Transacção, e amigavel Composição, celebrada na Villa de Sam Vicente na Camara della aos 14 de Mayo de 1653, estando juntos os Officiaes da Camara della o Iuiz Ordinario Paschoal Leyte de Medeiros e os Vereadores Gonçalo Ribeiro Tinoco, Domingos de Meira, e Ioaõ Homem da Costa, e o Procurador Thome de Torres de Faria, e tambem das pessoas da Governança da terra, o Capitam Lourenço Cardozo de Negreiros, Manoel Lopes de Meira, o Capitam Pedro Gonçalves Meira, e outras muitas abaixo assignadas, e bem assim o Padre Francisco Gonçalves da Companhia de Jezus, Provincial do Brazil; o Padre Gonçalo de Albuquerque, Reytor de Sanctos, o Padre Francisco Paes, Reytor de Sam Paulo, e o Padre Francisco Madeira, Companheiro do Provincial, por parte da Camara de Sam Paulo o Vigario da Igreja o Padre Domingos Gomes Albernás, então Vizitador do Sul, e o Capitam Francisco Rodriguez da Guerra, ambos Procuradores bastantes dos moradores, e Camara</p>	<p>de que haviaõ sido lansados, como consta de huma escriptura celebrada com a Camara de Saõ Vicente; cujo traslado tambem Se acha no (a) Archivo da Camara de Saõ Paulo.</p>

de Sam Paulo. Para effeito de serem os Padres restituídos aos seus Collegios se acordou da maneira seguinte.

Primeiramente disse o Reverendo Padre Provincial, e mais Religiozos acima nomeados, que elles promettiaõ, e de effeito dezeriaõ por via da transacção, e amigavel Compozição d'hoje para todo o sempre de todas as queixas, acçoens e Appellaçoens expecialmente da Sentença appellada, que sobre o interdicto alcançaraõ, e promettiaõ que nunca em nenhum tempo prosegueriaõ, nem innovariaõ couza alguma sobre a dita Sentença, antes disse o Reverendo Padre Provincial que desde logo dava plenaria absolvição pelos poderes, que para isso tinha, a todas, e quaisquer pessoas, que por qualquer via, ou modo houvessem incorrido em algumas Censuras, ou Censura de qualquer qualidade, ou Condição, que fosse, ou haja sido, e outro sim dice o dito Reverendo Padre Provincial, e mais Relligiozos que dizistiaõ de todo o direito, que tinhaõ, ou podiaõ ter Sobre as perdas, e damnos, ou injuria que por qualquer via se lhes houvesse seguido na chamada expulsão, para em nenhum tempo as allegar, ou pedir, para que tudo fique em perpetuo Silencio, e conservação de paz, e concordia, que pertendem ter, com declaração, que se algum Morador da dita Villa, ou qualquer outra pessoa, que tiver alguma Coiza sua, assim movel, Como de raís, que pertença a elles ditos Padres, ou ao seu Collegio, que contra esses occupadores, e suas cauzas, poderaõ em particular requerer seu direito, e justiça, como lhe parecer, e que o mesmo direito lhes ficará para poderem

requerem Contra Seus Procuradores, para lhes darem Conta de suas fazendas, e lhes pagarem, e restituirem tudo em que como taes lhes forem obrigados.

Outro sim, que não recolheriaõ, nem amparariaõ em suas Cazas, ou fazendas os Indios, ou Indias, Serviços dos Moradores, nem os Consentiriaõ em suas fazendas, e Mosteiros, antes os entregaraõ a seus domnos, com boas praticas para que os sirvaõ. Outro sim dicerão mais os ditos, Padre Provincial, e mais Relligiozos que dezestiaõ, e naõ seriaõ nunca partes na execuçaõ do Breve que dizem ter de Sua Santidade, Sobre a liberdade do Gentio, como tambem no substancial delle; Outro sim diceraõ os precursores da dita Villa de Sam Paulo acima nomeados, que elles em nome de seus Constituhintes promettiaõ de dar aos ditos Padres ajuda, que cada hum podesse voluntariamente conforme sua devoçaõ para reformaçaõ do dito seu Collegio antigo, e em cazo que o queira mudar para outro Sitio lhe prometem a mesma ajuda, sem que desta promessa, e offerecimento nasça obrigaçaõ alguma; Outro sim prometteo, e se obrigou o dito Padre Provincial, e mais Relligiozos a mandar vir em tempo breve, e conveniente todos estes Concertos, e Condiçoens acima declaradas, assignadas, e Confirmadas por Sua Magestade, que Deos guarde, e pelo Mestre Reverendo Padre Geral, que assiste em Roma, para que assim fiquem os successores do dito Padre Provincial, e mais Prelados, que ora Saõ, e ao diante forem obrigados a guardar todas estas Condiçoens, naõ inovando couza alguma, como delles se deve Confiar, e por assim todos serem Contentes, diceraõ que aceitavaõ huns, e

outros os ditos concertos, e promessas, e conveniencias, e para mais segurança, e cumprimento de tudo o acima, e atras escripto, diceraõ obrigavaõ todas suas pessoas, bens moveis, e de raís havidos, e por haver, a nunca hirem contra estes Concertos, e por theor desta disseraõ, que haviaõ por revogados todos e quaisquer Autos de Concertos, e Compoziçoens, e propostas, que antes desta hajaõ feita, e que só esta querem, que se cumpra, tenha força, e vigor; e diceraõ mais o dito Padre Provincial, e mais Relligiozos, que se nestes concertos, e amigavel Compozição faltasse algum ponto de direito, ou Clauzula, ou Solemnidade alguma por declarar, as haviaõ aqui todas propostas, e expressas, e declaradas, de que de tudo mandaraõ fazer esta escriptura neste Livro dos registos desta Camara, e que della desse os traslados, que cumprissem, onde todos assignarão com as testemunhas Domingos Freire Iardim // Gaspar Gonçalves Meira. // Ioaõ Nogueira // Henrique Mathozo // todos moradores nesta Villa, e pessoas de mim Escrivam da Camara conhecidas, e eu Antonio Madeira Salvadores Escrivam da Camara, que o escrevi, neste Livro de registos // O Padre Francisco Gonçalves Provincial // o Padre Domingos Gomes Albernás // Francisco Rodriguez da Guerra // o Padre Francisco Paes Reytor do Collegio de Sam Paulo // o Padre Gonçalo d'Albuquerque Reytor do Collegio de Sam Miguel // o Padre Francisco Madeira // Gonçalo Ribeiro Tinoco // Paschoal Leyte // Domingos de Meira // Ioaõ Homem da Costa // o Capitam Pedro Gonçalves Meira // o Capitam Mor Bento Ferraõ Castello Branco // Lourenço

Cardozo de Negreiros // Manoel Lopes de Moura // Gaspar Gonçalves Meira // Henrique Mathozo // Domingos Freire Iardim // Ioaõ Nogueira //	
por determinação de Mem de Sá,	por ordem de Mem de Sá,
na expulsão dos Iezuitas do Collegio de Sam Paulo, cujo theor hé o Seguinte. Alvará de perdão geral aos moradores de Sam Paulo, que expulsarão aos Iezuitas dos seus Collegios. Eu El Rey faço saber aos que este meu Alvará virem, que tendo respeito ao que me reprezentou o Governador Geral de todo o Estado do Brazil, Governador, e Officiaes da Camara do Rio de Janeiro, e das Villas de Sm Paulo, Sam Vicente, Conceiçam, e Parnahyba, acerca da expulsão dos Relligiozos da Companhia de Jezus. Hey por bem de conceder aos moradores de Sam Paulo perdão geral de todas, e quaisquer Culpas, que tiverem commettido ainda que tenham partes, reservando-lhe direito para demandar em o Civel, e damnos com declaração que o perdão, que lhes concedo, não ha de ter effeito se não depois de restituidos os Padres da Companhia, porque com esta tenção lhes mando perdoar, e não de outra maneira: e este se cumprirá tam inteiramente, como nelle se conthem, sem duvida, nem Contradição alguma, e valerá como Carta, sem embargo da Ordem do Livro segundo titulo contrario. Paschoal de Azevedo o fes em Lisboa aos 7 de outubro de 1647	na expulsão dos Iezuitas do Colegio de Saõ Paulo, passado em Lisboa a 7 de outubro de 1647
que teve em Sam Paulo honrosos empregos da Republica,	que teve em Saõ Paulo os empregos da Republica
pela dita escriptura, cuja Copia hé a Seguinte	pela dita Escriptura, Cuja Copia hé do theor Seguinte.

== Escriptura de Transacção, e amigavel Compozição, e rennunciação que fizeraõ os Padres da Companhia com o Povo das Capitanias do Rio de Janeiro ==	
do Governador Salvador Correa de Sa, e Benavides ,	do Governador Salvador Correa de Sá, já referido ,
ententaraõ os moradores de Sam Paulo expulsar aos Iezuitas	intentarão os moradores de São Paulo tornar a expulsar os Iezuitas
se fizeraõ Senhores de todo o Governo temporal dos ditos gentios	se fizeraõ Senhores de todo o Governo temporal de todos os Gentios,
da expulção dos Padres Iezuitas ,	da expulsaõ dos ditos Padres,
de Paragua de Vuturuna,	de Iaraguâ , de Vuturuna
origem de fucturas consequencias,	origem de funestas consequencias,
Termo de ajuntamento feito pelos povos na Camara da Vila de Sam Paulo contra os Padres Iezuitas. Em esta Villa de Sam Paulo em os des dias do mes de Junho do anno de 1612 annos se ajuntarão os officiaes da Camara a saber o Vereador Geraldo Correa, e por não estar presente o Vereador Vicente Bicudo assistio em seu lugar o Vereador do anno passado Antonio Rapozo, e o Iuiz Ioseph de Camargo, e o seu parceiro Pedro Nunes, e Francisco da Gama, Procurador do Conselho, que servio o anno de 1610, e sendo todos juntos com a mayor parte do povo junto, e homens de governança da terra, e sendo todos juntos pelo Iuiz Ioseph de Camargo foi dito a todo o povo junto, que o dito ajuntamento se lhe pedia pella	termo de Segundo ajuntamento do Povo, pelo qual requererão a Camara não permite aos Iezuitas a administração temporal dos Indios (s)

mayor parte do povo, e Camara dizendo, que eraõ homens pobres, e que para remediar suas necessidades lhe era necessario muitas vezes e cada dia pedir ao Senhor Governador quatro Indios, assim para fazerem seus mandamentos para comer, como para hirem as Minas a tirar oiro para seu remedio, e delle pagarem os quintos a Sua Magestade, e que depois do Senhor Governador lhes ter dado a dita licença hiaõ as Aldeas, e não achavaõ Indios, nem queriaõ hir com elles, e quando hiaõ não cumpriaõ o Termo da obrigação do aluguer, e com a paga na mão se tornavão para a Aldea deixando aos Moradores em as Minas com os Mantimentos perdidos, e suas pessoas, sem terem quem os beneficiassem, e que isto causava não terem os dito Indios nas Aldeas Capitaõ, nem Justiça, que os opprimisse a cumprir com as pagas, que recebiaõ, de que resultava muito damno aos ditos moradores por ficarem perdidos, perdendo os seus mantimentos, paga, e tempo, e os Indios fazendo Zombaria dos moradores, e rindosse, e levantando-se as mayores, e Sua Magestade perdendo os seus Reaes quintos, que sendo Aldeas destas Capitanîas, sempre sujeitas aos Capitaens, e justiças desta dita Capitanîa, agora se introduzia pelo dito Gentio hum rumor, dizendo que não conheciaõ se não os Padres por seus Supperiores, e os ditos Padres dizendo publicamente que as ditas Aldeas eraõ Suas, e que eraõ Senhores no temporal, e espiritual, que era o Papa a sua Cabeça, e por ser coiza nova, e desacustumada, e nunca athe hoje, tal dominio, nem posse aos ditos Padres da Companhia se dera depois que esta Capitanîa se fundou athe hoje

havendo-a pertendido os ditos Padres por muitas Vias, e modos, e só se lhes consentio a administração espiritual, e por quanto as couzas passavaõ na forma acima ditas, os ditos Officiaes pediraõ a todos elles presentes, que se houvesse alguma pessoa, que soubesse haver-se lhe dado posse aos ditos Padres em algum tempo o dicesse, e quando não lhe parecia justo, que recordassem sua antiga posse, e bom governo pondo Capitaens nas Aldeas, como costumavaõ fazer, e dando ordem para que os ditos Gentios sirvaõ por sua paga, e aluguer aos moradores, para que com elles cultivem as Minas, e façaõ seus Serviços de que rezultará dizimos á Deos, quintos a El Rey, augmento aos moradores, e a elles utilidade, e proveito, de vestirsse com o seu trabalho elles, e suas mulheres, e apartarem-se de suas continuas idolatrias, e borracheiras, de que não pode rezultar nenhum Serviço a Deos senaõ, que com vicio, e borracheiras se levantarem contra os brancos, e moradores, como nesta Capitanía tem feito, e em outras partes deste Estado; e assim mais que se lhe não consinta Aldea grande, porque não tenham forças, quando alguma hora reinarem, senaõ que se partaõ de 200 vizinhos, e não mais, e distantes 3, ou 4 Leguas, humas das outras. Assim tambem para que se não concinta, para que nas ditas Aldeas estejaõ, nem se recebaõ escravos, nem Serviços de brancos, se não que, haja em todas Capitaens, que tenhaõ especial cuidado, e sejaõ sufficientes para evitar, e ordenar as couzas acima ditas, e que para isso pediaõ o parecer de todos os moradores desta Villa; e logo foi dito em altas vozes por todos que hera mui

bem, e justo; e que assim o requeriaõ todos a elles ditos Officiaes, e se assignaraõ aqui os ditos Officiaes com os mais que presentes se acharaõ, e pelos mais assignou o dito Procurador Francisco da Gama, e eu Simaõ Borges Escrivam da Camara, que o escrevi // Ioseph de Camargo // Geraldo Correa // Antonio de Oliveira // Antonio Fernandez // Pedro Nunes, Antonio Rapozo, Belchior da Costa // Gonçalo Madeira // Paschoal Leyte Furtado // Duarte Machado // Manoel Godinho // Andre Gonçalves // Affonso Ribeiro. // Manoel Francisco Pinto // Fernão Dias // Manoel Esteves // Henrique da Cunha // Christovaõ de Aguiar Giraõ // Andre Botelho // Manoel Affonso // Paschoal Dias // Manoel Fernandez // Pedro Leme // Antonio Pinto Maciel // Ioaõ Leyte // Ioaõ Dias // Pedro Dias // Pedro Rodriguez Guerreiro // Francisco Preto // Chrisostimo Alvares = Pedro de XXX (f. 0116)// Braz Esteves // Alexo Leme // Manoel Paes // Ioaõ Fernandez // Ioaõ Alvares Ferreira // Pedro Gonçalves de Freitas // Ioaõ da Sylva = Jorge Pires // Raphael de Oliveira // Thome Mathias // Luiz Furtado // Sebastião Leme. // Ioaõ de Brito // Ieronimo de Britto // Bartholameo Bueno // Ioaõ Soares // Sebastião Fernandez Camacho. // Antonio Bicudo. // Ioaõ Gomes // Lourenço Nunes. // Iacome Nunes. // Andre Pires. // Francisco Siqueira // Ioaõ do Prado // Domingos Cordeiro // Ioaõ de Oliveira // Amador Bueno // Diogo Pires // Leonel Furtado // Domingos Luis, o moço. // Mathias Lopes. // Gonçalo Pires. // Domingos Pires // Affonso Coelho // Francisco Saraspe //Allonso Pires Canhamares, // e pelo demais que faltaõ, e por

mim, e por elles Francisco da Gama.	
e se não achão os do tempo da expulção	pois se não achão os do tempo da expulsaõ
Esta certeza descobrimos em hum livrinho manuscripto	186. Esta certeza se descobrio em hum livrinho manuscripto
no qual escreveo alguns apontamentos,	no qual escreveo huns apontamentos,
athe que tornaraõ a ser a elles restituidos . Nós discorremos , que a cauza desta expulsão em Sam Paulo	athé que tornarão a Ser a elles recolhidos . Devemos Supor que a cauza desta expulsão em Saõ Paulo
beijando o pé ao beatissimo papa Urbano VIII	beijando o pê ao Santissimo Padre Urbano oitavo,
os Certoens dos Rios Uvahu, Tibagy, Uruguay, Paraná, e Paraguay o conhecemos muito afastado da verdade,	os Certoens do Rio Uvaý, Tibagi, Urugay, Paraná, e Paraguay, o conhecemos bem afastado da verdade,
Que se recolhera ao Collegio desta Cidade, no qual se achava o Padre Vizitador Geral	Que se recolhera ao Collegio desta Cidade, na qual se achava o Padre Vezitador Geral
Que hum popular tumulto accometera a porta da Igreja, e Portaria que ja se achava serrada pertendendo deitalas abaixo com instrumentos, que levava para este efeito ,	Que hum popular tumulto accometera ás Portas da Igreja, e Portaria, que já se achavaõ Serradas , pertendendo deitar abaixo com iñstrumentos, que levava para este fim ;
que para perderem tiveraõ Conselho aberto os amotinados,	que para prenderem tiveraõ Conselho aberto os amotinados;
da escriptura da Transacção, e amigavel composiçaõ celebrada com os officiaes da Camara	da Escriptura de transacção, e amigavel composiçãõ, celebrado com os Officiaes da Camara
a Bulla do Santissimo papa Urbano oitavo	a Bulla do Santissimo Padre Urbano oitavo
aos 22 dias do mes de Junho	aos 12 dias do mez de Junho
Bulla do Santo Papa Paulo terceiro	Bulla do Santo Padre Paulo terceiro
passada para as Índias do Perú, Reyno de Castella a instancias do Imperador Carlos	passada para os Indios de Perú, Reino de Castella, a

quinto,	iñstancia do Imperador Carlos quinto
que lhes parece poderiaõ ter cada hum	que lhes parecesse poderiaõ ter cada hum
ficando- lhes a elles ditos Padres	ficando- lhe a elles ditos Padres
se lhes havia feito	se lhe havia feito
e deles não tratariaõ directe,	e delle não tratariaõ directe,
e estar por todo o contheudo nesta dita escriptura,	e estar por todo o Contheudo na dita escriptura,
Antonio do Sago Prego// Antonio de Sam Payo // Ioaõ dos Louro // Ioaõ Dantas // Manoel Ieronimo // Pedro de Oliveira // Diogo de Avilla // Iorge de Souza // Filippe de Campos // Domingos de Britto //, e eu Ioaõ Antonio Correa Taballiaõ do publico Judicial, e Notas nesta Cidade do Rio de Janeiro, que este Instrumento em meu Livro de Nottas tomei, e delle aqui me reporto, fis trasladar subscrevi, e assignei de meu signal publico, e razo = Ioaõ Antonio Correa // o qual traslado de Concerto, e escriptura eu Gaspar Gonçalvez Meira Taballiaõ do publico, Judicial, e Notas nesta Villa de São Vicente a fis trasladar da propria, que nesta Camara fica, bem, e fielmente, e a subscrevi, corri, e concertei como Iuiz Ordinario desta dita Villa // Ioaõ Rodriguez de Moura , aqui comigo assignado, e aos vinte e cinco dias do mes de Iulho de 1640 // annos = Gaspar Gonçalvez Meira // Consertado comigo Iuiz, Ioaõ Rodriguez de Moura, e comigo Taballiaõ Gaspar Gonçalvez Meira ==	Antonio do Lago Prego == Antonio de Saõ Payo. Etcoetera . Etcoetera //
Nos a descubrimos por casualidade	Descobrio-se por casualidade
o Livro onde ella estivesse registada: o theor da Copia hé o seguinte	o Livro, onde ella estivesse registada, como tambem a

	Carta, que os Officiaes da Camara escreverão ao dito Monarcha sobre a Sua Acclamação, porque só aparece a reposta do dito Senhor (t) do theor Seguinte.
sem a qual se não poderaõ,	sem o qual se não poderaõ,
Vossa Magestade como seu Pay , e Senhor natural	Vossa Magestade como seu Rey , e Senhor natural
e principaes, exemplo de Virtude, e Castidade, e as que por guardarem, e observarem por traças escaparaõ de suas mãos,	e principaes exemplos da virtude, e Castidade, e as que pelo guardarem e observarem por troças escaparaõ das suas maons,
e morrerem martyrizadas , do que largarem a Castidade, e Virgindade	e morrerem martyrizados , do que largarem a Castidade e virgindade,
e vinham perecer , e acabar as suas mãos,	E venhaõ por ver , e acabar as Suas maons,
e em parte executando-os ,	e em parte exceptuando os ,
como a que tem mui particular o Governador	como a que tem muito em particular o Governador
encarregar Vossa Magestade da feitoria a peessoas de qualidade,	encarregar Vossa Magestade da Feitoria, á pessoa de qualidade,
por cuja falta ignoramos o mais,	por cuja falta se ignora o mais,
descobrimos a Copia da resposta, que deo o dito Marquez de Monte Alvaõ, da qual o theor hé o Seguinte. Resposta do Marquez de Monte Alvaõ sobre a queixa dos Paulistas sobre os Padres Iezuitas, lançados para fora da Capitania.	se descobrio a Copia da reposta, que deo o dito Marques pela maneira Seguinte
e Camara das Villas	e Camaras das Villas

nem estava naquellas partes ao tempo da publicaçam das Bullas	nem estava naquellas partes no tempo da publicação das Bullas
de se entregarem a Clerigos, ou Seculares, em que pode haver inconvenientes	de se encarregarem á Clerigos, ou Seculares, em que podem haver inconvenientes,
na Secretaria do Estado,	na Secretaria de Estado,
cortaõ por semelhantes incomodidades ,	cortaõ por Semelhantes incomodos ,
os mandaõ com grande pontualidade .	os mandaõ com grande promptidaõ .
Concideramos , que este parecer do Marquez de Monte Alvaõ	Devemos Supor , que deste parecer do Marquez de Montealvaõ
para se esquecer das offenças recebidas do ardor Iezuitico.	para se esquecer das Offensas recebido do ardor Iezuitico.
Alexandre de Souza Ferreira ,	Alexandre de Souza Freire ,
Cabos, e Officiaes experientes na guerra	Cabos, e Officiaes experimentados na guerra
Aos 24 dias do mes de Junho de 1687//	aos 24 de Julho de 1687.

REELABORAÇÃO

C	F
forão lançados do Collegio de Sam Paulo os Padres Iezuitas // a saber o Reytor o Padre Nicolao Botelho // com os Padres Antonio Ferreira, Antonio de Marys // Matheus de Aguiar, e Lourenço Vas; e os Leigos Domingos Alvares, pucuhy de alcunha // Antonio Gonçalves, e Lourenço Rodriguez.	forão lançados do Colegio de São Paulo os Padres Iezuitas, que nelle rezidiaõ.

Escriptura de Transacção, e amigavel Compozição, celebrada na Villa de Sam Vicente na Camara della	escriptura celebrada com a Camara de São Vicente;
--	--

PARAGRAFAÇÃO

C	F
Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas huma desafeição aos Iezuitas, que em todo o tempo só cuidaraõ em ter o governo espiritual, e temporal dos Indios do Estado do Brazil; por esta cauza foraõ expulsos de Sam Paulo, e Villa de Santos. O Archivo da Camara desta Cidade de Sam Paulo tem muita falta de livros, e se não achaõ os do tempo da expulção dos Padres Iezuitas, que executada na manhã de hua sexta feira do dia 13 de Julho de 1640//: Esta certeza descobrimos em hum livrinho manuscripto da letra do Capitam Pedro de Moraes Madureira, que por Paulista de qualificada Nobreza,	<p>185. Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas huma dezafeição aos Iezuitas, que em todo o tempo só cuidaraõ em ter o Governo expiritual, e temporal dos Indios do Estado do Brazil.</p> <p>Por esta cauza forão expulsos de São Paulo, e Villa de Santos.</p> <p>O Archivo da Camara desta Cidade de São Paulo tem muita falta de livros, pois se não achaõ os do tempo da expulsaõ dos ditos Padres, que foi executada na manhã de huma Sexta feira do dia 13 de Julho de 1640.</p> <p>186. Esta certeza se descobrio em hum livrinho manuscripto de letra do Capitão Pedro de Moraes Madureira, que por</p>

	Paulista de qualificada nobreza
[...] athe que tornaraõ a ser a elles restituídos. Nós discorremos, que a cauza desta expulsão [...]	[...] athé que tornarão a Ser a elles recolhidos. Devemos Supor que a cauza desta expulsão [...]
devemos relatar o que diz Dom Francisco Charque de Andella. Affirma este Author, que o Padre Francisco Dias Tanho	[...] devemos relatar o que dis Dom Francisco Xarque de Andela. Afirma este Autor, que o Padre Tanho [...]
[...] mandou inforçar alguns. Do levantamento que fizeraõ [...]	[...] mandou enforçar alguns. Do levantamento que fizerão [...]
[...] pelos ditos Reverendos Padres. Do damno, e perda, que daqui [...]	[...] pelos ditos Padres. Do damno, e perda, que daqui [...]
[...] neste anno de 1643, nem nos mais subsequentes ate o de 1653: He certo que a cauza dos queixosos Paulistas, e os mais moradores das Villas de Sam Vicente, Sanctos, e da Cidade do Rio de Ianeiro, se tratou na Corte pelos Procuradores, já indicados Luiz da Costa Cabral, e Balthazar de Borba Gatto, que ambos tinhaõ passados aos Reyno depois da Gloriosa, e feliz acclamação do Senhor Rey Dom Ioaõ quarto a dar obediencia por parte dos Moradores de Sam Paulo, e a este respeito digo, e a este reverente, e humilde rendimento agradeceo a Paternal bondade do mesmo Senhor por carta firmada do seu Real punho dirigida aos Officiaes da Camara de Sam Paulo com datta de 24 // de setembro de 1643 //	[...] neste anno de 1643, nem nos mais Subsequentes athé o de 1653, em que correndo o tempo [...]
Correo o tempo, [...]	
[...]o fes em Lisboa aos 7 de outubro de 1647 = Rey ==	[...] passado em Lisboa a 7 de outubro de 1647. (z) E sendo

Reconhecida,	reconhecida [...]
No fim do anno de 1567// se transmigrarão os moradores	184. Depois que se transmigrarão no anno de 1560 os moradores
Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas	185. Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas
Esta certeza descobrimos em hum livrinho manuscripto	186. Esta certeza se descobrio em hum livrinho manuscripto
Nós porem conhecemos a verdade	187. Nos porem conhecemos a verdade
Antes de chegar nos moradores de Sam Paulo	188. Antes de chegar aos moradores de São Paulo
No dia pois de 13 de Iulho de 1640,	189. No dia pois de 13 de Iulho de 1640,
Catholico, Benigno, e Invictissimo Rey, e Senhor.	190. Catholico, Benigno, e Invictissimo Rey, e Senhor //
Vi, e conciderei	191. Vi, e conciderei,
Naõ foraõ porem os Iezuitas restituhidos	192. Naõ foraõ porem os Iezuitas restituidos
Restituhidos por este modo	193. Restituidos, por este modo,
Porem os Iezuitas com o decurso dos annos	194. Porem os Iezuitas com o decurso dos annos,
Depois em 24 de Julho de 1687	195. Depois em 24 de Iulho de 1687,

- *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica X Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

ADIÇÃO

D	F
Oficiais da Camara de São Paulo. Eu o principe vos envio saudar.	Officiaes da Camara da Villa de Saõ Paulo. Eu o Principe vos invio muito Saudar.
e porque não poderão fazer	e porque o não poderaõ fazer
com que se póde fazer este serviço, quando sejam em numero,	com que se pode fazer esta jornada, a disporeis, e os moradores, que houverem de fazer me este Serviço, quando sejaõ em numero,
como merecem tão leaes vassalos. Escripta em Lisboa a 29 de Novembro de 1677. Principe. Conde de Val dos Reis.	como merecem taõ leaes Vassallos; e emquanto a queixa, que me fazeis sobre a repartição do Sal, preço porque se vos vende, e excesso dos Officiaes da Villa de Santos, o Dezembargador Ioaõ da Rocha Pita, que invio a deligencias do meu Serviço a essas Capitancias / leva ordem minha para compor este negocio, e nos mais do meu Serviço, e do que tiveres que requerer perante elle vos fará justiça, e de vós confio o deixares obrar, advertindo-o daquellas couzas, que mais convenientes forem a vossa conservação, e augmento dessa Villa. Escripta em Lisboa a 29 de novembro de 1677 == Principe == Conde de Val dos Reys. (g)

OMISSÃO

D	F
por se achar a minha fazenda tão exausta	por se achar minha Fazenda taõ exausta,

SUBSTITUIÇÃO

D	F
o imposto e donativo de Inglaterra, e paz de Holanda	o imposto do Donativo de Inglaterra, e Paz de OLanda
ao que em toda a occasião dos seus accrescentamentos	a que em toda a occaziaõ de seus acrescentamentos
descobrimento das minas de prata e ouro	Descobrimento das Minas do Prata, e Ouro
que não houve outros effeitos para lhe applicar	que não houve outros effeitos, que lhe aplicar,
pellos d'este reino	pela deste Reino,
não poderão fazer sem adjutorio d'esses moradores,	não poderaõ fazer sem a interior desses moradores,
que vá á ordem do dito tenente-general	que na Ordem do dito Tenente General
para supprir as despesas do que fica referido	para Suprir a despesa do que fica referido

- *Divertimento Admirável X Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

ADIÇÃO

E	F
Tem vários templos,	Está formozada de aparatoz os edificios, e de varios Templos, e planicie de hum moderado Outeiro, de onde se descobrem grandes varjas, e impinados Montes, que circundão o Oriente com tanta variedade, que deleitão os Sentidos. O Outeiro está cercado de Rios, que servem de Utilidade ao Povo, porque pela parte do Ponente nascem dous Ribeyros com pouca distancia entre sy, hum, que corre para o Sul chamado lavapes, e outro, que busca o Norte chamado, antigamente, Anhangarivaý, que quer dizer Agoa, onde o Diabo lavou a Cara, hoje vulgarmente Anhangaboý, os quais abração o dito Outeiro pelo pê, e entraõ no Ribeiro chamado Tamanduatiý, que quer dizer Agoa de Tamanduâ, que ladeando o mesmo Outeiro, pela parte do Nascente, unido com os dous, entra no Tietê, ficando desta Sorte cercada de agoas, alem de hum lindo Xafaris, que tem hoje no meyo da Cidade, e no Pateo da Mizericordia: E parece que já a natureza fes este Sitio para huma populoza Cidade, e já murada sem dependencia do arteficio, porque o impinado do terreno, e talhado do monte formaõ a vista humas bem fabricadas trincheiras, servindo-lhes os rios de fosso. Ella se acha hoje com grande augmento de Habitadores, pois comprehende em Sy, com as Freguezias do seu destricto, quaes são Santo Amaro, Cutia, Iuquery, e Conceição dos Guarulhos, o numero de 21:737 almas:
a Sé,	a Sé Cathedral;
de São Francisco, São	de São Francisco; de São Bento;

Bento,	
e São Gonçalo dos Pardos,	São Gonçallo Garcia , dos homens pardos;
Rosário dos Pretos,	o Rozario dos Pretos; duas Capellas de Nossa Senhora dos Remedios, e de Santa Efigenia, ambas tambem dos pretos;
Santa Tereza, [...] o recolhimento da Luz,	os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz,

OMISSÃO

E	F
É a cidade aprazível pelo terreno e saudável pelos ares, e não é muito pequena, pois se conhece a sua grandeza pelo número das ruas, cujas são: de São Bento, Direita, de São Francisco, das Casinhas, da Freira, de São Gonçalo, da Sé, das Flores, do Carmo, que é onde está o palácio dos generais, do Rosário, da Quitanda e Rua Nova de Guacio, todas elas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porém, de serem a maior parte das casas térreas e as ruas mal ordenadas e mal calçadas.	Está cituada em lugar aprazivel,
o Colégio que foi dos denominados jesuítas, em que assiste o bispo,	o Colegio dos extinctos, e proscriptos Iezuitas;
São Gonçalo dos Pardos, entre os quais alguns bem acabados e magníficos,	São Gonçallo Garcia, dos homens pardos;

a da Misericórdia,	a Mizericordia;
e fora da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o reconhecimento da Luz,	e os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz,
os conventos do Carmo e de São Francisco, São Bento	Os Conventos do Carmo; de Saõ Francisco; de Saõ Bento

ALTERAÇÃO DA ORDEM

E	F
a Sé, os conventos do Carmo e de São Francisco, São Bento, Santa Tereza , São Pedro, o Colégio que foi dos denominados jesuítas, em que assiste o bispo, a da Misericórdia, Santo Antonio , Rosário dos Pretos, e São Gonçalo dos Pardos , entre os quais alguns bem acabados e magníficos, e fora da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o reconhecimento da Luz,	a Sé Cathedral; Saõ Pedro; o Colegio dos extinctos, e proscriptos Iezuitas; Saõ Gonçallo Garcia, dos homens pardos; Santo Antoninho ; o Rozario dos Pretos; duas Capellas de Nossa Senhora dos Remedios, e de Santa Efigenia, ambas tambem dos pretos; a Mizericordia; Os Conventos do Carmo; de Saõ Francisco; de Saõ Bento ; e os Recolhimentos de Santa Thereza , e da Luz,

SUBSTITUIÇÃO

E	F
Tem vários templos,	Está formozeada de aparatozos edificios, e de varios Templos,
o Colégio que foi dos denominados jesuítas,	o Colegio dos extinctos, e proscriptos Iezuitas;
Santo Antonio ,	Santo Antoninho ;
e fora da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o reconhecimento da Luz,	e os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz,
o reconhecimento da Luz, onde vão os magnatas da cidade e o mais plebeu por passeio, divertir-se.	os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz, e muitos delles ornados ricamente:

REELABORAÇÃO

E	F
É a cidade aprazível pelo terreno	Está situada em lugar aprazível,

PARAGRAFAÇÃO

E	F
<p>É a cidade aprazível pelo terreno e saudável pelos ares, e não é muito pequena, pois se conhece a sua grandeza pelo número das ruas, cujas são: de São Bento, Direita, de São Francisco, das Casinhas, da Freira, de São Gonçalo, da Sé, das Flores, do Carmo, que é onde está o palácio dos generais, do Rosário, da Quitanda e Rua Nova de Guacio, todas elas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porém, de serem a maior parte das casas térreas e as ruas mal ordenadas e mal calçadas.</p> <p>Tem vários templos, como são: a Sé, os conventos do Carmo e de São Francisco, São Bento, Santa Tereza, São Pedro, o Colégio que foi dos denominados jesuítas, em que assiste o bispo, a da Misericórdia, Santo Antonio, Rosário dos Pretos, e São Gonçalo dos Pardos, entre os quais tem alguns bem acabados e magníficos, e fora da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o recolhimento da Luz, onde vão os magnatas da cidade e o mais plebeu por passeio, divertir-se.</p>	<p>Está cituada em lugar aprazível, e planície de hum moderado Outeiro, de onde se descobrem grandes varjas, e impinados Montes, que circundão o Oriente com tanta variedade, que deleitão os Sentidos. O Outeiro está cercado de Rios, que servem de Utilidade ao Povo, porque pela parte do Ponente nascem dous Ribeyros com pouca distancia entre sy, hum, que corre para o Sul chamado lavapes, e outro, que busca o Norte chamado, antigamente, Anhangarivaý, que quer dizer Agoa, onde o Diabo lavou a Cara, hoje vulgarmente Anhangaboý, os quais abração o dito Outeiro pelo pê, e entraõ no Ribeiro chamado Tamanduatiý, que quer dizer Agoa de Tamanduâ, que ladeando o mesmo Outeiro, pela parte do Nascente, unido com os dous, entra no Tietê, ficando desta Sorte cercada de agoas, alem de hum lindo Xafaris, que tem hoje no meyo da Cidade, e no Pateo da Mizericordia: E parece que já a natureza fes este Sitio para huma populoza Cidade, e já murada sem dependencia do arteficio, porque o impinado do terreno, e talhado do monte formaõ a vista humas bem fabricadas trincheiras, servindo-lhes os rios de fosso. Ella se acha hoje com grande augmento de Habitadores, pois comprehende em Sy, com as Freguezias do seu destricto, quaes são</p>

	<p>Santo Amaro, Cutia, Iuquery, e Conceição dos Guarulhos, o numero de 21:737 almas: Está formozeada de aparatozos edificios, e de varios Templos, como são: a Sé Cathedral; São Pedro; o Colegio dos extinctos, e proscriptos Iezuitas; São Gonçallo Garcia, dos homens pardos; Santo Antoninho; o Rozario dos Pretos; duas Capellas de Nossa Senhora dos Remedios, e de Santa Efigenia, ambas tambem dos pretos; a Mizericordia; Os Conventos do Carmo; de São Francisco; de São Bento; e os Recolhimentos de Santa Thereza, e da Luz, e muitos delles ornados ricamente:</p>
--	--

ANEXO 2

Normas de transcrição adotadas

A edição semidiplomática dos documentos teve como base as “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do Português do Brasil”, propostas por Cambraia *et alii* (2001: 23-26) , extraídas do livro *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, mantendo-se o mais fiel possível à tarefa de copiar com diligência e cuidado, aproximando-se, dessa forma, da lição original. Entretanto, durante a transcrição, surgiu a necessidade de adaptar alguns critérios (cf. itens 4, sobre espaço intervalar, 12 e 14) e inserir outros (cf. itens 2, sobre o desenvolvimento de “etc”, 5, 6 e 8).

Abaixo seguem tais normas de transcrição:

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:
 - Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba;
 - No caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual;
 - A abreviatura de “etc.” será desenvolvida como “etcoetera”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver.
4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado também com espaço padronizado de quatro toques.
5. A marcação de separação das partes de uma palavra no final de linha será preservada com as variações que aparecem no original: um traço horizontal (-) e dois traços horizontais (=). Às vezes, os dois traços horizontais são tão pequenos que parecem dois pontos (:), apesar disso, sua representação será pelos dois traços horizontais (=).
6. As duas barras (//) que marcam citação, hoje representadas pelas aspas (“ ”), serão preservadas.

7. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.
8. O longo será representado como <s> e o dois de conta será representado como <r>, alógrafos que recebem uma descrição sumária em seção específica: cf. item 4.3.4. do capítulo “Descrição do Códice E11571”.
9. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
10. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou na margem inferior entram na edição entre os sinais < > na localização indicada.
11. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos [[]].
12. Intervenções de terceiros no documento original aparecerão em seção especial: cf. item 4.3.14. do capítulo “Descrição do Códice E11571”.
13. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes [].
14. A divisão das linhas será preservada como aparece no texto original, com exceção das notas marginais, que se encontram nas notas de rodapé da edição, que receberá a marca de uma barra vertical: | entre as linhas. Em todo o documento a mudança de fôlio receberá a marcação com respectivo número na sequência de suas barras verticais: || 1v. || 2r. || 2v. || 3r. ||.
15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua.

Quadro 5 - Recursos especiais usados na transcrição⁶⁵

Recurso	Valor
<i>Itálico</i>	Desenvolvimento de abreviatura
[]	Intervenção do editor

⁶⁵ Essa tabela é uma adaptação do quadro 15 de “recursos especiais usados na transcrição semidiplomática” do *Livro de Isaac*, feita por Cambráia (2000: 160).

< >	Palavra na entrelinha ou na margem (inserção do próprio copista)
[[]]	Repetição não suprimida pelo copista
	Mudança de linha ⁶⁶
	Mudança de fólio

⁶⁶ Recurso utilizado apenas na transcrição das notas marginais, localizadas nas notas de rodapé da edição.